UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Economia

CONSUMO E CULTURA MATERIAL, SÃO PAULO "BELLE ÉPOQUE" (1890-1915)

Milena Fernandes de Oliveira

Tese de Doutoramento apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Econômico – área de concentração: História Econômica, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Antonio Novais.

Este exemplar corresponde ao original da tese defendida por ***Milena Fernandes de Oliveira*** *em* ***25/03/2009*** *e orientada pelo* ***Prof. Dr. Fernando Antonio Novais****.*

CPG, 25 / 03 / 2009

Campinas, 2009

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca do Instituto de Economia/UNICAMP

Oliveira, Milena Fernandes de.
OL3c Consumo e cultura material, São Paulo "Belle Époque" (1890-1915) / Milena Fernandes de Oliveira. – Campinas, SP: [s.n.]. 2009.

Orientador : Fernando Antonio Novais.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia.
1. Consumo (Economia) 2. Conflito social. 3. Capitalismo. 4. Modernidade. I. Novais, Fernando A. (Fernando Antonio). II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. III. Titulo.

09-019-BIE

Título em Inglês: Consuption and material culture, São Paulo, "Belle Époque" (1890-1915)
Keywords : Consumption (Economics) ; Class strugle ; Capitalism ; Modernity
Área de concentração : Historia Economica
Titulação : Doutor em Desenvolvimento Economico
Banca examinadora : Prof. Dr. Fernando Antonio Novais
Prof. Dr. Geraldo Di Giovanni
Prof. Dr. João Manuel Cardoso de Mello
Profa. Dra. Leila Mezan Algranti
Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda
Data da defesa: 25-03-2009
Programa de Pós-Graduação: Desenvolvimento economico

Tese de Doutorado

Aluna: MILENA FERNANDES DE OLIVEIRA

"Consumo e Cultura Material, São Paulo
"Belle Époque" (1890-1915)"

Defendida em 25 / 03 / 2009

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. FERNANDO ANTONIO NOVAIS
Orientador – IE / UNICAMP

Prof. Dr. GERALDO DI GIOVANNI
IE / UNICAMP

Prof. Dr. JOÃO MANUEL CARDOSO DE MELLO
IE / UNICAMP

Profa. Dra. LEILA MEZAN ALGRANTI
IFCH / UNICAMP

Profa. Dra. MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA
USP

Resumo

Apesar de muito estudado em economia, sociologia e antropologia, poucos são os trabalhos produzidos sobre o consumo na área de História. Apesar disso, o consumo é um importante instrumento de análise do capitalismo e de sua dinâmica. Ao conectar duas dimensões, a econômica e a cultural, permite a interpretação dos conflitos de classe para além da esfera da produção, ampliando as possibilidades de estudo do materialismo histórico. Ao se relacionar com a esfera produtiva, durante o processo social de diferenciação e massificação que o caracteriza, o consumo permite a compreensão das especificidades que caracterizam o capitalismo em suas diferentes nuances nacionais. O consumo é, assim, aplicado, neste trabalho, como instrumento de compreensão da formação do capitalismo periférico, utilizando-se, para isso, o exemplo de São Paulo na passagem do século XIX para o XX.

Abstract

Although studied in economy, sociology and anthropology, there are a few of works about consumption in History area. Nevertheless, the consumption is an important instrument of analysis of the capitalism and of its dynamic. While connecting two dimensions, the economical one and the cultural one, it allows the interpretation of the class conflicts besides the sphere of the production, enlarging the means of study of the historical materialism. Connecting with the productive sphere, during the social process of differentiation and massification, the consumption allows the understanding of the specificities that characterize the capitalism in its different national manifestations. The consumption is, so, applied, in this work, like a comprehension instrument of the formation of the peripheric capitalism. In order to do it, we take the example of Sao Paulo in the passage of the century XIX for the XX

"Monotonias das minhas retinas...
Serpentinas de entes frementes a se desenrolar...
Todos os sempres das minhas visões! "Bom giorno, caro."

Horríveis as cidades!
Vaidades e mais vaidades...
(...)

Estes homens de São Paulo,
Todos iguais e desiguais,
Quando vivem dentro dos meus olhos tão ricos,
Parecem-me uns macacos, uns macacos".

(Mário de Andrade, "O cortejo")

Índice

Índice ..... **ix**

Agradecimentos ..... **xi**

O consumo como objeto de estudo da História **1**

Cap. 1 São Paulo: construção de uma metrópole da Belle Époque **21**

1.1 São Paulo de Piratininga: A Cidade de Taipa. **21**

1.2 Da cidade de taipa à metrópole do café **28**

1.3 A reforma urbana: modernização, embelezamento e racionalização. **42**

1.3.1 A cidade que se moderniza 46

1.3.1.1 Os transportes na Paulicéia 49

1.3.1.2 Energia: iluminação a gás e iluminação elétrica 55

1.3.1.3 Os serviços de saneamento 58

1.3.1.4 Comunicação: a imprensa 60

1.3.2 A "haussmanização" da cidade: beleza, limpeza e racionalização 65

Cap. 2 Cidade e comércio na São Paulo da Belle Époque **77**

2.1 A Paulicéia e o Comércio **77**

2.2 A Rua XV de Novembro: variedades **82**

2.3 A moda na Rua Direita **92**

2.4 A Rua São Bento: novidades do mundo moderno **104**

2.5 O comércio e as outras ruas **113**

2.6 As ruas, a cidade e o comércio na São Paulo da Belle Époque **120**

Cap. 3 A Paulicéia e o espírito da 'Bela Época': novos produtos, novas necessidades **133**

3.1 As novidades do *fin-de-siècle* **133**

3.2 O Novo Século e suas máquinas maravilhosas **138**

3.3 Alimentação **146**

3.4 Higienismo: cuidado com o corpo; cuidado com a casa **148**

3.5 A moda e as vaidades criadas pelo capitalismo **156**

Cap. 4 Consumo e dinâmica de classes na Belle Époque Paulistana **169**

4.1 Ocupação do espaço urbano: formas de morar e organizar o espaço privado **174**

4.2 Trajos, acessórios e divisões de classes **220**

4.3 Hábitos de lazer e espaços de sociabilidade da elite paulistana **253**

Cap. 5 Consumo, indústria e modernização capitalista em São Paulo (1890-1915) **271**

5.1 Cafeicultura, consumo e indústria em São Paulo: possíveis combinações rumo ao capitalismo periférico **271**

5.2 Embates entre modernização e modernidade capitalista na periferia do sistema **315**

5.3 Os limites da modernidade capitalista periférica 325
Conclusão: O sentido do consumo na periferia do capitalismo 331
Acervos 339
Fontes e Bibliografia 341
***Anexos*..... 367**

Agradecimentos

Após a árdua e solitária tarefa de redação de uma tese, é chegada a hora de expor o que há de coletivo no trabalho. Passado o primeiro dilema, o de como começar, o segundo, o de como terminar, é chegado o terceiro: como sintetizar, em tão poucas páginas, tão imensa gratidão. Gratidão àqueles que contribuíram com suas reflexões, aos que o fizeram com seus atos, aos que se empenharam no suporte financeiro e a outros, que estavam ali para te incentivar a todo momento em que o "gás" ameaçava acabar.

Comecemos pelas instituições que forneceram o apoio financeiro, sem o qual, não poderíamos ter levado a pesquisa a tão longe. Ao CNPQ, pela concessão dos dois primeiros anos de bolsa, e à CAPES, que, no terceiro ano de estudos, aprovou o projeto de trabalho em França, os meus sinceros agradecimentos.

Ainda no quesito "suporte técnico", cito os funcionários da Secretaria Acadêmica: Alberto, Cida, Marinete e Alex, sempre dispostos a "descascar o abacaxi" por você. Aos funcionários da biblioteca, Fernando, Lurdinha e Ademir, sou grata ao trabalho, a um só tempo, gentil e eficiente.

Ao longo desses treze anos de Unicamp, a figura do professor passou a conviver com a do amigo. Agradeço, então, aos que me foram tanto mestres, quanto sábios conselheiros: João Manoel Cardoso de Melo, José Jobson de Andrade Arruda, José Ricardo Barbosa Gonçaves, Pedro Paulo Zaluth Bastos e Wilma Peres Costa. Dentre estes, um obrigado especial a Lígia da Silva Osório e Geraldo Di Giovanni, que, enquanto "mestres" e "amigos", participaram da qualificação deste trabalho, apontando para outras possibilidades a serem abordadas.

A professores que, não sendo da UNICAMP, mas graças a essa ambígua maravilha chamada Internet, puderam também dar o seu tributo: Gisela Black Tachner e José Carlos Durand, professores da Fundação Getúlio Vargas, Denise Monteiro Takeya, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Marisa Midori Deaecto, que me forneceu "dicas" valiosas a respeito das fontes primárias por ela também usadas. Meu sincero obrigado também à Professora Maria Arminda do Nascimento Arruda, que disponibilizou de seu tempo na leitura atenta e no esclarecimento de suas notas.

Aos professores Albert Broder, Natacha Coquery e Daniel Roche, que ajudaram o projeto a tomar corpo, sanando dúvidas e sugerindo outras abordagens.

Ao orientador Fernando Antonio Novais, ao qual devo a paciência, a crítica precisa e a lucidez nas explicações.

Ao co-orientador, Afrânio Raul Garcia, que me recebeu tão calorosamente na *École de Hautes Études em Sciences Sociales,* sou demasiado grata às suas contribuições.

Aos amigos todos, amigos de infância, colegas de Instituto tornados amigos, "amigos-irmãos" feitos na *Maison du Brésil*: Luciene, Márcia, Luiza, Andréia, Jovi, Leticia, Andréa; Joely, Renata, "professorinha" Márcia, Glenda, Robson, Gláucia, Ana Hutz, José Jobson, Anderson, Rogério; Talita, Adriana, Lúcia, Alex e Thiago. Agradeço a todos pelas risadas, pelos longos desabafos e pelo "estamos aí".

À minha família, pais e irmão, pelo carinho incondicional.

À Rafael agradeço a lição de amizade e perseverança.

O consumo como objeto de estudo da História

Objeto de estudo clássico nos domínios da Economia, da Sociologia e da Antropologia, o interesse de historiadores pela temática do consumo é, no entanto, bastante recente. Nesta introdução, faremos um breve percurso historiográfico sobre os trabalhos que se debruçaram sobre tal temática, reunindo-os sob um ponto em comum, qual seja, o estudo do consumo como forma de apreender as especificidades de uma sociedade capitalista nascente. Todos os trabalhos escolhidos, de uma forma ou de outra, remetem ao estudo de sociedades que se diversificam e complexificam em vários sentidos. O passo seguinte é o de, a partir da análise desses trabalhos, pensar o consumo para o Brasil, também sob o mesmo recorte, o nascimento de uma sociedade capitalista específica. A conseqüência lógica da discussão deste ponto será a justificativa do recorte do objeto, seus limites espaciais e temporais. Apresentada a problemática concreta, partimos para a discussão da metodologia do trabalho, sua escolha, seus ajustes a partir do objeto proposto.

Um dos primeiros historiadores a se interessar pelo tema foi Neil McKendrick que, em 1982, publicou uma primeira interpretação do papel do consumo no contexto de formação do capitalismo na Inglaterra. O trabalho "The Consumer Revolution of Eighteenth-Century England" foi publicado numa coletânea de artigos organizada por dois outros autores além do próprio McKendrick.[1]

Neste trabalho, McKendrick desenvolve o conceito de *Revolução do Consumo*, que teria ocorrido em paralelo e complementarmente à primeira Revolução Industrial: “For the consumer revolution was the necessary analogue for the Industrial Revolution, the necessary convulsion on the demand side of the equation to match the convulsion of the supply side”.[2] Seguindo o mesmo caminho esboçado por David Landes em *Unbound Prometheus,* obra na qual Landes aponta a

[1]Neil McKendrick, John Brewer and J. H. Plumb. *The Birth of a Consumer Society: The Commercialization of Eighteenth Century England.* Bloomington, Indiana University Press, 1982.
[2]McKendrick, op. Cit., p. 9. Para considerações a respeito do conceito de *Revolução do Consumo* e da obra de McKendrick*,* vide Grant McCraken. *Culture & Consumption-New Approaches to the Symbolic Character of Consumer Goods and Activities.* 2nd edition. Bloomington, Indiana University Press, 1990; Gisela Black Taschner. "A Revolução do Consumidor". Relatório de Pesquisa FGV, n. 34, 1997. A fonte principal que influenciou os pioneiros no estudo do consumo, Fernand Braudel. *Civilização Material, Economia e Capitalismo.* Vol. III. *O tempo do mundo.* Trad. Telma Costa. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

influência das transformações do mercado sobre a revolução das estruturas produtivas,[3] Neil McKendrick aprofunda o significado das transformações da demanda para a consolidação do salto tecnológico, que, particularmente na Inglaterra, teria a forma da "venda de produtos simples a vastos mercados".[4] A proposta de uma relação entre demanda e oferta, consumo e industrialização, inaugura, do ponto de vista mais geral, uma análise totalmente inovadora da transição do feudalismo para o capitalismo, que apresenta, no caso inglês, as nuances acima apontadas, mas sendo também válida para o estudo da transição para o capitalismo em outros países.

Logo, para estes autores, o longo e complexo processo de transição do feudalismo para o capitalismo, envolve condicionantes outros por trás da Primeira Revolução Industrial. Para tais autores, que defendem uma revolução no consumo ao lado da revolução industrial, o fator-chave seria, não as transformações do lado da oferta, mas sim, as acontecidas do lado da demanda e capazes de estimular a produção. Além de uma expansão quantitativa do mercado, tanto interno, quanto externo, devido, principalmente, ao crescimento populacional e à ascensão da Inglaterra como potência ultramarina,[5] a demanda sofreu uma radical alteração em sua estrutura. Ao contrário do segundo salto de meados do XIX, que concilia, para além da revolução tecnológica, uma revolução nas formas de comercializar e de distribuir (*grands magasins*, catálogos, uso da propaganda), capazes, portanto, de criar mercado por si próprias, esta primeira etapa da Revolução Industrial não possui tais pré-requisitos.

---

[3]Vide debate sobre as origens da Revolução Industrial. David Landes. *The Unboud Prometheus: Technological Change and Industrial Development in Western Europe from 1750 to the Present*. 2nd edition. Cambridge, Cambridge University Press; 2003; Eric Hobsbawm. *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo.* Trad. de Donaldson Magalhães Garshagen. 5ª ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003.

[4] McKendrick, op. Cit., p. 9. Tradução nossa.

[5] A relação entre expansão do mercado externo e revolução no consumo não consta das análises de Neil McKendrick, para quem, a revolução industrial remeteria a uma revolução do consumo, e esta, a um acréscimo extraordinário das rendas, permitindo ao indivíduo médio comprar produtos a eles antes inacessíveis: "Objects which for centuries had been the privileged possessions of rich came... to be within the reach of a larger part of society than ever before". (Idem, ibidem, p. 1). As análises clássicas sobre a revolução industrial enquadram-se, no entanto, em um imenso debate a respeito de se suas causas primeiras seriam internas ou externas, ou, ainda uma conjugação de ambas. Dentre os fatores apontados pelos adeptos da tese dos fatores externos, o elemento central seria a expansão ultramarina. Partidários desta tese são: Arthur Redford. *The Economic History of England (1760-1860).* London, Longman, 1960; Ephraim Lipson. *The growth of economic society: a short economic history.* 4th edition. London, A.& C. Black, 1959; H. Habakkuk and P. Deane. "The take-off in Britain". In W. W. Rostow. (ed.). *The Economics of Take-Off into Sustained Growth.* London, Macmillan, 1963, pp. 63-82; finalmente, Landes, *The Unbound...*, Op. cit., p. 42.

O primeiro fator a contribuir para a alteração na demanda foi a mudança na organização da produção e do mercado interno que encetou um reordenamento das classes sociais então existentes. Para além da tradicional interpretação de que os produtores diretos teriam sido desapossados de seus meios de produção, sendo obrigados a venderem suas forças de trabalho a um capitalista, houve uma reorganização da sociedade que girou em torno da *ruptura entre consumo e subsistência*, que deixaram de ser coincidentes. A ascensão da figura do mercador e da instituição do mercado como mediadores entre campo e cidade, em outras palavras, entre o centro da produção e o centro de consumo, complexificou ainda mais a organização das classes dessa sociedade de transição. O pequeno produtor permanece fixo no campo, mas, agora, vende sua produção ao comerciante, que faz a ligação entre o campo e as cidades nascentes: "A causa fundamental deste crescimento econômico anterior à industrialização foi o desenvolvimento do mercado, com seus corolários de aumento de demanda e especialização produtiva, sendo que a origem da industrialização deve ser buscada na mobilização da mão-de-obra camponesa que possibilitou o que denominamos de 'protoindustrialização' (...) um sistema de produção de base rural, em que os trabalhadores são artífices-camponeses que combinam o trabalho de fiar ou de tecer com o cultivo da terra e cujo produto é vendido, geralmente, em um mercado distante, por empresários que o comercializam".[6] Se, por um lado, a separação entre consumo e subsistência é clara no caso dos moradores das cidades, que consomem os produtos vindos do campo e, inclusive incentivam o surgimento de novos produtos, ela também é válida para o trabalhador do campo. A ligação entre o camponês e o mercado feita pelo mercador coloca o primeiro em contato com produtos manufaturados até então desconhecidos, permitindo que libere o tempo que dedicaria para produzir tais gêneros para a atividade em que se especializara. A aquisição de produtos pela via do mercado tomaria novo impulso com o barateamento dos tecidos e dos alimentos a partir da I Revolução Industrial.[7] Se, de um lado, temos o salto tecnológico que propicia aumentos dos níveis de produtividade, de outro lado, temos as transformações qualitativas e quantitativas da sociedade que propiciaram a absorção dessa oferta abundante.

[6] Josep Fontana. *Introdução ao estudo da História Geral.* Trad. Heloísa Reichel. Bauru, Edusc, 2000, pp. 177-183.
[7] "Mas o que impulsiona a indústria e provavelmente suscita a inovação é a intensa ampliação do mercado interno, por duas razões que se somam. Primeiro, o fortíssimo crescimento demográfico calculado em 60% ao longo do século XVI. Depois, um considerável aumento nos rendimentos agrícolas, que transformou muitos camponeses em consumidores de produtos industriais". (Braudel, *Civilização Material*..., Op. cit., p. 514).

Ao lado deste reordenamento de classes a partir da ressignificação das trocas, é preciso assinalar qual a direção tomada por aquelas do ponto de vista político. Durante o feudalismo, as relações de classe eram de dois níveis: um que abrangia as relações econômicas e políticas travadas entre senhor e servo e outro que abrangia as relações políticas e culturais entre senhores, sendo estas justificadas pelo catolicismo. Se a dissolução se dá tanto num nível quanto no outro - o que caracteriza a crise feudal mais do que o esgotamento dos seus meios de produção -, é preciso analisar quais foram os encaminhamentos subseqüentes e o que isso representa para o nascimento do sistema capitalista, enquanto consumo e produção capitalista. Na esfera econômica já vimos que a figura do mercador acelerou a dissolução dos laços de subordinação dos servos a seus antigos senhores. Na esfera política, as obrigações das classes inferiores em relação a suas superiores, relações de obediência e subordinação, também tendem a desaparecer com as transformações da propriedade do campo.

O que é inovador no âmbito político, no entanto, são as novas formas de relação estabelecidas no interior da classe dominante. O rompimento das relações de suserania e vassalagem deu origem a uma forma de dependência política direta entre vários senhores e um único senhor mais poderoso e respeitado que os demais. Enquanto este senhor se converte no rei absoluto, base do Estado Absolutista, o seu séquito de antigos vassalos transforma-se em sua corte, o sustentáculo cultural do Estado Moderno: "À l'autorité des rois em tant que maîtres de leur cour répond le caractère *patrimonial* de l'État absolutiste, dont l'organe central n'est autre que la 'maison du roi' au sens large du terme, c'est à dire la 'cour'".[8]

Chamada por Norbert Elias de Sociedade de Corte, essa formação social, se, por um lado, complexifica o estudo da estrutura social de transição, também explica muito de sua lógica de funcionamento, contribuindo para novas interpretações da sociedade pré-capitalista e do nascimento da sociedade de consumo. A lógica de sobrevivência da formação social de corte é a da diferenciação em relação aos comuns por meio do dispêndio incessante em produtos de luxo. Muitos dos produtos pela corte consumidos vêm daqueles mesmos produtores do campo que, especializados num determinado produto, tornam-se exímios artesãos respeitados em seus

[8] Norbert Elias. *La société de cour.* Traduit de l'allemand par Pierre Kamnitzer et par Jeanne Etoré. Paris, ed. Gallimard, 1985, p. 17. Sobre a formação do Estado Absolutista no Ocidente vide Perry Anderson. *Linhagens do Estado absolutista.* Trad. José Roberto Martins Filho. São Paulo, Ed Brasiliense, 1985; Charles Tilly. *The formation of national states in Western Europe.* Princeton, Princeton Univ. Press, 1975.

métiers. Alguns deles logo passarão a habitar as cidades tornando-se fornecedores exclusivos da corte. Esse é o caso exemplar da corte francesa, alojada na *Île Saint-Louis,* e da extensa rede de comércio instalada em suas proximidades para abastecê-la com calçados, roupas, perucas. Ser um artesão ou um comerciante da corte significava gozar de imenso prestígio: "(...) la demeure aristocratique qui aurait rassemblé autour d'elle et donc entraîné les fidèles du grand personnage, gens d'épée et de plume mais aussi artisans et boutiquiers".[9]

O século XVIII, em especial para a França onde a formação de corte aproxima-se mais do tipo ideal, é um momento singular da história do consumo porque é o primeiro em que as classes diferenciam-se por aquilo que consomem e não somente por aquilo que essencialmente são porque a tradição assim ordenara. Concomitantemente ao nascimento de uma classe de artesãos-camponeses consumidora daquilo de que precisa para sua subsistência, nasce uma elite que se utiliza do mercado para adquirir produtos que vão além da mera sobrevivência física, marca da sua singularidade em relação àquela outra classe da base da sociedade. Tanto um como outro grupo nasce das transformações radicais dos laços sociais durante a crise do feudalismo e tanto um como outro encontram soluções de sobrevivência física e social pela via do mercado ou da política, em especial no caso da corte, cujo sentido do consumo é essencialmente político: "Se a corte foi o primeiro grupo da modernidade a ter um estilo de vida marcado pelo consumo ostensivo, esse consumo pouco tinha de discricionário, uma vez que, embora abrangesse itens distantes das necessidades de sobrevivência física no sentido estrito, eram necessários para a sobrevivência dos cortesãos dentro da corte. É impossível compreender esse estilo de vida, que se irradiou para outras cortes européias e permaneceu como referência última para o consumo posterior, primeiro imitado pela burguesia ascendente e depois popularizado com adaptações entre as demais camadas sociais, sem considerar a sua dimensão política".[10]

Do ponto de vista histórico, esse é o primeiro momento em que o consumo, ligado à aquisição de produtos pela via do mercado, aparece como elemento demarcador de limites sociais e hierarquias. Há uma clivagem clara entre aqueles que consomem para sobreviver e aqueles que vivem para consumir, entre os que consomem a banalidade e os que consomem a sua essência. É

[9] Natacha Coquery. *L'hôtel aristocratique. Le marché du luxe à Paris au XVIIIe siècle,* Paris, Publications de la Sorbonne, 1998, p. 32.
[10] Taschner, *A Revolução...,* Op. cit., p. 25.

o fim da sociedade de "coisas banais"[11] e o nascimento da sociedade capitalista de consumo, que mescla elementos do mercado através do qual se adquirem os produtos e a lógica de diferenciação social herdada das sociedades estamentais, tornando as "coisas" duplamente significadas. Para Baudrillard, é esse desprendimento em relação às necessidades físicas que dota o consumo da possibilidade da diferenciação, subordinando a produção à forma representação no capitalismo.[12] O consumo de corte - cuja lógica é a da diferenciação sem generalização - seria então o primeiro momento da manifestação do "valor-signo", uma "arqueologia"[13] da forma valor conformada pela sociedade capitalista de consumo de massas cujos primeiros desdobramentos se fariam sentir em países europeus em finais do século XIX.[14]

---

[11] O termo "coisas banais" foi retirado do historiador francês Daniel Roche. *Histoire des Choses Bannales – naissance de la consommation dans les sociétés traditionnelles (XVIIe-XIXe siècle).* Paris, Librairie Arthème Fayard, 1997.

[12] A categoria valor-signo é o cerne da crítica de Baudrillard à teoria do valor marxista. Para ele, Marx subsumiu a ordem da representação - que corresponde ao estatuto do signo - à ordem da produção, eixo explicativo da economia política: "Il est à peu près clair que l'analyse de la forme/représentation (le statut du signe, du langage qui commande toute la pensée occidentale), la réduction critique de cette forme dans sa collusion avec l'ordre de la production et de l'économie politique, a échappé à Marx. (...) Il faut voir que les deux ordres sont inséparables et que, si paradoxal que cela paraisse, la *forme/production n'est pas davantage soumise à une analyse radicale chez Marx que la forme/représentation*. Ce sont ces deux grandes formes, inanalysées, qui lui imposent ses limites, celles mêmes de l'imaginaire de l'économie politique". (Jean Baudrillard. *Le miroir de la production ou l'illusion critique du matérialisme historique.* Paris, Ed. Galilée, 1975, p. 7. Grifos do autor). Para Douglas Kellner, a visão que Baudrillard tem de sua própria teoria em relação ao marxismo é equivocada em alguns pontos - em particular o que se refere à teoria do valor. Não ter falado propriamente em representação, ou tê-la subsumido à ordem material - ainda que isso seja também discutível porque a própria forma valor é uma forma representação -, não o aproxima de forma alguma da economia política clássica e, ao contrário, coloca em cheque as idéias de Baudrillard, tornando-as muito mais próximas do que divergentes do marxismo: "Marx indeed speaks of commodities having a *doublé form,* by which he means both a natural form and a value form. His point is that while commodities appear in their natural form as the direct expression of human needs, they are in fact socially produced – which is precisely Baudrillard's point. Moreover, I would add that is the bourgeois political economy which claims that commodities satisfy pre-existing natural needs and contain inherent use values against which Marx is constantly polemicizing". (Douglas Kellner. *Jean Baudrillard. From marxisme to Postmodernism and Beyond.* Stanford, Stanford University Press, 1989, p. 35)

[13] Utilizamos aqui o termo arqueologia como referência às condições de possibilidade lógico-históricas da sociedade capitalista de consumo de massas. O termo arqueologia encontra-se sistematizado em Michel Foucault. *L'archéologie du savoir*. Paris, Éditions Gallimard, 1969. Gisela Taschner diferencia a condição de possibilidade, denominando-as culturas de consumo, da forma sociedade de consumo, possível somente no sistema capitalista. Para a autora, uma cultura de consumo seria definida "(...) a partir do momento em que 'não os bens', mas a 'imagem' desses bens se torna acessível a todos na sociedade". (Gisela Taschner. "Raízes da cultura do consumo". *Revista Usp*, n. 32, *Dossiê Sociedade de Massa e Identidade,* pp. 26-43. São Paulo, dez-fev, 1996-7, p. 28).

[14] "In the past century these ancient and universal patterns [kitchens utensils, pieces of furniture and dress] have been shattered by the advent of mass consumption. Its characteristics are a radical division between the activities of production and consumption, the prevalence of standardized merchandise sold in large volume, the ceaseless introduction of new products, widespread reliance on money and credit, and ubiquitous publicity (…). The merchandise itself is by no means available to all, but the *vision* of a seemingly unlimited profusion of commodities

O enfoque de Daniel Roche, historiador francês do consumo, não reside na sociedade de corte, mas na transformação do papel das cidades ao longo do século XVII na França e sua implicação sobre essa reversão de valores em relação ao consumo: "Le débat économique souligne donc le caractère positif de l'acroissement des dépenses et des consommations. Il montre également l'importance des facteurs culturels dans la transformation des sociétés rurales. Le progrès de l'éducation a été decisif (...) le XVIIIe siècle voit *un reajustement d'ensemble à commencer par les villes, et celles-ci évoluent dans le même sens que les régions ou elles sont implantées.* (...) L'important, c'est la diffusion direct et indirect, par l'exemple, de quantité de nouvelles et de renseignements concernant les activités agricoles, *et mettant en contact le monde paysan et les milieux urbains*.". [15] Tal observação sobre o papel das cidades na geração de novos padrões e na produção permanente da novidade será de fundamental importância para o nosso trabalho. A idéia da cidade como geradora de padrões será desenvolvida no capítulo primeiro no qual se estudam as transformações urbanas que contribuíram para essa inflexão dos padrões adotados.

Este também é o recorte de McKendrick, para o qual, a nova estrutura urbana inaugura uma sociedade mais diversificada que promove o aparecimento de alguns *métiers*, como advogados, médicos e oficiais do governo, conjunto ao qual McKendrick denominou de "classe média", no sentido de ser uma classe especializada na prestação de serviços tipicamente urbanos para as classes abastadas.[16]

Essa camada média inglesa é um campo potencial para a expansão do consumo, embora em um sentido diferente ao papel desempenhado pela corte na sociedade francesa. Em primeiro lugar, pela ligação permanente entre essa suposta "classe média", os serviços comerciais e

---

is available, is, indeed, nearly unavoidable". (Rosalind Williams. *Dream Worlds: Mass Consumption in Late Nineteenth-Century France.* Berkeley; Los Angeles; Oxford, University of California Press, 1996, p. 3).

[15]Roche, *Histoire...,* op. Cit, p. 44, grifos nossos. Segundo o autor, o que causa essa mudança da mentalidade rural frente aos produtos urbanos: "La diffusion par les colporteurs des almanachs, qui changent partiellement de ton et de contenu, la multiplication des échanges postaux favorisée par l'amélioration routière et postale après 1750, la distribution élargie de la presse par l'abonnement privé et collectif, tout cela contribue à une première ouverture dont les effets sont unificateurs du point de vue de la consommation de tous ». (Idem, ibidem, p. 44)

[16] Na base das influências sobre McKendrick, encontramos ninguém menos que Fernand Braudel, que, ao diluir o conceito de Revolução Industrial na longa duração, abre espaço para as transformações sociais importantíssimas que matizam a idéia da ruptura brusca: "A Revolução Industrial é, portanto, dupla, pelo menos Revolução no sentido comum da palavra, preenchendo com suas mutações visíveis os sucessivos curtos prazos, ela é também um processo de muito longo prazo, progressivo, discreto, silencioso, muitas vezes difícil de discernir". (Braudel, *Civilização Material*…, Op. cit., p. 500).

financeiros e as novidades que estes propagavam. Em segundo lugar, pelo contato e desejo de emulação destas classes em relação às elites ligadas à corte inglesa, que permaneceu como um órgão decorativo subordinado ao Parlamento após o advento da Revolução Gloriosa. Como se vê, na sociedade inglesa, os canais que abrem espaço para a imitação são mais permissivos do que aqueles presentes na sociedade francesa.

Outra formulação interessante e que critica esta formulação de McKendrick porque pouco modifica a teoria da emulação de Veblen sobre consumo conspícuo é a elaboração de Campbell.[17] Esta analisa as propensões a consumir desta camada média do ponto de vista de uma ética do consumo pré-burguesa, que se relaciona com o hedonismo inaugurado pelo Romantismo. Isso torna a imitação um processo menos rígido, ligado a transformações mais profundas na mentalidade dos grupos, menos determinado pelo desejo individual de ser igual àquele que lhe está acima do que fruto de comportamentos condizentes com a ética protestante e pequeno burguesa deste grupo: "It is natural that those who see emulation as the key to the origin of the consumer demand should see it as the mechanism through which the once puritanically inclined middle ranks of English society came to abandon this commitement and adopt a more indulgent and 'aristocratic' way of life".[18]

O que levou ao estudo do consumo tanto no caso dos historiadores ingleses, quanto no caso dos franceses, foi a discordância em relação à primazia incontestável da Revolução Industrial na formação do capitalismo e enquanto marco inicial irrefutável da História Contemporânea. Em entrevista com a professora Natacha Coquery, esta diz que as influências da idéia de Revolução Industrial tolheram os estudos de base material anteriores a este evento. Um estudo do consumo serviria para resgatar a importância da dimensão material, mantendo-a em permanente diálogo com a dimensão cultural que também fora relegada a segundo plano sob a influência das correntes extremistas da revolução tecnológica.[19]

---

[17] Enquanto a formulação de McKendrick segue o princípio da emulação, formulado primeiramente por Veblen, outras construções sobre o consumo, como a de Bourdieu, por exemplo, seguem o princípio da diferenciação. (Pierre Bourdieu. *La Distinction-Critique Social du Jugement.* Paris, Les Éditions de Minuit, 1979).

[18] Colin Campbell. *The Romantic Ethic and the Spirit of Modern Consumerism.* New York, Blackwell, 1987, p. 32.

[19] « Pour comprendre la relation entre la production des objets et leurs consommation, il faut donc remettre en question l'opposition classique entre les infrastructures et les superstructures, entre les réalités et les représentations, entre les fait relevants d'explications symboliques ou intellectuelles et ceux qui mobilisent les significations matérielles et économiques ». (Daniel Roche, *Histoire...,* op. Cit., p. 11).

Para autores como McKendrick, McCracken, Daniel Miller,[20] Daniel Roche e Natacha Coquery, entre tantos outros que se dedicaram ao estudo do consumo, não se pode desprezar as transformações do lado da demanda, o que remete a uma postura diferente diante das transformações que conduziram ao capitalismo: "The historical community, following the lead of Braudel and the example of McKendrick, has recognized that the 'great transformation' of the West included not just an 'industrial revolution' but also a 'consumer revolution'. This community now argues that this consumer revolution represents not just a change in tastes, preferences, and buying habits, but a fundamental shift in the culture of the early modern and modern world. The consumer revolution in now seen to have changed Western concepts of time, space, society, the individual, the family, and the State".[21]

Da mesma maneira, o estudo do consumo no Brasil objetiva não somente apreender as dimensões materiais contidas no processo de formação do capitalismo no Brasil, mas também seus condicionantes culturais e políticos. O consumo, contendo tanto a dimensão material, quanto a dimensão social da diferenciação e política da legitimação, auxilia no esclarecimento das contradições presentes na esfera material, proporcionando uma síntese mais ampla entre economia, política e cultura. Conseqüentemente, o consumo é um poderoso instrumento interpretativo das especificidades dos "capitalismos" situados à periferia do sistema, ao sugerir as relações entre base material - na qual se inclui a problemática da industrialização tardia e sua conexão a uma dinâmica de consumo particular - e uma modernidade capitalista específica que começa a assumir contornos mais definidos a partir dos meados do século XIX.

Apesar de centrada no consumo, a análise não é, de forma alguma, incompatível com o método materialista da história. Ao contrário, pretende dar fluidez a categorias do marxismo que, utilizadas indiscriminadamente, conduzem a uma rigidez formal excessiva. Algumas das interpretações do capitalismo periférico incorreram nesse erro. Terminaram por se prender às rígidas definições circunscritas pelo conceito de "modo de produção" e não conseguiram levar a

---

[20]Daniel Miller. *Material Culture and Mass Consumption*. New York, Basil Blackwell, 1987; *Acknowledging Consumption. A Review of New Studies.* New York and London, Routledge, 1995. *Consumption* (four volumes). *Theory and Issues in Consumption* (Volume One)*; History and Diversity of Consumption* (Volume Two)*; Disciplinary Approaches to Consumption* (Volume Three); *Objects, Subjects and Mediations in Consumption* (Volume Four). London, Routledge, 2001.

[21]Grant McCraken. *Culture & Consumption-New Approaches to the Symbolic Character of Consumer Goods and Activities.* 2nd edition. Bloomington, Indiana University Press, 1990, p. 3.

interpretação adiante. Tantas vezes, a ausência de uma base produtiva definida baseada na indústria levou especialistas a não qualificar esta ou aquela sociedade como capitalista, quando suas relações sociais já apontavam para algo neste sentido. A dificuldade de enquadramento em categorias de desenvolvimento pré-determinadas dá-se em razão da convivência entre elementos modernos, que apontam para uma determinada fase do capitalismo, e elementos arcaicos. O resultado é uma base produtiva altamente heterogênea cuja característica principal são seus diferentes tempos, suas diferentes velocidades, seus diferentes sentidos, inclassificável, portanto.

Se, de um lado, a base produtiva periférica é compósita, heterogênea e apresenta um período de maturação muito mais longo devido a contradições específicas determinadas por sua história, o consumo já adquire tendências de generalização e, portanto, traços capitalistas, ainda que diante da ausência de uma base produtiva que a promova. Além disso, o consumo anuncia não somente as mudanças materiais que apontam para esse sentido, como também as mudanças culturais que acompanham *pari passu* essas transformações, mudanças características que compõem uma modernidade capitalista também característica. [22]

Se o objetivo do trabalho é apreender o momento particular de formação do capitalismo historicizando a categoria consumo, não podemos prescindir das relações travadas entre o movimento de formação do capitalismo e o de formação da modernidade periféricos. A formação do capitalismo no Brasil, assim como as demais formações capitalistas, também corresponde a um período de transição que assiste a intensas transformações tanto materiais, quanto sociais, políticas e culturais. Apesar de já ter nascido sob o signo da acumulação mercantil, [23] não é correto dizer, no entanto, que o país já seja capitalista desde o início. Ao contrário, é preciso analisar como esses fatores, que remetem ao seu período colonial, condicionam a formação de seu capitalismo no momento em que este se inicia.

Não foi por outra razão que escolhemos o período compreendido entre 1890-1915. Além de ser o momento em que, economicamente, o capitalismo lança suas primeiras bases, a partir da

[22] João Manoel Cardoso de Melo & Fernando Antônio Novais. "Capitalismo tardio e Sociabilidade Moderna". Capítulo 9 de *História da Vida Privada no Brasil,* Vol. 4, *Contrastes da intimidade contemporânea*, Org. Lilia Moritz Schwarcz. Coord. Fernando Antônio Novais. São Paulo, Cia. das Letras, 1998, p. 562.

[23] "Aquele sentido é o de uma colônia destinada a fornecer ao comércio europeu alguns gêneros tropicais ou minerais de grande importância: o açúcar, o algodão, o ouro. (...) A nossa economia se subordina inteiramente a este fim, isto é, se organizará e funcionará para produzir e exportar aqueles gêneros. Tudo mais que nela existe (...) será subsidiário e destinado unicamente a amparar e tornar possível a realização daquele fim essencial". (Caio Prado Jr. *Formação do Brasil Contemporâneo.* 24ª ed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1996, p. 131).

acumulação na economia cafeeira, que cria uma indústria particular, é também o momento em que a sociedade brasileira assiste a intensas transformações que marcam o nascimento de sua modernidade, a qual tomaria um novo impulso a partir dos acontecimentos da década de 20. A modernidade periférica tem um sentido bastante diferente da dos países centrais. Suas pretensões de inclusão são menos fortes do que as intenções de um projeto de constituição de uma nação civilizada que apague de uma vez por todas tudo o que remeta ao seu passado colonial. O período escolhido é o que capta exatamente essa contradição: a de ser uma nascente nação capitalista de passado colonial e que dele tenta se desvencilhar a qualquer custo. Sua modernidade expressa esses anseios muito mais do que a criação de mecanismos de inclusão social como retaguarda para a selvageria capitalista. O consumo capitalista, nessa sociedade que recém derrubara o Império e a escravidão, tem uma função bastante clara e definida: a de acelerar a superação de um passado colonial, do qual o Império não passara de uma extensão, processo esse que, claro estava, não seria para todos.

Muitos dos estudos sobre capitalismo no Brasil, seguindo os esquemas rígidos de que acima falamos, acabaram por ligar o desenvolvimento capitalista exclusivamente à sua industrialização, não se preocupando em procurar formas específicas de acumulação que, mesmo não sendo industriais, eram capitalistas e as relações sociais, mesmo não se enquadrando na oposição trabalhador-capitalista, também o eram.

O primeiro a ousar algo nesse sentido foi João Manoel Cardoso de Melo que, fazendo uma síntese da problemática cepalina, avançou ao tratar a acumulação cafeicultora como especificamente capitalista. Dentre outros trabalhos que contribuíram originalmente para a interpretação da formação e do desenvolvimento capitalista no Brasil, citamos os de Caio Prado Júnior, Celso Furtado, Florestan Fernandes, Maria da Conceição Tavares e Fernando Henrique Cardoso. Conceitos-chaves foram aí formulados como os de “sentido da colonização”, a bipolaridade “centro-periferia”, “substituição de importações” e “dependência”. A elaboração de idéias foi ficando cada vez mais sofisticada à medida que o próprio capitalismo brasileiro adentrava as décadas de 1960/70 e novas especificidades, novos obstáculos, novos desdobramentos se faziam mais evidentes.

Todos estes trabalhos foram significativos porque encararam o desenvolvimento capitalista brasileiro derivado de condições específicas, dentre as quais, o passado colonial que

lhe incutiu o sentido da produção voltada para fora.[24] O que propomos aqui é avançar no debate olhando não o desenvolvimento capitalista brasileiro contemporâneo, mas as raízes de sua formação na qual procuramos a relação peculiar que se travou entre consumo e produção, pela qual se pode compreender os rumos tomados pelo desenvolvimento capitalista ulterior. Por que, por exemplo, durante os anos de 1960, seria necessário concentrar renda em alguns estratos sociais que, a partir do consumo acelerado, pudessem incentivar a produção? E por que isso só poderia ser feito sob um regime ditatorial? Essas e outras questões que partem da atualidade e buscam no passado alguma raiz para sua explicação são algumas razões pelas quais escolhemos o consumo como objeto de estudo.

O período que se institui com o fim do Império e da escravidão é um período de transição: marca a abolição dos últimos baluartes da colonização, a presença portuguesa no governo e a força de trabalho escrava, empecilhos estes à continuidade da efetivação de um projeto nacional iniciado antes mesmo da Independência.

Da mesma forma como os historiadores supracitados que, ao centrar seus estudos no consumo, procuravam um ângulo privilegiado para o estudo do capitalismo nascente, que não perdesse de vista a complexidade das relações sociais inauguradas pelas últimas transformações, também nós procuramos, a partir de um estudo sobre o consumo, buscar as contradições específicas da formação capitalista no Brasil. O desenvolvimento da cafeicultura em bases capitalistas, a proclamação da República, a instituição do trabalho livre conduziram a uma nova configuração de classes, despontando no cenário novas frações, como a elite cafeicultora do oeste paulista e seus filhos formados bacharéis pelo Largo São Francisco e os imigrantes enriquecidos pelo comércio. Como conseqüências imediatas dessa nova hierarquização surgem novos conflitos e, com estes, novos comportamentos de classe que legitimassem as posições adquiridas e os devidos distanciamentos em relação aos inferiores na escala social.

Esse complexo jogo de classes instaurado a partir das transformações de finais do XIX no Brasil é o ponto de partida desse trabalho. Partimos das classes e frações de classe formadas a partir do processo de complexificação de uma sociedade indecisa que marcha rumo ao capitalismo. E aqui se evidencia o método adotado, o método materialista da História. Ao invés de partirmos da base produtiva, decidimos partir daquilo que confere movimento à História, ou

[24] Prado Jr., *Formação...,* Op. cit.

seja, suas classes. Restringir-nos-emos, no entanto, à classe dominante e suas frações e à tensão travada com os *nouveaux riches* representados principalmente pelos imigrantes enriquecidos. O consumo aparece, nessa dinâmica, como o instrumento legitimador de *status* e concessor de diferenças.

O problema geral dos estudos sobre o desenvolvimento capitalista no Brasil foi o de partir de aparatos teóricos pré-concebidos, seja keynesiano, seja marxista, seja schumpeteriano. Na maior parte dos estudos, separaram-se os desdobramentos da base produtiva de seu pressuposto, as relações de produção, resultando em conclusões a-históricas que perdiam de vista duas dimensões que só podem ser compreendidas em conjunto. A grande confusão, então, passou a girar em torno da problemática do início do capitalismo no Brasil: se este teria início com as relações de produção capitalistas, baseadas no trabalho livre ou se teria início a partir de uma base produtiva especificamente capitalista, no caso, a partir de uma industrialização já consolidada capaz de criar sua própria demanda. É importante lembrar que, entre o primeiro momento, que surge juridicamente a partir da Abolição da Escravatura e o segundo momento, que emerge somente em meados do século XX, decorreu mais de meio século. O interessante seria poder apreender este longo momento como um momento de transição, estudando-o em suas especificidades sem estruturas teóricas pré-definidas que condicionem o seu movimento.

A tentativa em se forçar a entrada das condições efetivas nestes esquemas teóricos conduziu, quase sempre, à determinação dos rumos internos pelo setor externo. Não se consegue explicar como uma situação passa para outra, e o que acaba dando o tônus da dinâmica capitalista brasileira são sempre os estrangulamentos externos, a dificuldade de importar ou o desejo sempre de copiar o que não é nacional. Seria assim não somente com a base produtiva exógena, mas também com as decisões políticas e as questões culturais. O problema, no entanto, que se mostra na superfície enquanto "determinante externo", exige uma averiguação mais profunda e a questão a ser feita é: "Por que, os encaminhamentos internos, quando na tentativa de resolução de suas contradições, adotam a aparência de terem sidos determinados externamente"? Aliás, essa é a questão base para compreendermos a modernidade brasileira enquanto uma modernidade específica, fruto de um projeto de nação específico e não simploriamente determinado pelas "condições externas". E é essa modernidade em gestação que ajuda a interpretar os traços adquiridos por esse capitalismo em particular.

O processo de formação do capitalismo no Brasil é especial e mais longo do que possa parecer à primeira vista. Combina relações de produção baseadas no trabalho livre, baseadas no trabalho compulsório e baseadas no trabalho da família, em que o número de filhos representa rendimentos maiores para a mesma. Esses processos estão entrelaçados de diferentes formas conforme a região utilizada como recorte de análise.

Do lado da produção, as relações são complexas e não podem ser resumidas à idéia de uma explosão industrial que crie um departamento de bens de produção com o qual a oferta conseguirá gerar sua própria demanda. E mesmo o capitalismo tendo surgido no campo a partir da acumulação cafeicultora do oeste, é preciso levar em consideração todos os elementos arcaicos que continuam a permeá-la e que caminham na contramão da lógica capitalista. Se a acumulação nesta região possui já uma racionalidade próxima da capitalista, a ocupação da terra não tem, no entanto, nada de racional. A questão da terra é extremamente complexa no Brasil porque envolve diversos estatutos, diversas formas de aquisição e, mesmo os grandes latifúndios cafeicultores não estavam eximidos da apropriação não capitalista para continuar o processo de acumulação, o que em muito se aproxima de uma acumulação primitiva em razão de seu caráter predatório.[25] Esse caráter se transferiria para os terrenos citadinos durante o processo de urbanização, que preservava a mesma lógica predatória de ocupação.[26]

A dificuldade em estudar o problema enquanto um problema específico, historicamente determinado e composto de diversas dimensões que ora se somam, ora se anulam, acaba sempre culminando em imprecisões quanto às origens do capitalismo e na dificuldade em analisá-lo em sua totalidade. Alguns marcam as origens a partir da abolição da escravatura, com a instituição do trabalho livre, outros dirão que o capitalismo somente se formará a partir da primeira onda de industrialização de 30, quando se efetuam as primeiras substituições de importações.

Portanto, ao invés de partirmos de uma base produtiva de difícil definição porque heterogênea, complexa e, principalmente, porque ainda não capitalista, embora com muitos de seus traços, preferimos partir das transformações do período e da formação de novas classes/frações de classe que darão um sentido interno às mudanças e, a partir daí, a significação das influências externas. O consumo aparece como instrumento legitimador das posições sociais

[25] Lígia Maria Osório Silva. *Terras devolutas e latifúndio: efeitos da lei de 1850.* Campinas, Unicamp, 1996.
[26] Cândido Malta Campos. *Os rumos da cidade: urbanização e modernização em São Paulo.* São Paulo, Ed. Senac, 2002, p. 92.

atingidas e sua fonte é principalmente externa porque é daí que vêm os artigos de luxo, fonte da diferenciação.

Se, por um lado, os artigos internos são menosprezados pela elite, por outro lado, eles são a fonte de um princípio de massificação. No interior do capitalismo, o consumo, ligado à sua condição moderna e capitalista, assume duas funções contraditórias entre si: a de diferenciar,[27] a partir da adoção da novidade por alguns poucos, e a de igualar, massificar, generalizar os padrões. Essa função complexa e ambígua, inexistente em outros sistemas de produção, já aparece nas sociedades pré-capitalistas, como é o caso das sociedades européias dos séculos XVII e XVIII e a sociedade brasileira do século XIX.

Assim, se por um lado, o consumo é epifenômeno no interior do marxismo, uma vez que pertence à esfera privada, [28] o impacto que tem sobre a estruturação de classes não é desprezível e, portanto, de suma importância para uma construção materialista da História. Isso porque, além da dimensão conflituosa existente no interior da base material e sua expressão política e ideológica, uma nova dimensão, a dimensão simbólica influi também na dinâmica dos conflitos, e, portanto na dinâmica da História. Tal dinâmica não se opõe àquela imposta pela base material, mas a mascara, dando a impressão da inclusão social nos espaços em que se processa, ao contrário, uma exclusão social contundente. Isso comporia, para Lefebvre, uma forma de alienação irreversível no interior das sociedades capitalistas de consumo de massa.[29]

Mesmo que tenha sido estudado do ponto de vista marxista, por exemplo, pelos teóricos do subconsumo,[30] o consumo não apareceu senão como um excedente da produção - o que não foi consumido como sinônimo do que foi produzido demais -, o que torna consumo e produção

---

[27] « (...) chaque consommateur doit compter avec un état déterminé de l'offre, c'est-à-dire avec les possibilités objectivées (biens, services ou schèmes d'action, etc.) dont l'appropriation est un des enjeux des luttes entre les classes et qui, du fait de leur association probable à des classes ou des fraction des classes, sont automatiquement classées et classantes, hiérarchisées et hiérarchisantes ». (Bourdieu, *La distinction...*, Op. cit., p. 246)

[28] "(…) in consumption, *the product steps outside this social movement* and becomes a direct object and servant of individual need, and satisfies it in being consumed (…)". (Karl Marx. *Grundrisse: foundations of the critique of political economy*. (1857). Trans. Martins Nicolaus. London; New York, Penguin Books in association with New Left Review, 1993, p. 89).

[29] Henri Lefebvre. *La vie quotidienne dans le monde moderne.* Paris, Gallimard, 1968.

[30] "A origem essencial de depressão nos negócios é o subconsumo. Se, simultaneamente, certo volume de capital e certo volume de mão-de-obra se mantêm ociosos em todos os ramos de negócios, ou na generalidade deles, a única razão possível para que permaneçam sem emprego está na inexistência, na ocasião, de demanda dos bens que eles, cooperando, são capazes de produzir". (John A. Hobson. *A evolução do capitalismo moderno*. Tradução port. São Paulo, Abril Cultural, 1983, p. 211)

equivalentes quantitativos. Anulou-se então suas diferenças qualitativas e, principalmente, o papel fundamental que o consumo tem sobre os conflitos.

Como a produção não é um processo isolado no capitalismo, em especial em seus primórdios, porque ainda não possui recursos para criar sua própria demanda, abre-se espaço para que o consumo e, principalmente, o arranjo entre as classes possam vir a influencias a produção. Apesar de considerado epifenômeno do ponto de vista do marxismo, o consumo pode influenciar a dinâmica capitalista na medida em que se relaciona de diferentes formas com a produção e legitima as lutas de classes no campo cultural.[31] Desse ponto de vista, o consumo é um elemento que condiciona o movimento da História e auxilia sua interpretação, e portanto, sua dinâmica pode também ser apreendida pelo materialismo histórico.[32] Como a História se faz e se refaz dependendo do concerto entre as classes e das condições materiais específicas, nas quais o consumo tem um papel fundamental, o materialismo histórico é um excelente instrumento para o estudo da formação do capitalismo periférico cujas características são difíceis de serem mapeadas.

Conforme os estudiosos do consumo vistos acima, uma Revolução do Consumo teria se processado em paralelo e de forma complementar à Revolução Industrial. Em contexto periférico, embora essa relação assuma contornos específicos e diferenciados daqueles ocorridos no centro do sistema capitalista, também contribui para a explicação dos motivos da industrialização tardia. Consumo e produção têm de ser analisados de forma integrada, sendo remetidos não somente aos condicionantes econômicos, mas também históricos, políticos e culturais que os distorcem permanentemente.

Devido à presença do setor externo como fonte de novidades, a dinâmica diferenciação/generalização característica do consumo ganha outras formas. O movimento das novas classes oriundas da expansão da economia cafeeira dita o ritmo da aquisição de novidades, mas estas não conseguem ser produzidas internamente devido à insuficiência técnica e criativa da base produtiva. A fonte do consumo de luxo, sinônimo de modernidade no contexto do nascimento do capitalismo no Brasil, é, portanto, o setor importador que proporciona o acesso à

[31] Bourdieu, *La distinction...*, Op. cit.
[32] Aliás, esse seria um dos pontos do debate entre Weber e Marx quando às origens das classes sociais. Enquanto o segundo apregoava sua origem nos substratos econômicos, o primeiro relegava a origem das classes aos processos de afirmação de *status*.

última moda estrangeira. Lembremos que o acesso a tais produtos não teria sido possível sem a correspondente revolução nos transportes, em especial nas ferrovias e nos transportes marítimos.[33]

O livre acesso aos produtos estrangeiros provoca uma separação, para os contextos periféricos, entre consumo capitalista e produção capitalista. Se pensarmos a dinâmica do consumo como uma pirâmide em cujo topo se situa a diferenciação, relacionada com a produção especializada, e em cuja base se dá o processo de generalização, associada à produção em massa, o processo se apresenta rompido, separando o topo de sua base. A diferenciação é permanente devido à presença do setor externo, mas a generalização é bem pequena e oriunda de outras fontes que não a produção em massa, como a falsificação de produtos, por exemplo.[34] A dinâmica da diferenciação e da generalização deficiente mostra bem a convivência entre dois tempos em uma só sociedade: o tempo do capitalismo e o da sociedade tradicional.

Por outro lado, a dinâmica da aquisição permanente de padrões de luxo não pode ser separada do ideal de construção de uma nação civilizada e moderna. O consumo, juntamente com as transformações urbanas - a reforma das ruas e avenidas, o higienismo urbano, a iluminação elétrica -, constitui um dos principais pilares da modernidade periférica que se caracteriza menos pelos ideais de inclusão social do que por um ideal de civilidade que apagasse o passado colonial identificado como fonte do atraso. A fusão entre um projeto nacional específico portado pelas novas classes e facções de classes oriundas das transformações de finais do século XIX, o modo como expressam seu poder pelo consumo e, por fim, como este se reporta à base produtiva incipiente compõem a base de um capitalismo muito especial.

A escolha da cidade de São Paulo então se justifica pelas razões acima expostas. São Paulo é a grande surpresa do final do século XIX, tomando a frente da transição que pretendia abolir qualquer traço colonial no caminho rumo a uma metrópole moderna. Produto de seu contrário, o campo, e de seu principal produto, o café, a cidade de São Paulo sofreu uma série de transformações que a converteram de um simples ponto de descanso de tropas em metrópole do café, termo pelo qual ficou conhecida na literatura da Primeira República.

---

[33] Hobsbawm, *Da Revolução Industrial...*, Op. cit., pp. 101-123.

[34] Daí a falsificação ser tema permanente na documentação e de fundamental importância para entender uma sociedade que tem acesso à diferenciação, mas que exclui permanentemente porque não consegue generalizar os produtos que são consumidos no ápice da pirâmide social.

São três grandes blocos de transformações materiais pelos quais passou a cidade, o que a torna especial para o estudo desta temática. Em primeiro lugar as reformas urbanas sob as influências do urbanismo higienista de Haussmann, prefeito de Paris durante o II Império que iniciara a empreitada da construção dos grandes *boulevards*. No Rio de Janeiro, sob a prefeitura de Pereira Passos, foram construídas as avenidas centrais, uma forma de melhorar a imagem da cidade aos olhos do estrangeiro. Em São Paulo, o projeto contou com a presença do arquiteto Ramos de Azevedo e centrou-se na construção mais recente dos bairros-jardins e, anteriormente, de Higienópolis, que, como o próprio topônimo indica, tinha a intenção de promover uma higiene social, separando as famílias aristocráticas da enorme massa de imigrantes, ex-escravos, brancos pobres que então habitavam a cidade. O centro foi desafogado e transformado em espaço estritamente comercial e financeiro.

O segundo grande bloco de transformações foi conseqüência da própria promoção do café a produto principal da exportação brasileira. Enquanto o café fluminense do Vale do Paraíba entrava numa decadência irreversível devido ao esgotamento das terras e da escassez de escravos negros, o café do oeste paulista prosperava com a vinda da mão-de-obra livre imigrante e o plantio em terras mais propícias ao café. A cidade de São Paulo então se transformaria em grande centro comercial e financeiro visando ao controle de todas as atividades ligadas ao café, incluindo a expansão da malha ferroviária e o despacho do café no porto de Santos. Estes dois primeiros blocos de transformação são objeto do primeiro capítulo que trata das reformas urbanas e suas intenções de melhorar a imagem do Brasil diante dos importadores de café.

Finalmente, o terceiro bloco de transformações materiais compreende a revolução comercial incipiente que se processava nas lojas do Triângulo Comercial. Tornado um lugar especializado em vendas de produtos de luxo, o Triângulo, formado pelas ruas da Direita, XV de Novembro e São Bento, contava tanto com lojas de importação como com lojas de vendas de produtos nacionais. Dentre as *maisons* estrangeiras, estavam a casa Garraux, especializada na venda de livros, mas também de vários produtos outros de origem francesa, como vinhos, queijos, tecidos finos, perfumaria; a *maison* Levy, especializada em produtos musicais; a Casa Allemã; a casa Fretin, dentre tantas outras das quais o trabalho se ocupará em seu segundo capítulo.

Além das lojas, as transformações urbanas converteram o Triângulo Comercial em um centro de lazer. Era o eixo das diversões das famílias abastadas e também da boemia paulistana, contando entre os principais estabelecimentos confeitarias, bares e casas noturnas. As diversões estão notificadas no segundo capítulo, mas seus sentidos foram colocados somente no quarto capítulo, que é aquele em que tratamos do consumo enquanto forma de distinção social. Além do lazer, o capítulo quarto conta entre os objetos de consumo e, portanto, fatores de diferenciação social, as habitações e suas mobílias, que representam a constituição de uma privacidade e sua nova relação com o público, e as vestimentas.

O capítulo terceiro faz a ponte entre as transformações urbanas e comerciais e o consumo enquanto um processo de distinção social. Neste capítulo - uma continuidade das transformações comerciais em sua associação com a revolução tecnológica - são tratadas as novidades do mundo moderno que caracterizaram a *Belle Époque*. Aí se trabalhou sobre as expectativas surgidas no Brasil do final do século que giravam em torno das conquistas científicas, tecnológicas e culturais que marcaram os limites assumidos pela *Belle Époque* nos trópicos. Aliás, se fôssemos respeitar a historicização do termo *Belle Époque* para São Paulo no que concerne à dimensão cultural exclusivamente, deveríamos prolongar o período até 1922, ano que em que o modernismo rompeu com as tendências culturais trazidas pela *Belle Époque* tropical.[35] Como trabalhamos sobre a dimensão econômica, o recorte se fecha necessariamente em 1914, ano em que, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, novos rumos seriam dados à produção interna e também à dinâmica de consumo.

O que torna o estudo da cidade de São Paulo particular nesse momento é a vinda da enorme massa de imigrantes que não somente chegavam para o trabalho na cafeicultura do oeste, como se instalavam na capital tornando-se comerciantes e homens de negócios. Muitas vezes começando de origens modestas, imigrantes italianos, franceses, ingleses, alemães e libaneses, conseguiam ascender na escala social e atingir uma renda que lhes permitia certos privilégios semelhantes aos da elite tradicional, gerada, em grande parte, pela riqueza da cafeicultura do oeste. Uma transformação social de tal monta seria de importância crucial na determinação dos caminhos do consumo, uma vez que a concorrência entre as frações de elite tradicional e

[35] O termo "*Belle Époque* tropical" está em Jeffrey D. Needell. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.* Trad. Celso Nogueira. São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

ascendente se manifestava na aquisição de bens e não mais somente em privilégios imateriais, como o nome de família. A legitimação da conquista de novos postos se dá pelo consumo, em um movimento tipicamente capitalista.

Os primeiros estabelecimentos destinados à produção derivariam desse perfil assumido pelo consumo, cuja fonte de diferenciação era o setor externo, e pelos anseios de generalizar antes o que era restrito do que o que era necessário. Devido à carência de capital, este foi também o caminho mais fácil para aqueles que pretendiam diversificar seus investimentos. Assim, os primeiros estabelecimentos visavam à imitação dos produtos estrangeiros, como era o caso das fábricas de pentes, de chapéus, de tecidos, ou à comercialização de variedades mais baratas de artigos de luxo, que era o que fazia a Loja do Japão, por exemplo. Ao lado dos produtos que diferenciavam, os importados, considerados de melhor qualidade, havia os produtos nacionais que já apresentavam uma tendência à generalização, embora fossem abertamente repelidos pela elite.[36] A relação entre a dinâmica de generalização/diferenciação que liga consumo à produção, bem como os fatores constitutivos da modernidade periférica que direcionaram essa relação, serão objeto de estudo do quinto e último capítulo deste trabalho.

[36] Jorge Americano. *São Paulo naquele tempo (1895-1915).* São Paulo, Saraiva, 1957, pp. 80-81.

Cap. 1 São Paulo: construção de uma metrópole da Belle Époque

" Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte. A rua é a eterna imagem da ingenuidade. Comete crimes, desvaria à noite, treme com a febre dos delírios...".

(João do Rio, *A Alma Encantadora das Ruas*)

1.1 São Paulo de Piratininga: A Cidade de Taipa.[1]

As condições geográficas de São Paulo contribuíram para um processo de colonização muito especial, que contrariou a principal característica da colonização portuguesa: a fixação ao longo da costa. Desde cedo, a colonização da capitania de São Vicente se voltara para o interior devido à presença da serra muito próxima ao mar que limitava o estabelecimento no litoral. Ao contrário dos demais estados, como Bahia e Rio de Janeiro, cujas faixas litorâneas formam extensas planícies agricultáveis, São Vicente não pôde contar com esse fator, uma vez que a estreita faixa formada era de baixo relevo, pantanosa e imprestável para a agricultura.[2] O projeto colonizador que aí seria empreendido contrariaria, assim, a tão consagrada afirmação de Frei Vicente do Salvador sobre o fato de os colonizadores portugueses, em sua atividade de ocupação, assemelharem-se a caranguejos presos à costa.[3] E o fator geográfico foi o primeiro elemento a influir nessa mudança do projeto colonizador inicial.

---

[1] O sentido deste primeiro capítulo é o de traçar as especificidades histórico-geográficas da formação da cidade de São Paulo e da construção de sua representatividade para a província de São Paulo em seu embate com as demais províncias da federação. Para maiores detalhes, vide Mário Neme. *Notas da revisão da história de São Paulo.* São Paulo, Anhambi, 1959; Richard M. Morse. *Formação histórica de São Paulo. De comunidade à metrópole.* São Paulo, Difel, 1970. Edição revista e ampliada da obra *De comunidade à metrópole: biografia de São Paulo.* Trad. Maria Aparecida Madeira Kerberg. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954; Ernani da Silva Bruno. *História e tradições da cidade de São Paulo.* Vol. I. *Arraial de sertanistas (1554-1828).* 4ª edição. São Paulo, Hucitec, 1991; Ernani da Silva Bruno. *História e tradições da cidade de São Paulo.* Vol II. *Burgo de estudantes (1828-1872).* São Paulo, Hucitec, 1991; Ernani da Silva Bruno. *História e tradições da cidade de São Paulo.* Vol. III. *Metrópole do Café (1872-1918)-São Paulo de Agora (1919-1954).* São Paulo, Hucitec, 1984; Paula Porta (org.). *História da cidade de São Paulo.* Volumes I, II e III. São Paulo, Paz e Terra, 2004; Jaime Cortesão. *A fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil.* Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1955

[2] Caio Prado Júnior. "O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo". In *Evolução Política do Brasil e outros estudos.* 2ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1957.

[3] "Da largura que a terra do Brasil tem para o sertão não trato, porque até agora não houve quem a andasse por negligência dos portugueses, que, sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam delas, *mas contentam-se de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos"*. (Frei Vicente do Salvador. *História do Brasil.* (1627). São Paulo, Weisflog Irmãos, 1918, p. 19). Para Jaime Cortesão, a situação estratégica da vila de São Paulo -

Esse é, outrossim, o ponto de partida do livro *Caminhos e Fronteiras*[4] de Sérgio Buarque de Holanda, que asume uma tônica diferente em relaçao a seu outro livro clássico, *Raízes do Brasil.*[5] Neste último, o autor busca as raízes ibéricas da colonização portuguesa no Brasil, investigando os condicionantes históricos gerais que resultaram em uma sociedade litorânea e estável, reprodução fiel das hierarquias nobiliárquicas metropolitanas. Já a tese apresentada em *Caminhos e Fronteiras* é a da ruptura desta ordem a partir dos movimentos populacionais para o interior: as Bandeiras, no século XVII, e as Monções, no século XVIII. Ao invés do meio se inclinar aos ditames do colonizador, a regra é, ao contrário, a prostração do português não somente ao meio, como também ao nativo, do qual assimila as técnicas de conquista e adaptação: "Sabemos como era manifesta nesses conquistadores a marca do selvagem da raça conquistada. Em seu caso, ela não representa uma herança desprezível e que deve ser dissipada ou oculta, não é um traço negativo e que cumpre superar".[6] Assim formou-se toda uma cultura material sobre a absorção dos modos e padrões de vida dos indígenas e não sobre a reprodução dos padrões europeus. Se o fio condutor de *Raízes do Brasil* vai do passado colonial a uma nação moderna que se projeta sobre o futuro a despeito desse passado, podemos concluir que tal transição também se dará de forma especial em São Paulo, tão especial quanto esse seu passado colonial.

A despeito dessas primeiras tendências à mobilidade e frente à impossibilidade em se fixar no litoral, optou-se pelo povoamento no planalto, que apresentava condições muito favoráveis à fixação: terras férteis, temperaturas amenas e a mão-de-obra indígena em abundância, utilizada largamente na capitania devido à deficiência de abastecimento de escravos negros na região. "Existe, portanto, desde o início da colonização paulista, um nítido deslocamento de seu centro, do litoral, onde teve começo, para o planalto. Isto constitui o primeiro fator que vai influir na constituição e desenvolvimento, no planalto, do maior núcleo da capitania e de todo o Sul da Colônia".[7] A colonização se faria ali mesmo nos Campos de

---

acreditava-se que estivesse muito próxima da bacia platina - é um elemento primordial na expansão portuguesa que teria ficado restrita ao litoral se não fossem os caminhos abertos a partir dela rumo ao interior. (Cortesão, *A fundação...*, Op. cit., p. 106).

[4] Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e fronteiras.* 3ª edição. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

[5] Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil.* 26ª edição. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.

[6] Holanda, *Caminhos...*, Op. cit., p. 21.

[7] Prado Jr., "O fator geográfico...", In *Evolução Política...*, Op. cit, p. 99.

Piratininga, a partir de uma clareira na mata, cujo tipo de solo impedia o crescimento da vegetação cerrada.

Em 1554, aí se fundam as primeiras casas de taipa no planalto sob iniciativa dos jesuítas. Essa primeira fundação ficou limitada ao que hoje compõe o centro velho de São Paulo ou "triângulo histórico", formado pelos Conventos de São Francisco, de São Bento e do Carmo. Em 1560, devido às contraditórias relações políticas entre a Coroa Portuguesa e a Companhia de Jesus, o povoado ganha foros de vila, antes mesmo de Santo André da Borda do Campo, que rivalizava com o sítio de São Paulo quanto à prevalência como núcleo de povoação. O lugar escolhido pelos jesuítas não o foi fortuitamente: fisicamente, era um ponto altamente estratégico na defesa contra o gentio e em sua catequização.

As constantes lutas entre colonos e jesuítas marcariam a forma da ocupação empreendida em São Paulo, na qual se vê total ausência de um modelo urbanístico planejado. Tratava-se da luta entre o colono português, "semeador" de cidades, tal qual Santo André da Borda do Campo, e o jesuíta, o "ladrilhador", que as construía de acordo com o racionalismo decorrente do sistema católico de reduções.[8] Seria como se, em São Paulo, os dois ideais-tipos criados por Sérgio Buarque de Holanda para marcar as diferenças de ocupação entre a Espanha e Portugal se encontrassem e aí se pusessem a conflitar. Prevaleceu, não obstante, a forma caótica, a tipicamente portuguesa, mas levada aos extremos em "razão do padrão de povoamento rural dispersivo" herdado da tradição de mamelucos e indígenas.[9] Influenciados por estes, os portugueses eram aí menos colonos sedentários que aventureiros.[10] Suas habitações eram de palha ou taipa, também herança indígena que entrava no cadinho da formação dessa cultura material totalmente móvel, que permitia o abandono da habitação e a movimentação para um e outro lugar sem grandes perdas materiais. Eis uma descrição de tais habitações em carta de José de Anchieta de 1º de setembro de 1554: "casa pobrezinha, feita de barro e paus, e coberta de

[8] Holanda, *Raízes...,* Op. cit., cap. 4 "O semeador e o ladrilhador".
[9] Janice Teodoro e Rafael Ruiz. "São Paulo, de Vila a Cidade: a fundação, o poder público e a vida política". Cap. 2 de *História da cidade de São Paulo*, vol. I, *A cidade colonial.* Org. Paula Porta. São Paulo, Paz e Terra, 2004, p. 72.
[10] "A expansão dos *pioneers* paulistas não tinha suas raízes do outro lado do oceano, podia dispensar o estímulo da metrópole e fazia-se freqüentemente contra a vontade e contra os interesses imediatos desta. Mas ainda esses audaciosos caçadores de índios, farejadores e exploradores de riqueza, foram, antes do mais, puros aventureiros – só quando as circunstâncias o forçavam é que se faziam colonos". (Holanda, *Raízes...,* Op. cit., p. 102).

palha de 14 passos de comprimento e 10 de largura que é ao mesmo tempo escola, enfermaria, dormitório, refeitório, cozinha e despensa".[11]

Os conflitos entre colonos e jesuítas deram-se em vários episódios. O primeiro deles aconteceu em 1632, quando os habitantes de Barueri expulsaram os seus próprios jesuítas, que impunham restrições ao trabalho indígena, impedindo o avanço da cultura agrícola. Não demorou a que fossem expulsos de São Paulo alguns anos mais tarde, em 1640, fato esse que coincidiu com a expansão das atividades agrícolas nas primeiras décadas do século XVII, passando uma enorme quantidade de índios dos aldeamentos para as propriedades dos colonos.[12] Era o primeiro caso em que colonos, e não a administração metropolitana, expulsavam os missionários.

São Paulo, além de vila privilegiada quanto ao relevo, foi também diferenciada pelo sistema hidrográfico. A bacia hidrográfica do estado é formada pelo Tietê, com seus vários afluentes, o Pinheiros, o Cotia, o Aricanduva e o Tamanduateí. Além de fornecer alimento, água abundante e terra fértil aos moradores do planalto, esses caminhos naturais serviam de intercâmbio entre as populações habitantes do planalto. Também eram vias de envio de entradas e bandeiras, expedições de reconhecimento e exploração, respectivamente.

A partir desse centro foi que a colonização evoluiu e criou um traçado específico de estradas no século XVIII, rotas de abastecimento de gado para consumo e reexportação. À nordeste, a estrada ligava-se ao Vale do Paraíba; à sudeste, aos campos de Sorocaba, Itapetininga e Guarapuava, pelos quais passavam as tropas de abastecimento de gado e muares, que supriam até mesmo o norte do país e que tinham, através de São Paulo, passagem segura e certa. Ao norte, o caminho dos Guaianases se abria para as minas de Goiás e, à oeste, para o caminho de Mato Grosso, também abertura para a busca do ouro. À leste, finalmente, o Caminho do Mar, que ligava São Paulo a Santos e era caminho do escoamento das mercadorias para a exportação e da chegada das de importação. O intercâmbio direto entre as diferentes regiões povoadas era impossível, sendo, então, obrigatória a passagem pela vila que seria considerada, em 1681, a cabeça da capitania.[13]

---

[11] *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil,* vol. II (1553-1558). Organização Serafim Leite. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1956, p. 105.
[12] John M. Monteiro. "Dos campos de Piratininga ao morro da saudade". Cap. 1 de *História da cidade de São Paulo*, vol. I, Op. cit., p. 52.
[13] Prado Jr., "O fator geográfico...", in *Evolução Política...*, Op. cit, p. 109.

Ao contrário dos demais centros de capitanias localizados no litoral, a capitania de São Vicente assistiu à separação espacial entre o centro da capitania e o seu porto marítimo: "Desde logo, há entre esses dois núcleos, São Paulo e Santos, uma ação recíproca permanente, e a importância de um se projeta fatalmente sobre o outro. Ambos se completam, e no sistema econômico da capitania satisfazem cada qual uma destas funções desconexas e inseparavelmente ligadas: centro natural e porto marítimo. Não fosse a fatalidade da Serra do Mar, e estas duas funções caberiam a um só centro, que englobaria o que hoje constitui as duas cidades".[14] Essa separação imprimir-se-ia sobre o desenvolvimento ulterior da província, acentuando-se à proporção que o centro produtivo, as fazendas de café, situavam-se a oeste do estado, mas a moradia e o seu correspondente centro administrativo situavam-se na capital, que, por sua vez, separava-se do porto de escoamento de mercadorias e pessoas. Em princípios do século XIX, antes do desenvolvimento da malha ferroviária no estado, era comum que as famílias habitantes do planalto, mas com fazendas no interior, passassem a temporada de inverno na fazenda, descendo a Serra do Mar a oeste em lombo de burro, e os veraneios no litoral, utilizando-se do mesmo meio de transporte na descida à leste.[15]

Outra característica que diferencia o núcleo de colonização paulista dos demais é quanto à forma de organização de sua atividade econômica. Ao invés de fixa, a atividade, fundamentada em predações, movimenta-se, de forma ainda mais intensa a partir de princípios do século XVIII. É quando, além da tarefa de apresamento de índios, as expedições buscam também o ouro das Minas Gerais, depois o de Goiás e Mato Grosso. Seriam quase dois séculos dedicados ao reconhecimento dos limites da colônia e à descoberta de ouro, atividades que resultariam na pobreza proverbial da capitania na era colonial, conforme pode ser atestado pelo estudo das Atas da Câmara, dos testamentos e inventários do período: "A tônica destes documentos é a descrição da pobreza dos habitantes, da precariedade das habitações e da rusticidade dos objetos de uso cotidiano".[16]

---

[14] Idem, ibidem, p. 111.

[15] Duas viagens eram bastante importantes para as famílias afortunadas que moravam na cidade, mas tinham propriedades no campo. Na primeira, durante o inverno paulistano, as famílias retiravam-se para passar alguns meses na fazenda. Noutra, de puro recreio, para Santos. A viagem era feita a cavalo já que não existiam as estradas de ferro. (Maria Paes de Barros. *No Tempo de Dantes.* 2ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1998). Nesta memória, a autora descreve em detalhes as sensações provocadas nas crianças ao movimentar toda a família em ambas as direções

[16] Teodoro & Ruiz. "São Paulo, de Vila a Cidade...", cap. 2 de *História da cidade...*, Op. cit., p. 71.

Com o esgotamento das minas e a emancipação da colônia em relação à metrópole portuguesa, São Paulo, e também todo o país cujas forças se viram canalizadas nas explorações das Minas Gerais, adentram um período de surto econômico. Não somente as terras conhecidas, mas as recém-desbravadas são exploradas pela produção agrícola. Durante o Império, são as terras do norte a ser exploradas, enquanto que, no período republicano, é a terra roxa a oeste a mais favorável devido à sua alta produtividade para o café. A expansão se caracterizava por um caminhar perene a oeste, composto pelo binômio desbravamento-exploração subseqüente, que marcaria toda a história de São Paulo e se aceleraria imensamente com a introdução das primeiras estradas de ferro.[17] A partir destas, as famílias abastadas poderiam habitar na capital, tomando o trem para suas propriedades em caso de necessidade ou aí indo para os invernos mais rigorosos ou para simples conferência nos períodos de colheita. Dessa forma, conseguia-se combinar a administração eficaz das propriedades ao conforto de um grande centro.

Locus estratégico dos pontos de vista geográfico e econômico, a vila de São Paulo teve, por fim, papéis políticos bastante claros no contexto da América Portuguesa. Esses papéis variaram com a União das Coroas Ibéricas e com a posterior Restauração em 1640, sendo ditados pela dinâmica dessa sociedade móvel e pelos conflitos entre moradores e jesuítas que a perpassavam.

São Paulo constituir-se-ia em passagem estratégica de acesso à bacia do Prata e, a partir desta, às minas do Peru. Essa era, ao menos, a idéia de Tomé de Sousa em 1553, tornada uma quase obstinação da Coroa e de cada colono da América Portuguesa. São Paulo, um ponto no interior, afastado da costa e de fácil acesso aos cursos navegáveis, tornava tal plano muito próximo do realizável.

A União Ibérica trouxe para Castela o conforto de poder ter pleno controle dessa região sul do Brasil, assegurando, portanto, o domínio total sobre a entrada do Prata e sobre o Peru. A povoação de São Paulo por jesuítas e indígenas era estratégia elementar de um projeto de defesa composto por três dimensões: a econômica, a jurídica e a religiosa.[18] As bases missionárias e seus indígenas povoariam a região, uma vez que os portugueses não eram confiáveis. Segundo Diego Flores Valdés, um almirante da Marinha de Castela: "(...) propunha um plano demográfico – o

[17] Holanda, *Caminhos e Fronteiras...,* Op. cit.
[18] Theodoro & Ruiz, "São Paulo, de Vila a Cidade...", cap. 2 de *História da cidade...*, Op. cit., p. 91.

envio de castelhanos e castelhanas para São Vicente e Rio de Janeiro -, um plano de desenvolvimento econômico – explorar as minhas do cerro de São Vicente, e toda a terra da Capitania que era muito rica, abrindo o caminho em direção ao Rio da Prata, Paraguai e Santa Fé – e um plano político-administrativo – dividir o Brasil em dois, criando uma nova jurisdição a partir do Cabo Frio para o Sul".[19]

Não por acaso, a primeira expulsão dos jesuítas de São Paulo coincide com a Restauração Portuguesa em 1640. Afinal, a expulsão daqueles representava a ruína de um dos pilares basais do projeto de colonização castelhano, o pilar religioso.[20] Estando a dimensão demográfica indissoluvelmente ligada à religiosa, a ruína desta última acabou por desmantelar toda a estrutura montada por Castela na região, colocando em mãos dos colonos aventureiros novamente a primazia da colonização e assim reacendendo o projeto de São Paulo como um novo Potosi: "Tal foi, com efeito, o pensamento que presidiu já as primeiras expedições de cunho oficial organizadas nas capitanias do centro do Brasil. E o mesmo se dará com outras que serão organizadas depois em São Paulo sob os auspícios de D. Francisco de Sousa. De fato, a possibilidade de se alcançarem mais facilmente pelo caminho de São Paulo, do que de lugar diferente do litoral atlântico, as terras próximas ao Peru, onde abundariam a prata e as esmeraldas, não terá sido um dos menores motivos da resolução tomada por aquele governador de fixar-se, finalmente, na capitania sulina, onde seus projetos pareciam mais viáveis".[21]

O fato de termos feito essa pequena introdução de cunho geográfico e histórico visa a buscar as raízes da riqueza do estado, uma vez que, mesmo privado de riquezas naturais, São Paulo assumiria posição incontestável no *ranking* de províncias mais ricas em finais do século XIX: "Um sobretudo, que, em última análise explica e condiciona os demais, e que é a posição relativa que a cidade ocupa no conjunto do sistema econômico, político e social de que é o centro geográfico natural e necessário".[22] Até mesmo a distribuição populacional da província respeitou

[19] Idem, ibidem.
[20] Sobre os conflitos entre colonos e jesuítas, vide Joely Ungaretti Pinheiro. *Conflitos entre jesuítas e colonos na América Portuguesa: 1640-1700.* Tese de doutoramento, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.
[21] Sérgio Buarque de Holanda. *Visão do Paraíso - Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil.* 6ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1996, p. 72.
[22] Caio Prado Jr. "Contribuição para a geografia urbana da cidade de São Paulo". In *Evolução Política do Brasil e outros estudos.* 2ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1957.

a distribuição na forma de faixas que irradiavam de um centro, a capital paulista.[23] A expansão remetia-se sempre ao núcleo inicial localizado no planalto: "A colonização se desenvolve principalmente para norte e para oeste, tomando como ponto de partida, os extremos já alcançados e que tinham São Paulo por centro. (...) Basta observar o mapa atual de São Paulo para se verificar que as estradas de ferro repetem, com pequenas variantes, os antigos caminhos de penetração, fluviais e terrestres, da Capitania".[24] Tal núcleo, que vai afirmando sua hegemonia incontestável enquanto centro econômico, político e cultural da província, culmina em capital de referência para todo o Brasil em finais do século XIX. É esse processo de transformação da "cidade de taipa" em metrópole que analisaremos a seguir.

1.2 Da cidade de taipa à metrópole do café[25]

Desse primeiro núcleo inicial, caracterizado pela forma de habitar totalmente móvel, até sua transformação em metrópole do café em finais do século XIX, discorreram cerca de três séculos.[26] Se compararmos as características daquele primeiro núcleo, sua mobilidade, sua veia fortemente rural, seu caráter comunitário,[27]concluiremos que houve uma reversão total de padrões. A primeira contradição sintetiza-se no próprio termo "metrópole do café": uma metrópole que se ergue e somente se sustenta sobre o seu contrário, o campo. A segunda contradição nos remete à forma como se lançaram as bases capitalistas no Brasil, em especial em São Paulo, e em como a cidade, nesse contexto de formação do capitalismo, passa a ter uma função totalmente diferente de sua antiga função colonial. A questão é a de como uma sociedade

[23] Prado Jr., "Contribuição...", in *Evolução Política...*, Op. cit., p. 119. "O centro de irradiação desse leque de faixas, servidas cada qual por sua linha de estrada de ferro, bem como de rodagem, é a região da Capital, que se torna assim o nó onde se articulam todas as vidas de comunicação, e para onde se volta, portanto, toda a vida do estado. Aliás, a distribuição do povoamento e ocupação do solo paulista está de fato tão subordinada a uma tal disposição em faixas que acompanham as linhas ferroviárias radiantes de um centro comum, que a nomenclatura das regiões em que se divide o Estado, caso talvez único, não encontrou nada melhor que empregar as denominações com que são conhecidas aquelas estradas; e temos assim as zonas da Central, da Bragantina, da Mojiana, da Paulista, da Noroeste, da Alta Paulista e da Sorocabana". (Idem, ibidem, 122)

[24] Prado Jr., "Contribuição...", in *Evolução Política...*, Op. cit, p. 113.

[25] A terminologia aqui usada é a de Benedito Lima de Toledo exposta em seu livro *São Paulo: três cidades em um século.* São Paulo, Duas Cidades, 1983. Para o autor, a "cidade de taipa" incorpora as heranças coloniais, persistindo até o século XIX; a "capital do café" emergiria a partir da expansão cafeeira do XIX adotando feições europeizadas que condissessem com a opulência das elites; finalmente, a "metrópole industrial" surgiria após 1930.

[26] Bruno, *História...*, vol. I, Op. cit.

[27] Morse, *Formação...*, Op. cit.

originalmente fundada em bases móveis, aleatórias e carente de qualquer planejamento urbano, com uma concepção mais medieval que moderna de cidade,[28] conseguiu estabelecer as primeiras formas racionais de cultivo e construir uma metrópole que se tornou o avesso da imagem da cidade de taipa em alguns poucos anos. Afinal, se seguirmos a argumentação de Morse, não somente a racionalidade econômica precisaria ali ser mudada, mas a forma como se via o mundo, totalmente avessa à racionalidade moderna: "O que fundamentava as relações sociais, econômicas e, mesmo, políticas não era a lei escrita e, sim, a própria vida, vivida dentro de um marco de auto-suficiência, fazendo com que moradores e indígenas fossem conjugando as suas tradições e costumes para sobreviver e tornar a Vila viável (...) em São Paulo, as leis e instituições eram eficazes apenas quando eram traduzidas em termos locais. As relações entre os homens eram primárias e pessoais. Os serviços públicos realizavam-se pela força e boa vontade dos moradores, e às suas custas, como fruto de um movimento de ajuda mútua".[29]

Para que entendamos os motores da formação do capitalismo no Brasil, tomando como recorte a cidade de São Paulo, e, portanto, a função do consumo nessa sociedade, é preciso passar pelo papel que a cidade adquire nesse contexto e qual sua relação com o desenvolvimento da cafeicultura em bases capitalistas no oeste. Entretanto, precisamos nos perguntar em primeiro lugar o porquê de a cafeicultura ter adquirido bases capitalistas em São Paulo e não em outro lugar.

Os estudos de Sérgio Buarque de Holanda - cuja inspiração primeira viria da tese de Jackson Turner e do papel das fronteiras na ocupação do território norte-americano aí discutido - apontam para uma primeira possibilidade de resposta que se esboça em seus três livros clássicos sobre o oeste: *Monções,* publicado em 1945, *Caminhos e Fronteiras,* em 1957, e *O Extremo Oeste,* obra póstuma publicada em 1986.

O que mais chamava a atenção de Sérgio Buarque na *Frontier Thesis* era a interpretação que Turner tinha da fronteira enquanto uma formação social e não simplesmente um lugar

[28] "A cidade, no entanto, conservava hábitos um tanto feudais e aparência medieval. Nas ruas tristes, com passeios tão estreitos que apenas davam para duas pessoas lado a lado, não se viam senão casas baixas e pequeninas, habitadas por profissionais de vários ofícios: sapateiros, latoeiros, caldeireiros. E, qual conta a disjuntiva naquele sombrio rosário, aqui e ali um vasto casarão, grave e soturno, residência de família mais abastada, com suas janelas de rótulas, sempre cerradas ... Talvez que, por trás dessas gelosias, espreitassem uns belos olhos negros, procurando divisar algum passante". (Morse, *Formação Histórica…*, Op. cit., p. 30)

[29] Theodoro & Ruiz, "São Paulo, de Vila a Cidade...", Op. cit., p. 72.

geográfico: "O oeste é no fundo uma forma de sociedade antes do que uma área. É o termo aplicado à região cujas condições sociais resultam da aplicação de velhas instituições e idéias às influências transformativas da terra livre".[30]A trilogia supracitada ressalta esse mesmo enfoque, apontando para as especificidades que, em São Paulo, dariam a essa fronteira oeste os contornos de um determinado tipo de sociedade. E isso se faria à revelia dos valores ibéricos que seriam substituídos por valores genuinamente americanos devido à apropriação da cultura material indígena pelo europeu.

Em certo sentido, essa explicação é uma continuidade do argumento exposto nos últimos capítulos de *Raízes do Brasil* a respeito das origens do capitalismo brasileiro. Para Sérgio Buarque, a forma como os portugueses empreenderam a colonização, culminando em uma sociedade oligárquica totalmente subordinada ao escravismo que a ela organizava, não era propensa ao desenvolvimento capitalista porque negava o seu fundamento: o trabalho. "Um fato que não se pode deixar de tomar em consideração no exame da psicologia desses povos é a invencível repulsa que sempre lhes inspirou toda moral fundada no culto ao trabalho".[31] Seguindo uma abordagem claramente weberiana, o autor passa a procurar, então, os traços de um espírito próximo ao capitalista onde suas manifestações primeiro apareceram: no oeste paulista. Para o autor, a racionalidade específica que teria dado origem às primeiras formas racionais de cultivo e produção agrícola aí existentes não teria outra origem senão no passado paulista e em sua relação particular com a fronteira.

Na argumentação do autor, a racionalidade da fronteira oeste se ligaria à ineficiência dos mecanismos centrais de coerção nessa região e ao sucesso do talento individual sobre o coletivo, que conduz o trabalho e a organização do grupo responsável pelo rompimento das fronteiras. Ao quebrar com a tradição litorânea de colonização, as hierarquias metropolitanas também deixaram de ser reproduzidas, abrindo espaço a uma nova ética. A forma mais impessoal do capitalismo

---

[30] As considerações para esta parte do trabalho foram retiradas de Lígia Osório Silva. "Fronteira e Identidade Nacional". Os Anais do V Congresso Brasileiro de História Econômica. Caxambu, 2003. Para um estudo mais detalhado do papel da fronteira na construção do espaço e da identidade nacional moderna brasileira, vide Lígia Osório Silva. *A fronteira e outros mitos.* Tese de Livre Docência. Campinas, 2001. Para a tese original, vide Frederick Jackson Turner, *The Frontier in American History.* 3rd edition. New York, Dover Publications, 1996, p. 205.

[31] Holanda, *Raízes...,* Op. cit., p. 38.

não seria, no entanto, possível porque a ruptura com o legado ibérico não seria total.[32] O café encontraria aí o melhor meio, não somente físico, como também moral para se desenvolver, uma vez que seria visto enquanto empresa e não enquanto um instrumento para alcançar títulos de nobreza.

Se seguíssemos à risca a tese, não conseguiríamos explicar, no entanto, porque, a grande parte dos cafeicultores do oeste, vindo do Vale Paraíba e não tendo qualquer ligação com o oeste paulista antes disso, conseguiu aí se adaptar perfeitamente a essa lógica de exploração da terra e ao uso do trabalho livre.[33] Essa observação é fundamental para fugir à idéia de que o caso paulista seria excepcional no quadro de formação do capitalismo brasileiro, caminhando em sentido totalmente oposto ao dos demais estados ou que seria, ainda, a "locomotiva" do país. É preciso pensar que São Paulo é uma peça-chave na formação do capitalismo do Brasil, que não pode fugir, portanto, ao sentido mais geral e se explicar por si mesmo.

O caso desses cafeicultores do Vale que migraram para o oeste é a prova cabal de que parte da explicação não advém somente de um espírito racional que favorece a implantação do capitalismo, mas também das condições materiais e políticas que começaram a mudar a partir de 1870. O processo toma vulto vinte anos após a Lei Eusébio de Queiroz, que extinguia o tráfico negreiro e dava o golpe de misericórdia ao sistema escravista implantado no Brasil. O ano de 1870 marca também a decadência do Vale do Paraíba e o começo da ascensão do oeste paulista.

Mais interessante do que aderir à tese dos determinismos materiais ou à dos determinantes culturais sobre a formação do capitalismo no Brasil, seria tentar entender como tanto os móveis materiais, quanto culturais caminham juntos na configuração de um capitalismo e de uma modernidade específicos. A abolição do tráfico negreiro colocaria o mesmo problema a todas as regiões do Brasil: o de criar urgentemente soluções para o problema da escassez da mão-de-obra escrava.

---

[32] Aqui o autor se aproxima novamente de Turner, para o qual o rompimento total com o legado transatlântico é impossível. (Robert Wegner. "Sérgio Buarque de Holanda e a tese da fronteira". Anais do XXII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 1998).

[33] Segundo Warren Dean, o talento dos empresários paulistas, em princípio, não teria nada a ver com condicionantes culturais, mas, puramente econômicos que se encontraram numa conjuntura histórica extremamente favorável. (Warren Dean. *A industrialização de São Paulo (1880-1945).* Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo, Difel, 1971, p. 45).

A província de São Paulo seria a primeira a resolvê-lo de forma criativa a partir da adoção do trabalho livre, em especial o imigrante. Essa solução dependia terminantemente de sua posição hegemônica no interior da federação e, portanto, das políticas que propiciassem a vinda do estrangeiro. A ausência histórica de escravos negros nessa região, ressaltada por Sérgio Buarque de Holanda enquanto elemento inibidor de uma ética do trabalho, pode ter impulsionado soluções alternativas ao tráfico interno. Se a posse do escravo permitia ao senhor o desfrute do ócio, alimentando seu comportamento aristocrático, a ausência daquela, se não contribuía para uma ética do trabalho, contribuiria, ao menos, para um ética aventureira de predação e deslocamento. Por outro lado, esse caráter móvel da sociedade paulista que, desprendida da terra, a desmistificava, abria a possibilidade de vê-la como um instrumento de exploração e não de enobrecimento, contrapondo-se à visão de mundo afidalgada do colono senhor de engenho.[34] Se, como ressaltado na Introdução, a modernidade periférica tem o objetivo de romper com o legado colonial e com os costumes lusitanos, essa seria uma interpretação bem coerente com o objetivo desse trabalho.

Voltemo-nos agora aos mapas para ver como, fisicamente, evoluiu a cidade de são Paulo e quais acontecimentos estariam por trás desse processo.

1870 é o marco inicial da expansão paulista, sendo 1890 o ponto em que tal expansão atinge o seu ápice. Se olharmos para a tabela demográfica abaixo, veremos que, enquanto em 1872, São Paulo contava com apenas 26.000 habitantes, estes já serão quase 70.000 em 1890. Em 1900, a população apresenta um salto extraordinário para quase 240.000 habitantes, quase dez vezes a população de 30 anos antes.

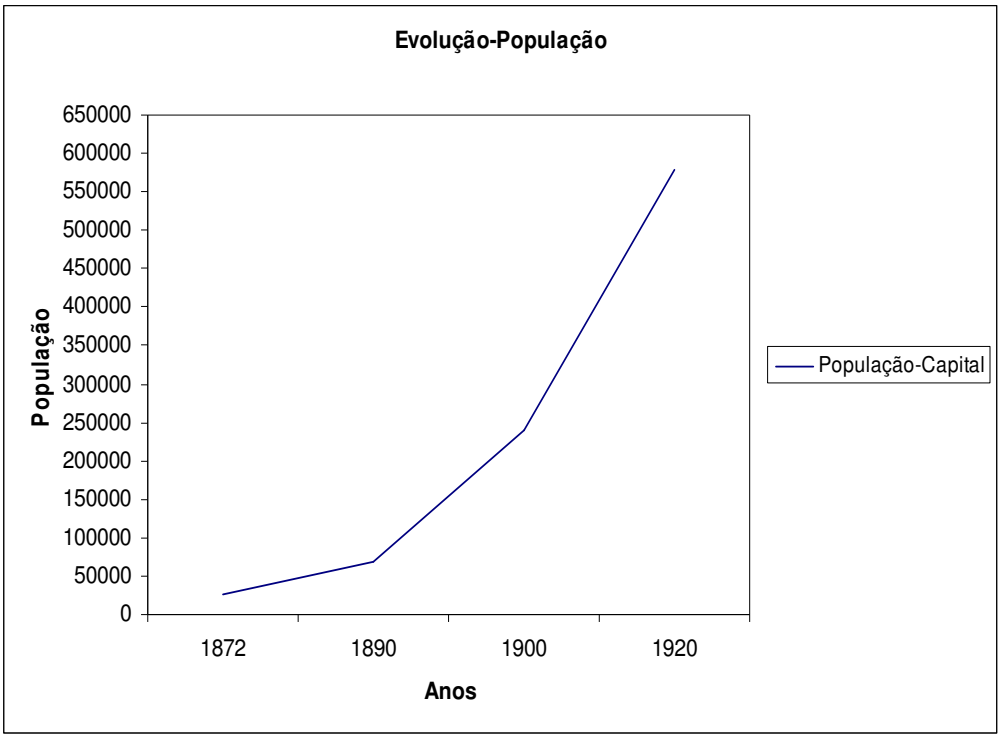
Participação da População sobre o Total do Estado 1872-1890-1900-1920

Anos	Estado	Capital	%
1872	837.354	26.040	3,1
1890	1.384.753	69.934	5,0
1900	2.282.279	239.820	10,5
1920	4.592.188	579.033	12,6

Fonte: *Reconstituição da Memória Estatística da Grande São Paulo.*

[34] Gilberto Freyre. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.* 28a ed. Rio de Janeiro, Record, 1996.

Comparando os dados acima com a curva demográfica seguinte, vemos que, entre 1872 e 1890, a curva de inclinação é bastante sutil e quase linear, aumentando seu ângulo bruscamente entre 1890 e 1920.



Até 1870, São Paulo se situava em uma área bastante restrita, demograficamente esparsa, compreendida entre os rios Tamanduateí e Anhagabaú. Em 1905, assistimos a uma expansão que avança para os limites impostos pelos demais rios: a norte, rumo ao Rio Anhangabaú, a sul, em direção ao Rio Pinheiros, aparecendo os bairros que ocuparão as várzeas e, a leste, rumo ao Tietê.[35] Já em 1925, poderia ser assim delimitada a área urbana: um bloco cujos limites a norte eram compostos pelas vias férreas, a leste, pelo Vale do Anhangabaú, a oeste, pelo Vale do Pacaembu e a sul pelo Espigão da Paulista; a leste do Tamanduateí, tínhamos o Brás, a Mooca e o

[35] Para o censo de 1890 foram criados os seguintes "distritos": Norte e Sul (que correspondiam à Paróquia de N. S. da Assumpção da Sé); Santa Ifigênia e Santana (englobando a paróquia de N. S. da Conceição de Santa Ifigênia); Consolação (N.S. da Consolação de S. João Baptista); Braz (Senhor Bom Jesus de Matosinhos do Braz); N. S. do Ó (N. S. da Expectação do Ó); e Penha de França (N.S. da Penha de França). Neste Censo já não faziam parte do Município de São Paulo as Paróquias de N. S. da Conceição de Guarulhos, N.S. da Conceição de São Bernardo e N. S. do Desterro do Juquery que, mais tarde, passaram a integrar outros municípios ao redor de São Paulo.

Belenzinho, região esta cortada em três pontos por estradas de ferro; na várzea, ao norte das linhas férreas, víamos o Bom Retiro, a Luz e a Baixa Casa Verde; a oeste do Pacaembu, Perdizes, Vila Pompéia, Água Branca, Lapa e o início do Alto da Lapa; bairros novos na margem esquerda do Tietê e na colina da Penha; a sudeste do Espigão da Avenida Paulista, encontraríamos a Vila Cerqueira César, Pinheiros, Vila América e Jardim América; ao sul da mesma avenida, a Vila Mariana; ainda mais ao norte do Tietê, o pequeno núcleo de Santana.[36] [Anexos 1 e 2]

A expansão acompanha, curiosamente, os ciclos econômicos de São Paulo, cujo substrato cultural é um sutil projeto civilizador perpetrado pela elite cafeeira que visava a uma radical transformação da capital compatível com esse projeto. A partir de 1870, data do início da marcha da cafeicultura para oeste, a área urbana assiste ao seu primeiro impulso expansionista a partir dos loteamentos das chácaras que circundavam o núcleo primitivo. Essa primeira expansão tinha dois vetores iniciais: o crescimento dos serviços e das atividades comerciais que se diversificavam com a expansão do café e o surgimento dos bairros residenciais finos, *habitat* da elite enriquecida pelo café, que passava a constituir residência fixa na cidade.

Desde 1888, os estratos sociais enriquecidos com o café passam a estabelecer residência fixa na capital. Primeiramente, essa elite se fixa ao redor do centro, instituindo bairros como Santa Ifigênia e Campos Elíseos. Com a expansão comercial do centro da cidade, passa a procurar lugares mais tranqüilos, estabelecendo-se em Higienópolis, na Avenida Paulista, no Jardim América, inaugurando novos espaços elitistas e maneiras diferentes de habitar.[37] Na visão dos documentos oficiais da época, eram todos "moradores do interior da província que vinham à capital procurando distrair-se da vida atarefada e muitas vezes insípida em lugares ermos e longínquos e que de lá concorriam com o produto de seu trabalho".[38]

Segundo Eurípedes Simões de Paula, a década de 70 do século XIX marcaria uma "Segunda Fundação de São Paulo", tal a revolução que se processaria naquela singela vila de taipa a partir do mandato do prefeito João Teodoro Xavier.[39] Seriam três os fatores responsáveis por essa revolução: um fator de ordem material, a expansão cafeeira, que tornaria São Paulo a

[36] Pasquale Petrone. *São Paulo no século XX,* vol. II, *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana.*. Org. Aroldo Azevedo. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1958, p. 123.
[37] Pierre Monbeig. *Croissance de la ville de Sâo Paulo.* Grenoble, Institut et Revue de Géographie Alpine, 1953.
[38] Atas da Câmara Municipal de São Paulo, LIX. Apud Bruno, *História...,* Op. cit., vol. III, p. 904.
[39] Eurípedes Simões de Paula. "Contribuição Monográfica para o Estudo da Segunda Fundação de São Paulo." In *Revista de História*. São Paulo, FFCL/USP, n. 17, 1958.

província mais rica em princípios do XX; um fator de ordem técnica, as ferrovias, que contribuiria para a integração do estado e para a transposição dos limites entre campo e cidade; e, finalmente, um fator de ordem demográfica e social, os imigrantes.

Em 1885, São Paulo torna-se o maior produtor de café do país e, dois anos depois, em 1887, assiste à entrada de 34.710 imigrantes somente para sua província. Em 1888, ano da Abolição da Escravatura, esse número salta para 92 mil somente para a província de São Paulo, enquanto o país recebia, ao todo, 131.268.

Para se ter uma idéia da dimensão desta estatística, a média de entrada de imigrantes estrangeiros, nos anos compreendidos entre 1866 e 1873, era de somente 21.771, sendo o total recebido pelo país de 304.796 imigrantes. Entre 1881 e 1891, essa seria a cifra somente dos imigrantes radicados no estado de São Paulo, que perfaziam um total de 330.392 pessoas. A cidade de São Paulo saltara de 44.033 habitantes em 1886 para 239.820 em 1900, ou seja, um crescimento de 545%.[40]

Os italianos que, no início do século XX, chegaram a representar mais de 50% da população da cidade de São Paulo, "transformando a Paulicéia em uma cidade italiana",[41] vinham para trabalhar nas fábricas ou no comércio. Muitos deles, dos quais, o exemplo mais notório é Francisco Matarazzo, enriqueceram e passaram a compor os quadros das elites, obviamente, não sem conflito.[42] Tanto que, o estereótipo italiano, "quer pelo seu linguajar, quer pelo seu tipo físico, quer ainda pelos seus usos e costumes característicos: cachimbo, bigodes a Humberto I, boné de pano", passaria a ser motivo de troça nas ruas, nas caricaturas e nas poesias do período.[43]

---

[40] *Reconstituição da Memória Estatística da Grande São Paulo.* São Paulo, Secretaria dos Negócios Metropolitanos-Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo S/A, 1983, p. 166.

[41] *Reconstituição da Memória...*, Op. cit, p. 17.

[42] José de Souza Martins. *Conde Matarazzo: o empresário e a empresa. Estudo de sociologia do desenvolvimento.* São Paulo, Hucitec, 1973.

[43] Juó Banére. *La Divina Increnca* (1915). São Paulo, Editora 34, 2001. Juó Bananére é o pseudônimo literário do engenheiro, poeta e jornalista paulista Alexandre Ribeiro Marcondes Machado. Nasceu em 1895 em Pindamonhangaba, morou em Araraquara, Campinas e em São Paulo onde estudou na Faculdade Politécnica da USP. Ainda no ano em que muda para São Paulo, 1911, Marcondes Machado faz sua estréia no "O Pirralho", substituindo Annibale Scipione, pseudônimo de Oswald de Andrade, que escrevia na mesma seção da revista. Juó Bananére é um sujeito ítalo-paulistano, morador do 'Abax'o Pigues', como era conhecido o bairro do Bexiga, e que possui um falar todo particular e espalhafatoso, numa mistura de português e italiano, que parodiava a fala inculta da primeira leva de imigrantes italianos que ocupou os bairros do Brás, Barra Funda, Bexiga e Bom Retiro, em São Paulo. Inspirava-se nas cenas cotidianas que se passavam na São Paulo do começo do século. Sua biografia foi assunto tratado em livro por Cristina Fonseca. *Juó Bananére: o abuso em blague.* São Paulo, Ed. 34, 2001.

Devido à produção cafeeira monumental de São Paulo, o Brasil passaria, em 1890, ao primeiro lugar na lista dos exportadores mundiais de café. Entre 1890 e 1900, produziria, ao todo, 4.405.000 sacas contra 4.015.000 dos demais países exportadores de café. Só em São Paulo, seria produzida mais da metade dessas sacas: 2.874.900: "O café – que condicionou o desenvolvimento econômico da província – teve assim em São Paulo a sua metrópole indiscutível".[44] [Anexo 3]

Produção Mundial de Café[1]: 1890-1900

Anos	Brasil	Outros Países
1890	4.405.000	4.014.000
1891	5.525.000	3.760.000
1892	7.695.000	4.245.000
1893	6.535.000	4.740.000
1894	5.040.000	4.360.000
1895	7.235.000	4.530.000
1896	6.005.000	4.390.000
1897	9.315.000	4.600.000
1898	11.210.000	4.840.000
1899	9.320.000	4.405.000
1900	9.425.000	4.380.000

Fonte: Edgard Carone. *A República Velha (instituições e classes sociais).* Difel, 1970.
1) em sacas de 60 kg

Produção de Café: 1882/1891

Período	Produção em Sacas
1882-1883	1.837.840
1883-1884	1.929.029
1884-1885	2.106.740
1885-1886	1.508.195
1886-1887	2.346.485
1887-1888	1.202.681
1888-1889	2.510.890
1889-1890	1.972.691
1890-1891	2.874.900

Fonte: *Reconstituição da Memória Estatística da Grande São Paulo,* 1983.

[44] Bruno, *História…*, Op. cit., vol. III, p. 900.

A cidade que, na época colonial era um simples "Arraial de Sertanejos",[45] passando a "Burgo de Estudantes" com a fundação da Faculdade de Direito em 1827, [46] tornava-se agora, "Metrópole do Café". A década de 80 do século XIX iniciaria a reversão do papel que se consagrara até então à cidade na História de São Paulo: o de mero apêndice do campo.[47].

Não podemos nos esquecer, no entanto, que essa reversão só foi possível a partir do advento da estrada de ferro com seu importante papel de encurtar as distâncias entre o campo e a cidade, entre a cidade e o porto. Além de permitir o escoamento rápido da produção do café do oeste pelo porto de Santos, tornando-o o principal porto exportador do estado, a linha férrea ligava a residência urbana do fazendeiro à sua residência no campo, tornando mais próximos família e trabalho. É o caso, por exemplo, de Paulo de Almeida Nogueira que, deixando na capital sua mulher Ester e seus dois filhos, viajava duas, três ou até quatro vezes por semana para suas fazendas no interior. Os motivos eram vários, desde administrativos até enterros de entes queridos, como a morte de Sidrack, irmão do autor, em setembro de 1912.[48] Além das fazendas de café, possuíam também uma usina de açúcar que, em 1900, passaria a se chamar Usina Ester, em homenagem à sua esposa.[49] [Anexos 4 e 5]

O nascimento da ferrovia em São Paulo se, por um lado contribuiu para a integração regional, tornando-o uma província forte, por outro, foi uma conseqüência quase que imediata da expansão cafeeira. De 1867 até 1930, foram implantadas 18 ferrovias, sendo que, as menores, com quilometragem inferior a 100 km, serviam para a captação de carga e sua distribuição pelos ramais férreos maiores.

A primeira ferrovia de São Paulo, a São Paulo Railway, ligando a capital ao porto de Santos, seria estreada em 1870. Com o fim do tráfico negreiro, novos investimentos seriam canalizados para as ferrovias, inaugurando-se, em 1877, a São Paulo-Rio de Janeiro, sob o governo do então presidente de província João Teodoro Xavier. A Sede da Companhia era na cidade do Rio de Janeiro, e tinha como marco inicial a Estação do Norte, no Bairro do Brás. Em 1891, ela foi encampada pelo governo federal, em razão da crise do café do Vale do Paraíba e

[45] Bruno, *História...,* Op. cit., vol. I.
[46] Bruno, *História...,* Op. cit., vol. II.
[47] Morse, *Formação...*, Op. cit.
[48] Paulo de Almeida Nogueira. *Minha vida (diário de 1893 a 1951)*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1955, p. 200.
[49] Nogueira, *Minha vida...,* Op. cit.

passou a se chamar Central do Brasil. A São Paulo-Rio de Janeiro ligaria a cidade de São Paulo à capital federal, pólo civilizador nacional, conferindo maior legitimidade ao primeiro. Quem perfazia o trecho, contava com o conforto próprio daquele que ruma para a capital federal: "Já se sentia ser obrigatório tomar o rumo da Paulicéia, famosa então pela sua academia e pelos seus templos (...) Por volta de 1884, várias melhoras foram introduzidas nos carros de passageiros para proporcionar maior conforto aos usuários. Nos trens de longo percurso, as longas cadeiras de madeira foram substituídas por outras de encostos móveis com assentos de molas guarnecidos com marroquim e capa de linho para se reclinar a cabeça".[50]

Em 1872, prevendo já a grande expansão do café para o oeste, reuniam-se, no Paço da Câmara Municipal de Campinas, os futuros acionistas da Cia. Mogiana. Dentre estes, encontravam-se alguns notáveis barões do café: integrantes da família Prado, Antônio Queiroz Telles, o visconde de Parnaíba, e José Estanislau do Amaral. A ferrovia, que iniciaria suas obras ainda em 1872, com a ligação entre Campinas e Jaguariúna, seguiria para Mogi Mirim, passando por Ribeirão Preto em 1880, por Poços de Caldas, em 1886 e chegando a Franca em 1889. A Mogiana representa o retrato fiel da marcha do café para oeste e do papel dos barões do café na conexão entre o remoto oeste e a grande cidade.

Outra ferrovia a servir inúmeras cidades do oeste paulista, confirmando o paralelismo entre o movimento das lavouras de café e o das estradas de ferro é a Companhia Sorocabana. O primeiro trecho, entre São Paulo, fora construído em 1875, chegando a ferrovia a Presidente Prudente em 1919.

Lembrando a comparação proposta por Caio Prado Jr. entre o mapa das estradas iniciais do estado de São Paulo e o de ferrovias, podemos agora formular uma interpretação mais geral a respeito da importância que a cidade de São Paulo adquiriu nesse contexto de intensa modernização. Não podemos perder de vista que nossa intenção, neste primeiro capítulo, é relacionar o desenvolvimento econômico à modernização da cidade, cujo principal desígnio era o da recriação de sua imagem perante os olhos do estrangeiro e das demais províncias.

O sentido das vias de comunicação não foi mudado, mas, no lugar das linhas anteriores que irradiavam da cidade e iam para outras regiões do estado, apareceram as estradas de ferro.

[50] João Emílio Gerodetti & Carlos Cornejo. *Lembranças de São Paulo – a capital paulista nos cartões-postais e álbuns de memórias.* 3ª edição. São Paulo, Solaris Edições Culturais, 2000, p. 47.

Não somente houve uma substituição exata, mas, mesmo as funções foram mantidas, conservando-se São Paulo no centro das irradiações: "(...) toda esta região que é por sua situação tributária de São Paulo, tem nesta cidade o seu centro natural. Assim, a capital da província, ameaçada momentaneamente na sua hegemonia pela fixação da sua principal riqueza em zonas excêntricas a ela, recupera integralmente sua posição de centro econômico da província. O sistema ferroviário que então se constitui amolda-se, como é natural, a tal estrutura, e é de São Paulo que vão irradiar as novas vias de comunicação".[51] Na visão de um viajante, ainda que num período em que as ferrovias somente se esboçavam pelo estado, São Paulo já estaria destinada a ser o centro das linhas: "Não pode haver dúvida que São Paulo está destinada a ir para frente como capital da província e pivô central das comunicações ferroviárias".[52] O trabalho de distribuição de alimentos antes realizado pelo lombo do muar passaria a ser feito pelas ferrovias, que os transportavam do interior para a capital. Também dentro dos vagões era transportado o café até Santos, de onde saíam os paquetes carregados para distribuí-lo pelo mundo todo, em especial para os países onde a Revolução Industrial corria a todo o vapor e que usavam do café para uma maior disposição de seus operários. [Anexo 6]

A questão dos investimentos ferroviários se explica, no entanto, somente em parte pelo excedente liberado da compra de escravos. A mentalidade fortemente aristocrática dos fazendeiros de café também sofrera mudanças significativas, permitindo uma postura diferente em relação ao investimento. A terra deixara de ser vista somente enquanto um meio de enobrecimento, e, a diversificação de ativos passou a representar uma garantia racional contra as perdas, bastante freqüentes nesses primórdios de capitalismo.[53] Um incipiente espírito capitalista se fora então condensando em torno destes barões, que, no entanto, como a própria ignomínia

[51] Prado Jr., "O fator geográfico...", Op. cit., p. 113.
[52] William Hadfield. *Brazil and the River Plate, 1870-1876.* Sutton, W. R. Church, 1877, p. 169.
[53] A forma como se controla a produção e o comércio é o que diferencia fundamentalmente o empresário do café do empresário do açúcar: "Se se compara o processo de formação das classes dirigentes nas economias açucareira e cafeeira percebem-se facilmente algumas diferenças fundamentais. Na época da formação da classe dirigente açucareira, as atividades comerciais eram monopólio de grupos situados em Portugal ou na Holanda. As fases produtiva e comercial estavam rigorosamente isoladas (...) A economia cafeeira formou-se em condições distintas. Desde o começo, sua vanguarda esteve formada por homens com experiência comercial. Em toda a etapa da gestação, os interesses da produção e do comércio estiveram entrelaçados. A nova classe dirigente formou-se numa luta que se estende em uma frente ampla: aquisição de terras, recrutamento da mão-de-obra, organização e direção da produção, transporte interno, comercialização nos portos, contatos oficiais, interferência na política financeira e econômica". (Celso Furtado. *Formação Econômica do Brasil.* 24ª edição. São Paulo, Ed. Nacional, 1991, pp. 115-116).

nobre indica, não deixariam de ter uma postura tipicamente aristocrática frente a estas conquistas e aos seus patrimônios. De certa forma, é exatamente essa combinação entre uma mentalidade tradicional patrimonialista e uma mentalidade racional moderna que caracterizaria os primeiros elementos de nossa burguesia. Paulo de Almeida Nogueira, em seu diário pessoal, contabilizava todas as perdas e ganhos, enumerando desde os lucros ou prejuízos com a usina, os lucros acionários, até os contraditoriamente vultosos gastos com consumo.

Nesse mesmo ímpeto da diversificação de investimentos, apareceram as primeiras unidades industriais da cidade, mais um elemento da metrópole que nascia e crescia um tanto quanto atropeladamente. Com a indústria viriam os primeiros bairros operários, como Brás, Belenzinho, Mooca, Luz e Bom Retiro,[54] que se estabeleceriam ao longo das vias férreas e nos terrenos de baixa qualidade, como as várzeas, constantemente assoladas pelas enchentes. Os imigrantes podiam agora optar entre o trabalho no campo e a rotina das fábricas da cidade. Muitos deles acabariam rompendo com a sina de operário e chegariam a se tornar grandes empresários, como Matarazzo, por exemplo.[55] [Anexo 7 e 8]

Número de Imigrantes (1885-1899)

Período	Imigrantes
1885-1889	168.127
1890-1894	219.780
1895-1899	415.296

Fonte: *Reconstituição da Memória Estatística da Grande São Paulo*, 1983

Da elite colonial paulista, que quase não se diferenciava dos demais estratos da população,[56] a situação passaria a ser totalmente outra neste final do século XIX. E a escolha da cidade de São Paulo como centro provincial não foi aleatória. Primeiramente, devido aos fatores econômicos e estruturais acima apontados, que tornavam a cidade entroncamento histórico de várias rotas. Em segundo lugar, havia uma escolha arbitrária da parte das elites enriquecidas, que pretendiam eleger uma cidade para residir que, de preferência, também fosse um centro comercial e financeiro. No entanto, se fosse somente por estes motivos, poderia ser Campinas ou Santos.

[54]Edgard Carone. *Evolução Industrial de São Paulo (1889-1930).* São Paulo, Senac, 2001.
[55] Dean, *A industrialização...,* Op. cit., p. 69.
[56] Morse, *Formação...*, Op. cit.

Até 1872, a população de Campinas era parelha à população do município de São Paulo e aí se concentrava o maior número de fazendeiros abastados, entrando na disputa com São Paulo quanto à decisão da sede do governo.[57]

Porém, a partir de 1880, Campinas e Santos seriam fortemente abaladas pela febre amarela, tornando-as praticamente inabitáveis, assim como acontecera com a corte em 1850. Em Santos, mais de 20 mil pessoas morreriam vítimas da malária, febre amarela e varíola entre 1880 e 1890.[58] Em Campinas, o forte surto entre 1889 e 1897 provocaria, finalmente, o êxodo das elites para São Paulo.[59]

Havia um terceiro fator a determinar a centralização de funções em São Paulo, um fator sócio-político crucial, que daria a essa elite controle total do processo de formação capitalista na região: "A cidade guardou fortemente, por muito tempo, as marcas do familismo de elite, a eficácia da rede de parentesco, a endogamia e as lealdades fundamentais que daí decorriam. Os fatores econômicos e sua eficácia se determinavam por essas mediações sociais poderosas. E elas foram essenciais na conversão da elite de proprietários de terra e fazendeiros de café numa elite empresarial diversificada e dinâmica, capaz de compreender e administrar as diferentes funções do capital numa economia moderna: o capital agrícola, o capital comercial, o capital industrial, o capital financeiro".[60] Tal explicação sugere, por sua vez, um novo elemento no esclarecimento dos motores da diversificação dos investimentos, não os tomando como um mero dado de um

[57]Segundo José de Souza Martins, as escolhas ainda se fariam por motivos climáticos e/ou higienistas: "Campinas era muito quente e Santos vivia assolada por febres". (José de Souza Martins. "O migrante brasileiro na São Paulo estrangeira". Cap. 5 de Porta (org.), *História da Cidade de São Paulo,* Op. cit., p. 184).

[58] "A situação era calamitosa. Entre 1890 e 1900 morreram vítimas das epidemias 22.588 pessoas. Este número correspondia a mais ou menos metade da população da cidade. O estado de calamidade fazia com que os navios que atracassem no porto tivessem que fazer quarentena afetando a principal fonte de riqueza da cidade - o comércio". (Ana Lúcia Duarte Lanna. *Uma cidade na transição. Santos: 1870-1913.* São Paulo; Santos, Hucitec; Prefeitura Municipal de Santos, 1996, pp. 69-83)

[59] Cândido Malta Campos. *Os rumos da cidade – Urbanismo e Modernização em São Paulo.* São Paulo, Ed. Senac São Paulo, 2002, p. 53. Sobre a epidemia de febre amarela que assolou Campinas, vide Ricardo de Souza Campos Badaró. *Campinas: o despontar da modernidade.* Campinas, Unicamp, 1996, pp. 30-32. A febre amarela que assolou Campinas em 1889 também é *leitmotiv* do romance de Eustáquio Gomes: "Nos dias negros, com as esquinas desertas clareadas por fogueiras de alcatrão, podiam ser vistos pelas ruas dois ou três tílburis, não mais. Dentro, sonolentos, sacolejavam os médicos entre baforadas de charutos. Iam de um extremo a outro da cidade contabilizando o mortos (...) em 89 isto já era uma legítima região intertropical, propícia às doenças e à prevaricação. Para piorar, os hotéis andavam cheios e proliferavam os cortiços. Mas posava de capital agrícola da província e dizem que a febre veio por pura mandinga paulistana". (Eustáquio Gomes. *A Febre Amorosa - Romance Bandalho.* 2a edição. São Paulo, Geração Editorial, 2001, p. 3-10)

[60] Campos, *Os rumos...,* Op. cit.

espírito capitalista em geral, mas de um tipo bastante especial, que se inventa a partir de suas tradições.

Escolhida a cidade de São Paulo por ser cruzamento de vias, centro econômico, comercial e financeiro, morfologicamente e climaticamente propícia, restava fazer dela também um centro cultural. Tal projeto era parte do mesmo processo civilizador enunciado na Introdução deste trabalho, cujo significado, se historicizado, remete à questão da superação do passado colonial em contexto periférico. O próximo item trabalha a meta inicial para a execução desse projeto de nação civilizada: a reforma urbana.

1.3 A reforma urbana: modernização, embelezamento e racionalização.

Conforme diz Cândido Malta Campos em seu livro *Os rumos da cidade – Urbanismo e Modernização em São Paulo,*[61] apesar de a periodização "cidade de taipa"-"metrópole do café" ser útil, ela esconde as descontinuidades e contradições internas que marcaram a passagem de uma situação para outra.[62]A cidade de São Paulo ao cabo do século XIX é, na verdade, fruto de um projeto que, em meio a tantos conflitos, acaba por predominar, estabelecendo, então, tanto descontinuidades como continuidades em relação ao passado.

Estas descontinuidades são engendradas porque, em contexto periférico, as capitais de finais do XIX se produziram direcionadas por uma utopia determinada:[63] a utopia da superação do passado colonial e da consecução da civilização. Contudo, o mero transplante dos modelos europeus de urbanização jamais poderia chegar à sua plenitude por serem outros os determinantes dos contextos em que eram implantados: "Enquanto a posição subordinada e dependente do país facilitava, ao longo da primeira metade do século XX, a transferência dos conteúdos do urbanismo moderno, a efetiva aplicação de muitos de seus princípios (...) tornava-se problemática. Os projetos modernizadores locais não partilhavam as prioridades que presidiam às

[61] Idem, ibidem.
[62] "Embora útil essa periodização não deixa de apresentar alguns perigos. A projeção ideal das características marcantes de cada fase alimenta a ilusão de totalidades coesas sucedendo-se sobre o mesmo espaço. Perdem-se de vista as disputas e contradições internas presentes em cada momento, a existência de direções divergentes nos caminhos que poderiam pautar a evolução urbana". (Idem, ibidem, p. 18)
[63] Heliana Angotti Salgueiro. *La casaque d'Arlequin: Belo Horizonte, une capitale écletique au XIXe siècle*. Paris, Éd. de l'EHESS, 1997.

reformas urbanísticas do Hemisfério Norte, como o reformismo social, a integração fordista e a racionalização do espaço urbano no interesse do capital produtivo".[64]

Dessa forma, os projetos de urbanização do século XIX, que perpassariam várias das capitais brasileiras, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador e Manaus, não podem ser entendidos senão pelo *dilema da modernização*, que consiste na implantação de modelos análogos aos das sociedades centrais sem que, no entanto, aqui se verifiquem os mesmos alcances quando de sua aplicação.[65] A perpetuação de algumas condições estruturais, como a grande propriedade fundiária, ainda que trabalhada pela mão-de-obra livre, torna o cenário completamente diferente daquele visto nas economias centrais. Enquanto, nestas, o urbanismo aparece como resposta aos requisitos da cidade que se industrializa e precisa garantir as condições de reprodução da força de trabalho, em contexto periférico, o urbanismo se atrela à sociedade agrária que se moderniza e à necessidade de sua inserção no sistema capitalista mundial.[66]

A transformação do papel das cidades, em especial das capitais, no interior das economias agrário-exportadoras tinha uma função crucial: "a emulação de padrões europeus definia o *status* dos espaços dominantes na hierarquia urbana e comercial que amparava o sistema internacional de trocas".[67]A cidade, que se transformava em centro financeiro, comercial e pré-industrial, precisava ser vista com bons olhos.

De outro lado, a elite que ali habitava ansiava à mudança de modos e costumes para que também deixasse de ser vista como provinciana. Se, no plano das reformas urbanas, o urbanismo moderno, inspirado nas transformações haussmannianas em Paris, era o responsável por mudar a feição das capitais, no plano do consumo, os padrões estrangeiros eram responsáveis por civilizar a elite. As duas transformações estão profundamente interligadas já que a cidade, uma vez adquiridos os traços cosmopolitas, também se associa a novos padrões de consumo tipicamente

---

[64] Campos, *Os rumos da cidade...*, Op. cit., p. 20.
[65] Salgueiro, *La casaque...,* Op. Cit., p. 8.
[66] "As diferenças residem no fato de que São Paulo, como outras tantas cidades, era um centro periférico no sistema capitalista industrial da segunda metade do século XIX. Assim, a nosso ver, a adoção, aqui, dos padrões haussmannianos prende-se muito menos àqueles objetivos que presidiram o estabelecimento do modelo na França (circulação e visibilidade como soluções de zoneamento e controle para os problemas sociais dos novos aglomerados urbanos) do que às necessidades de inserção no sistema capitalista mundial". (Heloisa Barbuy. *A Cidade-Exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo, Edusp, 2006, p. 72).
[67] Idem, ibidem, p. 22.

urbanos: «La typologie, la hiérarchie des « villes se fondent sur l'échange, la concentration des richesses, la circulation monétaire. La demande instaure une géographie et une société. (...) c'est la consommation qui fonde la croissance à partir d'une 'manière de vivre'. Les habitants, anciens ou nouveaux, sont confrontés à de nouveaux comportements et acquièrent de nouvelles habitudes ». [68] Aliás, na sociedade capitalista e moderna, a cidade é em si mesma objeto de consumo. Pela observação arguta do *flâneur* que passeia pela cidade capitalista e seus espaços urbanos passíveis de serem "consumidos pelos olhos", elabora-se a síntese dialética entre consumo e cidade: «Cette fantasmagorie, qui la fait apparaître tantôt comme un paysage tantôt comme une chambre, a inspiré par la suite le décor (...) qui rendent la flânerie elle-même profitable au chiffre d'affaires. (...) *Dans la personne du flâneur l'intelligence se rend au marché, croyant simplement y faire un tour mais en vérité déjà pour y trouver un acheteur.* A ce stade intermédiaire où elle [la fantasmagorie] a encore des mécènes mais commence déjà à se familiariser avec les lois du marché, elle constitue la bohème ». [69]

O conflito entre a transformação forçada das capitais - que visa menos ao alívio da exclusão social do que à transformação da cidade em "vitrine" - e o seu crescimento desordenado reproduz o velho embate entre modernidade e modernização. Destituída dos condicionantes históricos, revoluções e reformas estruturais, que dêem lugar à transição para uma sociedade inclusiva, a sociedade periférica acaba por optar pela solução mais rápida, a que permita uma transformação da imagem da cidade sem que se revolucionem suas estruturas. Desse modo, os conflitos são reproduzidos em outra escala, ao invés de minimizados pelas reformas urbanas, e a modernidade efetiva acaba sendo adiada porque incongruente com o projeto modernizador adotado: "O dilema da modernização periférica nos condenaria a sempre perseguir o moderno sem nunca atingir a modernidade – a qual pressupõe uma ruptura estrutural, não apenas nas hierarquias sociais internas, mas também no que se refere à própria estrutura que preside ao princípio modernizador, distinguindo centro e periferia, desenvolvimento e atraso".[70]

---

[68] Daniel Roche. *Histoire des choses banales. Naissance de la consommation au XVIIe-XIXe siècle.* Paris, Fayard, 1997, p. 50.

[69] Walter Benjamin. *Paris capitale du XIXe siècle. Le livre des passages*. 3e édition. Paris, Éd. du Cerf, 2006, p. 42. Grifos nossos.

[70] "A visão modernizante escamoteia, portanto, as contradições que marcam a urbanização capitalista, assim como as contradições estruturais – revoluções políticas, rupturas históricas, lutas de classe – que definem a própria modernidade. Vendo tais conflitos como meras dificuldades temporárias, a perspectiva da modernização inverte a

Além disso, a modernidade em seus moldes europeus não pode aqui se reproduzir porque incongruente com as intenções dos grupos dominantes que ainda se sustentam sobre uma base agrária: "Na modernização periférica, a transformação jamais será completa, pois parte de um modelo de modernidade que nunca poderá ser adotado *stricto sensu* sem que sejam questionadas as próprias bases de sustentação do grupo modernizante".[71] À modernidade periférica chamaremos de "modernidade restrita" por não conseguir se sustentar em conquistas universais, em razão do processo modernizador acelerado que recria mais rapidamente a exclusão do que os meios para que esta seja superada. Uma outra característica dessa modernidade é a inversão de esferas e de funções, por exemplo, a tradicional inversão entre esferas pública e privada que continua a existir no contexto urbano republicano, a despeito de seu discurso universalista.

Uma outra inversão evidente da modernidade periférica é quanto às relações entre consumo e produção, que, ao invés de contribuírem para a generalização de padrões antes restritos, constituindo um mercado de massa, reproduzem *ad infinitum* a estratificação do mercado interno. As clivagens remontam ao acesso privilegiado de alguns grupos aos produtos estrangeiros de melhor qualidade, enquanto os demais recorrem aos produtos nacionais, muitas vezes, de qualidade muito inferior. Tais clivagens se mantêm porque a terra continua a ser vista como um meio de nobilitação, o liberalismo adotado continua a acentuar a vocação heteronômica da nação e as heranças da escravidão continuam a deixar seus traços em novas formas de exclusão social. Isso impede que a sociedade goze de uma dinâmica ininterrupta entre diferenciação e generalização de padrões.

Em síntese, a cidade moderna, em contexto periférico, nasce sob o signo de uma utopia, a utopia da construção de uma sociedade moderna. Não obstante, os instrumentos utilizados para levar tal projeto a cabo acabam por perpetuar a condição do atraso, reproduzindo a exclusão social em uma escala mais ampla. A seguir, veremos como essa exclusão social já começa com a transplantação do modelo haussmanniano para a cidade de São Paulo, e, então se prolonga nos padrões de consumo, a serem estudados no capítulo quarto. O consumo nesse contexto não pode ser separado da construção da cidade porque ambos têm um papel fundamental na compreensão do nascimento do capitalismo e da modernidade periféricos.

---

visão da modernidade, transmutando suas fraturas num mero salto temporal: a distância entre a situação 'atrasada' existente e um futuro modelar". (Campos, *Os rumos da cidade...,* Op. cit., p. 26).

[71] Idem, ibidem, p. 22.

1.3.1 A cidade que se moderniza

A questão da modernização das cidades em finais do século XIX relaciona as transformações urbanísticas aos avanços das Revoluções Industriais. Nesse sentido, a cidade é um campo de aplicação das últimas conquistas do capitalismo, como as novas fontes de energia (carvão, gás, eletricidade), novas técnicas produtivas (mecânica, maquinário a vapor), transportes (canais, ferrovias, pontes metálicas, viadutos) e novos processos de comunicação, que dão um sentido novo à forma de habitar em cidades (imprensa diária, telégrafo).

A modernização da cidade de São Paulo começou com o governo do presidente de província João Teodoro, justamente durante o período de expansão do café. Nesse período, preocupou-se com a transformação da imagem da cidade que precisaria se tornar condizente com seu potencial de crescimento. São Paulo deveria se transformar em centro econômico, político e cultural de toda a província, atraindo para si os detentores do capital: "A capital, engrandecida, chamará a si os grandes proprietários capitalistas da província, que nela formarão seus domicílios (...) O comércio lucrará, ampliando seu consumo. As empresas se fundarão (...) homens ricos e abastados procurarão comprar casa de elevado preço na capital para (...) gozarem por algum tempo das comodidades que oferece".[72]

Dentre os melhoramentos da cidade, ressaltam-se o alargamento e a construção de ruas de forma a facilitar o acesso às estações ferroviárias da Luz e no Brás. Além disso, foi durante o seu governo que se promulgou o primeiro Código de Posturas (1875), que fixava os limites para a expansão das casas. Foi imposta a largura mínima das ruas e a altura mínima para as edificações particulares: "Tudo isso foi proibido (...) pelo Código de Posturas (de 1875), que passou além disso a não permitir construções de ranchos cobertos de sapé, capim ou palha, casas de meia-água dentro da cidade e sótãos de cumieira para frente".[73] Trata-se de uma das primeiras manifestações

[72] "Relatório apresentado pelo presidente da província Dr. Theodoro Xavier de Mattos à assembléia Provincial em 14 de fevereiro de 1875", apud Eugênio Egas, *Galeria dos presidentes de São Paulo: período monárquico (1822-1889).* vol. II. São Paulo, O Estado de São Paulo, 1926, p. 499, 3 vols. A transferência de proprietários de terra para as cidades, procurando usufruir de um novo modo de vida, é um processo geral também retratado por Daniel Roche na formação da sociedade urbana francesa: "L'attraction exercée par la ville sur les propriétaires était justifiée par la 'jouissance d'une agréable société'". (Roche, *Histoire...,* Op. cit., p. 49)

[73] Bruno, *História...,* vol. III, Op. cit., p. 920. Ainda sobre o Código de Posturas de 1875, vide Antônio Egídio Martins. *São Paulo Antigo (1554-1910).* Org. Fernando Góes. Pref. e notas Byron Gaspar. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1973, p. 123.

do conflito entre público e privado em contexto urbano. Tal manifestação reproduz, em certa medida, as mesmas dificuldades do poder público metropolitano em impor limitações ao poderio local do colono, cuja ineficácia resultou na inversão das esferas pública e privada, observada, no século XVII, por Frei Vicente do Salvador.[74] As heranças coloniais conformam estruturas que se reordenam a todo o momento, configurando uma modernidade específica.

Um dos exemplos clássicos destes embates entre público e privado foi a demolição do sobrado do Barão de Tatuí em 1888 para a construção do Viaduto do Chá, que seria inaugurado em 1892. A idéia inicial de Jules Martin, litógrafo francês radicado em São Paulo, era a de construir um viaduto que ligasse o "triângulo" formado pelas ruas Direita, São Bento e Imperatriz ao Morro do Chá. A essa construção se opunha Francisco Xavier Pais de Barros, o Barão de Tatuí, pertencente a uma das famílias mais tradicionais do estado de então. O conflito, que começara em 1877, arrastar-se-ia por cerca de 10 anos até que a demolição daquele sobrado de taipa fosse cumprida. Seria a primeira vitória do poder oficial sobre o poder dos particulares.

O que faltava, no entanto, a esse poder público era a capacidade em integrar as diferentes regiões da cidade, proporcionando a qualidade dos espaços públicos e sua funcionalidade dentro do conjunto urbano. A cidade carecia de um meio de transporte eficaz, que conseguisse integrar minimamente os bairros principais às estações ferroviárias; de saneamento de base; de um conjunto de ruas que facilitasse a circulação de veículos; do aterro das várzeas, constantemente assoladas por enchentes e do próprio embelezamento da cidade, fundamental na construção de uma boa imagem no exterior.

Como forma de integrar todas essas transformações em uma única, João Alfredo Correia de Oliveira, presidente da província de São Paulo em 1885-1886 e, em seguida, chefe do Gabinete da Abolição (1887-1886), incluiu a proposta de um *Boulevard Circular* em seu relatório à Assembléia Provincial em 1886.[75] "Esse esquema ambicioso prefigurava soluções viárias

[74] "Notava as cousas e via que mandava comprar um frangão, quatro ovos e um peixe para comer e nada lhe traziam, porque não se achava na praça nem no açougue e, se mandava pedir as ditas coisas e outras mais às casas particulares, lhas mandavam. Então disse o bispo: verdadeiramente que nesta terra andam as coisas trocadas, porque toda ela não é republica, sendo-o cada casa." (Frei Vicente do Salvador. *História do Brasil*, Op. cit., p. 17).

[75] Sobre a vida de João Alfredo, que começou integrando as correntes progressistas da política imperial para passar à cabeça do movimento abolicionista no Brasil, vide Balduíno Coelho. "O Conselheiro João Alfredo", em *Revista do Brasil,* n. 44, vol. IV, São Paulo, agosto de 1919, pp. 291-304.

'circulares' que integrariam a prática urbanística em São Paulo. Propunha-se a resolver não apenas problemas de circulação, mas também questões sanitárias e estéticas".[76]

Embora tal obra não tenha sido executada, é possível traçar as influências que sobre ela pesaram, em particular a ligação de João Alfredo com o engenheiro Pereira Passos em 1874, posteriormente prefeito do Rio, Pereira Passos, em 1874. Pretendia-se, no projeto do *Boulevard Circular*, realizar um plano de regularização, saneamento e extensão da capital, promovendo a abertura de avenidas que transpassariam o centro da cidade. Tal *boulevard* lembra a criação do *Ringstrasse* de Viena, obra de inspiração modernista construída em finais do século XIX e que procurava integrar de forma criativa as áreas antes isoladas da cidade.[77]

A influência de João Alfredo e de seus princípios de racionalização urbana se verificariam ainda nas gestões subseqüentes. Sua gestão, embora breve, lançou as bases para a modernização de São Paulo. Foi criada uma Comissão Geográfica e geológica, chefiada por Orville Derby; organizado um levantamento estatístico da província; e, em 1886, elaborado um novo Código de Posturas que substituiria o de 1875.

Além disso, a ligação de João Alfredo com Antônio da Silva Prado, nomeado chefe dos gabinetes da Agricultura e dos Estrangeiros por aquele, seria definitiva no encaminhamento da Abolição da Escravatura. Tanto que, à participação de João Alfredo no Gabinete da Abolição segue-se o fim da escravidão em 1889. A este acontecimento, sobrevém um outro de importância crucial: a promulgação da Constituição de 1891, que ampliava enormemente as atribuições da esfera estadual. A partir destes dois fatos, São Paulo passava a ser cabeça da economia e da política nacionais e, para isso, precisava ter uma cidade apresentável e com eficientes estruturas de circulação que agilizassem as trocas comerciais. A gestão do Conselheiro Antônio da Silva

[76] Campos, *Os rumos da cidade...,* Op. cit., p. 56.

[77] A grande inspiração do *Ringstrasse* foi a revolução de 1848, que depôs o Imperador Ferdinando e o Príncipe Metternich, exilados por vários anos. Sob o governo do novo imperador Franz Josef, intelectuais liberais começaram a trabalhar para que o *Ringstrasse* tomasse forma. Da mesma forma como as transformações haussmannianas em Paris durante o Segundo Império foram o resultado de uma era de renovação e embelezamento urbanos, assim também se dá com o *Ringstrasse.* Embora muitos edifícios para as classes altas tenham sido construídos durante essa reforma urbana, também houve melhor abastecimento de água para as classes baixas. A respeito das transformações de Viena do final de século, vide Carl E. Schorske. *Vienne, fin de siècle: politique et culture.* Paris, Seuil, 1983.

Prado seria de importância categórica para essa transformação, protagonizando, juntamente com a gestão de Raymundo Duprat, uma terceira fundação de São Paulo.[78]

1.3.1.1 Os transportes na Paulicéia

Os primeiros bondes puxados a burros chegaram a São Paulo também no governo João Teodoro, em 1872, ano das muitas transformações na dimensão infra-estrutural. Em determinados pontos, fazia-se a muda dos animais para lhes dar de comer e beber. Alguns garotos ficavam esperando nas bifurcações já que, em troca do auxílio na muda, conseguiam passagem de graça até o ponto desejado.

A sete de maio de 1900 seria inaugurado o primeiro bonde elétrico, ligando o Largo São Bento ao terminal Barra Funda. Outras linhas se seguiriam a esta, associando-se a cada uma delas uma cor de lâmpada, o que permitia que os bondes circulassem até altas horas da noite. À linha Barra Funda seria dada a lâmpada vermelha; à do Bom Retiro, a lâmpada azul; a linha da Ponte Grande seria colorida com a luz verde; e, as linhas Vila Buarque e Avenida receberiam, respectivamente, as cores amarela e branca. Se, durante o período de vigência da tração animal, foram construídos ao todo 60 km de linha, a *Light*, somente neste primeiro ano de tração elétrica construiria 56,3 km de linha.[79]

A inauguração da linha de bondes da Avenida Paulista seria ovacionada, como se aí, as conquistas materiais da cidade se equiparassem às conquistas materiais mundiais. Os jornais a anunciavam eufóricos: "*The São Paulo Railway Light & Power CO. LTD*. Inauguração Hoje dos bondes elétricos da avenida Paulista. Esta nova linha oferece ao público um longo e esplêndido passeio, passando pelos pontos mais aprazíveis desta capital, partindo do Largo do Ouvidor e seguindo em toda a extensão da Avenida Paulista. O público poderá aproveitar a excelente

[78] "Dentro, ainda, da primeira década do século XX, registrou-se o que poderíamos denominar de terceira fundação da cidade. (...) Na realidade, sob a administração dos prefeitos Antônio Prado e Raimundo Duprat, passou a cidade por tais transformações urbanísticas e recebeu tais melhoramentos que somos levados a compará-los aos realizados durante a Presidência de João Teodoro". (Petrone, *São Paulo no século XX*..., Op. cit, p. 121)
[79] http://br.geocities.com/bonde103/Hbd3.html

condução de bondes elétricos, fazendo magníficas excursões pelo bairro mais pitoresco desta capital".[80]

A chegada do bonde elétrico foi uma verdadeira sensação. Em crônica escrita na revista *A Semana,* Machado de Assis tenta apreender a profusão dos sentimentos gerados pela novidade a partir da conversa entre dois burros, antes puxadores dos bondes de tração e que, agora, estavam prestes a se aposentar. No gesto do cocheiro, o escritor sintetiza o conflito premente entre a tradição, representada pelo bonde de tração animal, e a modernidade, representada pelo bonde elétrico: "Para não mentir, direi o que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu *bond* [puxado a burro], com um grande ar de superioridade. Posto não fosse feio, não eram as prendas físicas que lhe davam aquele aspecto. Sentia-se nele a convicção de que inventara, não só o *bond* elétrico, mas a própria eletricidade".[81]

Em suas memórias, Oswald de Andrade tenta expressar as sensações provocadas pela chegada do bonde elétrico, um misto entre admiração e medo: "Uma febre de curiosidade tomou as famílias, as casas, os grupos. Como seriam os novos bondes que andavam magicamente, sem impulso exterior? Eu tinha notícia pelo pretinho Lázaro, filho da cozinheira de minha tia, vinda do Rio, que era muito perigoso esse negócio de eletricidade. Quem pusesse os pés nos trilhos ficava ali grudado e seria esmagado facilmente pelo bonde. Precisava pular (...)".[82] Os primeiros bondes elétricos atemorizavam as pessoas porque era comum se escutar que, em outros países, na Alemanha, por exemplo, "o bonde dera choque em muita gente".[83] A *Light*, para quebrar com essa mística do bonde e atrair passageiros, concedia, em troca da passagem de 200 réis, um cupom com direito a presentes para os que fossem sorteados. Ao encampar o serviço dos bondes a burro da Companhia Viação Paulista, a *Light* aboliria, entretanto, as premiações.

---

[80] *O Estado de São Paulo,* 17/06/1900.

[81] Machado de Assis. Crônica de 16/10/1892. *A Semana.* (1892-1897). In *Obras Completas de Machado de Assis*, vol. I. São Paulo, W. M. Jackson Inc. Editores, 1959, 3 vols.

[82] "Anunciou-se que São Paulo ia ter bondes elétricos. Os tímidos veículos puxados a burros, que cortavam a mesma cidade, iam desaparecer para sempre. Não mais veríamos, na descida da ladeira Santo Amaro, frente à nossa casa, o bonde descer sozinho, equilibrado pelo breque do condutor. E o par de burros seguindo depois". (Oswald de Andrade. *Um homem sem profissão: memórias e confissões: sob as ordens de mamãe* (1954). In *Obras completas de Oswald de Andrade.* São Paulo, Ed. Globo, 2002).

[83] Fernando Portela*. Bonde – Saudoso paulistano*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2006, p. 34.

Em 1906, os bondes de tração animal desaparecem no centro da cidade, mas continuam a servir os bairros afastados, por conta da ausência da tração elétrica. Em 1907, os habitantes de Santana, revoltados pela exclusão do bairro do programa daqueles que seriam servidos pela linha elétrica, revoltam-se em 1907, apedrejando e depredando os bondes puxados a burros. A revolta se deu em janeiro e, em maio de 1907, era implantada no bairro a primeira linha de bondes elétricos. Enquanto isso, os moradores, na maior parte imigrantes italianos, iam ao trabalho a pé.[84]

Para se ter uma idéia da dimensão da cobertura atingida pelos bondes, em 1900 a *Light* possuía 15 bondes de passageiros, e alguns outros de serviço. Em 1910 havia um total de 152 bondes de passageiros, 49 reboques, e 12 bondes de serviço.

Evolução da frota de bondes da *Light* na cidade de São Paulo

1900..... 15 carros	1907..... 81 carros
1901..... 46 carros	1908..... 105 carros
1903..... 64 carros	1910..... 201 carros
1904..... 71 carros	1939..... 567 carros

Fonte: www.wvp.hpg.ig.com.br, acessado em 05/02/08

Para os bairros aristocráticos, a relação do morador com o bonde era totalmente diferente daquela dos bairros populares. Os jardineiros das famílias abastadas esperavam o bonde à frente da casa e, quando este chegava, iam chamar o patrão: "Na Avenida Paulista, os moradores mandavam os jardineiros à porta, ao fim do almoço, para esperar o bonde. (...) Quando se aproximava o bonde, o jardineiro mandava parar e corria para casa, a avisar o patrão, que vinha apressado, acompanhado pela mulher, despedia-se dela, tomava o bonde, cumprimentava os outros nove passageiros, todos seus conhecidos, e palitava os dentes".[85]

Igualmente aos demais elementos da rede infra-estrutural, o desenho das linhas de bondes comprovava a concentração dos serviços nos bairros elitistas. Não à toa, a primeira linha de bondes elétricos, antes de chegar ao ponto final na Barra Funda, passava pela Alameda Barão de

[84] *Memória Estatística,* Op. cit.
[85] Jorge Americano. *São Paulo naquele tempo 1853-1915.* São Paulo, Saraiva, 1957, p. 210.

Limeira, onde ficava a Chácara do Carvalho, propriedade do Conselheiro Antonio Prado.[86] O mesmo acontecia com as outras linhas, que se situavam nas direções mais adequadas ao deslocamento da classe mais abastada, para a realização de seus lazeres e afazeres. A esse respeito, é bastante ilustrativa a observação do cronista Jorge Americano: "Não me lembro se havia a linha da Mooca, mas penso que sim, por causa das corridas no Hipódromo. Ou porque a Mooca fosse bairro fino, habitado por gente que tinha dinheiro para andar de bonde".[87] Além disso, é ao longo das linhas de bonde onde se concentra o principal comércio.

Embora a infra-estrutura urbana reproduzisse a desigualdade social, o bonde em si constituiu-se num dos poucos espaços democráticos criados pela metrópole. Nele se via o rico de fraque e cartola viajando ao lado do pobre trabalhador de usina. Embora os preços pudessem ser diferentes - 200 para a viagem no carro e 100 no reboque -, não eram abusivos – a não ser no início - e, qualquer um poderia viajar de bonde: "O padre, a moça, o velho, a velha, a criança, o jovem perdido; e o ciúme, a traição, o crime; a ambição, o pânico, a humilhação; todos os movimentos sociais, reivindicatórios; a religiosidade – os santos e os canalhas."[88] Em versos de *Lira Paulistana*, de Mário de Andrade, o traço democrático aparece no anonimato do viajante de bonde, que emerge do encontro com os demais passageiros:

O bonde abre a viagem
No banco ninguém
Estou só, e estou sem.
Depois sobe um homem,
No banco sentou,
Companheiro vou.

[86] "Anunciava-se que a primeira linha construída era a da Barra Funda. É pra casa do prefeito! - O bonde deixava o Largo de São Bento, entrava na Rua Libero Badaró, subia a Rua São João, entrava na Rua do Seminário". (Oswald de Andrade, *Um homem...,* Op. cit.)
[87] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 206.
[88] Portela, *Bonde...*, Op. cit, p. 29.

O bonde está cheio.
De novo, porém,
Não sou mais ninguém.[89]

Também Amadeu Amaral, em seu livro *Memorial de um passageiro de Bonde,* traz as recordações dos cruzamentos sociais que se efetivavam no interior dos bondes e como todos acabavam por se reduzir a um só estatuto: o de passageiro.

> "Viajei ao lado de um homem que, pela casca, devia ser negociante de secos e molhados. Era, de fato. Cheirava a suor, tinha os dedos grossos e encardidos, trazia um casaco de casimira cinzenta semeado de respingos, coscorões e tintas de várias cores (...) *No bonde, o Sr. Joaquim já não é um negociante, é um passageiro.* Aí, já não sente os limites que de ordinário lhe circunscrevem a personalidade, pungindo-lhe a carne; dá liberdade ao corpo; reveste, como uma roupa larga, os gestos e modos comuns do passageiro. A este não lhe incumbem senão três coisas: pagar a passagem, não fumar nos três primeiros bancos, e só ocupar o lugar de uma pessoa (...) . De resto, todos iguais perante o condutor e o motorneiro. Todos podem ser brutos, dentro das regras, bastante amplas, que presidem a vaga polícia dos carros. - O Sr. Joaquim está igualmente compenetrado deste princípio, que da mesma forma já se lhe incorporou à maquinalidade dos reflexos".[90]

Não raro, a origem social se mostra nos trajos portados pelo passageiro do bonde. Acima, o negociante, talvez um imigrante, porta casimira suja e tem dedos encardidos, o que denota sua profissão. Tem até mesmo o direito de ser um bruto. Mas logo, tal estatuto é anulado porque, no interior do bonde, todos são passageiros e, portanto, iguais, submetidos às mesmas regras que regem a circunscrição específica do bonde.

---

[89] Mário de Andrade. *Lira Paulistana* (1944). In Mario de Andrade. *Poesias Completas.* 3a ed. São Paulo, Martins, 1972, p. 391.
[90] Amadeu Amaral. *Memorial de um passageiro de bonde*. São Paulo, Hucitec, 1976.

É claro que bondes de luxo, destinados exclusivamente ao deslocamento das elites, seriam colocados em circulação pela *Light*. Em 1906, chegava ao porto de Santos um bonde luxuosíssimo encomendado pela *Light* à empresa norte-americana St. Louis. Pintado na cor azul, o *truck* duplo vinha com janelas em arco, salão de bufê, gabinete, lavabo e o nome *Ypiranga* gravado em letras douradas. A viagem inaugural foi momento de grande euforia nos domínios da elite paulistana, tendo o bonde recebido a benção do Cardeal Arcoverde. O uso do *Ypiranga* era reservado para os dias festivos ou às sextas-feiras, quando transportava os diretores da Light para seu *weekend* em Santo Amaro. Depois, passou a ser alugado para festas de casamentos e batizados realizados pelas famílias abastadas. Só para se ter uma idéia da disparidade de tratamento entre os estratos sociais, um bonde destinado ao transporte de operários, operando com tarifas reduzidas, seria lançado pela *Light* somente em 1909. Era o primeiro bonde produzido pela empresa no Brasil e, não por coincidência, seria destinado ao transporte de operários.

O interessante é que o interior do bonde reproduz em proporções menores as contradições que atravessavam a sociedade paulistana naquele momento. Nesse sentido, não deixa de ser curiosa a observação de Nicolau Sevcenko a respeito da relação entre o bonde e a inversão de esferas característica da modernidade periférica. O autor comenta uma crônica escrita por Machado de Assis na revista *A Semana*, ressaltando a violação da regra de não fumar dentro do bonde, por sinal, uma das regras citadas por Amadeu Amaral como responsáveis por homogeneizar o público que viaja no bonde: "'Os cocheiros podem fumar em serviço?' Fê-lo em voz baixa, tranqüila, como quem quer saber só por saber. O condutor, não menos serenamente, respondeu-lhe que não era permitido fumar. 'Mas ele fuma só aqui, no arrabalde; lá para centro da cidade, não fuma não senhor".[91] Para Nicolau Sevcenko, essa atitude instaura a contradição que ilustra um dos dilemas da modernidade periférica, qual seja, a inversão das esferas pública e privada: "Assim, na periferia, nosso cocheiro refaz as regras, assumindo a iniciativa do jogo social. No centro, ele se submete ao código que o anula. Diante da ausência de uma norma de cidadania que o reconheça, ele responde com a desestabilização do privilégio social que o direito

[91] Parte do trecho selecionado por Nicolau Sevcenko em Nicolau Sevcenko. "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio". Capítulo 7 de Nicolau Sevcenko (org.). *História da Vida privada no Brasil- República: da Belle Époque à era do rádio.* Coordenador geral da coleção Fernando Antônio Novais. vol. 3. 4ª reimpressão. São Paulo, Cia. Das Letras, 2001, p. 530.

à privacidade se tornou aqui".[92] Embora a diferenciação de espaços já comece a se fazer nas regiões centrais, nos arrabaldes continuam a reger as leis herdadas do período colonial. Estes traços, a serem apenas visualizados neste capítulo, serão objeto de tratamento mais acurado no quarto capítulo deste trabalho.

1.3.1.2 Energia: iluminação a gás e iluminação elétrica

O gás natural só começou a ser usado mais amplamente como fonte de energia na Europa ao final do século XIX, quando se criou o queimador Bunsen, capaz de misturar o ar ao gás natural, facilitando sua combustão.

Desde o princípio, as técnicas, tanto da iluminação a gás de carvão, quanto da construção de usinas para a geração do combustível foram dominadas por ingleses. Em 1890, foi criado, também pelos ingleses, um gasoduto à prova de vazamentos, o que tornou a distribuição segura e eficiente.

Quando São Paulo era ainda uma cidade de taipa, a iluminação pública era feita por lampiões de óleo de peixe ou de mamona que pendiam das paredes das casas das principais ruas, infestando a cidade com seu mau cheiro. Assim seria durante anos quando, em 1872, construiu-se a primeira usina de gás pela *San Paulo Gas Company.* A empresa seria responsável pela instalação de setecentos lampiões a gás nas ruas da cidade ainda no mesmo ano e pelas primeiras instalações residenciais em 1880.[93]

O acender do lampião era um espetáculo à parte. Dezenas de meninos ficavam em torno do incumbido de acendê-lo com a esperança de que um deles seria o escolhido para atear a chama da lâmpada "Auer": "Com o gancho, o homem torcia o registro do bico maior, e, premendo a seringa, soprava a chama contra o bico aberto, e o acendia. Às vezes qualquer menino do quarteirão fazia amizade com ele. Então era cedido ao menino o favor de acender o lampião. De

[92] Nicolau Sevcenko. "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio". Capítulo 7 de *História da vida privada no Brasil,* vol. 3, op. Cit, p. 530.
[93]Renato Nunes Rangel. "A paulicéia iluminada: o gás canalizado na cidade de São Paulo, 1870-1911". Dissertação de Mestrado em História da Ciência, PUC-SP, 2002.

madrugada vinha outro homem (ou talvez o mesmo), fechava o registro grande e deixava só o filete de chama".[94]

A urbanização de São Paulo, juntamente com a diversificação das possibilidades de investimentos, seja pela cafeicultura, pela ferrovia ou pela indústria nascente, trouxe as empresas internacionais responsáveis pelo fornecimento de serviços públicos. A cidade crescia, e com ela, os problemas de abastecimento, incapazes de serem resolvidos pela iniciativa municipal ou estatal. A *The San Paulo Gas Company* seria a primeira empresa estrangeira a se instalar na cidade, mas os constantes problemas de insuficiência de abastecimento exigiriam novas soluções. Em 1878, somente seis anos após a instalação da primeira usina, ensaiar-se-iam as primeiras tentativas de utilização da energia elétrica. Em 1889, os ricos donos de casas localizadas nas ruas da Imperatriz, São Bento e no Largo do Rosário, um tanto cansados de esperar do poder público a resolução do problema energético, fariam o primeiro ensaio de utilização de energia elétrica.

Somente em 1900, a energia a gás seria substituída pela elétrica nos espaços públicos. Em projeto municipal de 1885, previa-se que a substituição de uma forma de energia por outra teria a *San Paulo Gas Company* à frente das operações. No entanto, foram os serviços da empresa canadense *Light and Power Co. Ltd*. que foram contratados. Em 1901, seria construída a primeira usina hidrelétrica no rio Parnaíba. Em 1907, a barragem do Rio Guarapiranga. Em 1910, apesar da resistência de Antônio Prado, que sairia da prefeitura no ano seguinte, a *Light* adquiriu a *San Paulo Gas Company* e, portanto, o monopólio dos serviços de energia e transporte.

A construção de sucessivas usinas hidrelétricas atesta a íntima relação entre energia e transporte. Para tracionar um bonde elétrico, era necessário eletricidade de 550 volts corrente contínua. A Companhia de Água e Luz do Estado de São Paulo, estabelecida em 1881 e operando ainda com maquinário antigo, motores a vapor, fornecia energia elétrica do entardecer até a meia noite, mas, logo, seu fornecimento não mais seria suficiente.

As formas de energia, assim como os demais serviços de infra-estrutura urbana, acentuaram as clivagens criadas pela ocupação espacial diferenciada. Isso acontece tanto com o abastecimento de gás que, quando de sua instalação, foi destinado somente às classes médias e altas, enquanto que as classes mais humildes continuavam a se servir da lenha, como com o abastecimento da energia elétrica. Afinal, somente as classes mais abastadas poderiam ter acesso

[94] Americano, *São Paulo...,* Op. cit., p. 139.

aos acessórios e utensílios necessários ao abastecimento das formas de energia então emergentes.[95]

A energia elétrica revolucionaria a cidade, não somente do ponto de vista infra-estrutural, mas, principalmente, do ponto de vista dos costumes. A vida noturna seria estendida já que a energia, primeiro a gás, depois, elétrica permitia um tempo de permanência maior nas ruas.[96] O culto à vida boêmia, à *flânerie*, aos hábitos mundanos não seria mais o mesmo depois do advento dos fios elétricos: "A nossa capital já é um centro onde as manifestações da vida mundana se fazem sentir fortemente. Já não somos os tristes moradores de uma cidade provinciana que às nove horas da noite dormia a sono solto depois dos mexericos através das rótulas ou à porta das farmácias".[97]

Além disso, a nova forma de energia permitia à cidade e aos seus habitantes uma maneira ímpar de exposição. Com a luz elétrica, os produtos expostos nas vitrines atrairiam novos olhares admirados para as cores e tonalidades evidenciadas pelas lâmpadas. A publicidade daria os seus primeiros passos com as novas formas de exibição e evidência das formas. Em 1906, o primeiro projeto de letreiro com iluminação elétrica seria aprovado, chamando a atenção para a nova organização comercial da cidade que se abrilhantava. Ainda com o mister das luzes, aqueles que tivessem acesso aos produtos "iluminados" veriam e seriam vistos de forma mais enfática. Na verdade, esse era o tempo das exposições em todos os sentidos, inclusive das exposições universais, síntese de todas as demais: "(...) das grandes avenidas às exibições de produtos industriais, a ordem era abrir os espaços amplos, iluminados, arejados – expostos. Não se queria mais deixar lugar às vielas, casas toscas, ambientes escuros e esfumaçados".[98]

Com a luz, uma das principais conquistas materiais da cidade que se modernizava, a São Paulo do final de século tornaria a utopia da cidade civilizada cada vez mais real. Afinal, agora estava mesmo muito próxima de ser uma *Ville Lumière*.

---

[95] Raquel Rolnik. *São Paulo.* São Paulo, Publifolha, 2001.

[96] «Je gagnai les Champs-Élysées où les cafés-concerts semblaient des foyers d'incendie dans les feuillages. Les marroniers frottés de lumière jaune avaient l'air peints, un air d'arbres phosphorecents. Et les globes électriques, pareils à des lubes éclatantes et pâles, à des oeufs de lune tombés du ciel, à des perles monstrueuses, vivantes, fasaient pâlir sous leur clarté nacrée, mystérieuse et royale, les filets de gaz, de vilan gaz sale, et les guirlandes de verres de couleur ». (Guy de Maupassant. *Clair de lune* (1909). Paris, Ollendorff).

[97] Jayme Gama. Crônica de *O Pirralho.* São Paulo, 11/08/1911.

[98] Barbuy, *A cidade-exposição...*, Op. cit., p. 71.

1.3.1.3 Os serviços de saneamento

Dentre as atribuições deliberadas às Câmaras Municipais a partir da Proclamação da República, ressalta-se a responsabilidade de legislar sobre serviços públicos como limpeza, calçamento, construção de ruas e praças, conservação de obras e prédios públicos, organização de serviços ligados à manutenção da ordem sanitária.[99]

Em 1890, Antônio Francisco de Paula Sousa, engenheiro formado na Escola Técnica Superior de Zurique e na Politécnica de Karlsruhe, assume a Superintendência de Obras Estadual, subordinada à Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

O crescimento da cidade, sem a correspondente expansão da infra-estrutura urbana, era evidente. Os imigrantes chegavam e se instalavam de forma precária em cortiços que, sem os cuidados de saneamento, tornavam-se focos de doenças. Com o recrudescimento da febre amarela em Santos e no interior, que tomou contornos epidêmicos em 1890, aquelas aglomerações se tornaram particularmente preocupantes.

Para resolver o problema do saneamento urbano, que ia desde a questão do abastecimento de água, do sistema de esgoto até a das várzeas inundáveis, focos do mosquito transmissor da febre amarela no período das chuvas, montou-se uma comissão formada de engenheiros sanitaristas, dentre os quais se destacaria Francisco Saturnino Rodrigues de Brito. Essa Comissão de Saneamento seria a precursora do primeiro conjunto de obras do Tamanduateí.

Nessas condições, não demoraria a que uma epidemia de cólera explodisse na capital. A ação do governo foi bastante rápida e radical.[100] Houve quarentenas, desinfecção das casas atingidas e fiscalização das habitações populares. Devido à resistência de alguns moradores seria criada uma Intendência de Polícia e Higiene, responsável por inspecionar os cortiços e vacinar a população, exigindo ainda a demolição de edifícios, se necessário. Tal medida seria selada pela Lei n° 43, de 1892, que subordinava o recém-criado Serviço Sanitário do Estado de São Paulo à Diretoria de Higiene.

Apesar de o governo municipal ter-se norteado pela teoria dos miasmas, segundo a qual as doenças se alastravam pelos fluidos localizados no ar e nas águas, a ação daquele foi bastante

[99] Fábio Alexandre dos Santos. "Domando as águas. Salubridade e ocupação do espaço na cidade de São Paulo, 1875-1930". Tese de Doutoramento em História Econômica pela Unicamp. Campinas, 2006.
[100] Campos, *Os rumos...,* Op. cit., p. 61.

eficiente.[101] Associando os miasmas às águas e a outros elementos físicos propagadores de fluidos contaminados, o governo promoveu, juntamente com as novas posturas sanitárias, a drenagem, o aterramento, a canalização e a retificação dos rios. Somente alguns anos mais tarde descobririam, em Havana, que a transmissão da doença não se dava por miasmas, mas sim pelo mosquito *Stegomya* fasciata.[102]

Para que a distribuição de água também fosse controlada, a Companhia Cantareira de Água e Esgotos, criada em 1877, foi encampada pelo governo municipal. Com isso, fizeram-se novas obras de abastecimento de água na Serra na Cantareira, a rede de esgotos foi ampliada, foram abolidos os chafarizes públicos em 1893 e promulgado um Código Sanitário a partir do Decreto Estadual de 1894.

Não obstante as sucessivas reformas nos Códigos Sanitários Promulgados, a cidade não conseguira superar a situação de calamidade pública. Corria-se o risco de que as regiões insalubres, exatamente as mais carentes, desprovidas dos serviços sanitários, passassem a contaminar as regiões mais nobres da cidade. Por isso, em 1911, já na gestão Duprat, seriam também encampados pela municipalidade os serviços de limpeza pública, acrescentando-se a essa medida a cobrança de taxa sanitária, promulgada pela Lei nº 1.413, de 20 de abril de 1911, e regulamentada pelo Ato nº 402, de 24 de maio de 1911.[103]

A cidade se foi assim bipartindo, desde a qualidade dos serviços de infra-estrutura, como transporte e saneamento, até os projetos de cunho paisagísticos, impreterivelmente destinados às regiões mais elegantes, como a Avenida Paulista, Higienópolis e Campos Elíseos. Embora a racionalização fosse conduzida conscientemente para esse fim, a partir de determinado momento, entraria em contradição consigo mesma porque, ao invés de eliminar os traços coloniais em um nível, simplesmente transferia-os para um outro patamar do qual não se podia fugir. Foi o caso da exclusividade dos serviços de saneamento destinados aos bairros abastados que, a partir de determinado momento, passou também a ameaçá-los: "(...) os bairros novos abasteciam-se de águas em cisternas, e os rios eram grandemente utilizados pelas lavadeiras; para os esgotos, utilizavam-se fossas sem condições higiênicas elementares, comunicando-se, às vezes, por

[101] "Usavam um líquido verde ou creolina, ainda movidos pela teoria dos miasmas". (Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 484)
[102] Idem, ibidem.
[103] Santos, "Urbanização...", Op. cit., p. 3.

infiltrações subterrâneas, com as cisternas de água de beber, o que explica a freqüência do tifo. Bairros como a Vila Mariana, Perdizes, Água Branca e Lapa ainda em fins da década de 1910 não contavam com quaisquer serviços de esgotos".[104]

1.3.1.4 Comunicação: a imprensa

Na história da cultura de São Paulo a fundação da Academia de Direito em 1827 é dada como um marco, a tal ponto de ser considerada por alguns historiadores, como Ernani da Silva Bruno, um momento especial da evolução da cidade:[105] "Tudo partiu da Academia de Direito de São Paulo. Ligada está ela ao Brasil pelo parentesco de afinidade, mas presa a São Paulo, à velha cidade das repúblicas e dos estudantes, da garoa e das serenatas, pelo umbigo da maternidade".[106] Os futuros bacharéis passam, então, a ser o centro da vida na capital, relatando em suas memórias a vida nas repúblicas, os encontros nas praças públicas, as serenatas, os roubos de galinhas e de porcos, enfim, os hábitos ainda provincianos que perpassavam o cotidiano da capital cuja tranqüilidade vinha ser abalada pelas estudantadas.[107]

Com o desenvolvimento da vida urbana de fins do século, a cultura letrada receberia um novo vigor. A imprensa nascente captou os novos movimentos da cidade, confundindo-se com ela. O título Paulicéia, dado à capital em 1888 sob sugestão de um periódico de mesmo nome, marca esse momento de maior proximidade entre a imprensa e a urbe: "A cidade intromete-se na imprensa. O crescimento da cidade, a diversificação das atividades econômicas, a ampliação do mercado e o desenvolvimento da vida mundana são incorporados às formas e conteúdos dessas publicações. Através de novas temáticas, personagens e linguagens, o processo social que transforma a cidade passa também a configurar as publicações".[108]

---

[104] Marisa Saenz Leme. *Aspectos da evolução urbana de São Paulo na I República.* Tese de doutoramento. São Paulo, Departamento de História da FFLCH-USP, 1984, pp. 46-48.
[105] Bruno, *História...,* Op. cit., vol. II.
[106] Paulo Cursino de Moura. *São Paulo de Outrora- evocações da metrópole.* 3ª edição. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1943, p. 52.
[107] José Luiz de Almeida Nogueira. *A Academia de São Paulo: Tradições e Reminiscências. Estudantes, Estudantões, Estudantadas.* São Paulo; Lisboa, Typographia Vanorden; Typ. A. Editora, 1909-1912, 9 vols.
[108] Heloisa de Faria Cruz. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915.* São Paulo, Educ, 2000, p. 80.

Os novos produtos, os novos hábitos, as notícias da alfândega e do estado das relações exteriores, o comércio redimensionado passam a ser temas constantes dos periódicos. Notícias sobre a última moda de Paris, acontecimentos dentro das famílias mais importantes, como enterros e casamentos, as óperas recém-chegadas à capital endossam a vida cultural na capital: "No dia seguinte, a notícia do enterro aparecia no jornal com os nomes de todos os que o acompanharam e todos os dizeres de coroas de flores que foram enviadas aos defuntos. Estes detalhes eram exclusividades dos enterros de tipo fino".[109] No lugar dos anúncios de compra e venda de escravos, de descrições de negros foragidos,[110] o jornal fala da capital e de suas aquisições, ajudando a concretizar e a difundir a utopia de uma sociedade civilizada nos trópicos. Nesse processo, elementos novos vão se enleando aos elementos tradicionais reciclando a sociedade e conformando um todo original.

A despeito de o livro continuar a ser um artigo de luxo, reservado somente às classes mais abastadas, tanto em razão da natureza do material ali empregado – vinham com capas de madrepérola, sem contar que o papel era um dos mais caros artigos de importação -, como em razão da leitura difícil, os jornais já eram vistos nas mãos de muitos moradores da capital. As leituras das seções livres dos jornais era o que havia de mais importante pela manhã em cada casa de recursos médios: "Cada manhã, em cada casa, o mais importante era ler a Seção Livre. (...) O chefe da casa (...) ia direto à sessão livre. A mulher pedia que lesse alto".[111] Aí se mandavam de forma velada recados entre casais apaixonados ou trocavam-se farpas entre desafetos: "O Dr. Fulano de Tal, que era um homem pobre, foi nomeado há dois anos tutor de uns menores. Por coincidência, o Dr. Fulano está construindo casa e consta que comprou carruagem. Por que será? Assinado: Olho Vivo".[112]

Tendo-se em consideração a expansão da alfabetização - não obstante restrita à classe média -, a imprensa diária era lida tanto pelo bacharel passageiro do bonde, que comentava as últimas novidades da política, quanto pelo funcionário público, que engraxava os seus sapatos na praça pela manhã e lia em voz alta os anúncios publicitários. Aliás, a publicidade, em seus

[109] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., 316.
[110] Lilia K. Moritz Schwarcz. *Retrato em branco e negro.* São Paulo, Cia. das Letras, 1987.
[111] Jorge Americano. *São Paulo naquele tempo.* 2a edição. São Paulo, Carrenho Editorial/Narrativa Um/Carbono 14, 2004, p. 391.
[112] Americano, *São Paulo...*, Op. cit. (2004), p. 389.

primórdios pré-modernistas, ainda não envolvida de completo pelo *Art Nouveau,* que alteraria radicalmente a relação entre significante e significado,[113] tem uma função bastante simples: a de reportar o "cidadão" às suas raízes urbanas: "Folhinhas, cartões postais, opúsculos, correspondências e principalmente almanaques, são materiais pioneiros na difusão da palavra impressa do periodismo em São Paulo. (...) As mesmas tipografias e litografias prometem, através de vinhetas e clichês, embelezar tanto rótulos de bebidas, cigarros e outros produtos, como também folhinhas de casas comerciais, almanaques bem organizados, brochuras com a mais fina encadernação, jornais, etc.".[114] Em contexto periférico, a publicidade de finais do XIX tem a função de informar o leitor, tornando-o um perfeito conhecedor dos produtos difundidos pelo novo *modus vivendi*. Contribui ainda para o endossamento da utopia urbana a partir de sucessivas reinvenções da cidade: "A publicidade era um dos elementos constitutivos da vida urbana e, como tal, tinha sua participação na construção da cidade (...) os anúncios apresentavam imagens que, embora não correspondessem imediatamente ao espaço no qual circulavam, correspondiam às expectativas correntes sobre a organização da cidade".[115]

A difusão do periodismo, que associa o hábito da leitura diária à circulação de periódicos, contou ainda com o crescimento da malha ferroviária, que levava os jornais para o interior. Surgidos desse impulso, os primeiros periódicos diários foram: *Correio Paulistano* (1854), *Diário de São Paulo* (1865), *A Província de São Paulo* (1875), *O Diário Popular* (1884), *A Platéia* (1888), *O Estado de São Paulo,* que de uma tiragem de 4 mil exemplares em 1888 passa

---

[113] A respeito da função dos signos na publicidade, vide Roland Barthes, *Mythologies*. Paris, Éditions Seuil, 1957. Inspirado em Saussure, primeiro formulador das concepções de significante e significado como aspectos estruturantes do signo, noções que ficaram restritas à Linguística por cerca de 40 anos, Barthes é um dos primeiros a aplicá-los na análise do discurso publicitário: "On trouvera ici deux déterminations: d'une part une critique idéologique portant sur le langage de la culture dite de masse; d'autre part un premier démontage sémiologique de ce langage: je venais de lire Saussure et j'en tirai la conviction qu'en traitant les "représentations collectives" comme des systèmes de signes on pouvait espérer sortir de la dénonciation pieuse et rendre compte en détail de la mystification qui transforme la nature petite-bourgeoise en nature universelle." (Barthes, *Mythologies*, Op. cit.). Neste seu livro, com o qual se fez respeitável no mundo da semiologia, o autor discute mitos velados na vida cotidiana do francês comum, como o vinho, a Citroën, o semblante de Greta Garbo, os sabões e detergentes: "Je crois que l'automobile est aujourd'hui l'équivalent assez exact des grandes cathédrales gothiques: je veux dire une grande création d'époque, conçue passionnément par des artistes inconnus, consommée dans son image, sinon dans son usage, par un peuple entier qui s'approprie en elle un objet parfaitement magique. La nouvelle Citroën tombe manifestement du ciel dans la mesure où elle se présente d'abord comme un objet superlatif." (Idem, ibidem, p. 151.)

[114] Cruz, *São Paulo...*, Op. cit., p. 83.

[115] Márcia Padilha. *A cidade como espetáculo-Publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo, Annablume, 2001, p. 99.

a uma tiragem diária de 35 mil exemplares por volta de 1913. Os periódicos dividiam-se em matutinos e vespertinos. Os jornais matutinos entre 1900 e 1915 eram: *O Estado de São Paulo*, sob direção de Rangel Pestana na monarquia e de Júlio de Mesquita, na República, o *Correio Paulistano,* o *Comércio de São Paulo*, sob direção de Eduardo Prado. Já os jornais vespertinos eram: *Diário Popular, Platéia*, *Gazeta.*[116]

Nesse contexto do nascimento da imprensa e da publicidade por ela veiculada, o almanaque exerceu um papel crucial: o de transmitir as informações o mais rápido possível ao maior número possível de pessoas. Segundo Werneck Sodré, o almanaque "era o livro de um país que não tinha ainda público para suportar a impressão de livros",[117] congregando em si alguns esboços de um processo de massificação no interior de uma sociedade altamente excludente. Sintetiza em um só meio a difusão cultural e as intenções comerciais da metrópole nascente: "(...) além de calendário, informações gerais sobre importações e exportações, impostos e taxas, horários de trens, tabelas de conversão de preços e medidas, repartições públicas e atos administrativos, os almanaques foram paulatinamente assumindo uma feição mais generalizada e amena, incorporando de forma crescente conteúdos lúdicos e de entretenimento".[118]

Além do almanaque, existiam as revistas que difundiam os espetáculos de variedades. As principais eram: *Kosmos,* na qual escrevia Olavo Bilac; *Ilustração Brasileira; Revista da Semana,* que tinha como cronista Machado de Assis; *O Malho; A Careta;* o *Fon-Fon*, todas cariocas. Em São Paulo, a revista genuinamente paulistana de maior difusão era *A Cigarra.* Ainda para os espetáculos de variedade, havia as folhas que saíam aos domingos e que desnudavam "uma cidade que aos domingos passeia no Jardim Público, no Parque Antártica, no Jardim da Aclimação; que pratica esportes, joga futebol nos campos do Bosque da Saúde ou nos times de várzea, que assiste a *matchs* no velódromo e freqüenta os prados da Mooca, que aplaude as *troupes* de malabaristas e dançarinas no Polyteama, freqüenta o botequim *chic* do Municipal, assiste às matinês no Éden, freqüenta as elegantes *soirées* do Germânia e os animados bailes do Salão Celso Garcia".[119]

---

[116] Americano, *São Paulo...*, Op. cit. (1957), p. 460.
[117] Nelson Werneck Sodré. *História da Imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro, Graal, 1977, p. 276.
[118] Cruz, *São Paulo...*, Op. cit., p. 84. Sobre os primeiros almanaques e suas funções sociais, vide: Ana Maria de Almeida Camargo. *Os Primeiros Almanaques de São Paulo: Introdução à Edição Fac-Similar dos Almanaques de 1857 e 1858.* São Paulo, Imesp/Daesp, 1983.
[119] Idem, ibidem, p. 94.

Para o público feminino, os principais periódicos lidos eram os figurinos de moda: *La Mode Ilustrée, La Saison* (moda feminina de Paris), *Estação* (trimensário nacional de modas), *L'illustration, Black & White* (revistas estrangeiras).[120] Os fascículos traziam não somente informações sobre a última moda na Europa, como conselhos pensados a partir das novas atribuições da mulher no contexto da *Belle Époque*.

Curiosamente, havia revistas que não passavam de um mês de publicação, às vezes sequer atingiam um segundo exemplar. Jorge Agudo, em *Gente Rica,* chama esse fenômeno ironicamente de "o mal de sete dias das revistas".[121] Tanto é verdadeiro que, somente nas últimas duas décadas do século XIX, vieram a público mais de 600 publicações, o quíntuplo das quatro décadas anteriores.

Quanto às transformações sociais trazidas pela imprensa, ressalta-se a enorme pletora de funções e cargos criados. Juntamente com a difusão das letras e o aumento da cobertura dos serviços de educação, foram criadas as funções de guarda-livros, contadores, professores de primeiras letras, auxiliares de escritório. Com o aumento do número de tipografias e litografias, surgiu também a figura do tipógrafo: "Olhe o caso daquele tipógrafo. Era o melhor empregado da tipografia. Mas sempre que havia greve, ia-se ver, era ele quem imprimia e espalhava os boletins. É a tal 'meia instrução'. Um tipógrafo considera-se intelectual. Fazer propaganda socialista! Que absurdo!".[122] Eram ofícios originados da diversificação das atividades urbanas que tinham na imprensa um de seus troncos mais importantes. Tais ofícios criaram uma camada média, que via o seu trabalho de uma forma diferente da forma dada pela moral vigente no interior de uma sociedade de passado escravista. Contudo, o surgimento da classe média, não foi menos eivado de contradições, como a desse tipógrafo socialista e com pretensões revolucionárias, que se julga intelectual, quando, não passa daqueles tantos que gozam da *meia instrução*.

As quatro partes desta sessão, que tratam das transformações da infra-estrutura urbana, apontam para a criação de determinadas condições que complexificam e enriquecem o universo dos bens e das relações de consumo. A difusão da imprensa cria um novo canal para a cidade

[120] Americano, *São Paulo...*, Op. cit. (1957), p. 462.
[121] José Agudo. *Gente Rica - Cenas da Vida Paulistana.* São Paulo, Tipographia Editora O Pensamento, 1912, p. 15.
[122] Americano, *São Paulo...*, Op. cit. (2004), p. 321.

espetáculo, que é o da sua exposição no papel. [123] As intrincadas relações que se estabelecem entre o processo de urbanização, a expansão da malha comercial, a difusão de novos produtos e a revolução no consumo são sintetizadas pela imprensa paulista no ideário da cidade que conquista os louros do progresso, superando o legado colonial. Ainda que as artes gráficas paulistanas fossem bastante arcaicas até as últimas décadas do século XIX, com pouca utilização do material fotográfico, a utopia da cidade civilizada aparece na redação das colunas das primeiras páginas, nos anúncios dos produtos milagrosos que prometem o saneamento das doenças da população, nos anúncios das últimas novidades vindas da Europa, nos índices da exportação do café, da expansão da malha ferroviária e dos serviços urbanos. Trata-se de um projeto nacional que visa a, não somente abolir as heranças do passado, como remeter a nação para o grupo dos países considerados o supra-sumo da civilização: "(...) no correr deste século, os Estados Unidos se farão a primeira potência mundial, com todos os respeitos. O Brasil será a segunda ou a terceira, pondo-se à frente da Itália e da França. Seguir-se-ão a Argentina, o México, o Chile e a Colômbia. (...) A entrada vitoriosa dessas nações cheias de viço, no primeiro plano do teatro da civilização moderna, será certamente o fato capital do século XX, que ficará na história com o nome de *século americano*".[124]

1.3.2 A "haussmanização" da cidade: beleza, limpeza e racionalização

O século XIX assistiu paulatinamente à construção de um modelo de "cidade moderna", que começara na Paris de Haussmann do II Império e se espraiara para outras capitais européias e americanas. Os princípios norteadores foram sempre os mesmos: a visibilidade e uniformidade, que se casavam perfeitamente com os ideais do higienismo, uma importante justificativa para quaisquer intervenções governamentais: "(...) um modelo de 'cidade moderna', caracterizado pelas grandes avenidas ordenadoras do tráfego, de linhas retas e axiais, pela presença de

[123] Sobre a relação entre cidade e imprensa, permeada pelos novos papéis que o consumo assume no capitalismo de finais do XIX, vide Walter Benjamin, *Rua de mão única.* Obras escolhidas, vol. II, Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Brasiliense, 1987. O autor trabalha sobre a relação entre a linguagem da mercadoria e a mercadoria impressa, anunciando os primórdios de uma sociedade do espetáculo, cuja idéia seria depois retomada por Henri Lefebvre e Guy Debord.
[124] "O século americano". *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 10/08/1906.

esculturas monumentais e imponentes edifícios públicos estrategicamente situados para ser referências espaciais, pelos parques e jardins também minuciosamente planejados, entremeando o tecido urbano".[125]

Já para Benjamin, a intenção principal da reforma urbana haussmanniana, mascarada na beleza dos grandes *boulevares,* era a de conter as tensões da cidade grande: « La vraie finalité des travaux d'Haussmann était de prémunir la ville contre la guerre civile. Il voulait rendre à jamais impossible l'édification de barricades de Paris ».[126]

Em São Paulo, o poder público, desde finais do século XIX, começou a se alinhar com as novas concepções desse modelo de "cidade moderna", que tomaria uma nova direção quando, a partir da Constituição de 1891, os estados ganha autonomia política. Uma série de obras públicas seria concretizada, especialmente porque, os impostos alfandegários, cuja arrecadação aumentara bruscamente com as exportações de café, eram de competência estatal.[127]

O princípio que primeiro norteou a construção de edifícios públicos, após a Proclamação da República, foi a necessidade de se constituírem edificações condizentes com suas funções republicanas, "corporificando, no espaço da cidade, o reaparelhamento institucional empreendido pelo novo regime".[128] As primeiras obras públicas seriam empreendidas pelo arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, formado em Gand, na Bélgica. Dentre os projetos a seu cargo, enumeramos: a conclusão da Tesouraria da fazenda (1891), a construção da Secretaria da Agricultura (1896), a Escola Normal na Praça da república (1894), A Escola Prudente de Morais e o Liceu de Arte e Ofícios (1897-1900), a Escola Politécnica (1895-1900). No fundo, todos reúnem os mesmos princípios higienistas que, no contexto particular na nascente República brasileira, encarnavam-se no desejo da constituição de uma nação de cidadãos civilizados e da "limpeza" das heranças coloniais. Trata-se de um higienismo diferente que, em contexto periférico, adere-se aos anseios modernizadores.

---

[125] Barbuy, *A cidade-exposição...*, Op. cit., p. 70. Além de abranger as melhorias das condições sanitárias, o controle dos focos epidêmicos, os princípios sanitaristas visavam também à educação da população, que devia ser "saneada" de suas idéias provincianas.

[126] Benjamin, *Paris...*, Op. cit., p. 45.

[127] Para Daniel Roche, a autonomia fiscal das cidades é um elemento importantíssimo na explicação do desenvolvimento de novos hábitos de vida: « L'impôt confère aux villes une seconde source de capitalisation financière qui défavorise les campagnes, car elle s'investit, pour l'essentiel, dans les équipements urbains: bâtiments et monuments du pouvoir, urbanisme des grands aménagements, construction des grands hôpitaux(...) ». (Roche, *Histoire...,* Op. cit., p. 52)

[128] Campos, *Os rumos...,* Op. cit., p. 62.

Em 1896, estando a Câmara Municipal sob o governo de Antônio Proost Rodovalho, um dos nomes da nascente indústria paulista, criou-se a Intendência de Obras, instrumento de intervenção pública sobre o crescimento urbano. Foi também criada uma Comissão Técnica de Melhoramentos que, apesar das inúmeras propostas de integração viária da cidade, acabou priorizando "os aspectos visuais, ambientais e higiênicos do quadro urbano, em detrimento da integração ou funcionalidade viária."[129] Durante sua vigência, foram elaboradas novas regras para a reforma dos edifícios, proibindo, em especial, a reforma dos imóveis de taipa. Para as reformas, era obrigatório o respeito aos novos recuos e proibidos o uso do bairro ou da taipa como material de construção,[130] medida essa que vigia desde o código de posturas de 1875, conforme visto acima.[131] Os materiais importados, como as telhas e tijolos franceses, seriam os mais procurados para as reformas dos batimentos antigos e construção de novos.

No mesmo ano em que surgia a Intendência de Obras, as Intendências da Higiene e da Polícia fundiram-se, deixando claras as prioridades da intervenção pública. Seu objetivo era menos o de tornar a cidade funcional, tal como preconizava o plano viário de Gomes Cardim,[132] do que torná-la sedutora, preparada para receber adequadamente as funções institucionais e residenciais: "Acentuava a idéia de uma 'capital' do café: atraente para os fazendeiros, cômoda para os comerciantes, imponente para seus governantes, vitrine exemplar para imigrantes e visitantes estrangeiros – expressão do avanço material, moral e cultural trazido pelo sucesso da atividade exportadora".[133]

Em 1899, foi criado o cargo de prefeito em São Paulo e o primeiro a ser eleito foi Antônio da Silva Prado. Neto do também Antônio da Silva Prado, Barão de Iguape,[134] era membro da mais legítima aristocracia paulista. Antigo monarquista e mesmo desafeto das lideranças do PRP, Antônio Prado, junto à sua família, tornou-se uma das principais figuras do complexo cafeeiro.

---

[129] Idem, ibidem, p. 75.
[130] Barbuy, *A cidade exposição,* Op. cit., , pp. 44-52.
[131] Bruno, *História...*, Op. cit., p. 920.
[132] Gomes Cardim tinha formação em Direito e dedicava-se às Letras, tendo sido consagrado como dramaturgo e jornalista. Intendente de Obras do Governo Municipal em 1897, exatamente durante o período das quatro intendências, Gomes Cardim postulou a solução perimetral para a integração viária em São Paulo. De cunho mais pragmático e menos estético, seria uma das primeiras tentativas do Governo Municipal em intervir no campo das reformas urbanas.
[133] Campos, *Os rumos...,* Op. cit, p. 76.
[134] Sobre o Barão de Iguape, vide Maria Thereza Schorer Petrone. *O Barão de Iguape - Um empresário da época da independência.*. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.

Não somente era fazendeiro, como presidente da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, sócio da maior casa exportadora nacional, a Prado & Chaves, além de presidente do Banco de Comércio e Indústria de São Paulo. Controlava, dessa forma, o financiamento, a produção, o transporte, a comercialização e a exportação de café.[135]

Por doze anos, de 1899 a 1910, esteve à frente do governo da prefeitura de São Paulo, direcionando a modernização da capital, a remodelação dos espaços e do aparelhamento urbano. Sua gestão coincidiu com a de Rodrigues Alves, no Rio de Janeiro, que, contratou Francisco Pereira Passos para liderar as obras de modernização do distrito federal. Pereira Passos, juntamente com Antônio da Silva Prado, fora membro da facção progressista do partido conservador, tendo trabalhado juntos durante a breve gestão do primeiro como presidente da província de São Paulo.[136] Tal aliança seria fundamental para a criação de um abrangente programa de intervenções urbanas também em São Paulo, quase que em paralelo ao da capital federal. Os princípios que norteariam a modernização de ambas capitais seriam os mesmos, fundamentados nas reformas haussmannianas de várias capitais de finais do XIX: o embelezamento, a limpeza e a racionalização de espaços. Tal modernização não deixaria de ser notada pelos viajantes estrangeiros, principalmente franceses, que aqui passavam e se surpreendiam com a proximidade entre as transformações nas capitais brasileiras e aquelas nas capitais européias. É o caso de Paul Walle, que viajando pelo Rio, observa o fenômeno: "Depuis quelques années – quatre ans paraît-il – par la volonté d'un prefét énergique, la ville s'est transformée, haussmannisée (..) C'est aujourd-hui une ville toute moderne, aux avenues larges et longues qui rappellent les plus grandes et les plus belles artères des metrópoles européenes, jardins profusement fleuris et ombragés, places vastes et bien alignées".[137]

---

[135] Campos, *Os rumos...,* Op. cit, p. 78.

[136] Vê-se claramente as influências das reformas haussmannianas sobre os engenheiros do período, em especial Pereira Passos, que teve formação na *École Politecnique* justamente no período da reforma urbana de Paris. Foi prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906, mandato no qual colocaria em prática seus projetos. A reforma urbanística contou com a destruição de cortiços, a abertura e o alargamento de ruas, a derrubada no Morro do Castelo para a construção da Avenida Central, depois denominada Atlântica. Graças ainda ao trabalho do sanitarista Oswaldo Cruz e à sua Campanha da Vacina, que erradicaria a febre amarela urbana, a cidade pôde receber a Exposição Universal de 1908, idealizada por Afonso Pena. Sobre Francisco Pereira Passos, vide Jaime Larry Benchimol. *Pereira Passos: um Haussmann tropical. A Renovação Urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.* Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de cultura, turismo e esportes, 1990, pp. 192-203.

[137] Paul Walle. *Au Brésil-Rio de Janeiro.* Paris, E. Gilmoto, 1910, p. IX. Microfiche à la Bibliothèque Nationale de France.

A despeito de não poder contar com o mesmo montante de recursos do qual dispuseram Rodrigues Alves e Pereira Passos na modernização da capital federal,[138] ainda assim, a capital paulista empreendeu transformações notáveis. Primeiramente, foram os projetos de cunho paisagístico que expressavam o anseio da arborização urbana com espécies ornamentais: a reforma do Jardim da Luz, tornando-o um lugar apreciável para o passeio das famílias abastadas; urbanização e arborização da Avenida Tiradentes; ajardinamento da Praça da República; aterramento das várzeas do Tamanduateí; projeção do jardim do Ipiranga por Arsênio Puttemans;[139] colocação de macadames do leito da Avenida Paulista em 1903. Sobre a reforma do Jardim da Luz, relata Ernani da Silva Bruno a primeira visita de Antônio da Silva Prado ao lugar: "Fazendo sua primeira visita ao logradouro, ficara ele mal impressionado com o seu aspecto. Estava muito cheio de canteirinhos, vários deles com cercaduras de garrafas de fundo para cima, e abrigando apenas perpétuas, sempre-vivas e manjericão. Tudo muito provinciano, teria pensado o prefeito. Passou então o parque por uma transformação completa, à moda inglesa, com gramados e canteiros artísticos, ostentando flores mais aristocráticas".[140]

O centro da cidade, ponto a ser tratado no próximo capítulo, foi, no entanto, o aspecto que recebeu maior atenção do prefeito Antônio Prado, concentrando todos os esforços para que se concretizasse a utopia da cidade civilizada: "Realmente Antônio Prado, ao deixar a prefeitura e ao encaminhar ao governo do Estado um plano de melhoramentos no centro da cidade, escrevia que esse plano lhe daria o aspecto de cidade moderna, próspera e civilizada, conferindo-lhe um dos primeiros lugares entre as melhores cidades do continente".[141] Procurou-se eliminar os estigmas que a ligavam ao passado colonial, e em seu lugar erigir símbolos modernos que a remetessem ao concerto de países civilizados. Esse foi o caso da demolição da antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, onde os negros ainda realizavam antigos rituais que, na visão dos moradores das cercanias, eram assustadores.[142]

---

[138] As desapropriações necessárias à abertura da Avenida Central ficaram em cerca de 35 mil contos de réis, e mais sua reconstrução em 11 mil contos. Em São Paulo, as obras não puderam ultrapassar a marca de mil contos anuais. (Giovana Rosso del Brenna. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos.* Rio de Janeiro, Index, 1985).
[139] Campos, *Os rumos...,* Op. cit., p. 83.
[140] Bruno, *História...,* vol. III, Op. cit., p. 1008.
[141] Idem, ibidem, p. 912.
[142] "O serviço de enterramento de cadáveres nas igrejas ou nos cemitérios contíguos era feito por pretos africanos, os quais, à proporção que iam pondo terra sobre o cadáver, socavam este com uma grossa mão de pilão, cantando: 'Zóio que tanto vê, Zi boca que tanto fala. Zi boca que tanto ria, zi comeu e zi bebeu. Zi corpo que tanto trabaiô. Zi perna

Incompatíveis com o desejo de laicização da metrópole nascente, esses enclaves coloniais seriam prontamente abolidos pela reforma urbana. Se o sentido mais geral dessa laicização inclui a subordinação da dimensão religiosa pela secular, o sentido específico aos países de passado colonial, contempla a redução da religiosidade colonial, que se incrusta nos hábitos cotidianos, a um mínimo que não perturbe a modernização da cidade. Ao adotar os modelos de urbanização europeus, pretendia-se aproximar a cidade das principais capitais européias, centros difusores da cultura da *Belle Époque*, eliminando, ao mesmo tempo, todo traço colonial que a lembrasse de seu passado.

Seguindo essa mesma lógica, seriam demolidas, a partir de 1910, as igrejas da Sé e a de São Pedro dos Clérigos, melhorando, na visão dos coevos, os contornos da praça da Sé. Em seus lugares, surgiriam edificações de estilo moderno, que negariam o estilo colonial anterior, dando à cidade um ar europeu: "As próprias igrejas antigas, feitas de taipa segundo os rudes moldes coloniais, desapareceram para dar lugar, no começo do novecentismo, a templos edificados segundo estilos universalmente consagrados e, portanto mais de acordo com a feição tanto quanto possível européia que a cidade procurava assumir (..) escondendo ou eliminando qualquer traço não-europeu ou 'caipira' que porventura perdurasse em suas ruas, em suas casas, em seus jardins e em seus costumes".[143] Alguns anos antes, já haviam sido demolidos, nas proximidades da praça da Sé, casinhas, cortiços e casas de prostituição, elementos que degradavam a imagem do centro e impediam o processo completo de "europeização" da cidade.

Promoveram-se melhorias na Avenida São João, entre o Largo do Rosário e o do Paissandu: o aterramento do canal do córrego do Anhangabaú e a demolição da pequena ponte construída por Daniel Miller em 1820. Juntamente com ruas do Triângulo, a Avenida São João exibia sua importância comercial e cultural. Contava com lojas de acessórios, como bengalas, sapatos e guarda-chuvas, além de ricos teatros, como o Eldorado, o Polyteama e o Casino Paulista.[144]

---

que tanto andô. Zi pé que tanto zi pisô'. Iam assim cantando até acabarem de cobrir com terra a sepultura". (Moura, *São Paulo...,* Op cit., p. 58)

[143] Campos, *Os rumos...,* Op. cit., p. 82.

[144] O antigo nome da Ladeira São João era Ladeira do Acu por conta de uma bica de água "venenosa", segundo os moradores. A etimologia está em Afonso A. de Freitas, para quem Acu é corruptela de Yacuba: Y-água; acu-veneno. "Eu fui passear na ponte,/E a ponte estremeceu,/Água tem veneno, morena!/Quem bebeu morreu." (Moura, *São Paulo...*, Op. cit., p. 66)

O símbolo mais faustoso construído na gestão de Antônio Prado seria, no entanto, o Teatro Municipal. Inspirado no projeto de construção do Teatro Municipal carioca, empreendido entre 1904 e 1909, e que finalizou em alto estilo as obras na Avenida Central, Antônio Prado também resolve construir um monumento similar para a capital de São Paulo. O projeto apareceria como uma espécie de compensação da impossibilidade de se construir para São Paulo uma "avenida central". Devido à topografia acidentada e à escassez de recursos fartos como os que se canalizavam para a capital federal, a cidade careceria de uma avenida que fosse um "espaço-vitrine", onde se exibiriam as formas, as cores e os estilos do progresso e da civilização. Logo, a realização dessa função do "ver e ser visto" ficaria, na sociedade paulistana, a cargo do Teatro Municipal, dos espaços ajardinados e das três ruas que conformavam o Triângulo Comercial. Não foi por acaso que, já em 1901, a Rua Quinze de Novembro, um dos eixos centrais da exibição paulistana, havia sido alargada: "(...) as premissas ideológicas que embasavam as iniciativas de transformação urbana eram semelhantes [em São Paulo e no Rio de Janeiro]. Não faltariam, portanto, propostas de 'avenidas centrais' adaptadas à realidade paulistana".[145]

No entanto, seria somente na gestão Duprat, de 1911 a 1914, que a cidade aderiria efetivamente ao modelo *haussmanniano* de urbanização. Após as políticas deflacionistas de três governos federais consecutivos, o de Campos Sales (1898-1902), o de Rodrigues Alves (1902-1906) e o de Afonso Pena (1906-1909), o Brasil conseguiria finalmente superar a crise de superprodução do café da virada do século. Em 1909, o café brasileiro voltaria à cotação de 1880 na bolsa londrina e 1910 marcaria o início de uma nova era de transformações.

A inflexão que marca a passagem para o modelo urbanístico da segunda década do século XX começara em 1905, ano em que se inaugurou a Avenida central no Rio de Janeiro. Em 1908, a Avenida Central receberia, de braços abertos, a Exposição Universal. Seria o momento-chave de afirmação do Brasil enquanto economia agrário-exportadora, o que fica expresso claramente na decoração do pavilhão montado especialmente por São Paulo para a exposição.[146] A decoração se apropriou do estilo *Beaux Arts* parisiense, que fundia influências gregas e romanas com as criações do Renascimento do século XVII, lançando mão de muito ornamento, colunas, flores, estátuas, que delineavam a imagem de um estado essencialmente agrícola: "A capital, ao adquirir

[145] Campos, *Os rumos...,* Op. cit., p. 84.
[146] "O pavilhão de São Paulo na Exposição Nacional de 1908". In *Revista Politécnica,* n. 19-20, vol. IV, São Paulo, dezembro de 1907 a março de 1908, pp. 39-44.

os adereços da modernidade em troca das sacas de café, vendia, ao mesmo tempo sua imagem em busca dessa aprovação".[147] A Avenida Central criava um mundo próprio, encerrando dentro de si os estilos furta-cores da Exposição. Enquanto isso, do outro lado da cidade, estourava uma epidemia de varíola. Era o atraso que se voltava contra a pressão das conquistas aparentes, desmascarando suas fragilidades.

Em 1911, chega à cidade de São Paulo o arquiteto francês Joseph-Antoine Bouvard, contratado pelo prefeito Raymundo Duprat para organizar um novo projeto de melhoramentos da capital. Até então, vários projetos haviam sido propostos, mas nenhum deles havia sido implementado. Os primeiros queriam direcionar as reformas de maneira a acentuar a vocação agro-exportadora da capital. Os seguintes pretendiam criticar essa direção, sendo o principal deles o de Vitor Freire, não por acaso, mal recebido pelos proprietários de terra. Finalmente, Bouvard apareceu com uma proposta conciliadora:[148] pretendia reformar a cidade, mas sem desrespeitar o seu relevo nem, principalmente, sua história. O aspecto conciliador se verifica na reforma das ruas do Triângulo, sem que fossem adotadas soluções drásticas como as *persées* parisienses empregadas na formação de grandes *boulevares* e avenidas centrais: "No seu programa, Mr. Bouvard respeitou o triângulo paulista, onde a cidade teve a sua origem, mas propôs que as ruas novas fossem feitas em arco, formando-se um anfiteatro, porque a natureza da cidade assim o exige para a conservação da nota pitoresca que lhe emprestam as colinas que a rodeiam".[149]

Sob a liderança de Bouvard, finalmente se conseguiu vencer a dura resistência do Conde Eduardo Prates às propostas de reconstrução do Vale do Anhangabaú. Até então, a única forma de transposição do vale era o Viaduto do Chá, mas com o crescimento das atividades comerciais e do aumento das conexões entre as diferentes regiões da cidade, era urgente a construção de um outro ponto de transposição que ligasse o Largo São Bento ao Bairro de Santa Ifigênia, poupando os burros da íngreme subida após passagem pelo vale. O viaduto, começado em 1910 e construído com estrutura de ferro forjado importada da Bélgica, seria terminado em 1913.

Ainda sob o plano Bouvard, foi alargada a Rua Líbero Badaró - que, de tão estreita, mal comportava a passagem de um bonde e de uma carruagem juntos-, além de extintos os seus

[147] Campos, *Os rumos...,* Op. cit., p. 105.
[148] Idem, ibidem, pp. 152-153.
[149] *Almanaque Brasileiro Garnier.* Rio de Janeiro, Typ. H. Garnier, 1914, p. 345.

pontos de prostituição. Antigamente chamada de Rua Nova de São José, a Rua Líbero Badaró era bastante conhecida pelos seus "serviços": "*Boa Vista é rua morta/A Formosa é de espantar/ a Direita é rua torta/Da Nova é melhor calar...* ".[150] Paulo Cursino de Moura relata o contraste entre a rua após a reforma e a rua de outrora com seus paralelepípedos soltos, fétida e nauseabunda: "Se hoje se apresenta garbosa, limpa, com asfalto, esplendorosa na sua elegância de 'boulevard'; outrora (...) desnudou-se, grotesca e imoralmente, aos olhos dos paulistas, como uma chaga no coração da cidade, arrepiando os cabelos de matronas pudicas e sendo objeto de recriminações de pais austeros ante a licenciosidade dos filhos-famílias".[151]

Quanto aos estilos arquitetônicos adotados, as ruas do centro trariam à luz as fachadas clássicas ou neo-renascentistas com seus frontões, cornijas,[152] pilastras, molduras, platibandas[153] e figuras esculpidas.[154] Por volta de 1905, todos os batimentos já compunham um conjunto relativamente homogêneo, apesar das fachadas de diferentes qualidades arquitetônicas. É preciso lembrar que o Código de Posturas de 1886 já havia contribuído para o alinhamento das construções, que prepariam essa homogeneidade de contornos arquitetônicos na gestão do prefeito Antônio Prado.

Ao mesmo tempo em que se promove a supressão de traços do passado em alguns pontos da cidade, os despojos deixados pela colônia parecem continuar a se reproduzir em velocidade exponencial nas regiões onde nascem os bairros operários. Nestes, a velocidade do crescimento da cidade é maior do que a da expansão dos serviços urbanos. O resultado é o de uma cidade que se moderniza e que reproduz uma racionalidade em certo sentido contrária à moderna, não ocorrendo a criação de instâncias inclusivas como forma de compensação da exclusão permanentemente gerada pelo capitalismo nascente. Não somente os espaços se especializam, separando-se a diversão do trabalho, o comércio da moradia, mas, também, o rico do pobre. Isso também é feito nas capitais do centro do sistema capitalista, mas, para que a cidade consiga conter as tensões e circunscrevê-las aos bairros pobres, é preciso que os serviços de base sejam expandidos. Todavia, para a capital da periferia do sistema capitalista - que não conta com uma

[150] Americano, *São Paulo...,* Op. cit. (1957).
[151] Moura, *São Paulo...*, Op. cit., p. 61.
[152] Faixa horizontal que se destaca da parede a fim de acentuar as nervuras nela empregadas.
[153] Faixa horizontal que emoldura a parte superior de um edifício a fim de ocultar o telhado.
[154] Campos, *Os rumos...,* Op. cit., p. 89.

indústria formada; onde não existe um interesse na reprodução e contenção da força de trabalho; que adere incondicionalmente aos modelos de urbanização centrais, ao mesmo tempo em que elimina a herança colonial em determinados espaços e instâncias -, a exclusão social é reproduzida veladamente em outros níveis. Isso se manifesta, claramente, na organização espacial dos bairros e nas suas distribuições desiguais de serviços.

Por volta de 1880, aparecem os primeiros bairros residenciais aristocráticos, localizados nos melhores terrenos da capital. Primeiramente, avançam em direção ao norte do maciço central, para o lado do Tietê; posteriormente, acompanham o bordo inferior do maciço, acima da baixada.[155] Nesta direção instala-se o Bairro de Santa Ifigênia e, em seguida, os Campos Elíseos, cujo nome, em referência à grande avenida parisiense na qual moravam muitas famílias brasileiras de elite,[156] já denota suas origens aristocráticas. Do outro lado da cidade, constituem-se as chácaras que culminam, aos poucos, em bairros urbanos mais compactos. É o caso da Consolação, da Liberdade, da Vila Mariana.

Ainda em finais do século XIX, outros bairros de habitação reconhecidamente elitista surgem. É o caso de Higienópolis, bairro das famílias aristocratas saídas da fortuna do café e que avança rumo aos terrenos mais altos e saudáveis do planalto, e também da Avenida Paulista. Aí já se vê a combinação de estilos diversos, como o *art nouveau,* o normando e o mourisco, característicos do princípio do século XX. Eram regiões amplamente arborizadas e ajardinadas, resultantes da nova postura urbanística do prefeito Antônio Prado. Durante os leilões de casas destas regiões nobres, os elementos de novas formas de manifestações artísticas, incorporadas à arquitetura, ficam em evidência.[157]

A Avenida Paulista, também região de feição elitista, representará um limite claro entre as fortunas acumuladas a partir do café e aquelas acumuladas a partir da indústria. Duas frações sociais, que embora convivendo em mesmo espaço, possuem origens sociais bastante distintas, um elemento bastante perturbador do poder da elite cafeicultora mais tradicional: "Já então a progressão cafeeira se interrompera, as novas fortunas saem da indústria e do comércio, quase todo em mãos de estrangeiros, imigrantes enriquecidos nesta Canaã Americana: a Avenida

[155] Prado Jr., *"Contribuição...",* op. Cit, p. 134.
[156] *L'Aristocratie étrangère en France. Annuaire des salons étrangers des ambassades et des consulats*, Dessiné et gravé par Stern, 6e année, Paris, P. Renouard, 1904.
[157] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 1890-1914.

Paulista será o bairro residencial dos milionários desta nova fase da economia paulista, estrangeiros ou de recente origem estrangeira quase todos. E a arquitetura do bairro o dirá bem claramente".[158]

Finalmente, por volta de 1910, formam-se os bairros-jardins que descem pelas escarpas próximas à várzea do Rio Pinheiros. São estes de feitio claramente europeu que em nada remete aos modelos urbanísticos herdados do passado: são amplos, de construções isoladas entre si, com vegetação profusa. A esta última leva de bairros aristocráticos pertencem o Jardim Paulista, o Jardim Europa e o Jardim América.

Enquanto os bairros de cunho mais aristocrático localizavam-se nas alturas do maciço e nas áreas salubres, os bairros operários avançavam pelos terrenos mais ingratos das baixadas do Tietê e do Tamanduateí, "(...) abrigando em cortiços ou vilas a imensa população imigrante. Suas chaminés esfumaçadas eram vistas pelos paulistanos do centro como uma paisagem estranha e vagamente ameaçadora".[159]

As primeiras áreas ocupadas pela população imigrante compõem a Mooca, o Brás e o Belenzinho, mas, sem conseguir acompanhar o crescimento acelerado, dão espaço para a abertura de novos bairros - Pari, Ipiranga, Barra Funda - que invadem as várzeas. Nas regiões centrais também surgem o Bexiga, o Cambuci e o Bom Retiro, bairros populares que provocavam uma fenda profunda na imagem européia de cartão-postal que se pretendia construir para São Paulo.

[158] Prado Jr., *"Contribuição...",* op. Cit, p. 134.
[159] Campos, *Os rumos...,* Op. cit., p. 91.

Cap. 2 Cidade e comércio na São Paulo da Belle Époque

"Mais toutes les rues, avec leurs vitrines encombrées, ruisselantes (le bien le moins rare étant la lumière sans qui la marchandise ne serait que ce qu'elle est), leurs étalages de charcuterie, toute la fête alimentaire et vestimentaire qu'elles mettent en scène, toutes stimulent la salivation féerique".

(Jean Baudrillard, *La société de consommation*)

2.1 A Paulicéia e o Comércio

A relação entre um estudo da cidade e o do consumo deve, obrigatoriamente, passar pelo estudo do comércio. Primeiramente porque, de um ponto de vista lógico, o comércio e as relações de troca precedem o consumo: "(...) exchange delivers the particular products into which the individual desires to convert the portion which distribution has assigned to him; and finally, in consumption, the products become objects of gratification, of individual appropriation"[1]. O comércio é uma síntese que resume e explica a economia em sua totalidade; é o elemento pelo qual as diferentes engrenagens do sistema capitalista entram em contato e passam efetivamente a funcionar. Se após as Revoluções Industriais, o comércio se submete ao ritmo imposto pela produção, não é menos verdadeiro que ele conecta as diferentes partes do sistema e as coloca em funcionamento. Tal relação lógica é confirmada pela observação de Caio Prado em *Formação do Brasil Contemporâneo:* "A análise da estrutura comercial de um país revela sempre, melhor do que qualquer um dos setores particulares da produção, o caráter de uma economia, sua natureza e organização".[2]

Em segundo lugar porque comércio e cidade, em contexto capitalista, compõem uma equação que jamais prescinde de nenhum de seus lados. Para Braudel, não haveria comércio sem a existência da cidade.[3] Nos primórdios do capitalismo, a realização das feiras era um evento essencialmente urbano, embora sintetizasse as intersecções entre cidade e campo, aglutinando interesses, cumplicidades e identidades: "Adstritos às cidades, os mercados e feiras crescem com

[1] Karl Marx. *Grundrisse: foundations of the critique of political economy*. (1857). Trans. Martins Nicolaus. London; New York, Penguin Books in association with New Left Review, 1993, p. 89.
[2] Caio Prado Jr. *Formação do Brasil contemporâneo.* 23ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1996.
[3] Fernand Braudel. *Civilisation matérielle, économie et capitalisme : 15e siècle-18e siècle.* Vol. I. *Les structures du quotidien.* Paris, Armand Colin, 1979, pp. 547-548.

elas. Multiplicam-se, explodem em espaços urbanos demasiado pequenos para os conterem".[4] O habitar em cidades é uma experiência revolucionária, que, sem destruir a tradição, mas também não sem questioná-la, impõe a modernidade, tornando-se uma "verdadeira máquina a quebrar os velhos vínculos, a colocar os indivíduos sobre um mesmo plano".[5] E ao colocá-los em um mesmo plano, torna-se fundamental a emergência de *novos mecanismos de diferenciação*, dentre os quais citamos o *consumo*.

As relações entre cidade e comércio, cidade e consumo, comércio e consumo já haviam sido apontadas por muitos dos historiadores tratados na Introdução deste trabalho. Para tais estudiosos do tema, a cidade torna-se, desde a transição do feudalismo para o capitalismo, o *locus* por excelência das realizações das trocas comerciais. Artesãos ligados à corte se instalam no meio urbano, criando redes de fornecimento exclusivo e recebendo, em troca do serviço prestado, títulos de nobreza. Um caso exemplar é o de Paris : "Paris est marquée depuis le Moyen Âge par la vigueur du commerce de luxe, favorisé par la prodigalité des courtisans et des riches, la concentration d'artistes et d'artisans qualifiés, et une main-d'œuvre disponible nombreuse. Le faste de la cour royale, l'affluence des prélats et des seigneurs ont stimulé les industries de luxe qui font déjà, au milieu du XIIe siècle, la réputation de la capitale : draperie, mercerie, vêtements, armes, orfèvrerie et ces « joyaux de Paris » vendus aux foires de Champagne".[6]

À proporção que se intrinca a teia comercial e a cidade se torna receptáculo de contingentes crescentes de pessoas que para aí se mudam em busca de um lugar nessa rede, os padrões de consumo também se complexificam em razão do próprio estilo de vida urbano adotado. As melhorias da infra-estrutura urbana, a sofisticação do comércio - com suas novas formas de exposição - e a do consumo correm em paralelo: "Il s'agit de comprendre comment se construit l'intégration des boutiques dans la ville et, inversement, comment la boutique produit de l'urbanité et de l'intégration. Dans la définition d'un territoire, l'activité commerciale contribue de façon essentielle à façonner l'image du quartier. Par son enseigne, sa vitrine, la boutique donne à voir e concourt à transformer le paysage urbain, au même temps, l'offre marchande est

[4] Fernand Braudel. *Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV-XVIII.* Vol. II. *Os jogos das trocas.* Trad. Telma Costa. São Paulo, Martins Fontes, 1996, p. 17.
[5] Fernand Braudel. *Civilisation matérielle, économie et capitalisme : 15e siècle-18e siècle.* Vol. III. *Le temps du monde.* Paris, Armand Colin, 1979.
[6] Natacha Coquery. « Bijoutiers et tapissiers: le luxe et le demi-luxe à Paris dans la seconde moitié du XVIIIe siècle ». Paris, Colloque INHA, novembre/2006.

façonné par son environement ».[7] Da atividade de fornecimento destes serviços tipicamente urbanos, consolidar-se-ia, no século XIX, uma camada média que entra para a dinâmica do consumo de uma forma bastante original. Embora seus limites fossem ainda bastante fluidos, identificavam-se pelo consumo de artigos de fantasia que imitavam os artigos de consumo de luxo, como bijuterias, talheres e utensílios de cozinha galvanizados, porcelanas nacionais, réplicas das chinesas. A produção de artigos de fantasia, resultado dos avanços industriais do período, tornaram a dinâmica de consumo mais complexa.

Este processo de consolidação de uma camada média que consome artigos mais simples, em geral produzidos em massa pelas novas técnicas industriais, também se verifica na São Paulo da *Belle Époque*. A velocidade e os sentidos do processo são totalmente dependentes do ritmo das transformações urbanas: de seu novo papel comercial; das mudanças na divisão social do trabalho e das novas distâncias impostas às classes; das metamorfoses da infra-estrutura urbana que propiciam a adoção de novos padrões de consumo. Além destas mudanças de caráter mais geral, citamos ainda as que são peculiares à cidade da periferia do capitalismo. A cidade em contexto dependente se moderniza a expensas de sua herança colonial e escravista. Com a São Paulo da Belle Époque se passa a mesma coisa. A cidade constrói uma imagem européia para si que, muitas vezes, apaga a herança ibérica gravada nos monumentos, no formato das ruas, nos azulejos das casas. Importa padrões de consumo tantas vezes incoerentes com a sociedade que os recebe, simplesmente para sustentar essa feição europeizada. Nessa nova malha urbana, o Triângulo é o lugar onde tal metamorfose se acelera no tempo e se concentra no espaço. A partir da reforma ou demolição de edifícios antigos, elevam-se "edifícios considerados elegantes para a época, em geral de um ou de dois andares".[8] [Anexo 9]

Na capital paulista, essa feição europeizante se fez em dois sentidos. Em primeiro lugar, a partir das reformas urbanas de cunho *haussmanniano* que, embora não pudessem ser adotadas em sua plenitude, transformaram radicalmente os contornos urbanos da São Paulo colonial, até então, bastante tímidos. Em segundo lugar, as alterações das formas urbanas contavam também com a presença do imigrante, que trazia para a cidade ares europeus ao se dedicar ao comércio de

[7] Natacha Coquery (org.). *La boutique et la ville – commerce, commerçants, espaces et clientèles XVIe-XXe siècle.* Tours, Publication de l'Université François Rabelais, 2000, p. 11.
[8] Ernani da Silva Bruno. *História e tradições da cidade de São Paulo.* Vol. III. *Metrópole do Café (1872-1918) - São Paulo de Agora (1919-1954).* São Paulo, Hucitec, 1984, p. 937.

gêneros importados, ao compor cuidadosamente as vitrines que os expunham, ao trazer para a cultura local as tradições de seu país de origem. Exemplo clássico eram as touradas, vindas da Espanha, e que chegariam a figurar nos jornais na passagem do século XIX para o XX: "Tendo de celebrar-se a 15 de agosto próximo a festa do Divino Espírito Santo e desejando o respectivo festeiro torná-la mais atraente, quer dar dois espetáculos de touradas. Por isso convida a quem estiver nas condições como toureador a apresentar suas propostas nesta capital".[9]

Portanto, o renascimento comercial de São Paulo se faz a partir da configuração européia da cidade que se moderniza. E essa modernização se faz a partir dos elementos europeus cuidadosamente escolhidos pela elite cafeeira que se pretende civilizadora.

Como visto no capítulo anterior, a nascente publicidade tem a importante função de reinventar a cidade, transmitindo a sensação de conforto e prosperidade a partir dos produtos por ela anunciados. Em seus anúncios, abundam os referenciais europeus que constroem a cidade ideal, fundamentada na utopia da cidade civilizada, consolidando os traços cosmopolitas dessa nova orientação comercial da São Paulo de finais do XIX. Ainda não se trata da publicidade plenamente formada, os anúncios são simples e sem maiores abstrações, mas o interessante a reter é como essa publicidade faz a síntese entre cidade e comércio em contexto periférico, preparando os espíritos para o progresso.

Se segundo Caio Prado Júnior, o comércio é a parte dinâmica e visível da estrutura econômica,[10] nenhum aspecto concreto exprime melhor essa constatação do que o Triângulo Comercial. Formado pelas ruas São Bento, Direita e XV de Novembro, a antiga Imperatriz que não resistiu aos anseios republicanos da capital paulista, o Triângulo recebe um novo ânimo na Paulicéia da *Belle Époque*. Se, desde a São Paulo de Piratininga, o Triângulo tinha a importante função de concentrar a vida política, social e econômica,[11] agora, tem ainda a importante função de difundir os novos valores modernos ao tornar-se a vitrina de São Paulo.

Por volta de 1872, promoveu-se a pavimentação de suas ruas "pelo sistema de paralelepípedos".[12] Em finais do século XIX, as ruas do Triângulo seriam transformadas em vias

[9] *O Correio Paulistano.* São Paulo, 03/08/1890.
[10] Prado Jr., *Formação...,* Op. cit.
[11] Marisa Midori Deaecto. *Comércio e Vida Urbana na cidade de São Paulo. (1889-1930).* São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2002, p. 136
[12] Bruno, *História...,* vol. III, Op. cit., p. 970.

de passagem exclusivas para pedestres, não mais ali circulando tílburis, vitórias, cabriolés ou coches, cujos animais sujavam as ruas, deixando-as com um cheiro insuportável.[13] O Triângulo estaria, então, pronto para receber, ao final de cada tarde, as donzelas e os rapazes de elite com seus figurinos da última moda européia. O costume ditava que as moças deveriam vir sempre no sentido horário, enquanto os garçons, no sentido anti-horário para se poderem observar reciprocamente.[14] Usavam-se as expressões "fazer o Triângulo" ou "fazer o *footing*" para designar esse movimento. Em suas esquinas, os bacharéis discutiam a cotação do dia para a saca de café. Em seus cafés, as senhoras de famílias conversavam sobre os filhos, os maridos e reclamavam das criadas.[15]

No Triângulo, vigorava todo tipo de comércio, do mais tradicional, como os armazéns de secos e molhados que, agora vendiam também produtos importados, ao mais moderno. Havia casas de roupas feitas, fazendas, modas e *lingeries*, armarinhos. Acessórios, sapatos, meias, luvas, chapéus, jóias. Além das roupas, outras novidades para o corpo, como perfumes e sabonetes, remédios, e demais produtos de higiene, como os dentifrícios, tão em voga. Dos artigos do corpo aos artigos da casa: móveis, colchões, pratarias, materiais de papelaria, inclusive os *papiers-peints*, objeto de ostentação das casas de elite. Havia ainda os artigos de consumo exclusivamente masculinos como cigarros e charutos e papéis importados para enrolar o cigarro. Nos armazéns de secos e molhados, bebidas de todos os tipos, da cerveja Antártica ao rum; do conhaque ao vinho e ao champanhe, artigo do mais alto luxo. [Anexo 10] Aliás, não era somente nos armazéns que se poderiam encontrar tais artigos. As lojas, não sendo especializadas em tal ou qual produto, ofereciam de tudo. Era o caso da *Maison Garraux* que vendia desde produtos alimentícios até livros. Havia ainda as lojas de maquinários modernos, de produtos químicos, de materiais elétricos. Por fim, espaços de lazer e sociabilidade diferenciados segundo o grupo social que os freqüentava. Para a elite, eram reservados certos restaurantes, hotéis, cafés, confeitarias e

[13] A situação seria diferente a partir da introdução dos veículos de tração elétrica que, a partir de 1900, atulhavam o centro da cidade, incluindo o Triângulo. Em 1914, o viajante francês Paul Adam falava das ruas estreitas do centro paulistano que não conseguiam comportar bondes, automóveis e pessoas. (Paul Adam. *Les visages du Brésil.* Pierre Lafitte & Cie., Paris, 1914).

[14] Jorge Americano. *São Paulo naquele tempo (1895-1915).* São Paulo, Edição Saraiva, 1957.

[15] "Então, que história é essa de quererem explorar a gente, dizendo que ganham pouco? Quando elas não têm marido, chegam a fazer contas de oito e dez mil réis cada mês, com o mascate, para cetinetas, rendas e quinquilharias". (Americano, *São Paulo...*, Op. cit, p. 78).

bilhares. Para a camada média, alguns cinemas já que eram mudos e, portanto, acessíveis mesmo aos analfabetos.

2.2 A Rua XV de Novembro: variedades

A Rua XV de Novembro, assim chamada a partir da Proclamação da República, sai da Praça da Sé, margeia a região do Pátio do Colégio e desemboca na Praça Antônio Prado, antigamente chamada de Largo do Rosário por conta da Irmandade da Senhora dos Homens Pretos ali estabelecida até 1904. Após decisão do intendente Antônio Prado em demolir a Igreja, em razão das cantorias entoadas pelos negros que assustavam os moradores, a Irmandade foi transferida para os arrabaldes da cidade e o Largo receberia o nome do intendente a partir de 1904.

Entre 1895 e 1915, a maioria dos proprietários de prédios na Rua XV de Novembro fora forçada a adaptá-los às novas exigências da legislação urbana. Foram respeitados os recuos e as alturas dos edifícios, foram demolidos os prédios de taipa para, em seu lugar, aparecerem os de tijolos e, atendendo aos desígnios cosmopolitas, refeitas as fachadas seguindo os estilos neoclássicos, neobarrocos, neo-românticos, ou simplesmente a combinação entre todos eles, resultando na profusão de estilos que pode hoje ser vista ao longo da rua. Heloísa Barbuy, ao relacionar esse novo impulso tomado pelo comércio às transformações urbanas, não deixa de fazer referências às modificações das fachadas dos edifícios no Triângulo.[16] Com tijolos e vigas metálicas, os prédios construídos passaram a ser mais definidos, mais bem estruturados e mais esbeltos. O aparecimento da vitrine, nascida de outro produto cuja produção fora revolucionada pela II Revolução Industrial,[17] o vidro, só seria possível nestas novas construções de alvenaria já

[16] Heloisa Barbuy. *A Cidade-Exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo, Edusp, 2006.

[17] Utilizamos aqui a periodização proposta por Hobsbawm, segundo o qual, a I Revolução Industrial de meados do século XVIII seria marcada pela aplicação da energia a vapor na indústria têxtil e pela utilização ampla do carvão. Para o autor, a I Revolução seria, na verdade, caracterizada por duas fases: a primeira aplicada aos têxteis e a segunda aos meios de transporte, principalmente o ferroviário. (Eric J. Hobsbawm. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo.* Trad. Donaldson Magalhães Garschagen. 5a edição. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 2003). A II Revolução Industrial, que eclode também na Inglaterra e que coincide com os primórdios da industrialização no continente, começaria em meados do século XIX e seria caracterizada por uma revolução no departamento produtor de meios de produção ou, segundo Landes, por uma revolução na aplicação da energia. É a revolução do aço, da eletricidade, dos produtos químicos e sintéticos, dos meios de comunicação, como o telégrafo. Apesar de divergentes

que a taipa e o bairro não forneciam estabilidade suficiente para acolhê-las. Antes disso, os artigos eram expostos em "araras" que ficavam defronte aos estabelecimentos.[18]

Dentre os estabelecimentos que passaram por reformas desse tipo, citamos o do relojoeiro Bamberg, instalado na XV de Novembro. Em 1909, já acomodado na capital, fora obrigado a demolir o edifício de taipa que ocupava. Em seu lugar, apareceria um suntuoso sobrado com três andares, além de sótão e subsolo, projetado pelo arquiteto suíço Carlos Eckman.[19] Também os Fretin, localizados na São Bento e pertencentes ao mesmo ofício, seriam impedidos de reformar o sobrado de taipa. Contrataram então o arquiteto Manoel Asson para a projeção de um novo edifício, optando pelo estilo eclético da fachada.

Em princípios do século XX, a Rua XV de Novembro teve o seu traçado retificado, tornando-a ainda mais propícia aos passeios paulistanos de final de tarde. Passou então a ser uma das ruas preferidas para a convivência dos elegantes ou daqueles com pretensões a sê-lo. Por seu cunho comercial e cosmopolita, era uma das ruas mais freqüentadas à noite,[20] tornando, muitas vezes, o trânsito bastante difícil, já que os rapazes costumavam estacionar seus carros na calçada.[21] Moças bonitas faziam ali o seu *footing* vespertino, observadas pelos pelintras de chapéus de palha, os chamados "almofadinhas".[22] Segundo Alfredo Moreira Pinto, por ela transitavam nos anos de 1900: "(...) indivíduos de todas as classes e nacionalidades [sendo] o ponto para onde converge tudo quanto São Paulo tem de mais seleto: políticos, jornalistas, acadêmicos, comerciantes, excursionistas que formam às portas das lojas diversos grupos, onde discutem os mais variados assuntos".[23] Nem era tanta a diversidade de classes que por aí transitava, nem tão democrática a rua, mas o que surpreendia esse viajante do Rio era a

---

no que concerne à abordagem metodológica, Hobsbawm e Landes não diferem quanto à periodização relativa à Revolução Industrial. (David Landes. *Prometeu Desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental, desde 1750 até nossa época.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994).

[18] Marcos Calixto Rios. "Breve Histórico da Rua XV de Novembro". Parte de pesquisa de iniciação científica intitulada "Uma rua em três tempos: o caso da XV de Novembro em São Paulo". São Paulo, FAU-USP, 2005.

[19] Barbuy, *A Cidade...*, Op. cit., p. 135.

[20] Alfredo Moreira Pinto. *A cidade de São Paulo em 1900.* São Paulo, Governo do Estado, 1979, pp. 250-251.

[21] Louis Casabona. *São Paulo du Brésil. Notes d'un colon français.* Paris, E. Guilmote, 1908 (?), p. 68.

[22] Americano, *São Paulo...*, Op. cit.

[23] Pinto, *A cidade...,* Op. cit., p. 224.

transformação que São Paulo sofrera em somente dez anos, data da visita anterior de Alfredo Moreira Pinto à cidade.[24]

Era também na XV de Novembro que se localizavam os prédios dos principais jornais de São Paulo, o *Correio Paulistano*, o *Diário Popular* e *O Estado de São Paulo*. Restaurantes e hotéis de luxo podiam ser encontrados em toda sua extensão. A partir de 1910, começam a se concentrar ali as atividades financeiras da capital, intercalando finanças e homens de negócios com os estabelecimentos mais elegantes da capital. Juntamente com a Rua da Boa Vista, a Rua XV de Novembro reunia os principais bancos, como o Banco Alemão, o Banco do Comércio e Indústria, o *London Bank, o* Crédit Foncier, o Banco Italiano e outros.

Aos poucos, a simples residência foi perdendo espaço na rua para ceder lugar ao comércio única e exclusivamente. Entretanto, durante o recorte abrangido pelo estudo, a conjugação entre o estabelecimento comercial e a residência de seu proprietário foi uma característica típica destas ruas centrais de São Paulo. Aliás, esse fato não entra em nenhuma contradição com a não especialização das casas comerciais que, geralmente, vendiam desde alimentos, passando por bugigangas, até maquinários.

Além dos bancos, a XV de Novembro da virada do século também se caracterizava pela presença de numerosas joalherias. Se caminhássemos da Praça Antônio Prado em direção à Praça da Sé, encontraríamos, do lado par, Maurice Grumbach e Netter, vizinhos, nos número 46 e 48, respectivamente, Suplicy, no número 22 e Bamberg, no 14. Do lado ímpar, teríamos Levy, no número 43, Michel, nos números 25 a 27, Fox, no número 7.

O comércio de jóias crescera bastante ao longo do século XIX. Em meados do século XIX eram somente dez os joalheiros e ourives da capital, além de 4 relojoeiros, metade deles portugueses, o que comprova a tradição lusitana nesse ramo de comércio.[25] A partir do terceiro quarto do século XIX, no entanto, esse perfil do comércio joalheiro muda. Em 1895, os

[24] "Tinhas então as ruas sem calçamento, iluminadas pela luz baça e amortecida de uns lampiões de azeite, suspensos a postes de madeira; tuas casas, quase todas térreas, tinham nas janelas umas rótulas através das quais conversavam os estudantes com as namoradas; os carros de bois guinchavam pelas ruas, sopesando enormes cargas e guiados por míseros cativos (...) Está V. Ex. completamente transformada, com proporções agigantadas, possuindo opulentos e lindíssimos prédios, praças vastas e arborizadas, ruas todas calçadas, percorridas por centenares de pessoas, por faustosos e ricos trens tirados por soberbas parelhas de cavalos de raça e cortadas por diversas linhas de bondes (...) com uma população alegre e animada, comércio ativíssimo, luxuosos estabelecimentos bancários, centenares de casas de negócio e as locomotivas soltando seus sibilos progressistas, diminuindo as distâncias e estreitando em fraternal amplexo as povoações do interior". (Pinto, *A cidade de São Paulo...*,, pp. 7, 253).

[25] Barbuy, *A cidade-exposição...,* Op. cit., p. 129.

comerciantes lusitanos compunham apenas 20% do total, e, em 1900, seriam somente 10%. A maior parte dos representantes é de origem francesa, inglesa, alemã, ou ainda, suíça. Eram os Fox, Suplicy, Worms, Levy, Bamberg, Grumbach, Fretin. Tais comerciantes, reconhecidos artesãos formados em países europeus e/ou, pertencentes a famílias que há séculos trabalhavam no ramo, gozavam também aqui de imenso prestígio social. Henrique Fox, por exemplo, residindo e comerciando na capital desde 1854, teve o privilégio da instalação do relógio da Torre da Igreja da Sé em 1842, vistoriando-o até sua morte em 1891.[26] Antônio Egídio Martins a ele se refere como um "popular, estimado e afamado relojoeiro".[27]

Cabe lembrar que, na virada do século, além da mudança na orientação do comércio de ourivesaria quanto à nacionalidade, também toma uma nova direção a natureza do estabelecimento que deixa de ter o caráter de oficina para ser ponto de revenda de artigos importados. É o caso, por exemplo, dos Suplicys, que, antes mesmo da transferência de seus estabelecimentos do número 43 para o 22-A da Rua XV de Novembro, exerciam tanto os trabalhos de ourivesaria quanto de comercialização: "Hippolito Suplicy. Rua XV de Novembro, 43. Grande e esplêndido sortimento de jóias cravejadas de brilhantes, safiras, pérolas, rubis e outras pedras preciosas, artigos apropriados para casamentos. Sortimento sem igual de jóias fantasias para todos os preços. Esplêndido sortimento de estátuas de bronze e metal. Prataria, constando serviço para toilete, faqueiros, copos, tinteiros de todos os tamanhos, licoreiros, serviços para chá, talheres, serviços para costuras, ricas e grandes pastas, galheteiros,[28] saladeiras, fruteiras, porta-cartões e muitos outros artigos. Sortimento de pêndulos, relógios de níquel, prata e ouro.".[29]

Outra casa de renome no ramo da ourivesaria era a Casa Levy. Henri Levy, o primeiro imigrante francês do ramo, começara com uma casa de jóias na Rua do Rosário, mas passara para uma casa de artigos musicais na Rua XV de Novembro, no número 33. Ali, intitulara-se o único revendedor do legítimo piano *Pleyel* na capital: "a preços fixos e sem competência",[30] sendo também um dos pioneiros na venda a preços fixos. Os outros Levys continuariam seguindo o

[26] Idem, ibidem, pp. 130-131.
[27] Antônio Egídio Martins. *São Paulo Antigo. (1554-1910).* Org. Fernando Góes. Pref. e notas Byron Gaspar. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1973, p. 193.
[28] Recipientes para guardar vinagre, azeite e sal.
[29] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 12/01/1891.
[30] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 06/11/1907.

ofício de ourives. Jacob Levy, por exemplo, começou com uma joalheria na Rua do Comércio em 1878, passou para a Rua da Direita em 1885, deslocou-se, em 1890, para a XV de Novembro, número 27, mas conservando-se sempre no ramo de venda de jóias. Outro exemplo é a firma de Paul Levy que também se estabelece na Rua XV de Novembro, mas no número 43, dando-lhe o nome de Casa Levy. Aí construiu um novo edifício em 1902, incorporando elementos *Art Nouveau* e a eles acrescentando os detalhes de requinte de uma casa de jóias de excelência: "O teto de tábuas veio a receber lustres e luminárias elétricas, difundindo luz sobre os metais. As vitrines cobriam as paredes e distribuíam-se por balcões, repletas de artigos, sendo provavelmente iluminadas por dentro. Um espelho de grandes proporções colaborava, ainda por seus reflexos, para maior luminosidade e impressão de amplitude do ambiente".[31]

As novidades da II Revolução Industrial aparecem coladas à engenharia dos edifícios, aos estilos arquitetônicos, às novas formas de venda e exposição, concedendo uma dimensão feérica ao produto em uma proporção jamais antes vista. Os valores cosmopolitas e citadinos são iluminados pelas luzes das vitrinas, transformando as potencialidades das operações comerciais em consumo quase que imediato. A importação das novidades industrializadas produz uma aristocratização cada vez mais aguda dos espaços, do comércio e do consumo: "(...) o comércio das ruas centrais por certo se aristocratizara, não apenas em relação às coisas que se vendiam, como na própria forma pela qual elas eram apresentadas ao comprador".[32]

A casa de Maurice Grumbach, *À La Pendule Suisse*, na esquina da XV de Novembro e de uma das travessas que a ligam à Rua da Boa Vista, anunciava com orgulho a menção honrosa recebida na Exposição de 1889 em Paris. O comércio da família cresceria e, em 1900, Lazare Grumbach instalaria seu *Au Grand Dépot* em dois endereços: uma loja na Rua São Bento, número 91, e outra na Líbero Badaró. Consagrar-se-ia como um grande vendedor das porcelanas de Limoges, mantendo, em paralelo, uma oficina de decoração na própria cidade de Limoges.[33]

Também na Rua XV de Novembro ficava a Casa Michel. Começara com Isidoro Michel, passando para as mãos dos Worms por volta de 1890. Antes de comprarem o estabelecimento, Alphonse, Alexandre, Justino e José Worms tinham estreado na capital como vendedores ambulantes em 1850 e assim continuariam até 1860. Instalavam-se em hotéis e, daí, iam vender

[31] Barbuy, *A cidade-exposição...,* Op. cit., p. 133.
[32] Bruno, *Histórias...*, vol. III, Op. cit.,
[33] Barbuy, *A cidade-exposição...*, Op. cit., p. 151.

seus produtos nas casas das famílias mais abastadas, anunciando-os como vindos diretamente de Paris. Acomodados já em São Paulo continuaram, mantiveram o endereço que tinham em Paris, na Rua Lafayette. Diziam-se os verdadeiros representantes dos relógios suíços *Ideal*, da empresa Girard Perregaux, e além dos relógios, passariam a oferecer também cronômetros e "objetos decorativos para interiores domésticos, como bacias com *gomis* e outros artigos de metal".[34]

Defronte à Galeria de Cristal, a casa concorrente Bento Loeb, de proprietários sírios, diziam-se os únicos concessionários do relógio *Ômega*. Além dos relógios de luxo, eram também vendedores de "brilhantes, pérolas, pedras finas, *Bijouterie* 18 quilates, *Baccarat*, pêndulas, objetos de prata, objetos de marfim, metais inalterados, grande variedade de anéis de bacharéis, professores, dentistas".[35]

Os relógios traziam para a sociedade uma nova relação com o tempo, relação essa inexistente no período colonial, cujo compasso era marcado pelas atividades cotidianas e pelo badalar dos sinos da Igreja, bastante numerosos então: "Aqueles [relógios], como o do Fox, instalados nas torres de igrejas ou edifícios públicos, como o da Faculdade de Direito do largo de São Francisco, faziam parte dos novos tempos urbanos em que o poder público se empenhava em marcar seus edifícios com signos laicos".[36] A Revolução Industrial marcaria a passagem do tempo antigo para o tempo moderno, que é demarcado, controlado e administrado por mecanismos externos ao corpo, como o relógio, o cronômetro, as campainhas que controlam o ritmo da atividade fabril.[37] Isso não seria diferente na São Paulo de Piratininga que se transformava em metrópole. À medida que a cidade tomava contornos cada vez mais cosmopolitas, algumas das insígnias religiosas eram demolidas e substituídas por símbolos laicos, transformando-se também a relação entre o habitante da cidade e o tempo.

Surgido no século XVII, é somente em finais do século XIX que o hábito de freqüentar cafés e confeitarias se transformará em verdadeira febre na Europa. Data dessa época o

[34] Idem, ibidem, p. 79.
[35] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 12/11/1907.
[36] Barbuy, *A cidade-exposição...,* Op. cit., 131.
[37] O controle rígido do tempo, tanto de trabalho, como de diversão, tornando-o quase nulo são fundamentais para a constituição das bases da disciplina fabril: "Nas regiões industriais, podia-se observá-la [a disciplina] na expansão da disciplina fabril, condicionada pela campainha e pelo relógio, do trabalho às horas de lazer, dos dias úteis ao Sabath, e também nas tentativas de repressão do 'domingo do sapateiro', das feiras e dos feriados tradicionais". (Edward Palmer Thompson. *A formação da classe operária inglesa.* Vol. II. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 294). Ainda sobre o relógio, vide David Landes. *Revolution in Time: Clocks and the Making of The Modern World.* Cambridge, Belknap Press, 1983.

surgimento das formas noturnas do café, como o café-concerto e o cabaré. No Brasil, eram também comuns as cervejarias e os bares. Luiz Edmundo, no *Rio de Janeiro do meu Tempo*, define qual era o espírito que atraía as pessoas para os cafés: "(...) o café, no começo do século, era meio casa de família, meio grêmio, meio escritório, sempre cheio, ponto agradável de reunião e de palestra, onde se recebiam recados, cartas, amigos, conhecidos e até credores".[38]

Em São Paulo, o espírito era o mesmo e as referências européias para legitimar costumes não muito habituais entre os paulistanos, como o de tomar o chá da tarde, por exemplo, estavam sempre presentes. Às vezes, as referências chegavam a ser redundantes, como no nome de um dos primeiros estabelecimentos desse tipo, o "Café do Chá": "Abre-se hoje o Café do Chá. Primeiro estabelecimento desta ordem no estado de S. Paulo".[39]

Outros cafés importantes localizados à XV de Novembro eram o Café Paraventi, o Café Guarani, para os estudantes boêmios, o Café Java, instalado no Largo do Rosário desde 1883. Aí se podiam encontrar "gabinetes particulares para as famílias, com serviço especial",[40] demonstrando já a separação de espaços entre as famílias comuns e as famílias abastadas. Dentre as confeitarias de luxo, que passariam a migrar da XV de Novembro para o Largo do Rosário no início do século XX, citamos a Confeitaria Paulicéia e a Confeitaria Progredior, parte de um complexo pertencente à Sociedade Progredior e destinado a reunir a alta sociedade da época. As paredes, pintadas com alegorias criadas pelo arquiteto Cláudio Rossi e cobertas por ricos espelhos, alimentavam o olhar infantil de estar em um mundo de fantasias "onde, ao ar livre, ao lado das parreiras, se tomavam ótimos sorvetes e se degustavam deliciosas guloseimas, oferecia um espetáculo acima da minha imaginação".[41]

Em se tratando de um mundo à parte, a Casa Garraux, no número 40 desta rua, era uma verdadeira preciosidade: "um pedaço da França encaixado na Rua Quinze de Novembro".[42] Nascido em Paris em 1833, Anatole Louis Garraux chegara à capital paulista ainda no Império

---

[38] Luiz Edmundo da Costa. *O Rio de Janeiro do meu tempo.* vol. 1. Brasília, Edições do Senado Federal, 2003, p. 349.
[39] *O Correio Paulistano.* São Paulo, 17/01/1890.
[40] Bruno, *História...*, vol. III, p. 1152.
[41] Antônio de Almeida Prado. *Crônica de outrora.* São Paulo, Ed. Brasiliense, 1963, p. 127.
[42] Francisco de Assis Barbosa. "Alguns aspectos da influência francesa no Brasil (Notas em torno de Anatole Louis Garraux e da sua livraria em São Paulo)". *In Coleção Documentos Brasileiros*, n. 100. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962, p. XXXII. Corresponde à introdução ao fac-simile de Anatole Louis Garraux. « Avant-Propos ». *Bibliographie brésilienne: catalogue des ouvrages français & latins relatifs au Brésil (1500-1898).* Paris, Chadenat, 1898.

para comandar a filial da Livraria da Casa Imperial que o livreiro Baptiste-Louis Garnier abrira em São Paulo em 1860. Dois anos depois, seu estabelecimento já podia ser visto ao fundo de uma foto, junto ao Largo da Sé, em uma das produções de Militão de Azevedo. Mais tarde, instalar-se-ia, neste mesmo endereço, o Café Girondino. Entre os atrativos para a elite intelectual paulistana, enumeramos suas mesas com tampos de mármore vindos de Carrara e o mobiliário todo confeccionado em pinho-de-riga.[43]

Grande capitalista, Garraux investira nas primeiras ações da estrada de ferro São Paulo Santos. Com os rendimentos, compraria, em 1880, seu segundo endereço na Rua da Imperatriz, um edifício com "fachada de mármore e grandes vitrines".[44] Este novo endereço começaria como ponto de venda de livros e revistas importadas até passar a empório de venda de produtos em geral.[45] Entraria para a memória histórica de São Paulo como o primeiro estabelecimento a introduzir novidades como o envelope – as cartas eram escritas, até então, no chamado "papel de peso", que continha folhas duplas, sendo a segunda destinada a capear a correspondência -, as caixas registradoras e máquinas de calcular, "tudo importado".[46] Era uma casa "cheia de tentações para grandes e pequenos",[47]como atesta a Princesa Isabel em visita à cidade.

A Casa Garraux e seu mundo de curiosidades seria ainda matéria-prima para muitos romances da literatura brasileira, dentre os quais, *A Carne*, de Júlio Ribeiro. Lenita, recém-chegada à cidade de São Paulo, para onde vinha fugindo à paixão que sentia por Manuel Barbosa, escreve a este descrevendo os detalhes da Casa Garraux e dos intelectuais que a freqüentavam: "Em frente - a Casa Garraux, vasta Babel, livraria em nome, mas verdadeiramente bazar de luxo, onde se encontra tudo, desde o livro raro até a pasta de aço feita, passando pelo *Cliquot*[48] legítimo e pelos cofres a prova de fogo".[49] Realmente, a Casa Garraux, embora pertencente ao comércio livreiro, comercializava de tudo. Em ocasião de exposição da loja em 1892, anunciava: "Abertura dos vastos salões da Casa Garraux. Exposição sem igual de objetos para presentes. Grande

[43] Barbuy, *A cidade-exposição...*, Op. cit., p. 78
[44] Gustavo Sorá. *Brasilianas: A Casa José Olympio e a instituição do livro nacional.* Rio de Janeiro, PPGAS do Museu Nacional/UFRJ. Originalmente tese de doutorado.
[45] Sora, *Brasilianas...*, Op. cit.,
[46] Laurence Hallewell. *O livro no Brasil: Sua História.* 2ª edição. São Paulo, Edusp, 2005, pp. 302-305.
[47] "Diário da Princesa Isabel". *In* Carlos Eugênio Marcondes de Moura (org.). *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX.* São Paulo, Unesp, 1998, p. 243.
[48] Marca de champagne francês. A grafia correta é *clicquot.*
[49] Júlio Ribeiro. *A Carne.* São Paulo, Martin Claret, 1999.

variedade de bronzes, *biscuits*, porcelanas, carteiras, álbuns, bengalas, caixas para jóias, artigos para fumantes, objetos para viagem, brinquedos, bonecas, espelhos, pastas de luxo, objetos de escritório, livros de missa, mesas para jogos, quadros, cadeiras, mobílias, etc., e uma variedade-monstro de objetos que seria difícil enumerar".[50] Dentre as bebidas ali vendidas, todas muito refinadas, anunciavam-se: *Grands Vins de Bourgogne*, *Grands Vins de Champagne, vins du Rhin,* conhaques e licores. Em um anúncio do *Correio Paulistano,* até mesmo artigos nacionais eram arrolados: "Fumo de Goiaz: Vende-se na casa Garraux esta especialidade de fumo e na casa da Rua do Braz".[51]

Ainda na Rua XV de Novembro, um outro ramo bastante requisitado era o ramo da moda. Dentre os principais estabelecimentos, encontramos o Louvre, defronte à Galeria de Cristal, no número 57, e a Camisaria Especial, sua vizinha no número 55, importadora das famosas camisas *Bertholot* e tudo quanto houvesse de mais *chic*.[52] No número 49, havia a casa "Ao Mundo Elegante, Roupas Feitas", fundada em 1900, uma das pioneiras na venda de produtos feitos. Em seus anúncios, enfatizava a vantagem de combinar, ao mesmo tempo, um profundo conhecimento da última moda francesa em roupas feitas com a solicitude dos serviços feitos em língua portuguesa: "Casa portuguesa e brasileira. Tudo quanto possam desejar, sendo as *toilettes*, chapéus e mais artigos de mais aprimorado gosto e os espartilhos de uma execução e corte admiráveis, única maneira de vestir bem. Além disso, conquanto todo o pessoal seja francês, a direção da nossa casa perfeitamente portuguesa dá a maior garantia às famílias brasileiras evitando-lhes complicações que quase sempre sucedem com as pessoas que desconhecem Paris".[53] Durante a crise de 1900, a casa encerraria suas atividades, leiloando estoques de tecidos, rendas, armarinhos, meias, camisas, procedimento habitual nos momentos de crise da exportação de café, que encarecia as importações por conta das desvalorizações súbitas da taxa de câmbio. O negócio seria novamente aberto na Rua XV de Novembro alguns anos depois, ainda ligado à moda feminina. Em 1911, incorporaria um ateliê de chapéus para senhoras, notabilizando-se no ramo.[54]

---

[50] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, dez/1892.
[51] *O Correio Paulistano.* São Paulo, 17/01/1890.
[52] *O Correio Paulistano.* São Paulo, 20/03/1890.
[53] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 30/04/1890.
[54] Barbuy, *A cidade-exposição...*, Op. cit., p.190.

Do lado par, tínhamos *À Pygmalion*, no número 34, e a casa de modas Duas Cidades, no número 32, assim chamada por ter uma filial na capital e uma em Campinas. *À Pygmalion* confeccionava vestidos de noiva, grinaldas e enxovais, além de todo o tipo de vestuário feminino. Contava ainda com acessórios do vestuário feminino, fitas, rendas, leques, além de outros artigos de perfumaria, como tintura para cabelos. Até mesmo coroas de flores para finados participavam da imensa gama de artigos que lhe pertenciam.[55] Divulgava anúncios bastante criativos, que contavam com certa capacidade de abstração do leitor, já prenunciando, em certa medida, formas publicitárias que somente chegariam com o Modernismo: "Excelentíssimas Senhoras, quereis estar bem vestidas? Comprai fazendas na Casa Pygmalion!".[56] Em 1906, uma bela fachada em estilo *art nouveau* seria construída para o imóvel.

Ao lado da Casa Lebre de artigos para ferragens e um pouco antes da esquina com a Rua Direita, encontrávamos a Casa Lemcke, especialista em artigos importados para o inverno paulistano. A estação de inverno era uma ótima oportunidade para trazer algumas das novidades que dificilmente poderiam ser adaptadas ao calor dos trópicos. Alguns tipos de lãs, peles, *marroquineries* eram sempre bem-vindos: "Acabamos de receber um sortimento completo em lãs, *draps*, flanelas, artigos de malha, cobertores de lã e algodão".[57]

Para Jorge Americano, a profusão de casas de moda, em especial nas ruas XV e Novembro e Direita, contava com um novo olhar para a França, o que, a nosso ver, era uma das formas de construção de uma identidade nacional que caminhava em sentido inverso às nossas heranças coloniais portuguesas, vistas nesse contexto como sinonímia de atraso. Além disso, representava um novo momento na história paulistana, qual seja, a criação de uma *polis* que se bastava a si mesma, contando não somente com o comércio de produtos ligados à subsistência, mas, principalmente, com o comércio dos produtos mais sublimes que anunciavam o que havia de mais civilizado. A enorme variedade de casas ligadas ao vestuário marcava a ruptura com a antiga necessidade da elite em se deslocar para o Rio de Janeiro para se vestir com apuro. Os paulistas contavam agora com um importante comércio de luxo alimentando a capital: "A Casa Alemã, A Casa Paiva, a Dona Juanita, a Favorita, a Casa Lemcke, o Mundo Elegante, a Casa

[55] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 25/10/1907.
[56] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 23/10/1907.
[57] *Estado de São Paulo.* São Paulo, 10/04/1910.

Bonilha, a Pigmalion, a Casa Genin. O alfaiate Raunier e o Almeida Rabelo tinham sucursal em São Paulo e o Vieira Pinto, paulista, já era um alfaiate renomado".[58]

Vale a pena citar ainda os ateliês fotográficos de N. Steidel & Cia., fundado em 1893, e o escritório fotográfico de Guilherme Gaensly,[59] localizado também na Rua XV de Novembro, rua que inspirara suas perspectivas e olhares sobre a cidade, registrando, a partir dela os principais momentos da sociedade paulistana do início do século. Dessa forma, a elite da Paulicéia não somente ia à XV de Novembro para se fazer vestir com luxo, mas também para registrar esse momento, asseverando as posições conquistadas.

2.3 A moda na Rua Direita

Recebeu o nome de Rua Direita por ser o "caminho direito" entre o terreiro da Sé e o despenhadeiro do Anhangabaú. Anteriormente, seu nome completo era Rua Direita de Santo Antônio e, apesar de tantos "direitos", jamais fora direita: "(...) foram chamando Rua Direita, como quem queria dizer – rua direta – assim como denominavam 'rua direita que vai para São Bento', 'rua direita que da Misericórdia vai para Santo Antônio'. Daí se deu, como a tudo se dá, empírica e historicamente falando, uma explicação à tortuosidade da Rua da Direita".[60] Os paulistanos mais espirituosos da virada do século, aproveitando-se desse paradoxo, costumavam fazer um trocadilho com o famoso anúncio da Casa Kosmos: "Ao passar pela Rua Direita, não deixe de ver as camisas da Casa Kosmos", dizendo: "Ao passar pela Rua Direita, não deixe de ver que ela é torta".[61]

Combinando edifícios tradicionais - no começo do século XX, a Rua Direita talvez fosse a rua do Triângulo que mais concentrasse edifícios antigos - aos reformados, ali encontrávamos o

[58] Americano, *São Paulo...*, Op. cit, p. 408. Lembramos que todas as casas citadas se localizavam na Rua XV de Novembro.
[59] O fotógrafo suíço de origens protestantes, Guilherme Gaensly, chegara ao Brasil em 1860, realizando seus primeiros trabalhos fotográficos em Salvador. Em 1890, mudou-se para São Paulo, onde abriu, na Rua XV de Novembro, uma filial da Photographia Gaensly & Lindemann, cuja matriz continuou em Salvador sob a direção de seu sócio Lindemann. Em 1900, a sociedade seria desfeita e a firma passaria a se chamar Photographia Gaensly tão somente. (Boris Kossoy. *Origens e expansão da fotografia no Brasil: século XIX.* Rio de Janeiro, Funarte, 1980, pp. 51 e ss.)
[60] Paulo Cursino de Moura. *São Paulo de Outrora - evocações da metrópole.* 3ª edição. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1954, p. 15.
[61] Moura, *São Paulo de Outrora...*, Op. cit., p. 15.

que havia de mais luxuoso em termos de moda na capital. Eram lojas de armarinhos e fazendas, *ateliers* de confecção, chapelarias e luvarias, *magasins* de roupas feitas, tanto para os gostos masculinos, quanto femininos mais exigentes. Já houvera mesmo viajante estrangeiro que, em 1883, comparara a Rua Direita às ruas mais refinadas da corte: "(...) por causa das suas grandes lojas, das suas vitrinas, dos seus quiosques com bandeirolas, dos seus anúncios coloridos em todas as paredes".[62]

Aí despontariam as primeiras lojas de departamento com técnicas de venda revolucionárias e sedutores mecanismos de exposição. Já as lojas de artigos populares se concentravam nas ruas Florêncio de Abreu, 25 de Março, Rua do Carmo, Avenida Rangel Pestana. Além de artigos populares, aí se agrupavam também os comerciantes de origens mais humildes, como os imigrantes sírios e libaneses que começaram trabalhando como mascates na Rua 25 de Março e depois passaram ao comércio de armarinhos e tecidos também na mesma rua.

Ao longo do século XIX, os trajos, tanto masculinos, quanto femininos, e mesmo infantis, assistiram a transformações que resultaram em uma diferenciação cada vez mais intensa entre os sexos e as idades, delimitando visivelmente os papéis de cada ator dentro da sociedade. A relação entre capitalismo, modernidade e moda transformaria os trajes masculinos no sentido de uma maior sobriedade, ligada ao rigor da disciplina de trabalho, permeada pela ética do sustento que este proporciona à família. Os trajes femininos seriam mais coloridos e mais leves, em especial a partir do último quarto do século XIX, já que antes, o vestuário feminino chegava por vezes a pesar 15 quilos: "(...) de um lado uma moral masculina contratual, um código de honra originado nos contatos da vida pública, comercial, política e das atividades profissionais - e do outro uma moral feminina, relacionada com a pessoa e os hábitos do corpo e ditada por um único objetivo, agradar aos homens".[63] Trataremos mais detidamente desse aspecto e de suas particularidades na sociedade periférica no último capítulo deste trabalho, mas, aqui, vale a pena apontar as relações entre tais transformações e a evolução do comércio de vestuários: "C'est le

[62] Karl Von Koseritz. *Imagens do Brasil.* Tradução de Afonso Arinos de Mello Franco. Rio de Janeiro, Biblioteca Histórica Brasileira; Livraria Martins Editora, 1941, p. 255. Texto Original "Bilder aus Brasilien", editado na Alemanha em 1885.
[63] Gilda de Melo e Souza. *O Espírito das Roupas a moda no século XIX.* São Paulo, Cia das Letras, 1987.

commerce du vêtement, et non plus l'art comme autrefois qui a créé le prototype de l'homme et de la femme modernes... On imite les mannequins et l'âme est à l'image du corps".[64]

O último decênio do século XIX e o primeiro do século XX assistiram às primeiras formas de produção em massa de roupas prontas, levando o princípio fundador da moda - a mudança permanente - ao seu extremo. Ao lado da produção em massa, da generalização de padrões, a crescente necessidade da recriação da diferença, da aplicação constante da criatividade visando sempre a algo novo: "La *Haute Couture* d'une part, initialement appelée Couture, la *confection* industrielle d'autre part, telles sont les deux clés de voûte de la mode de cent ans, système bipolaire fondé sur une création de luxe et sur mesure s'opposant à une production de masse, en série et bon marché, imitant, de près ou de loin les modèles prestigieux et <griffés> de la Haute Couture. Création de modèles originaux, reproduction industrielle: la mode qui prend corps se présente sous le signe d'une différenciation marquée em matière de techniques, de prix, de renoms, de buts concordant avec une société elle-même divisée em classes aux modes de vie et aspirations nettement tranchés".[65] Apesar de a moda ter nascido ao final da Idade Média, caracterizando-se, portanto, enquanto um fenômeno essencialmente moderno, é somente com a consolidação do capitalismo que a sua lógica metamórfica entra em harmonia com a mesma lógica que rege a sociedade moderna, qual seja, a do progresso e da mudança permanentes proporcionados pela tecnologia.

Dentro do sistema de produção capitalista, a moda não mais se caracteriza por sua exclusividade. Ela é a diversidade que somente pode ser definir pelo que é comum, geral; a novidade que quebra a rotina. É a relação entre diferenciação e generalização de padrões, tornando o consumo e a produção de vestuário partes de uma mesma moeda, que conferem dinâmica à moda moderna. E é o que também lhe confere o atributo de efêmera porque a diferença, conforme permeia novos estratos sociais, não consegue se sustentar por um período longo de tempo. Ainda mais curiosa é a maneira como se dá a mudança dentro do mundo da moda: os desfiles têm data e local exatos para apresentarem as suas últimas novidades.[66]

---

[64] Henri Pollès. "L'art du commerce", 12/02/1937. Apud Walter Benjamin. *Paris capitale du XIXe siècle. Le livre des passages*. Paris, Éd. du Cerf, 2006, p. 103.

[65] Gilles Lipovetsky. *L'empire de l'éphémère. La mode et son destin dans les sociétés modernes.* Paris, Éditions Gallimard, 1987.

[66] "Fondée au milieu du XIXe siècle, ce n'est qu'au début du siècle suivant que la Haute Couture adoptera le rythme de création et de présentation qu'on lui connaît encore de nos jours. Initialemente, point de collections à date fixe, les

Nesse contexto de produção em massa de roupas, prescrito pelo processo de difusão da novidade, a produção artesanal toma um novo alento, conferindo *status* àqueles que têm condições de contratá-la. Na Inglaterra e na França, em especial nesta última, onde a pequena produção protagoniza a transição para o capitalismo, a produção artesanal toma novo impulso e se valoriza frente à produção em massa. Os produtos feitos sob medida passariam a ser marca de grande refinamento. Em São Paulo, assiste-se a processo semelhante, representado pela imensa profusão de modistas e alfaiates.[67]

A moda feminina continuava a ser ditada quase que unanimemente pelas tendências francesas. Esse era, aliás, o principal argumento utilizado para cativar as clientes. Veja-se, por exemplo, o anúncio de Madame Fanny Silva (Rua Direita, número 20), que, apesar de ter um sobrenome incontestavelmente português, adota um primeiro nome afrancesado, forma de legitimar o seu comércio: "Madame Fanny Silva de passagem por esta capital e chegada recentemente de Paris donde trouxe um lindo e escolhido sortimento de fazendas, a saber: ricos vestidos de seda, lã, *cachemira*, *de alto luxo e feitos em Paris*, manteletes, o que há de mais elegante; alta novidade em sombrinhas, *nunca antes vistas no Brasil,* lenços, meias, camisetas de seda, roupas brancas, *pegnoires*, leques e chapéus alta novidade de Paris; espartilhos superiores, rivalizando com os de Mme. Vertus, rendas, bordados, vidrilhos, fitas, elegantes e lindas, sedas, *surahs*,[68] cachemiras, flanelas. Especialidade em sedas pretas e cores".[69]

O curioso é que, apesar da tendência à diminuição dos aparatos a partir de 1900, os anúncios brasileiros sempre vêm sobrecarregados deles, associando sua presença ao luxo e requinte daqueles que os portam. No vestuário feminino, a perda dos excessos corresponde à diminuição do volume de tecidos, dos babados e das crinolinas dos vestidos, que, por sua vez, tinham surgido da substituição das anáguas em 1850, uma verdadeira revolução para a época.[70] A

---

modèles étant créés tout au long de l'année, variant seulement en fonction des saisons (...) Au lieu d'une logique fortuite de l'innovation, se son mis en place une normalisation du changement de mode, un renouvellement impératif opéré à date fixe par un groupe spécialisé. La Haute Couture a discipliné la mode au moment où elle enclenchait un processus d'innovation et de fantaise créatrice sans précedent ». (Lipovetsky, *L'Empire...*, Op. Cit., pp. 84-85).

[67] Barbuy, *A cidade-exposição...*, Op. cit., pp. 188-189

[68] Tecido de sarja de seda originário de Suran, Índia.

[69] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 02/04/1910.

[70] A crinolina de armação consistia em uma saia com vários arames costurados que conferiam forma desejada à saia superior. Era muito mais leve que as inúmeras anáguas utilizadas pela mulher para dar forma à saia. Com o tempo, deixaria a forma circular perfeita para aderir à forma oval, um pouco mais alongada na parte de trás, mas ajudando

silhueta feminina arqueada pelos novos vestidos aproxima-se de um "S", dando a impressão de a mulher estar sempre em posição de reverência. O efeito era produzido pela saia prolongada em "pequenas caudas enxertadas com franzidos, rendas e laçarotes".[71] O sentido maior dessa transformação é a penetração do estilo *Art Nouveau* no mundo da moda, valorizando as formas orgânicas, aproximando-as ao máximo de seu estado natural. As cores também são guiadas pelo novo estilo e evocam a "frivolidade e a fragilidade – em tons como o rosa desbotado e o malva desmaiado".[72]

Em meio à multiplicação de costureiras de todos os tipos na cidade de São Paulo, as modistas tentam sobressair-se procurando algum diferencial para os seus produtos. Afinal, qualquer costureira poderia agora reproduzir determinado modelo servindo-se simplesmente de moldes publicados no jornal *A Estação,* versão paulistana do figurino francês *La Saison.*[73] Além deste semanário, outras revistas podiam ser vistas circulando pela capital no começo do século XX: a *Samaritaine,* impressa pelo *magasin* francês de mesmo nome; a *Magasin des Demoiselles;* a *Salon de La Mode* e a *La Mode Illustrée.* Era bastante comum ainda que as casas de moda anunciassem, além de seus produtos habituais, a venda de moldes em seus estabelecimentos, como é o caso da Casa Sloper, no número 24 da Rua Direita: "A Casa dos Moldes. Moldes e figurinos. Já está aberta nesta cidade a sucursal da CASA DOS MOLDES da capital federal".[74] Alguns dentre os figurinos aí vendidos eram: *A moda universal, O Grande Metropolitan, O Delineator, Le miroir des modes, Os Moldes Butterick.*

Com tal variedade de moldes, era realmente uma tarefa árdua a da valorização do trabalho de alfaiataria e costura. Em anúncio publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, Madame Irma comunica aos clientes efetivos e àqueles em potencial o que a distingue das profissionais comuns: "Nenhuma costureira poderá confeccionar um vestido moderno sem um colete irrepreensivelmente fabricado por Mme. Irma. Rua Barão de Itapetininga, 75".[75] Também o *Ao Trianon* anuncia uma parte do estabelecimento aos cuidados de uma hábil modista de chapéus:

---

sempre a definir o "ponto erótico" feminino, uma vez que colocava em evidência as ancas, em especial durante o caminhar.

[71] Astrid Façanha. "100 anos de moda paulistana". *Revista Go Where São Paulo.* Ano V, n. 24, 2000.

[72] Façanha, "100 anos...", Op. cit.

[73] Americano, *São Paulo....*, Op. cit., p. 66.

[74] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 27/02/1900.

[75] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 02/04/1910.

"Avisamos à nossa freguesia que, anexo ao nosso estabelecimento de fazendas, modas e oficina de costura, abrimos uma seção de chapéus para senhoras a cargo de uma *hábil modista*.".[76]

Os recursos de divulgação utilizados para atrair fregueses eram bastante variados e iam desde diferenciais qualitativos até divergências de preços (que, na realidade, não eram tão grandes assim se compararmos os anúncios de diferentes concorrentes). O Ao *Boulevard* Paulista, um tanto quanto cauteloso, assim anuncia seu estabelecimento na Rua Direita, número 17: "Não mencionamos os nossos preços para os colegas não desconfiarem, mas afiançamos que são muito reduzidos e que estamos dispostos a vender barato todos os artigos de que se compõem o nosso variado sortimento de fazendas, modas e armarinhos".[77]

Ainda no setor de indumentárias femininas, a Casa Enxoval, localizada nos números 34 e 36 da Rua Direita, onde depois viria a ser a *Rotisserie Sportsman*, tinha comércio bastante diversificado, não somente vendendo roupas brancas para senhoras e artigos de crianças, mas também utensílios de decoração, móveis finos e artigos de tapeçaria e couro. Pelos Quatro Cantos (esquina da Rua Direita com a Rua São Bento), no antigo endereço da Casa Enxoval, passariam ainda o Café Acadêmico e a Chapelaria João Adolfo Schritzmayer. Na esquina oposta, do lado ímpar, o Hotel de França, "onde a cozinha era excelente",[78] consagrar-se-ia como o hotel-modelo de São Paulo na virada do século, encontrado em muitos dos registros de viajantes estrangeiros dessa época.

Localizada também nos Quatro Cantos, mas com uma pequena fábrica no Largo da Sé, com a qual abastecia seus próprios estoques de luvas nacionais, A Luva Paulistana proclamava-se vendedora de produtos nacionais, estrangeiros e sob medida, procurando assim agradar a todos os gostos e bolsos: "A Luva Paulistana. Abriu-se hoje a fábrica de luvas de pelica. M. Savin & Cia. Completo sortimento de luvas nacionais e estrangeiras. Recebem encomendas atacado e a varejo. Luvas sob medida em 1 hora. Preços reduzidos. Largo da Sé, 2".[79]

Enquanto a moda feminina era preponderantemente ditada pela França, a moda masculina seguia tendências inglesas. Isso porque, a partir da Revolução Francesa, o continente também

[76] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 03/03/1912.
[77] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 25/07/1890.
[78] Bruno, *História...*, Op. cit., vol. III, p. 1149.
[79] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 26/04/1890.

aderiu à indumentária britânica mais sóbria do que aquela antes adotada pela aristocracia francesa recém despojada de seu poder.

Todavia, seria somente a partir de meados do século XIX que o exagero de rendas, brocados e pó-de-arroz dos aristocratas pré-Revolução Francesa seriam realmente colocados em cheque. Isso aconteceria a partir do estereótipo masculino inaugurado pelo *dândi*. Seus trajes eram mais simples e flexíveis, coerentes com o ambiente urbano moderno e com os hábitos boêmios. Foram inspirados nos trajes de campo esportivos do século XVIII, agora coloridos por tons mais sombrios que traduziam o espírito mais esquivo do *flâneur.* Esse tipo de traje apontava para uma nova forma de revolta que seria prontamente acolhida pelos franceses. E seria um francês, Charles Baudelaire, o *flâneur* a se tornar o mais célebre de todos.[80] Sua alma *spleen* vagava sob um espectro de homem e roupas descrito por Walter Benjamin nas *Passagens*:

> « Un pantalon noir bien tiré sur la botte vernie, une blouse – blouse roulière bleue bien raide em ses plis neufs – pour toute coiffure ses longs cheveux noirs, naturellement bouclés, le linge de toile éclatante et strictement sans empois, quelques poils de barbe naissante sous le nez et au menton, et des gants roses, tout frais... Ainsi vêtu et non coiffé, Baudelaire parcourait son quartier et la ville d'un pas saccadé, nerveux et mal à la fois ».[81]

Apesar da aparência sombria, o trajo é impecável: calças bem esticadas sobre a bota envernizada, pregas recém feitas na blusa azul, a roupa branca de um tecido brilhante, as luvas cor-de-rosa inteiramente novas. Afinal, para o novo tipo urbano e moderno, "assim vestido e despenteado", o tecido, o corte e o caimento do traje vêm antes do exagero de adornos característico do traje barroco. A beleza continua a ser buscada tanto quanto antes porque o *dândi* é um tipo narcisista acima de tudo, mas o que muda é o tipo apreciado. As calças se tornam

[80] Walter Benjamin. *Charles Baudelaire: un poète lyrique à l'apogée du capitalisme.* Trad. J. Lacoste, Paris, Payot, 1982. A obra é composta por três textos, "Le Paris du Second Empire chez Baudelaire", "Sur quelques thèmes baudelairiens" e "Fragments baudelairiens", todos frutos do trabalho de tradução de Baudelaire feito por Benjamin para a língua alemã.
[81] Benjamin, *Paris...,* Op. cit., p. 248.

apertadas – "pantalon tiré" –, o rosto prescinde de pintura e os cabelos prescindem de penteados mais sofisticados ou perucas. Os tecidos preferidos são a lã e o algodão às sedas finas e cetins. Como os alfaiates ingleses seriam os primeiros "a aperfeiçoar as novas técnicas de costura para tais tecidos", viria "daí a tradição de alfaiataria como corte inglês para traje masculino".[82]

Dois grandes alfaiates seguiam esse estilo no Brasil, ambos portugueses: Almeida Rabelo, no Rio de Janeiro, e Vieira Pinto, em São Paulo. Havia ainda o Raunier, de estilo francês, e o Carnicelli, de estilo italiano.[83] Também a Casa Kosmos, fundada em 1906 e alojada no número 12 da Rua Direita, era uma ferrenha adepta das novas tendências, optando pela venda de roupas exclusivamente masculinas, indo desde chapéus, luvas, ternos, casacas, guarda-pós, camisas, capas de chuva, calças até sapatos Clark.[84]

Já o *Bon Diable*, situado na Rua Direita, número 47, e cuja sede se localizava na França, vendia, além de vestuário masculino, roupas para meninos de classe abastada: "Aos 12 ou 13 anos, no Natal, ou aniversário, [o menino] ganhava a primeira roupa de homem, do 'Bon Diable' ou da 'Ville de Paris'".[85] Seus fundadores, os Bloch, foram os primeiros a trazer para a capital os manequins e a expô-los em suas vitrines. Conta-se que os moradores de São Paulo confundiam-nos com pessoas de verdade e, quando entravam na loja, punham-se também a cumprimentá-los.[86]

Além das lojas acima citadas, outras se dedicaram ao setor da moda masculina: a *Ville de Paris,* a Casa *Tallon*, a Camisaria Colombo, a Casa *Berge*, a Camisaria Modelo, Ao Preço Fixo, o *Chic* Americano, a Casa Alemã, todas localizadas no Triângulo. Havia ainda a Chapelaria Alberto, na Praça Antônio Prado, que vendia os chapéus-coco italianos *Borsalino*.[87]

---

[82] Queila Ferraz. "Sobre dândis e antimoda masculina". In *Fashion-Bubbles: moda, consumo, tecnologia e comportamento*. Revista Eletrônica de 29/06/2006. www.fashionbubbles.com/2006/s0bre-dandis-e-antimoda-masculina.

[83] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 288.

[84] "Chove?
Sorri uma garoa cor de cinza,
Muito triste, como um tristemente longo...
A casa Kosmos não tem impermeáveis em liquidação...
Mas neste Largo do Arouche posso abrir meu guarda-chuva paradoxal, este lírico plátano de rendas mar..." (Mário de Andrade. "Paulicéia Desvairada. Paisagem, n. 3". In *De Paulicéia Desvairada à Café: Poesias Completas.* São Paulo, Círculo do Livro, [19-].)

[85] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 283.

[86] Bruno, *História...*, Op. cit., vol. III.

[87] Chapéu inventado em 1857. Em 1900, o chapéu coco de feltro ou de lã era o mais usado.

Em 1910, vêm para São Paulo as primeiras lojas de departamento. Até então, a Casa Alemã, com um novíssimo sistema de vendas por departamentos e a preços fixos, era o protótipo do *grand magasin* em São Paulo. O estabelecimento havia sofrido um incêndio em 1893 em seu endereço anterior na Rua da Direita, 10-B, instalando-se então temporariamente no número 59 da dita rua até 1895. Em 1898, é aberta uma filial da Casa Alemã em Campinas. Em 1904, muda-se para aos números 16-18 ainda da Rua Direita. Neste endereço, toma corpo o projeto de vendas por seções, "tecidos para vestidos, roupa branca, artigos para homens, armarinho, perfumaria, artigos de couro e mobília, tapetes e cortinas".[88] Aí continuou a loja quando, em 1909, ocupando o lugar de três casarões demolidos para sua recente construção, a casa sofreu um novo incêndio pouco tempo após a inauguração. O edifício seria novamente reconstruído pelo arquiteto sueco Carlos Eckman e, em 1910, além dos números 16 e 18, a Casa Alemã ocuparia também o número 20 da Rua Direita e o número primeiro do Largo do Tesouro.

Às vésperas da I Guerra Mundial, quando as relações internacionais e o processo de industrialização tomavam um novo rumo frente ao aumento da belicosidade entre os países envolvidos, fundou-se, em 1912, na Rua Direita, a primeira filial da *Mappin & Webb*, especializada em artigos de luxo distribuídos em diferentes seções: "jóias, relógios, louças e porcelanas, artigos para decoração, etc.".[89] Em 1913, a loja passou à rua XV de Novembro, como filial do *Mappin Stores*, chamando-se *Mappin Stores Brazil* e comercializando, além das jóias, também roupas, chapéus, rendas, artigos de couro, móveis e estofados.[90] Nesse endereço, ocupava uma parte da Galeria de Cristal, criada pelo alemão Cristiano Werbendörfer com a intenção de construir uma passagem *à la parisienne* que comunicasse a Rua da Boa Vista à XV de Novembro. No andar térreo da *Mappin Stores*, a *Mappin Webb* ficou sendo a maior e mais cara joalheria da cidade. No último andar, um restaurante de luxo, freqüentado pela *crème de la crème* da sociedade paulistana. [Anexo 11]

A origem do *Mappin & Webb* data de 1774, quando da fundação por Jonathan Mappin de uma pequena joalheria em Sheffield, Grã-Bretanha, especializada na venda de artigos de prata da melhor qualidade. Em 1849, a primeira loja seria aberta em Londres e em 1858, o cunhado de John Newton Mappin, sucessor de Jonathan, convidaria seu cunhado, George Webb, para fazer

[88] Barbuy, *A cidade-exposição...*, Op. cit., pp. 211-213.
[89] Deaecto, *Comércio...*, Op. cit.
[90] Zuleika Alvim & Solange Peirão. *Mappin – setenta anos*. São Paulo, Ex-Libris, 1985, p. 25.

parte da associação. Logo a loja se espalharia pelos principais centros de consumo, como Paris, Roma, Nice, Biarritz, Monte Carlo, Lausanne, Estocolmo, Copenhague e Joahanesburgo. Em 1911, fundam-se filiais em Montreal, Buenos Aires e no Rio de Janeiro. Finalmente, em 1912, seria instalada a primeira filial paulistana.

Apesar de o Mappin trazer para cá, de uma só vez, todo conjunto de inovações que caracteriza o fenômeno do *department store*, alguns elementos já se encontravam presentes de forma dispersa por várias lojas da capital. Por exemplo, a venda a preços fixos, que teria sido inventada por Aristides Boucicaut,[91] dono do *Bon Marché*, por volta de meados do século XIX, já havia sido apropriada por alguns comerciantes da capital paulista. Era o caso, por exemplo, da Loja da Fama, no número 10 da Rua Direita que, em 1892, já anunciava duas das novidades instituídas pelo sistema de comercialização do *grand magasin:* o preço fixo e a não obrigatoriedade em levar o produto caso o cliente não esteja satisfeito: "O proprietário deste estabelecimento acaba de abri-lo com um sortimento completo de fazendas, modas e armarinhos, artigos de aprimorado gosto, e convida às Excelentíssimas famílias para visitá-los, *certas de que tudo lhes será mostrado, queiram ou não comprar*. (...) Adotando o sistema de vender exclusivamente a dinheiro de contado, *os preços dos gêneros serão*, em compensação, os mais módicos possíveis, *afixados nos próprios gêneros em algarismos do conhecimento de todos*".[92] Por sinal, *Ao Preço Fixo* era o nome de uma das camisarias mais famosas em São Paulo durante a década de 1900. [Anexo 12]

Também por preços fixos o Bazar da Moda, na Rua da Direita, número 37, anunciava seus produtos: "Preço Fixo. Silva Peixoto & Companhia participam aos seus amigos e fregueses e às Excelentíssimas famílias que inaugurarão hoje o seu novo estabelecimento –Casa Especial de Armarinhos e Novidades, recebidas diretamente da Europa, *adotando o mesmo sistema que a*

[91] Não existe um consenso entre historiadores sobre a invenção da técnica de venda a preço fixo. Michael Miller e os historiadores franceses são unânimes em dizer que a invenção é de Aristide Boucicaut e data de meados do século XIX (Michael B. Miller, *Au bon marché, 1869-1920: le consommateur apprivoisé*. Trad. de Jacques Chabertp. Paris, A. Colin, 1987). A definição da data não é precisa porque se marca o momento não da invenção da técnica, mas de seu reconhecimento e difusão possibilitados pela Exposição Universal de 1855. Já alguns historiadores ingleses dizem que os primeiros indícios da técnica teriam começado com alguns comerciantes ingleses e alemães que, no século XVII, já praticavam não somente o preço fixo, mas também a armazenagem de algumas mercadorias mais raras. (Geoffrey Crossick & Serge Jaumain. "The world of the department store: distribution, culture and social change". Cap 1 de Geoffrey Crossick & Serge Jaumain (eds.). *Cathedrals of consumption: the European department store, 1850-1939.* Aldershot (GB), Brookfield (Vt.); Singapore, Ashgate, 1998).

[92] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, ago/1892. Grifos nossos.

casa matriz Au Trocadero, na mesma rua n. 45, *de vender a dinheiro e por preços fixos sem competência*".[93]

Uma outra técnica inaugurada pelos *grands magasins* e aplicada na capital era a venda de produtos discriminados em seções. Esse era o caso da loja de roupas *Au Bon Diable*, que, além dos "enxovais completos para colegiais", tinha também um "*rayon* especial de roupinhas para crianças (...) com camisas, ceroulas e meias".[94]

Provavelmente, as inovações aqui surgidas mesmo antes da vinda concreta de um *department store,* como o *Mappin*, que integrasse todas elas, fossem devidas às viagens que os proprietários de lojas faziam à Europa. Os comerciantes, muitas vezes estrangeiros já conhecedores das novas técnicas de venda, implantavam-nas na capital ou, quando não, traziam-nas na bagagem juntamente com os produtos que iam buscar na Europa. Essas foram as vias pelas quais se implantaram, no Brasil, as novas técnicas revolucionárias de comercialização: a venda a preço fixo; a exposição do produto em vitrines; a organização dos produtos em seções, que, como vimos, eram bastante úteis diante da diversidade que caracterizava o comércio paulistano da época; a divulgação dos produtos em catálogos - como os produtos eram importados, ao comerciante bastava a distribuição dos catálogos europeus que contivessem tais produtos; o sistema de estocagem de produtos. Daí os tantos anúncios de queima de estoque por diversos motivos: "Grande liquidação de jóias e relógios. A casa de confiança 'Silberbeg Mulhrad & Poznanski' tem resolvido a fazer grande abatimento de seus artigos a fim de reduzir o seu estoque".[95]

Em conjunturas de crise, como a que se verificou no começo e ao final da I Guerra Mundial, e durante as inúmeras oscilações da exportação do café, a idéia do preço fixo e da estocagem de produtos tomava uma proporção bastante original. As crises traziam consigo variações bruscas na taxa de câmbio que, ou baixava demais, valorizando a moeda nacional frente à estrangeira, incentivando assim a importação de produtos, ou subia bruscamente nos contextos de necessidade de esvaziamento dos estoques de café, promovendo-se, para isso, uma desvalorização da moeda nacional. No primeiro caso, as importações eram facilitadas pelo barateamento da moeda estrangeira, mas se desencadeava a inflação por conta de uma pressão da

[93] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 23/09/1898. Grifos nossos.
[94] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 10/01/1890.
[95] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 02/01/1890.

demanda. No segundo caso, a inflação podia ser um pouco menor, dependendo das condições da política econômica interna, mas, as importações eram dificultadas em razão do encarecimento relativo dos produtos estrangeiros. Enquanto a venda a preços fixos aliviava a primeira situação, a de encarecimento relativo dos produtos, mantendo a uma taxa de crescimento constante a demanda no setor, a estocagem de produtos atenuava os efeitos da desvalorização, permitindo ao comerciante certa folga por algum tempo. Como as taxas oscilavam muito, caberia a ele voltar a importar ou viajar à Europa para comprar novos estoques na próxima valorização cambial. Ou ainda, durante períodos de crise mais prolongada, seria esse comerciante o responsável pelo início de uma incipiente produção interna dos artigos mais simples, ainda que imitações daqueles que tinha em seus estoques e que não exigissem muitos gastos em sua produção.

Para além da moda, outros tipos de comércio se faziam presentes na Rua da Direita. A Casa Lebre, localizada na esquina da Rua Direita com a XV de Novembro, sempre com grande movimento de balcão, especializara-se em ferragens, mas também vendia, além destas, couros, armarinhos, drogas, chá, cera, artigos domésticos, porcelanas e cristais, baterias de níquel puro, alumínio e ferro esmaltado para cozinhas.

Defronte à Casa Lebre, uma das farmácias mais famosas de São Paulo, a Farmácia Baruel. Localizada no número primeiro, a Baruel era a distribuidora de grandes marcas das "perfumarias inglesas e francesas", diferenciando-se pela "importação direta" dos distribuidores de "Lubin, Gelle Frères, Roger & Callet, Haubigant, Guerlain, Al-Kin Son, Piver, Dr. Pierre, Pinaud, Delettrez".[96] Seria também a primeira a produzir e a lançar no mercado uma pasta de dentes sem sabão, a pasta Agatol.[97]

A Rua Direita também ficaria famosa por suas confeitarias, bares e cafés: a Fasoli, no número 5; o Internacional Bar, no número 15; a confeitaria Nägel e o Café Coblenz, estabelecido no número 41. A Fasoli, além de se ter consagrado pelos seus comes e bebes bastante famosos, "sorvetes de forma, torrone e *caramelli uso torino*",[98] também se transformara em um espaço de recepção das mais distintas famílias paulistanas: "O proprietário pede ao público e particularmente às Exmas. famílias para visitar sua nova casa, convencido que encontrarão um magnífico serviço e um esplêndido salão digno desta ilustrada e adiantada capital. Aceita-se

[96] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 09/02/1898.
[97] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 04/01/1898.
[98] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 31/01/1897.

qualquer encomenda para banquetes, soirées, etc. tanto para cidade como para o interior".[99] Para garantir a presença do público elegante, o prédio sofreria reformas sucessivas, a primeira, logo após a mudança para este endereço na Rua Direita, em 1900, e a segunda, somente três anos depois, adotando decoração e fachada *art nouveau*, projeto que levaria o nome do renomado pintor italiano Carlos Servi.

Outro notável comerciante da rua era o imigrante francês Charles Hü. Com loja localizada na esquina da Rua Direita com a Líbero Badaró, em diagonal à Rotisserie Sportsman, os artigos ali "compunham toda sorte de vinhos, conservas e alimentos vindos das mais célebres casas européias: vinhos de Bordeaux, *Calvet*; do Porto, Dom; *Kina Royal; Cognac Delaumay, champagnes Pommery; Marie Brizard*".[100] Além de importador e distribuidor de secos e molhados, Charles Hü era também Conselheiro de Comércio Exterior da França e editor da *Revue France-Brésil.*[101]

Alguns outros estabelecimentos da Rua Direita: Guinle (antes James Mitchell), que vendia instalações elétricas, máquinas de escrever Underwood e gramofones Victor; o joalheiro Birle (antes de sua mudança para os números 37 e 39 da Rua São Bento); o Grande Hotel de França nos "Quatro Cantos", como era chamado o cruzamento entre a Rua Direita e a São Bento; Nunes Charuteiro; a sapataria A Bota Gigante; o retratista Henschel, sucedido por Wollsack, fotógrafo da Rua da Direita estudado na Europa;[102] a loja Ceylão, que vendia chá, cera, material para o Natal e o Carnaval.[103]

2.4 A Rua São Bento: novidades do mundo moderno

A Rua São Bento, uma das mais antigas da cidade, recebeu esse nome por aí se ter erigido em 1598 um mosteiro dos monges beneditinos batizado com a mesma insígnia. Em 12 de março de 1897, houve uma tentativa de mudança do nome para Rua Coronel Moreira César, mas,

[99] Idem, ibidem.
[100] Deaecto, *Comércio...*, Op. cit., p. 52.
[101] Idem, ibidem. O nome do texto escrito no periódico por ele editado: Charles Hü, "Avant-Propos". In *Le Brésil. Revue France-Brésil.* Bordéus, 1907.
[102] Boris Kossoy. *Álbum de Fotografias do Estado de São Paulo. Estudo Crítico: 1892.* São Paulo, CBPO; Liv. Kosmos, 1984.
[103] Prado, *Crônica...,* Op. cit., pp. 136-137.

devido à impopularidade do novo nome, retomou-se, em medida de 28 de agosto de 1899 (lei 426), o nome originário.

Partindo dos Quatro Cantos, onde se encontrava com a Rua Direita, a Rua São Bento prosseguia entre lojas especializadas em artigos da II Revolução Industrial, para então concluir-se, como ainda hoje acontece, no Largo de São Bento. Em tal rua, podíamos encontrar, em especial após transposição da Ladeira São João, aparelhos elétricos, máquinas e ferragens em geral.

Na Casa Upton, uma das mais conhecidas do ramo, localizada no número 12, havia máquinas para lavouras, cimento, madeiras. Fundada em 1875, essa casa e tantas outras da rua marcavam um novo momento na organização da produção para a exportação, qual seja, o da adoção de maquinário para a potencialização da produção agrícola. Eram secadores de café, máquinas de beneficiamento, descaroçadores de algodão, fertilizantes e adubos químicos: "Frederick Upton (...) foi um imigrante norte-americano que se adaptou ao crescimento da indústria paulista, especializando-se em manufaturas mais complexas. Até 1903, importara farinha de trigo, madeira de construção, fosfatos, cimento, lubrificantes e utensílios de cozinha. Nesse ano se reorganizou e passou a vender automóveis, tratores, motores e máquinas agrícolas".[104] Bastante ilustrativo, o caso de Frederick Upton demonstra que não rara era a passagem da importação para a produção ou montagem interna dos artigos mais simples.

Tais casas colocavam em evidência as últimas conquistas do mundo moderno que desnudava, ao lado de uma revolução no consumo e nos hábitos, uma revolução na produção ainda mais arrebatadora e muito mais evidente. A esta última se associa a revolução infra-estrutural que lhe é pré-condição e que se processara mal e bruscamente em São Paulo, a fim de preparar a capital o mais rápido possível para o recebimento dos artigos modernos. Por exemplo, as diferentes aplicações da eletricidade - ou da energia a gás onde a energia elétrica não chegava - pareciam tornar cada vez mais manifesta a íntima relação que se engendrava entre as esferas do consumo, da comercialização e da produção. Também surgiam artigos relacionados às novas formas de distribuir água e coletar esgoto. Hugo Heise e Cia., localizado na Rua São Bento no número 93, anunciava produtos impossíveis de serem acolhidos na capital antes das reformas

[104] Warren Dean. *A industrialização de São Paulo (1880-1945).* Trad. Octávio Mendes Cajado. Ed.da Universidade de São Paulo, 1971, p. 36.

infra-estruturais: "Sortimento mais completo em lampiões, arandelas, torneiras, registros, bem como em ferramentas para encanadores".[105]

No quesito iluminação, as ruas e vitrines intensificavam a dimensão da exposição, enquanto, nos interiores, aquela se tornava sinônimo de conforto. As casas comerciais, restaurantes, bares e cabarés de luxo não deixavam de incluir a iluminação elétrica entre os elementos que tornavam seus estabelecimentos ainda mais elegantes. Esse era o caso do Café Brandão, na Rua São Bento, 67; da confeitaria Castelões, no numero 71, e da Brasserie Paulista, "dotada de luxuoso salão de recepção iluminado a energia elétrica".[106] A luxuosa decoração, associada à energia elétrica, conferia um efeito incrível composto de reflexos furta-cores: "(...) luxuosas confeitarias, com grandes salas decoradas com espelhos de cristal e paredes recobertas de pinturas alegóricas. Mantendo criadagem e baixelas para banquete e orquestra".[107] Já no número 14, loja fornecedora dos cristais franceses *Baccarat*, a eletricidade era utilizada numa segunda acepção de exposição, diretamente relacionada à venda de produtos, colocando assim em relevo o brilho dos renomados "cristais, louças e porcelanas".[108]

Quanto ao aparato relacionado à dimensão saneadora, a Casa Nathan, localizada nos números 43 e 45, optara por uma linha mais apurada de materiais sanitários: "Banheiras esmaltadas, latrinas, lavatórios, pias para cozinhas (...)".[109] Esses novos artigos abundavam nos interiores domésticos da elite paulistana, embora, muitas contradições ainda pesassem sobre os novos hábitos de higiene. Logo após a chegada das latrinas em São Paulo, e apesar de preços anunciados acessíveis,[110] os proprietários de imensos sobrados não se privavam de comprá-las, embora se privassem de usá-las. Isso porque, em caso de entupimento de latrinas, o responsável era obrigado a pagar pesadíssimas multas à Intendência Sanitária. Continuavam então com suas velhas e seguras *cloacas*, que jamais entupiam, tornando os artigos sanitários modernos objetos de pura decoração. Uma espécie de sanitarismo às avessas que, ao esbarrar em certos limites à

[105] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 30/07/1907.
[106] Bruno, *História...,* vol. III, Op. cit.
[107] Prado, *Crônica...*, Op. cit., p. 138.
[108] *O Correio Paulistano.* São Paulo, 21/09/1890.
[109] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 05/08/1906. Mais para frente, importaria também carros norte-americanos, carbureto de cálcio, gasolina, graxas e lubrificantes para automóveis. (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 02/04/1910).
[110] "Latrinas Unitas. Chegará uma nova remessa e vende-se por preços sem competência na casa de importadores Hermann Theil & Comp". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, abr./1896).

sua plena implementação, acaba por privilegiar o tradicional em detrimento do moderno, prolongando o *status quo*, mas com uma situação nova que simplesmente se cola à anterior sem que as estruturas desta sejam modificadas.

A despeito de se dedicarem a ferragens e maquinários, também as casas localizadas na Rua São Bento, assim como as demais até aqui estudadas, não primavam pela especialização. Ao contrário, vendiam de tudo. A Casa Vermelha, localizada na São Bento, 23-A, e a casa Ao Parafuso, no número 33, onde se localizava o armazém da Companhia Rempe, combinavam a venda de ferragens, tintas e armarinhos com a de óculos, *pince-nez,*[111] binóculos para teatro, caixas de música, harmônicas e fundas. A casa Peixoto Estella vendia ferragens, mas também, armamento e formicidas. O armazém de ferragens Frederico Schnnap, vendia além das ferramentas, tintas, pincéis, fogões, panelas, louças e talheres: "Armazém de ferragens Frederico Schnnap & C. Obras de Metal, louça, ágata simples e niquelada. Esplêndido sortimento de trens de cozinha. Fogões econômicos modernos. Talheres, canivetes, tintas. Esteiras da China, capachos de coco. Escolhido sortimento de artigos da casa Christoffle & C. de Paris. Bandejas de madeira e de faiança".[112] As casas de comércio das ruas paulistanas do início do século não somente não se especializaram em ramos específicos, como tampouco se transformaram em espaços rigidamente comerciais, combinando, muitas vezes, num mesmo estabelecimento, residência e comércio.[113]

Quanto a outras novidades típicas do mundo moderno, a Casa Fretin, no número 20, mostrou-se a mais notável representante. Fundada em 1895 por Louis Albert Fretin, membro da segunda geração de imigrantes franceses chegados em São Paulo em meados do XIX, mantém seu endereço na Rua São Bento até hoje. Com o aumento das vendas e desejoso de atrair clientela mais *chic,* Fretin instala um segundo endereço na Praça Antônio Prado em 1924, conservando ainda, por todo esse tempo, seu endereço no número 112 do *Faubourg Poissonière* no décimo *arrondissement* de Paris. A casa vendia desde artigos cirúrgicos, materiais ópticos, óculos, binóculos, *pince-nez* até jóias. Consagrara-se como o único estabelecimento do ramo em São

[111] Os primeiros modelos Pince-nez e Lornhons (no texto, usamos a grafia *lorgnons*) surgem no século XV. Enquanto o primeiro não continha hastes e era ajustado apenas no nariz, os segundos vinham com uma haste lateral para ser colocados em frente aos olhos.
[112] *Almanaque Paulistano para o ano de 1895*. São Paulo, 1895.
[113] Barbuy, *A cidade-exposição...*, Op. cit.

Paulo a vender as famosas lentes *So-easy*,[114] a mais pura síntese entre o belo e o útil, entre o conforto e a praticidade.[115] Nos números 37 e 39 da Rua São Bento, um concorrente de Fretin, Birle, que se dedicava, contudo, somente ao setor de ourivesaria. No número 40, um concorrente que trabalhava exatamente com os mesmos materiais, a Relojoaria do Comércio, de Henrique Aubertie & Cia. "Grande sortimento de relógios, instrumentos de cirurgia, aparelhos de ortopedia, caixas de música, aparelhos de fotografia, óculos, pince-nez, binóculos, estojos matemáticos, papéis para desenho".[116]

Outras grandes novidades reunidas na Rua São Bento relacionavam-se ao ramo da música. Neste notabilizou-se Henri Louis Levy, radicado em São Paulo desde 1860 e fundador da Casa Levy no número 33 da antiga Rua da Imperatriz.[117] Aí a casa ficou conhecida por lançar obras musicais que se tornariam célebres, como "A Sertaneja", de Brazilio Itibere, ou a famosa modinha de Carlos Gomes, "Quem Sabe". Também se celebrizou pelas sucessivas condecorações nas exposições universais: "Couesnon & Cia. Manufatura de Instrumentos de Música. Participam ao respeitável público que acabam de obter a mais alta recompensa: *medalha de ouro* – na Exposição Universal de Paris em 1890".[118]

O filho de Henri Levy, Alexandre Levy, já nascido no Brasil, tornar-se-ia pianista renomado da *Belle Époque* paulista. Tendo começado seus estudos com o irmão Luís Levy, viajaria para a Europa em 1877 para se aperfeiçoar, inclinando-se particularmente para a música alemã, em especial a de Robert Schumann. Seria o fundador do Club Haydn, instituição que tomou grandes proporções entre os elegantes da capital, realizando concertos de altíssimo nível.[119] Alexandre viria a falecer de forma misteriosa e súbita, antes mesmo que completasse seus 28 anos de idade.

A concorrência no ramo da música, em particular na venda de pianos, mostrar-se-ia bastante forte no período. Isso porque, o maior problema era a adaptação do produto ao clima

---

[114] Idem, ibidem, p. 143

[115] Carlos Cornejo & Silvia Rita Santos. *Casa Fretin 100 anos.* Álbum Publicitário. São Paulo, Studio Flash Produções Gráficas, 1995.

[116] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 31/01/1897.

[117] Henri Louis Levy chegara à Campinas em 1856, onde travara relações com o pai de Carlos Gomes, cujo gênio começava a despontar e seria bastante divulgado pela *maison* do velho Levy. Era também clarinetista e participara da primeira apresentação de "Fantasia sobre o Romance Alta Noite" de Carlos Gomes.

[118] *O Estado de São Paulo*. São Paulo*,* 11/01/1890.

[119] Bruno, *História...,* vol. III, Op. cit., pp. 1288; 1301-1303.

tropical, já que as cordas enferrujavam e arrebentavam depois de certo tempo. A adaptação dos pianos ao clima, sem deixar de lado a elegância característica dos ambientes europeus, tornou-se o principal objeto dos anúncios do período. Eram pianos importados da França ou da Alemanha: Bechstein, Pleyel, Santway, Gerard, Ibach, vendidos pelas casas Levy, Frederico Joachim, Beethoven, Chiaffarelli e Cia, que apostavam pesado na propaganda de cordas e revestimentos de madeira adaptados ao clima brasileiro: "De diversos números, receberam nova remessa dos já vantajosamente conhecidos PIANOS de PH. HENRI HERTZ, os únicos fabricados de madeiras deste país e especialmente para o nosso clima. Os depositários J. P. Castro & Cia. Rua do Palácio, 5".[120] De outro lado, as propriedades de *status* conferidas pelo produto continuavam a ser dadas pelas suas íntimas associações com as principais cortes européias, em especial aquelas já com certa tradição no ramo da música: "Rud. Ibach Sohn: fornecedor da corte da Prússia".[121]

A cada casa estaria associado um clube musical específico. Já vimos que, à Casa Levy, associava-se o pioneiro Clube Haydn. A Casa de Pianos Standard, localizada na Praça Antônio Prado, com entrada para a Rua São Bento, anunciava o seu Clube de Pianos Ritter, tornando público o fato de seus pianos comercializados serem os mesmos adotados pela Casa Imperial da Alemanha.[122] Finalmente, a Casa de Pianos Frederico Joachim, localizada um pouco mais à frente, no Largo de São Bento, fora a precursora do Clube de Pianos Steinway. Os clubes tinham um papel civilizador bastante importante em uma cultura até então acostumada a lundus e modinhas,

No campo da moda, a Rua São Bento estava também bem provida. Curiosa é a seqüência de nomes franceses ou com referências à França, *À La Belle Jardinière,* no número 42, especializada em moda masculina; o *Bon Marché*, no número 73, fazia uma referência ao *magasin* de Aristide Boucicault, grande sensação da segunda metade do XIX; o *Grand Bazar Parisien*, no número 87 e *Au Chic Parisien*, no número 95. Todas as quatro casas, além de artigos de moda, vendiam também toda a sorte de quinquilharias: artigos de perfumaria, de costura, papelaria, jogos, barbearia, roupas finas, brinquedos. O *Grand Bazar Parisien*, além de importação de capas, guarda-chuvas, maletas, camisas, gravatas, punhos falsos, coletes, sapatos, *tricots,* lenços vindos da França, tinha fabricação própria de biscoitos, brinquedos e enfeites. Era

[120] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 19/04/1890.
[121] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 27/12/1891.
[122] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 07/11/1907.

apontado por Bandeira Júnior, em seu relatório de 1901 sobre a indústria paulista, como o único produtor do setor.[123]

Os nomes franceses, que povoavam o comércio das ruas paulistanas do Triângulo, estimulavam a imaginação do paulista da época. Eram inúmeras as referências, em especial no ramo da moda: *Louvre*, *Au Printemps*, *À Pygmalion*, *Au Paradis des Enfants*, *Au Bon Diable*, *À la Ville de Paris*, *Au Bon Marché*, *À la Belle Jardinière*. *Grand Bazar Parisien*, *Au Figaro de Paris*, *Palais Royal*, *L'Ópera*, *La Saison*, *Petit Bazar*, *Notre Dame de Paris*. Os nomes de tecidos, e de tantos outros artigos de luxo, eram mantidos na língua francesa original. Não havia a menor preocupação em traduzi-los porque, em primeiro lugar, era assim que eram conhecidos pelo público e, em segundo lugar, era assim que seus anunciantes pretendiam que chegassem ao consumidor: sempre relacionados a uma bela e nítida imagem da Torre Eiffel, do Arco do Triunfo, dos *grands magasins* de Paris, da Ópera Garnier, do Louvre. Pertencer ao mundo da "bela época", ainda num momento em que não era vista dessa forma, significava ter alguma associação com a França. Em anúncio da *La Saison,* as referências a esse mundo são bastante claras: "Chegou de Paris um grande e lindíssimo sortimento de fazendas de lã, últimas novidades em *damassé, raie, matelassé, crèpe de chine, grenadine, baptiste, foulard, cheviot, cachemire d'Allemagne, croisset.* Henrique Banberg & Cia. Rua São Bento, 51".[124] [Anexo 13]

A visão cultural que países dependentes com pretensões civilizatórias tinham da França nesse momento fica bastante clara neste excerto retirado do livro de Jorge Americano: "Porque nós só olhamos a França; só temos notícias da Itália, quando se referem ao Papa e quando foi assassinado Humberto I. Da Inglaterra, fala-se da corte da Rainha Vitória e das estroinices do Príncipe de Gales, quando vai a Paris. Da Bélgica, sabemos também das pândegas que o Rei Leopoldo faz em Paris juntamente com o Príncipe de Gales. Agora veja: quem foi Thiers, quem foi Sady Carnot, quem foi Jules Grévy, quem é Loubet, toda gente sabe. Quem é Sarah Bernhardt, quem é Rejane, quem é Flaubert, Victor Hugo, Maupassant, Zola, toda a gente sabe... Alguém será capaz de dizer de repente uma lista destas, em relação a qualquer outro país?".[125] Quando se tratava, portanto, de legitimar um projeto nacional que contemplasse um futuro civilizado de superação das agruras coloniais, as principais inspirações vinham da França, e não

[123] Bandeira Júnior. *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901.* São Paulo, Typ. "Diario Official", 1901.
[124] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 12/05/1892.
[125] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 417.

da Inglaterra, grande potência marítima, comercial e industrial. Algumas hipóteses sobre esse fato serão formuladas no quinto capítulo deste trabalho.

Se, por um lado, os aspectos modernos da civilização ocidental eram apropriados de forma bastante criativa na formulação de um projeto de nação brasileira civilizada e moderna, um outro mundo, o do Oriente, que começava a ser desvelado pela cultura ocidental, entrava de forma bastante peculiar como substrato desse projeto. O redescobrimento do Oriente no século XIX tem, entretanto, mais um significado de afirmação das conquistas materiais da cultura ocidental do que um desejo de compreensão do verdadeiro Oriente.[126] As visões do Oriente oscilam entre o Oriente frágil, que sucumbe à força do Ocidente, e o Oriente exótico, cheio de cores, sabores e aventuras inimagináveis, que contrapõe dois mundos, ambos filtrados pelas concepções do Ocidente moderno: um mundo recém-conquistado, composto pela técnica e pela razão, e outro mundo "re-descoberto", que é inventado pelo mundo anterior concentrando tudo o que existe de irracional: a magia em detrimento da razão; a aventura no lugar da técnica e do planejamento; o império dos sentidos e não o do cérebro.[127]

Esse ideário orientalista, expresso principalmente na literatura do século XIX sobre o Oriente,[128] toma formas concretas a partir de sua materialização em objetos produzidos e exportados pela Europa, que fazem referência direta ou indireta ao Oriente. As influências se manifestam nas vestimentas, quimonos e vestidos com moldes mais alongados e golas altas; nos acessórios, como sombrinhas e leques; nas alegorias e símbolos tipicamente orientais estampados em tecidos, como a gueixa, os vulcões, as cerejeiras e os bangalôs, às vezes combinados todos numa mesma paisagem; nos hábitos, como a postura da mulher servil diante da família, imagem bastante propagada pelo romantismo de início do século XIX. Símbolos todos recriados pela modernidade ocidental para a reafirmação de seus próprios valores.

---

[126] "I doubt if it is controversial, for example, to say that an Englishman in India or Egypt in the later nineteenth century took an interest in those countries which was never far from their status in his mind as British colonies. To say this may seem quite different from saying that all academic knowledge about India and Egypt is somehow tinged and impressed with, violated by, the gross political fact – and yet *that is what I am saying* in this study of Orientalism". (Edward Said. *Orientalism*. New York, Pantheon Books, 1978, p. 11).

[127] "Para o homem ocidental, o Oriente é uma palavra que evoca as mais diversas e contraditórias imagens, provoca nele sentimentos de uma curiosidade freqüentemente pueril, de sonhos românticos que não correspondem à realidade, ou então imagens de miséria social, de repulsa, de piedade e de um temor irracional". (Jean Rivière. *Oriente e Ocidente.* Trad. Margarida Jacquet e Irineu Garcia. Rio de Janeiro, Salvat, 1979).

[128] Said, *Orientalism...*, Op. cit., p. 11.

Em São Paulo, duas lojas de culturas orientais, a Loja da China (no número 57 da Rua São Bento) e a Loja do Japão (no número 54), dedicavam-se à venda desses produtos. Os donos de ambos os estabelecimentos eram portugueses e davam continuidade à tradição de comercializar produtos orientais na América. Eram gêneros mais populares, simulacros dos produtos de elite, como tecidos e acessórios de moda, sombrinhas e leques de seda: "As [sombrinhas] de varetas de bambu e cobertas de papel estampado, com o vulcão Fujiyama, da Loja Japonesa, eram para as mocinhas pobres".[129] Ao público masculino, ofereciam rapé de sabores exóticos, charutos e tabaco: "Rapé Baunilha. Este excelente rapé, o que mais nos assemelha, pelo seu delicado aroma às variedades conhecidas de rapé italiano (...) é vendido pelo mesmo preço do rapé comum, tornando-se muito recomendado pela excelência de sua qualidade. Depósito: loja do Japão".[130]

Às vésperas do carnaval, as lojas de produtos orientais vendiam máscaras, flores e arranjos: "Máscaras de todas as qualidades em papelão. Caricaturas esquisitas de cetim, veludo e renda".[131] Em ocasião das festas juninas, fogos. Daí os tantos incêndios que marcaram época, por exemplo, o de fevereiro de 1914 sofrido pela Loja da China numa noite de carnaval. Antes disso, também um incêndio que começaria na Loja do Japão e se alastraria para algumas das casas ao redor, geraria divertidas contendas entre os proprietários da rua.[132] O caso mais conhecido, narrado com excelentíssimo bom humor por Jorge Americano, é o da publicação de nota em jornal da parte de um comerciante francês de luvas, justificando a mudança de endereço por conta de incêndio provocado pelos explosivos da Loja do Japão. A réplica furiosa dos portugueses donos desta casa comercial seria publicada na seção livre do jornal, a diversão diária das famílias paulistanas, dizendo que "não tinham depósitos de explosivos e que suas mercadorias eram máscaras e confetes (...) um ou outro artigo para as festas de São João (...) como estrelinhas e papel de seda para balão".[133] A tréplica do dono da luvaria, como era de costume nas seções livres, viria sem demora, tornando-se um ótimo assunto para os cafés de fim de tarde nas ruas do Triângulo: "Comunicamos à nossa distinta clientela que, devido à explosão de papel de seda e

[129] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 305.
[130] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, set/1895.
[131] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 08/02/1892
[132] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 421.
[133] Idem, ibidem, p. 464.

confetes que destruiu a Loja do Japão e danificou grandemente o nosso estabelecimento, mudamos provisoriamente para a rua de tal número e tanto".[134]

2.5 O comércio e as outras ruas

Segundo um cronista da época, os triângulos "eram quase dois".[135] O primeiro, cujo comércio acima descrevemos, era formado pelas ruas Direita, XV de Novembro e São Bento; o segundo, que o circunscrevia, era formado pelas ruas Boa Vista, Líbero Badaró e José Bonifácio. Entre o triângulo exterior e o interior, algumas outras ruas importantes, como a Rua do Rosário, a Travessa do Comércio e a Ladeira São João, exerciam a função de vias de comunicação, formando um único todo. Nessa rede geográfica, ainda ressaltamos a importância dos nós, os largos e as praças, a exercer o papel de pontos de confluência, de vértices, entre os dois triângulos: a Praça Antônio Prado, antigo Largo do Rosário; o Largo São Bento; o Largo da Sé; os "Quatro Cantos", tornado Praça do Patriarca em 1926. [Anexo 9]

A partir da última década do século XIX, as partes do triângulo maior, bem como as pequenas ruas que o ligavam ao triângulo menor, receberiam maior atenção. Afinal, se o triângulo interior reunia o comércio de luxo, sintetizando as grandes tendências comerciais de finais do XIX, o triângulo exterior lhe fornecia a sua base, os serviços necessários ao seu funcionamento, as atividades aparentemente menos importantes; importando ali menos o refinamento do que a sua utilidade para a perpetuação da vida comercial da metrópole.

Logo, em 1912, o Teatro Santana, localizado na Rua Boa Vista, seria demolido para, em seu lugar, ser erigido o Viaduto Boa Vista. Até então, a Rua Boa Vista fazia algo próximo a um arco com a Rua XV de Novembro, prolongando-se numa espécie de cotovelo que desembocava também sobre esta. Com a construção do viaduto, esse "cotovelo" seria "amputado", ampliando-se a área do Triângulo, o que facilitava a circulação de pessoas, aumentada surpreendentemente nos últimos anos.

Também a Rua Líbero Badaró, antiga concentração de prostitutas, seria radicalmente transformada, sendo as prostitutas expulsas para a Rua dos Timbiras, logo no começo do século

[134] Idem, ibidem.
[135] Prado, *Crônica...*, Op. cit.

XX: "Não se compreendia, mesmo, aquela nódoa espúria no coração da Paulicéia tão austera e progressista. De resto, São Paulo crescia. Civilizava-se. Já se ia até transformando (...) no 'maior centro industrial da América do Sul'. Aconteceu, assim, o inevitável: a expulsão oficial das chamadas 'mariposas do amor', que tiveram que ir voejar em outras mais distantes plagas".[136] A rua ficaria então livre para a passagem dos pudicos compradores que ali passavam para ir ao Triângulo. Seu alargamento, por volta de 1913, dando continuidade a esse projeto de civilização, seria responsável pela desapropriação de todos os prédios de numeração ímpar que iam desde o Largo São Bento até a Rua José Bonifácio.[137] Para Gabriel Marques, não havia nenhuma inconsistência entre civilização e prostituição, mas uma complementaridade que se verifica em todo fenômeno de urbanização, relação esta incorporada na personagem Madame Pommery de Hilário Tácito.

Outras reformas da virada do século, embora não concentradas nas três ruas do Triângulo principal, visavam, no entanto, diretamente à melhoria da circulação do fluxo de pessoas que por ali passava. A Praça do Patriarca, por exemplo, localizada nos "Quatro Cantos", nasceu junto com o primeiro projeto de expansão do centro da cidade, embora só tenha sido realmente inaugurada e assim chamada em 1926. A intenção era a melhoria do trânsito de pessoas em direção ao Viaduto do Chá e à Rua Líbero Badaró, ampliando o raio de circulação. No entroncamento do vértice oeste do grande Triângulo, o Largo do Rosário seria transformado na Praça Antônio Prado a partir da demolição da Igreja do Rosário em 1904. Outro nó para onde convergiam vias importantes do centro da cidade era a Praça da Sé, ampliada em 1911.

Enquanto no Triângulo principal ficavam os grandes hotéis da virada do século, Hotel de França, Hotel Rotisserie Sportsman, Grande Hotel, Grande Hotel Paulista, Hotel d'Oeste, concentrados especialmente na Rua São Bento, na Rua da Boa Vista, reuniam-se pequenos hotéis e pensões, como A Bela Jardineira, por exemplo. Na Rua José Bonifácio, outra rua do triângulo maior, ficavam as grandes pensões: a Pensão Alemã e a Pensão de D. Belisária, que acolhia os estudantes, sobretudo de Direito. Alguns estabelecimentos da Rua da Boa Vista serviam somente refeições, como era o caso do Bar Guanabara e do Restaurante Santino, mas também do Bar Thebaída na Líbero Badaró e do Café Margarida na Rua José Bonifácio, número 17. Era comum

[136] Gabriel Marques. *Ruas e Tradições da Cidade de São Paulo: uma história em cada rua.* São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1966, p. 166.
[137] *Leis e Atos do Município de São Paulo,* 1911, p. 92, apud Marisa Midori.

muitos estudantes ou rapazes solteiros irem fazer suas refeições nesses lugares, em especial os de recursos parcos. Já os ricos filhos de fazendeiros preferiam a Rotisserie Sportsman ou o Hotel d'Oeste, onde também se hospedavam.[138]

Outro traço das atividades agrupadas no Triângulo maior era o seu cunho artesanal. Ali se concentravam inúmeros ofícios, desde alfaiates, sapateiros, até fabriquetas de chapéus, luvas, lenços, quinquilharias em geral. Na Rua Boa Vista, havia o sapateiro Rossi Verrone, que só trabalhava por encomenda e fazia tudo a mão. Em 1912, "um sapato feito pelo Rossi custava 25 mil réis e era dos mais caros da praça".[139] Na Rua Líbero Badaró, número 20, havia a fábrica nacional de chapéus e fitas, C. Ribeiro da Luz e Cia., sucessores de F. Albuquerque e Cia., com seu "Completo e variado sortimento de chapéus, fabricados com as melhores qualidades de pelos pelas formas mais modernas".[140]

Também os serviços gerais se distribuíam por estas ruas. Um exemplo é o de uma famosa parteira, D. Maria, localizada no número 23 da Rua da Boa Vista, que anunciava seus serviços nos jornais: "D. Maria, parteira formada na Europa, aprovada no Rio de Janeiro, é encontrada à Rua da Boa Vista, 23".[141] Duas grandes novidades em relação ao período colonial são, em primeiro lugar, as parteiras estrangeiras, geralmente italianas ou espanholas, ou formadas na Europa, ofício para o qual, até então, a única formação era a experiência. Também amas-de-leite brancas, no lugar das amas negras, oferecem seus serviços nos jornais, utilizando a cor da pele como um poderoso argumento higienista. A segunda novidade é a substituição cada vez mais frequente das parteiras por médicos que se dedicam ao corpo feminino. Esse é o caso do Dr. João Teixeira, "(...) membro da sociedade de obstetrícia na França. Especialista de partos, moléstias de senhoras e operações".[142] No início do período, os anúncios de obstetras convivem ao lado dos anúncios das parteiras em igual número, mas, já ao final, estes últimos comporiam claramente a minoria.

Ainda compreendendo o setor de serviços, para a Rua Líbero Badaró convergiam os escritórios de profissionais liberais, como advogados, arquitetos, engenheiros, funcionários

[138] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 151.
[139] Idem, ibidem, p. 141.
[140] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, dez/1895.
[141] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 17/01/1893.
[142] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 16/01/1893.

públicos. Tais ofícios, nascidos da própria expansão urbana, arranjavam-se no interior de uma camada média recém-surgida, que cuidava dos novos modos de habitar e viver, bem como de sua normatização. Nas ruas menores que exercem a função de comunicação entre os dois triângulos, a Rua do Rosário, a Rua da Quitanda e a Rua do Comércio, concentram-se alguns dos principais escritórios financeiros da capital.

Entre a Rua XV de Novembro e a Rua da Boa Vista, a única galeria da cidade de São Paulo, "única no Brasil" segundo Jules Martin, a Galeria Webendoefer. O projeto inicial de Jules Martin, "aborrecido com o acanhamento das ruas paulistanas em fins do século XIX", era, na verdade, "a construção de duas grandes galerias cobertas, em forma de cruz, imitando as existentes em Milão, em Nápoles e em Bruxelas. (...) deveriam ocupar o centro do quarteirão de casas velhas limitado pelo largo do Rosário, Rua de São Bento, Rua Quinze e Travessa do Comércio. Contariam com quatro entradas grandiosas e calçamento de mármore, com vinte metros de largura e catorze de altura". [143] Plano que, devido aos fatores geográficos e financeiros, não pôde ser concretizado.

Para aliviar suas frustrações e, agora contando com recursos privados na construção de um projeto do arquiteto Max Hehl para o comerciante Christiano Webendoerfer, Jules Martin começaria a construir a Galeria Webendoerfer. Apesar das inúmeras disputas entre a Câmara Municipal e o proprietário Webendoerfer a respeito, principalmente, das dimensões e limites do empreendimento, a galeria, com cúpula feita em ferro e vidro, seria inaugurada em 1900: "Tinha uma cobertura de cristal suportada por arcos de ferro, contando trinta e seis armazéns no andar térreo e cinqüenta e quatro escritórios no primeiro andar".[144] Vidro e luz, elementos da II Revolução Industrial, combinavam-se finalmente em galeria para dar um novo sentido à exposição na cidade periférica: o dos símbolos concentrados no espaço. O caminhante, ao passar pela galeria - a mais acabada síntese entre indústria, comércio e consumo -, tinha contato, a um só tempo, com todas as alegorias capitalistas: "Ces passages, récente invention du luxe industriel, sont des couloirs au plafond vitré, aux entablements de marbre, qui courent à travers des blocs entiers d'immeubles dont les propriétaires se sont solidarisés pour ce genre de spéculation. Des deux côtés du passage, qui reçoit sa lumière d'en haut, s'alignent les magasins les plus élégants,

[143] Bruno, *História...*, vol. III, pp. 978-979.
[144] *São Paulo antigo, São Paulo moderno: álbum comparativo. Fotografias representativas de várias épocas da cidade de São Paulo.* Álbum de 1905. São Paulo, Editora Melhoramentos, p. 98.

de sorte qu'un tel passage est une ville, un monde en miniature".[145] Para um país ainda não industrial, mas com fortes perspectivas a sê-lo, a galeria funcionava como uma espécie de antecipação de um futuro pleno de conquistas materiais.

Um outro elemento da vida cotidiana capitalista que toma força neste momento é o hábito da vida noturna. Em São Paulo, costumes boêmios já haviam surgido com a fundação da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, mas, seria somente na virada do século que as oportunidades de diversão se multiplicariam. Seriam profusos os teatros, restaurantes, hotéis, cabarés, cafés-concerto, onde se dançava o cancã, e, porque não, prostíbulos, como o de Madame Pommery, cafetina do consagrado romance que leva o seu nome. Além disso, agora as ruas contavam com a presença da energia elétrica, que prolongava o dia para os amantes da noite.

Um dos antros da boemia paulistana mais conhecidos era o High Life Paulista, localizado na Rua da Boa Vista, 52: "Importante estabelecimento, o primeiro desta capital, com bilhares de primeira ordem e um completo sortimento das melhores e mais finas bebidas, charutos, etc., etc. Hoje, primeiro aniversário de sua fundação, resolvemos denominá-lo Hig-Life Paulista, devido à seleta freguesia por nós adquirida, demonstrando-lhe por este a nossa gratidão e alta consideração em que a temos. Ao Hig-Life, recomendável pelo seu gerente que conta quatorze anos de prática angariada nos principais estabelecimentos da capital federal. Asseio, luxo e comodidade".[146] Na Rua Líbero Badaró, encontrava-se o Café Colombo, que servia cerveja Antártica por apenas 200 réis.

Em dois dos vértices comuns aos dois triângulos, na Praça Antônio Prado (antigo Largo do Rosário) e na Praça da Sé, também se concentravam pontos de encontro da vida boêmia. A impressão que se tinha, ao estar em tais pontos de confluência de estabelecimentos e pessoas, era a da visita a uma capital européia tal a variedade de lojas, confeitarias e tipos sociais diferentes que por ali circulavam. A Praça Antônio Prado, por exemplo, consagrar-se-ia como foco boêmio, primeiro com o Café Caruso (depois do Ponto), a seguir, com o Café Brandão. A partir do final da tarde, quando a praça começava a receber as cocotes, os jornalistas, os literatos e os poetas, as famílias deixavam o lugar, para se refugiarem na Confeitaria Progredior, bem no centro da Rua

[145] Benjamin, *Paris...*, Op. cit., p. 35.
[146] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 27/01/1890.

XV de Novembro.[147] Enquanto, no interior do Triângulo maior, a vida noturna borbulhava com o extravasamento dos espíritos boêmios, a diversão mantinha uma postura mais conservadora e familiar ao longo do Triângulo interno. Na Praça da Sé, o conhecido Café Girondino acolhia a clientela que, a partir das 17 horas, saía da Casa Garraux.

A vida boêmia é uma das dimensões da modernidade capitalista que libera os sentidos reprimidos pela ética capitalista do trabalho. Durante o dia, a disciplina ascética; à noite, a lassidão de costumes. Localizada no mais profundo recôndito da cultura boêmia, as frustrações oriundas do progresso técnico encontram um lugar de expressão, funcionando como uma espécie de contracultura burguesa: "A Boemia não era um reino exterior à vida burguesa, mas a expressão de um conflito que surgiu bem no seu âmago".[148] Ali têm lugar os desregramentos: os abusos do vinho, que, dentro da fábrica podem ser fatais; a luxúria, totalmente condenada pela ética do trabalho e da busca incessante do lucro; a expressão artística, cada vez mais mecanizada pela técnica.[149]

Este é, sem dúvida, o dilema de Baudelaire, que reencontra um lugar para a poesia numa civilização dominada pela máquina. Ao vivenciar o *spleen* e se apropriar de seus elementos, "Baudelaire pôde avaliar inteiramente o verdadeiro significado da derrocada que testemunhou em sua condição de homem moderno".[150] Em seu *Fleurs du Mal*, o poeta se divide entre o mal-estar decorrente desta sua condição de homem moderno - do qual nascem as vozes dadas ao vinho e à luxúria, encarnados em figuras mitológicas que inundam os sonhos do *flâneur* - e o ideal de uma *Vida Anterior*, nome de um de seus poemas.[151] Baudelaire é a síntese do drama vivenciado por toda uma geração de românticos que sentiram o peso das tirânicas conquistas materiais sobre seus

---

[147] Bruno, *História...*, vol. III, pp. 1132.
[148] Jerrold Seigel. *Paris Boemia – cultura, política e os limites da vida burguesa. 1830-1903*. Tradução Magda Lopes. Porto Alegre, L & P, 1992, p. 19.
[149] Walter Benjamin. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Tradução José Lino Grunnewald. In O*s Pensadores.* São Paulo, Abril Nova Cultural, 1980, pp. 5-28.
[150] Walter Benjamin. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas.* Vol. III. Tradução José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo, Editora Brasiliense, 1989, p. 132.
[151] "J'ai longtemps habité sous de vastes portiques
Que les soleils marins teignaient de mille feux,
Et que leurs grands piliers, droits et majestueux,
Rendaient pareils, le soir, aux grottes basaltiques (...)
C'est là que j'ai vécu dans les voluptés calmes,
Au milieu de l'azur, des vagues, des splendeurs
Et des esclaves nus, tout imprégnés d'odeurs". (Charles Baudelaire. *Les Fleurs du Mal.* Paris, Gallimard, 1985, p. 27).

espíritos sensíveis e suas carcaças frágeis. A reação desta geração foi a de cantar temas que caminhavam em sentido contrário à vida, como a miséria, a decrepitude, a noite, o inconsciente e a loucura.

Esse é o espírito nascido na Paris ao final das revoluções de 1848. Não representa, no entanto, uma nova classe, mas tipos que, oriundos de famílias burguesas, não viram suas utopias realizadas com a Primavera dos Povos: "Sua existência oscilante e, nos pormenores, mais dependente do acaso que da própria atividade, sua vida desregrada, cujas únicas estações fixas são as tavernas dos negociantes de vinho – os locais de encontros dos conspiradores – suas relações com toda a sorte de gente equívoca, colocam-nos naquela esfera de vida que, em Paris, é chamada de boemia".[152]

No Brasil, a boemia surge menos da contestação e do desapego à vida moderna do que de sua celebração. É menos fruto de uma frustração do que da esperança de um futuro surpreendente para o Brasil. A vida noturna e o errar pelas ruas festejavam a chegada da eletricidade, uma das mais recentes e incríveis conquistas capitalistas. Exaltava-se o absinto, o vinho, o champanhe, o fumo de boa qualidade que vinham substituir a vil cerveja, o desprezível rapé, tudo regado a muita luxúria:

> "De cervejadas, sim senhor; que naquelas épocas primitivas não se instituíra ainda o champanha na qualidade de acompanhamento das troças de alto bordo. Para se operar uma inovação desse quilate foi necessária a concorrência de circunstâncias excepcionais, juntamente com o gênio reformador e construtor de Mme. Pommery. (...) A mocidade divertia-se, então, sem os requintes modernos da elegância refinada e do luxo suntuário. Em assunto de modas, primavam os grandes paletós de abas enormes e os chapeuzinhos de palha de aba insignificante. De modo que os mais famosos elegantes do tempo, o Sequeirinha, o Castro e o Lulu, especializaram-se na arte de prolongar as abas do casaco até abaixo dos joelhos, emparelhando as do chapéus com o ressalte das orelhas. Isto dava-lhes uma figura bufa, extravagante, e muita celebridade, que mais se

[152]Benjamin, *Charles Baudelaire...*, Op. cit., pp. 9-10.

> firmava nos rumores correntes sobre as quantias espantosas que esbanjavam pelos antros noturnos, em tremendas bacanais com o mulherio. E, à noite, junto à Seleta, glosavam-se estas prodigalidades crassas com admiração e escândalo".[153]

O hábito da vida noturna na São Paulo do café era, portanto, menos fruto de uma sociedade que se decepciona com o capitalismo do que de uma sociedade que celebra sua chegada, que se civiliza até na passagem da cerveja para o champanhe. Os trajes do momento, os longos casacos encimados por golas altas, são curiosamente os mesmos do *dândi* europeu, mas, aqui, parecem expressar, ao invés de conter, a satisfação decorrente da conquista material e do seu esbanjamento. O coroamento a essa atitude era tão mais nobre quanto mais duradouros fossem os falatórios oriundos de tal desfrute.

A boemia paulista somente representava uma contracultura no sentido de que celebrava as conquistas materiais que ocultavam as origens provincianas de uma camada mais refinada da população. Filhos de fazendeiros ricos, os boêmios, que aderiam ao modo de vida urbano, levavam ao paroxismo a diferenciação em relação aos seus ancestrais e a idéia da libertação de suas raízes rurais. Ao caminhar em direção contrária à da cultura telúrica e aristocrática fortemente arraigada na fração de elite pertencente aos seus pais, os boêmios representavam valores burgueses que tomavam contornos bastante peculiares na São Paulo republicana. Mas esse é objeto de nosso quarto capítulo, não cabendo aqui, maiores considerações sobre a quebra da elite em frações de classe representantes de tendências e valores bastante distintos entre si.

2.6 As ruas, a cidade e o comércio na São Paulo da Belle Époque

Se, no capítulo primeiro deste trabalho, o enfoque foi dado às reformas urbanas e sua associação com as clivagens sociais que se imprimiam na paisagem urbana, neste capítulo, as clivagens são recebidas em uma nova síntese. Nesta, o sentido é conferido pelo perfil do

[153]Hilário Tácito. *Madame Pommery.* 4ª ed. Campinas; Rio de Janeiro, Editora da Unicamp; Fundação Casa Rui Barbosa, 1992, p. 41.

comércio na São Paulo entre os anos 1890 e 1915, que dá continuidade às clivagens espaciais, privilegiando a imagem da cidade a partir dos produtos que representassem o mundo moderno.

A configuração das redes comerciais centrais, a sobreposição entre o Triângulo menor, o cerne da exposição da cidade, e o maior, onde se refugiam as imagens indesejadas da cidade colonial, expulsas cada vez mais para a periferia, ilustram a continuidade dessas clivagens contidas em um equilíbrio bastante instável. Do outro lado da cidade, a cidade velada, continuam as doenças tropicais, corre o esgoto a céu aberto, ambulantes e mascates vendem seus produtos de casa em casa ou em araras postas sobre as calçadas, onde não existe qualquer separação entre espaço público e privado. Por sinal, é a mesma lógica que, no capítulo primeiro, permite que o condutor de bondes viole regras ao fumar no interior deste durante seu trajeto pela periferia, mas que se subordine a elas quando passa a transitar pelas regiões centrais.

É bastante significativo que, com o governo de Antônio da Silva Prado, o cerco aos mascates e vendedores ambulantes fechou-se. A imagem da cidade ideal não somente comportava espaços públicos apresentáveis, mas um comércio cada vez mais próximo àquele visto nos países já capitalistas. A promulgação das *Leis e Atos do Município de São Paulo* em 1910 tentou uma primeira regulamentação das profissões dos prestadores de serviços e trabalhadores de rua. Para melhorar a imagem do centro comercial, não se mediram esforços para que carroceiros, cocheiros, engraxates, lavadeiras, carregadores, vendedores de bilhetes, de jornais andassem uniformizados, esforço esse frustrado devido à exigência muito além da possibilidade de concretizá-lo.[154]

Em 1900 ainda era bastante comum a mistura entre o comércio que contraía feições estrangeiras e modernas e o comércio ambulante: "As compras eram feitas na porta aonde vinham os vendedores. Seu Domingos com ovos frescos e frangos: seu José leiteiro; o menino de seu Magalhães para saber as encomendas de armazém. Os pedidos para a farmácia eram feitos pelo telefone. Seu Elias, mascate fornecia cetinetas, rendas, carretéis, agulhas e fitas. Salvador peixeiro trazia o peixe. O açougueiro tinha tabela certa: todos os dias ou entrecosto, ou alcatra; um dia, lombo de porco; um dia, cabrito ou carneiro; cada quatro semanas, dobradinha, cada quatro semanas mocotó; cada quatro semanas, fígado. O resto variava-se com omeleta, ovos

[154] Deaecto, *Comércio...*, Op. cit., p. 166.

mexidos, virado de feijão, carne seca, bacalhau".[155] Predominantemente realizada por portugueses no início do século, são os libaneses que darão continuidade a esse tipo de atividade, ligando os atacadistas do centro aos moradores dos bairros; o comércio da capital ao comércio do interior, provendo os fazendeiros desejosos de produtos europeus, mas não querendo sair de sua sede na fazenda. Exercem assim função semelhante à do caixeiro viajante: a da integração do mercado nacional a partir do encurtamento de distâncias.

Aos poucos, a ossatura comercial da cidade muda. Os "(...) novos traços e padrões culturais haviam desalojado aqueles que dominavam em outros tempos",[156] mandando-os para as bordas da cidade: "Os mascates, as vendas, as tamancarias, as forjas de ferreiro e os talhos de carne verde, que o *high life* comercial conseguiu afinal ablegar do *triângulo* central da Paulicéia (...)".[157] Um bom indicador de tal mudança é a arrecadação do imposto sobre profissões, que diminui gradativamente: em 1910, o imposto arrecadado era do montante de 203:890$000, passando a 199:496$500, em 1915 e a 136:011$500, em 1920.[158]

Algumas profissões, geralmente as mais torpes, são literalmente expulsas do centro da cidade, como é o caso dos açougueiros, banidos em 1890: "As leis sobre açougues, fábricas de alimentos e mercados de hortaliças e frutas são recorrentes, tanto no que tange ao seu perímetro de ação, quanto às condições de higiene e segurança. Trata-se, em linhas gerais, de atividades que foram excluídas do Centro".[159] Já para outras profissões, o estabelecimento seria facilitado a partir de certas medidas, como foi o caso da isenção de emolumentos a restaurantes e hotéis, atraindo os grandes hotéis e as *rotisseries* de requinte para o Triângulo central.[160]

Ao lado das novas regras de construção de batimentos impostas aos comerciantes, como recuos e limites ao número de andares, ausência de gelosias, vigoram também as regras de funcionamento do estabelecimento, como o horário de fechamento. Não foi muito boa, por exemplo, a recepção da regra de fechamento aos domingos, apesar dos brados do público católico sobre o respeito à tradicional regra da guarda dos dias santos.

---

[155] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 38.
[156] Bruno, *História...,* vol. III, Op. cit., p. 1161.
[157] Affonso A. de Freitas. *Tradições e Reminiscências Paulistanas* (1921). 2ª edição. São Paulo, Martins, 1955.
[158] Deaecto, *Comércio...*, Op. cit.
[159] Idem, ibidem, p.168.
[160] Idem, ibidem, pp. 168-169.

Dessa forma, no lugar do mascate, cujo desaparecimento era imprescindível para a nova reconfiguração da cidade, apareceria o estrangeiro, geralmente representante de uma tradição familiar ou de um grande grupo importador: "Aos poucos, aquele velho panorama de armazéns de secos e molhados, lojas de panos de algodão e hospedarias rústicas, vai sendo transformado pela presença das importadoras, das casas de moda, de vinhos, de materiais de construção, e dos hotéis de porte, a isso correspondendo novas conformações arquitetônicas e urbanísticas (...) [assim] o comércio não constituiu um sistema para circulação e consumo apenas de produtos locais, fossem artesanais ou industriais, mas também – e intensamente a partir do final do século XIX – de produtos estrangeiros".[161]

A introdução de produtos estrangeiros tinha uma função bastante específica na nova malha urbana: a de conferir uma imagem europeizada e civilizada da cidade e dos seus moradores. O consumo e a propriedade de artigos estrangeiros associados à civilização moderna substituíam a terra enquanto meio enobrecedor e concessor de *status* social. Nesse sentido, é bastante significativa a aprovação, em 1850, de um projeto sobre regulamentação de uso e ocupação de propriedades localizadas nas freguesias da Sé, do Brás e de Santa Ifigênia, proibindo a criação de animais domésticos nas ruas e praças da cidade. A terra, em ambiente urbano, perdia o seu poder enobrecedor e as atividades a ela associadas eram consideradas degradantes e, assim como as demais acima vistas, deveriam ser expulsas para os arredores da cidade. O renascimento comercial do centro leva ao extremo a idéia de um espaço construído e reconstruído pela dinâmica entre aglomeração urbana e consumo,[162] uma possível tentativa em mascarar os resquícios de lógica "feudal" de estabelecimento de hierarquias, ainda presentes nessa sociedade.

Tal lógica de eliminação dos traços coloniais com vista à europeização da cidade, cujo fundo é sanitarista, conta ainda com a importação de estilos arquitetônicos que são especialmente adaptados para os estabelecimentos comerciais. No centro da cidade, predomina o sobrado urbano tradicional, construído em alvenaria, alinhado à rua, sem recuo. As edificações eram maciças, esculpidas pelo estilo neoclássico ou eclético, assim explicado por Carlos Lemos e sintetizado por Monteiro Lobato na idéia do carnaval arquitetônico: "(...) construções diversas que, de um modo geral e num primeiro momento, podemos chamá-las de neo-renascentistas

[161] Barbuy, *A cidade-exposição...*, Op. cit., p. 28.
[162] Idem, ibidem, p. 166.

despoliciadas, isto é, quase sempre executadas por profissionais não qualificados e que vieram a ser popularizadas ao longo do tempo. Nelas, as regras foram substituídas pela improvisação, pela recriação e até pela invenção... Esse é o grupo mais numeroso e mais difundido e que, para muitos, é o único a merecer o epíteto do Ecletismo porque tolera tudo. Esse grupo de obras neo-renascentistas poluídas também engloba, inclusive, as chamadas colagens imaginosas, não colagens ideais de elementos de um mesmo repertório estilístico (...) mas a justaposição material, lado a lado, até de fragmentos provenientes de diversas demolições de construções antigas".[163]

Contraditoriamente ao termo designado por *Belle Époque*, a beligerância entre os diferentes capitalismos em vias de consolidação era latente. A concorrência, projetada no nível do Estado-nação, dava-se pela presença militar, pela importação de capitais e de produtos-símbolo da modernidade capitalista ocidental, que entravam no país graças à presença maciça de imigrantes. Estes eram quase que exclusivamente importadores de produtos vindos de seus países de origem. Quando, em razão de algum encarecimento ou escassez, importavam também produtos de outras origens, a medida não era vista com bons olhos pelos seus compatriotas: « Les allemands occupent le premier rang. On trouve leurs produits dans les magasins de nos compatriotes. Cela explique la diminution effective de nos transactions sous l'apparence d'augmentation ».[164]

Uma das estratégias francesas para a exposição dos produtos nativos em terras periféricas foi a criação de museus comerciais. Em 1890, o Ministério do Comércio, da Indústria e das Colônias Francês acordou com a Câmara de Comércio Francesa do Rio de Janeiro a criação de um museu comercial para expor "seus produtos nacionais".[165] Por outro lado, a variedade de produtos vendidos, uma característica marcante não só dos franceses, mas de todos os negociantes estrangeiros na São Paulo da virada do século, era uma estratégia importantíssima nesse contexto de intensa concorrência entre grandes potências imperialistas, como a Inglaterra, a França e a Alemanha. As casas "tendiam não à especialização (...) mas à diversificação dos

[163] Carlos Lemos. *Alvenaria burguesa – breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café.* São Paulo, Nobel, 1985, p. 75.
[164] Ministère des Affaires Étrangères. *Enquete auprès de la colonnie française de São Paulo sur les causes de la diminution de notre commerce. Avis de nos nationaux sur les moyens de les relever.* 18/08/1896. Témoignage de M. Manfred Mayer.
[165] Ministère du Commerce, de l'Industrie et des Colonies. *Établissement projété d'un musée commercial de produits français à Rio de Janeiro.* Circulaire, n. 417. Paris, 11/11/1890.

negociantes intermediários, que, como já dissemos, tornavam-se canais para o fluxo de produtos industrializados estrangeiros que adentravam o país".[166] Para contornar a situação monopolística criada pela ligação entre o pequeno comércio e uma grande empresa do outro lado do Atlântico, desvantajosa para o primeiro, os negociantes diversificavam as mercadorias vendidas, mantendo a fidelidade a umas poucas e grandes marcas, mas adquirindo a maior gama de produtos possível.[167] A presença de monopólios estrangeiros em território nacional seria bastante comum e, em razão da insuficiência estrutural de capital, tornar-se-ia um aspecto peculiar ao capitalismo brasileiro: "(...) afinal, a dinâmica do comércio propriamente dito, ora por meio da abertura direta de lojas nas principais praças de consumo, ora incentivando o comerciante com a abertura de créditos, ou mesmo garantindo-lhe exclusividade na distribuição de determinado produto".[168]

Observamos duas fases da presença estrangeira na configuração do comércio nacional. A primeira, entre 1808 e 1870, caracteriza-se pela hegemonia incontestável da Grã-Bretanha nos portos nacionais. Na segunda fase, a partir de finais do século XIX, paquetes de outras origens também atracam nos portos brasileiros, demonstrando a tendência à dominação multilateral que substitui a hegemonia britânica. Entre 1872 e 1874, a entrada de mercadorias no Brasil segundo seus países de origem se distribuía da seguinte maneira: 53,4% vinham Grã-Bretanha; 12,2% da França; 6,5% da Alemanha; 5,4% dos EUA. Entre 1902-1904, ocorre uma alteração significativa nas percentagens: 28,1% dos produtos são oriundos da Grã-Bretanha; 12,2% da Alemanha; 11,5% dos EUA e 8,8% da França. A França cai de segundo para último lugar, enquanto a Alemanha faz o caminho inverso. Quanto às estatísticas para o ano de 1907 somente para o porto de Santos, a distribuição é a seguinte: 24,9% dos produtos pertencentes à Grã-Bretanha; 18,4% à Alemanha; 12,7% à Argentina; 11,5% aos EUA; 10,3% à Itália; 7,3% à França. Estes últimos dados captam a tendência dos países latino-americanos de, a partir de 1900, tornarem-se exportadores entre si. Em 1915, um ano após a eclosão da guerra, a classificação se alteraria de forma ainda mais expressiva, com a passagem dos EUA para a primeira posição e da Argentina para a segunda: 27% da importação passariam a vir dos EUA; 19,8% da Argentina; 18,1% da Grã-Bretanha; 10,6% da Itália; 4,0% da França.

[166] Barbuy, *A cidade-exposição...*, Op. cit., p. 141.
[167] Deaecto, *Comércio...*, Op. cit., p. 109.
[168] Idem, ibidem.

Movimento de Importação por Países de Origem[169]

Países	1907		1914		1915	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Alemanha	24.749:051$	18,4	17.347:900$	12,8	3.120:055$	2,0
Argentina	17.130:807$	12,7	16.062:019$	11,8	31.048:921$	19,8
Áustria-Hungria	1.701:185$	1,3	1.488:047$	1,1	198:295$	0,1
Bélgica	3.902:020$	2,9	4.559:128$	3,4	271:443$	0,2
Estados Unidos	15.455:666$	11,5	24.458:093$	18,0	42.429:439$	27,0
França	9.805:672$	7,3	8.644:858$	6,4	6.311:797$	4,0
Grã-Bretanha	33.589:482$	24,9	27.215:215$	20,0	28.350:087$	18,1
Itália	13.853:685$	10,3	14.875:279$	10,9	16.629:067$	10,6
Portugal	6.199:925$	4,6	6.033:811$	4,4	6.373:554$	4,1
Outros Países	8.287:375$	6,2	15.213:834$	11,2	22.154:158$	14,1
Total	134.674:868$	100,0	135.898:184$	100,0	156.886:816$	100,0

No microcosmo circunscrito pelo Triângulo, os ramos que compunham o comércio central se distribuíam de acordo com as nações das quais vinham os produtos. Da Grã-Bretanha vinha maquinaria para a indústria e lavoura, materiais para construção e ferrovias, ferros, pinturas, óleos, produtos químicos, artigos sanitários, desinfetantes, cabos, explosivos, provisões gerais, licores. Os produtos têxteis ingleses, feitos de algodão ou de lã, eram os que movimentavam a maior soma, apesar de seu baixo valor agregado.[170] O que lhes dava essa cifra significativa era a sua alta demanda. Já os tecidos de alto valor agregado, mas de baixa demanda, como as sedas, compunham a pauta de produtos de luxo, em sua maior parte exportados pela França.

Segundo Warren Dean, a parcela de comerciantes ingleses presentes em São Paulo era muito pequena quando comparada a comerciantes vindos de outras nações: "Em São Paulo, o importador inglês comprometido nunca possuiu uma parcela significativa do comércio. Ao invés disso, importadores imigrantes independentes partilharam do mercado com várias grandes companhias mercantis administradas por súditos germânicos, cujas operações na Europa eram tão dispersas que não permitiam o controle pelos fornecedores. As próprias firmas inglesas pareciam, a essa altura, haver modificado sua política".[171]

Outros países que participavam com seus produtos da pauta importadora brasileira eram: a Alemanha, relacionada principalmente ao comércio de produtos de base: ferro, aço e químicos.

[169]Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do estado de São Paulo. *Boletins da Diretoria de Indústria e Comércio.* São Paulo, Tipografia Brasil de Rothschild e Cia., 1908, 1916, 1919.
[170] Richard Graham. *Britain and the onset modernization in Brazil. 1850-1914.* Cambridge, University Press, 1968, pp. 344-346.
[171] Dean, *A industrialização...*, Op. cit., p. 30.

Italianos e portugueses dedicavam-se ao comércio de alimentos e bebidas. Sírios, às fazendas e armarinhos. Os franceses apresentam-se no ramo da hotelaria, bares e cafés, confecção, vestuário, papelaria e automóveis, "ou seja, dedicam-se ao comércio de bens de consumo".[172]

O Brasil assistia à valorização de suas *commodities*, como o café e a borracha, fundamentais para a obtenção de créditos em seu balanço comercial. À prosperidade da exportação correspondia a complexificação da atividade civilizadora, que se manifestava na construção de monumentos, na implementação de projetos de urbanização e no incentivo à importação de produtos estrangeiros, sinônimos de modernidade. Da mesma forma, os momentos de crise da economia exportadora representavam um arrefecimento da importação de produtos de luxo, e portanto, do processo civilizador. Sobre a prosperidade da borracha, Manaus construiria seu Teatro Municipal (Teatro Amazonas) em 1881, inaugurado a 31 de dezembro de 1886 com a ópera "Gioconda", de Ponchieli. No entanto, a partir de 1913, quando a borracha cultivada na Malásia pelos ingleses supera a produção amazônica, recuam as importações do estado e a freqüências dos espetáculos.

São Paulo passaria por uma trajetória cíclica semelhante: nos momentos de prosperidade do café e da constituição de suas fortunas, ampliava-se a importação de produtos, enquanto que, nos momentos de crise e de bancarrotas, aquela se contraía. Foi o que aconteceu em 1902, ocasião da superprodução de 16 milhões de sacas (o consumo mundial não ultrapassava os 15 milhões), quando o valor da saca caiu a 33 francos-ouro (em 1885, seu valor era de 102 francos-ouro). Na verdade, a tendência à queda de preços vinha desde 1893, quando os Estados Unidos, os principais consumidores, passaram por uma grave crise econômica. Entretanto, a queda do preço internacional era compensada pela desvalorização da moeda que permitia aos cafeicultores continuarem a receber valor igual em moeda nacional, ainda que, em moeda estrangeira, o valor da saca continuasse a ser mais baixo. Com a crise do Encilhamento, o governo Campos Salles, empossado em 1898, adotaria a política de revalorização do mil-réis, desnudando então a tendência à queda de preços do café decorrente da frenética expansão da onda verde rumo ao oeste. A crise atingiria seu ápice em 1906 com a produção de 20 milhões de sacas. As importações somente conseguiriam retomar o mesmo ritmo a partir do Convênio de Taubaté, que promoveria a valorização do mil-réis ainda neste mesmo ano de 1906.

[172] Deaecto, *Comércio*..., Op. cit., p. 120.

Para os objetivos deste trabalho, que trabalha sobre os processos de diferenciação e generalização que compõem a dinâmica de consumo, o estudo realizado nos arquivos franceses foi de extrema importância já que a França, neste momento, era a maior fornecedora de artigos relacionados ao *status*, importantes fontes de diferenciação social.[173] O fato já era percebido pelos cônsules e embaixadores franceses no Brasil, que alertavam para os riscos de diminuição do comércio francês constituído, em sua maior parte, por artigos consumidos somente por uma pequeníssima parcela da população. Em 1895, o argumento, para o setor de alimentos finos, era o de que a população paulistana não tinha condições nem financeiras, muito menos culturais, de ter acesso a esses artigos: "Le commerce des conserves alimentaires à São Paulo s'occupe relativement peu des articles fins, de provenance française; il écoule sourtout des marchandises de grosse consommation, telle que le riz ou la mourue".[174] A mesma observação já havia sido feita por um agente do comércio exterior francês no Rio de Janeiro em 1853: "Nosso comércio apresentando ordinariamente produtos superiores, de um trabalho fino, elegante, artístico e de preço elevado, conservou a clientela das classes ricas e é por essa razão que os números de nossa exportação se mantiveram. (...) Mas, para a massa da população americana, composta de gente cujos recursos são mais limitados, o gosto pouco formado e que não é sempre capaz de apreciar a superioridade de uma obra, é necessário obter produtos que se possam vender a baixo preço".[175]

Já vimos que uma das razões para que o comércio com a França fosse bastante frágil era a alta flutuação da taxa de câmbio que variava de acordo com a política de valorização do café do momento. Juntamente com a pouca diversidade do comércio francês, que se restringia aos artigos de bens de consumo destinados a um público mais seleto, o problema da taxa de câmbio gerava extensas reclamações da parte dos cônsules que acreditavam que o governo brasileiro ameaçava o comércio francês com suas políticas. Nesse sentido, nada mais importante do que a presença concreta do comerciante francês na cidade, que, ao expor os produtos de seu país, garantia certa estabilidade em momentos de crises do café. Essa é a essência da tese de Richard Graham, para

[173] "Aos ingleses caberão sobretudo o grande comércio, as transações financeiras; aos franceses, o negócio de luxo e de modas". (Caio Prado Jr. *História Econômica do Brasil.* São Paulo, Editora Brasiliense, 1976, pp. 136).
[174] Ministère des Affaires Étrangères. *Enquete auprès de la colonnie française de São Paulo sur les causes de la diminution de notre commerce. Avis de nos nationaux sur le moyens de les relever.* 18/08/1896. Témoignage de Arthur Khan.
[175] Apud Denise Monteiro Takeya. *Europa, França e Ceará.* São Paulo; Natal, Editora Hucitec; Editora UFRN, 1995, p. 57.

quem, a presença de casas de importação estrangeiras constitui uma outra forma de capital, criada a partir da concorrência entre Estados imperialistas em finais do XIX.[176]

Em 1896, os *Chefs de maison* enumerados por Wienner (o encarregado da missão comercial francesa deste ano) em São Paulo eram: H. Levy (negociante de tecidos); Jules Martin; Manfred Mayer; Jacques Hoenel (artigos de armarinho); Bourdelot (artigos de Paris); Felix Bloch; Gaston Picard; Arthur Kahn; Charles Hü (importador de vinhos franceses); Moise e Chavasson. As mercadorias envolvidas no comércio Brasil-França eram couros envernizados, papel para escrever, batatas em sacas, automóveis, caixas de conhaque, barris de manteiga, meias em fio escocês, tecidos de lã, sardinha enlatada, caixas de vinho, tecidos de seda, papel para cigarros, água de colônia, louças, artigos de moda em geral, tanto masculina quanto feminina. Em 1906, após a primeira grande crise do café, os artigos importados continuavam a ser basicamente os mesmos, com pequeníssima alteração, o que demonstra a demanda altamente inelástica desses artigos de luxo.

A relação entre a dinâmica da exportação do café e a da importação de produtos franceses de luxo expõe o fato de que a riqueza nunca vem sem a sua necessidade de ostentação. Não à toa, a importação das mercadorias francesas em que São Paulo começa a aumentar a partir de 1870, atingindo seu ponto máximo em 1890, que é o ano em que a província se consolida como a maior exportadora de café do país. É quando as famílias proprietárias de cafezais deixam suas propriedades para habitar as cidades, onde ostentarão sua riqueza convertida em produtos.[177] A afirmação de *status* adota contornos burgueses, sem, no entanto, deixar de ser aristocrática em sua essência, postura herdada do período colonial e não superada durante a longa transição para o capitalismo no Brasil.[178]

Esse traço ostentatório deita raízes no período colonial. Em 1583, já se espantava o cronista Fernão Cardim com a opulência ostentada pelos colonos, condizente com sua falta de devoção e seu espírito dado a festas: "Vestem-se as mulheres e filhos de toda a sorte de veludos, damascos e outras sedas, e nisto têm grandes excessos. As mulheres são muito senhoras, e não muito devotas, nem freqüentam as missas, pregações, confissões, etc.; os homens são tão briosos

[176] Graham, *Britain...*, Op. cit.
[177] Deacto, *Comércio...*, Op. cit., p. 49.
[178] Florestan Fernandes. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica.* 5a edição. São Paulo, Globo, 2006.

que compram ginetes de 200 e 300 cruzados, e alguns têm três, quatro cavalos de preço. São mui dados a festas. Casando uma moça honrada com um vianez, que são os principais da terra, os parentes e amigos se vestiram uns de veludo carmesim, outros de verde, e outros de damasco e outras sedas de várias cores, e os guiões e selas dos cavalos eram das mesmas sedas que iam vestidos. (...) e por esta festa se pode julgar o que farão nas mais, que são comuns e ordinárias (...). Enfim, em Pernambuco se acha mais vaidade que em Lisboa.".[179]

Em contexto republicano, o sentido da exposição muda porque a sociedade passa então a ser formada, ao menos formalmente, por indivíduos livres e iguais. O que ameaça, contudo, a elite cafeitultora, não é a recém-liberta massa de escravos, mas sim, os imigrantes chegados da Europa que passam a constituir rapidamente fortunas a partir do comércio. O elemento novo aí presente, quase que inexistente no Brasil colônia, a não ser pela entrada de um indivíduo para uma grande família, é a mobilidade social, à qual se associa, necessariamente, mecanismos de diferenciação outros que não os de sangue ou laços familiares. O consumo passa a ser então o principal instrumento diferenciador já prenunciando alguns processos sociais inerentes à dinâmica capitalista, como a produção de diferenças a partir da propriedade privada de mercadorias.

A cidade capitalista, ainda que cidade periférica com seus enormes bolsões de exclusão social, amplia a possibilidade de contato entre diferentes classes, tornando, portanto, ainda mais necessários outros mecanismos de criação e reprodução de diferenças. Além disso, o ambiente urbano multiplica as possibilidades de enriquecimento, tornando as fronteiras entre as classes muito mais fluidas que em meio rural. O sentido da exposição por produtos de luxo, bem como o da criação de espaços de sociabilidade elitistas, compõem o que foi chamado por Habermas de *esfera pública burguesa,* nada mais do que a criação de um espaço público através do qual a burguesia expressa sua privacidade.[180]

---

[179] Fernão Cardim. *Tratados da Terra e Gente do Brasil.* (1583). 3ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1971, pp. 201-202.

[180] "O comportamento durante o tempo de lazer é a chave para a 'privacidade sob holofotes' das novas esferas, para a desinteriorização da interioridade declarada. O que hoje se delimita como setor do tempo de lazer ante uma esfera autonomizada da profissão assume tendencialmente o espaço daquela esfera pública literária [cafés e salões, por exemplo] que, outrora [século XVIII], era a referência da subjetividade formada na esfera íntima da família burguesa". (Jürgen Habermas. *Mudança estrutural da esfera pública.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984).

Com o desenvolvimento do capitalismo e a conseqüente mercantilização da arte, antes protegida pela esfera do sagrado, surge a possibilidade de sua compra. Compram-se obras de arte, livros e espetáculos musicais, que se configuram em produtos de luxo, não do ponto de vista de sua escassez física, mas simbólica. Afinal, a pré-condição para plenamente desfrutar de seus atributos é formação de um gosto, para o qual se educa o indivíduo[181] e a partir do qual se cria uma diferença entre doutos, de gosto apurado e educado, e leigos, capazes de comprar, mas não de usufruir da arte. A arte, assim como os padrões de consumo sofisticados, tornam-se passíveis de apropriação burguesa e de sua demonstração pública.

Guardadas as devidas proporções, o mesmo processo de privatização da esfera pública também acontecia em São Paulo, reforçado pelas claras clivagens espaciais marcadas tanto pela distribuição da malha infra-estrutural como pela divisão do comércio urbano segundo perfis modernos ou tradicionais: "Assim a São Paulo modernizada – o Triângulo -, inserida no contexto das práticas internacionais de comércio e exibição, ela própria sendo paulatinamente reestruturada, ia-se tornando uma sucessão de exposições e apelos à 'vida moderna', fortemente baseada no consumo".[182]

[181] Pierre Bourdieu. *La distinction. Critique sociale du jugement*. Paris, Éditions de minuit, 1979.
[182] Barbuy, *A cidade-exposição...*, Op. cit., p. 86.

Cap. 3 A Paulicéia e o espírito da 'Bela Época': novos produtos, novas necessidades

"Tenho a impressão de que não resta muita coisa a descobrir. O vapor e a eletricidade resolveram uma infinidade de problemas: navios e locomotivas a vapor, automóveis a gasolina, iluminação, fabricação mecânica de tecidos. (...) Seja como for, o progresso é uma grande coisa".
("Conversa sobre o progresso". In *São Paulo Naquele Tempo.*).

3.1 As novidades do *fin-de-siècle*

Quanto mais desenvolvida a cultura urbana, tanto mais complexo é o mercado consumidor. Para Sombart, o consumo não somente é incrementado pela urbe, como, em realidade, está em sua origem: "(...) no menos fácil es dar la prueba positiva de que la concentración del consumo es, en realidad, la que ha creado las primeras urbes, de modo bastante uniforme, sin tener en cuenta las particularidades del país, bajo la presión de la evolución general capitalista".[1] A complexa relação de reciprocidade existente entre o espaço urbano e o processo de diferenciação social impulsionado pelo consumo, contribui para uma sofisticação cada vez maior dos produtos ao mesmo tempo em que os mecanismos de distinção social se tornam mais e mais sutis. Werner Sombart ainda afirma que é justamente essa diferenciação, ao alimentar a dimensão aristocrática do consumo, que está na base do desenvolvimento industrial moderno.

No Brasil, a cultura urbana, que acompanha as transformações espaciais, torna-se cada vez mais impregnada de europeísmos: "Passamos a viver com os modelos europeus, com novos comportamentos, provocados pela introdução do transporte urbano e estadual, pela luz elétrica, etc. Por sua vez, o vestuário de estilos francês e inglês, o perfume francês, os alimentos europeus mudam as exigências de consumo da população mais abastada, como também introduzem nova concepção de vida na sociedade".[2] Enquanto nos dois capítulos anteriores, reconstruímos a dimensão urbana moderna em sua variante periférica, associando infra-estrutura e comércio neste capítulo, analisaremos como as grandes novidades do *fin-de-siècle*, trazidas por esse comércio revitalizado, significavam, na prática, a concretização de uma utopia civilizadora almejada pelos espíritos republicanos. No próximo capítulo, estes e outros produtos deixam em parte sua

[1] Werner Sombart. *Lujo y capitalismo.* Trad. Luis Isábal. Segunda Edición. Madrid, Alianza, 1979, p. 45.
[2] Edgard Carone Introdução à Marisa Midori Deaecto. *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930).* São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2002, p.11.

dimensão material para assumir seus significados sociais no interior da dinâmica das classes e frações de classe em São Paulo no período que vai de 1890-1915.

Não podemos falar destas novidades, sem, no entanto, relacioná-las às formas como eram veiculadas e seus fortes apelos ao consumo. Já vimos que a dimensão exibicionista da cidade que se reconstruía – com seus recursos às luzes, às vitrines e às formas feéricas - exercia o papel não somente de exposição do produto, mas também da recriação permanente de uma utopia civilizadora, que mascarava os fortes conflitos entre tradição e modernidade, representados nas lacunas criadas pelas reformas urbanas e recriadas pelo comércio. "Ao criar a figura do rei-comprador, o discurso publicitário não ficava isento, absolutamente das tensões presentes no processo de urbanização da cidade. Ao contrário, ele se movia por entre elas, tornando-se um elemento a mais nesse processo".[3] Os anúncios divulgados nos jornais, revistas, quiosques escondiam a cidade tradicional das heranças coloniais, escancarando, no entanto, as dimensões da cidade moderna e europeizada.

Segundo Márcia Padilha, o significado da modernidade assumia quatro conotações para os paulistanos de então: a modernidade enquanto progresso científico; a modernidade enquanto maquinismo, tecnologia e velocidade; modernidade como estilo de vida cosmopolita e metropolitano, expresso por requintados hábitos de consumo; finalmente, a modernidade enquanto ideal de ordem social.[4] Veremos como estas quatro conotações de modernidade se diluem nos produtos abaixo expostos e quais eram as expectativas depositadas sobre cada um dos grupos de produtos. Na verdade, a modernidade é uma só e se compõe não somente destes quatro vetores, como também das condições sociais específicas que os enlaçam em uma nova modernidade. A contradição que se desdobra a olhos vistos é a de que, enquanto se tentava a fabricação de uma modernidade à custa da tradição, surgia uma outra, bastante peculiar, em que o passado colonial ficava evidente. Os produtos e as idéias importados representavam uma determinada perspectiva do mundo moderno, e as condições históricas, a possibilidade de sua dissolução, o que recriava uma modernidade específica porque periférica: "Em São Paulo, assim como em todo o mundo, as diferentes visões sobre a modernidade retratavam o embate sobre a imposição de uma cultura homogeneizante, a cultura do exibicionismo burguês (...) e a realidade

[3] Márcia Padilha. *A cidade como espetáculo-Publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20.* São Paulo, Annablume, 2001, p. 85.
[4] Padilha, *A cidade...*, Op. cit.

de sociedades complexas e multifacetadas".[5] Trata-se do eterno dilema entre modernização e modernidade, com os limites daquela sendo expostos pela síntese que esta última representa. Contudo, uma reflexão mais acabada sobre a modernidade periférica só será possível no último capítulo, quando já tivermos refletido sobre as contradições sociais e materiais inscritas no consumo.

Os produtos importados, que representavam o advento da modernidade, distribuíam-se entre alimentos, maquinaria, remédios e outras drogas, incluindo-se bebidas e fumo, mobiliário, modas. Em alguns casos, se o produto não constituía em si uma novidade, a postura que a sociedade, revigorada pelos hábitos burgueses, passava a adotar ao consumi-lo, era agora diferente.

Na crônica de Jorge Americano, os principais produtos da virada do século, eram:

"Biscoitos Huntley & Palmers, Ingleses.
Sardinhas Philippe Canot, Amieux-Frères (francesas) ou d'Espinho (portuguesas).
Bacalhaus português ou norueguês.
Linho belga, francês, português.
Leite maltado (Horlicks Malted Milk).
Manteiga Demagny, francesa.
Charutos de Havana.
Perfumarias francesas.
Casimiras inglesas.
Chá da Índia.
Couro e sapatos ingleses e italianos.
Chapéus Stetson, ingleses.
Gravatas inglesas e francesas.
Renda de Bruxellas.
Camisas francesas Bertholet.
Palitos portugueses ou noruegueses.
Fósforos John Kopinks. [o nome real é diferente]

[5] Idem, ibidem, p. 107.

Cerveja alemã.

Vinhos franceses, portugueses e italianos.

Vinho do Porto, português.

Champanha, francesa.

Ferragens, inglesas.

Máquinas de costura, americanas.

Agulhas americanas.

Carretéis de linha, americanos.

Retroses franceses.

Frutas de Portugal, Espanha, República Argentina.

Chocolates Suchard, suíços.

Marrons-glacés franceses.

Lápis alemães.

Conhaque francês Ductilloy e Martell.

Tapetes franceses.

Sal (Table Salt) inglês.

Sal de cozinha, português.

Molho inglês (Lea & Perrins).

Picles, inglês (Lea & Perrins).

Bicicletas Peugeot, francesas.

Cristais da Boêmia e Baccarat.

Lenços portugueses.

Porcelanas francesas.

Poltronas de couro inglesas.

Pinho da Suécia para construções.

Arroz do Japão.

Pimenta da Índia.

Cravo e canela da Índia e da China.

Uvas portuguesas e espanholas.

Pêssegos argentinos e norte-americanos.

Queijos suíços".[6]

A lista de produtos é significativa porque resume, ao menos para uma parte da população, as expectativas do *fin-de-siècle*: "Dia viria em que nem de estradas de ferro precisaríamos. Havia já tempo que Santos Dumont tinha feito a volta da Torre Eiffel em balão dirigível. 'A Europa curvou-se diante do Brasil'".[7] O rol de produtos proclama os novos rumos da moda, tanto feminina, quanto masculina; alimentos importados de luxo, mas também aqueles que representam uma mudança profunda no seio da família, como os leites condensados, as conservas e enlatados, os alimentos infantis, que substituem a amamentação; os perfumes e sabonetes franceses e o apuro da higiene pessoal; móveis austríacos, cristais Baccarat, porcelana de Sèvres e tapeçaria francesa. No lugar da fé religiosa, o fim-de-século assistia à fé no progresso e nos seus frutos mais expressivos, como as Exposições Universais: "As exposições não são apenas dias de repouso e de alegria no labor dos povos, senão que aparecem de longe em longe como cumes dos quais medimos o caminho percorrido. Delas sai o homem reconfortado, cheio de valor e animado por uma profunda fé no porvir. Esta fé, apanágio exclusivo de algumas nobres almas no passado século, de mais em mais se expande hoje: ela é a religião geral dos modernos tempos, culto fecundo no qual as exposições universais tomam lugar como solenidades majestosas e úteis".[8]

Este capítulo tratará das novidades do final de século que, associadas à febre progressista, endossavam um projeto nacional de construção de uma nação civilizada fundada em valores modernos e republicanos. O próximo capítulo reúne tais produtos discriminando-os segundo os seus usos sociais que denunciam os grupos sociais envolvidos nesse imenso processo de diferenciação que é o consumo. Ao partirmos da base concreta, chegamos, então, à base social desenhada pela distribuição desses produtos pela sociedade, cujo sentido é dado pelos conflitos que se elaboram entre as classes e frações de classes aí presentes. Ao tratarmos a classe não como um bloco único, mas enquanto um compósito de várias frações também conflituosas entre si, descobre-se que a dimensão política envolvida nestes conflitos não se restringe à dinâmica de partidos da Primeira República. São, na realidade, conflitos travados entre famílias, entre gerações de uma mesma família, e entre essas famílias tradicionais e os indivíduos, geralmente

[6] Jorge Americano. *São Paulo naquele tempo 1853-1915.* São Paulo, Saraiva, 1957, pp. 90-91.
[7] Americano, *São Paulo...,* Op. cit., p. 404.
[8] "A exposição de Paris em 1900". In *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 09/08/1892.

imigrantes, que se destacam na dinâmica da ascensão social e que podem ou não passar para alguma dessas famílias de renome em caso de casamento. Trata-se de visões de mundo diferentes, lógicas diversas de organização da vida material, que tentam se acomodar em meio a não poucas divergências.

Por não ser ainda uma economia capitalista plenamente formada, é extremamente difícil a interpretação desta sociedade segundo as categorias marxistas usuais, capitalista e trabalhador, ou da oposição fundamental capital-trabalho. Além disso, por ser uma sociedade de passado escravista, as classes tomam contornos outros durante a passagem para a uma sociedade capitalista assentada sobre o trabalho livre e que não conseguem ser contemplados por essa oposição. Na realidade, o que se tem é uma elite composta por capitalistas de diferentes origens, e dependendo desta origem, não existe nenhuma oposição entre capitalista e trabalhador, em especial para o imigrante que principia no comércio e ascende socialmente. Não existe igualmente para algumas frações da elite, oposição entre aristocracia e burguesia, categorias que acabam por se mesclar, e que, voltando à realidade, denunciam um tipo novo e indeciso, somente encontrado em contexto periférico, e cujos traços são dados pelos seus hábitos de consumo. As frações de classe, mapeadas pelas posições que adotam no interior da dinâmica do consumo, desnudam ainda mecanismos específicos de organização da economia periférica que terminam por justificar muitas das características da industrialização tardia, objeto a ser tratado no quinto capítulo. Finalmente, os novos valores adotados, a dinâmica específica entre público e privado, marcada sempre pelas inversões e captada pelos usos e abusos do consumo periférico, fazem parte de uma modernidade específica, que entra em permanente contradição com a base material capitalista que se vai constituindo. Modernidade e capitalismo periféricos caminham juntos no sentido da exclusão, da diferenciação, da exceção, também objeto do quinto capítulo.

3.2 O Novo Século e suas máquinas maravilhosas

Além da energia elétrica e dos bondes, assistia-se à chegada de outras conquistas do final do século XIX, como as máquinas para a lavoura (arados mecânicos, máquinas de beneficiamento e torrefação de café, máquinas de beneficiamento do arroz); os telégrafos e

telefones, como os famosos Kellogg's;[9] os gramofones, fonógrafos, grafofones; os cinematógrafos, precursores do cinema; os automóveis. No comércio, as caixas registradoras seriam a grande sensação a partir de 1910,[10] enquanto que, nas repartições públicas, a máquina de escrever era o que marcava presença.[11] No lugar dos anúncios de compra, venda e fuga de escravos,[12] as propagandas destes novos produtos enchiam as páginas dos jornais prenunciando o advento de uma nova era para o mundo e para a nação brasileira. Imaginemos qual não teria sido o impacto da chegada da máquina de fazer gelo *Glacière Siberienne*[13] ou, por volta de 1910, das geladeiras norte-americanas, sobre pessoas até então acostumadas a conservar os alimentos com sal ou açúcar. O mais surpreendente é que agora poderiam não somente conservá-los gelados, como também quentes, regalia permitida pelas Frasqueiras Casa Fuchs.[14] O controle das temperaturas pela ciência, que fazia exatamente o percurso contrário ao da natureza, era ainda completada pelos ventiladores elétricos, vendidos por James Mitchell & Companhia, que prometiam o frescor tão caro aos países tropicais: "Removem o ar viciado, espantam moscas e mosquitos, abaixam a temperatura em tempo de calor. Indispensáveis em todas as casas de negócios e particulares".[15]

Aliás, os inventos que pretendiam amenizar a realidade tropical eram vários. Inscrevem-se nessa categoria engenhocas como "o projeto de uma cadeira com guarda-sol para lustrador de calçado",[16] que ironicamente era exposta pelo modelo de Araújo Castro ricamente vestido com terno e palheta; ou os açougues ambulantes, "cujo desenho descrevia um pequeno chalé sobre rodas",[17] que pretendiam deixar a carne protegida do sol; ou ainda, o curioso "chuveiro portátil",

[9] "Quem tiver um desses aparelhos que não seja do tipo americano 'KELLOGG's' legítimo, pode deitá-lo fora". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 14/12/1906).
[10] "Caixa Registradora Nacional. Protege o patrão porque lhe mostra a qualquer momento do dia o total do dinheiro que deve existir na gaveta. Protege o freguês porque lhe fornece um recibo impresso. Protege o empregado porque indica com precisão quem fez o engano, quem efetuou mais vendas, e evita por completo desconfianças e disputas sempre de conseqüências desagradáveis". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 3/3/1912)
[11] Era "uma tábua grossa, elipsóide, tendo dois sulcos em torno e um no sentido do eixo maior da elipse. Deslizavam-se as letras pelos sulcos e colocavam-se no eixo, formando palavras copiadas de cartões com letras maiúsculas". (Americano, *São Paulo...,* Op. cit., p. 21). Em 1898, a máquina de escrever ainda não havia sido divulgada no Brasil.
[12] Lilia K. Moritz Schwarcz. *Retrato em branco e negro.* São Paulo, Cia. das Letras, 1987.
[13] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 24/12/1897.
[14] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 29/10/1906.
[15] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 10/01/1903.
[16] Angela Marques da Costa & Lilia Moritz Schwarcz. *1890-1914: No tempo das certezas.* Coleção Virando Séculos. Coord. Laura de Mello e Souza. São Paulo, Cia. das Letras, 2000, p. 140.
[17] Costa & Schwarcz, *1890-1914...*, Op. cit., p. 141.

concebido em 1905 por João Alcebíades Martins, e que tratava de uma solução imediata para o calor tórrido. O desenho da publicidade apresentava "a silhueta de uma bela moça que aderia à voga de banhar-se onde bem entendesse".[18]

No ramo da música, a grande novidade eram os pianos confeccionados especialmente para o clima tropical. As cordas, fabricadas em aço especial, evitavam a oxidação permitindo maior duração do instrumento. Também as madeiras da caixa eram especialmente selecionadas para o clima úmido, segundo apregoadas pelos depositários J. P. Castro & Companhia da Rua do Palácio: "De diversos números, receberam nova remessa dos já vantajosamente conhecidos *Pianos de PH. Henri Hertz*, os únicos fabricados de madeiras deste país e especialmente para o nosso clima.".[19]

O problema da adaptação das madeiras e das cordas ao clima era motivo de uma forte concorrência no ramo, surgindo métodos cada vez mais sofisticados no setor de montagem e comercialização de pianos. Além das exposições freqüentes em vitrines e alguns outros eventos de maior monta divulgados anualmente nos jornais, seriam criados numerosos clubes de pianos na capital sob iniciativa das próprias casas de comércio. A Frederico Joachim, que lançava no mercado os pianos Rud. Ibach Sohn, fundou o clube Steinway & Sons. Para a casa Levy, que vendia os pianos Bechstein e Pleyel, dentre outros, mais um clube de pianos. Havia ainda a Casa Beethoven, Chiaffarelli e Cia., que também comercializava os afamados pianos Ibach e tinham o seu próprio clube.

Nos primeiros anos de 1900, uma grande novidade trazida pela concorrência entre as casas de piano foi a venda a prestações, que seria plenamente acolhida pelos integrantes da classe média urbana que tanto ansiavam pela presença de um piano em algum canto da casa. A associação entre o piano enquanto símbolo de *status* era tão presente no imaginário dessa sociedade que não eram poucos os esforços feitos por indivíduos da camada média e até mesmo baixa para obtê-lo. Um escriturário, por exemplo, que era um homem pobre para a época, fazia questão de ter as filhas estudando o instrumento em casa e economizava por anos a fio para poder comprar um piano. Começava alugando o instrumento e, depois, quando subia para primeiro escriturário se organizava para poder comprar o seu próprio piano que, tantas vezes, ficaria

[18] Idem, ibidem, p. 142.
[19] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 19/04/1890.

relegado a um canto assim que as filhas casassem: "Um escriturário era um homem pobre, padrão monetário equivalente a qualquer escriturário de hoje. (...) O escriturário fazia economias e alugava o piano. Pagava ao professor 30 mil réis por mês (três aulas por semana) para ver se a menina tinha vocação (além dos 10 mil réis do aluguel). Se tinha vocação, ia mantendo o aluguel e fazendo economias. Ao fim de três anos (25 mil réis por mês, mais os 10 de aluguel) comprava o piano (900 mil réis)".[20]

Com a chegada das prestações, o trabalho das economias ficava facilitado, já que aquelas chegavam, por vezes, ao número de 36, como as anunciadas pela Casa Bethoveen: "Sendo atualmente penoso despender de chofre 2 a 3 contos de réis para a aquisição de um piano, ocorreu-nos a idéia de dividir o seu pagamento em 36 prestações mensais, facilitando assim, a todos os que desejarem possuir um desses instrumentos, meios de os conseguirem suavemente, sem o menor sacrifício".[21] Enquanto a Casa Bethoveen divulgava instrumentos de cerca de 70$000 para serem parcelados em 36 vezes, a casa Levy, embora anunciasse instrumentos mais caros, difundia um outro método de vendas, o sistema de locação-venda que se gabava por ser oferecido indistintamente a todas as classes: "A Casa Levy (...) tendo realizado excelente acordo com uma das importantes fábricas de pianos da Alemanha, lançará à venda em junho a primeira grande remessa de pianos, os quais, *sem distinção de classes e, para comodidade de todos*, serão desde já vendidos em prestações mensais nunca superiores a 100$000, da primeira série, composta de pianos Kallmann ou a 200$000, da segunda série, composta de pianos Bechstein. Desejosa, por este meio cômodo e diminuto, de adotar o sistema de locação-venda e *tornando por tal modo acessível a todas as classes a aquisição de um bom piano*, (...) resolve abrir desde já, as assinaturas para esta primeira remessa em curso de fabricação e acabamento".[22] [Anexo 14]

Outro indício de que a música erudita parecia se popularizar era a chegada dos gramofones, precursores da vitrola, que permitiam trazer a ópera para dentro da casa. O número de gramofones importados pela Casa Edison que se tornava ano a ano cada vez maior é um dos indicadores que comprovam o aumento das vendas. Ampliavam-se também as facilidades para a aquisição de uma dessas máquinas: "Acabamos de receber uma enorme partida dos mais

[20] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 71.
[21] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 06/04/1903.
[22] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 05/03/1903. Grifos nossos.

aperfeiçoados gramofones *Columbia* (disse grafofone) de que somos agentes exclusivos para todo o Brasil. Vendas por atacado, a dinheiro e com grandes descontos".[23] [Anexo 15]

Assim como no caso do piano, muitos adquiriam os gramofones como instrumentos de *status* sem que contassem com as condições necessárias, o ouvido educado e a cultura lírica, para compreender os movimentos da música que ouviam. Em um dos contos de Machado de Assis, "A pianista", um dos personagens é Tibério Valença, homem de recursos médios, mas educado na tradição da admiração pelas fidalguias: "Imaginou que a longa e tradicional afeição de sua família pelas famílias afidalgadas dava-lhe um direito de penetrar no círculo fechado dos velhos brasões, e nesse sentido tratou de educar os filhos e avisar o mundo".[24] E, como não poderia ser diferente, fazia parte da educação da filha Elisa a assistência às aulas de piano, a partir das quais se desenrolará o romance entre a pianista Malvina e o filho de Valença e irmão de Elisa, Tomás. Valença não tinha a educação necessária à compreensão da música que sua filha aprendia, mas, ainda assim, ter um membro da família que estudasse piano era compartilhar de um *habitus* exclusivo da elite.[25]

No entanto, é em outro conto, ainda sobre a problemática do piano fora de seu lugar, que este tipo de conflito típico das classes da sociedade periférica se revela sob a forma da contradição entre uma ideologia ligada fortemente à cultura européia e a força da tradição local.[26] Ao longo deste capítulo veremos que, se as idéias podem não estar fora do lugar porque a sua imaterialidade permite a conformação a diferentes contextos,[27] o mesmo não acontece com os

---

[23] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 14/02/1905.

[24] Machado de Assis, "A Pianista". Publicado originalmente em *Jornal das Famílias,* 1866. Retirado do site www2.uol.com.br/machadodeassis/.

[25] Para Pierre Bourdieu, o *habitus* está na raiz das diferenças sociais que estruturam as classes segundo uma determinada hierarquia: «Structure structurante, qui organise les pratiques et la perception des pratiques, l'habitus est aussi structure structurée : le principe de division en classes logiques qui organise la perception du monde social est lui-même le produit de l'incorporation de la division en classes sociales. Chaque condition est définie, inséparablement, par ses propriétés intrinsèques et par les propriétés relationnelles qu'elle doit à sa position dans le système des conditions qui est aussi un *système des différences*, de position différentielles (...) l'identité sociale se définit et s'affirme dans la différence » (Pierre Bourdieu. *La Distinction – critique sociale du jugement.* Paris, Éditions de Minuit, 1979, p. 191). Maiores detalhes sobre o conceito de *habitus,* vide Pierre Bourdieu. *Le Sens Pratique.* Paris, Éditions de Minuit, 1980, p. 87.

[26] A sugestão para a utilização do texto veio de Luiz Felipe de Alencastro. "Vida Privada e Ordem Privada no Império". Cap. 1 de *História da Vida Privada no Brasil,* vol. II, *Império: a corte e a modernidade nacional.* Fernando Antônio Novais (coord. da coleção); Luiz Felipe de Alencastro (org. do volume). 7ª reimpressão. São Paulo, Cia. das Letras, 2004.

[27] A respeito das "As idéias fora do lugar", vide Roberto Schwarz. "As idéias fora do lugar". Introdução à Roberto Schwarz. *Ao vencedor as batatas. Forma Literária e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro.* São Paulo,

objetos de cunho material. Estes manifestam as contradições de uma sociedade de passado colonial que se moderniza e cuja expressão de modernização se traduz no desenho esdrúxulo das paisagens formadas pela combinação entre elementos arcaicos e modernos que nem sempre se colam naturalmente. No conto "Um Homem Célebre" os contornos dessa dimensão esdrúxula da modernização periférica ficam nítidos. O personagem principal é um pianista, Pestana, que vive o dilema de não conseguir compor uma valsa sequer, mas tão somente polcas, pelas quais, por sinal, fica bastante conhecido. Vive horas de estudo ao piano, "enxugando a testa com um lenço",[28] conhece a fundo Mozart, Beethoven, Bach, Haydn, mas, por obra do destino, no momento da composição, só lhe vêm as polcas. Sente-se "vexado e aborrecido" quando lhe rasgam elogios sobre suas composições "que a mais modesta vaidade gostaria de ouvir".[29] Suas polcas pareciam persegui-lo cruelmente, mesmo que tentasse em vão delas fugir:

> "Rua afora, caminhou depressa, com medo de que ainda o chamassem; só afrouxou depois que dobrou a esquina da Rua Formosa. Mas aí mesmo esperava-o a sua grande polca festiva. De uma casa modesta, à direita, a poucos metros de distância, saíam as notas da composição do dia, sopradas em clarineta. Dançava-se. Pestana parou alguns instantes, pensou em arrepiar caminho, mas dispôs-se a andar, estugou o passo, atravessou a rua, e seguiu pelo lado oposto ao da casa do baile. As notas foram-se perdendo, ao longe, e o nosso homem entrou na Rua do Aterrado, onde morava. Já perto de casa, viu vir dois homens: um deles, passando rentezinho com o Pestana, começou a assobiar a mesma polca, rijamente, com brio, e o outro pegou a tempo na música, e aí foram os

Livraria Duas Cidades, 1981, pp. 13-28. Para o autor, o Brasil, ao contar ainda com o fato "impolítico e abominável" da escravidão, era colocado fora do sistema da ciência, o que impossibilitava, desde logo, a aplicação das idéias liberais: "(...) as idéias liberais não se podiam praticar, sendo ao mesmo tempo indescartáveis. (...) Submetidas à influência do lugar, sem perderem as pretensões de origem, gravitavam segundo uma regra nova, cujas graças, desgraças, ambigüidades e ilusões eram também singulares". (Schwarz, *Ao vencedor...*, Op. cit, p. 26).

[28] Machado de Assis. "Um Homem Célebre". (1888) In *Várias Hisórias.* São Paulo, Martins Fontes, 2004.

[29] Idem, ibidem.

> dois abaixo, ruidosos e alegres, enquanto o autor da peça, desesperado, corria a meter-se em casa".[30]

O trecho coloca em evidência o drama de Pestana que é, no fundo, o drama do projeto civilizador em contexto periférico: "A moça dormia ao som da polca, ouvida de cor, enquanto o autor desta não cuidava nem da polca, nem da moça, mas das velhas obras clássicas, interrogando o céu e a noite, rogando aos anjos, em último caso ao diabo. Por que não faria ele uma só que fosse daquelas páginas imortais?" [31] Da mesma forma como Pestana perseguia incansavelmente as obras de Mozart e Beethoven, perseguia a elite brasileira uma nação civilizada que a livrasse de seu passado colonial, aqui simbolizado pelos ritmos populares que compõem a polca. As francesias que envolviam a adesão ao consumo dos gêneros importados, não eram senão a manifestação de um projeto nacional que se utilizava da matéria-prima estrangeira para compor sua própria identidade e que encontraria sua forma mais acabada na expressão da antropofagia modernista. O consumo desvela então o paradoxo que está por trás do desenvolvimento capitalista periférico, qual seja o de construir, a todo custo, uma nação moderna que estivesse livre de seu passado colonial, enquanto, no plano concreto, estabelecia-se uma modernidade às avessas que reproduzia algumas das mesmas contradições existentes na sociedade colonial e escravista. E quanto mais se tentava desse passado livrar-se, tal qual Pestana fugindo das suas polcas que estavam por todos os lados, mais profundas se tornavam suas impressões sobre esse capitalismo nascente.

Outro grande símbolo do progresso tecnológico, envolto em grande euforia quando de sua chegada e em grande malogro quando de sua aplicação, foi o automóvel. Em 1893, São Paulo, então com 200.000 habitantes, deteve-se por algumas horas na Rua Direita enquanto Henrique Santos Dumont, irmão do aviador, apresentava à cidade o seu primeiro automóvel. Era um Peugeot aberto, com caldeira a vapor, fornalha e chaminé, com rodas de borracha, que conduzia imponentemente dois passageiros. Um verdadeiro símbolo da Segunda Revolução Industrial, que reunia em um único produto suas mais célebres conquistas. O passeio só não fora mais imponente porque a cidade não permitia que o carro deslizasse com muita facilidade. Não por outro motivo,

[30] Idem, ibidem.
[31] Idem, ibidem.

Henrique Santos Dumont opusera-se fortemente à taxação da circulação de automóveis imposta em 1900 pelo prefeito Antônio Prado juntamente com um conjunto de leis que regulamentavam o uso do automóvel. Dumont exigia isenção da taxa alegando o péssimo estado das ruas, "estreitas e tortas, sem calçamento, algumas calçadas com pedras irregulares, raras a paralelepípedos",[32] que estragavam a máquina:

> "O dr. Henrique Santos Dumont vem requerer baixa no lançamento do imposto sobre o seu 'automobile', pelas seguintes razões: o suplicante, *sendo o primeiro introdutor desse sistema de veículo nesta cidade, o fez com sacrifício de seus interesses e mais para dotar a nossa cidade com esse exemplar de veículo 'automobile'*; porquanto, após quaisquer excursões, por curtas que sejam, *são necessários dispendiosos reparos no veículo devido à má adaptação do nosso calçamento*, pelo qual são prejudicados sempre os pneus das rodas".[33]

Dois pontos ficam claros neste trecho. O primeiro deles é quanto ao estranhamento entre o padrão industrial importado e as condições geográficas e culturais em que viviam os habitantes da urbe em acelerado processo de transformação. A passagem do estudo da geografia urbana para o da reorganização mercantil da cidade periférica da *Belle Époque* desnuda então uma nova contradição que somente se manifesta no momento em que o produto é consumido.[34] Tal

---

[32] Ernani da Silva Bruno. *História e tradições da cidade de São Paulo.* Vol. III. *Metrópole do Café (1872-1918) - São Paulo de Agora (1919-1954).* São Paulo, Hucitec, 1984, p. 978.

[33] "Petição deferimento. E. R. Mce. 3 de fevereiro de 1901 - Henrique Santos Dumont". Grifos nossos. Apud Nuto Sant'Anna. *São Paulo Histórico - aspectos, lendas e costumes*. Vol. V. São Paulo, Departamento de Cultura, 1944, 6 vols.

[34] Utilizamos aqui o consumo em seu sentido mais amplo, não o de que algo tenha de obrigatoriamente sofrer "consumação", mas no sentido de que, no momento de sua utilização, um sentido social e cultural lhe é dado. O consumo (*consommation*) enquanto processo de diferenciação social distingue-se da mera consumação (*consummation*) uma vez que outros sentidos, que não somente o relacionado à mera sobrevivência física do indivíduo, permeiam o processo. É essa a razão pela qual Baudrillard diferencia insistentemente a "necessidade física" da "necessidade social" de diferenciação; produção de bens e produção de necessidades: "Une des contradictions de la croissance est qu'elle produit en même temps des biens et des besoins, mais qu'elle ne le produit pas au même rythme – le rythme de production des biens étant fonction de la productivité industrielle et économique, le rythme de production des besoins étant fonction de la logique de la différenciation sociale. (...) Ainsi la machine à laver sert comme ustensile et joue comme élément de confort, de prestige, etc. C'est proprement ce dernier champ

contradição aparece na forma caricata da relação entre o produto e o meio incoerente em que se insere ou entre produto e o habitante de uma cultura completamente estranha àquela em que o produto foi criado. O outro ponto trata do tom pessoal dado ao projeto civilizador periférico, como se os indivíduos das classes mais abastadas tivessem a missão de, a partir do consumo cujo acesso só a eles é permitido, civilizar toda uma nação.

3.3 Alimentação

Os novos produtos alimentares e as formas de prepará-los expressavam os novos valores a moldar a família e a vida privada. Surgiu o hábito de almoçar ou jantar, ocasionalmente, em restaurantes de luxo familiares, como a Rotisserie Sportsman; ir a confeitarias e cafés para consumir sorvetes e outros doces estrangeiros, tão estranhos ao nosso paladar nacional acostumado às compotas, rapaduras, doces de amendoim. Aparecem as primeiras conservas alimentares enlatadas, que seguem à risca os preceitos higienistas da virada do século: "Os melhores gêneros alimentícios em latas e frascos são incontestavelmente os dos fabricantes CROSSE & BLACKWELL (inglês) e PHELIPE CANAUD (francês). Encontra-se sempre um completo e variado sortimento (...) em casa de Mc. Nicol, Fox & Co. Rua José Bonifácio, 16".[35] O que antes se produzia em casa ou na fazenda, agora é comprado nos empórios sob o rótulo de marcas estrangeiras. É o caso das manteigas francesas Amieux Frères, Nantes e Paris, concorrentes das manteigas dinamarquesas L. E. Brunn e "P. F. Esbensen": "Aviso aos conhecedores e às donas de casa. Para fazer *boa cozinha* é preciso *boa manteiga.* Manteiga pura extra de Isigny, de Bretel Frères em Valognes, França".[36] Alguns outros produtos, tão incomuns na mesa do brasileiro de outrora, como a água gasosa, por exemplo, apelam ao inconsciente coletivo ao associar as propriedades do produto àquelas já bem "familiares", um traço característico da publicidade contemporânea, pouco usual para a época: "Appolinaris: a rainha das águas de mesa". "Familiar em milhões de bocas como qualquer palavra caseira".[37]

---

qui est celui de la consommation ». (Jean Baudrillard**.** *La Société de consommation: ses mythes, ses structures*. Paris, Éditions Denoël, 1970, pp. 82-107)

[35] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 14/01/1893.

[36] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 12/03/1893.

[37] *O Correio Paulistano,* (tradução de um anúncio do *Times*). São Paulo, 04/03/1893.

Outra novidade são os alimentos para crianças, que, juntamente com a invenção da mamadeira, como a do Dr. Constantin de Paul, adotada dos laboratórios de Paris,[38] apontavam para uma desvalorização do hábito de amamentar. Embora esse hábito nunca tivesse sido muito recorrente entre os membros de elite, a ama-de-leite sempre exercera um papel fundamental, inclusive na primeira educação da criança, que, tantas vezes, segundo apontado por Gilberto Freyre, adquiria alguns hábitos da mãe negra, como o modo de falar.[39] Os anúncios da virada de século ilustram uma mudança radical na relação entre a mãe e a criança, primeiramente, ao exigir que as amas fossem brancas, geralmente espanholas ou italianas,[40] e, posteriormente, ao aderir aos produtos industrializados que substituem as funções maternas. Aparecem os leites condensados para serem diluídos em água, como o Gália e o Nestlé, o famoso Horlick Malted Milk, as mamadeiras e os alimentos enriquecidos, que facilitam o desmamar: "Farinha Láctea Nestlé. É o melhor alimento para as crianças de tenra idade. Supre a insuficiência do leite materno e facilita o desmamar. (...) A casa Henri Nestlé não tem mais, como outrora, um único fornecedor para o Brasil. Seus produtos se acham nas principais casas importadoras, drogarias, farmácias e lojas de comestíveis".[41] Curiosamente, alguns anos antes, ainda no período do Império, um articulista do *Ostensor Brasileiro*, jornal quinzenal publicado na corte, condenava as mães, por darem seus filhos a amas-de-leite, em lugar de elas mesmas os amamentarem: "Não se encontrará, em todo o Império cinco mães que, pertencendo à classe elevada, aleitem seus filhinhos (...) não se encontrarão dez na classe média (...) não será coisa difícil apontar vinte na classe baixa".[42] Como a fé na ciência passa a ser muito mais forte do que a fé na natureza, a mesma corrente higienista defendia agora contraditoriamente o desmame e a adesão aos alimentos industrializados.[43] [Anexo 16]

---

[38] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 05/12/1899.
[39] Gilberto Freyre. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.* 28a ed. Rio de Janeiro, Record, 1996.
[40] "Ama: Precisa-se de uma sem filho, bem sadia e com abundante leite, preferindo-se de cor branca. Trata-se à rua da Estação, n. 11, ou Largo dos Guayanases, n. 55". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 13/01/1891).
[41] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 15/02/1893.
[42] *Ostensor Brasileiro – Jornal Litterátio e Pictiorial.* Apud Alencastro. "Vida Privada e Ordem Privada no Império". Cap. 1 de *História da Vida Privada no Brasil,* vol. II, Op. cit.
[43] Outro produto da época, vastamente usado pelas mães de famílias de elite era o Phosphatina Fallières, que ajudava no desmame ainda em idade tenra, e também na dentição: "Phosphatina Falières. É o alimento mais agradável e o mais recomendável para crianças desde a idade de 4 para 7 meses, sobretudo na época do desmamar, e durante o período de crescimento. Facilita a dentição e assegura a boa formação dos ossos". (*O Estado de São Paulo.* São

A variedade da comida importada ia do presunto, Copland, Morton, Westfália, Schorcht Junior, à bebida. Eram vinhos franceses, como os Vinhos do Reno, Vinhos Bordeaux de mesa: Valdeirac Medoc, Preinac Côtes de Bourg, St. Julien Medoc, Château Bernones, Château des Templiers, importados por Moretz Sohn & Co; vinhos do Porto; italianos e até húngaros, como o célebre tokai. As bebidas mais refinadas aproveitavam-se das premiações para reforçar seu prestígio entre os seus apreciadores: "Cognac Fine Champagne Bisquit Dubouché & Cia. O chefe desta antiga e importante firma, além de haver merecido a honra de ser escolhido para membro do júri da Exposição Universal de Paris de 1889, acaba de ser novamente distinguido pelo governo francês que o nomeou Cavaleiro da Legião de Honra, a maior recompensa a que pode aspirar uma casa comercial. Esta distinção lhe foi concedida pela superioridade dos cognacs Bisquit Dubouché & C.".[44] Outras bebidas estrangeiras eram adaptadas ao calor tropical, uma inteligente estratégia de mercado resultante de uma ação combinada entre produtores e comerciantes estrangeiros: "Contra o grande calor Água Gasosa Soda Champagne. É o mais apreciado e agradável refresco nesta estação calorosa. Ninguém jamais a conheceu que deixe de usá-la. É de uma cor tão bela que atrai a vista, e de sabor tão agradável que satisfaz ao mais exigente paladar. Está ao alcance de todo o bolso por ser sinceramente barata. A Companhia Christoffel Stupakoff, única fabricante deste refrigerante garante a completa ausência de qualquer substância nociva".[45] Quanto aos chocolates, os mais refinados, como Marquis, Lombart e Parisien, eram encontrados na Casa Schocht.

3.4 Higienismo: cuidado com o corpo; cuidado com a casa

Ao lado do sanitarismo urbano, as idéias higienistas também influenciam os contornos da dimensão privada paulistana de uma maneira bastante específica. Primeiramente, porque os muitos artigos de perfumaria tornam evidentes não somente um maior cuidado com o corpo, atitude geral presente em todas as sociedades da época, mas um desejo de dele extrair algum sinal

---

Paulo, 5/01/1894) Também para a dentição, a Matricaria: "A Matricaria: para facilitar a dentição das crianças e curar seus sofrimentos". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 6/10/1898).

[44] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 02/09/1890.

[45] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 07/01/1896.

que, porventura remeta o indivíduo à escravidão. Em São Paulo, o culto à pele branca é uma relação diretamente proporcional ao orgulho de ter sido o estado pioneiro em adotar a mão-de-obra livre. Para os coevos, o Brasil entrava numa nova era de progresso econômico, social e cultural e os seus sinais já se faziam notar na reconfiguração dos espaços urbanos, no novo perfil do comércio, nas novidades do *fin-de-siècle* e nos hábitos. O advento das tinturas de cabelo e dos novos tipos de barba - desenhados por Jorge Americano em seu livro - reforçavam esse sentimento arrivista, ao valorizar o jovem frente ao velho: "Outros usavam 'Loção Negrita' nos cabelos, nos bigodes e barbas, para ocultar a idade".[46] Em segundo lugar, os novos remédios, dados tantas vezes como miraculosos, capazes até de fazer doentes terminais andarem,[47] preconizavam uma nação de livres, sãos e eugênicos.

Alguns produtos pretendiam aliviar o infortúnio de se morar em um país tropical. Dispunham-se, nesse sentido, inúmeras colônias para aliviar o cheiro de suor,[48] produtos que prometiam sanar doenças que somente aqui se acreditava existirem, como as sarnas e comichões, além de cremes para proteger a pele da "temperatura anormal" e dos mosquitos próprios do clima: "*A temperatura anormal que nós temos* torna a pele avermelhada, seca e irritada. Para evitar este afeito, deve-se aplicar constantemente para toucador do rosto e das mãos o inimitável *Creme Simon,* assim como o pó-de-arroz e o sabão *Simon.* Contra as picadas de mosquitos, não se pode achar nada que alivie mais prontamente".[49] Os atributos da natureza tropical pareciam, às vezes, ir de encontro ao sonho de se construir uma cidade européia. [Anexo 17 e 18]

Esse horror aos trópicos, associado a discursos progressistas e positivistas, teve o seu ápice com a Revolta da Vacina, em 1904, no Rio de Janeiro. São Paulo, embora tenha tido também seus episódios sanitaristas, que contou com célebres cientistas como Emílio Ribas e Adolfo Lutz, não teria nenhum tão marcado pela violência quanto o processo instaurado no Rio

[46] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 154. Sobre a relação entre a mudança nos cortes das barbas, a adoção das pinturas de cabelos e o culto ao novo, vide: Gilberto Freyre. *Ordem e Progresso.* São Paulo, Global Editora, 2004.
[47] "Vinho Caramuru do Dr. Assis. 'Levanta-te e anda'. Para aqueles que estão no ocaso da vida, como para aqueles que sofrem de dispepsia, neurastenia, fraqueza genital, insônia, falta de memória, roubaram a saúde e o vigor... Surge o sol de uma vida nova usando o 'Vinho Caramuru do Dr. Assis'". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 09/04/1900)
[48] "A água de colônia Atkinsons White Rose. De aroma delicado como a própria rosa. O seu aroma encantador é sempre fresco e quase nunca cansa". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 07/02/1895). Também os perfumes importados serviam para dar a sensação de se estar realmente em uma capital européia: "Perfumes sem álcool 'Illusion Dralle'. Reprodução exata dos perfumes naturais. Uma gota basta para perfumar qualquer objeto. Muguet, Rosa, Violeta, Heliotrópio, Lilás, Vesteria. À venda em todas as casas de perfumaria". (*Estado de São Paulo.* São Paulo, 5/4/1910)
[49] *O Correio Paulistano.* São Paulo, 12/12/1895. Grifos nossos.

de Janeiro por Rodrigues Alves. Instituiu-se a vacina obrigatória contra a varíola cuja campanha, sendo contra a vontade das pessoas, arrasou favelas e cortiços inteiros, deixando milhares de desabrigados: "Tiros, gritaria, engarrafamento de trânsito, comércio fechado, transporte público assaltado e queimado, lampiões quebrados a pedradas, destruição de fachadas dos edifícios públicos e privados, árvores derrubadas: o povo do Rio de Janeiro se revolta contra o projeto de vacinação obrigatório proposto pelo sanitarista Oswaldo Cruz".[50] Para Garcez Marins, autor do segundo capítulo do terceiro volume de *História da Vida Privada no Brasil,* o episódio tinha um objetivo bastante definido: o de eliminar do horizonte as habitações populares, o cancro da paisagem carioca, criando condições propícias ao habitat da elite endinheirada.[51] Essa tese tem seu fundamento, uma vez que, enquanto se tinha um respaldo governamental no combate a doenças como varíola e febre amarela, doenças que mais assustavam os estrangeiros, nada de fazia contra a tuberculose, a doença que mais matava, mas que atingia, sobretudo os negros.[52]

Para um processo plenamente acabado de civilização, tal como se entendia na época, não bastava apagar as heranças coloniais que vigiam no espaço urbano. Era preciso apagá-las também dos corpos, em particular aqueles traços que denunciassem a ascendência negra: "É dessa maneira que se pode entender a adoção, a partir de inícios do século, de projetos de eugenia que visavam a controlar a reprodução da população, privilegiando um tipo cada vez mais branqueado".[53] Alguns produtos, fossem os nacionais, fossem estrangeiros produzidos especialmente para o clima tropical, alinhavam-se a estes propósitos da medicina intervencionista.[54] O sabonete do Dr. Pinaud assegurava um tom de pele mais claro: "Sabonete

---

[50] *Gazeta de Notícias.* Rio de Janeiro, 14/11/1904.

[51] "A ambição de arrancar do seio da capital as habitações e moradores indesejados pelas elites dirigentes começou a se materializar com as medidas visando à demolição dos numerosos cortiços e estalagens, espalhados por todas as freguesias centrais do Rio de Janeiro, o que se procedeu sob a legitimação conferida pelo sanitarismo". (Paulo César Garcez Marins. "Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras". Cap. 2 de *História da Vida Privada no Brasil*, vol.III, *República: da Belle Époque à era do Rádio.* Org. Nicolau Sevcenko; Coord. da Coleção Fernando Novais. São Paulo, Cia. das Letras, 1998, p. 141). Mais detalhes sobre a Revolta da Vacina, vide Nicolau Sevcenko. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes.* Coleção Tudo é História, vol. 89. São Paulo, Brasiliense, 1984.

[52] Costa & Schwarcz, *1890-1914...,* Op. cit., p. 119.

[53] Idem, ibidem, p. 122.

[54] A respeito da construção de uma identidade para São Paulo em meio ao rápido processo de metropolização da cidade nos anos 20, consultar Nicolau Sevcenko. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.* São Paulo, Cia. das Letras, 1992. O movimento da obra já é, no entanto, posterior ao de nosso trabalho, qual seja, a construção de uma identidade coletiva que possa porventura se reafirmar nos rituais de massa, como no esporte, futebol ou corrida de automóvel, no carnaval, no trânsito, nos comícios e festas públicas. No

dulcificado, suco de Alface, Ed. Pinaud. Notável pela untuosidade de sua massa e pela delicadeza de seu perfume. *Suaviza a cor do rosto,* e dá-lhe um aveludado incomparável".[55] O fato é confirmado por Jorge Americano ao afirmar que os tons queimados estavam longe ter alguma influência sobre a maquiagem feminina.[56] Dentro do rol de produtos anunciados pelo Dr. Lopez em 1909, a Loção de Vênus garantia o "esbranquiçamento da cútis", enquanto o tônico Ondulina produzia uma suave ondulação nos cabelos, domando-os, por mais rebeldes que fossem.[57] Assim como a prática de contratação de amas-de-leite, que exigia antes as amas brancas em lugar das negras, os cosméticos expunham também a nova relação entre brancos e negros instituída com a Abolição de 1888 e tornada inevitável com o advento da República, que proclamava uma sociedade de livres e iguais.

Outra grande novidade do momento eram os dentifrícios, que noticiavam o sorriso não somente enquanto um alvo do higienismo, mas também da estética corporal. A Baruel, localizada na Rua da Direita e no Largo da Sé, anunciava as ilustres pastas de dente sem sabão Agatol. Já a Farmácia Borges, comunicava aos seus fregueses a chegada das escovas de celulóide, "a maior perfeição da indústria".[58] O discurso em vigor nos anúncios era legitimado pela ciência que caminhava a favor da estética: "Dentifrício Dentol. Criado conforme os trabalhos de Pasteur, ele destrói todos os micróbios ruins da boca; evita e cura com certeza a cárie dos dentes, as inflamações das gengivas e as doenças da garganta. Em oito dias faz os dentes alvos, brilhantes e destrói o tártaro. Deixa na boca um frescor delicioso e persistente".[59] Não raro também os dentistas, uma das profissões que surgiu com o desenvolvimento urbano, anunciavam os seus serviços na busca de um sorriso mais bonito.

---

período em que estudamos, tais rituais são claramente elitistas e fazem parte do processo de construção de identidade das classes mais abastadas.

[55] *Correio Paulistano.* São Paulo, 09/07/1898. Grifos nossos.

[56] "Na maquilagem ainda estava longe de se fazer sentir a influência dos tons queimados. Quando muito, o pó de arroz 'rachel' diminuía a alvura obtida com a água 'Pérola de Barcelona' ou o 'Segredo da Beleza'". (Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 300)

[57] "Loção de Vênus de F. Lopez: para esbranquiçar a cútis, faz desaparecer as manchas do rosto, colo, braços etc. Comunica à pele uma brancura ideal e perfume delicioso. Superior a qualquer outro creme. Ondulina de F. Lopez: para ondular e aformosear o cabelo, por mais rebeldes que sejam". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 05/1/1909).

[58] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 05/1/1909.

[59] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 9/1/1902.

Já os medicamentos da virada do século anunciavam uma nação livre de doentes e deficientes. Eram anti-reumáticos que preconizavam a cura em 24 horas,[60] enxaquecas que desapareceriam passados alguns poucos minutos da primeira dose,[61] tônicos que faziam a neurose sumir em alguns poucos dias. Os mais em voga nos jornais eram: *xaropes e pastilhas*: Peitoral Elétrico, Xarope de Grindelia, Composto Peitoral de Cambará, contra tosses e rouquidões e milagroso contra a asma, pastilhas Vichy, xarope Le Follet, pílulas de catramina Bertelli, eficaz contra as tosses, bronquites, faringites, etc., solução Pautauberge para os males do peito; *aperitivos*: óleo de Fígado de Bacalhau e o seu concorrente Vinho Vivien: "mais eficaz ainda do que o óleo cru de fígado de bacalhau *de gosto tão agradável* que as mesmas crianças tomando com prazer",[62] licor de ferro Bravais, para falta de forças, Vinho Quina Rabot, Vinho Kola-Bah, de Orlando Rangel, Tônico Quina Laroche (dores do estômago, falta de forças), Vinho Désiles, Vinho Digestivo Chassaing, Elixir Digestivo de Pancreatina Defresne, Elixir-Vinho-Chocolate de Noz de Kola, xarope de Pagliano (depurativo e regenerador do sangue), licor de Laprade, contra anemias; *remédios para mulheres*: À Saúde da Mulher, as *Pilules Orientales* e a Galegine de Nubie para deixar os seios firmes; depurativos, digestivos e purgantes: À Tizana Luiz Amado, Le Roy (vomitório e purgante em pílulas), Cascarine Leprince, contra a prisão de ventre, Vin de Moitier (digestivo, tônico), Álcool de Hortelã Ricqlès, para a indigestão; *contra as maleitas*: Caferana, Quinium Labarraque, também febrífugo, tônico e digestivo; *contra as moléstias nervosas*: água de melissa dos carmelitas Boyer, "excelente revitalizador", xarope Henry Mure, colares Royer, contra as convulsões; *problemas sexuais e doenças venéreas*: Xarope Gibert, para as afecções sifilíticas, Cancrocida Moura e as Pílulas afrodisíacas *Fin de Siècle*. Era a ciência trabalhando a favor da nação, a mesma ciência, que, apossada por certos homens, implicava na civilização e remodelação total de um país a partir de seu saneamento.[63]

---

[60] "Rheumatol. Anti-reumático poderoso. Cura o reumatismo em 24 horas!!!". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 05/1/1909).

[61] "Remédio de enxaqueca de Stockler. 18 anos de sucesso! O remédio de Stockler cura em poucos minutos, as enxaquecas, nevralgias e influenzas, por mais rebeldes que sejam". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 05/1/1909).

[62] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 30/03/1902.

[63] "(...) a medicina apossou-se do espaço urbano e imprimiu-lhe as marcas de seu poder. Matas, pântanos, rios, alimentos, esgotos, água, ar, cemitérios, quartéis, escolas, prostíbulos, fábricas, matadouros e casas foram alguns dos inúmeros elementos urbanos atraídos para ordem médica. A higiene revelava a dimensão médica de quase todos estes fenômenos físicos, humanos e sociais e construía para cada um deles uma tática específica de abordagem, domínio e transformação". (Jurandir Freire Costa. *Ordem Médica e Norma Familiar.* 4ª edição. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1999).

Não por outro motivo, a homeopatia, apesar de já estar no Brasil desde 1854, começa a conquistar um maior número de adeptos somente no final do século. Com a alopatia ganhando força a partir da revolução na indústria química, encetada no meados do século XIX, a homeopatia entra em campo para dar um novo sentido à medicina tradicional, associando-a a pressupostos científicos que justifiquem seus princípios.[64] Em anúncio publicitário do Dr. Manch, de 04 de janeiro de 1909, a homeopatia era assim divulgada: "A época adiantada que atravessamos baniu o uso de substâncias fortes e nauseabundas. As pessoas sensatas têm adotado a homeopatia para curar-se com segurança e sem incômodo".[65] Apesar dos sentimentos arrivistas, nem sempre a alopatia era vista com bons olhos. Essa é a postura de José Dias, o agregado em Dom Casmurro, diante do desejo de Bentinho em estudar medicina no Rio de Janeiro: "Não duvidaria aprovar a idéia se na Escola de Medicina não ensinasse, exclusivamente, a podridão alopata. A alopatia é o erro dos séculos, e vai morrer; é o assassinato, é a mentira, é a ilusão. Se lhe disserem que pode aprender na Escola de Medicina aquela parte da ciência comum a todos os sistemas, é verdade; a alopatia é erro na terapêutica".[66]

Os serviços oferecidos pela homeopatia prenunciavam também a mercantilização dos recônditos mais tradicionais da sociedade, que travestidos de uma nova roupagem científica, eram ressignificados, ao mesmo tempo em que transformados em objetos passíveis de venda: "Eu tenho específicos experimentados para o maior número das doenças comuns. Quase todos a 2$000. O meu remédio para reumatismo, o meu remédio para dispepsia, o meu remédio para o catarro, o meu remédio para o fígado, o meu remédio para os nervos, o meu remédio para a bexiga, o meu remédio para resfriados. Preço: 2$000".[67]

Os inúmeros remédios, dentre outros tantos produtos, direcionados especialmente à mulher tinham a função de criar um novo ideal feminino, instituindo, inclusive, um biótipo mais magro que reforçasse sua fragilidade. Ao lado dos anúncios dos remédios para emagrecer, anunciavam-se os endereços para a confecção de figurinos especiais para as gordinhas, ilustrando

[64] "Por meio da homeopatia – e da valorização da fitoterapia tropical -, a medicina científica européia vinculava-se à medicina popular indígena e afro-brasileira. Vínculo que contribuiu para popularizar no país esse novo sistema terapêutico". (Alencastro, "Vida Privada e Ordem Privada no Império", *História da Vida* Privada, vol. II, Op. cit., p. 77).
[65] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 04/01/1909.
[66] Machado de Assis. *Dom Casmurro.* (1899) Coleção Grandes Escritores Brasileiros. Rio de Janeiro, Mediafashion, 2008, p. 129.
[67] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 04/01/1909.

essa mudança radical no padrão corporal: "Gordas. De todos os coletes fabricados até hoje, para senhoras gordas ou barrigudas, o colete Sylphide elástico é o único que preenche o fim desejado: as senhoras obrigadas ao uso constante das cintas acharão neste colete o duplo fim combinado, sendo colete até a cintura e cinta daí para baixo".[68] Isso significa que as senhoras mais gordas não encontravam tão facilmente produtos adaptados ao seu tipo no mercado, já que a maior parte dos figurinos era inspirado na mulher européia.

Além de um físico mais frágil, as emoções femininas também são mais suscetíveis. Novamente, são vários os remédios que tratam das neuroses femininas, que aparentam ser, no século XIX, algo mais específico do que a neurose em geral. Afinal, essa neurose pode ser tanto uma imagem criada para reforçar os melindres que compõem o ideal de mulher ou, consoante Jurandir Freire Costa, algo realmente existente que se relaciona com uma espécie de fuga dos abusos do poderio patriarcal que persiste ainda na sociedade de finais do XIX: "Muito provavelmente, a situação endêmica de nervosismo histérico, de 'vapores' e de 'palpitações', em que viveu a mulher burguesa de fins do século XIX e começos do século XX, teve algumas de suas raízes no retorno do dispositivo médico-sexual sobre pais e maridos. (...) A crise de nervos da mulher higiênica passou a funcionar como agressão ao homem. Grande parte da hostilidade ao pai patriarca e ao homem-machista começou a exprimir-se daquele modo".[69]

Olhadas de um ponto de vista mais amplo, as patologias sociais que acometem a mulher do *fin-de-siècle* traduzem o rápido processo de mercantilização pelo qual passara a sociedade e que entra em clara contradição com o papel até então exercido por ela. Um dos maiores estudos dessas patologias sociais encontra-se diluído nas entrelinhas do romance *Au Bonheur des Dames,* de Émile Zola, mesmo nome do *grand magasin* que é o verdadeiro protagonista do livro. A primeira patologia, a cleptomania, aparece na figura de uma mulher da antiga aristocracia, a condessa De Boves, que se vê agora confrontada com as inúmeras possibilidades de consumo e, portanto, de afirmação social, inauguradas pelo capitalismo. Tais novas possibilidades se confrontam com o seu mundo tradicional extremamente rígido, marcado pela mudança lenta e por mecanismos de afirmação social atávicos. A segunda patologia é a do consumo compulsivo, que é representada por uma *parvenue*, Madame Marty. Todo final de tarde, a personagem é

[68] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 03/08/1890.
[69] Costa, *Ordem médica...*, Op. cit., pp. 272-273.

obrigada pelo marido, imbuído da ética do trabalho e dos seus sacrifícios correspondentes, a narrar o seu rol de compras fúteis daquele dia. As personagens coadjuvantes são, na verdade, complementares, simbolizando ambas a adesão ao mercado para ter acesso a insígnias. A primeira, mulher da aristocracia tradicional, habituada aos honorários concedidos pela sua história, não os compra, rouba-os. A segunda aproveita-se do mercado para simular uma tradição de família inexistente e, assim, poder circular ao lado da alta elite em mesmo grande estilo. Não por acaso, o *grand magasin* era um mundo à parte, criado especialmente para que a mulher ali passasse suas tardes e ali também perdesse sua sensatez: "C'était la femme que les magasins se disputaient par la concurrence, la femme qu'ils prenaient au continuel piège de leurs occasions, après l'avoir étourdie devant leurs étalages. Ils avaient éveillé dans sa chair de nouveaux désirs, ils étaient une tentation immense, où elle succombait fatalement, cédant d'abord à des achats de bonne ménagère, puis gagnée par la coquetterie, puis dévorée".[70] Também não por acaso se tornavam neuróticas, divididas entre os valores tradicionais da família - a família patriarcal, em nossa sociedade - e os novos valores trazidos pelo capitalismo. A mudança era radical demais para o curto espaço de tempo.

A mulher da São Paulo da *Belle Époque* também se torna inevitavelmente o grande alvo das propagandas. Os novos produtos domésticos, destinados ao cuidado da casa, são a ela dirigidos sob forte apelo dos anunciantes, caso do sabão em pó Lixívia Phenix: "Às mães de família. Se uma família experimenta uma vez só um pacote de Lixívia Phenix para fazer lavagem, adotará o emprego dele em modo absolutamente definitivo".[71] Algumas das propagandas do Lixívia Phenix aparecem ligando inteligentemente o sabão ao hábito de tomar vinho, mecanismo semelhante ao das propagandas atuais: "As manchas de vinho sobre as toalhas e servilhetas desaparecem só quando o vinho é legítimo. Quando pelo contrário for colorido artificialmente, neste caso, a mancha resiste, algumas vezes volta amarela, porém não desaparece totalmente, sendo depois de três ou quatro barrelas".[72] Dentro do círculo das elites, qualquer um corria o risco de comprar um vinho falsificado e, portanto, ter suas roupas manchadas. Para os demais,

[70] Michael B. Miller. *Au bon marché, 1869-1920: le consommateur apprivoisé.* Trad. de Jacques Chabert. Paris, A. Colin, 1987, p. 83.
[71] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 15/06/1893.
[72] Idem, ibidem. A barrela era um método popular de lavagem em que as roupas eram mergulhadas em água que se aquecia ao passar por cinzas de madeira.

que não tinham acesso aos bons vinhos importados, restava ter a roupa manchada em caso de algum descuido com as taças, mas havia ainda uma última solução: o uso do Lixívia. Nesse caso, o anúncio, ao diferenciar as classes pela qualidade do vinho, acaba por se dirigir indiferentemente a todos, predizendo um princípio de massificação que, embora marginal, era significativo. O sabão torna-se o grande aliado da mulher na administração do seu tempo e das tarefas do *domus*: para as mulheres ricas, é o melhor sabão das criadas; para as mulheres da classe média, é a melhor forma de lhe dar um tempo adicional para então de dedicarem a outras tarefas, talvez olhar as vitrines sedutoras das lojas do Triângulo. Se não puderem comprar algum bem legítimo, certamente poderão adquirir uma imitação ou, então, restar-lhes-á a loucura.

A propaganda em conjuntura periférica não deixa, contudo, de ter seu efeito pernicioso sobre a mulher, em especial a mulher pobre, que não consegue comprar sequer as variantes de imitação. João do Rio, ao detalhar o efeito sedutor das vitrines sobre duas moças pobres, capta essa dimensão excludente de uma sociedade que se diferencia a partir da presença de caríssimos produtos estrangeiros e se massifica de forma bastante limitada, dados os estreitos limites da base industrial, não conseguindo expandir alguns padrões para além da classe média: "Elas hão de voltar, pobrezinhas – porque a esta hora, no canto do bonde, tendo talvez ao lado o conquistador de sempre, arfa-lhes o peito e têm as mãos frias com a idéia desse luxo corrosivo. Hão de voltar, caminho da casa, parando aqui, parando acolá, na embriaguez da tentação – porque a sorte as fez mulheres e as fez pobres, porque a sorte não lhes dá, nesta vida de engano, senão a miragem do esplendor para perdê-las mais depressa".[73]

3.5 A moda e as vaidades criadas pelo capitalismo

Outra grande fonte do estereótipo da mulher fraca e impotente era a moda. Os espartilhos trazidos pelo início do período vitoriano (1837-1860), além de deixar a mulher mais esbelta, contribuíam realmente para agravar sua saúde, deformando a coluna e os órgãos internos. Muitas morriam de tuberculose por conta do mal estar provocado pelo acessório que dificultava a respiração e a circulação. Outras desmaiavam com freqüência, desvelando fragilidades próprias

[73] João do Rio. *A Alma Encantadora das Ruas.* (1908) São Paulo, Cia. das Letras, 1997.

ao belo sexo. Às vezes chegavam a três ou quatro os corpetes vestidos um sobre o outro.[74] [Anexo 19]

O sacrifício do corpo modelado era, na verdade, uma conseqüência da transformação da sociedade tradicional pelos novos valores modernos, que exigia uma diferenciação cada vez mais precisa entre os sexos. Os novos papéis desempenhados na vida pública e na privada inscreviam-se violentamente nos corpos e eram reforçados nos mais mínimos detalhes pelo traje portado: "(...) não só um contraste biológico (...) afasta a mulher do homem. (...) todo um conjunto de diferenças acentua através da roupa as características sexuais, modula de modo diferente a voz da mulher, produz um vagar maior dos movimentos, um jeito de cabeça mais langue sobre os ombros. (...) A vestimenta acentuará esse antagonismo, criando, no século XIX, duas 'formas', uma para o homem, outra para a mulher, regidas por princípios completamente diversos de evolução e desenvolvimento".[75]

Este é, segundo Lipovetsky, o princípio que rege o desenvolvimento da *Moda de Cem Anos,* como é denominado o movimento que começa na segunda metade do século XIX e vai século XX adentro até por volta de seus anos sessenta.[76] Para o autor, a *Moda de Cem Anos* designa essencialmente a moda feminina, o que não quer dizer que não houvesse uma moda masculina, mas sim que esta não tinha por trás uma instituição de peso como a *Alta Costura.* Até os anos 30, a moda masculina continua a ser regida por Londres, enquanto a feminina o é por Paris. Em conformidade com o trecho de Gilda de Mello e Souza apresentado no parágrafo anterior, eram dois princípios diferentes que regiam a moda, duas velocidades, dois sentidos,: « Comparée à la mode Couture, la mode masculine est lente, moderée, sans heurt, 'égalitaire´ (...). Incontestablement, la Haute Couture est l'institution la plus significative de la mode moderne, elle seule a dû mobiliser en permanence l'arsenal de lois afin de se protéger contre le plagiat et les contrefacterus, elle seule a suscité des débats passionnés, elle seule a joui d'une célébrité mondiale (...) Prolongeant un phénomène déjà manifesté au XVIIIe siècle, la mode moderne est d'essence féminine ».[77]

---

[74] Alison Lurie. *A linguagem das roupas.* Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1997.
[75] Gilda de Mello e Souza. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. 5ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, pp. 55-59.
[76] Gilles Lipovetsky. *L'empire de l'éphémère. La mode et son destin dans les sociétés modernes*. Paris, Gallimard, 1987, p. 80.
[77] Lipovetsky, *L'empire...*, p. 82.

Ao final da era vitoriana, a infantilização e a fragilização da mulher já não eram mais tão fortes, mas continuavam presentes. A vestimenta feminina, "de uma composição complicada, 'cheia de atavios e pudica', (...) sofre uma série de simplificações, a contar pelo desuso de coletes e corpetes, uma verdadeira revolução para a mulher".[78] Era o começo da era eduardiana, que opunha os excessos do Rei Eduardo VII ao recato de sua mãe.

O estilo *Belle Époque* oscila entre as influências do *Art Nouveau*, que adere às formas simples da natureza, e a luxúria desmedida da era eduardiana, que se orienta pelo desborde de acessórios. A síntese dessas tendências contrárias resulta num estilo mais simples do que o seu precedente, mas bem mais rebuscado do que aquele que o sucede, já que mantinha os adornos, as fitas, as rendas, os laços. A entrada do *art nouveau* para o mundo da moda era um fenômeno que não passava em branco pelos coevos. Ao contrário, a chegada dos produtos nos portos era grandemente celebrada: "(...) acabam de sair da alfândega e brevemente a receber, lindíssimas bodas da Índia para vestidos e blusas, gostos *art nouveau*, rendadas e listadas, de todas as cores".[79] [Anexos 20 a 25]

A partir de 1908, em consonância com o *Art Nouveau*, a silhueta feminina vai se tornando mais longilínea, evitando os excessos de tecidos e buscando uma valorização maior das formas naturais: "(...) a silhueta feminina começou a ser ligeiramente modificada em 1908. O busto já não era tão empurrado para trás. As blusas mais folgadas caindo sobre a cintura na frente foram abandonadas".[80] A cauda das saias foi desaparecendo até que apareceram as saias "trotteuses", mais longas e folgadas, distando cerca de três centímetros do solo.[81] [Anexo 26]

Em linhas gerais, a tendência preconizada pela moda entre 1905 e 1915 é a de uma menor austeridade dos modelos. As saias encurtam e se tornam mais folgadas; os vestidos tomam maior distância do solo, contrariando os demasiadamente longos vestidos vitorianos e caminhando no mesmo sentido da inclusão da prática de esportes no quotidiano feminino; sob influência do

---

[78] James Laver. *A roupa e a moda – uma história concisa*. São Paulo, Cia. das Letras, 1989, p. 177. "(...) o usado era o corpinho – espécie de colete, abotoado ou amarrado, que recobria todo o busto até abaixo do estômago. Por cima deste corpinho, vinha a camisa, com rendas na cava e na barra. Sob a camisa, vinham as calças, compridas até o joelho e presas às pernas por meio de elásticos. Neste remate, usavam ainda um colar de rendas. As meias eram compridas e enroladas acima do joelho. Por cima disso tudo, instalavam o colete ao qual se costumavam também prender as meias por elásticos". (Nelson Palma Travassos. *Quando eu era menino*. São Paulo, Edart, 1960, p. 77).

[79] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 25/02/1903.

[80] Laver, *A roupa...,* Op. cit., p. 222.

[81] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 308.

Oriente, abandonam-se os tons pastéis e sóbrios em favor dos tons tropicais quentes; a silhueta feminina torna-se mais esguia, já que os novos modelos favorecem a curva em "S" formada por um desnível mais gradual e menos brusco entre as costas e os quadris; os tecidos, mais pesados, acabavam por si mesmos valorizando as curvas, sem que fossem necessários grandes recortes. Essa transformação, que, no fundo, contraria a moda estética e racional inaugurada pelo movimento da Reforma Religiosa, será completada em 1920. [Anexo 27]

A virada do século é o momento em que Paris dita a moda e todas as mulheres atualizadas do mundo seguem as novas tendências. Nos trópicos, sua exposição se fazia por três formas. A primeira eram os catálogos dos *grands magasins* que, sendo o principal veículo das vendas à longa distância, foram traduzidos para o espanhol, o português e o inglês, ampliando assim sua cobertura por toda a América. Outra maneira de acesso à última moda parisiense eram os próprios anúncios difundidos pelas casas pertencentes geralmente a proprietários estrangeiros. As exposições de tais produtos em vitrines eram ansiosamente esperadas pelas mulheres e divulgadas com júbilo pelos comerciantes: "Aux modes parisiennes. O Sr. C. Spitz de volta de sua viagem à Europa faz hoje e nos dias seguintes uma grande exposição de novidades em chapéus para senhoras e meninas que comprou pessoalmente em Paris e convida as Exmas. Senhoras a visitar a sua casa".[82] Outras formas de exposição, embora criativas, nem sempre conseguiam o resultado esperado: "(...) comenta-se a tentativa de implantar a 'jupe culotte'. A Casa Alemã contratara, há tempos, uma modelo para passear pela cidade, protegida por um caixeiro corpulento, muito vermelho que lhe suspendia sombrinha. Era uma calça em seda leve, muito larga, muito longa, e ajustava no tornozelo. –'Não pega'".[83]

A terceira forma de acesso à moda eram as viagens feitas pela elite endinheirada a Paris, como, por exemplo, a narrada por Paulo de Almeida Nogueira que, em curto período de tempo, havia ido duas vezes à Cidade Luz: uma na passagem de 1908 para 1909 e outra em fevereiro de 1913. Em cada uma das vezes, a família ficou na capital francesa por mais de três meses. Eram momentos propícios para a consulta de especialistas consagrados no mundo todo, fosse em termos de saúde, fosse em termos de moda: "Fui ao alfaiate do Galeno, onde encomendei um

[82] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 25/07/1890.
[83] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 337

fraque; depois fui ao Gelôt, onde encomendei uma cartola".[84] Além dos passeios nos bulevares e no *Bois de Bologne,* dos agradáveis chás no Lipton e no Armenon-Ville, constituíam também passagem obrigatória os renomados alfaiates e modistas de Paris que costuravam sob medida. Durante a viagem de 1913, momento em que o automóvel se disseminava pelo velho mundo, a família programou uma viagem por toda a Europa Central em um *Renault* verde-escuro: "Recebi a Renault, com Lafon, indo ensaiá-la em Saint-Cloud; achei-a ótima. Como na garage Charon, ela não ficasse muito à vontade no box, coloquei-a na Malakof, a 190 francos por mês (...) Fomos à Versailles, visitamos os Trianons, tomamos chá no Trianon-Palace e voltamos à tardinha".[85]

Além dos "banhos de civilização", como viam os membros de elite as incursões ao exterior, era muito comum famílias abastadas encontrarem outras famílias da elite brasileira a passeio ou habitando no estrangeiro. Em agosto de 1908, a família Almeida Nogueira encontra-se com a família Teles morando em Genebra. Em setembro do mesmo ano, visitam a família Penteado e a Baronesa Oliveira de Castro, também residindo na Suíça. Já na viagem de 1913, a família vai ao casamento da filha de D. Nhãnhã, amiga de longa data da família, realizado em grande estilo na Igreja da Madeleine. Não raros eram os casamentos de brasileiros notáveis em Paris. A compra do vestido de noiva ou a realização da cerimônia na Cidade Luz conferiam um caráter especial à passagem para a vida a dois, relegando o momento à posteridade e tornando-o motivo de comentário dos demais, em especial daqueles que pertenciam ao mesmo estrato social. Os gastos de brasileiros abastados na Europa eram bastante vultosos e os perdulários não deixavam de ter isso em conta, tratando o assunto até mesmo com certo bom humor: "Enviei ao Roux, de Lausanne, os 300 francos da conta do tratamento de Ester! Esta conta é a noite dissonante no avanço aos estrangeiros, que é a *mot d'ordre* da Europa".[86]

Dentre os inúmeros acessórios femininos criados na virada do século estavam: paninhos bordados e rendados para adorno, de algodão, linho, ou seda, ligas de qualquer tecido, ou de seda; espartilhos e cintas de algodão ou de linho, com ou sem rendas finas; boas (estola de plumas, estreita e comprida, usada pelas mulheres em volta do pescoço), peles e *manchons* (acessório de formato cilíndrico, feito em geral de pele e que serve para proteger as mãos do frio), sapatos de seda, sandálias de seda e sapatos de banho, chapéus de sol ou de chuva, de seda mesclada, com

[84] Paulo de Almeida Nogueira. *Minha Vida – Diário de 1893 a 1951.* São Paulo, R. dos Tribunais, 1955, p. 142.
[85] Nogueira, *Minha vida...*, Op. cit., pp. 210-211.
[86] Idem, ibidem, p. 164.

cabo de prata, de ouro ou de pedras preciosas; bolsas, valises ou saco, porta-lenços, cintos à fantasia, luvas de algodão, seda, lã com enfeites ou simples.

Já os tipos tecidos com que contava a moda feminina vinham se multiplicando desde 1870. Crescia a produção de lãs e tecidos de algodão, mas também a dos sintéticos, como o náilon, material das capas de chuva, o jérsei, e outros que imitavam a pelica e a pelúcia.[87] Em paralelo à produção industrial em grande escala, os tecidos ainda produzidos quase que artesanalmente, afetados pela maquinaria somente o suficiente para não comprometer o refino, diversificavam-se. A França, que passara por uma Revolução Industrial bastante peculiar, conservando a pequena propriedade rural e a produção artesanal ao lado da grande indústria, era a maior produtora desse tipo de tecido.[88] Nos anúncios veiculados pelos jornais, os tecidos ainda preservavam seus nomes franceses originais, o que não deixava de ser uma estratégia inteligente de garantia da autenticidade do produto. As novidades, não poucas, em termos de tecidos e tipos de vestimentas, eram anunciadas em letras garrafais: "f*ailles* pretos e de cores, *damassé* de seda, *surahs* de todas as cores, pelúcias de seda, *elamines* lavrados para vestidos, *voiles* de lã (ALTA NOVIDADE!), alta novidade em *zephir* aberto, cretones estampados, *parisienne* para vestidos, *setineta* adamascada (TECIDO NOVIDADE), gaze de seda (ARTIGO NOVIDADE), cretones para reposteiros, gola à maruja (para crianças), aventais de gaze para senhoras, *matinées* de seda e de lã para senhoras, sombrinhas de seda para senhoras, meias de seda e fio de *escossia* (tanto para mulheres como para homens), mantetes pretos para senhoras, capotes de seda, casacos, *jerseys*, *waterproofs*, saídas de baile e teatro, toucas e chapéus de renda de seda".[89]

A moda do século XIX, ao se associar às conquistas de duas revoluções industriais, aos novos materiais, às novas formas de distribuição e aos novos meios de transporte, adotava dois sentidos de exposição. O primeiro, no interior de vitrines, com a revolução do vidro e da luz, que, em contexto periférico exercia não somente o feitiço da indução às compras, promovendo a comercialização e ativando o consumo, como também, uma espécie de educação daquilo que era de bom tom na Europa em um dado momento. O segundo sentido da exposição é o da exposição

[87] David Landes. *Prometeu Desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental, de 1750 até os dias de hoje.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.
[88] Sobre a industrialização no continente vide Landes, *Prometeu...*, Op. cit. e Eric J. Hobsbawm. *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo.* Trad. de Donaldson Magalhães Garshagen. 5ª edição. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003.
[89] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 31/01/1890.

dos corpos, que adota a rua como o seu principal veículo: "Vinham ao Largo as senhoras e moças, ao voltar para casa depois das compras no Triângulo. Os vestidos apertados, as saias longas *entravées*, cortadas ao lado, à altura do tornozelo. (...) Encostavam-se à parede [os homens], em frente à parada dos bondes, para assistirem ao embarque das moças de saia *entravée*. Ao levantar a perna, a saia subia até o meio da canela da segunda perna. Houve quem descobrisse melhor espetáculo. O observador colocava-se do lado oposto, no meio da praça, onde havia uma 'ilha', que se chamava 'dos prontos'. Quando embarcada a senhora ou moça de saia *entravée*, o observador via levantar-se a primeira perna e o vestido e enxergava tudo até o joelho, e, às vezes, umas rendas de *baptiste*, acima do joelho".[90] Criada por Paul Poiret, um dos costureiros mais célebres da *Belle Époque*, a saia *entravée* teria aparecido no Brasil por volta de 1910, 1911.[91]

A exposição dos artigos era a grande novidade do *fin-de-siècle*, inventada também pela revolução comercial encadeada pelo *grand magasin*. Nesta revolução, como acima dissemos, a mulher era o principal sujeito e o principal objeto. Além da venda em *rayons*, que servia para atrair o sexo suscetível às compras para o maior número possível de artigos, outra estratégia empregada para aumentar o volume das vendas fora a criação de uma seção para crianças dentro dos próprios *magasins*. A variedade de artigos para crianças vinha aumentando imensamente desde os anos de 1890. Eram principalmente brinquedos que substituíam aqueles antes feitos em casa a partir de materiais simples, como a madeira e o barbante, e roupas altamente sofisticadas, com modelos temáticos que reproduziam os figurinos adultos, embora de uma forma lúdica. [Anexo 28] Enxovais eram montados especialmente para meninos em idade escolar e eram vendidos pelo estabelecimento *À La Ville de Paris* com 5% de desconto para aqueles que tivessem até doze anos. O enxoval de um garoto contava com toalhas, colchas, fronhas, lençóis, guarda-chuva, calção de banho, objetos de *toilette*, além do próprio uniforme: "Farda, boné, calça

[90] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., pp. 152-153.

[91] Influenciado pela moda oriental, Paul Poiret criou a saia *entravée* que, por ser afunilada e colada ao corpo feminino tal um quimono, impedia que a mulher desse passos largos. Devido à dificuldade em andar, seria tema de crônicas e charges: "(...) a chamada saia *entravée.* Sabes o que isso é? Figura-se um chouriço preso apenas embaixo, e terás a impressão exata da saia moderna. Agora, põe sobre esse chouriço uma farta rodela de salame e terás a reprodução exata do tipo feminino na moda de hoje. (...) Entretanto, confesso que a moda de hoje abre uma excessão deplorável às senhoras gordas. É triste, mas é verdade. A gordura não se ajeita às saias *entravées* pela necessidade do seu transbordamento. (...) Se digo isso é porque vi ontem [uma senhora avantajada em carnes] nestas condições, que me assustou, palavra que me assustou. Já não era um chouriço, era antes um indigestíssimo paio português com toda a dispepsia do seu recheio". (*Fon-Fon!* Rio de Janeiro, 1910).

de pano azul marinho, segundo o modelo do colégio. Gravata preta, par de botinas pretas".[92] [Anexo 29 e 30]

O setor para bebês também se diversificava enormemente. Em 1912, chegava uma enorme remessa de carrinhos de bebês e roupinhas das mais diversas encomendados pelo *Grand Bazar Parisien* às mães de família.[93] Dessa forma, além dos objetos para si mesma, a mulher acabava enfeitiçada pelos artigos para crianças. A contar pelas vitrines natalinas instaladas pelas *Galeries Lafayette*, que começaram a ser fielmente montadas todo o final de ano a partir de 1910. As exposições de Natal atraíam não somente crianças, mas também adultos que percorriam, às vezes, longas distâncias do interior da França até a capital, simplesmente para levar seus filhos para ver aquele lindo espetáculo de luz e magia.

Assim, ao lado de uma revolução nos ramos da produção e dos transportes, processava-se também uma profunda transformação nas técnicas de comercialização, que se associavam, por sua vez, a uma reviravolta nos hábitos de consumo. Os diferentes ramos comerciais - antes marcados pela relação individual entre a unidade produtiva e o mercador - passam a constituir intrincadas teias de relações a partir do surgimento dos monopólios e da grande indústria. A publicidade desempenha, então, um papel fundamental na ligação entre as formas de produção e comercialização monopolistas e o consumo capitalista: "A publicidade opera visivelmente no domínio do consumo, se bem que, cada vez mais, sua presença é perceptível na própria concepção dos produtos. Como um componente do planejamento do setor de vendas, que é tanto mais importante, quanto mais complexa for a estrutura produtiva, que gera não somente a diversificação, mas sobretudo a existência de mercadorias similares, à publicidade cabe introduzir uma maior 'certeza' do consumo".[94] As diversas estratégias de comercialização acima vistas, dentre as quais a associação entre produtos para crianças e artigos femininos, impõem-se entre a produção e o consumo, tornando-o cada vez mais atraente: "Esplêndido sortimento de brinquedos, de todas e especiais qualidades, confetes e serpentinas, livros de leitura com figuras para crianças, escolhido sortimento de objetos de fantasia, objetos de luxo, cartões, surpresas e

[92] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 05/04/1912.
[93] "Variadíssimo e luxuoso sortimento de carrinhos para crianças. Grand Bazar Parisien, São Bento, 87". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 3/3/1912).
[94] Maria Arminda do Nascimento Arruda. *A embalagem do sistema – A publicidade no capitalismo brasileiro.* São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1985, p. 46.

mais artigos próprios para as festas de Natal, Ano Bom e Reis".[95] Em outro anúncio vinculado à casa Genin, junto à sessão de brinquedos, expunha-se uma sessão de bordados, tapeçarias e crochês inteligentemente colocados lado a lado.[96]

Um outro hábito instituído com a virada do século fora o de freqüentar os cabeleireiros, cujos anúncios se tornavam cada vez mais freqüentes nos jornais. Além dos últimos penteados trazidos de Paris, os cabeleireiros comumente vendiam os mais variados e modernos apetrechos cobiçados pelas cabeças femininas: "João Baleno, cabeleireiro de Paris, participa às Exmas. Freguesas que mandou vir um excelente oficial de França expressamente para o seu estabelecimento de cabeleireiro no Largo do Rosário, n. 1, sobrado, esquina da praça, onde as senhoras encontrarão um lindo e especial sortimento de postiços de cabelos, como sejam: coques crescentes, niniches e frixequetes da última moda,[97] assim como penteados para bailes ou casamentos. Especialidades de cabeleiras chinós, e diademas sob medidas, trabalhos a capricho executados pelo hábil oficial de senhoras Mr. Henrique Thomas".[98] Outros profissionais dedicavam-se aos cuidados tanto dos cabelos masculinos quanto femininos, aproveitando-se para vender artigos de perfumaria importadas: "Faz-se qualquer trabalho em cabelos, como seja: em penteados de senhora, pastinhas,[99] viniches, grampos frisados para cabelos, tudo por preço sem competência. Corta-se cabelos à última moda, e barbas a William Shakespeare e a Nazareno. Colossal sortimento sem igual de: perfumarias dos primeiros fabricantes da Europa e América do Norte, como sejam, Honbigant, Jonns, Guerlain, Legrand, Pinaud, Piver, etc. Grande sortimento em vaporizadores a última moda, ainda não conhecidos; sabão curativo de Reuter, Nova York, tesouras, navalhas garantidas e tudo o que há de melhor no gênero".[100] Em 1900, apareciam os cosméticos aplicados à barbearia e surgiam os bigodes com as pontas para os lados, armados ou não, moda que teria sido lançada pelo kaiser Guilherme II.

---

[95] *O Correio Paulistano.* São Paulo, 12/12/1895.

[96] "Casa Genin. Seção especial de brinquedos, bonecas, jogos, velocípedes e carrinhos para crianças. Ao Bastidor de bordar: seção especial de todos os artigos para bordados, tapeçarias e crochê, onde as excelentíssimas famílias encontram tudo o que desejam para os seus trabalhos de agulha. Viúva Genin e Filho. Rua 15 de Novembro, 13". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 16/08/1892).

[97] Niniche e frixequete: penteados postiços sobrepostos ao cabelo natural. A niniche é um tipo de biscoito ao caramelo, uma iguaria da culinária francesa. A alusão à niniche vem do formato empregado nos penteados postiços.

[98] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 21/10/1891.

[99] Pastinha: penteado para um dos lados, repartido nas laterais com o cabelo bem empasado e liso cobrindo um pedaço da testa.

[100] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 11/01/1891.

Há algumas dezenas de anos, ainda no tempo do Império, o hábito de ir ao cabeleireiro era totalmente incomum, com exceção dos dias de festa quando "bem cedo aparecia o cabeleireiro francês para pentear as senhoras, colocar flores sobre os seus cabelos e colar-lhe nas faces os mimosos *accroche-coeurs*.[101] Algumas já de véspera se penteavam, pois que em São Paulo só havia um bom cabeleireiro francês".[102]

As cabeleiras em estilo oriental, que denotavam outra influência do Oriente no campo da moda, passavam a ser usadas com cada vez mais freqüência pelas mulheres distintas. Nunca com o penteado muito alto, que era típico das cocotes. Mulheres casadas jamais saíam às ruas com os cabelos soltos porque também poderiam ser confundidas com aquelas. Afinal, o tipo de penteado usado indicava não somente a idade da mulher, mas também se era casadoira ou não; se era moça de família ou não. Os penteados apareciam geralmente combinados com um tipo de chapéu usado em determinada idade. As meninas podiam usar, além das tranças, uma *charlotte*, um chapéu do feitio de um cuscuzeiro. Já as mocinhas, usavam um cabelo trançado um pouco diferente, um *catogan*, trança grossa dobrada várias vezes e apertada por um laço de fita. Os chapéus preferidos para a idade adolescente eram os de palha da Itália enfeitado com espigas de milho. Quando não mais tão adolescentes, "levantavam o cabelo, eram admitidas a usar *aigrette* no chapéu, *mitaines*" e a famosa saia *entravée*. [103] [Anexo 31]

Apesar de a moda masculina não apresentar o mesmo ritmo de mudança da moda feminina, a virada do século é um momento fundamental para as novas criações. A moda criada pelo *dândi* e espraiada pelo mundo, conforme visto no capítulo anterior, caracteriza-se pela sobriedade, típica do homem de negócios da virada do século, sem, no entanto, dispensar o luxo e o requinte. As camisas da época poderiam ser com peito de linho ou de tricoline, com ou sem punhos. Os colarinhos e punhos, de tricoline, lã, linho ou pura seda. Acima das camisas, usavam-se os sobretudos que podiam ser alternados com fraques ou casacas, dependendo da ocasião, da idade e, principalmente, da posição social. As calças eram geralmente confeccionadas em lã, linho ou tricoline. As gravatas, em algodão, lã, linho ou seda. As meias elegantes eram encontradas em fio escocês, lisas ou bordadas. Para os calçados de couro, de preços e qualidades

[101] Pequena mecha de cabelo enrolada em formato de anel e posta, aplicada ou colada sobre as têmporas.
[102] Maria Paes de Barros. *No Tempo de Dantes.* 2ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1998, p. 49.
[103] Americano, *São Paulo...*, Op. cit, p. 308. A *aigrette* é um longo penacho acoplado aos chapéus e a *mitaine*, um tipo de luva que cobre somente as palmas e parte dos dedos, deixando as duas últimas falanges de fora.

das mais diferenciadas, dar-se-ia preferência à marca Clark de bastante prestígio na São Paulo do período. Era bastante comum o uso do suspensório e indispensável o uso do chapéu, que poderia ser confeccionado em palha, feltro, pele de castor ou de lebre. [Anexos 32, 33 e 34]

As diferentes combinações entre estas peças, além do tipo de barba usado, denunciavam a idade do homem que as portava. Os senhores de 50 anos para cima usavam sobrecasaca e cartola, geralmente se vestiam inteiramente de preto, inclusive a gravata. Portavam bengala ou guarda-chuva. Já os jovens, obviamente os de elite, desde os primeiros anos do século XX, começavam a vestir fraque claro, colarinho em pé, gravata plastrão de cor, com alfinete de pérolas, luvas, chapéu cinza de abas duras partido ao meio, flor na lapela. Podiam levar ainda casaco escuro ou preto e calças xadrez, colarinho em pé, gravata de fustão branco com uma espécie de anel de ouro para prendê-la em vez de dar laço, flor à lapela, bengala, chapéu-palheta. Se o chapéu fosse de feltro cinza, poderiam ainda trazer polainas e luvas ou terno escuro todo igual e chapéu-coco (*chapeau mellon* ou Homburg).[104]

No começo do século, a moda masculina, predominantemente inglesa, era difundida pelos alfaiates que seguiam esse estilo no Brasil, como Almeida Rabelo, no Rio de Janeiro, e Vieira Pinto, em São Paulo. Aos poucos, outras influências se faziam sentir conforme a imigração recrudescia e contribuía para a diversificação dos gostos paulistanos. Pelo alfaiate Raunier, as influências francesas sobre a moda masculina se faziam sentir em São Paulo. Outros alfaiates, apesar de origens outras, reproduziam o mesmo estilo, como é o caso do italiano Carnicelli, que difundiu para toda a cidade a moda lançada por Santos Dumont do "esportivo chapéu, desabado, colarinho duplo, e terno recortado à moda francesa. As palhetas[105] traziam cordão de seda retorcida, que se prendia ao botão do casaco, para não voarem com o vento".[106] Apesar do avanço de outras influências, as referências londrinas não deixavam de ser mencionadas durante a publicidade de artigos masculinos, como os da Chapelaria Portuense de João Pinto Villela: "Esta antiga e acreditada chapelaria tem sempre grande sortimento de chapéus ingleses dos afamados fabricantes de Londres: PITT, CHRISTYS, LINCOL, MELTON, o que há de mais moderno e elegante em chapéus duros, em chapéus moles. Experimentem e verão a qualidade".[107] Na

[104] Idem, ibidem, p. 288.
[105] Chapéu de palha rígido também chamado de *canotier.*
[106] Idem, ibidem, p. 288.
[107] *O Correio Paulistano.* São Paulo, s.d.

realidade, os chapéus eram, dentre os artigos masculinos, os dotados de mais ampla variedade, conforme podemos constatar pelo anúncio do estabelecimento de Carlos Welsman: "Chapéus de seda para baile, chapéus forro branco; chapéus de seda, *patent*, altos, modelo 1891. Chapéus de feltro, ingleses, Christys, modelo 1891. Chapéus de feltro, nacionais, finos, modelo 1891. Chapéus de viagem marca Caxambu. Chapéus de lona, ingleses, para campo. Bonés de lona, ditos com sombreiro, para campo. Chapéus de palha, novidades da *saison*".[108]

No que concerne a chapéus, outra febre do momento eram os Panamás, um tipo específico de palheta ou palhinha, como também eram chamados. Eram chapéus de cor clara feitos da palha da *Carludovica* palmata, planta abundante no Equador, produtor oficial do chapéu Panamá, que recebeu esse nome a partir de uma visita do presidente Theodore Roosevelt ao Canal em 1906. A partir daí, popularizou-se pelo mundo todo a ponto de a cidade de Paris passar a ser chamada carinhosamente de *Paname* pelos seus habitantes, adeptos assumidos do Panamá. Em anúncio veiculado pela Casa Garraux, o Panamá era associado às últimas conquistas da modernidade: "O grande prêmio da aeronavegação de Paris é um chapéu Panamá (Equatoriano) oferecido pela casa Garraux! O grande astrônomo Flammarion anuncia para este verão dias de grande calor, e aconselha a usar só os chapéus Panamá (Equatorianos) que vende a Casa Garraux. Monsieur Blériot, glorioso aviador francês, atravessou o Canal da Mancha no seu aeroplano com um lindo chapéu Panamá (Equatoriano) comprado na Casa Garraux".[109]

O mais interessante é que a moda em São Paulo, além de lançada por estrangeiros, tinha um cunho fortemente pessoal, influenciada pelas personalidades viajadas, às quais relacionava-se a idéia do bom gosto. Depois da moda lançada por Santos Dumont, viria a moda de Edu Chaves que valorizava os enchimentos de ombros, "e os casacos caídos, sem curva, fazendo pregas na cintura, por trás, em virtude de um meio cinto. Esses costumes eram claros, não tinham colete. Os chapéus eram palhetas. Desapareceram as bengalas. Os sapatos deixaram de ser botinas, e eram marrons de solas grossas".[110]

Os usos e as modas lançadas por essas personalidades começam a desnudar as divisões sociais, as rivalidades políticas entre as famílias, as diferentes frações das classes dominantes, que, à primeira vista, quando olhadas pelo prisma das alianças políticas republicanas, deixam de

[108] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 05/11/1890.
[109] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 01/01/1910.
[110] Americano, *São Paulo...*, Op. cit, 288.

aparecer. A partir dos demais objetos de consumo, titubeantes entre a modernidade e a tradição, os grupos sociais paulistanos dominantes da Primeira República se delineiam e outras rivalidades, que não exclusivamente as políticas, desnudam-se. A divisão mais nítida no interior de tais grupos é entre uma facção mais tradicionalista, que, embora residindo em ambiente urbano, continua atrelada a bases rurais, e uma facção mais progressista, produto de uma segunda geração de vivência nas cidades.

Logo abaixo dessa elite, existe um interregno - uma parte da classe média em processo de constituição - com grandes chances de entrar para a vida elitista, obviamente não sem obstáculos colossais que se lhe impõem. Essa classe se caracteriza predominantemente por estrangeiros que, por meio do comércio ou da indústria, construíram um espólio que é condição *sine qua non*, embora não suficiente, para sua entrada nos círculos elitistas.

O processo de clivagem social entre as diferentes frações da elite e entre esta e classe média começa já na geografia urbana, estudada no primeiro capítulo, e se estende para o comércio, que reforça essa geografia, na medida em que cria *enclaves* que somente podem ser freqüentados pelos círculos elitistas. Agora, essas divisões sociais são reunidas em uma síntese mais complexa que é o consumo, que vai além das modas e produtos, conferindo-lhes um sentido social mais amplo e extremamente minucioso de acordo com a sociedade em que suas contradições se desdobram. Essa é a argumentação a ser desenvolvida no próximo capítulo.

Cap. 4 Consumo e dinâmica de classes na Belle Époque Paulistana

"Carcamano, pé de chumbo,
Calcanhar de frigideira,
Quem te deu atrevimento
De casar com brasileira?"
(Quadra em voga no final do século XIX)

As classes e frações de classes que compõem uma determinada sociedade devem ser captadas em três movimentos de análise. O primeiro deles corresponde à posição econômica que a classe ou a fração ocupa no interior de uma divisão social do trabalho. O segundo é o exame das inclinações ideológicas e políticas dos grupos sociais a fim de verificar se tais posições se constituem conflitivas ou não. A esses dois fatores acrescentamos ainda um terceiro demarcador dos grupos sociais, relacionado às suas manifestações simbólicas e culturais tais quais prescritas por Bourdieu.[488] Esses três limitadores estão presentes no consumo, um imenso processo de distinção social que hierarquiza as classes não somente segundo a posição em que ocupam no interior da divisão social do trabalho, como também segundo os sistemas simbólicos que envolvem os diferentes grupos sociais portadores de seus respectivos capitais culturais.

O consumo, embora seja considerado um epifenômeno no interior da teoria econômica marxista, uma forma diferente de "produção" que acontece no âmbito privado,[489] é um importante instrumento de análise tanto dos conflitos que se dão entre as classes, como no interior de uma mesma classe. Apesar de não pôr em questão as estruturas que compõem o sistema capitalista, não alterando a essência do modo de produção, o consumo é capaz de distorcer sua dinâmica, em particular porque as classes que participam do processo, ao contrário

[488] Pierre Bourdieu. *La Distinction-Critique Social du Jugement.* Paris, Les Éditions de Minuit, 1979. Sobre a teoria de Bourdieu a respeito das classes, conferir a síntese escrita em Pierre Bourdieu. "Espace Social et Genèse des classes". *Actes de La Recherche em Sciences Sociales*, n. 52-53, 1984.

[489] A respeito da identidade entre consumo e produção: "Consumption is immediately also production. (…) Production, then, is also immediately consumption, consumption is algo immediately production. Each is immediately its opposite". (Karl Marx. *Grundrisse: foundations of the critique of political economy*. (1857). Trans. Martins Nicolaus. London; New York, Penguin Books in association with New Left Review, 1993, p. 90). Entretanto, ao se localizar no âmbito das necessidades – "[There is] no production without a need. But consumption reproduces the need". (Marx, *Grundrisse...*, Op. cit., p. 91) -, a produção enquanto consumo deve se dar, segundo Marx, fora do movimento social da mercadoria. Ao contrário, o que se pretende dar conta com este trabalho é o consumo enquanto parte do movimento social da mercadoria e como um poderoso instrumento demarcador de classes.

dos estamentos feudais, são dotadas de uma relativa mobilidade. Além do mais, quando as estruturas produtivas ainda não se revestiram da rigidez que lhes é típica no capitalismo avançado, o consumo exerce um papel central em sua acomodação.

Dois aspectos devem ser considerados no interior de uma dinâmica capitalista que englobe não somente a base produtiva, mas também o consumo. Em primeiro lugar, do ponto de vista sistêmico, a ascensão social ou sua potencialidade se expressa na maior demanda de um produto anteriormente não consumido por uma classe ou fração de classe. Significa que o capitalismo em processo de desenvolvimento conta com a permanente massificação de padrões e tal possibilidade deve ser pensada antes da própria expansão sistêmica. Uma forma de tornar o consumo certo assim que a ascensão social se concretize é o recurso à publicidade, capaz de criar mercados no capitalismo avançado. A inovação técnica, ao baratear a produção ou a comercialização de determinado produto, torna-o disponível para classes mais baixas, compensando a ausência de mecanismos promotores da ascensão social ou da distribuição de renda. Ainda, pode-se produzir uma variante do mesmo produto de qualidade inferior, fabricada com matéria-prima mais barata, mas que terá o mesmo vigor do produto original, o que será plenamente garantido pela propaganda publicitária. No capitalismo em formação, a publicidade também tem papel a desempenhar, em particular no capitalismo periférico em que se associa a um projeto civilizador nacional, embora seu alcance seja restrito. A publicidade nascente em tal contexto marca a passagem de uma sociedade mercantil regulada pela compra e venda de escravos para uma sociedade em que a mão-de-obra é livre e, enquanto tal, também livre é o seu acesso aos padrões de consumo divulgados especialmente pela imprensa.

Um dos significados que o consumo assume no interior do sistema capitalista é o de permitir que algumas das insígnias concessoras de *status* social possam ser obtidas a partir do mercado. Essa característica já estava presente na transição do feudalismo para o capitalismo, nas entranhas de uma sociedade que se mercantilizava paulatinamente, mas que, somente no capitalismo, a partir da produção industrial, desdobra-se plenamente. No sistema feudal, a terra era o primeiro fator de distinção, que repartia a sociedade entre *oratores, belatores* e *laboratores*, e, dentro da camada dominante, a insígnia de "sangue" era a responsável por frisar as nuances. Já no capitalismo consolidado, embora os símbolos de *status* sejam disponíveis pelo mercado, novos padrões são criados ou adotados pelas classes superiores, novas restrições são impostas, e, ao

lado da generalização do consumo, cria-se também sua permanente diferenciação: "Les prises de position objectivement et subjectivement esthétiques que sont par exemple la cosmétique corporelle, le vêtement ou la décoration domestique constituent autant d'occasions d'éprouver ou d'affirmer la position occupée dans l'espace social comme rang à tenir ou distance à maintenir. (...) Les differences objectives en distinctions électives (…) sont en fait reservées aux members de la classe dominante et même à la très grande bourgeoisie (…)".[490] As barreiras criadas não são, portanto, somente econômicas, relacionadas à mera adesão de um novo padrão ou a uma nova forma de produzir os anteriormente existentes, mas são culturais, o que as torna praticamente intransponíveis.

A reintrodução da dimensão cultural na dinâmica da luta de classes constitui o segundo aspecto do papel do consumo no interior da dinâmica capitalista. Seria como dotar novamente o consumo de seu papel social, papel esse que se encontra subordinado à função social da produção na teoria econômica marxista: "(...) in consumption, the product steps outside this social movement and becomes a direct object and servant of individual need (…) the concluding act, consumption, which is conceived not only as a terminal point but also as an end-in-itself, actually belongs outside economics (...)".[491] Este segundo aspecto desnuda uma faceta dos conflitos de classe antes oculta pela própria produção que, responsável pela delimitação entre os estratos sociais, não é capaz de explicar, no entanto, a presença de mecanismos outros de hierarquização social, que somente podem ser observados durante a dinâmica do consumo. Não julgamos que este ou aquele processo seja o mais importante, mas, tão somente, que são complementares na compreensão de uma história que se movimenta a partir dos conflitos travados entre os diferentes grupos sociais. O consumo aparece como auxiliar na compreensão daqueles uma vez que capta a hierarquização entre as classes e frações de classes delineadas não somente segundo a base material da qual se originam, mas segundo fatores outros, tantas vezes extra-econômicos que alimentam ou amainam os conflitos.

Quando passamos desta função mais geral do consumo capitalista às suas manifestações na São Paulo da Belle Époque, observamos que a forma como os padrões são apropriados e exibidos demonstra aí uma divisão de classes bastante peculiar, que ultrapassa a divisão a-

[490] Bourdieu, *La Distinction...*, Op. Cit., pp. 61-62.
[491] Marx, *Grundrisse...,* Op. cit., p. 89.

histórica entre capitalistas e trabalhadores - que no contexto da formação do capitalismo se dividem entre expropriadores e expropriados - ou a divisão clássica entre aristocracia agrária e burguesia industrial, que não é típica de São Paulo ou do Brasil. Ao contrário, o que se vê é uma miscelânea de comportamentos, que podem se alterar de acordo com a posição já conquistada na hierarquia social ou se se trata de uma mudança em curso, um caso de mobilidade social. O mapeamento das classes, por sua vez, a forma como estabelecem os seus conflitos a partir do consumo é de importância crucial para a compreensão de como se dá a industrialização em São Paulo, objeto do próximo capítulo.

Esta organização de classes, que se define no interior do processo de modernização capitalista em São Paulo, é inteiramente original. Em primeiro lugar porque uma fração da burguesia, se assim podemos denominá-la, origina-se da transformação radical da atividade agrícola promovida pela mercantilização da terra e sua conseqüente transformação em meio de produção capitalista *par excelence*.[492] A terra, ainda no interior da tradição ibérica transplantada para a colônia, era vista como um importante instrumento de enobrecimento. Sua transformação em meio de produção não deixa, no entanto, de continuar a imprimir fortes traços aristocráticos sobre a classe que a ela se liga, ainda quando esta se transfere para a cidade e administra suas propriedades à distância. O aburguesamento dessa classe, relacionado a formas capitalistas e racionais de organização da terra, não tem como contrapartida a criação de uma ética do trabalho ou de uma mentalidade burguesa relacionada à frugalidade e à simplicidade de estilos. Ao contrário, a demonstração e o gasto tornam-se fundamentais nesse sistema tal qual a demonstração da corte em relação às demais classes durante o período de transição do feudalismo ao capitalismo.[493] Estilos cada vez mais rebuscados manifestam-se nas formas de habitar e de se vestir, uma maneira de se diferenciar da aristocracia tradicional totalmente ignorante do luxo:

[492] A respeito do surgimento de uma fração de classe oriunda da cafeicultura e com características distintas das demais aristocracias agrárias, vide Celso Furtado. *Formação Econômica do Brasil.* 24ª edição. São Paulo, Ed. Nacional, 1991, pp. 115-116. Sobre o processo de mercantilização da terra em São Paulo, consulte Lígia Osório Silva. *Terras devolutas e latifúndio: efeitos da lei de 1850.* Campinas, Unicamp, 1996.

[493] Assim como o aristocrata de corte, a nascente burguesia brasileira tem uma particular atração pelo gasto excessivo : "L'obligation de dépenser pour le prestige entraîne, sur le plan des dépenses, une éducation qui se distingue très nettement de celle des bourgeois professionnels (...) une tradition sociale qui exige de l'individu qu'il règle ses dépenses en fonction de son rang. Dans la bouche d'un aristocrate de la cour, le mot "économie", quand il signifie harmonisation des dépenses et des revenues ou limitation planifiée de la consommation en vue de l'épargne, garde jusqu'à la fin du XVIIIe siècle, et parfois même après la Révolution, um relent de mépris". (Norbert Elias. *La société de cours.* Trad. Pierre Kamnitzer e Jeanne Etoré. Paris, Flammarion, 1985).

« Les planteurs et leurs familles (...) ne se ressemblaient guère à leurs ancêtres, ignorants du luxe, du simple confort et sans grand souci des sciences, des arts ou des lettres. Les voyages d'affaires en Europe avivaient ces goûts et ces désirs nouveaux ».[494]

Uma segunda particularidade do processo modernizador paulista é a forma como se dá, ainda dentro desse movimento geral de mercantilização da sociedade, a transição do trabalho escravo para o livre. Esse segundo ponto se relaciona com uma mentalidade mais inclinada à lógica capitalista, que não lhe é, no entanto, pré-condição, senão conseqüência das particularidades históricas vividas pela província. Para Warren Dean, essa nova forma de lidar com a propriedade e com a força de trabalho teria origem nas próprias dificuldades enfrentadas pelo café do Vale do Paraíba que pusera em evidência o fato de que a escravidão, associada ao esgotamento das terras, tornara-se anti-produtiva: "(...) pouquíssimo provável que as famílias de lavradores do Vale do Paraíba ou de Minas se transferissem para o oeste paulista por necessidade econômica. As novas terras precisavam ser compradas. Era mister, portanto, que os recém-chegados já fossem famílias prósperas, que estivessem transferindo ativos de uma região de fertilidade em declínio para outra que lhes acenasse com maiores possibilidades de lucro".[495] Segundo o autor, seriam estes fazendeiros que, ao se transferirem para o oeste paulista, adeririam à imigração estrangeira como forma de suprimento dos braços para a lavoura.[496] De mesma opinião é o geógrafo Pierre Monbeig, para quem a penetração do oeste paulista é feita a partir do Vale do Paraíba.[497]

A última especificidade da modernização capitalista em São Paulo é o fato de a imigração estrangeira não somente fornecer mão-de-obra para a lavoura, mas também para a indústria. Os imigrantes instalam-se ainda como comerciantes independentes, reunidos, juntamente com os ofícios necessários ao crescimento urbano, no interior de uma camada média. Não raramente,

---

[494] Pierre Monbeig. *La croissance de la ville de São Paulo.* Grenoble, Institut et Revue de Géographie Alpine, 1953, p. 28.

[495] Warren Dean. *A industrialização de São Paulo (1880-1945).* Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo, Difel, 1971, p. 47.

[496] "Durante as décadas de 1850 e 1860, os lucros no Vale foram reinvestidos num custoso suprimento de novos escravos. A experiência dos paulistas foi muito diferente. Nunca houve escravos em número suficiente e, no correr da década de 1870, já era manifesto que eles representavam um frágil investimento". (Dean, *A industrialização...,* Op. cit., p. 49).

[497] «Mais cette pénetration s'est faite à partir des plantations de la région de Rio, par la valée du Paraiba ». (Monbeig, *La croissance...,* Op. Cit., p. 26). Quanto à especificidade da postura empreendedora dos cafeicultores do oeste paulista, "grandes senhores da terra possuídos de espírito comercial", vide também outra obra mestra do autor: Pierre Monbeig. *Pionniers et planteurs de Sao Paulo.* Paris, Armand Colin, 1952.

esses comerciantes estrangeiros reúnem um grande pecúlio, passando então a uma hierarquia social superior. Porém, os obstáculos criados a essa ascensão, se são quase inexistentes do ponto de vista econômico, já que a cidade multiplica as possibilidades de enriquecimento, do ponto de vista social são muitos. As principais manifestações desses obstáculos se fazem no plano do consumo, a partir de artigos que se restringem à fração burguesa de raízes rurais. As possibilidades de acesso a alguns padrões, em especial no que concerne aos espaços de sociabilidade, são cada vez mais fechadas. Por outro lado, à fração mais tradicional da elite paulistana associavam-se mecanismos outros de formação de legitimidade, como, por exemplo, a criação de uma mitologia bandeirante que justificasse a essa fração de classe suas raízes eminentemente paulistas e, portanto, diversas daquelas do "carcamano" sem modos que invadia a capital e se apossava de seus símbolos de afirmação social.

4.1 Ocupação do espaço urbano: formas de morar e organizar o espaço privado

O primeiro plano sobre o qual se manifestam as clivagens sociais oriundas dessa transição específica para o capitalismo é a própria geografia urbana. Segundo Pierre Monbeig, a ocupação de cada bairro se associa a uma origem social diferente e a um momento particular do processo de modernização capitalista em São Paulo. Os plantadores de café que migraram para o ambiente urbano instalaram-se, primeiramente, no próprio centro, onde, em uma mesma residência, conciliavam negócios e família. Esse foi o caso do Conselheiro Antônio Prado que, inicialmente, morava no mesmo lugar em que mantinha o escritório da Companhia de Café Prado Chaves. Posteriormente, com a transformação do centro em espaço exclusivo de transações comerciais e financeiras, essas famílias enriquecidas pelo café mudam-se para os bairros de Santa Ifigênia, Campos Elíseos e Santa Cecília - alojados nos terrenos mais altos e mais salubres - onde se acolhem, primeiramente, em suas imensas e confortáveis chácaras e, em um segundo momento, em seus suntuosos palacetes, infinitamente mais luxuosos do que os velhos sobradões do centro.[498]

[498] « La maison du centre continuait d'être la vieille demeure coloniale au toit de tuiles grises, souvent sans étage, parfois 'sobrado' de un ou deux étages ou plus, aux lourdes portes de bois, à la façade triste et nue ». (Monbeig, *La croissance...*, Op. cit., p. 41)

A partir de 1890, a mudança do ambiente rural para o urbano tornou-se premente tanto por razões econômicas, quanto culturais. Dentre as primeiras, estão as razões que prenunciam o nascimento de uma forma de pensar já capitalista: « Pour organiser et administrer les sociétés de chemin de fer, pour constituer les compagnies de colonisation et immigration, pour s'associer aux banques nouvelles, pour traiter de ses intérêts de classe et se mêler aux questions politiques de plus en plus complexes et de plus en plus décisives, le fazendeiro ne peut agir seul ni rester dans sa plantation. La formation d'entreprises capitalistes et les nécessités de leur gestion n'étaient pas compatibles avec le genre de vie traditionnel; elles exigeaient une convivence urbaine ».[499] Devido a essa nova forma de administrar os negócios, que remonta às origens vale-paraibanas dessa burguesia agrária, era muito comum que fazendeiros se tornassem também comissários, agentes, proprietários de companhias de navegação, controlando assim, não somente a produção do café, como também sua comercialização e distribuição : « Parfois même, il fonde lui-même une maison de commerce ou bien y participe comme associé ; il joint le négoce à la culture ».[500] Segundo Warren Dean, procuravam evitar a associação com empresas estrangeiras na consecução de seu negócio, restringindo-se à contração de empréstimos. Uma forma destes fazendeiros liberais se assegurarem contra as falências era a ampla variedade dos investimentos que iam desde os investimentos na lavoura - que contavam agora com novidades como adubos químicos, maquinários, descascadores e torrefadores de café, além da contratação de braços livres para a lavoura – até aplicações em companhias férreas e outras sociedades anônimas.

Quanto aos fatores de ordem cultural que incentivaram a fixação em ambiente urbano, inclui-se a visão de mundo de uma elite de traços cosmopolitas, que reunia entre suas ocupações, as viagens mundo afora e o culto à civilização européia. Ao cosmopolitismo, associava-se a forte consciência que os proprietários de terra tinham de sua linhagem e a idéia de que, em suas mãos, estava o futuro de todo um país: "Tinham um programa econômico, que englobara a

[499]Idem, ibidem, p. 27.

[500] Idem, ibidem, p. 84. "É possível imaginar que o grupo formado por comissários, importadores e agentes formava o exemplar mais promissor no conjunto dos negócios circunscritos à Paulicéia, justamente porque eles se colocavam estrategicamente como intermediários no amplo circuito de comércio que se abria na capital". (Marisa Midori Deaecto. *Comércio e Vida Urbana na cidade de São Paulo. (1889-1930).* São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2002, pp. 101-102).

transformação da mão-de-obra, da propriedade, dos transportes".[501] À nobilitação promovida pelo Império, combinava-se a consciência de sua cidadania, de seu papel social, mas, não menos de suas origens[502] que os diferenciavam dos comuns, em especial dos imigrantes recém-chegados a quem intitulavam "aristocracia do dinheiro", "plutocracia industrial" ou "bando de tubarões": "(...) os agricultores se queixavam dos estrangeiros que tinham chegado de terceira classe para 'empobrecer antigas famílias da aristocracia rural, genuinamente brasileiras'".[503]

Como, assim que ascendiam na escala social, os comerciantes estrangeiros passavam a consumir produtos antes destinados exclusivamente à elite de base agrária, era de extrema importância que outros mecanismos diferenciadores, extra-econômicos, entrassem na dinâmica da diferenciação. Não era incomum que até mesmo terras chegassem a adquirir, ainda que simplesmente para satisfazer seu "amor-próprio".[504] Para que então fossem reforçadas as linhas que diferenciavam a fração de elite de base agrária daquela fração ascendente, que, embora não tendo a nobreza telúrica, não podia ser impedida de comprar terras, surgiria, em 1913, o termo "quatrocentão". Quase de contornos mitológicos, o termo quatrocentão delimitava a parcela da elite, no caso a elite agrária, cuja origem remontava à tradição bandeirante.[505]

A segunda fração da elite, de origens forâneas, compunha o outro grupo que contribuiu para o desenho dos contornos da capital de finais do XIX. Tratava-se de uma porção movediça

---

[501] Humberto Bastos. *O pensamento industrial no Brasil*: *introdução à história do capitalismo industrial brasileiro.* São Paulo, Martins, 1952, p. 157.

[502] "Fossem embora recentes as fortunas dos fazendeiros, sua linhagem não o era. O Império afidalgara alguns e cumulara muitos mais de ordens e honrarias. A virtuosa República os transformara em cidadãos, mas em cidadãos que se ocupavam longamente da genealogia. A sociedade paulista, disse um deles em 1920, 'não é uma civilização *parvenue,* sente dentro de si mesma o grande impulso do passado para realizar". (Dean, *A industrialização*…, p. 75).

[503] Bastos, *O pensamento*…, Op. cit., p.186.

[504] "A maior parte dos fazendeiros que se tinha voltado para a indústria continuava dona de fazendas e, não infreqüentemente, o empresário imigrante comprava terras, em alguns casos para obter matérias-primas, em outros para especular ou satisfazer o seu amor-próprio". (Dean, *A industrialização...*, Op. cit., p. 78)

[505] Quanto à divisão da elite em frações, é sugestivo o livro de Joel Silveira. Dizia serem os ricaços paulistanos dispostos em três castas. A primeira seria a dos quatrocentões, que, segundo o jornalista não demorariam a ser chamados de quinhentões: "São criaturas repletas de antepassados, aqueles senhores heróicos e sem muitos escrúpulos que rasgaram as primeiras matas de São Paulo, vadearam os rios, descobriram as montanhas e fizeram as primeiras cidades". A segunda casta, o "grupo de reserva", seria formada pelos descendentes de italianos enriquecidos: "O dinheiro é a grande arma do segundo grupo: arma que dá qualidade ao trabalho dos esforçados italianos, que lhes credencia na sociedade, que lhes abre, e às suas cintilantes esposas, as inacessíveis portas dos solares de Piratininga". Finalmente, o terceiro grupo, formado dos tipos "estribo" e "penacho", são os homens que "se dependuram na vida mundana de São Paulo como se estivessem num bonde cheio. As mulheres usam terríveis penachos porque acreditam ser isto a característica principal da grã-fina, como o dente de ouro é característico do turco". (Joel Silveira. *Grã-finos em São Paulo e outras notícias do Brasil.* São Paulo, Cruzeiro do Sul, 1945,)

oriunda de atividades consideradas não nobres, como o comércio ou a indústria.[506] Imigrantes da leva de 1870 eram, em sua grande maioria, trabalhadores independentes, ao contrário daqueles que viriam em princípios do século XX, dispostos a trabalhar por qualquer salário. Eram aqueles artesãos, comerciantes e engenheiros que acumulariam riqueza antes do alvorecer do século XX e, mal este tendo se iniciado, passariam a morar em suntuosos sobrados na Avenida Paulista, lado a lado aos das fortunas do café: "A Avenida Paulista era só de casas lindíssimas, e muitas delas já pertenciam a sírios ou italianos".[507]

Dentre os imigrantes, é possível assinalar perfis profissionais para algumas das nacionalidades aqui instaladas. Os italianos começaram suas fortunas se dedicando principalmente ao comércio alimentar; os ingleses eram principalmente médicos, relojoeiros, mecânicos; os franceses tinham as mais variadas profissões, jardineiros e floristas, cabeleireiros, mercadores de modas, ourives, litógrafos, dentistas, professores de música e fabricantes de licores; os alemães estavam entre os mais numerosos em 1870 e trabalhavam como comerciantes atacadistas, engenheiros, farmacêuticos, comerciantes de calçados, chapeleiros, fabricantes de bebidas gasosas e, sobretudo, de cerveja.[508] Estes imigrantes que, em princípio, endossavam a classe média urbana, tão logo acumulavam um pecúlio, mudavam-se para sobrados, deixando de morar no mesmo espaço em que exerciam seus negócios; compravam terras, tantas vezes se tornando também produtores agrícolas; passavam a consumir produtos ou a freqüentar espaços antes restritos à parcela da elite de base agrária. A presença de estrangeiros na composição de uma classe média urbana, dotada de forte potencial de mobilidade, constitui um outro elemento singular ao desenho das classes dos primórdios do capitalismo brasileiro.

Enquanto Antônio Prado compõe o tipo-ideal do aristocrata do café, Matarazzo é o outro estereótipo de enriquecimento.[509] O primeiro vinha de uma família tradicional paulistana, a família Silva Prado, estabelecida em São Paulo desde o século XVIII. Filho de Martinho da Silva

---

[506] "(...) um contingente novo que se formava nas cidades, onde o comércio a grosso e a retalho crescia notavelmente e cujos negociantes, dadas as novas condições propiciadas pela expansão urbana e demográfica, já anunciavam certa mobilidade social. E o que dava sustentação para essa nova classe de emergentes era, em grande parte, a forte base infra-estrutural que os representantes do comércio encontravam no meio urbano". (Marisa Midori Deaecto. *Comércio e Vida Urbana na cidade de São Paulo. (1889-1930).* São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2002, p. 94).

[507] Yolanda Penteado. *Tudo em cor-de rosa.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976, p. 55.

[508] Monbeig, *La croissance...,* Op. cit., pp. 28.

[509] "Assim como Antônio da Silva Prado é o modelo do fazendeiro-empresário, assim também Francisco Matarazzo é o modelo do imigrante empresário". (Dean, *A industrialização...*, Op. cit., p. 69).

Prado e de Veridiana Valéria da Silva Prado, neto homônimo de Antônio da Silva Prado, Barão de Iguape, Antonico, como era chamado pela família, nascera já na cidade de São Paulo. Suas raízes eram, no entanto, aristocráticas, ligadas à fortuna acumulada pelo café. Juntamente com seu irmão, Martinho Prado Júnior, colonizara a região de Ribeirão Preto, onde chegou a ter cerca de 20 milhões de pés de café. Confirmando a vocação de grande empresário, tornar-se-ia banqueiro proprietário do Banco do Comércio e Indústria do Estado de São Paulo, do qual participaria ativamente como comissário. Contribuiria para a industrialização do estado com a instalação da Vidraçaria Santa Marina e de um frigorífico em Barretos. Seria ainda presidente da Companhia Paulista de Estrada de Ferro por trinta anos, a partir da qual controlaria o transporte e a distribuição de café e carnes.[510] Pertenciam ainda ao mesmo grupo os Penteados, os Prates, os Souzas Queiroz, os Paes de Barros, "fabulosas fortunas de 10 mil contos" cada uma.[511]

O segundo estereótipo de fortuna, Francisco Matarazzo, chegou a São Paulo em 1881 e, tendo perdido uma parte do dinheiro que trazia, estabeleceu em Sorocaba uma empresa de produção de comércio e banha de porco com aquilo que lhe restara. Ao mudar-se para São Paulo em 1890, ensaiou a montagem de um negócio em parceria com seus irmãos Giuseppe e Luigi, mas, em 1891, a empresa foi dissolvida, constituindo-se em seu lugar a Companhia Matarazzo S.A. que importava farinha dos Estados Unidos. Em 1900, com a guerra entre a Espanha e os países centro-americanos, o empresário decidiu montar um moinho na própria capital, obtendo, para isso, um crédito junto ao *London and Brazilian Bank*. O império se expandiria rapidamente atingindo a marca de 365 fábricas em todo o Brasil. A lógica da expansão era bastante simples: para ensacar o trigo, montava-se uma tecelagem, que permitia então produzir outros tipos de tecidos; para aproveitar completamente o algodão que entrava na fabricação das sacas, criava-se uma usina de refinaria de óleo a partir do qual se fazia também sabão. Com o crescimento da produção, surgiriam serrarias e uma metalúrgica para a produção de caixotes. Essa mesma base produtiva permitia então que se produzissem móveis e utensílios de alumínio.[512] Ao grupo de estrangeiros milionários pertenciam também: Alexandre Siciliano, Pinotti Gamba, Rodolfo

[510] Darrel Levi. *A família Prado.* Trad. José Eduardo Mendonça. São Paulo, Cultura 70, 1977.
[511] Jorge Americano. *São Paulo naquele tempo (1895-1915).* São Paulo, Edição Saraiva, p. 367.
[512] José de Souza Martins. *Conde Matarazzo: o empresário e a empresa. Estudo de sociologia do desenvolvimento.* 2a edição. São Paulo, Hucitec, 1976.

Crespi, os irmãos Puglisi Carboni, a família Scurachio, Elias Calfat, Jafet, Yázigi, Salem, Rizkallah. Todos proprietários de residências na Avenida Paulista.[513]

Se a fração oriunda do campo e possuindo o mesmo perfil de Antônio Prado deixava os sobradões das regiões centrais para se acomodar em chácaras nos bairros de Campos Elíseos, Santa Cecília e Higienópolis no ocaso do século XIX,[514] a segunda fração, que também começara nos sobrados do centro, não tardaria a ocupar as regiões elitistas, em particular a Avenida Paulista, o receptáculo dos *nouveaux riches*.

A ocupação dos Campos Elíseos começou por volta de 1878 quando os alemães Nothmann e Glette tomaram a iniciativa de dotar esta região de uma linha de bondes de tração animal, oferecendo então aos fazendeiros, desejosos de um novo lugar para se estabelecer, um terreno salubre e também guarnido de serviços urbanos. Tal linha constituía o prolongamento de uma linha anteriormente instalada em 1872, que ligava as chácaras habitadas pela elite cafeicultora - ocupante então da região de Santa Ifigênia - ao centro da cidade: « Ce [Campos Elíseos] fut le quartier aristocratique de São Paulo à la fin du siècle et pendant um peu plus des deux premières décades du XXe. Les rues bien tracées y furent bordées d'hôtels particuliers, les 'palacetes' à deux ou trois étages, d'un style souvent effroyablement fin de siècle, tant à l'extérieur qu'à l'intérieur, avec des grands jardins. Les plus grandes familles paulistes colonisèrent ces Champs-Elysées du café; et il y a à peine une quinzaine d'années, on pouvait encore y voir la chacara des Prados, modernisation de la vieille chacara qui avait longtemps marqué l'entrée de la ville ».[515] A proximidade entre o bairro e a Estação de trem Sorocabana comprova que a ligação com o interior era ainda bastante forte. Tanto que, no início, as mansões dos barões do café constituíam menos residências fixas do que passagem em ocasião de algum negócio que tinham de solver na capital. O tipo de propriedade ali erigida hesitava entre traços rurais e urbanos: "L'urbanisation gagna rapidement ces propriétés mi-rurales, mi-urbaines".[516]

---

[513] Maria Cecília Naclério Homem. *O Palacete Paulistano e Outras Formas Urbanas de Morar da Elite Cafeeira (1867-1918).* São Paulo, Martins Fontes, 1996, p. 189.

[514] "Nesse período, observamos dois movimentos distintos: o dos empresários do café, que continuavam chegando do interior ou de outros pontos do país, e o dos que iam do centro rumo às chacaras em vias de serem loteadas. Os antigos sobrados se tornavam obsoletos, sendo abandonados pelas famílias e transformados em hotéis ou em escritórios. As famílias recém-chegadas seguiam em busca dos caminhos da Estação da Luz, dos Campos Elíseos e da Liberdade". (M. Cecília N. Homem, *O Palacete...*, Op. cit., p. 125).

[515] Monbeig, *La croissance...,* Op. cit., p. 37.

[516] Idem, ibidem, p. 38.

O mesmo não acontecerá com o bairro de Higienópolis, cuja construção fora especialmente governada pela idéia da fundação de um bairro planejado exclusivamente para a elite paulistana - também de raízes cafeicultoras - que pretendesse estabelecer residência fixa na capital. Surge por volta de 1890, momento em que a expansão da capital para o oeste atingia seu auge. Participou ativamente desse planejamento o mesmo Victor Nothmann acompanhado de Hermann Buchard com quem comprou parte da região que pertencia anteriormente ao Barão de Ramalho.[517] O nome Higienópolis, que significa "cidade limpa e higiênica", expõe o desejo de estabelecer uma cidade fundada nos novos princípios higienistas que pretendiam eliminar toda e qualquer marca da cidade colonial,[518] que vão desde a insalubridade propriamente dita (durante a epidemia de peste bubônica, fora o bairro menos atingido) até os estilos arquitetônicos coloniais, que eram substituídos pelo neoclássico em voga na Europa: "Vivia-se ali em grande estilo, com refinamento e requinte, procurando-se imitar o modo de vida das metrópoles européias mais importantes do século XIX".[519]

A escolha do local para a edificação do bairro, distante da Estação da Luz e do populacho que por ela passava, não fora aleatória, mas parte de um vigoroso projeto que pretendia isolar efetivamente a facção de elite oriunda do café. Um dos primeiros palacetes a ser instalado na região fora o de Veridiana Valéria da Silva Prado, erguido na chácara conhecida como Vila Maria em 1884 segundo a cultura vinculada ao ecletismo, misto de elementos da tradição clássica italiana e do renascimento francês.[520] A queda proporcionada aos telhados, caracterizados pela brusca inclinação, são típicos dos torreões dos castelos da região do Loire na França: "A propriedade de Dona Veridiana, lindíssima; casa à francesa, exterior e interior muitíssimo bonitos, de muito bom gosto (...) Os jardins têm gramados dignos da Inglaterra, a casa domina tudo, há um lagozinho, plantações de rosas e cravos, lindos. Vim de lá encantada".[521]

---

[517] Maria Cecília Naclério Homem. *Higienópolis: grandeza e decadência de um bairro paulistano.* Coleção *História dos bairros de São Paulo,* vol. 17. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura-Departamento do Patrimônio Histórico, 1980.

[518] "(...) l'ingénieur Nothmann attirait la bourgeoisie pauliste dans un quartier plus élévé, mieux aéré, distant des varzeas avec leurs chemins de fer et leurs éléments populaires ». (Monbeig, *La croissance...*, Op. cit., p. 38).

[519] M. Cecília N. Homem, *Higienópolis...,* Op. cit., p. 24.

[520] Annateresa Fabris, Carlos Alberto Cerqueira Lemos, Carlos Lemos. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira.* São Paulo, Edusp, 1987.

[521] "Diário da Princesa Isabel". *In* Carlos Eugênio Marcondes de Moura (org.). *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX.* São Paulo, Unesp, 1998, p. 243.

Para o historiador Darrell Levi, esse tipo de edificação marcaria uma nova fase na organização familiar paulistana, disposta sob a forma de matriarcados. Afinal, além de toda a pompa que cercava as construções, os palacetes exerciam um importante papel na organização da sociabilidade desta fração da elite que se via como precursora da transformação da São Paulo provinciana numa cidade cosmopolita. Por trás da promoção da agitada vida social que circundava a alta sociedade paulistana estavam mulheres como Veridiana da Silva Prado, que chocara a sociedade ao pedir divórcio de seu marido alguns anos antes, em 1877, Olívia Guedes Penteado e Maria Angélica Aguiar de Barros.

Diz-se do palacete de D. Veridiana, cujo projeto completo fora trazido de Paris, ser uma réplica perfeita de um solar nobre construído no Renascimento francês. Já o estilo que seria escolhido por seu filho, o Conselheiro Antônio Prado, meia dúzia de anos depois, seria o estilo eclético "compromissado com o repertório renascentista italiano".[522] Na casa de D. Veridiana, reuniam-se importantes figuras do círculo intelectual da cidade, grupo esse que teria total centralidade nos eventos da Semana de 1922. Eram cientistas, como Orville Derby e Loefgreen; médicos, como Domingos José Nogueira Jaguaribe, Luis Pereira Barreto, Cesário Motta Júnior e Diogo Faria; literatos, políticos de renome, como Capistrano de Abreu, Ramalho Ortigão, Graça Aranha, Joaquim Nabuco; e até mesmo atletas. Já em Paris, visitando o amigo Eduardo Prado, Eça de Queiroz mostrar-se-ia encantado com as habilidades de sua mãe.

No Bairro dos Campos Elíseos, o salão de Olívia Guedes Penteado também abriria suas portas aos artistas de vanguarda como Tarsila do Amaral, Blaise Cendrars, Mário e Oswald de Andrade. As paredes da *villa* eram forradas de telas de Di Cavalcanti, Lasar Segall, Picasso, Léger, Cézanne.[523] O palacete onde habitava o casal Penteado, Ignácio e Olívia, fora erguido em 1895 por Ramos de Azevedo, que lhe emprestara traços do *Risorgimento* italiano: "Tinha um enorme jardim, com grades para a rua, terraço e uma cocheira nos fundos. No salão, havia uma grande conversadeira veneziana e, na parede, espelho com mesa de mármore e jardineiras estilo Luís XIV".[524] Assim como Veridiana e Olívia, outras mulheres de elite fizeram época, o que se

[522] Carlos Lemos. *Alvenaria Burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café.* São Paulo, Nobel, 1985, p. 130.
[523] "Do reencontro de tia Olívia com Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Paulo Prado, veio para São Paulo o primeiro Léger. Esse quadro, exposto, causou um impacto medonho, pois, naquele tempo, Léger era sinônimo de loucura. Tia Olívia sempre misturou artistas com gente de sociedade". (Penteado, *Tudo em...*, Op. cit., p. 82).
[524] Idem, ibidem, p. 82.

encontra registrado nos nomes das ruas que hoje cortam o bairro de Higienópolis: Maria Angélica Aguiar de Barros (Avenida Angélica), Maria Antônia da Silva Ramos (Rua Maria Antônia), Antônia de Queiroz (Rua Dona Antônia de Queiroz) e a própria Veridiana da Silva Prado (Rua Dona Veridiana).[525]

Outra residência a se tornar célebre na região, em especial por ser pioneira na incorporação dos estilos *art nouveau*, grande novidade da virada do século, foi o palacete de um outro membro da família Penteado, Antônio Álvares de Almeida Penteado. A construção do palacete, deixado aos cuidados do arquiteto sueco Carlos Ekman, fora encetada em 1901. A excentricidade do fazendeiro, que queria nada menos do que a industrialização de sua fazenda, logo se manifestou na decoração da residência, que contava com estátuas, tapetes, vitrais e mármores europeus. Alguns detalhes entalhados nas paredes do edifício, como ramos de cafés, abacaxis, folhas de fumo, ícones da aristocracia do café, simbolizavam a união entre os elementos da terra e as últimas conquistas do mundo moderno, uma forma específica da manifestação do *art nouveau* nos trópicos.[526] Exatamente os mesmos símbolos que vicejavam no palácio montado para a Exposição Universal de 1900 em São Paulo.[527] A casa era cercada de jardins, onde se encontravam um lago artificial, quadra de tênis, horta, cocheira e as dependências dos empregados. A manutenção de um palacete dessa monta exigia cerca de quinze criados.

Outros nomes da tradição cafeicultora estabelecidos na região foram os Arrudas Botelhos, Álvares Penteado, Benedito Barbosa, Cincinato Braga, José Vasconcelos de Almeida Prado, moradores da Rua Brigadeiro Tobias; Souzas Queiroz, que ocupavam quase toda a Avenida São Luiz e cujos palacetes foram construídos pelo alemão Julius Ploy; Paes de Barros, Souzas de Barros, na Rua Florêncio de Abreu e na outra parte da Brigadeiro Tobias, no Bairro de Santa Ifigênia [Anexo 35]; Guedes Penteado, Arruda Botelho, Souzas Guedes, Dino Bueno, Alves de

[525] Sobre os artistas e seus mecenas durante a constituição do modernismo brasileiro, vide: Sérgio Miceli. *Nacional Estrangeiro - História Social e Cultural do Modernismo Artístico em São Paulo.* São Paulo, Cia. das Letras, 2003. No livro, Olívia Guedes Penteado é citada como a "promotora dos modernistas" e Freitas Valle aparece como o "príncipe do patronato artístico". (Miceli, *Nacional...*, Op. cit., pp. 58-61; 75-87)

[526] "Os seus signos - a flor, os caules, as folhas estilizadas - pareciam apropriados à situação histórica em que uma próspera sociedade burguesa, longe de desejar exprimir as misérias comezinhas do dia-a-dia, aspirava a criar uma imagem ideal de beleza, num mundo feliz e harmonioso". (Márcia Camargos. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana.* 2a edição. São Paulo, Ed. SENAC, 2001, p. 24).

[527] Sobre os detalhes da Exposição Universal promovida em São Paulo, vide capítulo primeiro.

Lima, Ribeiro do Val, no bairro dos Campos Elíseos.[528] A maior parte das construções erigidas por estas famílias "filiava-se ao estilo francês, isto é, possuíam telhados geralmente muito inclinados e, se possível, de ardósia (...), paredes de tijolos à vista sempre arrematadas nos cunhais[529] e nos aros das envasaduras (...) raríssimos os alpendres"[530].

A distribuição espacial dos palacetes denotava uma organização particular das famílias. Estas que chegavam, por vezes, a ocupar avenidas inteiras, traduzindo o fato de que, apesar de morarem em ambiente urbano, continuavam com a tradição da família extensa e de sua manutenção a partir dos casamentos endogâmicos ou de casamentos realizados entre membros de linhagem aristocrática: "(...) a sociedade era mais fechada. As famílias eram todas entrelaçadas, todas aparentadas".[531] Foi o que aconteceu com Veridiana da Silva Prado, casada com seu tio Martinho, meio-irmão de seu pai. Também a família Paes de Barros muito se utilizara dessa estratégia, que não representava tão somente uma forma de preservação do patrimônio familiar, mas uma importante tática política.[532] Uma maior abertura permitiria o casamento entre famílias diferentes, mas sempre respeitando as mesmas origens e os costumes semelhantes. Casamento de famílias de raízes diferentes, como o de Yolanda Guedes Penteado e Francisco Matarazzo Sobrinho, o Ciccilo, seria impensável antes dos anos 30. Afinal, se como diria Bourdieu "le capital social est l'ensemble des ressources actuelles ou potentielles qui sont liées à la possession d'un *réseau durable de relations* plus ou moins institutionnalisées d'interconnaissance et

[528] M. Cecília N. Homem, *O Palacete...*, Op. cit., p. 125. A respeito das famílias mais poderosas de São Paulo, na segunda metade do século XIX, Zélia Cardoso de Mello enumera os Paes de Barros, os Souzas Barros, os Souzas Queiroz, os Souzas Aranhas, os Silvas Prados, os Dias da Silva, os Monteiros de Barros, os Santos e os Prates: "(...) grandes fazendeiros de café com múltiplas atividades urbanas ou, em pequeno número, proprietários urbanos com fazendas de café". (Zélia Cardoso de Melo. *Metamorfoses da riqueza.* São Paulo 1845-1895. São Paulo, Hucitec; SMC, 1985, pp. 126-130). A este grupo, Maria Cecília Naclério Homem ainda acrescenta os Queiroz Telles, os Pereiras Queiroz e os Vergueiros. (M. Cecília N. Homem, *O Palacete...*, Op. cit., p. 49). Verdade era que o grupo era bastante restrito e quase todos aparentados.

[529] Ângulo saliente formado por duas paredes convergentes.

[530] M. Cecília N. Homem, *O Palacete...*, Op. cit., p. 132.

[531] Penteado, *Tudo em...*, Op. cit., p. 52.

[532] Sobre a elite política de São Paulo, vide: Joseph Love. *A Locomotiva - São Paulo na Federação Brasileira.* Trad. Vera Alice Cardoso da Silva. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. Também seu capítulo do livro de Flávio Heinz (org.). *Por outra história das elites.* Rio de Janeiro, FGV, 2006, pp. 77-97. Sobre a genealogia paulistana em maiores detalhes, vide: Luiz Gonzaga da Silva Leme. *Genealogia Paulistana (1852-1919).* São Paulo, Duprat & Companhia, 1903-1905, 9 volumes.

d'interreconnaissance",[533] no Brasil, o fundamento desse capital social é a família. Daí as estratégias lançadas para sua preservação.

O segundo grupo da elite, o dos imigrantes *nouveaux riches,* daria prioridade à ocupação da Avenida Paulista, comprovando o fato de que o primeiro plano em que se manifestam as diferenciações entre as classes, imprescindível à análise do consumo, é o plano geográfico: "L'enrichissement des immigrants, italiens et syriens, accidentellement de fils de français, déclencha un rush bourgeois au long de l'avenue Pauliste, dans le plus beau site de Sâo Paulo".[534] Pela avenida passariam nomes como Matarazzo, Rizkallah, Assad, Schaumann, Weizflog, Von Bullow, Thiollier, Klabin, Crespi, Siciliano, Gamba, Scarpa. Posto que existissem nomes nacionais constando nas listas de endereço, muito poucos estavam ligados à produção de café propriamente dita. A maior parte ligava-se a atividades liberais, como Nicolau Moraes de Barros (médico); Horário Sabino (empresário); Numa de Oliveira (banqueiro); Ernesto Dias de Castro (importador), Luis Anhaia (professor), comprovando a vocação da avenida em acolher membros da classe média que ascendiam socialmente. Nesse processo, a dinâmica de consumo, que se exprime na conformação física das habitações, dá-se a partir da difusão de padrões antes adstritos aos palacetes da elite cafeeira: "Assim, quando na Avenida Paulista, preferida pela elite da indústria, se compunha o maior conjunto de palacetes, esse tipo de residência já havia realizado toda uma progressão pela cidade que ia desde as zonas adjacentes ao centro, nos caminhos da Estação da Luz, passando pelos bairros dos Campos Elíseos, da Liberdade, de Santa Cecília e Higienópolis".[535] Dentre os nomes da Avenida Paulista que constavam como cafeicultores propriamente ditos, apenas Francisco Ferreira dos Santos e Joaquim Franco de Mello.

No número um da avenida, localizava-se o palacete do imigrante Adam Ditrik Von Bülow. A construção foi fotografada por Guilherme Gaensly em 1900, nove anos após a inauguração da Avenida Paulista.[536] Nascido na Dinamarca em 1840, Von Bülow chegara ao Brasil em 1865, quando fundaria a Zerrenner, Bülow & Cia., empresa de exportação de café e

[533] Pierre Bourdieu. "Le capital social. Notes provisoires". In *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 31, janvier/1980, pp. 2-3.
[534] Monbeig, *La croissance...*, Op. cit., p. 48.
[535] M. Cecília N. Homem, *O palacete...*, Op. cit.,, pp. 13-14.
[536] A residência de Von Büllow foi a plataforma para uma série de fotos panorâmicas da Avenida Paulista que fariam parte de uma composição de cem vistas de São Paulo lançada no começos dos anos 20. Tendo começado em Salvador em 1871, Gaensly mudou-se para São Paulo em 1895, onde fundou sua firma Photographia Gaensly. O fotógrafo consagrar-se-ia como um dos principais autores de cartões-postais da cidade entre 1895 e 1925.

importação de lúpulo, cevada e equipamentos. Em 1893, a companhia de Von Bülow adquiriria a Companhia Antártica Paulista e em 1899 a cervejaria Bavária, tornando-se, então, o maior produtor de cerveja do Brasil. Seu palacete seria construído em 1895, sob projeto do arquiteto Augusto Fried,[537] sendo seguido pelos palacetes da família Matarazzo e do seu cunhado Henrique Schaumann, erigidos no ano seguinte.[538]

O industrial Francesco Matarazzo construiria sua residência num terreno de doze mil metros quadrados, toda em estilo neoclássico. Construção térrea, que seguia ainda os padrões de distribuição tradicionais quando a moda eram já os franceses, a mansão sofreria uma ampliação em 1900 com a construção de outros dormitórios e de uma fachada. Tornar-se-ia assobradada em nova reforma empreendida em 1920.

Na Rua Pio XII esquina com a Arthur Prado, situava-se o palacete de Hermann Buchard, o mesmo que, em conjunto com Nothmann e Glete, havia começado o loteamento de bairros para a elite do café, como Higienópolis.[539] Um pouco mais à frente, na esquina da Paulista com a Alameda Campinas, ficava o palacete do banqueiro Numa de Oliveira. A *villa* do conde Egídio Pinotti Gamba, italiano proprietário dos Moinhos Gamba, localizava-se em um cruzamento da Avenida Paulista com o Caminho de Santo Amaro, atual Brigadeiro Luiz Antônio.

Outros nomes estrangeiros a passar pela Avenida Paulista seriam Henrique Schaumann, o proprietário da Botica de Ouro, Pierre Duchen, Maurício Teodoro Rotschild e Bento Loeb, dono da famosa casa que comercializava pratarias, jóias e outros objetos de luxo. As residências rivalizavam em luxo com os palacetes erigidos pela fração de elite cafeicultora: "Os estilos dos palacetes da Avenida Paulista eram os mais diversificados, sugerindo os países de origem dos moradores. Ostentavam uma decoração mais profunda e exuberante. (...) Eram vilas pompeianas, neoclássicas, florentinas, neobizantinas, inspiradas no Renascimento francês ou no estilo Luís XIV, etc., aos quais viria juntar-se o *art nouveau*. O conjunto, dos mais harmoniosos, impressionava pelo fausto e pelo luxo, tendo rivalizado com a Avenida Higienópolis".[540]

---

[537] Benedito Lima de Toledo. *Álbum Iconográfico da Avenida Paulista.* São Paulo, Ex. Libris, 1987.
[538] Vito D'Alessio. *Avenida Paulista – A síntese de uma metrópole.* São Paulo, Dialeto Latin American Documentary, 2002.
[539] Informações extraídas do site: http://saopauloantigo.blogspot.com
[540] M. Cecília N. Homem, *O Palacete...*, Op. cit., p. 191.

Antes das chácaras ou dos palacetes, no entanto, a cidade exibia imensos sobrados como domicílio das classes mais abastadas. A descrição do cronista Jorge Americano, carente de detalhes ou adjetivos, aponta para a ausência de maiores luxos ou confortos, nada comparado ao fausto dos palacetes que sucederão essa forma de habitar inicial: "Sobe-se por uma escada ao andar superior onde há um saguão com clarabóia, que serve de distribuidor. Salão da frente, quartos dos lados, dando janelas para áreas, sala de jantar com janelas para os fundos, um corredor lateral com banheiro, copa, cozinha e despensa. Ornatos de estilo nas portas, janelas e teto. Grandes lustres de cristal, para velas, pendentes do teto em estuque trabalhado. Chão em mosaico de madeiras variadas, e paredes forradas de seda ou papel-cetim estampado".[541] E, para estabelecer o contraste entre as antigas e as novas formas de morar, continua o autor: "(...) era o fim de uma era. Agora as residências ricas eram chácaras ou quadras, nos arrabaldes".[542]

O primitivismo e o mau gosto dos sobradões de meados do XIX aparecem de forma ainda mais categórica no romance *A Carne* durante uma observação da protagonista Lenita, recém-chegada à cidade:

> "horríveis casebres dos fins do século passado e dos princípios deste vão sendo demolidos para dar lugar a habitações higiênicas, confortáveis, modernas. Os palacetes do período de transição, à fazendeira, à cosmopolita, sem arte, sem gosto, chatos, pesados, mas solidamente construídos, constituem um defeito grave que não mais desaparecerá".[543]

Embora não desaparecessem as antigas habitações, verdadeiros *casebres*, estas passavam a conviver, entretanto, com formas revolucionárias de morar, que incorporavam conquistas modernas que iam do higienismo ao conforto. A passagem de um para outro tipo de residência se encontra marcada tanto em sua engenharia e contornos arquitetônicos, como também na organização e distribuição do espaço interno. Dentro do primeiro grupo de mudanças, tratado de forma abrangente no capítulo primeiro, a substituição da taipa pelo tijolo constitui a

[541] Americano, *São Paulo...,* Op. cit., p. 50.
[542] Idem, ibidem, p. 50.
[543] Júlio Ribeiro. *A Carne.* (1888). São Paulo, Martin Claret, 1999.

transformação mais radical.[544] Passariam a ser usados telhas e tijolos franceses na alvenaria e o ferro inglês nas armações e nas platibandas em gradil adornado, típicas do final do século XIX.[545] A profusão de materiais, que combinava as matérias-primas tradicionais às últimas conquistas da engenharia, pode ser percebida no anúncio de dois palacetes, "ambos fazendo fundo para as ruas Aurora e do Arouche, perto do bonde Viaduto".[546] Para os alicerces foram utilizados pedra e cal, para os encanamentos, o cobre e o ferro, o telhado, todo coberto de "legítimas telhas francesas".[547] Como as madeiras importadas nem sempre eram propícias a todo tipo de construção, tratava-se de substituí-las por madeiras nacionais, como a peroba, a canela preta, o jacarandá mais resistentes ao clima. A combinação entre madeiras importadas - como o pinho de riga, vindo da Suécia - e nacionais também era muito comum, sendo sua distribuição pelo edifício resultado do mais apurado gosto: "com madeiramento desde o telhado até o chão de sorno de peroba escolhida, pinho de riga e legítima canela preta; com todos os assoalhos estreitos de preto ou branco e embutidos; todos os quartos espaçosos, tendo cada um deles, uma, duas e três janelas para fora, com portadorias e janelarias, todas com guarnições e de almofadaria de pinho de riga".[548] As paredes eram forradas com "papéis finos e dourados" e na fachada de cada uma das casas viam-se seis janelas ornadas com ricas alegorias, além de quadros como "Romeu e Julieta", jarros, figuras e leões esculpidos em bom cimento. Cada uma das construções contava com treze cômodos, além "dos baixos para criados, adega, despejos, etc., com portão e grade de ferro balido, escadaria de mármore, tendo 77 m de frente de terreno".[549]

O ferro fundido tornou-se material indispensável em toda construção erguida a partir do último decênio do século XIX. O tratamento do ferro, que começara já na Primeira Revolução Industrial com a construção de trilhos para as minas de carvão, só alcançará difusão plena com a

[544]Lemos, *Alvenaria...,* Op. cit. Para o autor, o início da popularização do tijolo teria origem na própria expansão do café: "(...) foi o café que popularizou o tijolo, a começar pela sobras diretamente ligadas ao beneficiamento daquele produto agrícola. Somente o tijolo permitiria a facial construção de aquedutos, de muros de arrimo e o calçamento dos grandes terreiros de secagem dos grãos, que, no começo, eram de terra batida, solução má, porque, quando em nível, formavam poças de água e lama (...) a terra suja comprometia o café ali revolvido". (Idem, ibidem, p. 40).
[545] Geraldo Gomes da Silva. *Arquitetura do ferro no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1986. Ainda sobre a arquitetura do ferro no Brasil, em especial a de origem escocesa, vide: Cacilda Teixeira da Costa. *O sonho e a técnica: a arquitetura do ferro no Brasil.* São Paulo, BSF, 1994.
[546] *O Correio Paulistano.* São Paulo, 12/12/1895.
[547] Idem, ibidem.
[548] Idem, ibidem.
[549] Idem, ibidem.

expansão da ferrovia no continente a partir da segunda metade do século XIX.[550] Sua aplicabilidade no ramo da construção civil tomaria grandes proporções por volta de 1890.

Quanto ao segundo grupo de transformações, a organização dos espaços interiores, observa-se uma nova racionalidade mais próxima à forma burguesa de distribuição do espaço privado, que prima pela especialização dos cômodos segundo suas atividades. Tal maneira de dispor os cômodos, tipicamente francesa, fora trazida em parte pela elite cosmopolita que morava por anos a fio no exterior e, em parte, pelos imigrantes.[551] É típica dessa nova construção a criação de peças com funções bastante específicas e fixas, como os quartos dos criados, o quarto de engomar, a despensa, um cômodo exclusivo para os trabalhos manuais femininos, os jardins de inverno, a sala de bilhares e jogos, o gabinete.[552] Havia ainda a edícula que, segundo Carlos Lemos, seria uma construção tipicamente brasileira, surgida como uma substituição da antiga cocheira no papel de abrigo de veículos.

Esse tipo de disposição interna, comumente encontrada no interior de palacetes construídos a partir de 1890, não era muito usual entre as primeiras construções da elite cafeicultora erigidas em ambiente urbano.[553] O solar de Rafael Tobias de Aguiar Paes de Barros,[554] levantado em 1870 na Rua Alegre – rua que saía do largo de Santa Ifigênia em direção aos campos do Guaré – seguia ainda antigos padrões. Preservava a distribuição arcaica dos cômodos e o estilo neoclássico do frontispício, embora já antecipasse algumas tendências características da habitação elitista posterior. Os dormitórios dos criados pertenciam ao térreo, como acontecia anteriormente com as acomodações de escravos e serviçais dos antigos sobrados urbanos. Os cômodos destinados à família ficavam todos no primeiro andar: "(...) a volumetria prismática da casa se mantinha rígida e conservadora, dentro do espírito da tradição neoclássica (...) O partido da casa [também] mantinha a tradição neoclássica: no andar nobre (primeiro

[550] Eric J. Hobsbawm. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo.* Trad. Donaldson Magalhães Garschagen. 5a edição. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 2003, pp. 101-123.
[551] "(...) elegantíssima vivenda, mobiliada e ornamentada à *La Parisienne*". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 15/11/1895).
[552] "Percebemos que se esboçava, por esse tempo, um 'zoneamento' moderno das funções de habitação algo diferente, mais descontraído, implicitando novidades como 'a sala da senhora', o jardim de inverno, a sala de bilhares, o 'gabinete' (...) luxo e conforto impossível até então nas casas paulistanas urbanas de taipa, sempre germinadas de ambos os lados, por mais ricas que fossem". (Lemos, *Alvenaria...,* Op. cit., p. 68)
[553] Idem, ibidem, pp. 94-95.
[554] Rafael Tobias Aguiar Paes de Barros, típico membro da elite quatrocentona, filho do Barão de Piracicaba, Antônio Paes de Barros, tornar-se-ia o futuro Barão de Piracicaba II. Genro de José Estanislau de Oliveira, I Visconde do Rio Claro, e cunhado de Luís José de Melo Oliveira.

andar), várias salas de recepção se sucediam, mecanicamente repartidas em xadrez, e, no centro da construção, um amplo *hall* com escada de formas vistosas recebia iluminação zenital".[555] Nas habitações de elite que se seguiriam a esse modelo, o andar nobre seria reservado à intimidade enquanto o térreo, consagrado às recepções da família. Quanto ao estilo dos paramentos, o palacete de Rafael Tobias se mantinha conservador ao guardar muitos dos segmentos da arquitetura luso-brasileira, "mal disfarçados pelos ornatos de pedra artificial aplicados às fachadas planas".[556] No que concerne aos traços modernos, a mansão seria a primeira a lançar mão de tijolos de barro, embora, algumas versões digam que a construção utilizara, na realidade, uma combinação entre taipa de pilão e tijolos. Quanto à distribuição pelo terreno, a casa não mais se situava à margem da rua, como suas anteriores, e sim, isolada "no meio de extensos jardins, a exemplo das contemporâneas *villas* suburbanas européias, e separada da rua por gradis e imensos portões de ferro fundido".[557] Situada à esquina das ruas Senador Queiroz com a Rua Alegre, e tendo os fundos voltados para a Rua Triste - poético paradoxo -,[558] a casa fora a primeira de uma série a respeitar as regras do alinhamento urbano, demandado pelo seu proprietário no ano de 1875,[559] o que denota um princípio de separação entre espaço público e privado, restrito, contudo, às mansões elitistas.

As dimensões de uma modernidade excludente e restrita, que racionaliza alguns espaços, mas não outros, fica evidente na especialização dos cômodos, comuns aos palacetes e *villas,* mas não às moradias populares onde o que se vê é, ao contrário, a superposição de funções: "Num extremo passou a existir a chamada casa operária e o cortiço e, no outro, o palacete. A diferença principal entre elas residia no fato de que na casa de luxo não havia superposição de funções. Destinou-se um cômodo para cada função ou atividade, o que resultou em espaços específicos".[560]

As construções que viriam em seguida abandonariam totalmente o estilo colonial, marcado pelo neoclassicismo português, e adeririam ao toque francês no que concerne ao estilo

---

[555] Eudes Campos. *Nos caminhos da Luz, antigos palacetes da elite paulistana.* In *Anais do Museu Paulista.* Jan/Jun 2005, vol. 13, pp. 11-57.
[556] Campos, *Nos caminhos da Luz...,* Op. cit., p. 21.
[557] Idem, ibidem, p. 22.
[558] A Rua Alegre é hoje a Brigadeiro Tobias. A Rua Triste, a Cásper Líbero.
[559] Campos, *Nos caminhos da Luz...,* Op. cit., p. 21.
[560] M. Cecília N. Homem, *O Palacete...*, Op. cit., p. 125.

arquitetônico e à organização do espaço. Luxo e conforto eram as palavras de ordem. Havia distribuição de água quente e fria nas salas de jantar, nos banheiros e cozinha, tanques para lavagem de roupas e latrina patente e comum: "A industrialização dos canos galvanizados e do material impermeável, a fabricação da torneira, bem como a invenção do sifão e da privada sifonada, patenteada pelos ingleses, permitiram que a água corrente passasse da pia da cozinha ao lavabo e ao w.c. e, daí, ao banheiro. (...) Da mesma forma, o suprimento de água quente também ocorreu a partir do aquecimento de tubos acoplados à fornalha do fogão".[561] A chegada da energia elétrica às residências, por volta de 1910, colocaria em luminosa evidência os globos, arandelas, tulipas e lustres de cristal Baccarat e Oslers, tarefa essa antes feita pela energia a gás.[562] Esse tipo de conforto - que vai do encanamento galvanizado que distribuía água aquecida pela eletricidade - só foi realmente possível a partir das invenções da II Revolução Industrial.

As necessidades de ostentação, esculpidas em cada detalhe do palacete, eram evidentes. O abandono do estilo colonial, extremamente severo em suas linhas, vinha acompanhado da excessiva necessidade de ostentação, delineando os contornos de uma modernidade atípica, que nasce da superação da colônia, mas conserva seus elementos aristocráticos. Procurava-se, em cada pormenor do edifício, marcar a diferença em relação aos anteriores "barracões de tijolos, monstrengos impossíveis que por aí avultam, chatos, extravagantes, à fazendeira, à cosmopolita, sem higiene, sem arquitetura, sem gosto".[563] A escolha dos profissionais para a execução de um tal trabalho era feita a dedo. Para o trabalho geral, Ramos de Azevedo era o preferido da elite e oferecia seus trabalhos exclusivamente para a camada mais abastada.[564] Para a decoração e ornamentação, feitas também sob vigilância atenta do arquiteto, não havia outros que não os renomados Aurélio de Figueiredo e Almeida Júnior:

> "(...) iria a São Paulo, fixar-se-ia aí de vez e compraria um terreno grande em um bairro aristocrático, na Rua Alegre, em Santa Efigênia, no Chá, construiria um palacete elegante, gracioso, rendilhado, à oriental, que

[561] Idem, ibidem, p. 29.
[562] *O Correio Paulistano*. São Paulo, 12/12/1895.
[563] Ribeiro, *A carne,* Op. cit.
[564] Lemos, *Alvenaria...*, Op. cit., p. 68. A respeito da carreira de Ramos de Azevedo e seu papel no desenvolvimento da arquitetura pré-modernista brasileira, vide Miceli, *Nacional...*Op. cit., pp. 33-42.

> sobressaísse (...) Trastejá-lo-ia de jacarandá preto, encerado, com esculpidos foscos. Faria comprar nas *ventes* de Paris, por agentes entendidos, secretárias, mesinhas de legítimo *Boule*. Teria couros lavrados de Córdova, tapetes da Pérsia e dos Gobelins, *fukusas* do Japão. Sobre os consolos, sobre os *dunquerques*,[565] em vitrinas; em armários de pau ferro rendilhado, em *étageres*, pelas paredes, por toda a parte semearia porcelanas profusamente, prodigamente - as da China com o seu branco leitoso, de creme, com as suas cores alegres suavissimamente vívidas, as do Japão, rubro e ouro, magníficas, provocadoras, luxuosas, fascinantes; os *grés* de *Satzuma*,[566] artísticos, trabalhos árabes pelo estilo, europeus quase pela correção do desenho. Procuraria vasos, pratos da pasta tenra de *Sèvres*, ornamentados por *Bouchet*, por *Armand*, por *Chavaux* pai, pelos dois *Sioux*; contrapor-lhes-ia as porcelanas da fábrica real de Berlim e da imperial de Viena, azuis de rei aquelas, estas cor de sangue tirante a ferrugem; enriquecer-se-ia de figurinhas de *Saxe*, ideais, finamente acabadas, deliciosíssimas. Apascentaria os olhos na pátina untuosa dos bronzes do Japão, nas formas tão verdadeiras, tão humanas da estatuária grega, matematicamente reduzida em bronze por *Colas* e *Barbedienne*. Possuiria mármores de *Falconet*, terracotas de *Clodion*, *netskés*[567] velhíssimos, rendilhados, microscópicos, prodigiosos".[568]

Transcrevemos um trecho longo do romance *A Carne* no qual os detalhes falam por si mesmos. O sonho de Lenita possuir um palacete que "se sobressaísse", o típico palacete de uma velha aristocracia que se modernizava. Na organização interna, nada era simples e escassos eram os materiais nacionais, salvo o velho jacarandá que deveria aguentar a estrutura dessa magnificência por toda a eternidade. Além dos materiais acima enumerados, outros eram

[565] Móvel como o consolo, servindo para sustentar estátuas, cadelabros, vasos.
[566] Grès de Four de Satzuma: pote em cerâmica cozida a alta temperatura.
[567] Esculturas em miniatura inventadas no Japão do século XVII. Eram feitas de diversos materiais: porcelana, laca, metal, couro, pedra bruta ou âmbar. Como os quimonos não tinham bolsos, os *netsukes* (grafia usual) eram usados para carregar tabaco, dinheiro e ervas medicinais. Eram atados ao cinto que compunha a indumentária.
[568] Ribeiro, *A carne,* Op. cit.

imprescindíveis à boa composição de um ambiente elitista. Sobejavam nas salas, nos quartos, nas salas de banho, na cozinha. Os brilhos e vernizes eram tanto mais intensos quanto maior o desejo de ostentação. Os tipos de madeira mais refinados eram a *pallissandre*, o *erable*, acaju, *vieux-chène*, bambu indiano, vinhático, mogno, *bois nègre*, azeviche, mogno *Manchester*; os cristais eram do tipo *musselina*, *baccarat* ou boêmia; as porcelanas: *Sèvres*, Indiana, esmaltada e o *biscuit*; finalmente, havia as pratarias em *christofles*, *silver plate*, algenias, príncipe e ainda aquelas banhadas pelo método *electro-plate*. [Anexo 36]

Na sala, espaço de recepção de outras famílias de elite e de demonstração do luxo residencial, vicejavam os tapetes da Pérsia, os célebres *gobelins*, cortinas adamascadas, "sanefas de brocado inglês e renda *Malinés*, grupos *bébé* em damasco chinês e *senateur*".[569] O mobiliário do recinto - demoradamente enumerado na ocasião dos leilões, momentos da exposição do luxo da família aos não acostumados a freqüentar a residência - possuía algumas peças comuns a todas as famílias nobres. Não poderia deixar de haver, por exemplo, alguma "mesa com tampo de mármore para o centro",[570] encomendada a algum renomado *menuisier* europeu; as notáveis cadeirinhas austríacas com encosto em palhinha, por vezes "em óleo vermelho, de medalhão, com obra de talha";[571] um espelho "de cristal com moldura em talha dourada a fogo".[572] Em leilão da Tapeçaria Moderna, ocorrido em 1897, apresentava-se às famílias de tratamento riquíssima mobília em "canela ciré e nogueira, folheadas a ouro, forradas de *reps*[573] de lã e seda, estofadas à fantasia e de estilo a Luis XVI (...) porta-chapéus com espelhos e cabides niquelados; mesinhas para centro douradas e guarnecidas de metal com finas pinturas e verniz *Martin*; candelabros de metal com guarnições de porcelana chinesa; cadeirinhas *laquées*[574] estofadas à pelúcia com bordados de seda frouxa".[575]

O estilo Luiz XIV surgira num momento de afirmação da França no ramo do mobiliário que, até 1660, era profundamente influenciado pelas tendências italianas e flamengas. A história da criação de modas originais no que se refere a mobiliário e a indumentos relaciona-se com a

[569] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 06/01/1900.
[570] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 13/01/1903.
[571] Idem, ibidem, 13/01/1903.
[572] Idem, ibidem.
[573] Tecido utilizado para móveis.
[574] A laca, resina extraida de plantas encontradas no Oriente, era usada como verniz para móveis, conferindo uma coloração avermelhada à madeira. Móvel *laqué.*
[575] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 17/02/1897.

própria história do absolutismo na França.[576] Fato significativo é a criação da *Manufacture Royale des Meubles de la Couronne*, que reunia, sob iniciativa da Coroa a fabricação de móveis. O processo de concentração de poder por parte do soberano e da conseqüente formação da corte francesa é traduzido no estilo da mobília, que guarda grandes proporções e contornos fortes; recebe proeminência o seu caráter masculino, embora conserve a extravagância e o luxo. Predominam as linhas retas e, as curvas, quando presentes, são sempre discretas e austeras. A força do estilo se exprime tanto nos tipos de madeira utilizados – carvalho, ébano, castanheiro – quanto nos símbolos entalhados, como cabeças e patas de leão, sátiros, grifos, esfinges, folhagens, golfinhos, folhas de acanto. Os móveis eram banhados a ouro ou recebiam incrustações e filetes do metal, trabalho este feito, durante o período absolutista, pelo ilustre ebanista da corte. São típicas do estilo peças como a secretária, o medalheiro,[577] o *billard*, a cômoda, o canapé, as mesas de mármore ou em madeira dourada, o console (pequena mesa colocada junto à parede), as cadeiras com assentos de veludo, tapeçaria ou brocado. Todos os móveis, sem exceção, marcavam presença nas casas paulistanas abastadas da época, tanto nas pertencentes a famílias tradicionais quanto nas novo-ricas.

Se estes móveis severos e luxuosos representavam a estabilidade e a pompa do absolutismo francês, tais características, por sua vez, harmonizavam-se perfeitamente com os ensejos das elites paulistanas – em particular a de raiz rural - em demonstrar sua força, sua estabilidade e não menos sua consciência de civilização. Sobre tais alicerces levantava-se um projeto nacional que, ao reinventar o passado, dotava-o de atributos menos nativos e mais europeus, incorporando elementos da tradição de uma cultura completamente estranha à brasileira, uma vez que, mesmo à tradição ibérica, era-lhe negado o seu lugar.

O curioso é que os móveis em estilo rococó, representados pela graciosidade, leveza e liberdade das linhas, não estão tão presentes nas casas brasileiras do *fin-de-siècle* quanto os

---

[576] A relação entre cultura de consumo e absolutismo foi primeiro tratada em Norbert Elias. *La société de cour.* Trad. Pierre Kamnitzer et Jeanne Etoré. Paris, Champs-Flammarion, 1985. Nesta obra, associa-se o processo de concentração de poder nas mãos do rei e de uma minoria a ele subordinada, a corte, às suas necessidades de exibição. O consumo de corte seria a manifestação material e socialmente necessária desse processo centralizador, e o luxo das cortes tornar-se-ia "um meio de governar". (Gisela Taschner. "Raízes da cultura do consumo". *Revista Usp*, n. 32, *Dossiê Sociedade de Massa e Identidade*, p. 36) Podemos falar aqui já em uma cultura de consumo, uma vez que "não os bens, mas a imagem desses bens se torna acessível a todos na sociedade". (Taschner, "Raízes da cultura do consumo", Op. cit., p. 28).

[577] Móvel que servia para guardar jóias e preciosidades.

pesados móveis barrocos à Luis XIV. O estilo rococó, inscrito nos estilos Luís XV, XVI e Diretório, só terá lugar a partir de sua reinterpretação *Art Nouveau*. Durante todo o período estudado, não há nada que lhes faça referência nos anúncios de leilões. A explicação talvez resida no fato de que a delicadeza das linhas, a substituição do ouro pelo bronze, o uso de madeiras menos pesadas - e, portanto, menos evidentes, como o pau-rosa, o pau-violeta, o amaranto - não fossem capazes de conferir ao ambiente a suntuosidade desejada. No Brasil de finais do século XIX, o luxo constitui-se em um importante instrumento civilizador das elites que pretendiam se livrar de seus traços provincianos e a forma mais acabada remontava, sem sombra de dúvida, à corte de Luís XIV. Estes dois períodos, separados por cerca de dois séculos na linha do tempo, podem ser sobrepostos porque, tanto na sociedade francesa do século XVII, quanto na brasileira de finais do século XIX, o luxo tornava-se objeto de consumo e, portanto, passível de ser adquirido através do mercado, evidência essa de particular importância para nações situadas em contornos periféricos.

A partir de 1900 começavam a surgir nos interiores das casas abastadas os móveis em estilo *art nouveau,* que valorizavam o trabalho da imitação de formas naturais sobre os novos materiais industrializados, concedendo-lhes, assim, linhas menos abruptas.[578] Os materiais preferidos eram: metais, como o ferro forjado, o aço, o bronze; o vidro; madeiras, como o acaju do Brasil, a nogueira, o carvalho, a pereira, o ébano; a cerâmica. O realce dado às formas orgânicas era acompanhado de contornos emprestados ao Oriente, em particular ao Japão, atribuindo aos móveis um especial exotismo inexistente no estilo Luís XIV, embora em nada devendo a este em termos de luxo. Começavam a estar presentes os trabalhos com arabescos, mosaicos, desenhos de folhas e flores, animais, que valorizavam o aspecto decorativo sobre formas tridimensionais, sinuosas e sempre assimétricas. São típicas deste período as cadeiras otomanas, espécie de cadeira alongada em estilo oriental que se assemelha a um divã; o aparador de mármore; o *buffet* com espelhos bisotados, as cadeiras de vime; as cristaleiras e as poltronas estofadas. As madeiras mais utilizadas no desempenho das artes eram a imbuia, o jacarandá, o mogno: “Magnífico leilão de móveis no estilo *art nouveau*: belo grupo estofado em estilo oriental

[578] "O movimento originou-se na Inglaterra entre artistas insatisfeitos com os rumos do desenho industrial vitoriano e que tentavam, ao mesmo tempo, restaurar a tradição do artesanato em face da crescente industrialização". (Camargos, *Villa Kyrial...*, Op. cit., p. 22)

de otomanas; grupo estofado em canela ciré para dormitórios e grupo estofado em carvalho branco para salão de refeições; piano em raiz de nogueira, grande formato com galeria".[579]

Geralmente, um leilão se dava em razão de mudança da família para a Europa, ou simplesmente, por motivo de férias, provavelmente durante as quais, a família traria um mobiliário inteiramente novo e, então, era mister livrar-se do antigo no momento da partida. O leilão de móveis *art nouveau* mencionado no parágrafo anterior foi promovido graças à viagem do industrial A. Paturu, que se retirava com sua família para a Europa em viagem de recreio, donde concluímos que, não haveria necessidade de vender todos os móveis, a não ser que houvesse intenção de comprar outros durante a viagem. Também uma artista dramática Zaira Teozzo, ao se retirar para a Europa, decidiu leiloar todo o seu mobiliário composto por "Soberbos móveis, ricas alfaias, luxuosa e profusa ornamentação de uma casa nobre. Belo e harmonioso piano; cristais *baccarat*; porcelana da Sèvres, *faience*, estátuas, bronzes autênticos, lampiões de níquel, de um metro, com lavores em relevo, quadros famosos de autores célebres, marinhas, paisagens, tapetes *guanacos*[580] para salão, *christoffles*".[581] Tratava-se de uma imigrante que retornava ao país de origem, caso comum entre os artistas, mas raro entre outros grupos. A mudança poderia ser ainda para um lugar bem mais próximo, como no caso de um deputado federal que se retirava para o Rio de Janeiro por razões políticas e decidira leiloar o seu palacete e todas as peças ali contidas.[582] Os retirantes poderiam tanto ser membros da elite cafeicultora, quanto da nova elite, dentro da qual se encontravam comerciantes, industriais e comissários.

O advento do *Art Nouveau* veio para estabelecer uma nova relação entre a arte e a elite paulistana quanto ao seu lugar no capitalismo ocidental. Para compreender a natureza dessa relação é preciso reforçar a idéia de que o novo estilo foi o primeiro a promover uma relação até então impensada: a relação entre arte e técnica. Afinal, ao longo de todo o século XIX, o normal era a antinomia entre arte e indústria.[583] Na vanguarda do movimento estava o inglês William

---

[579] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 02/02/1903.
[580] Tapete de lã de guanaco, espécie de animal, que como a lhama e a vicunha, habita a Cordilheira dos Andes.
[581] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 06/01/1900.
[582] "Suntuoso dormitório de *érable gris*, rigoroso estilo indiano, ornado com mármores de Carrara, espelhos de cristal francês, Saint Gobain, contendo 7 esplêndidas peças". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, jan/1900).
[583] "L'Art Nouveau apparaît au contraire comme la première tentative de conciliation entre les aspirations artistiques héritées du passé et les nouvelles réalisations de l'ère industrielle. La fécondité de cet état d'esprit qui allait emplir le siècle se manifeste avant tout dans les arts décoratifs, les bâtiments, les objets, les meubles". (Michel Winock. *La Belle Époque - La France de 1900 à 1914.* Collection Tempus. Paris, Éd. Perrin, 2002, p. 351).

Morris, que propôs, pela primeira vez, a conciliação entre o belo e o útil, sendo este último que, revisitado pelas últimas conquistas da indústria, tornaria o primeiro acessível a outros além de uma pequena elite.[584]

Ora, enquanto nos países do centro do sistema capitalista, onde assistia-se aos processos de industrialização, a arte se mesclava à técnica e sofria um processo de massificação,[585] o que se via nos países da periferia era justamente o contrário. A absorção do estilo servia aos propósitos de distinção e era específico às disputas de classe no interior da elite paulistana, disputa que assumia a forma de uma competição entre a fração de elite tradicional e a imigrante ascendente quanto à capacidade de ostentação manifestada na decoração dos palacetes. O *Art Nouveau* dos trópicos despiu-se do útil e do despojado para incorporar o que havia de mais extravagante no estilo, agregando aos motivos vegetais já exóticos as ramas de café, símbolo da prosperidade da elite cafeicultora.

Dessa forma, o consumo da arte como prática distintiva[586] toma, nos trópicos, um rumo diferente. Enquanto, nos países centrais, à proporção que se abrem as sendas para a difusão da arte, mesclando-a à técnica, a burguesia tradicional volta-se cada vez mais para o rústico, para o antigo, para a pátina, invertendo o movimento da tendência da cultura de consumo inaugurada no século XVIII na Inglaterra.[587] Aliás, essa é a essência do gosto burguês,[588] que se volta

---

[584] "Cet art social, cet art qui ne voulait plus être réservé à une élite, devait, pour exister se réconcilier avec la technique, se la réapproprier". (Winock, *La Belle Époque...*, Op. cit., p. 350).

[585] Para os teóricos frankfurtianos, em particular Walter Benjamin, a associação entre técnica e arte levaria a um empobrecimento desta última, à sua perda de aura porque perpassada pela razão instrumental que transforma fins em meios. (Walter Benjamin. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Tradução José Lino Grunnewald. In O*s Pensadores.* São Paulo, Abril Nova Cultural, 1980).

[586] "La consommation de l'oeuvre d'art, illustration presque trop évidente de ces analyses, n'est qu'une parmi d'autres de ces pratiques distinctives". (Bourdieu, *La distinction...*, Op. cit., p. 319)

[587] "Before the eighteenth century, the rich were especially fond of patina. The fine surface that accumulated on their possessions as a result of oxidization and use was proof of their long-standing claim to high status. It was proof that they were 'ancient' nobles, not newly minted ones. In this way, the ruling classes used the patina of goods as a status gatekeeper, a means of distinguishing aristocrats from arrivistes and pretenders". (McCracken, Op. cit., p. XIII). A mudança deu-se na corte elisabetana, quando "it helped begin a change in the symbolic properties of the consumer good and inititate a shift from 'patina' to 'fashion'". (Idem, ibidem, 16)

[588] "(...) o gosto pelo antigo é característico do desejo de transcender a dimensão do êxito econômico, de consagrar em um signo simbólico, culturalizado e redundante, um êxito social ou uma posição privilegiada. O antigo é, entre outras coisas, o êxito social em busca de uma legitimidade, de uma herança, de uma sanção nobre". (Jean Baudrillard. "A moral dos objetos. Função-signo e lógica de classe". In *Semiologia dos objetos.* Seleção de ensaios da revista *Communications*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1972, p. 62). Também para Bourdieu, o gosto pela tradição compõe a essência do gosto da alta burguesia. (Bourdieu, *La Distinction...*, Op. cit., p. 299)

gradativamente para a privacidade e menos para a exposição pública.[589] Nos trópicos, devido à ausência dos pressupostos materiais que compõe o *Art Nouveau*, este continua a servir principalmente às necessidades de exposição pública e não de praticidade ou de conforto, preceitos surgidos da própria consolidação da burguesia enquanto classe dominante na Europa. Então, não se verifica aqui o movimento de afirmação do gosto burguês voltando-o para a tradição, mas, ao contrário, reportando-o cada vez mais à novidade impossível de se produzir internamente.

Não somente a arquitetura e os móveis são organizados em função de uma necessidade de exposição pública, mas também as peças que compõem uma residência abastada típica do final do século XIX. A função social da sala, por exemplo, mudou em relação à dos antigos sobradões. A sala era, anteriormente, ponto de reunião das mulheres da família, sendo localizado no primeiro andar, onde as furtava dos olhares estranhos,[590] mas espaço da recepção de outras famílias do mesmo nível social. Ao menos era o que pregava a concepção francesa de organização do espaço privado: "As peças ou salas consagradas a toda a casa estão reduzidas ao mínimo. O espaço maior, nas melhores mansões burguesas, é dado, no entanto, a uma peça completamente nova: o salão".[591] Com relação ao partido da casa, a sala passava a ser o centro de onde emanavam todos os cômodos, sendo assim denominada "sala-praça", cuja função central era a de dar fruição aos espaços.[592] Aí se davam as recepções, saraus artísticos e *soirées*, momentos da exposição das famílias de elite que abriam parte de seu espaço privado a outros de mesma estirpe. Era a ocasião de trazer para a sala alguns outros móveis que de ordinário ficavam em outros cômodos; alguma jóia de família que receberia um lugar de destaque; de servir o *buffet* ricamente preparado pela

[589] Quanto ao estilo burguês de consumir: "Não tendo pensões reais nem restrições a certas formas de ganhar dinheiro que caracterizam a nobreza, o burguês trabalha para sobreviver e tentar acumular patrimônio para si próprio e para deixar às gerações futuras. Se um lado de sua vida está ligado ao parecer, o outro se volta para a esfera do privado que, ao separar-se da esfera pública, vai ter na família o seu grande reduto". (Taschner, "Raízes da cultura do consumo", Op. cit., p. 42).

[590] A respeito da proteção dirigida ao sexo frágil quando da passagem das grandes famílias para o ambiente urbano, diz Gilberto Freyre ser o sobrado urbano a forma arquitetônica mais adequada a esse intuito. (Gilberto Freyre. *Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento Urbano.* Rio de Janeiro, Record, 1996).

[591] Jurgen Habermas. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.* Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984, p. 62.

[592] Miguel Antônio Buzzar. *A idéia de uma casa brasileira.* In V Seminário Nacional DOCOMOMO. São Carlos, 2003.

criadagem em pratarias, porcelanas e cristais.[593] Adaptada a esse novo papel, a sala dividia-se em outros ambientes nomeados de acordo com sua funcionalidade - "sala de receber, de espera, de costura, de música" -, [594] espaços pelos quais passariam as demais famílias ao longo da *soirée*, exatamente como acontece em um típico lugar de exposição. Essa abertura periódica da casa fazia-se de extrema importância para a sobrevivência social da família aristocrática porque, era a partir de tal exibição, momento da invasão necessária do espaço privado pelo público, que a família passaria pelo crivo de suas semelhantes, renovando-se então sua legitimidade social.

Ao lado dos salões de D. Veridiana Prado e Olívia Guedes acima citados, uma outra casa de família consagrada às reuniões intelectuais era a *Villa* Kyrial, do mecenas Freitas Valle. Localizada na Vila Mariana, uma região ainda de ocupação marginal, a *Villa* Kyrial adotava o mesmo estilo eclético das mansões de Higienópolis e dos Campos Elíseos. Os convivas entravam pela varanda que dava tanto para o *hall* como para uma Galeria em que se viam uma série de afrescos feitos por Pablo Salinas[595] e nos quais se representavam as artes, a dança, a música, a escultura, a pintura. Era na Galeria, guarnecida de um legítimo piano *Bechstein,* sofás de couros e poltronas da Casa Maple, que se davam as *soirées* artísticas. Um canapé revestido de veludo vermelho-escuro onde se viam as iniciais "FV" bordadas em fios de ouro e chamado pelos artistas de "trono de Nero" era usado unicamente pelo anfitrião. O intuito de seu salão era o de cultivar os mais variados costumes europeus, que iam desde a gastronomia, que contava com a presença de integrantes da *Hordem dos Gourmets*, dentre os quais Freitas Valle se identificava como o *maître* Jean-Jean, até o jogo de *croquet*, já tradicional nos gramados da mansão.[596]

A *Hordem dos Gourmets*, fundada em 1904, foi o primeiro clube culinário do Brasil e uma das maiores expressões da combinação entre cultura e política em toda a província. Seus

[593] Ao contrário do período anterior em que a própria casa fazia todas as refeições que serviria aos seus convivas, o final do século marca a voga da comida encomendada. Uma das casas especializadas em quitutes para festa era a Confeitaria Fasoli, localizada no número 5 da Rua Direita: "O proprietário pede ao público e particularmente às exmas. famílias para visitar sua nova casa, convencido que encontrarão um magnífico serviço e um esplêndido salão digno desta ilustrada e adiantada capital. Aceita-se qualquer encomenda para banquetes, soirées, etc. tanto para cidade como para o interior". (*O Estado de São Paulo,* São Paulo, 31/01/1897).
[594] Campos, *Nos caminhos da Luz...,* Op. cit., p. 15.
[595] Nascido em 1871 na Espanha, Pablo Salinas se mudou em 1886 para Roma, onde viveu a maior parte de sua carreira. Pintou cenários luxuosos do século XVIII, no que se destacou pela minúcia e colorido dos trajos portados pelos personagens, interiores de igrejas e cenas populares das culturas italiana e espanhola. Costumava colocar membros de sua família, em particular suas duas irmãs, em suas pinturas. *El triunfo del torero*, *Escena Baturra* e *La Boda* são algumas das obras do pintor.
[596] Camargos, *Villa Kyrial...*, Op. cit., pp. 40-53.

membros, alguns ativos participantes da política provincial, como Washington Luís, Carlos de Campos, Oscar Rodrigues Alves e Félix de Otero, encarnavam um processo civilizador.[597] Para ingressar na *Hordem*, os aspirantes deveriam passar por uma prova de seu refinamento, adivinhando a origem de determinado vinho ou perfume.[598] Conta-se que Altino Arantes, presidente do Estado entre 1916 e 1920, fora "rebaixado a oficial por não se mostrar competente o bastante na apreciação dos vinhos".[599] Os aprovados, submetiam-se então ao comando de Freitas Valle, o *maître* Jean-Jean, e bancavam os "serviçais" durante os festins.[600] Eram responsáveis por toda a organização do ritual, desde a preparação dos pratos até a postura dos convivas à mesa: "Sempre solenes, os banquetes faziam-se preceder por convites personalizados, impressos para a ocasião, contendo o programa cultural e o traje exigido. Monograma azul designava *smoking* para os cavalheiros e a louça seria azul e dourada. O verde requeria casaca, e então a porcelana seguia idêntico tom cromático, com frisos em ouro".[601] Evidente que a dimensão simbólica desse processo civilizador era essencialmente de inspiração franco-inglesa: o cardápio era todo em francês, o cavalheiro deveria estar trajado à moda inglesa e a senhora à moda francesa, o idioma falado era um misto entre francês e espanhol: "(...) o idioma francês e até os pratos servidos (...) transformavam-se em símbolo de *status*, formando o repertório constitutivo da identidade social do grupo e criando a ilusão de modernidade e sintonia com os países europeus que a elite tanto buscava".[602]

Logo se vê que, em uma cidade carente das instituições culturais que fervilhavam no Rio de Janeiro, os salões privados, como a Villa Kyrial, e suas verdadeiras instituições civilizadoras,

---

[597] Guardadas as nuances nacionais, o processo civilizador representa, para Norbert Elias, o processo de constituição da consciência que o Ocidente moderno tem de si mesmo. Trata-se de um conjunto de regras que direcionam o comportamento humano diante do olhar do outro: "Progressivement et sans à-coups, le code du savoir-vivre s'affirme, les égards que chacun attend de ses semblables se précisent. Le sentiment s'affine de ce qu'il faut faire ou ne pas faire pour ne pas blesser ou scandaliser les autres (...) On assiste, à l'intérieur, à la formation d'une société pacifiée. (...) Mais le contrôle social se fait plus sévère". (Norbert Elias. *La civilisation des moeurs*, tome I, *La dynamique de l'Occident.* Trad. Pierre Kamnitzer. Paris, Calmann-Lévy, 1973, pp. 172-175).
[598] Camargos, *Villa Kyrial...*, Op. cit., p. 62.
[599] Idem, ibidem, p. 73.
[600] Nelson Palma Travassos assinala que o banquete era um momento particular e essencialmente masculino desde seu princípio até seu fim: "Os preparativos para sua realização demandavam tempo e ao contrário do que se passava em casa, onde a mulher é quem se incumbia da comida, o banquete se tornava mais estranho, para as crianças, porque organizado por homens. Era meu pai e os pais de meus amigos os que orientavam a festa sem a mamãe e a mãe deles. Era visível na cara de papai um certo ar superior de independência e na mamãe um traço negro de despeitado desdém". (Nelson Palma Travassos. *Quando eu era menino*. São Paulo, Edart, 1960, p. 223).
[601] Camargos, *Villa Kyrial...*, Op. cit., p. 42.
[602] Idem, ibidem, p. 61.

como a *Hordem dos Gourmets*, tinham uma função central. No entanto, com a transformação periódica da sala em salão, restringia-se o espaço privado propriamente dito, que passava a ser composto unicamente pelos quartos, localizados no primeiro andar. Agora, os dormitórios constituíam "quartos", já que, pelas novas regras higienistas, urgia o desaparecimento das alcovas, ponto de acúmulo de miasmas. Os cômodos deveriam ser agora ventilados e iluminados pela luz do sol.[603] Os móveis aí presentes deveriam aproveitar-se da presença da luz, mostrando-se ainda mais suntuosos.

Em um leilão de 1892, ainda se encontra o termo "alcova" sendo empregado. A casa se compunha de quatro alcovas ao todo. Na primeira delas, um par de *étagères* de carvalho com pedra de mármore e pintura sobre vidro; um *toilette* americano para criança com serviço de porcelana, licoreiro em estojo estofado de cetim macau; na segunda alcova, contígua ao escritório, havia uma cantoneira de *vieux-chaîne*, e, no escritório, uma secretária de carvalho com cadeira de palhinha para mesma, relógio de bronze com calendário, barômetro e termômetro regulando um grande tinteiro de cristal; a biblioteca era toda em carvalho, obra de talho, peça especial, onde havia um *guéridon* para fumantes,[604] porta-cartões de alabastro, material considerado nobre para a época.[605] Esse tipo de construção contínua entre o quarto do proprietário da casa e o seu local de trabalho intelectual, fosse escritório, fosse biblioteca, era bastante comum. Na *Villa* Kyrial, por exemplo, dentre os oito dormitórios que se localizavam no perímetro íntimo da casa, o aposento destinado a Freitas Valle era separado por uma porta de duas folhas da biblioteca.[606]

Em outro leilão datado de 1910, anunciavam-se já "quartos", que eram de quatro tipos. O primeiro era para os criados, com mobília mais simples, contando com oito camas francesas de solteiro e treze camas de ferro, além das ferramentas e utensílios da criadagem. O número de camas no dormitório dá a dimensão do número de criados que trabalhavam em um palacete de elite. Na casa de Freitas Valle, por exemplo, a equipe de criados era formada por um caseiro, um tratador de cães, uma arrumadeira, uma copeira, a cozinheira Luisinha, a governanta Dona Olímpia e a pajem que a auxiliava, duas senhoras espanholas que vinham limpar o assoalho

[603] Campos, *Nos caminhos da Luz...,* Op. cit., p. 15.
[604] Pequena mesa redonda com um só pé, deixada comumente ao centro do cômodo.
[605] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, abr/1892.
[606] Camargos, *Villa...*, Op. cit., p. 50.

regularmente e o jardineiro.[607] Estas eram as funções mais comuns legadas à criadagem. O outro dormitório anunciado pelo leilão era o principal, provavelmente pertencente ao casal da família, onde a mobília era, em sua maior parte, importada: "*chic* armário de parede de *vieux-chaîne*, (...) *verres d'eau* de cristal dourado, (...) finos tapetes ingleses para descida de cama",[608] leitos *art nouveau* fabricados "em ferro envernizados a fogo e guarnecido de metais dourados, com lastros de molas de aço, comprados em Berlim", os colchões eram de crina vegetal, também alemães e os acolchoados de penas de ganso eram cobertos em cetim Macau; a colcha que cobria a cama, de filó creme. No dormitório destinado à "demoiselle", abundavam os móveis destinados às vestimentas e os espelhos de cristal *biseauté*.[609] Eram inúmeros os cabides (torneado para o centro, austríaco, lateral, cabide para cortinas); guarda-vestidos e guarda-casacas em canela *ciré*. Nos outros dormitórios, ditos de "solteiros", as mobílias eram indiferenciadas e possuíam, dentre outros móveis, camas de ferro envernizado, porta-toalhas, tapetes aveludados, sanefas de cretone e reposteiros.[610]

A distribuição dos dormitórios e dos seus respectivos móveis era a mais pura expressão do papel desempenhado pelos membros da família no interior de uma sociedade que adentrava o mundo moderno. Os papéis se individualizavam, tornavam-se mais específicos e se gravavam na distribuição do espaço privado. O dormitório do chefe de família - dotado de vários símbolos de poder, sendo um deles a mobília de compleição mais forte - próximo ao seu gabinete demonstrava seu poder não só material, mas também intelectual: "Ao homem destinou-se o gabinete, lugar com entrada independente, onde ele se isolava a fim de tratar de assuntos confidenciais. Era onde tanto a mulher quanto os filhos entravam na ponta dos pés, em sinal de respeito ao seu comando".[611]

A transformação adquire contornos mais acentuados em uma sociedade de passado escravista caracterizada pela tradicional repulsa ao trabalho e que, na passagem do século passava a cultivar o trabalho intelectual, continuando a reprovar o trabalho manual, entretanto. O fato já

---

[607] Idem, ibidem, p. 51.
[608] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 02/04/1910.
[609] O acabamento *biseauté* sobre o vidro refere-se ao tratamento especial sobre as suas bordas, que são lapidadas e polidas, conferindo sensação de leveza ao trabalho.
[610] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 02/04/1910.
[611] M. Cecília N. Homem, *O Palacete...*, Op. cit., p. 27. Espaços como o *fumoir,* o bilhar e a biblioteca eram de uso exclusivamente masculino.

havia sido observado por Sérgio Buarque de Holanda[612] e Gilberto Freyre[613] a respeito do papel do bacharel nessa transição.

Um outro aspecto que chama a atenção na divisão da casa é um dormitório exclusivo da *demoiselle*. A função da mobília nesse cômodo talvez fosse a de captar o momento exato da transformação da menina em mulher, a ocasião adequada para oferecê-la em casamento a algum outro membro da elite e, porque não, da própria família.

Dentre as transformações sofridas pelo partido das habitações de elite, no sentido de um traçado e uma organização interna mais burgueses, a cozinha talvez tenha sido o cômodo que maior influência estrangeira tenha sofrido. Em primeiro lugar porque arquitetos responsáveis pelas construções dos palacetes de elite, como Ramos de Azevedo, seguiam à risca a organização francesa da casa, respeitando a separação entre cozinha, copa e sala se jantar.[614] Em segundo, as modificações que acometem o espaço privado, no caso a cozinha, eram resultado de uma radical transformação no domínio das necessidades e dos hábitos de consumo, ambos influenciados profundamente pelo imigrante. No que concerne à arquitetura e organização do espaço privado, a presença daquele recai em particular sobre a limpeza das cozinhas e a diminuição das áreas de serviço, facilitando enormemente o trabalho doméstico e reduzindo o número de criados de que antes precisavam os casarões coloniais.[615] No âmbito das necessidades, as cozinhas realmente não precisam mais ser tão amplas porque, grande parte de suas tarefas é agora feita pelas indústrias nascentes, também criadas pela iniciativa estrangeira, que introduziu novos métodos de cocção, novas formas de preparar os alimentos, além da notável influência sobre a culinária. Os alimentos antes preparados em casa pelos métodos mais rudimentares, requerendo da cozinha um grande espaço, eram agora beneficiados fora de casa. Esse foi o caso da industrialização da banha de porco, começada em Sorocaba em 1882, sob iniciativa do Conde Francisco Matarazzo; do

[612] O autor usa o termo "praga do bacharelismo" para definir o fenômeno da ostentação do diploma. (Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil.* 26a edição. São Paulo, Cia. das Letras, 1995, p. 156).
[613] Freyre, *Sobrados e Mucambos...*, Op. cit., cap. XI, "A ascensão do bacharel e do mulato", pp. 573-631.
[614] "(...) nos grandes palacetes, as cozinhas ficavam no porão de alto pé direito, sendo ligadas à sala de jantar térrea através de pequena escada que desembocava num pequeno cômodo intermediário, sucedâneo da copa, que recebia o nome afrancesado de 'service'. Esse agenciamento naturalmente era copiado de modelos parisienses, como os desenhos de César Daly (...) [e] casas de Ramos de Azevedo". (Lemos, *Alvenaria...,* Op. cit., p. 68).
[615] Idem, ibidem, p. 87.

fabrico de queijos e manteigas, fossem importados,[616] fossem mineiros ou gaúchos; da produção de conservas, doces, lingüiças e carnes, pães, biscoitos e massas.[617] A comida enlatada ou em conserva, exclusivamente importada, passava a ser mais comumente divulgada nos jornais: "Os melhores gêneros alimentícios em latas e frascos são incontestavelmente os dos fabricantes *Crosse & Blackwell* (inglês) e *Phelipe Canaud* (francês). Encontra-se sempre um completo e variado sortimento (...) em casa de Mc. Nicol, Fox & Co. Rua José Bonifácio, 16".[618] No geral eram frutas, ameixas, abacaxis, sardinhas e frutos do mar.

Ao estrangeiro também coube a introdução do fogão aquecido a carvão, que, ao substituir os colossais fogões a lenha, poupou ainda mais espaço no interior das cozinhas. Logo, os fogões a carvão seriam substituídos pelos fogões a gás distribuído pela rede pública aos cuidados da canadense *Light*. E, se por um lado houve uma revolução nos sistemas de aquecimento e cocção dos alimentos, também ocorreria uma revolução em sua preservação, em especial a partir de 1900 com a chegada das geladeiras americanas e das máquinas de fabricar gelo.[619] Até então, a fabricação de gelo em São Paulo, conforme consta no *Almanaque da Província de São Paulo* de 1885,[620] era extremamente difícil, sendo necessário recorrer à importação do gelo norueguês, que custava 200 réis, quase o mesmo que uma caixa de fósforos Jopkings de 180 réis.[621] A chegada da geladeira facilitaria enormemente a conservação dos alimentos, mas, por longo tempo se preservaria como produto de consumo de luxo, restrito aos "(...) lares da burguesia (...) verdadeiro cofre com dispositivos de isolamento térmico internos, revestidos de folha de Flandres, capazes de manter quase 24 horas a pedra de gelo resfriando bebidas, conservando comidas".[622] O método do jirau, forma de conservar os alimentos com a fumaça do fogão, passaria a ser utilizado então exclusivamente pelos pobres.[623]

Em uma cozinha de vivenda abastada, poderiam ainda ser encontrados guarda-pratos com vidros, através dos quais se poderia ver alguma inscrição pessoal sobre as faianças; *étagères* com

---

[616] "Aviso aos conhecedores e às donas de casa. Para fazer *boa cozinha* é preciso *boa manteiga.* Manteiga pura extra de Isigny, de Bretel Frères em Valognes, França". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 15/02/1893).
[617] Lemos, *Alvenaria...,* Op. cit., p. 87.
[618] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 14/01/1893.
[619] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 09/01/1902.
[620] *Almanaque da Província de São Paulo.* São Paulo, 1885, pp. 210 e ss.
[621] Everardo Valim Pereira de Souza. "A Paulicéia há 60 anos". In *Revista do Arquivo Municipal.* São Paulo, vol. 202, pp. 117-126, 2004.
[622] Lemos, *Alvenaria...,* Op. cit., p. 90.
[623] Idem, ibidem.

tampo de mármore; mesa elástica (submetida a uma abertura que permite sua regulagem de acordo com o número de convivas); escalas americanas; trem de cozinha.[624] Menos úteis do ponto de vista prático, mas essenciais na configuração das hierarquias sociais, os cristais e porcelanas eram objetos bastante corriqueiros. Os cristais mais célebres, dos quais eram feitos cálices, taças e copos, eram os *christoffles*, boêmia e *baccarat,* encontrados, em São Paulo, na Casa Netter; as louças, porcelanas e faianças vinham de Sèvres, mas podiam também ser inglesas.

Igualmente ao acontecera com jirau e com os fogões à lenha, a classe mais abastada abandonava quase que completamente o uso da cerâmica diante da possibilidade de adquirir produtos mais requintados pela importação. As pequenas fábricas de cerâmica que surgiam em São Paulo na virada do século voltavam-se para o consumo das classes mais simples. Guardadas as devidas proporções, podemos dizer que as diferenças, que vão do estilo arquitetônico ao partido das habitações, passando à decoração, nasceram com o café. Foi este que primeiro permitiu a diferenciação do consumo a partir da importação de produtos e estilos mais elaborados. Até então, uma residência de classe alta, média ou baixa não apresentava diferenças significativas. Todas construídas em taipa, sem racionalização de espaços segundo suas funções, possuindo os mesmos utensílios domésticos e a mesma decoração rústica.[625] Do mesmo modo, todos conservavam seus alimentos pelo método do jirau, usavam cerâmicas e comiam exatamente as mesmas coisas.

Sobre este primeiro fato se encontra a primeira particularidade do nascimento da sociedade capitalista em contexto periférico: o luxo, durante o seu processo de transformação em luxo capitalista, somente pode ser adquirido pelo setor importador e jamais é produto da dinâmica interna ao capitalismo periférico em princípio de sua constituição. Nos países centrais, à proporção que a industrialização se consolida, as camadas superiores voltam-se para os produtos artesanais como forma de se diferenciar da massa que consome os produtos padronizados pela produção industrial. Trata-se de uma forma de preservação das estruturas tradicionais herdadas

[624] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 13/01/1903.
[625] "Foi o café que estabeleceu diferenças qualitativas entre essas residências ricas e as demais. Até então, as diferenças eram simplesmente quantitativas – as casas distinguiam-se só pelos seus tamanhos. A técnica construtiva era a mesma, os pormenores e arremates iguais, e isso dentro de antiqüíssimas tradições portuguesas". Tanto o sobrado da casa rica, como a casa terreira da classe média eram "levantados com a mesma taipa de pilão, cobertos com as mesmas telhas, guarnecidos com os mesmos caixilhos escuros ou rótulas caprichosas. O vidro nas janelas domiciliares praticamente foi o café que trouxe". (Lemos, *Alvenaria...*, Op. cit., p. 12)

do Antigo Regime que são incorporadas no interior da dinâmica capitalista e por ela conservadas e ressignificadas à luz de uma nova racionalidade.[626] Com o avanço do capitalismo, a mercadoria produzida artesanalmente recebe uma nova acepção e se torna luxo, sinônimo de distinção social e de *status.*[627] Em contexto periférico, em que não existe ainda industrialização maciça, nem uma tradição assentada sobre uma produção artesanal diferenciada, a única possibilidade de aquisição do luxo é pela importação. Durante o período colonial, isso já acontecia e era mesmo uma forma de aproximação entre a classe dominante na colônia e os fidalgos reinóis.

Com a consolidação do capitalismo em escala mundial, que passa da fase concorrencial à monopolista, o luxo, e, portanto, a diferenciação do consumo, recebem um novo sentido. Suas funções sociais não são mais as mesmas do período de transição do feudalismo para o capitalismo, embora já estivessem em embrião ali contidas em meio a tantas outras formas possíveis. A partir de finais do século XIX, abre-se a alternativa da aquisição do luxo pelo mercado, e isso, não somente em escala local, mas em escala planetária, em razão da revolução nos meios de transporte, desde a ferrovia até a marinha mercante, que fornecia também a oportunidade de viagens mais freqüentes à Europa. A revolução nos transportes, associada à revolução nas formas de comercialização, como os *grands magasins* que distribuem seus catálogos em todo o mundo, incentivava os grupos dominantes, oriundos de um novo arranjo social em concerto periférico, a deixarem de consumir os produtos que os tornavam iguais aos demais, como a cerâmica, por exemplo.

No Brasil, tal passagem é ainda mais importante se levarmos em consideração que, com o fim da escravidão e do Império, os antigos meios de nobilitação não eram mais válidos. Em contexto colonial, a diferença se assentava menos sobre o consumo e mais sobre a propriedade da terra e de escravos. O colono recorria ainda ao fato de pertencer à mesma comunidade imaginada que seus análogos fidalgos reinóis, o que os diferenciava completamente da massa de escravos e

---

[626] Arno Mayer. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime. (1848-1914).* Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

[627] "(...) les progrès de la mécanisation (...) vont permettre l'apparition d'un 'demi-luxe', d'un 'faux luxe', à moindre prix, destiné aux classes moyennes. L'âge moderne est contemporain du clivage entre, d'un côté, l'authentique, le hors série, le hors de prix et, de l'autre, l'imitation dégradée, standardisée, démocratisée des modèles". (Gilles Lipovetsky, Elyette Roux. *Le luxe éternel - de l'âge du sacré au temps des marques.* Paris, Ed. Gallimard, 2003, p. 49).

de brancos pobres presentes na colônia.[628] Durante a passagem para a República, a tradição lusa é desvalorizada porque é preciso um projeto nacional assentado em diretrizes próprias, logo, o português deixa de ser o diferente para ser um entre tantos outros imigrantes; a terra deixa de ser o único meio de enriquecimento e sua mercantilização não mais a torna fonte de nobreza; os escravos libertos não mais se constituem em instrumento de diferenciação. A classe aristocrática vivia o dilema de estar em uma sociedade em que as barreiras sociais se tornavam cada vez mais fluidas - em especial a partir da vinda do imigrante, do desenvolvimento da vida urbana e do aparecimento de novas formas de enriquecimento - ao mesmo tempo em que os antigos mecanismos de diferenciação desapareciam.

Portanto, em paralelo às oportunidades de mobilidade social trazidas pela vida urbana, urgia que se sofisticassem também os meios de diferenciação social. Além do abandono total por parte da elite de antigos padrões de consumo, comuns a todas as classes, e sua adesão ao padrão importado, houve uma segunda particularidade inerente ao nascente consumo capitalista em contexto periférico. É sabido que a dinâmica capitalista do consumo assenta-se sobre uma lógica de diferenciação e generalização, movimento este dado graças à consolidação da produção industrial de massa sobre bases capitalistas.[629] Na periferia do sistema capitalista, a relação entre consumo e industrialização é um tanto diferente, conservando, em certa medida, algumas funções típicas ao consumo de luxo do período de transição para o capitalismo.[630] Em primeiro lugar

[628] Milena Fernandes de Oliveira. "Diálogos enre Caminha e Frei Vicente do Salvador". Dissertação de Mestrado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, fev/2003.

[629] O primeiro autor a formular hipóteses sobre a dinâmica de consumo foi Thorstein Veblen, para quem a dinâmica de consumo era dada por intenções de emulação das classes mais baixas em relação às mais elevadas. (Thorstein Veblen. *A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições.* Trad. Olívia Krahenbuhl. São Paulo, Abril Cultural, 1983). Posteriormente, a emulação foi amplamente criticada e substituída pelo *trickle-down* de Simmel, base das teorias sobre a diferenciação enquanto princípio diretor da dinâmica de consumo, encontrada tanto na teoria de Bourdieu quanto na de Baudrillard: "Il n'y a pas de 'masse des consommateurs' et nul besoin n'émerge spontanément du consommateur de base (...). les besoins et les satisfactions filtrent vers le bas (*trickling down*) en vertu d'un principe absolu, d'une espèce d'impératif social catégorique qui est le mantien de la distance et de la différenciation par les signes. C'est cette loi qui conditionne toute l'innovation d'objets comme matériel social distinctif. *C'est cette loi de renouvellement du matériel distinctif 'du haut vers le bas' qui traverse tout l'univers de la consommation, et non à l'inverse (de bas en haut, vers l'homogénéité totale) l'ascendance des revenus*". (Jean Baudrillard**.** *La Société de consommation: ses mythes, ses structures*. Paris, Éditions Denoël, 1970, p. 82. Grifos nossos).

[630] As funções do consumo tipicamente de transição haviam sido transplantadas para as colônias juntamente com o imenso projeto colonizador perpetrado pela expansão marítima. A transição para o capitalismo no Brasil conservou algumas de suas bases permitindo o encapsulamento de alguns modos aristocráticos que atravessaram séculos e eram mesmo absorvidos pela fração ascendente de origem estrangeira.

porque a indústria não está consolidada e o movimento da produção não é auto-determinante.[631] Em segundo, a grande fonte da diferenciação do consumo, conforme já dito, é o setor externo. Em terceiro lugar porque, como se trata de uma economia agrário-exportadora, parte dessa relação entre consumo e indústria remete às transformações sofridas pelo campo, a partir das quais acontecem os desdobramentos capitalistas. A principal característica que o campo relega à dinâmica de consumo é o seu perfil aristocrático, que orienta não só o consumo das classes mais abastadas, mas também curiosamente daquelas que são absorvidas pelo mecanismo de ascensão social.

Seguindo estes três preceitos, a dinâmica da diferenciação-generalização na periferia adquire outros contornos, produzindo uma relação entre consumo-indústria particular. A presença de padrões de consumo importados excessivamente mais sofisticados do que aqueles que a indústria nacional consegue produzir abre a possibilidade de uma forte influência do consumo sobre a indústria, mais do que desta sobre aquele. É como se duas estruturas materiais, de tempos, velocidades e lógicas diferentes, fossem sobrepostas no momento do consumo. A industrialização torna-se restrita não somente porque não possui capitais próprios, tendo de depender sempre do setor agro-exportador, mas também porque, na ausência de tais capitais, restringe-se à produção de pentes, chapéus, tecidos, que, em sua maior parte imitam padrões estrangeiros, fontes de *status*.[632] O parque industrial torna-se cada vez mais fragmentado e sua integração é uma tarefa quase impossível, que somente poderia ser feita mediante homérica concentração de renda, inviável naquele momento. As formas de compensação encontradas, a imitação e a falsificação dos padrões estrangeiros, são produtos da lentidão da indústria nacional e de sua incapacidade em generalizar os padrões, que, na medida do possível, permite alinhar os dois tempos diferentes que compõem o consumo. Estes mecanismos escusos que promovem a generalização dos padrões de

[631] Um dos motivos que nos conduziu à escolha do consumo como objeto do estudo é o de buscar uma melhor compreensão sobre a dinâmica capitalista periférica, dentro da qual se enquadra a industrialização tardia. O papel desempenhado pelo consumo na transição periférica para o capitalismo explica muito do perfil dessa industrialização.

[632] O debate sobre industrialização restringida é referente aos anos 30 e posteriores. Para que não haja confusão, usamos o termo *industrialização restrita* já que tratamos de algumas restrições que lhe são impostas no momento primeiro da constituição do capitalismo periférico e não aquelas com as quais este se depara ao longo de seu processo de constituição. Portanto, poderíamos interpretar o termo aqui usado como uma "pré-noção", uma "arqueologia" daquele outro. Sobre o conceito de industrialização restringida, vide Sônia Regina Draibe. *Rumos e metamorfoses: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização do Brasil: 1930-1960.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

consumo no Brasil propiciam às camadas médias ascendentes a solução ideal para uma combinação entre seus recursos insuficientes e sua sede de *status.* A falsificação tornou-se uma das grandes problemáticas de finais do XIX, amplamente comentada nas correspondências dos cônsules estrangeiros. Não será tratada de forma extensa aqui por ser objeto do próximo capítulo.

Dessa forma, as cisões entre as classes, quando transpostas para a dimensão do consumo, não são expressas entre o consumo de um bem artesanal e o de um bem industrial de massa, mas entre o consumo de um bem estrangeiro, industrial ou artesanal, ao qual é reputado ótima qualidade, e o de um bem nacional, de péssima qualidade ou de origem duvidosa. O fato é muito bem expresso no caso da compra de tecidos por uma senhora de elite narrado por Jorge Americano: "'É estrangeira?' 'Não, é nacional' 'Ah, então não serve. O senhor acha que eu vou comprar fazenda nacional?' 'Temos estrangeira'. 'Ah, isso sim'. 'É que a senhora não tinha avisado' 'Mas não era preciso avisar, eu não estou fazendo compras para as criadas'".[633] À elite reserva-se o direito de consumir os bens importados de boa qualidade, enquanto que, para as classes menos abastadas restam os produtos nacionais. A estratificação do consumo não é feita em sua relação com as diferentes origens de um produto no interior de uma mesma estrutura produtiva, mas segundo sua origem seja estrangeira ou nacional.

Em resumo, são duas as particularidades da relação entre consumo e indústria na periferia. A primeira é a do abandono total de antigos padrões por parte da elite em favor do consumo de gêneros estrangeiros - que vão desde formas arquitetônicas até alimentos - que lhes confiram *status*. A segunda é quanto à forma que tem lugar a generalização de padrões, feita por meio de falsificações e imitações grosseiras. A segunda particularidade firma-se sobre lógica inversa à da particularidade anterior, qual seja, não se sustenta sobre o abandono de antigas formas por uma elite privilegiada, mas sobre a adesão aos novos padrões, ou melhor, aos seus similares, por parte das camadas médias ascendentes. Ambas compõem um único todo que é o consumo capitalista na periferia do sistema e sua dinâmica peculiar de diferenciação e generalização.

Nos anúncios de jornais, as imitações figuravam sem a menor parcimônia ao lado dos objetos autênticos. A voga da cópia, que estava por todos os lugares, não escapa à crítica acerba de um arguto observador como Machado de Assis, que se utiliza do exemplo mobiliário para ilustrá-la: "As nossas grandes marcenarias estão cheias de móveis ricos, vários de gosto; não há

[633] Americano, *São Paulo...,* Op. cit., pp. 80-81.

só cadeiras, mesas, camas, mas toda a sorte de trastes de adorno *fielmente copiados* dos modelos franceses, alguns com o nome original, o *bijou de salon,* por exemplo, outros em língua híbrida, como o *porte-bibelots"*.[634]

Frente a essa onda de falsificações, imitações e cópias, cabia então a algumas casas dar garantias da autenticidade do produto comercializado. Um dos depósitos mais importantes do período, a Casa Cypriano, afirmava virem os seus produtos diretamente das "melhores fábricas de Paris".[635] Outros, como o Nabor Jordão, abarrotavam seus anúncios com adjetivos como "luxuoso", "rico", "elegante", "esplêndido" e, não menos, "moderno", acentuando os materiais estrangeiros como os únicos capazes de portar todas essas características: "(...) sortimento de ricos e luxuosos móveis ingleses, franceses, americanos e japoneses para salão, casa de jantar, dormitório, gabinete e vestíbulo, tudo o que há de mais moderno, elegante e confortável. Ricas camas de extensão, banheiros armários com água quente e fria, (...) ricos espelhos dourados com vidros almofadados, (...) elegantes vitrines com lindo trabalho de *marqueterie*,[636] aparelho de *faiance* francesa e inglesa para almoço e jantar, lindos serviços de porcelana chinesa para chá, café e sobremesa, ricos panos de seda japonesa para mesa, lustres, lâmpadas com abajur de seda, alta novidade, bronzes, candelabros, vasos e lamparinas".[637] A cada nova onda difusora de produtos, fosse esta escusa ou legítima, uma nova diferenciação, viesse esta do discurso ou da prática.

Além das falsificações, a difusão de produtos restritos à elite para as camadas médias também se fazia a partir da importação de produtos de qualidade inferior, também imitações, embora originárias no próprio centro do sistema. São exemplos a arquitetura pré-moldada que, fundada em novas bases produtivas, pusera ao alcance de todos "símbolos de poder, riqueza e tradição, havia pouco exclusivos das elites",[638] e os utensílios banhados pelo método *electro-plate* (galvanoplastia), que consistia em dotar utensílios fabricados em metal não nobre de uma

---

[634] Machado de Assis. *A Semana,* 11/08/1895. In *Obras Completas de Machado de Assis.* Vol. II. São Paulo, W. M. Jackson Inc. Editores, 1959, p. 415.
[635] "Com grande sortimento de ricas mobílias para quartos das melhores fábricas de Paris, bem como lindos grupos de pelúcia para gabinetes e sala de visitas, ditos de carvalho forrado de couro para escritório. Grande coleção de quadros de óleo, espelhos, colunas, bronzes, móveis japoneses e muitos outros artigos de arte e fantasia". (*O Correio Paulistano.* São Paulo, 12/12/1895)
[636] Trabalho de escultura das arestas e dos cantos em que as paredes de um cômodo se encontram.
[637] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, jun./1893.
[638] Campos, *Nos caminhos da Luz...,* Op. cit., p. 25.

fina camada de prata a eles aderida por eletrólise. O método, também aplicado no fabrico de bijuterias, reduzia bastante o custo da produção dos objetos de decoração, que "por meio de cópias e imitações às vezes bastante grosseiras", estavam agora ao alcance de todos: "(...) a matéria vulgar e barata passaria a substituir, finalmente, a matéria seleta e de alto preço",[639] tornando-se, portanto, muito mais acessível ao consumidor comum.[640]

Diante dessas várias formas de difusão de padrões antes restritos à elite, processo que se tornava cada vez mais célere, era inadiável a criação de mecanismos de diferenciação estáveis. A velocidade com que os padrões se difundiam na nova ordem, aberta permanentemente à novidade vinda de fora, fosse gênero de alta ou de baixa qualidade, imitação ou artigo autêntico, não condizia com a mentalidade fortemente aristocrática que essa burguesia nascente ainda retinha na memória. Se, por um lado, essa classe desenvolvera uma racionalidade capitalista do ponto de vista econômico, ainda mantinha uma concepção estamental de sociedade. Florestan Fernandes explica o fato por uma necessidade em acomodar as estruturas capitalistas "incompatíveis com os fundamentos patrimonialistas da vida social e com os critérios estamentais da classificação social".[641] Embora os elementos modernos e os tradicionais fossem incompatíveis em alguns pontos, em especial no que se refere ao estabelecimento de uma ordem social competitiva, não o eram em outros: "Por isso, os estamentos senhoriais e suas elites mostravam-se atentos à modernização da economia no nível em que as estruturas econômicas da ordem social existentes estavam, a um tempo, adaptadas ao capitalismo e não eram afetadas por eles. (...) Nos demais níveis, iria prevalecer a face negativa e resistente, de reação seletiva e de 'filtragem desconfiada'(...)".[642]

O comportamento aristocrático frente ao consumo era generalizado no interior da elite, não importando se a origem da fração social residia na propriedade da terra, por meio da qual herdara essa visão social, ou do comércio. É o caso, por exemplo, das suntuosas construções erigidas na Avenida Paulista que em nada deviam em paramentos àquelas levantadas pela fortuna

---

[639] Idem, ibidem, p. 25.
[640] "L'époque voit déferler une masse de produits 'simili' - bijoux, accessoires de toilette, bibelots, statues, tapis, meubles, verreries, papiers peints, etc. - mis à la portée d'une clientèlte plus large, réalisés dans des matériaux moins riches e imitants des originaux prestigieux". (Lipovetsky, *Le luxe...*, Op. cit., p. 49).
[641] Florestan Fernandes. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica.* 5a edição. São Paulo, Globo, 2006, pp. 205-206.
[642] Idem, ibidem.

do café. Ao contrário, a intenção era a de fazer frente a estas últimas. Outro exemplo da absorção dos imigrantes enriquecidos pela racionalidade interna é o da festa de casamento promovida pelo Conde Francesco Matarazzo Jr. à sua filha, que ainda em 1945, fora considerada de um péssimo gosto incomensurável: "Muitos estrangeiros e paulistanos consideravam a alta burguesia local vulgar e exibicionista. Muitas das críticas eram dirigidas contra os novo-ricos imigrantes: em alguns círculos, a suntuosa recepção que Matarazzo ofereceu quando do casamento de sua filha Filly foi considerada de mau-gosto".[643]

Os comportamentos semelhantes entre as frações da classe dominante se explicam, aliás, pela forma como se dá a diferenciação no interior do processo de consumo em contexto periférico. Nesse processo, a perpetuação da mentalidade aristocrática se evidencia tanto na diferenciação da burguesia agrária em relação à comercial, como desta em relação às classes médias, e, ainda, das camadas médias em relação às suas inferiores. A despeito das origens diferentes, a lógica comportamental que rege o consumo em todas as classes e frações dispostas no conflito é a mesma. Assim se explica a existência de "dois Matarazzos" proposta por José de Souza Martins: "(...) permanentes discrepâncias de sentido entre o agir e o sentir, expressas em ambivalências de conteúdo, como a condição de empresário capitalista e a valorização de títulos nobiliárquicos, (...) o fato de ser imigrante valorizador do 'self-made-man', e o consumo ostensivo. Os dados sugeriram logo que havia dois Matarazzos: o 'interior' que se indicava pela 'etiqueta' de Conde; e o 'exterior', que era indicado pela 'etiqueta' de operário número 1 de São Paulo".[644]

Outra luz sobre o problema vem de Gilda de Melo e Souza, para quem, não é a posse de riqueza, mas sua demonstração que é importante em uma sociedade fortemente marcada pela

[643] "Foram 26 jantares em residências particulares, oito recepções, 16 ceias no Jequiti e sete do Roof, não falando de uma série de pequenos incidentes mundanos: coquetéis, chás com torradas, encontros formais, coisas assim". (Joel Silveira. *A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista.* Col. Jornalismo Literário. São Paulo, Cia. das Letras, 2003). O autor, jornalista nascido no Sergipe em 1918, muda-se para o Rio de Janeiro em 1938. A serviço do jornal semanal carioca *Diretrizes*, vai para São Paulo, onde passa a retratar os ricaços locais com a mais refinada ironia, que é o resultado de seu primeiro livro *Grã-finos em São Paulo*: "D. Odete casou-se com um homem muito rico. O que é mais, tem um sobrenome [Matarazzo], e os sobrenomes, quatro ou cinco deles, são donos de São Paulo. (...) Por trás dos sobrenomes, há um mundo incrível: centenas de fábricas, milhares de chaminés, milhares de motores, milhares de operários. Era um grupo terrível, avassalador. Com um gesto de mão, qualquer um deles poderia me aniquilar, me tanger longe, lá na rua". (Silveira, *Grã-finos...*, Op. cit.).

[644] Martins, *Conde Matarazzo...*, Op. cit., p. 45.

tradição,[645] fato evidente nesta crônica dos anos vinte: "Além do rico que é *snob* por inocência, sem pecado, há os *snobs* profissionais que se apuram em ingressar as personalidades obtusas no meio culto das nossas platéias, ostentando-se a si mesmos, como exposições ambulantes".[646] A despeito da ocultação dessa tradição sob um discurso modernizador insistente, ela se mostra viva a cada desdobramento: no traçado urbano que deixa transparecer o contorno colonial em meio às linhas haussmannianas; na reconfiguração comercial, quando algum mascate perambula pelo Triângulo; na lógica que rege o consumo, a despeito da mentalidade moderna que organiza os negócios.

Tal explicação casa-se ao proposto por Florestan Fernandes a respeito do caráter autárquico e patrimonialista da sociedade que provocava a abdicação, da parte dos grupos potencialmente burgueses, de seu *ethos* original em favor daqueles postulados pela tradição dominante.[647] Tal abdicação aparece na necessidade em entrar para as famílias tradicionais, em obter títulos nobiliárquicos, em construir suntuosos palacetes, enfim, em se fazer reconhecer socialmente, respeitando os meios legítimos da sociedade na qual se inseriam: "(...) os títulos talvez só servissem para propiciar bons casamentos, pois há pessoas enriquecidas que gostam de adquirir títulos de família, assim como muitos novos-ricos compram retratos de seus "antepassados" nos antiquários".[648]

Talvez tenham sido essas máscaras modernas de que se reveste a tradição e a confundem que levaram Richard Morse a caracterizar a sociedade brasileira como uma sociedade sem tradição. Para o autor, a prova cabal dessa ausência de personalidade seria a carência de um estilo próprio, observando-se, em seu lugar uma "miscelânea ostentosa de estilos – clássico, florentino, inglês, oriental, neocolonial etc."[649] Entretanto, essa profusão de estilos não demonstra a ausência de uma tradição, mas, ao contrário, a insistente tentativa em superá-la durante a longa passagem da colônia para a nação. No caso brasileiro, a reinvenção do passado coloca, no lugar dos elementos tomados à tradição ibérica, referências dos países ditos civilizados. A tradição está,

---

[645] Gilda de Mello e Souza. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. 5ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
[646] "Os *snobs* no teatro". In *A Vida Moderna.* São Paulo, 16/10/1924.
[647] Fernandes, *A revolução burguesa...*, Op. cit, pp. 98-99.
[648] Penteado, *Tudo em...*, Op. cit., p. 55.
[649] Richard M. Morse. *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole.* São Paulo, Difel, 1970. Edição revista e ampliada da obra *De comunidade à metrópole: biografia de São Paulo.* Trad. Maria Aparecida Madeira Kerberg. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

entretanto, ali, nas idas e vindas de uma modernidade que, na medida em que se utiliza dos elementos externos para se construir, reafirma contraditoriamente ainda mais o seu passado: "(...) uma elite que pretendia assimilar as mudanças em curso na virada para o século XX e, simultaneamente, preservar o *status* e privilégios. Em meio a profundas metamorfoses, essa elite procurava alimentar um sentimento de continuidade, mantendo hábitos aristocráticos e reforçando a tradição. Para se legitimar, espelhava-se na França e na Inglaterra, reconhecidas como paradigma de cultura superior na Europa. De lá tomava emprestados valores a ser imitados com o objetivos de construir uma imagem de si mesma a mais próxima possível do original franco-inglês".[650]

Assim, à medida que o capitalismo começa a dar, nas sociedades periféricas, seus primeiros passos, enceta-se, em paralelo, a construção de uma modernidade específica, sobre a qual a tradição herdada do período colonial exerce um papel bastante importante. A excessiva necessidade de demonstração de *status* - forma transmutada da tradição aristocrática assentada na terra, também herdada do período colonial - é fundamental para reafirmar a posição de suas elites em uma determinada divisão internacional do trabalho. A forma como o consumo aparece na periferia do sistema – que, neste momento, vivencia sua própria transição para o capitalismo – remete tanto à persistência da tradição colonial no interior de uma nação capitalista moderna em fase de constituição, quanto de sua função em uma nova ordem mundial.

Essa proposta da persistente tradição que é enleada a uma modernidade específica explica ainda por que motivo o estrangeiro é absorvido por esta lógica, apesar de, na aparência, ter-se a sensação de que é a sociedade brasileira que se submete passivamente aos modismos estrangeiros. Na sociedade paulista, o efeito demonstração deveria ser ainda mais poderoso devido à alta mobilidade entre uma e outra fração que quebrava a identidade entre riqueza e origens. Era comum proprietários de terra passarem às atividades comerciais e comerciantes comprarem terras para se dedicarem ao cultivo de café.[651] A conseqüência disso foi o

[650] Carmargos, *Villa Kyrial...*, Op. cit., p. 16. Um dos únicos coevos a apontar o problema do "desenraizamento cultural do país" fora Monteiro Lobato, que questionava o modelo de civilização adotado pela burguesia brasileira. (Idem, ibidem, p. 17).

[651] Dean, *A industrialização...*, Op. cit. Um dos personagens do romance de José Agudo, Coronel Rogério, compõe um desses tipos da sociedade paulistana, no caso, o do fazendeiro de café que se torna industrial, ativo participante da política paulista: "Proprietário de uma grande fábrica de tecidos, fazendeiro de café em Descalvado e sócio de

aparecimento de uma necessidade de demonstração generalizada, que pendia para o excesso ilógico de ornatos, combinações de gosto duvidoso que abarcavam desde a arquitetura até a indumentária: "Morava na Avenida Brigadeiro Luís Antônio em confortável palacete, que, um tanto pretensioso em suas linhas arquitetônicas e bastante espalhafatoso nas suas tonalidades picturais".[652] Para a construção civil, Monteiro Lobato sintetizou o fato na expressão "carnaval arquitetônico" e o mau-gosto não deixaria de ser retratado por estrangeiros, como Paul Walle: "Em Higienópolis, bairro novo, reunião de tudo o que São Paulo e o Estado possuem de mais rico e mais distinto, admira-se um grande número de casas suntuosas, vilas confortáveis e luxuosas. Na verdade, algumas destas construções são de um gosto mais ou menos bizarro".[653]

As soluções encontradas para a manutenção das fronteiras sociais entre uma classe e outra, em particular em um contexto em que as frações da classe burguesa se aproximavam com rapidez, são cada vez mais pessoais, mais aristocráticas, mais distantes do modelo burguês que pretende romper com isso. Por outro lado, a diferenciação não tem o tom impessoal e abstrato do existente em uma sociedade industrial que massifica padrões antes restritos porque não é feita pelo sistema, mas pela iniciativa particular, pessoal, familiar.

Uma dessas soluções pessoais adotadas pela fração de elite de origem agrária frente à vulgarização de seus símbolos seria a produção personalizada oferecida por alguns núcleos artesanais europeus, em particular franceses.[654] Estes núcleos se propunham a inscrever sobre os produtos as iniciais daqueles que os encomendavam, assegurando assim, tanto autenticidade quanto exclusividade ao seu portador. Esse foi o caso, por exemplo, de uma sopeira de porcelana encomendada à Sèvres pelo Comendador Francisco Paes de Barros, que teria suas iniciais gravadas em sua base. Tais inscrições constituem um registro expressivo da maneira como se constitui a individualidade em contexto periférico e como seus caminhos e descaminhos podem

---

importante casa comissária em Santos, fora candidato a um alto cargo de eleição". (José Agudo. *Gente Rica - Scenas da Vida Paulistana.* São Paulo, Typ. Edit. "O pensamento", 1912, p. 89)

[652] Agudo, *Gente...*, Op. cit., p. 88.

[653] Paulo Walle. *Au Pays de l'Or Rouge - l'état de São Paulo (Brésil): ses ressources, ses progrès, son avenir.* Paris, Augustin Challamel, 1921, p. 54.

[654] Segundo Landes, a industrialização francesa não se deu pelo sacrifício das pequenas propriedades que cederiam lugar à grande indústria, mas, ao contrário, deu-se pela preservação daquelas. (David Landes. *Prometeu Desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental, desde 1750 até nossa época.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994).

ser captados pelo consumo. O mesmo se dá com roupas e acessórios, que serão vistos no próximo item.

A construção da individualidade específica ao capitalismo periférico caracteriza-se mais pela pessoalidade manifestada sobre a concretude das posses e menos pela abstração que caracteriza o indivíduo, embora, a resultante final não deixe de se encaixar nos pressupostos universais de sua configuração. A respeito de como tal processo se dá nos estilos arquitetônicos, diz Eudes Campos:

> "(...) desde o final da Idade Clássica, tornara-se a 'expressividade simbólica' um verdadeiro postulado da arquitetura internacional. Por intermédio da teoria do "caráter" dos edifícios, à Arquitetura passou a ser reconhecida a capacidade de transmitir idéias abstratas, sentimentos e valores que jaziam num nível muito acima de sua realidade material. Segundo os teóricos, o gênero que mais se prestava a expressar os sentimentos sociais e morais do homem era a arquitetura doméstica. Assim, as construções residenciais deviam não apenas exprimir certo ideal de domesticidade, como também servir de meio para que os proprietários manifestassem sua necessidade de afirmação pessoal e de evasão sentimental".[655]

O trecho acima explicita como alguns pressupostos universais, no caso, os da arquitetura moderna, acabam por se conciliar com as necessidades das elites locais. O excesso de refinamento, permitido pelo ecletismo do estilo, é um importante elemento dessas construções, que expressam, não somente uma maneira específica de constituição do espaço privado frente ao público, "um ideal de domesticidade", mas invocam o respeito e admiração que devem ser prestados ao seu proprietário que ali expressa livremente sua "necessidade de afirmação pessoal e de evasão sentimental".

Com a organização de interiores não era diferente. O excessivo rebuscamento, necessário para marcar as clivagens sociais, estava sempre presente. Eram veludos, filós, véus, franjas,

[655] Campos, *Nos caminhos...,* Op. cit., pp. 25-26.

tantos tecidos e ornamentos que tornavam confusa a linguagem espacial do interior das casas burguesas: "peças de tapetes aveludados para salas e corredores; peças de finos tecidos para cobrir móveis, ditas de filó inglês para cortinados, braçadeiras, franjas e diversos tecidos à fantasia para ornamentação".[656] Os bronzes, níqueis e dourados eram usados abundantemente nos paramentos e acessórios como forma de não colocar em dúvida o pertencimento social de seus possuidores: "Atraíram-me a atenção bronzes de Barbedienne, expostos em uma vitrine interior. Alguns eram reproduções dos que eu possuo, o hoplitódromo conhecido por gladiador Borghése, a Vênus de Milo, a Vênus de Salona: outros eu ainda não conhecia, o menino da cesta, por Barrias; a bacante do cacho, por Clodion. Que bronze adorável este; que verdade nos panejamentos! Que morbidez suave de postura.! No rosto o metal parece ter o emaciamento, a transparência fosca da pele viva. Os olhos como se cerram em um êxtase de volúpia...".[657] Em uma passagem sobre o casarão Penteado, Sérgio Micelli também deixa claro que, apesar de possuir todos os trastes necessários a uma família de elite, não se conseguia "discernir, de imediato, as feições dessa variedade de objeto, dispostos conforme uma estética peculiar, que hoje mais se assemelha ao visual saturado característico de uma loja de antiguidades".[658]

Segundo Baudrillard, o excesso de brilhos e vernizes seria uma das forma de expressão da burguesia e do seu *ethos*: "(...) uma ética da proteção, do cuidado e da limpeza, convergente com o ritual disciplinar do enquadramento".[659] Entretanto, se a ética da qual fala Baudrillard é a ética do trabalho que se denuncia no ritual doméstico do polimento, do verniz, do brilho, a ética burguesa presente na sociedade capitalista periférica em formação não é a do trabalho, mas a de sua negação. Ou então a ética da afirmação de um novo trabalho, não feito com as mãos, já que este continua a ser relegado a brancos pobres, a ex-escravos e aos imigrantes recém-chegados. Em lugar do enquadramento e da simetria, da ordem moral da propriedade e da correção, propostos por Baudrillard, o que se vê é, ao contrário, o *ethos* da beleza e do ornamento, *ethos*

---

[656] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 17/02/1897.
[657] Ribeiro, *A Carne*, Op. cit.
[658] Miceli, *Nacional...*, Op. cit., p. 77. "A decoração doméstica abrigava todos os componentes simbólicos indispensáveis a um interior de luxo: móveis Luís XV, porcelanas, cristias, pratarias, *chinoiseries,* espelhos venezianos, peles de felinos, tapeçarias de Aubusson, estatuetas, bustos, paisagens, pinturas, esculturas, retratos familiares". (Idem, ibidem).
[659] Jean Baudrillard. "A moral dos objetos. Função-signo e lógica de classe". In *Semiologia dos objetos.* Seleção de ensaios da revista *Communications*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1972, p. 63.

típico da burguesia em ascensão.[660] A combinação entre formas novas de afirmação burguesa – o verniz, a higiene, o polimento – a um *ethos* tradicional, que valoriza o paramento, a aparência, o gasto, dá-se em razão da superposição, em contexto periférico, de dois tempos: o tempo célere da economia-mundo capitalista e o tempo da sociedade tradicional sobre a qual o capitalismo se sobrepõe. O primeiro chega pelos produtos industriais, pelas novas modas, pelas novas idéias; o segundo se conserva nas contradições geradas pelo movimento social que insiste em preservar antigas estruturas.

Essa tese se expressa claramente na construção das moradas de elite. Se por um lado, as casas se aburguesavam do ponto de vista de sua divisão, num crescendo de especialização de espaços, por outro, mantinham-se fortemente aristocráticas quanto à sua decoração, resultado de um gosto especificamente paulista de qualidade um tanto duvidosa: "Naturalmente, foi uma produção de gosto muito discutível e, embora essa miscelânea eclética não nos encante, não podemos negar a sua importância como verdadeira expressão artística representativa do gosto da classe média cafezista. (...) Toda casa que se prezasse deveria possuir grades, gradis, cancelas, portões e portas, guarda-copos e grimpas (...). Dobradiças trabalhadas e maçanetas de bronze fundido. Lambris e forros artesoados, planos de lavoras entalhados inspirados na decoração renascentista. Estofados e móveis incríveis, nas madeiras mais finas, em 'puro estilo provençal'. Mosaicos, estuques, escaiolas variadíssimas, molduras, gregas e festões de gesso decorado".[661]

Podemos agora compreender porque o *art nouveau* foi tão bem acolhido entre os membros da elite paulistana. Afinal, proporcionavam, a um só tempo, a modernidade e a possibilidade de afirmação pessoal por meio de contornos originais e marcantes. Esse gosto pelas formas naturais por parte da elite não tem nada de natural, mas decorre, ao contrário, da possibilidade da generalização de padrões proposta pela indústria nascente e do risco de indiferenciação entre as classes por esta engendrado.[662] Pelo mesmo motivo, valoriza-se o gosto pelo antigo, obviamente não o antigo que remeta às raízes coloniais, mas o antigo cultivado junto

[660] Baudrillard, "A moral...", Op. cit., p. 64.
[661] Lemos, *Alvenaria...*, Op. cit., p. 68.
[662] Ressaltamos que as idéias trabalhadas pelo autor no texto em que discute a moral dos objetos advêm da reflexão junto ao processo de consumo ocorrido nas sociedades européias contemporâneas e não em sociedades capitalistas em formação. Selecionamos somente as afirmações de caráter geral que tratam do processo de diferenciação da burguesia que se consolida frente às demais classes, informações que não se comprometeriam quando transpostas para outros períodos históricos. As devidas incoerências foram citadas sempre que possível. (Baudrillard, "A moral....", Op. cit., p. 66).

à tradição secular européia que permita a invenção de um passado coerente com um projeto de nação civilizada segundo ansiado pelas elites: "(...) o gosto pelo antigo é característico do desejo de transcender a dimensão do êxito econômico, de consagrar em um signo simbólico, culturalizado e redundante, um êxito social ou uma posição privilegiada. O antigo é, entre outras coisas, o êxito social em busca de uma legitimidade, de uma herança, de uma sanção nobre".[663]

Alguns dos traços que caracterizam o tipo ideal burguês eram menos encontrados na classe dominante do que na classe média que, em razão da falta de recursos, levava uma vida menos cheia de regalias, embora, quando possível, ostentavam um ou outro luxo. Enquanto os ricos habitavam os Campos Elíseos, Higienópolis e a Avenida Paulista, a gente média habitava a Vila Buarque, Vila Mariana, Aclimação, Ipiranga, Cerqueira César, Vila Romana, Pompéia, Sumaré, todos os bairros praticamente fora do perímetro urbano cidade. As casas eram bem menores que os palacetes; tinham o pé direito de 4,50 a 5,50 metros de altura e possuíam um saguão, uma sala de visitas, uma sala de jantar, alguns quartos, copa, cozinha, banheiro, quarto de criadas e quintal, sem os jardins imensos que caracterizavam o solar de elite. As paredes da sala eram forradas de papel com tons mais suaves que oscilavam entre o verde e o bege, às vezes estampados com "caçadas, patos e perdizes suspensas pelos pés, ou frutas".[664] Os quartos tinham a cor "azul, rosa ou verde-claro, com flores".[665] Os tapetes eram de fabricação mecânica, jamais artesanais como os *gobelins* e os tapetes persas das casas endinheiradas. Apresentavam ainda as casas de recursos médios os pouco elegantes "oleados de linóleo na sala de jantar".[666] A mobília não era muito farta: um único canapé de palhinha no saguão; na sala de visitas, em lugar dos suntuosos móveis estilo Luís XIV e *art nouveau*, predominavam os de estilo Império, bem menos impressionantes; um único lustre de cristal pendente do centro. Como não poderia deixar de ser, havia também um piano com uma banqueta e a estante para álbuns de música. Havia uma vitrina com bibelôs, dentre os quais predominava o *biscuit*, e onde raramente se viam porcelanas de Sèvres, muito mais caras; uma mesinha de centro "com toalha bordada e um vaso de porcelana com flores".[667] Na sala de jantar, um *étagère,* acima deste, duas gavetas sobre as quais pousava

[663] Idem, ibidem, p. 62.
[664] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., pp. 52-53.
[665] Idem, ibidem.
[666] Idem, ibidem.
[667] Idem, ibidem.

uma laje de mármore, onde ficavam as compoteiras, fruteiras e o licoreiro, com não mais que duas qualidades de licor. As portas do armário superior eram de vidro *biseauté*. Em algum outro canto ficava o aparador com superfície de mármore. Os quadros sobre as paredes eram geralmente vulgares, "com motivos comestíveis, ou a Ceia de Cristo".[668] Nada de extraordinário.

Com a vinda do imigrante, a classe média cindiu-se, na verdade, em duas: uma nacional e outra fluida que se forma com a vinda do imigrante e que se esvai na sua passagem para as camadas superiores, nas quais é sorvido pela mentalidade ali disseminada: "uma nacional preconceituosa e outra francamente voltada às novidades e ambas com elementos tanto situados à beira do proletariado como bem próximos da elite endinheirada composta de velhos fazendeiros e de recentes imigrantes saídos vitoriosos de empreitadas comerciais como a mascateagem, ou indústrias iniciadas com suas próprias mãos calejadas".[669] A multiplicidade de soluções arquitetônicas e de distribuição do espaço interno adotadas pela classe média demonstram sua dubiedade, hesitanto entre os motivos mais sóbrios e os mais exagerados. Afinal, era evidente a intenção imitativa da média burguesia em relação à alta, explícita nos motivos arquitetônicos: "Imitações reduzidas, mas que desejam manter aparências. Diríamos uma arquitetura ilusória, que arremeda a outra, mas que nessa emulação vai propiciando aos poucos o nascimento de uma linguagem própria, que representa a média das expectativas estéticas do segmento mediano da sociedade. Define-se uma expressão, um gosto, ou uma falta de gosto, como queiram. Quase sempre uma arquitetura insossa, bem comportada, que resignadamente diz-se inspirada na arquitetura dos ricos".[670] Bastava, contudo, que a ascensão social se concretizasse para que suas reais intenções se deslindassem.

Novamente, se o desejo da imitação se explica, economicamente, pelo dinheiro acumulado na indústria ou no café,[671] sua justificativa mais geral remonta às raízes históricas coloniais. A dinâmica da diferenciação e generalização de que é dotado o consumo no interior do capitalismo apresenta, em arranjo periférico, algumas particularidades que são moldadas por essas heranças que entram na configuração da modernidade periférica. Enquanto a diferenciação

[668] Idem, ibidem.
[669] Lemos, *Alvenaria...*, Op. cit., p. 12
[670] Idem, ibidem, p. 13.
[671] "O novo dinheiro da indústria somado à abastança do café foi criando, aos poucos, na classe média também, o desejo de manifestações qualitativas na sua produção arquitetônica". (Lemos, *Alvenaria*..., Op. cit., p. 16).

é dada pelo setor externo, a generalização é débil porque não se encontra assentada em uma indústria plenamente constituída, mas em mecanismos escusos, como a falsificação e a imitação grosseira. O resultado é a intensificação dos personalismos, dando às classes um cunho cada vez mais aristocrático e menos burguês, isso mesmo na camada mediana.[672] Ressalte-se ainda que a lógica de família, claramente vista na distribuição espacial dos palacetes pelos bairros nobres, estava também presente entre os membros dessas novas classes, que contribuíam para a perpetuação dessa lógica clânica.

4.2 Trajos, acessórios e divisões de classes

As divisões sociais expressas pela moda, embora regidas pela mesma lógica de diferenciação e generalização que atravessa a arquitetura urbana e o mobiliário, apresentam algumas minúcias não tão evidentes naqueles. A primeira razão de porque isso acontece é devido ao caráter particularmente individualizador da moda moderna, que, segundo Georg Simmel: "satisfaz igualmente a necessidade de distinção, a tendência para a diferenciação, para mudar e se separar. E este último aspecto consegue-o, por um lado, pela mudança dos conteúdos, que marca individualmente a moda de hoje em face da de ontem e da de amanhã, consegue-o ainda de modo mais enérgico, já que as modas são sempre modas de classe, porque as modas da classe superior se distinguem das da inferior e são abandonadas no instante em que esta última delas se começa a apropriar".[673] A segunda razão relaciona-se com a dinâmica do capitalismo nascente em contexto periférico. Nesta última, dois são os fatos evidenciados pela moda. O primeiro se refere à separação de um grupo intelectual, filho da elite de base agrária, em relação a suas gerações anteriores, consideradas arcaicas, provincianas e incultas. O segundo é o de um maior

[672] "(...) o personalismo expresso nas construções particulares dava aos proprietários um sentimento agradável de alto *status.* Sempre, de um jeito ou de outro, era desejável uma diferenciação dos domicílios". (Idem, ibidem)

[673] Georg Simmel. *A Filosofia da Moda e outros escritos.* Coleção *Biblioteca Universal.* Trad. Artur Morão. Lisboa, Edições Texto e Grafia, 2008. O autor, que foi o primeiro a trabalhar sobre a dinâmica da diferenciação/generalização que caracteriza o consumo moderno, acrescenta: "Por isso, a moda nada mais é do que uma forma particular entre muitas formas de vida, graças à qual a tendência para a igualização social se une à tendência para a diferença e a diversidade individuais num agir unitário". (Simmel, *A Filosofia...*, Op. cit.). Em "Psicologia do adorno", continua a idéia da individuação a partir dos acessórios: "O adorno aumenta ou amplia a impressão da personalidade, porquanto atua, por assim dizer, como uma emanação sua. Por isso, os metais reluzentes e as pedras preciosas foram, desde sempre, a sua substância; são «adorno» num sentido mais estrito do que a indumentária ou o penteado, os quais todavia também «adornam»". ("Psicologia do adorno". In *A filosofia da moda e...,* Op. cit., p. 61).

distanciamento entre a fração de elite de bases agrárias e a fração de origens estrangeiras que ascende socialmente, diferenciação essa não tão clara nos palacetes construídos por uma e outra.

Ambos os aspectos não podem ser compreendidos separadamente um do outro por se tratar de partes de um mesmo fenômeno social, que é o da diferenciação e equalização entre as classes, expressas no consumo. Grande parte da explicação da distinção mais manifesta no que concerne às vestimentas reside na produção arbitrária de desníveis por parte de uma fração de classe que oscila contraditoriamente entre a admiração incondicional que devota ao estrangeiro e o medo de que este lhe ofusque o brilho uma vez participante do mesmo jogo social. Afinal, o maior receio da elite tradicional era o de ser confundida com essa leva de imigrantes, vista como desclassificada, endinheirada e aparvalhada. Diante da rapidez com que se dava a mobilidade na sociedade paulista, a elite de base cafeicultora tentava, então, permanentemente provar que era culta, cosmopolita e de gostos mais depurados que os *nouveaux riches.* A prova cabal dessa produção social de diferenças atinge seu ápice com a invenção do termo "quatrocentão"[674] contraposto ao estereótipo do italiano criado por Juó Bananére, o *gazúa*[675] ignorante, falante do mau português, portador do velho casaco esfarrapado mal-cheirando a suor e sempre motivo de chacota:

"Dissta maniéra in tuttas parte insgugliambádo
O Dudú pobri goitado
Apparedia un cão sê dono.
Tuttos giurnale só xamava illo di vacca
Di gretino, urucubacca,
Di goió, gara di mono.
Imbax'o dos assubio
Vivêa o Dudú nu Rio".[676]

[674] A partir de 1913, a elite tradicional passou a se autodenominar preceptora do legado de João Ramalho, sobre o qual se construíra todo um passado mítico de grandes conquistas e desbravações. Em 1976, quando escreveu o prefácio do livro de Yolanda Penteado, da família Guedes Penteado, Gilberto Freyre a conclama, a certa altura, legítima descendente do aventureiro paulista: "Quando menos se espera. aponta aí o João Ramalho, seu multiavô insigne, que, em 1562 não quiz ser vereador nesta vila, por se achar homem velho, para lá dos 70 anos. Isso combina mal com outro dito do mesmo João, quando em 1570 afirma ter mais de 80 anos de assistência na terra, e pessoas menos avisadas têm concluído daí que chegou ele a São Vicente antes de Cristóvão Colombo descobrir a América". (Penteado, *Tudo em...,* Op. cit., p. 3).

[675] A gazúa é o grampo, arame, chave falsa ou qualquer outro instrumento usado para abrir uma porta.

[676] Juó Bananére (Alexandre Ribeiro Marcondes Machado). "O Dudú- c'oa cabocla do Caxangá". In *A Divina Increnca.* São Paulo, Editora 34, 2001, p. 20.

Ou ainda, o estereótipo do sujeito que nunca sabia se portar, pecando sempre pelos gestual excessivo e a palavra falada alto demais:

"Boanotte Raule! Io vô s'imbóra!
Boanotte, boanotte, ó Bananére...
Boanotte, Raul! é molto tardi...
Ma non mi aperti a mó dista maniéra.

Boanotte io digo i tu mi dize, boanotte!
Ma non basta só isso non signore...
Raul! mi impresta duzentó p'ru bondi,
I non scugliamba dispois faccia o favore".

A visão que a elite de base agrária tinha de si mesma guardava estreita relação com a visão que tinha do trabalho. Tal visão remontava à sociedade colonial escravista cujos fundamentos tinham sido preservados pela transição para o capitalismo que se fez sobre as algumas das mesmas bases em que aquela se sustentava. Durante o processo de constituição do novo sistema produtivo, o culto ao ócio foi substituído pelo culto ao intelectual, identificado por Sérgio Buarque de Holanda, como tendo uma natureza semelhante à daquele: "A dignidade e importância que confere o título de doutor permitem ao indivíduo atravessar a existência com discreta compostura e, em alguns casos, podem libertá-lo da necessidade de uma caça incessante aos bens materiais, que subjuga e humilha a personalidade".[677] O trabalho manual continuou, portanto, a ser condenado e o enriquecimento sobre suas bases não dignificava o trabalhador, mas, ao contrário, maculava-o. Em sua maior parte, os ofícios manuais eram executados pelos estrangeiros que não impunham barreiras culturais à sua execução: "Poucas pessoas haverá na nossa terra que queiram sujeitar-se a qualquer ofício considerado inferior, e não pode haver maior prova do bem estar geral do nosso povo, além de que é a única explicação possível do franco prosperar de todos os estrangeiros que para aqui vêm desenvolver sua atividade".[678]

O fato não passaria em branco pela crítica dura de Monteiro Lobato: "Arredou, assim, o brasileiro, das profissões manuais, da indústria e do comércio, entregues ao elemento alienígena, e marcou-lhe a giz, como campo único para o exercício de suas energias e o só compatível com

[677] Holanda, *Raízes...*, Op. cit., p. 157.
[678] Agudo, *Gente Rica...*, Op. cit., p. 137

sua dignidade, o funcionalismo público, as profissões liberais, a política e o feitorismo (...) comércio: coisa de português e italiano; trabalho manual: coisa de negro".[679] E, a Ina Von Binzer, preceptora alemã contratada pelos Prados, a atitude refratária do brasileiro em relação ao trabalho, causava a mais completa incompreensão: "Não pode existir aspecto mais alucinante do que esse, do milharal crescendo viçoso e pujante na selvagem desordem dos destroços sapecados ou inteiramente carbonizados. Em nossa terra, é impossível fazer-se idéia de tamanha confusão, nem tal esbanjamento".[680]

As observações tanto de Lobato quanto de Binzer expõem o comportamento peculiar a uma ética burguesa avessa ao trabalho, ao invés de propensa a ele. Na verdade, seriam duas as éticas a perpassar a classe dominante, uma vez que frações de origens diferentes guardavam posturas diferentes em relação ao trabalho. O imigrante não se oporia ao trabalho manual porque provinha de uma cultura em que alguns destes ofícios, realizados por gerações familiares a fio, eram dignificantes e não degradantes. Por outro lado, a predisposição do estrangeiro para a realização de tais trabalhos acabaria por perpetuar o horror ao trabalho manual que contaminava mesmo as últimas gerações da aristocracia tradicional, para quem, a licitude da riqueza acumulada pelo estrangeiro era, no mínimo, duvidosa.

Duas frações burguesas, duas éticas, que se manifestam em três tipos de trajos, já que, ao intelectual cabia vestir-se de maneira ainda mais diferenciada que apontasse para sua posição de distanciamento total em relação ao trabalho. Distante dos ofícios manuais, o *doutor* era a maior preciosidade de toda família cafeicultora porque perpetuava a sua nobreza de uma forma ainda mais sublime. Esse é o estereótipo de Zezinho, personagem de *Gente Rica,* formado bacharel unicamente pelos caprichos do pai que sempre sonhara em ter um "filho doutor para a honra da

---

[679] José Bento Monteiro Lobato. *Mundo da lua e miscelânea*. São Paulo, Brasiliense, 1948, vol. X, pp. 142-3.

[680] Ina Von Binzer. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil.* Trad. Alice Rossi e Luisita da Gama Cerqueira. 6a edição bilíngue. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994, pp. 34-35. A educadora alemã esteve no Brasil entre os anos de 1881 e 1884, dividindo-se entre Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, onde dedicou-se aos cuidados das crianças da família Prado, Caio, Plínio, Lavínia Cordélia e Clélia. Usando o pseudônimo de Ulla von Eck, escreveu uma série de cartas para a amiga Grete na Alemanha demonstrando a sua mais profunda incompreensão dos costumes brasileiros. Nas cartas, faz-se ligeira correlação entre a insubmissão ao trabalho manual e a necessidade em se importar tudo: "O artesanato é pouco comum aqui, sendo raro encontrar-se entre os brasileiros um artesão; os poucos disponíveis são alemães, portugueses, italianos. Esta falha encarece demais a vida, pois só se podem adquirir coisas já feitas, sem se contar com a possibilidade de conservá-las à custa de ocasionais consertos e reformas". (Binzer, *Os meus romanos...*, Op. cit., p. 110).

família",[681] embora jamais tivesse exercido o ofício, o que demonstra o forte simbolismo em torno da posse de um diploma.[682] Para Maria Helena Bueno Trigo, o diploma, assim como os títulos nobiliárquicos, fazia parte do conjunto das estratégias de reprodução social do grupo cafeicultor.[683] Alguns trajes eram de uso exclusivo dessa nobreza de diploma: "Zezinho, em duas coisas, aproveitava positivamente a olhos vistos: era no vestir com apuro e esbanjar o cobre do velho. (...) alguns dos seus colegas, mais ricos de intelecto e muito menos providos de recursos materiais, quando ele saiu da solenidade da colação de grau, murmuraram, ao vê-lo passar, todo glabro no rosto e todo correto na sua impecável casaca: 'Este é um ilustre bacharel em roupas'!"[684]

A diferenciação já começava durante a colação de grau, uma passagem de relevo na vida do bacharel, lembrada eternamente pelo trajo portado na ocasião: "(...) fraque 'mescla', colete com fímbria de fustão branco na gola, gravata com pérola, calça cinza listrada, luvas de camurça, polainas de camurça ou botinas de abotoar, cartola de seda, bengala com castão de ouro".[685] As festas dadas pelas famílias na ocasião em que um de seus filhos colava grau era também de extrema importância e diretamente proporcional ao desejo de ostentação do fato. Jorge Americano narra que, durante o período compreendido entre 14 de dezembro de 1912 e 15 de janeiro de 1913, havia ido, em função da colação de grau de seu grupo, "(...) a 15 festas sucessivas, todas em casaca ou smoking"![686] As regras de combinação de trajos eram bastante rígidas: "(...) quando em smoking usava-se chapéu duro, ou palheta no verão, e cravo vermelho no peito; todo o mais, como com a casaca".[687] Os acessórios usados com esta última eram faustosos: "(...) *scarpins* (sapatos rasos, de verniz); *chatelaine* (corrente de relógio que pendia para fora), com medalhão em ouro, colocado o relógio no pequeno bolso à cintura da calça, do

[681] Agudo, *Gente Rica...*, Op. cit., p. 90.
[682] "As nossas academias diplomam todos os anos centenas de novos bacharéis, que só excepcionalmente farão uso, na vida prática, dos ensinamentos recebidos durante o curso". (Holanda, *Raízes...*, Op. cit., p. 156).
[683] Maria Helena Bueno Trigo. *Os paulistas de quatrocentos anos. Ser e parecer.* São Paulo, Annablume, 2001, p. 15.
[684] Agudo, *Gente Rica...*, Op. cit., p. 91. A dinâmica do romance é dada por estereótipos da sociedade paulista incorporados nos personagens: Leivas, o ascendente, Juvenal, o rico tradicional; o velho coronel cafeicultor, Coronel Rogério e seu filho janota, Zezinho; Júlio, o comerciante que sempre quis ser bacharel; o italiano Alexandre Rossi, que transforma a própria mulher em *cocotte*, para com ela fazer fortuna; Dr. Orthépio Gama, membro da elite política, admirador caricato da França.
[685] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 442.
[686] Idem, ibidem, p. 443.
[687] Idem, ibidem.

lado esquerdo; cravo branco à botoeira da lapela; lenço de *baptiste* com iniciais no lado esquerdo do peito; corrente de platina, prendendo chaves, pendente do botão direito do suspensório, e enfiada no bolso direito da calça".[688]

No dia-a-dia, a velha casaca, usada então pelo bacharel e pela nascente classe média indiferentemente, seria aposentada: "Já nem se vê a tão usual, outrora e aristocrática jaqueta de cauda ambulante (como a denominava um colega meu), a casaca. Há 30 anos, todos nesta cidade, salvo exceções, usavam casacas (...), não se a dispensava quando se ia ao teatro, ao passeio, ao júri, às repartições públicas, a toda parte enfim, e até quando se passeava a cavalo. O estudante não prescindia dela para ir às aulas; e como não ser assim se quando se chegava à entrada da Academia já se encontrava o porteiro, o C. Godinho, de casaca, de casaca os bedéis Mendonça, Firmino e Fortunato, de casaca os Lentes?". [689] Em seu lugar, apareceria o fraque - não o mesmo das recepções sociais, geralmente muito mais elegante-, mas o fraque de todo dia indispensável ao intelectual para diferenciar-se dos comuns, da "turba": "Um poeta de casaca pode fazer um soneto de anos, ou uma epístola em louvor da vacina, mas é-lhe indispensável pelo menos um fraque para soltar com entusiasmo o verso apaixonado; um orador de casaca pode fazer um elogio acadêmico muito suportável. Mas desafio o próprio Castelar a arrojar de casaca a turba, que o escuta ansiosa, as torrentes de fogo de sua eloquência tribunícia".[690] E, mais para frente, conclui essa epopéia da casaca fazendo uma leve suposição sobre os seus usos sociais, uma associação entre os valores do homem que porta o trajo e a moda, insinuando que a casaca deixara de representar os valores mais dignos da pessoa humana, na verdade, do intelectual, perdendo, então, seu sentido social: "O que me parece é que antigamente geralmente se supunha ser a casaca o ornato, que dava elegância à figura, o característico do homem de bom tom, e talvez alguém acreditasse que ela eliminasse todos os defeitos do espírito e do corpo, e tornava o indivíduo correto em todos os sentidos, *de maneira a ser quem a enfiava um cidadão apreciável na sociedade*".[691]

---

[688] Idem, ibidem.
[689] Firmo do Albuquerque Diniz (Junius). *Notas de Viagem.* (1882). Coleção Paulística, vol. V. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1978, p. 7.
[690] Junius, *Notas...*, Op. cit., p. 40.
[691] Idem, ibidem.

Se os excessos de rebuscamento dos palacetes marcavam a um só tempo a tradição aristocrática e a ascensão social do imigrante, a ausência de praticidade das vestimentas, o trajo impecavelmente alinhado, relacionava-se ao distanciamento necessário em relação ao trabalho do comércio ou manual: "O estadulho, a bengala grossa são fato imprescindíveis das suas teorias de moralização social (...) Colarinho de pontas quebradas, gravata branca de nó, colete fechado até o nó da gravata, fraque, flor enorme na lapela, calças de casimira preta com listinha de seda branca, chapéu preto, alto, mole, sapatos *Clark*, pince-nez".[692] O *pince-nez* era a marca maior daquele que, como Ramalho Ortigão, aí descrito por Júlio Ribeiro, dedicava-se às idéias.

Todavia, se o portuense preferia o branco e o negro representados no elegante conjunto de seda, outros optariam pelo trajo colorido, assinalando toda uma transformação que sofre o trajo do dândi quando chegado aos trópicos. No lugar do negro e do cinza, cedia-se espaço às casacas coloridas, à "gravata borboleta, [aos] sapatos abotoados e apertados, luvas impecáveis e cartola, depois substituída pelo chapéu coco".[693] As cores escuras eram relegadas ao tipo que precisava trabalhar, que preferia também o velho traje de "peças de lã, usadas sobre algodão ou linho".[694]

Essa mesma lógica da não relação com o trabalho distinguia, por sinal, os trajes das senhoras de elite, sempre supliciadas dentro de espartilhos, anáguas e anquinhas, totalmente incompatíveis com o trabalho: "(...) essa inadequação e exagero mal dissimulava o objetivo de demonstrar, por meio de trajes luxuosos, a situação de classe. Caminhar empertigado dentro de indumentária cuja principal característica residia na inexistência de praticidade livrava a eventual dama ou cavalheiro da suspeita de envolvimento com qualquer tipo de ocupação produtiva, evidenciando seu perfilhamento a um meio privilegiado e ocioso. A herança escravocrata muito próxima desvalorizava o trabalho, tornando-se de bom alvitre manter-se a salvo dele, especialmente para as mulheres".[695]

Para Gilberto Freyre, a importância conferida ao bacharel, símbolo da febre "intelectualista" do período, marcaria o processo de reconfiguração da família patriarcal em ambiente urbano: "A urbanização (...), a conseqüente diminuição de tanta casa gorda, em sobrado magro (...) tornou quase impossível o equilíbrio antigo (...). A valorização social começara a se

[692] Ribeiro, *A Carne*, Op. cit.
[693] Camargos, *Villa Kyrial...*, Op. cit., p. 30.
[694] Idem, ibidem.
[695] Idem, ibidem, p. 31.

fazer em volta de outros elementos: em torno da Europa, mas de uma Europa burguesa, donde nos foram chegando novos estilos de vida, contrários aos rurais e mesmo aos patriarcais (...). E todos esses novos valores foram se tornando as insígnias de mando de uma nova aristocracia: a dos sobrados. De uma nova nobreza: a dos doutores e bacharéis (...)".[696] A reestruturação da família patriarcal em ambiente urbano expressa-se materialmente na arquitetura e na moda, ditada por famílias de renome que têm acesso aos centros difusores da moda internacional, como os Prados, os Penteados, os Souzas Queiroz, os Guedes, os Paes de Barros, os Coutos Magalhães.

Do ponto de vista da construção do capitalismo e da modernidade periféricos, a tese de Sérgio Buarque de Holanda exposta em *Raízes do Brasil* explica com grande clareza a devoção ao não-trabalho. Esta continua a se reproduzir no interior de um novo sistema sendo recriada, contraditoriamente, pelas próprias bases capitalistas sobre as quais se desenvolve a economia primário-exportadora. Afinal, a diferenciação que é traduzida pelo trajo especial portado pelos intelectuais não marca somente sua origem distante do trabalho como sua pretensa associação com os valores modernos, associação essa ainda incipiente na primeira geração da elite a habitar as cidades. Esta se encontrava muito mais atrelada aos seus valores tradicionais, transmutados nos traços *art nouveau,* que permitiam a combinação entre os símbolos tradicionais à arte em voga.

Para se ter uma idéia do montante de gastos de um bacharel em vestuário, tomemos os dados do diário de Paulo de Almeida Nogueira.[697] Grande homem de negócios paulista, fazendeiro de café e de açúcar, membro acionista da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, os gastos de Paulo com roupas, somente em dezembro de 1893, totalizaram 486$000. As despesas distribuíam-se entre: um par de botinas Clark: 30$000; um terno de fraque e dois coletes mandados fazer no Bittetti e Rizzo: 215$000; um terno claro comprado no mês anterior no Chic Americano: 120$000; dois pares de sapatos, um de verniz e o outro branco, mandados fazer no Rocha: 56$000; um brim comprado nas Duas Cidades de Campinas: 65$000, lenços comprados na Duas Cidades de São Paulo.[698] As despesas totais com roupas nesse ano de 1893, quando

[696] Freyre, *Sobrados...*, Op. cit., pp. 573-574.
[697] Paulo de Almeida Nogueira. *Minha vida (diário de 1893 a 1951).* São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1955. O autor nasce em Campinas em 1874, filho de D. Paula Joaquina de Camargo Nogueira e Antonio Carlos de Almeida Nogueira.
[698] Nogueira, *Minha vida...,* Op. cit., pp. 17-18.

apenas começava na Academia de Direito de São Paulo, foram de: 780$000, o que, no entanto, é somente uma pequena porcentagem do que foi gasto o ano todo: 12% de 6:650$000. Para se ter uma dimensão relativa do montante, comparemo-lo com o valor da diária de um operário, que girava em torno de 100 réis por dia, ou seja, 3000 réis ao mês.[699] Nogueira teria então gasto o equivalente a 4860 diárias operárias somente no mês de dezembro, ou seja, mais de 162 vezes o salário que um operário percebia por mês; em relação ao ano todo, Nogueira teria desbaratado 7800 diárias de operários, o mesmo que 22 anos de trabalho para estes últimos! A disparidade assinala a imensa importância do vestuário na confecção social de diferenças.

Abaixo dessa camada diferenciada, estavam aqueles que não tinham logrado a sorte de nascerem em boas famílias que lhes dariam o título de bacharéis, mas que, pelo esforço de seu trabalho ou a partir da sorte de um casamento, passavam para o grupo seleto. Os trajos, os gestos, as formas de se portar continuariam denunciando, entretanto, sua origem social.[700] No romance *Gente Rica,* o antagonista de Zezinho, Júlio, era filho de pais pobres e, não tendo inteligência notável nem recursos suficientes, não pudera estudar, o que era o seu mais profundo desgosto. Por esse motivo, seguiu a carreira comercial, mas, fizera da leitura um hábito para não fazer feio frente aos colegas: "(...) considerava-se um dos membros da grande falange de intelectuais brasileiros, que ele classificava muito comovidamente entre beletristas e cientistas".[701] O personagem marca o estereótipo daquele que se dedica ao comércio, vestido sempre em casaca preta, calça de lã, sapato surrado: "Júlio, que era então refratário à exibição do seu corpo mal encadernado, ou ficava em casa estudando e escrevendo, ou freqüentava outros colegas que tinham o mesmo gosto (...) Não era rico, não pudera escrever uma obra que fizesse atrair para si a atenção de seus contemporâneos; na sua profissão só havia de certo o ordenado, que ele recebia pontualmente no fim do mês".[702] Entretanto, o fato surrado era menos uma questão de ética do que de falta de oportunidade. Questão que Júlio corrigiria ilustremente a partir de um casamento

[699] Valor fornecido por Americano, *São Paulo...*, Op. cit.
[700] Segundo Bourdieu, as disposições dos sistemas de classificação social são dadas pela alta burguesia. Ao tentar seguir tais disposições para as quais não tem capital cultural suficiente, a pequena burguesia termina por denunciar suas origens reais: "(...) l'entrée de la petite bourgeoisie dans le jeu de la distinction se marque, entre autres indices, par l'anxiété que suscite le sentiment de donner prise au classement en livrant au goût des autres des indices aussi sûrs de son propre goût que de vêtements ou des meubles, une simple paire de fauteuils (...)". (Bourdieu, *La distinction...*, Op. cit., p. 61)
[701] Agudo, *Gente Rica...*, Op. cit., p. 81.
[702] Idem, ibidem.

bem arranjado com uma senhora de elite e então, poderia se dedicar, tanto quanto os outros, às formas de exibição pessoal, ainda que de um corpo "mal encadernado": "Estava escrito que ele não poderia progredir artisticamente. Pois podia progredir socialmente. Depois de casado, tornou-se monarquista ostensivo, e não podia dominar sua paixão pelos penduricalhos".[703]

Diferente é o caso de um tipo como Matarazzo, que faz questão de ostentar sua ética do trabalho, exteriorizada nos trajes e nos hábitos:

> "O repórter que o entrevistava gostava de ouvi-lo dizer: 'Nunca estudei nada, sou um ignorante'. O merceeiro da esquina, que lhe comprava a farinha em barricas, leria em seu jornal: 'Sou um simples negociante de farinha, bacalhau salgado e algodão... Não compreendo muita coisa'. Vestia sempre um terno preto desafetado e bebia cerveja. Mas ao convidado para o jantar servia bom vinho e ainda lhe dava uma garrafa para levar se caso a elogiasse".[704]

O trecho denuncia tanto a identificação entre o estrangeiro e a indumentária mais simples, adaptada ao trabalho, quando seu distanciamento em relação ao trabalho intelectual, por ser alguém incapaz de compreender "muita coisa". Por outro lado, a ostentação se dava por um bom vinho oferecido ao conviva em dia de festa - ao contrário da cerveja bebida no dia-a-dia. Não abdicava tampouco da ostentação expressa nas linhas neoclássicas de seu palacete. A ambigüidade vivida pelo elemento alienígena entre uma ética que traz de seu país e aquela que vivencia no ambiente em que se insere, fica explícita na forma como aquele consome os produtos: se em paralelo a uma ostentação, o que evidencia a permanente tensão com os grupos autóctones, ou, ao contrário, em paralelo a uma privação, pela qual exprime a sua particularidade.

À simplicidade do vestuário do imigrante contrapõe-se o rebuscamento do trajo da elite tradicional, que, igualmente ao mobiliário e às formas arquitetônicas, conta com combinações exageradas que beiram o ridículo. O fato é que, enquanto a moda mundial adotava tendências mais simples, concordes com a consolidação dos valores modernos burgueses, a moda nacional

[703] Idem, ibidem, p. 85.
[704] Dean, *A industrialização...*, Op. cit., p. 77.

guardava os exageros eduardianos, contrariando mesmo a tradicional sobriedade que até então qualificara a vestimenta da mulher paulistana: "(...) a *toilette* discreta que por séculos caracterizou a mulher paulistana vai sendo paulatinamente substituída por vestidos elegantes, peles, plumas, *aigrettes* e chapéus".[705] O paradoxo se explica porque, o momento da simplificação da moda era também o momento em que a sociedade paulista se enriquecia e se diversificava, necessitando de novas formas de exposição e demonstração:

> "O excesso dos postiços que elas usam leva-as naturalmente a feições postiças, e então, atiram-se de corpo e alma à caça do novo *sport*, para baterem o novo *record*... É tão bonito andar bem vestida e cheia de jóias, como essas *demoiselles* que passam escandalosamente pelo *triângulo* em automóveis abertos; que vão à Antarctica estadear o seu luxo e a sua falta de decoro ou que enchem as frisas e camarotes de primeira ordem com as suas sedas, as suas peles, as suas fulgurantes penas... de pato".[706]

O episódio é notavelmente observado por José Agudo, que, além de perceber a artificialidade do ato de vestir-se, trata-o como uma espécie de competição entre os membros da elite, os mesmos que freqüentam o Triângulo à tarde ou o Parque Antártica aos domingos. É ao estrangeiro, no entanto, que essa incoerência aparecerá com maior clareza, habituados estavam a outros critérios de classificação social. O francês Louis Mouralis, vindo ao Brasil em 1930, observou que a tradicional imitação da Europa, ainda não superada naquele momento, criava caricaturas do que se acreditava ser a cultura civilizada: "os refinamentos de uma cultura pedida de empréstimo à Europa, viciada pela ostentação, produzem o efeito não desejado de uma caricatura e de modo nenhum conseguem ocultar os sentimentos de barbarismo primitivo. Logo se tem a impressão de que, tudo é falso, exceto as jóias".[707]

---

[705] Deaecto, *Comércio e vida urbana...,* Op. cit., p. 171. A*igrette:* conjunto ou feixe de plumas longas destinado a ornamentar. Era comumente usado em fantasias, chapéus ou trajes femininos". (Houaiss)
[706] Agudo, *Gente Rica...*, p. 96.
[707] Louis Mouralis. *Un séjour aux États-Unis du Brésil: impressions et réflexions.* Paris, Les Presses Universitaires de France, 1934, pp. 3, 7-9.

Conforme visto, o fenômeno da imitação do estrangeiro em contexto periférico relaciona-se com a necessidade de superação do *status* de colônia, o que se ilustra pela preferência dada às influências inglesas e francesas, em lugar do antigo modelo português, que passava a ser alvo de críticas e chacotas a partir do final do Império e começo da República. À base capitalista embrionária, assentada na economia primário-exportadora, associava-se a reorganização radical da sociedade brasileira, que se traduzia em novos estratos sociais, novos *habitus.* As diferentes nuances regionais do nascimento desse capitalismo associavam-se a diferentes projetos nacionais; em todos eles, a cultura estrangeira enquanto matéria-prima de novas ideologias estava presente como um diferencial em relação à herança portuguesa. Devido à rapidez com que se davam as transformações, que abarcavam do crescimento urbano irregular à adoção pioneira da mão-de-obra livre, é em São Paulo, todavia, que as contradições aparecerão de forma mais viva. É aí que o consumo mostra-se um importante instrumento de interpretação da fase nascente de um capitalismo. Logo, se, no centro do sistema, o consumo é importante para compreensão da transição do feudalismo para o capitalismo, na periferia, o consumo é crucial para a compreensão de como se dá a dinâmica de classes na passagem de uma economia colonial sobre os preceitos do mercantilismo para uma economia nacional assentada sobre bases capitalistas.

Quanto à relação entre formação da burguesia e nascimento do capitalismo, é possível fazer uma analogia entre Norbert Elias, que trabalha sobre a especificidade da formação da classe burguesa alemã, e Florestan Fernandes, sobre as peculiaridades da burguesia brasileira, eivada de traços "aristocráticos" tomados às estruturas coloniais perpetuadas no interior do capitalismo dependente e preservadas pelo patrimonalismo do Império. Se o surgimento de uma burguesia atípica no primeiro autor estaria relacionado a um processo civilizador peculiar, que escapa ao movimento mais geral característico do mundo ocidental,[708] em Florestan, o surgimento de uma burguesia dependente relaciona-se com as condições do nascimento do capitalismo na periferia do sistema e com a necessidade de combinar estruturas sociais arcaicas, que propiciassem a acomodação da ordem social competitiva, e modernas, que permitissem a inserção do Brasil na economia mundial. A passagem do mundo arcaico para o moderno caracteriza-se, tanto em um autor quanto em outro, pelo conflito entre grupos ou indivíduos que surgem da estrutura produtiva em fase de constituição (*outsiders)* e os grupos tradicionais legados pelo modo de

[708] Norbert Elias. *Os alemães.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997, p. 157.

produção anterior (*establisheds*): "Nas perspectivas desses autores, o papel das elites senhoriais teria sido marcante nos processos de transição à ordem burguesa. Nas cortes germânicas ou no Brasil Imperial, a floração relutante de um espírito urbano por obra de uma elite agrária que concebia seu domínio em espaços autárquicos impediu a ruptura de padrões tradicionais de dominação".[709] Os conflitos entre as frações de classe seriam representados ativamente nas dinâmicas de consumo presentes em uma e outra transição: tanto na transição do feudalismo para o capitalismo quanto na transição de uma estrutura colonial mercantilista para uma nacional capitalista.

Assim, a admiração que beira a quase devoção pelo estrangeiro deve ser compreendida não como uma imposição dos valores forâneos levados pelos canais do "imperialismo", mas sim enquanto um produto das relações sociais travadas no interior de uma transição capitalista bastante particular. Na documentação estudada, o fenômeno rompe por vezes com a esfera privada para atingir a esfera pública, demonstrando a existência de um processo civilizador subliminar ao processo de consumo e, portanto, o valor político deste: "A desigualdade se faz mais sutil (...) é que o consumo, com suas dissimulações aparentemente sociais, vela a verdadeira estratégia política, sendo ele, portanto, um dos elementos essenciais desta estratégia política".[710] A esse respeito é bastante ilustrativo o caso do Dr. Orthépio Gama, eminente deputado, também um dos estereótipos construídos por José Agudo. Morador de Higienópolis, o que o remetia de alguma forma às elites do café, Dr. Orthépio fazia questão em expressar suas habilidades políticas na sua paixão pela França:

> "Era deputado, francófilo (...) e residia numa bela vivenda em Higienópolis, cuja adega, bem sortida de raros vinhos, entre os quais o sublime *Taphos* figurava como principal elemento decorativo, era mostrada aos visitantes, que nela penetravam encolhidos e contritos como se penetrassem nas catacumbas de um templo gótico (...) A sua francolatria ia ao ponto de escrever correntemente a língua de Racine, e em casa, com a mulher, com os filhos e com os fâmulos, só falava nessa

[709]Marcelo Rosa. "Indivíduo e Sociedade na Transição para o capitalismo. O possível diálogo entre Norbert Elias e Florestan Fernandes". In *Novos Estudos CEBRAP,* n. 69, jul./2004, p. 172.
[710] Baudrillard. "A moral dos objetos ...", Op. cit., p. 85.

língua, nasalizando horrivelmente os ditongos e arrastando lamentavelmente os *rr*".[711]

A ligação da elite política, geralmente de bases cafeicultoras, com a França era bastante singular e se expressa, no trecho acima, na veneração do personagem à cultura, à língua, aos produtos franceses. No entanto, a exageração das formas acabavam por produzir o efeito inverso, qual seja, o da alimentação das estruturas atrasadas que se manifestavam nas combinações indumentárias esdrúxulas, no gosto arquitetônico bizarro. A ausência de qualidades que poderiam converter, por exemplo, o Dr. Orthépio em um legítimo Petrônio, "o árbitro das elegâncias paulistas", acabaram por transformá-lo num caricato Trimalcião dos campos de Piratininga a partir do desajuste entre o que realmente era e o que gostaria de ser.[712]

A associação não é, no entanto, aleatória, em especial se olharmos acuradamente para as semelhanças entre a sociedade francesa e brasileira quanto aos seus processos de transição para o capitalismo. No período compreendido entre 1890 e 1915, a França estava em fase de consolidação de um capitalismo assentado sobre o fortalecimento e não supressão da pequena propriedade, fosse agrária, fosse industrial. A transição fizera-se mais a partir da continuidade com a estrutura produtiva do Antigo Regime do que de uma ruptura radical com esta, a despeito da total revolução no plano jurídico inaugurada com Revolução Francesa de 1789. No Brasil, a continuidade se fez, no plano econômico, pela manutenção da grande propriedade agrária exportadora combinada à mão-de-obra livre de origem estrangeira, que vinha substituir a mão-de-obra escrava. Havia ainda uma sutil identidade entre França e Brasil quanto à relação entre religião, política e sociedade, com uma presença marcante da Igreja católica nos desdobramentos de suas repúblicas. A adesão à ideologia positivista em ambas as sociedades aparecia como uma sugestão reformadora a partir de preceitos científicos, respeitando, contudo, os valores católicos tão arraigados.[713]

---

[711] Agudo, *Gente Rica...*, Op. cit., p. 87.
[712] Idem, ibidem, p. 88.
[713] A identidade já vinha desde o período do Império, quando a transferência da corte portuguesa para Brasil exigiu a criação de um aparato que, inspirado no modelo francês, pretendia a legimitação dos Braganças frente às grandes monarquias européias: "Folhetins, operetas e romances vindos da França difundiam no Império a imagem de um modo de vida rural, conservador e equilibrado, entrelaçado de aldeias e pequenas cidades nas quais o padre e o militar, quando havia casernas, apareciam como personagens de prestígio. (...) Desenhava-se a representação de uma

Para a elite paulista nativa, essas semelhanças alimentavam a esperança da participação do Brasil no grupo das nações consideradas civilizadas: "O Brasil, terceira nação latina, já passou quatro vezes Portugal, em população, força e importância. (...) A entrada vitoriosa dessas nações, cheias de viço, ao primeiro plano do teatro da civilização moderna, será certamente o fato capital do século XX, que ficará na história com o nome de século americano".[714] As correspondências talvez fossem realmente muito menos numerosas do que as realmente existentes, mas, o fato é que encaravam essa idéia de civilização como um projeto nacional que seria levado ao restante do país pela presença hegemônica de paulistas no governo federal. Ao controle da política econômica coadunava-se um projeto cultural que transformaria São Paulo no centro difusor da cultura nacional. Era a forma de legitimar a já incontestável hegemonia econômica de São Paulo.

Logo, o modelo geral de uma burguesia ascendente que precisa se afirmar politicamente e culturalmente frente a uma aristocracia decadente, que detém ainda a liderança cultural, recebe, no Brasil, as cores das disputas regionais. Dessa forma, durante o processo de formação do capitalismo no Brasil, que se dá a partir da produção agrícola racional fundamentada no trabalho livre e não mais no escravo, a afirmação da fração de classe que se assenta sobre essa nova forma de produção - cuja expressão mais precisa é a do oeste paulista - é feita não somente em relação à uma classe decadente - no caso as aristocracias escravistas ligadas ao Império -, mas, principalmente em relação às suas análogas de outras regiões. A luta de classes travada no interior das elites paulistas assume os contornos de um conflito dúbio, que se volta tanto contra as outras elites regionais, processo que se expressa na dinâmica da política do café-com-leite, como contra as camadas ascendentes de origem estrangeira. Aproximar-se do estrangeiro, em particular do francês, foi uma conseqüência dessa afirmação social que se tinha de fazer em duas frentes: uma em relação a outras elites regionais também de origem na grande propriedade de terra e poder econômico equiparável; outra em relação aos grupos de origem social diferente, mas filhos já de uma cultura estrangeira. Para Jeffrey Needell, essa afinidade com o estrangeiro, em particular o inglês e o francês, remete a um fetichismo da mercadoria presente somente em países

---

sociedade rural francesa que aparecia como um paradigma de civilidade para a sociedade tropical e escravagista dos campos do Império". (Luís Felipe de Alencastro. "Vida Privada e Ordem Privada no Império". Capítulo 9 de *História da Vida privada no Brasil,* vol. 2, *Império: a corte e a modernidade nacional.* Coordenador geral da coleção: Fernando Antônio Novais. Organizador do volume: Luís Felipe de Alencastro. São Paulo, Cia. Das Letras, 1997, pp. 43-44).

[714] "O Século Americano". In *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 10/08/1906.

tropicais e que se relaciona com uma necessidade permanente da elite em demonstrar o seu *status:* "A natureza da moda, como foi visto, é uma conseqüência da expressão e da tentativa de realizar aspirações sociais através do consumo e da exibição de uma mercadoria fetichizada. Neste aspecto, não há diferença entre os parisienses e os cariocas. Na verdade, o traço distintivo é o relacionamento do consumidor com a fantasia que o fetichismo implica".[715]

Nessa sociedade republicana em que as disputas regionais eram transpostas para um novo patamar, contemplam-se as mudanças dos papéis sociais, configurando uma modernidade capitalista periférica. Em perímetro urbano, no lugar do coronelismo cru que marcou a organização social do campo na República Velha, assistiu-se ao nascimento de uma variante do poder familiar, expressa materialmente nos palacetes - que se distribuíam pelos bairros elegantes de São Paulo segundo as grandes famílias - e na indumentária portada. Já assinalamos em capítulo anterior que a moda tinha um cunho fortemente familiar, sendo influenciada por ilustres como Eduardo Prado, dono do jornal *O Comércio de São Paulo*, Santos Dumont, um dos precursores do estilo *dândi* no Brasil[716] e Edu Chaves. Além de individual, a lógica é, no entanto, eminentemente familiar. Não à toa, os elegantes da virada do século eram pertencentes às mais ilustres famílias paulistanas, configurando-se em instrumentos de poder familiar que assumia formas novas quando transplantado para a cidade. Os homens considerados por toda a sociedade do período como os mais apurados eram: Alfredo Guedes, irmão de D. Olívia Guedes Penteado e pertencente ao clã dos Guedes Penteados; Lucas Antônio Monteiro de Barros, da família Paes de Barros; Bento Pereira Bueno; Eduardo Prado, irmão de Antônio da Silva Prado.[717] A necessidade de projeção na esfera social, feita por meio dos mais trajos mais alinhados emprestados à última

---

[715] "O carioca tropeçou em uma cultura estrangeira quando acompanhou a moda para depois demonstrar um *status* superior. O parisiense, ao fazer o mesmo, permaneceu em, ou tentou ascender a, uma classe social. Para ele, a fantasia cultural que a adoção brasileira de tal vesturário significava estava ausente. A diferença é, portanto, qualitativa". (Jeffrey D. Needell. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.* Trad. Celso Nogueira. São Paulo, Cia. das Letras, 1993, p. 196).

[716] "Alberto Santos-Dumont, de uma elegância refinadíssima, quando vinha à casa da tia Amália era impecável. Vestia-se muito bem e lançou a moda: o colarinho Santos-Dumont, o chapéu Santos-Dumont... Dentro daquela simplicidade, era vaidoso e original. Foi quem primeiro usou um relógio de pulso. Procurou o Cartier e disse: 'Quero fazer um relógio para pôr no pulso, porque não posso estar a toda hora tirando o relógio do bolso'. Olharam para ele, espantados, mas fizeram o relógio. Hoje em dia, poucos usam relógio de algibeira". (Penteado, *Tudo em...*, Op. cit., p. 59). O pai de Santos-Dumont, o francês Henri Dumont, viera ao Brasil e se transformara em um dos "reis do café". (Idem, ibidem, p. 60). Alberto morou em Paris por longos anos, sendo reconhecido por seus dirigíveis que viraram, inclusive, tema das famosas *pâtisseries* francesas.

[717] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 290.

moda européia, associa-se à projeção familiar na esfera política, que conta com a participação ativa de alguns de seus representantes tanto no governo provincial quanto federal.

Se ao homem relacionavam-se as funções públicas mais ilustres, à mulher destinavam-se os afazeres domésticos.[718] Algumas de suas antigas tarefas foram abolidas já que o centro urbano proporcionava o pão feito, alimentos na forma de conserva, a fazenda pronta para ser cerzida, a renda, o vestido pronto, a imensa variedade de chapéus.[719] Praticamente anulado o seu valor econômico, a mulher se deparou também com uma drástica redução de suas incumbências sociais. Suas funções na educação familiar foram divididas com a educação escolar. O advento dos alimentos lácteos infantis conferiram o golpe de misericórdia ao aleitamento materno, acompanhado de severos questionamentos em relação à função moral da mulher na família. A Farinha Láctea Nestlé, por exemplo, incumbia-se da tarefa do desmame.[720]

Restou então à mulher burguesa preparar-se para o casamento e, quando já no interior de sua própria família, administrar as tarefas da casa, como a confecção do vestuário dos filhos, do seu próprio, das roupas de cama e mesa, os bordados dos monogramas; a fiscalização da limpeza e da arrumação; o cuidado com as lições das crianças; ver se estavam bem cuidadas, se haviam escovado os dentes, se as unhas estavam limpas, se o cabelo estava penteado; preparava a latinha do lanche, fazia com o que o almoço saísse na hora; organizava também os *menus* da semana tanto para o almoço quanto para a sobremesa.[721] As tarefas exclusivamente femininas se exprimiam nos novos artigos de consumo destinados à casa, como os desinfetantes e alvejantes, dentre os quais o célebre sapólio, a garrafa térmica, as geladeiras, os fogões, os primeiros aspiradores de pó, tendo todos como tema de publicidade a mulher. [Anexo 37]. Mesmo produtos tradicionais, como a manteiga, por exemplo, não mais se associavam de maneira simples e direta ao cozinhar, tarefa típica do *domus*, senão, passavam primeiramente pela figura da mulher, senhora dos afazeres domésticos e coordenadora da culinária caseira, para então reportá-la à cozinha propriamente dita.

---

[718] "É possível dizer que o homem seria o público, representando também o Estado ou o serviço deste, e a mulher, o privado, sendo a casa o seu reino por excelência, onde exercia as tarefas conhecidas como prendas domésticas, relativas à solução das necessidades básicas, aliadas à missão de 'mãe extremosa' e de 'esposa devotada'". (M. Cecília N. Homem, *O palacete...*, Op. cit., p. 26-27).
[719] Souza, *O espírito...*, Op. cit., p. 89.
[720] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 15/02/1893. A respeito das críticas sobre a não amamentação e a chegada dos novos produtos lácteos, vide, capítulo 3.
[721] Americano, *São Paulo...* , Op. cit., p. 65.

As tarefas, embora mais sofisticadas, exigiam menos da mulher do que aquelas executadas anteriormente nas casas grandes das fazendas: "Enquanto ao companheiro a sociedade permitia a realização integral da individualidade na profissão, na ciência ou nas artes, a ela negava os interesses de outro tipo além dos ligados à casa, aos filhos e a sua pessoa. (...) As preocupações do espírito, estas eram privativas do homem, dono das artes, da literatura e do destino de seus semelhantes".[722] A novidade é que as tarefas femininas seriam fundamentais no processo civilizador, comum ao mundo ocidental moderno, e, a mulher, o vetor principal desse processo. A passagem de um para outro papel não foi feita, todavia, sem conflitos.

Essa nova divisão sexual do trabalho no interior da classe burguesa marcou, no Brasil, as afinidades de ambos os sexos com o não-trabalho ou o total distanciamento do trabalho manual, o que fica expresso nos trajos empertigados e excessivamente adornados de total incompatibilidade com o labor. Ao homem cabia o exercício do intelecto, manifesto em detalhes do costume portado: "(...) os óculos – aqueles instrumentos ópticos com hastes para apoiar-se sobre as orelhas – concebidos, ao contrário dos *face-à-main* (tipo de *lorgnon*), para serem usados por tempo prolongado, eram de uso preferencialmente masculino, denotando 'a capacidade deste objeto em concentrar aqueles atributos entendidos como masculinos', isto é, 'atividades cerebrais associadas ao trabalho produtivo, às ciências, ao controle financeiro da vida doméstica, à escritura em geral, à memória da linguagem patriarcal'".[723] Por outro lado, a leveza do trajo portado pelo bacharel, a escolha acertada do bom charuto - entre a variedade de Havanas, Bahias e Hamburgos, que substituíam o tradicional fumo de enrolar -, a adesão à nefasta vida noturna são a materialização da nobreza de espírito masculina, bem como da diferenciação em relação aos mais velhos e aos pobres: "E é preciso não esquecer (...) o hábito dos charutos que, difundido a partir de meados do século, atravessa o Romantismo, banindo a um só tempo o vício antigo do rapé, a que continuam fiéis os mais velhos, e o 'nojento cigarro de palha' a que estão condenados os mais pobres. Pois o 'moço bonito que passeia de tarde vendo as moças' - como os nossos poetas byronianos e os inúmeros Rubemprés locais - fuma charutos de primeira qualidade, de Havana ou de Manilha, cujas belas caixas, compradas na casa de Wallerstein, estão sempre ao

[722] Souza, *O espírito...*, Op. cit., p. 99.
[723] Barbuy, *A cidade-exposição...*, Op. cit., p. 45.

alcance da mão sobre a escrivaninha ou o aparador, na intimidade dos aposentos".[724] [Anexos 38 e 39]

Frente à incipiente generalização do hábito de fumar charutos, a forma de distinção social que lhe seguiu residiu na escolha cuidadosa dos materiais de que eram feitos os acessórios, como as piteiras, "de âmbar, espuma, madeira e argila", e os cachimbos, em "louça, madeira, barro e argila".[725] A difusão do consumo de charutos entre a classe mediana é corroborada no seguinte trecho retirado de Jorge Americano: "Ouve-se agora um rodar de carro de praça, a dois cavalos. Traz a capota baixada e, dentro, quatro caixeiros endomingados. Casaco ou fraque preto, chapéus melão, calças brancas. Todos quatro fumam charutos, e olham para as casas caiadas de amarelo batido. (...) Devem ser parentes que saíram no domingo, a procurar casa de aluguel para um deles".[726] São quatro caixeiros e não quatro fazendeiros ou quatro comissários; procuram uma casa de aluguel e não um espaço para construí-la; ainda assim, têm cada um deles o seu charuto à mão.

As mesmas casas comerciais que vendiam os artigos para fumo comercializavam também bebidas "de todas as qualidades, espíritos de vinho, vinho nacional, branco, tinto, virgem, palhete, de Bordeaux e Porto, Vermouth, Cognac, Genebra, Bitter, Água Seltz, xaropes e licores"[727] e, no caso da casa Mitchell, ofereciam-se ainda ferramentas,[728] denunciando traços de uma modernidade que determinava novas funções ao homem, mas também a redefinição das antigas, sempre guardando o devido distanciamento das profissões manuais. [Anexo 40] Em 1892, regulamentou-se o funcionamento de charutarias e tabacarias em São Paulo sob a condição de que fossem comercializados unicamente produtos destinados aos fumantes.[729] O esforço do aparato público em impor certa racionalidade ao ramo era, no entanto, inócuo, já que as casas

[724] Idem, ibidem, pp. 78-79.
[725] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 01/01/1892.
[726] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 200.
[727] "O maior empório dos fumos. Rivadavia & C. Colossal depósito de fumos de todas as procedências, tanto em folha, como em corda, picados e desfiados, grande sortimento de palhas nacionais e estrangeiras, de 1ª e 2ª qualidades, bem como variadíssimo sortimento de charutos de Havana, Bahia e Hamburgo. Bolsas e carteiras para fumos e cigarros, papéis Duc e Ambré etc. Completo sortimento de bebidas, como seja: vinagre branco e tinto de 1 duplo, triplo e quádruplo". (*O Estado de São Paulo*. São Paulo, 01/01/1892)
[728] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 080/2/1903.
[729] "Trata-se de um ramo novo que está em franco crescimento, confirmando a superação do uso de fumo de rolo ou de corda pela população citadina, que aos poucos assimila os cigarros, charutos, cachimbos, etc. (...) Esses estabelecimentos são autorizados a comercializar apenas artigos para fumantes, como 'fumo, papel, palha, piteiras, bolsas' e seus congêneres". (Deaecto, *Comércio...*, Op. cit., p. 167).

sempre acabavam oferecendo bebidas - inclusive o proibido absinto -, além de outras coisas que iam das ferramentas a artigos de caça. É preciso atentar que, no contexto da formação da modernidade brasileira, que corre em paralelo ao nascimento de um capitalismo particular, a ausência de racionalidade dos espaços corresponde à ausência de racionalidade dos comportamentos sociais que, por vezes, pendem para o excesso e não para a sobriedade característica do mundo burguês. Tanto um quanto outro processos são produto de uma sociedade hesitante entre os valores modernos incutidos nos produtos importados e sua herança colonial, escravista e rural.

A divisão de tarefas entre os sexos pende, assim, mais para uma diferenciação excludente, no interior da qual as funções dos agentes são regidas por lógicas completamente distintas, do que para uma divisão social cujas diferenças sejam amenizadas por um mesmo princípio universalizador. Em lugar de valores universais como a democracia, a cidadania, que compensem a instância excludente do capitalismo, o que se vê é a continuidade da exclusão de negros, brancos pobres e da mulher. Ao homem competia a ação na esfera pública, para a qual transportava, seus interesses privados, conferindo àquela uma lógica particular de funcionamento, que dava continuidade à já estrutural inversão de esferas herdada do período colonial e ao mesmo mecanismo excludente aí existente.[730] Contudo, no lugar de "toda casa ser República" - retomando novamente a referência a Frei Vicente do Salvador -, a construção do Estado Nacional contava com a conversão da "República em toda casa", dentro da qual se viam os interesses particularistas regionais em disputas minoradas pelo sistema federativo. Dessa forma, o processo de construção de uma esfera pública burguesa, preconizada por Habermas, dá-se, na realidade, a partir da ressignificação de uma estrutura privada presente no interior do Estado Nacional desde os primórdios de sua constituição e que, no lugar da democracia, reconstrói permanentemente a exclusão social redefinida sobre novas bases.[731]

---

[730] Fernando Antonio Novais. "Condições de privacidade na colônia". Introdução à *História da Vida Privada no Brasil*, vol. I, *Cotidiano e vida privada na América portuguesa.* Org. volume Laura de Melo e Souza. Coord. Coleção Fernando A. Novais. São Paulo, Cia. das Letras, 1997, p. 15.

[731] A respeito da historiografia sobre a formação do Estado Nacional, vide Miriam Dolhnikoff. *Construindo o Brasil: unidade nacional e pacto federativo nos projetos das elites (1820-1842)*. Tese de Doutoramento, FFLCH-USP, 2000; do ponto de vista da fiscalidade, Wilma Peres Costa. "A Economia Mercantil Escravista e a formação do Estado Nacional Brasileiro". In: Tamás Szmercsanyi & José Roberto do Amaral Lapa (orgs.). *História econômica da Independência e do Império*. São Paulo, Hucitec/Fapesp, pp. 127-139; Ilmar Rohloff de Mattos. *O tempo saquarema*.

De maneira análoga, a constituição da esfera privada dá-se tanto a partir da maior necessidade de individuação da classe burguesa nascente - processo em que, contraditoriamente, reafirmam-se os atributos da casa enquanto "República"-, quanto a partir de uma insurreição do Estado contra os interesses particularistas.[732] Em São Paulo, as manifestações mais evidentes dessa disputa foram as promulgações sucessivas dos *Códigos de Posturas*, que visavam a impor limites físicos aos poderes particulares expressos em seus sobrados urbanos, que não raro transbordavam os limites impostos pelo alinhamento. A retirada das gelosias, o arrancamento das rótulas, a criação da Superintendência Sanitária em 1893[733] e a imposição dos alinhamentos demonstram a tentativa do poder público em buscar uma brecha para impor um mínimo de regras sobre o exercício do poder das grandes famílias, constituindo-se assim em uma espécie de "esfera privada estatal".

A esfera privada pertencia ao domínio feminino. A mulher se dedicava menos, porém, à realização dos afazeres domésticos do que ao seu gerenciamento, preservando-se, da mesma forma que o seu companheiro, do trabalho manual. Condenada à clausura da esfera privada, podendo sair somente acompanhada de um criado ou de algum parente, a mulher vivia, contudo, o paradoxo da necessidade da exibição pública permanente.[734] Tanto no caso da mulher burguesa solteira, quanto da casada, o zelo em cuidar de sua proteção conflitava com essa necessidade de exibição social: no primeiro caso a fim de conseguir um bom partido; no segundo, a fim de expor ocasionalmente as fortunas familiares.

Essa ambigüidade da posição feminina burguesa em relação à esfera pública se dava em duas instâncias. Em primeiro lugar, na instância econômica. Vulnerável ao apelo publicitário e às formas de exposição, a mulher teve seu papel econômico redefinido por ser um forte potencial de consumo: "Ela [a mulher] era a reprodutora e a consumidora, cabendo ao homem o trabalho e a

---

Tese de Doutoramento, São Paulo, FFLCH-USP 1985; e a coletânea organizada por István Iancsó (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo, FAPESP/Hucitec, Unijuí, 2003.

[732] O processo que marca a disputa entre poderes privado e público, entre casa e rua, foi amplamente tratado por Gilberto Freyre em seus livros *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso.* (Gilberto Freyre. *Ordem e Progresso.* São Paulo, Global Editora, 2004; Freyre, *Sobrados...*, Op. cit.).

[733] Ernani da Silva Bruno. *História e tradições da cidade de São Paulo.* Vol. III. *Metrópole do Café (1872-1918)-São Paulo de Agora (1919-1954).* São Paulo, Hucitec, 1984, p. 918.

[734] "Para o homem, a rua significava a heterogeneidade, o desconhecido, a liberdade e o vício; para a mulher, a perda da virtude". (M. Cecília N. Homem, *O palacete...*, Op. cit., p. 27).

produção que ocorriam fora do âmbito doméstico".[735] As patologias sociais que aparecem no *Au Bonheur de Dames* de Zola - que vão da cleptomania ao consumo desregrado - aludem a essa ressignificação radical do papel econômico feminino na sociedade. O fato também é objeto de nossa literatura. Em *A Alma Encantadora das Ruas*, de João do Rio,[736] o autor trabalha sobre o fascínio que a vitrine exercia sobre as mulheres, em particular as pobres:

> "Param, passos adiante, em frente às enormes vitrinas de uma grande casa de modas. As montras estão todas de branco, de rosa, de azul; desdobram-se em sinfonias de cores suaves e claras, dessas cores que alegram a alma. E os tecidos são todos leves – irlandas, *guipures, pongées,* rendas. Duas bonecas de tamanho natural – as deusas do *"Chiffon"* nos altares da frivolidade – vestem com uma elegância sem par; uma de branco, *robe Empire;* outra de rosa, com um chapéu cuja pluma negra deve custar talvez duzentos mil réis. Quanta coisa! Quanta coisa rica! Elas vão para a casa acanhada jantar, aturar as rabugices dos velhos, despir a blusa de chita – a mesma que hão de vestir amanhã... E estão tristes. São os pássaros sombrios no caminho das tentações. Morde-lhes a alma a grande vontade de possuir, de ter o esplendor que se lhes nega na polidez espelhante dos vidros. Por que pobres, se são bonitas, se nasceram também para gozar, para viver?".[737]

Nesse trecho, João do Rio trabalha sobre os dois extremos da sociedade, que ficam expressos na singela observação de uma vitrine por duas moças miseráveis. Em contraste com os tecidos coloridos, leves e numerosos, expostos pelas vitrines reluzentes, as moças despem-se da chita de todos os dias, tão pesada quanto o fardo que têm de carregar por serem pobres e, portanto, excluídas totalmente da dinâmica social imposta pela moda. Às moças não era permitido sequer o acesso às jóias de fantasia:

---

[735] Idem, ibidem, p. 25.
[736] O seu nome verdadeiro era João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto.
[737] João do Rio. *A Alma Encantadora das Ruas.* São Paulo, Cia. das Letras, 1997.

> "Elas fixam a atenção. Nenhuma das quatro pensa em sorrir. A jóia é a suprema tentação. A alma da mulher exterioriza-se irresistivelmente diante dos adereços. Os olhos cravam-se ansiosos, numa atenção comovida que guarda e quer conservar as minúcias mais insignificantes. A prudência das crianças pobres fá-las reservadas.
> – Oh! aquelas pedras negras!
> – Três contos!
> Depois, como se ao lado um príncipe invisível estivesse a querer recompensar a mais modesta, comentam as jóias baratas, os objetos de prata, as bolsinhas, os broches com corações, os anéis insignificantes".[738]

Novamente, o autor trabalha o contraste entre o desejo feminino "quase natural" pelas jóias e a frustração social de não poder participar do jogo nem mesmo com as variantes mais baratas, as jóias de fantasia, que se difundiam amplamente no Brasil na virada do século. A elas recorriam as mulheres de menos posses que desejavam, no entanto, ostentar algum prestígio.[739] Outrora, era completamente inadmissível o uso dessas jóias por qualquer mulher de certa respeitabilidade: "Trajadas com os belos vestidos do Rio, as senhoras cobriam-se de pérolas e brilhantes - *inadmissível, naquela época, as atuais jóias de fantasia!* , levando lenços de finíssimas rendas e leques preciosos, os ombros cobertos de magníficos xales de seda branca, chamados 'Toquim', porque vinham diretamente da China".[740] Ainda assim, as jóias de fantasia - produto da II Revolução Industrial francesa, que se inclinara sobre a difusão de artigos de luxo extremamente restritos - destinam-se somente às classes médias e emergentes, jamais à parcela burguesa de raízes tradicionais, que continua a usar somente os acessórios autênticos. E também jamais destinam-se às classes baixas, às quais resta somente a atitude de contemplação das vitrines. A cultura de jóias recebera um significado particular na São Paulo da *Belle Époque*,

[738] João do Rio, *A Alma* ..., Op. cit.
[739] "Quanto à ourivesaria, abrangia toda a produção de artes decorativas em ouro e prata, estendendo-se, depois, à produção industrial de um sem-número de objetos em metais menos nobres, para uso privado, utilitários e ostentatórios ao mesmo tempo, consumidos pela burguesia enriquecida. As casas que comercializavam esse tipo de mercadoria logo ampliaram seu leque de ofertas com porcelanas e outros materiais também utilizados nas artes decorativas e seus desdobramentos". (Heloisa Barbuy. *A Cidade-Exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo, Edusp, 2006, p. 141)
[740] Maria Paes de Barros. *No Tempo de Dantes.* 2ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1998, p. 49.

onde tomara um novo impulso com a rápida diversificação da sociedade: "O fato é que a jóia e a bijuteria de uso feminino chegaram ao século XIX como objetos de prestígio na cultura local. Pela presença constante de ourives e de fornecedores de jóias e bijuterias na cidade, presume-se que, apesar das mantilhas pretas com que se cobriam em geral as paulistas, é certo que as mulheres não dispensavam tais adornos".[741]

Se, a primeira instância em que se dava o assédio da esfera pública sobre a mulher era essencialmente econômica, a segunda pertencia ao domínio da política. A exibição periódica das mulheres da família, fossem solteiras ou casadas, era instrumento capital na legitimação social dos "clãs" paulistanos de renome. Em uma sociedade que ainda guardava os grandes traços da organização patriarcal de família, esta segunda dimensão se reveste de uma importância peculiar. A *Belle Époque* brasileira - e a paulista em particular - foi abalizada pela preservação de estruturas familiares, que se manifestavam tanto na dinâmica econômica quanto no arranjo político do período, marcado pelos conflitos regionais engendrados por grandes conglomerados familiares. Foi esse conflito de raízes familiares que também alimentou a dinâmica de consumo no Brasil do período. Em São Paulo, atingiu seu paroxismo pelas razões já expostas: necessidade de afirmação nacional frente às demais elites regionais; necessidade de afirmação frente à fração estrangeira de origem comercial.

Se o papel da mulher sofrera severa reestruturação do ponto de vista econômico, que a convertera de figura ativa da produção material em personagem sujeita aos ditames da esfera da circulação, do ponto de vista da dinâmica de diferenciação social, seu papel complexificou-se enormemente. Para que a legitimação social se fizesse, a moça não somente continuou a se dedicar às prendas domésticas, mas intensificou o aprendizado de alguns comportamentos não comuns entre as mulheres brasileiras. Aprendeu a tocar piano, a dançar a valsa, a falar o francês, a portar-se de maneira correta à mesa e em recepções sociais. Manuais de etiqueta, como o *Dicionário do bom gosto ou genuína linguagem das flores*,[742] publicado em 1903, apareciam como um dos mais lidos entre as moças casadoiras. Aí se ensinavam o manejo do leque, jogos, brincadeiras e regras para um carteado elegante; a linguagem das flores, frutas, cores, pedras

[741] Barbuy, *A Cidade-Exposição...*, Op. cit., p. 129

[742] *Dicionário do bom gosto ou genuína linguagem das flores contendo também jogos, poesias e o secretário de cupido ou novíssimo correio dos amantes, mais correto e aumentado com a linguagem dos leques...* Tomos I e II. Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Laemmert & C., 1903.

preciosas e suas correspondentes significações, enfim, formas infindas de conquistar um pretendente: "(...) no pequeno espaço de tempo que mediava entre a vida da menina e a da senhora, a moça entregava-se ao aprendizado da música e das maneiras, ao interesse pelos vestidos, vivendo na expectativa da chegada do marido (...) também proliferavam por toda a parte os livros de boas maneiras, característicos de uma classe que se formava, e onde este sutil esquema do comportamento ainda não se tinha imposto pela tradição".[743]

Da mesma forma como ocorreu com os palacetes, a necessidade da exposição em meio à generalização dos padrões fazia-se na contramão do movimento mais geral de constituição da modernidade burguesa, embora sempre se preocupando com a acomodação interna das últimas tendências, como o *art nouveau*: "Se a última palavra em beleza é o *art-nouveau,* não demoram as moças da sociedade a exibir os cabelos cacheados e os vestidos repletos de babados, característicos do estilo. E se a moda se transforma rapidamente, o que é um fato, o consumo se torna um vício, ou melhor, uma obrigação".[744] Enquanto a moda universal adquiria contornos mais contidos, característicos do *fin-de-siècle*, símbolo da consolidação do sistema de valores burguês no capitalismo central,[745] no Brasil, a moda pendia cada vez mais para os coloridos, para os excessos de estilo, para os babados típicos da moda de contornos aristocráticos. Se a intenção primária do *art nouveau* era dar maior simplicidade e harmonia às formas ao aproximá-las daquelas encontradas na natureza, sua adaptação na periferia do capitalismo se constrói sobre valores diametralmente opostos, como o rebuscamento exagerado e o descomedimento nas combinações.

Os excessos empregados no processo de distinção social não raro tendiam ao péssimo gosto, somente percebido pelos estrangeiros ou críticos ferrenhos da sociedade, como Lima Barreto: "Parou numa vitrine e viu uma cigarreira. Simpatizou com o objeto. Parecia caro e era ofuscante: ouro e pedrarias - uma coisa de mau gosto evidente. Achou-a maravilhosa, entrou e

[743] Souza, *O espírito...*, Op. cit., pp. 89; 92.
[744] Deaecto, *Comércio...*, Op. cit., p. 171.
[745] Sobre o período anterior ao último decênio do século XIX: "Ao gosto pela combinação harmoniosa, substitui-se, em meados do século, o gosto pelas combinações contrastantes, que vai durar até o decênio de 90. Um vestido apresenta então várias cores, como por exemplo listas alternadas de fazenda rosa, malva ou preta. (...) Mistura que talvez tenha tido origem menos numa nova concepção da cor, que na descoberta das tinturas de anilina e no esforço de descobrir um esquema cromático apropriado à nova forma de iluminação". (Souza, *O espírito...*, Op. cit., p. 68).

comprou-a sem discutir".[746] Freqüentemente os assomos de exagero e o receio da indiferenciação conduziam à necessidade das inscrições pessoais nas vestimentas e acessórios, igualmente ao que se passara com o mobiliário: "(...) uma caneta de ouro em forma de pena animal com ramo de flores em relevo cravejado de brilhantes, em estojo da Casa Michel dos Irmãos Worms, que pertenceu ao ex-presidente da República Prudente de Moraes (da década de 1910), e de cigarreira que foi oferecida ao presidente da Província, Bernardino de Campos, como homenagem da Escola Modelo da Luz, em estojo da Joalheria A. Birle que traz dedicatória gravada no marfim".[747] Alguns outros nomes célebres, pertencentes tanto à elite intelectual, quanto cafeicultora e, mesmo à fração ascendente, foram encontrados pela pesquisadora Heloísa Barbuy nos livros contábeis da Casa Fretin. São eles: Frederico Steidel, Brasílio Machado e seu filho Alcântara Machado, ilustres professores da faculdade de Direito; Alfredo Pujol Júnior, arquiteto; Rangel Pestana, Jorge Tibiriçá e Pedro de Toledo, renomados políticos; aristocratas, como Souza Barros e Souza Queiroz e comerciantes, como Carlos Schorcht, do Grand Hotel, e Assis, da Farmácia Assis: "Foi na Casa Fretin que encomendaram os *pince-nez* e óculos que não apenas lhes corrigiriam objetivos problemas de vista como se associariam às suas imagens públicas de intelectuais, de homens de classe, de figuras distintas".[748] Alguns deles, particularmente os aristocratas do café, receberiam o privilégio de terem suas iniciais gravadas em algum objeto de uso pessoal produzido pela Casa Fretin, o que ratifica a idéia de que a estratificação social começava na circulação dos produtos e se "consumava" na esfera do consumo. Daí o enquadramento de algumas ruas comerciais, em especial as do Triângulo, que delimitava um circuito exclusivo dos endinheirados, enquanto que às regiões periféricas urbanas ficavam relegados os desprovidos e os mascates.

Nas sociedades capitalistas centrais, é a industrialização que proporciona a generalização de produtos antes restritos aos privilegiados. Isso pode ser feito pela produção em massa de variedades mais simples do mesmo produto - conseguida graças à utilização de matérias-primas de menor valor agregado - ou pela difusão do mesmo produto em razão de um barateamento nos custos de produção ou serviços ou simplesmente porque existe um mercado em potencial que, ao ser suprido, tornará a produção em escala altamente lucrativa. No plano cultural, a generalização

[746] Lima Barreto. *A Nova Califórnia: contos.* São Paulo, Brasiliense, 1979.
[747] Babuy, *A cidade...,* Op. cit., p. 218.
[748] Idem, ibidem, p. 145.

de produtos encontra respaldo nos valores democráticos que compõem o cerne da modernidade capitalista. Em paralelo à massificação de produtos, acontece uma revalorização das formas artesanais de produção, um artifício encontrado pelas classes burguesas para perpetuar diferenças e reproduzir hierarquias.

No capitalismo periférico, o processo se inverte. A ausência de uma base industrial faz com que os produtos se difundam por mecanismos espúrios, como a falsificação e a imitação dos padrões importados, fato esse que torna as relações diplomáticas extremamente tensas. Se alguns dos mecanismos generalizadores são internos, a fonte da diferença é, no entanto, externa, impedindo que se construa uma dinâmica ininterrupta entre a generalização, feita a partir de uma base industrial consolidada, composta por DI, DII e DIII, e a diferenciação, promovida por um setor da mesma base produtiva consagrado ao luxo. O sistema não produz, então, novas necessidades materiais, recriadas à proporção que se difundem os novos produtos, senão reproduz a necessidade permanente do reconhecimento social que rasga a sociedade de seu topo à sua base.[749] Logo, não se trata da generalização de um produto ou de seus substitutos mais simples respaldada pelos valores democráticos modernos, mas de uma difusão ilusória, que anula completamente a diferença entre os estratos sociais, diferença essa que precisa ser novamente alimentada no setor externo, perpetuando a dependência. Por vezes, alguns desses produtos importados simplesmente desaparecem após percorrida a sociedade de cima a baixo como se jamais tivessem existido: "Esta vestimenta espanhola [mantilha], adotada aqui pelas damas de alta posição, foi logo descendo a escala social, vindo a tornar-se o traje habitual das mendigas, para depois desaparecer completamente".[750] O fenômeno da difusão ilusória é agravado se pensarmos que a formação da modernidade periférica se faz sobre bases excludentes - desnudadas pelos mecanismos de consumo - e não sobre pressupostos universais como nos países centrais.

---

[749] Segundo Baudrillard, o que é inovador no consumo capitalista é que seus produtos conseguem não somente atender às necessidades físicas, mas, principalmente simbólicas. Os objetos têm a propriedade de servir "comme ustensile et joue[r] comme élément de confort, de prestige, etc. C'est proprement ce dernier champ qui est celui de la consommation. (...) Dans la logique des signes comme dans celle des symboles, les objets ne sont plus du tout liés à une fonction ou à un besoin défini. Précisément parce qu'ils répondent à tout autre choses, qui est soit la logique sociale, soit la logique du désir, auxquelles ils servent de champ mouvant et inconscient de signification" (Baudrillard, *La société de consommation*, Op. cit.).

[750] Barros, *No tempo...*, Op. cit., p. 5.

Se o produto que distingue socialmente precisa vir de fora, embora sua origem possa ser obscurecida pelo fenômeno da imitação e falsificação, nada mais óbvio do que criar mecanismos que assegurem sua procedência. Daí, novamente, os sinais inscritos sobre os objetos e vestimentas pessoais, sígnos de poder que atrelam o seu portador à sua autêntica base produtiva. É o caso, por exemplo, de um chapéu coco Borsalino, com as iniciais AP, de Antônio Leite Penteado, e de muitos outros exemplos preservados pelo Museu Paulista: "As peças de vestuário assim diferenciadas, ao mesmo tempo correspondendo a padrões gerais em uso e apresentando caráter único, associavam-se àquelas estratégias de distinção social estabelecidas pelas elites e fortemente exteriorizadas pelo vestuário e bens materiais em geral, às quais se havia adicionado, na era industrial, a ostentação das marcas de fábrica ou casas de comércio de prestígio. (...) Tais marcas garantiam a qualidade do produto, mas também sua condição de bens acessíveis a poucos, o que fazia considerar seus usuários, homens ou mulheres, *distintos*".[751] Assim, a configuração da individualidade não se faz sobre pressupostos gerais, comuns a toda a sociedade, que somente se fazem exprimir na concretude do consumo; ao contrário, a individualidade brasileira constrói-se sobre um excesso de personalismo, cujos abusos impressos sobre o concreto são mais uma representação da exclusão permanente - nitidamente colonial e arcaica - do que fruto do conflito travado entre exclusão e necessidade de integração característica do mundo moderno.

Os mecanismos de diferenciação existentes na periferia do sistema, que contribuem para a compreensão de um individualismo particular, não podem ser pensados sem a maneira específica de como se dava a difusão de padrões nessa economia pré-industrial. Igualmente, a industrialização e a constituição do capitalismo brasileiro não podem ser entendidos sem a dinâmica de consumo que os precedem e os atravessa, nem, tampouco, sem uma análise do processo de constituição da modernidade que, tantas vezes, perturba os encaminhamentos já obscuros de um capitalismo específico. A idéia será, no entanto, desenvolvida no próximo capítulo, aqui bastando uma rápida explanação.

No caso das roupas, dois dos principais mecanismos difusores de padrões eram os catálogos estrangeiros e o acesso das classes médias e baixas às máquinas de costurar surgidas da Revolução Industrial: "Os vestidos de senhoras orientavam-se pelos figurinos franceses ou brasileiros *que os copiavam escandalosamente*. Gente de recursos médios chamava a costureira,

[751] Barbuy, *Cidade...*, Op. cit., p. 198.

dava-lhe o molde tirado do figurino, cortado em folhas de jornal e depois ia experimentar. Gente de menores recursos fazia isso em casa, com a máquina de costura, que não faltava nas casas abaixo da média econômica".[752] A propagação dos figurinos se enquadra no processo de expansão comercial que caracterizou o capitalismo em sua fase imperialista, sendo de interesse dos *grands magasins* europeus a difusão de seus produtos para a América Latina. Os catálogos, traduzidos para o português e para o espanhol, eram distribuídos na América como forma de incentivar a importação de seus produtos. O que não imaginavam, talvez, era o imenso talento dos brasileiros em reproduzir réplicas perfeitas. Diga-se de passagem que isso não era restrito à arquitetura ou às vestimentas, mas também às bebidas, cujos vasilhames e rótulos eram reaproveitados para conferir ao artigo falsificado um autêntico ar europeu. Não demoraria a que isso se conformasse em um sério problema diplomático, expresso em debates calorosos publicados em jornais do período e relatados nas correspondências diplomáticas estrangeiras.[753]

Quanto aos calçados, os fatores do aumento do consumo foram dois: 1) o crescimento da população urbana que chamou a atenção das instituições higienistas para o calçado como um poderoso aliado no combate às epidemias; 2) o fim da escravidão, que permitiu que o sapato deixasse de ser a marca da diferença entre senhores e escravos e fosse visto como um bem de consumo necessário a todos. Ainda nos anos imediatos que sucederam a Abolição, nem nas ocasiões especiais, como a pose para as fotos da família, era permitido aos escravos o uso de calçados.[754] Aos poucos, entretanto, os mecanismos diferenciadores deixavam de estar relacionados ao produto em si - sendo a inclusão ou exclusão social determinadas pelo seu uso ou

[752] Americano, *São Paulo...,* Op. cit., p. 63.

[753] O debate assume formas mais agudas a partir de 1900, ano em que as idéias protecionistas se fortalecem com a discussão sobre as tarifas alfandegárias diferenciais (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 13/02/1900). Tanto em um quanto outro lado, a percepção dos bens franceses enquanto artigos de luxo e, portanto, de baixo consumo, é clara: "É, porém seguro que a exportação francesa para o Brasil vem de há alguns anos em franco declínio e que a Alemanha está substituindo, cada vez mais, a França no comércio de nosso país. Sabe-o a França e sente, sem dúvida, que neste combate lhe falecem as condições necessárias para a vitória. (...) O nosso café é bom e é barato: poderia, portanto, oferecer vantagens a uma população fundamentalmente econômica como é a francesa, ao passo que os produtos franceses, bons em sua maioria, são, todavia, mais caros que os congêneres de outras origens". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 11/02/1900). A despeito da forte argumentação francesa, os brasileiros têm a clara consciência da não reciprocidade entre as duas nações, já que a França negava-se terminantemente a impor tarifas mais baixas para o café brasileiro: "Pelos telegramas ontem publicados nesta folha, vê-se que o governo francês não acede aos desejos do Brasil na questão pendente aos direitos do café. (...) Ao passo que deseja a aplicação da tarifa mínima sobre os produtos franceses importados pelo nosso comércio, oferece-nos uma redução insignificante nos direitos de entrada sobre o café e estabelece, como condição prévia desta redução, que adotemos, para a importação de origem francesa, o tratamento da nação mais favorecida". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 11/02/1900).

[754] Alencastro, "Vida Privada e Ordem Privada no Império", In *História da Vida Privada no Brasil...*, Op. cit., p. 19.

não uso - para se reportarem às marcas. Dentre as mais ilustres, citamos a *Clark*, marca de calçados ingleses que fez história na São Paulo da *Belle Époque.* Percebendo que comercializava um artigo que estivera relacionado não somente à distinção de classes, mas também de raças, sobre o qual pesava, portanto, uma forte carga excludente, a *Clark* criou dois endereços para suas vendas. Lojas mais requintadas se destinavam aos clientes que freqüentavam a Rua 15 de Novembro (número 37) e a São Bento (número 18); aos de recursos mais parcos lojas mais populares, localizadas nas ruas São Caetano (números 1 e 27), Rangel Pestana (números 1767 e 2147) e na Avenida Celso Garcia (número 51), ofereciam produtos mais em conta.[755] Para as roupas feitas, as lojas populares localizavam-se na Ladeira João Alfredo (Rua General Carneiro) ou na Rua da Estação (Rua Mauá).[756] E entre os produtos de luxo e os populares, estavam os falsificados que conferiam o *status* dos primeiros pelo preço dos segundos. [Anexos 34 e 41]

Frente à propagação indiscriminada de artigos falsificados, a construção de alguns estereótipos, em particular os do imigrante *nouveau riche,* foi outra forma encontrada pela burguesia de raízes tradicionais para sustentar as fronteiras sociais que pareciam se dissipar tão rapidamente. Nasceu daí a figura caricata do imigrante beócio, vigarista e mal-vestido: " (...) por outro lado, há uma classe que prospera a olhos vistos: é essa chusma de congregados e congregadas, expulsos de diversos países da Europa, que para aqui têm vindo em grandes levas e que aqui exploram livre e folgadamente (...) Ah, meus amigos, essa pacífica invasão de hábitos e roupetas é um temeroso problema que o Brasil tem de resolver no futuro".[757] Os pequenos detalhes do trajo passam, então, a ser tão ou mais importantes que as vestimentas em si, servindo para selecionar aqueles que teriam ou não acesso à vida familiar: “Veio ontem à nossa casa um homem. Queria falar com meu pai. Minha mãe perguntou à criada: ‘Tem gravata? Então o faça entrar’. A gravata era um pouco desalinhada, mas o homem tinha punhos engomados. Entrou”.[758]

Enquanto os acessórios asseguravam ao rico sua posição superior, ao novo rico, contribuíam para se fazer notar sua ascensão social: "Toda mãe sensata, do tipo emergente, que sonhava em dar um futuro para o filho, fazia questão de comprar camisa um número maior para o

[755] Deaecto,*Comércio...*, Op. cit., p. 181.
[756] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 64.
[757] Agudo, *Gente Rica...,* Op. cit., p. 69.
[758] Americano, *São Paulo....*, Op. cit., p. 371.

garoto, que geralmente crescia e ia perder a roupa".[759] No caso de trazer o fato irrepreensível, acusava-se o *nouveau riche* pela sua falta de compostura, um outro elemento recorrente nos estereótipos construídos a respeito do imigrante enriquecido: "Pois não são poucos esses *bibelots* de péssimo *biscuit*, bem vestidos por fora, tresandando a perfumes, mas completamente nus por dentro. Abrem a boca: dizem asneiras; fecham a boca: irritam debaixo do mutismo das suas casacas cheias de frisos e de dobras".[760] Para Roger Chartier, a criação de tipos abstratos está intimamente relacionada a uma determinada ordenação ou hierarquização da estrutura social.[761] Tanto os estereótipos do quatrocentão, quanto o do "carcamano", traduzem a necessidade de perpetuação das diferenças da parte de uma elite que pretende se fazer respeitar diante de um processo de mobilidade social em franca aceleração.

A revelação das verdadeiras origens sociais era feita durante a frequentação de alguns espaços de sociabilidade, como a ópera, por exemplo. Se, por um lado, todo aquele que tivesse dinheiro para comprar a entrada poderia participar do evento, de outro, atuavam rígidos mecanismos de restrição social. Em primeiro lugar, estavam os trajes obrigatórios, ao redor dos quais se estabelecia uma verdadeira competição ritualística: "Automóveis paravam, trepidantes, despejando ondas de sedas, plumas e arminhos; auroras de carne de moça, fulgores de olhares e pedrarias; crepúsculos e noites de cabelos, que impregnavam o ar de capitosos perfumes e povoavam os cérebros de espicaçantes estímulos, de aspirações ardentes e de lúbricos desejos".[762] [Anexo 42]

Em segundo lugar, a ópera, ao contrário de outros espaços de sociabilidade, exigia certo capital cultural que não era jamais obtido com a ascensão social.[763] Lembremos que, mesmo na Itália deste momento, os grandes espetáculos executados em teatros eram destinados à nata da sociedade e jamais aos humildes. Os ascendentes podiam, então, compreender a língua em que era cantada a ária, mas não entendiam o código simbólico que a ópera encerrava porque não haviam sido preparados socialmente para isso: "Haverá cousa mais interessante que um novo rico

[759] Lourenço Diaféria. *Brás-sotaques e desmemórias.* São Paulo, Boitempo Editorial, 2002, pp. 47-48.
[760] "Os *snobs* no teatro". In *A Vida Moderna.* São Paulo, 16/10/1924.
[761] Roger Chartier. *A história cultural. Entre práticas e representações.* Coleção *Memória e Sociedade.* Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa; Rio de Janeiro, Difel; Bertrand do Brasil, 1990, p. 22.
[762] Agudo, *Gente Rica...*, Op. cit., p. 135.
[763] Bourdieu, *La distinction...*, Op. cit..

colocado em uma poltrona do Municipal, envernizado pelo seu dinheiro e oco como sua burguesia medíocre?".[764]

O oposto se passava com a burguesia de raízes tradicionais, que fora educada para esse momento ao longo de toda uma vida, empregando todo o seu tempo de ócio nessa preparação. Certamente, ser convidado para uma frisa pertencente a uma família de renome não seria para qualquer um: "(...) fomos convidados por sua tia, Dona Olívia Guedes Penteado, para ouvir Strawinsky, num concerto de Rubinstein, e então ficamos na mesma frisa do Lírico".[765] Assim, ainda que o mercado permitisse o acesso a bens restritos por uma camada privilegiada, o consumo se encarregava de recriar as diferenças sociais: "La consommation est une institution de classe (...): non seulement il y a inégalité devant les objets au sens économique, (...) le savoir et la culture ne sont, pour ceux qui n'en ont pas la clef, c'est à dire le code qui en permet l'usage légitime, rationnel et efficace, que l'occasion d'une ségrégation culturelle plus aiguë et plus subtile".[766] O ascendente poderia ter um piano em casa, comprar um gramofone ou bilhetes para a ópera, podia parecer entender a ária, mas, em realidade, nunca teria o conhecimento necessário à sua perfeita compreensão, uma vez que este não é simplesmente adquirido, mas transmitido de uma geração a outra.

Se na Europa, o fim da transição do feudalismo para o capitalismo trazia a possibilidade de acesso a bens antes restritos à aristocracia, no Brasil da *Belle Époque*, o mesmo acontecerá em razão do processo incipiente de mercantilização de bens até então reservados a uma classe privilegiada. No *Ancien Régime*, o *talon rouge*, por exemplo, era de uso exclusivo do nobre. O vestuário, alguns acessórios e o hábito de morar em hotéis[767] eram marcas prescritas de uma nobreza que vivia no interior de uma sociedade ainda estamental e fazia questão da preservação das distâncias sociais. A Revolução Francesa e a Revolução Industrial, que caracterizam o final do período, puseram fim, respectivamente, às distinções legais e econômicas para as vestimentas, que agora podem ser produzidas em massa.

---

[764] "Os *snobs* no teatro". In *A Vida Moderna.* São Paulo, 16/10/1924.
[765] Penteado, *Tudo em...*, Op. cit., p. 12.
[766] Baudrillard, *La société de consommation...*, Op. cit., pp. 76-77.
[767] Natacha Coquery. *L'hôtel aristocratique. Le marché du luxe à Paris au XVIIIe siècle.* Paris, Publications de la Sorbonne, 1998.

O Brasil da transição para o capitalismo, que começa em finais do XIX e se prolonga até os anos trinta, vive um problema análogo. Durante o período colonial, as barreiras entre as classes eram erigidas pela estrutura econômica altamente excludente, que dividia a sociedade em senhores e escravos, estamentos incomunicáveis. Durante o Império, a sociedade viveu algo próximo às sociedades de corte européias do período do absolutismo, sendo a proximidade em relação ao Imperador e os títulos de nobreza concedidos pela monarquia artifícios da diferenciação da classe dominante em relação às demais. Isso, ainda na República, era bastante forte: "Vinte e um anos após a Proclamação da República, ainda havia muitas famílias que usavam, como uma distinção, títulos de nobreza. O Imperador havia feito uma certa seleção. As pessoas deviam ter uma vida correta para merecer os títulos que recebiam".[768]

Com a chegada da República, não são mais os títulos conferidos pelo Estado que distinguem os estratos sociais. Da mesma forma como na Europa do final do Antigo Regime - e em particular na França, onde o processo é mais característico-, o que passa a erigir barreiras entre as classes é o gosto: "O indivíduo se distinguia no anônimo cenário urbano através da escolha 'correta' associada a um determinado modo de vida sutilmente diferente do de outro meramente rico".[769]

A construção do gosto, tanto em uma, quanto em outra sociedade, não podia prescindir da educação à qual tinham acesso só alguns poucos privilegiados: a nobreza, na Europa, e a aristocracia agrária no Brasil. Para educar seus filhos, a elite de base agrária recorria aos colégios estrangeiros, símbolos da civilização moderna, onde se chegava ao extremo de falar somente em outra língua que não o português.[770] Evitava-se o aprendizado de qualquer coisa que pudesse relembrar a herança colonial ou escrava, como algumas danças, por exemplo.[771] Como diria Bourdieu, na construção do gosto, os elementos do refinamento são fornecidos pela educação familiar e pelas posições de classe, jamais pela educação escolar: "La définition dominante du mode d'appropriation légitime de la culture et de l'oeuvre d'art favorise, jusque sur le terrain scolaire, ceux qui ont eu accès à la culture légitime très tôt, dans une famille cultivée, hors des

[768] Penteado, *Tudo em...*, Op. cit., p. 56.
[769] Needell, *Belle Époque...*, Op. cit., p. 186.
[770] "As freiras não falavam o português. Ensinavam todas as matérias em francês. Inclusive Geografia (...) Falava-se o francês o tempo todo, de maneira que aprendi a falar muito bem". (Penteado, *Tudo em...*, Op. cit., p. 50).
[771] "Tínhamos até lição de dança, com Madame Poças Leitão. Aprendíamos, com grande escândalo a dançar o maxixe. Naquele tempo, era ousado dançar o maxixe". (Idem, ibidem, p. 50).

disciplines scolaires; elle dévalue en effet le savoir et l'interprétation savante, marquée comme 'scolaire'".[772] Nas situações relativamente democráticas, em que se defrontavam os grupos tradicionais e os ascendentes, o gosto era assim o responsável por deixar bem clara a diferença entre aqueles que tinham acesso somente aos bens materiais e aqueles que tinham acesso a estes e ao modo de dispô-los corretamente. A figura do intelectual consistia na síntese mais acabada do bom gosto que escondia, nas entrelinhas, a ética do total distanciamento em relação ao trabalho.

No próximo item, veremos como, em arranjo periférico, organizam-se os espaços de lazer e sociabilidade da elite paulistana e como eles reproduzem os princípios de diferenciação já citados acima, bem como os valores da modernidade capitalista nascente.

4.3 Hábitos de lazer e espaços de sociabilidade da elite paulistana

Tomaremos as diferentes formas de lazer como os caminhos através dos quais se tornam efetivamente públicas as diferenças. Na sociedade brasileira, o lazer não surgiria, no entanto, como uma compensação ao trabalho, tal como acontece nas sociedades burguesas modernas, mas sim, como uma legitimação do total distanciamento das classes abastadas em relação àquele. Esse foi um dos referenciais que, legado pela sociedade escravista, continuou não somente a dirimir as diferenças entre privilegiados e destituídos, mas, principalmente, as diferenças entre aqueles que herdavam fortuna, nome e sangue daqueles que ascendiam socialmente com base no trabalho. O pressuposto é importante porque trata de uma sociedade capitalista nascente que, impelida pelo impulso modernizador, constitui-se sobre bases nem sempre condizentes com os modelos apriorísticos de formação do capitalismo e da modernidade capitalista.

Com a *Belle Époque,* as oportunidades de diversão se multiplicariam. Se voltássemos à São Paulo de meados do século, encontraríamos pouquíssimas possibilidades de lazer e, portanto, de exibição pública. A diferença social era, então, legitimada mais pela origem da família do que pelo que se consumia. A exemplo da indumentária feminina bastante simples perto do que viria a ser, o que caracterizava os contornos de uma sociedade mais próxima à estamental, extremamente rígida em suas estratificações: "Nesses tempos serenos, a cidade pobre não oferecia diversões. Não existia, portanto, a gana pelos divertimentos (...) A não ser pelo desempenho de seus

[772] Bourdieu, *La distinction...*, Op. cit., p. II.

afazeres, ninguém andava pelas ruas solitárias, calçadas de grandes pedras irregulares. Sobre elas rodavam, aos solavancos, as três únicas seges da cidade, pertencentes ao bispo, à Marquesa de Santos e ao Comendador Luiz Antônio Souza Barros".[773]

As reformas urbanas empreendidas durante as gestões de Antônio da Silva Prado (1899-1910) e Raymundo Duprat (1911-1914) - abertura de avenidas (Campos, Elíseos, Higienópolis, Paulista), os loteamentos da Companhia City, o ajardinamento de praças, como a da República, as reformas no Triângulo Central, o nascimento dos Jardins Públicos, a construção dos viadutos que passariam a integrar melhor a cidade - foram fundamentais na configuração de novas formas de sociabilidade mais cosmopolitas. A sociedade mais móvel requeria, então, barreiras mais nítidas entre os espaços de freqüentação das elites e os demais: "(...) construía-se uma esfera pública excludente e privatizada, em que prevaleciam os interesses particulares das elites econômicas e dos grupos financeiros estrangeiros, brancos e masculinos, em detrimento do bem público".[774]

De tal modo, sobrepõe-se à estratificação geográfica produzida pela urbanização a clivagem social gerada pelo comércio e ratificada pelo consumo. Os contornos excludentes da geografia urbana, dado pela ocupação desigual do espaço segundo grupos de diferentes origens sociais, foram corroborados pela ressignificação comercial da cidade da virada do século que acentuou algumas dessas divisões. A reforma urbana deslocou negros e imigrantes para a periferia da cidade; o comércio expulsou os ambulantes, os entregadores de leite e pão, as carroças de burros, criou lojas para os ricos. Anteriormente, o suprimento de víveres alcançava a todos indiferentemente e, ainda que houvesse nuances de qualidade entre os produtos consumidos por uma classe e por outra, os distribuidores eram os mesmos, fossem os mercados, as feiras ou os vendedores ambulantes, que ofereciam seus produtos tanto às casas mais abastadas quanto às mais humildes. Com a reforma urbana, não somente os padrões de consumo tornam-se mais heterogêneos, como também os espaços de sua distribuição. O Triângulo Comercial, formado pelas ruas São Bento, Direita e XV de Novembro, fora zelosamente arquitetado para que as diferenças sociais fossem também ali representadas: "Les fazendeiros venus à capitale, tous les

[773] Barros, *No tempo de dantes...,* Op. cit., p. 5.
[774] Margareth Rago. "A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950". Cap. 10 de Paula Porta (org.). *História da Cidade de São Paulo*, vol. 3, *A cidade na primeira metade do século XX.* São Paulo, Paz e Terra, 2004, p. 390.

négociants et trafiquants de café prirent l'habitude de se rencontrer dans les cafés du Triangulo, dans ses sombres petites boutiques ou l'on sert toujours du jus de canne fraîchement broyée, à côté des 'casas de loteria' qui offrent bruyamment leurs billets et la fortune à tous les passants".[775]

A empresa das compras, a observação das vitrines, o *footing* vespertino, a freqüentação de alguns hotéis e restaurantes transformaram-se em costume exclusivo da elite, fazendo com que o consumo ampliasse seus limites muito além do necessário à mera sobrevivência, muito além das "coisas banais".[776] Ao mesmo tempo, os espaços destinados ao suprimento das camadas populares - que cada vez mais eram empurrados para a periferia - continuavam a manter sua função de "fornecimento de víveres" e onde o ato de comprar continuava a ser uma necessidade, não uma diversão.

A hierarquia de espaços também seguia a regra da separação entre a nobreza da terra e os ascendentes; entre os ricos por natureza e os ricos por mérito; entre os cafeicultores nacionais e os imigrantes comerciantes: "Não pensemos que a cidade democratiza os seus espaços. Pelo contrário, ela acentua as diferenças. Se os espaços representativos parecem indissociáveis entre os investidores nacionais – industriais, comerciantes e banqueiros – o mesmo não ocorre entre os imigrantes. Daí o poder da distinção, que está claro entre os memorialistas e o pequeno mundo ao qual aparecem circunscritos e entre os comissários de café, para os quais as associações de estrangeiros com nacionais não faziam parte da regra de internacionalização dos mercados".[777] Cafés como o acima citado por Pierre Monbeig, aonde só iam os fazendeiros e negociantes de café, conviviam com estabelecimentos para a gente braçal, como o América: "uma espécie de *bas fond* central, com fregueses em mangas de camisa: carregadores, motorneiros, pretalhões".[778] Outros, como o Schortz e o Café Guarani, reuniam somente o público intelectual que freqüentava as rodas literárias e boêmias. Aí os bacharéis costumavam "expor diariamente aos transeuntes pacatos o irrepreensível corte das calças vincadas e dos paletós cintados, a cromática mirabolância das gravatas e a extravagância morfológica dos chapéus".[779] Também a Confeitaria

[775] Monbeig, *La croissance...*, Op. cit., p. 41.
[776] Alusão à Daniel Roche. *Histoire des choses banales. Naissance de la consommation au XVIIe-XIXe siècle.* Paris, Fayard, 1997.
[777] Deaecto, *Comércio...*, Op. cit., p. 26.
[778] Bruno, *História e Tradições...*, vol. III, Op. cit., p. 1158.
[779] Agudo, *Gente Rica...*, Op. cit., p. 27.

Castelões, no Largo do Rosário, "era o escoadouro do mundo galante de São Paulo (...). Mulheres elegantes num ruge de seda vinham tomar sorvetes".[780] Era na Castelões que, em 1900, "as famílias se encaminhavam para lá por volta das duas e meia às quatro da tarde, para tomarem seus sorvetes e comerem seus doces".[781] Ao se sentirem, no entanto, ameaçadas pelas *cocottes* que aí vinham se exibir, as famílias se retiravam para a Confeitaria Nagel, para a Brasserie Paulista ou para a Confeitaria Progredior: "Vamos à Brasserie. Não me agrada a freguesia que a estas horas freqüenta o Castelões".[782] Na confeitaria Progredior se reuniam, de preferência, as famílias estrangeiras.[783] [Anexo 43]

A Progredior havia se transformado num dos ícones do cosmopolitismo paulistano. Desde a arquitetura até a indumentária dos garçons, vestidos de "jaqueta preta e longo avental branco à européia",[784] tudo parecia transportar o freqüentador assíduo aos mais requintados salões da Europa. Não obstante a rica atmosfera do restaurante, um artigo publicado no *Estado de São Paulo* em 1893 afirmava serem os serviços de administração e atendimento detestáveis. As alusões às heranças coloniais, que vão desde a atitude dos garçons, que "conversavam encostados e de vez em quando acariciavam-se com golpes de toalha", até sua formas de falar, "numa língua que quase parecia lusitana", contrastavam com o recinto decorado com apuro. Novamente, a utopia da civilização expressa nas formas urbanas construídas para tal fim destoavam das relações sociais tomadas à colônia, que se faziam presentes a todo o momento delatando o que as formas materiais pretendiam ocultar.[785]

Com o final do século, chegaria também a São Paulo a vida boêmia, generalizando-se entre o público masculino o hábito de ir a cafés-concertos, como o Politeama, o Moulin Rouge, no Largo do Paissandu, o Cassino, na Rua Vinte e Quatro de Maio, o Bijou-Théatre, o Iris, o Pathé-Palace e o High Life.[786] O café-concerto nascera na França do Segundo Império,

---

[780] Edmundo Amaral. *A grande cidade.* São Paulo, José Olympio Editora, 1950, pp. 71-72.
[781] Bruno, *História e Tradições...*, Op. cit., p 1156.
[782] Agudo, *Gente Rica...*, Op. cit., p. 119.
[783] Cícero Marques. *Tempos Passados.* São Paulo, Moema Editora, 1942, p. 86.
[784] Barbuy, *A cidade-exposição...*, Op. cit., p. 125.
[785] Idem, ibidem.
[786] "No High Life. Inaugurou-se na sexta-feira passada o seu novo e luxuoso salão de espera, o apreciado cinema do largo do Arouche, incontestavelmente o ponto predileto da élite paulistana. E faz bem a nossa élite preferindo o High Life pois lá, não só está livre de ver fitas imorais, como freqüentemente sucede no Bijou e outros cinemas, como também é ele a todos os títulos o mais confortável e que melhor conjunto de qualidades apresenta". (*O Pirralho*. São Paulo, 30/01/1912).

inaugurando a convivência entre *monde* e *demi-monde* em um mesmo espaço: "La disposition de la salle de spectacles traduisait la diversité du public: dans les loges du bas, les 'gens du monde'; au premier balcon, les bourgeois; au deuxième, les boutiquiers du quartier; au troisième, le 'poulailler', les ouvriers, midinettes et petits employés".[787] Se a característica central do café concerto na França era ser democrático,[788] sendo as clivagens expressas nos lugares ocupados pelas classes reunidas em um só recinto, em São Paulo, o café concerto era de acesso único da elite. Havia também cafés para os de outras classes, mas aí não se davam espetáculos. Em São Paulo, o mais famoso de todos os cafés-concertos seria o Casino Antartica, inaugurado em 1913. O Casino tornar-se-ia o *music hall* paulista: "O programa é o de todos os estabelecimentos deste gênero: canto, danças e atrações. Bailes mascarados e à fantasia aí são dados na época do carnaval, obtendo franco sucesso".[789]

O aparecimento da vida boêmia no mundo moderno corresponde à fuga em relação à excessiva racionalização que pesa sobre a vida cotidiana: "A vida boêmia passava a exercer enorme fascínio como lugar da evasão, do diletantismo, dos prazeres, da possibilidade de escapar à normatividade da vida cotidiana que progressivamente se instaurava. Vida boêmia, espaço da imaginação e da criatividade, pensavam os intelectuais, espaço da promiscuidade e do desregramento, denunciavam os médicos".[790] Se, na Europa, a vida boêmia contava com a difusão do hábito de fumar, com o uso de bebidas de caráter proibitivo, como o absinto,[791] com a associação entre a alucinação produzida pelo ópio e o universo intelectual, em São Paulo não seria diferente. A difusão dos vícios na capital receberia forte impulso com a regularização do funcionamento das charutarias em 1892. A legalização do comércio do fumo tornaria mais fácil a

[787] Philippe Joutard. "L'ouverture des connaissances et les mutations culturelles". In Georges Duby (dir.). *Histoire de la France* (3 vols.). Vol. 3. *Les temps nouveaux: de 1852 à nos jours.* Paris, Larousse, 1995, p. 178.
[788] "Effort pour lier haute culture et expression populaire, les cabarets jouèrent un rôle important dans le mouvement littéraire et artistique non conformiste de la fin su siècle". (Joutard, "L'ouverture...", in *Histoire...*, Op. cit, p. 179).
[789] Albert Bonnaure. *Livro de Ouro do Estado de São Paulo. Relatório Industrial, Commercial e Agrícola.* São Paulo, Typo-Litho Duprat & Cia., 1914, p. 101.
[790] Rago, "A invenção...", In *História da cidade de São Paulo...*, Op. cit., p. 396.
[791] Em 1912, alguns observadores da sociedade assumem a crítica do lado pernicioso da modernidade capitalista, como o problema do consumo excessivo de álcool, do absinto particularmente. Na França, os Bonneffs propõem um aumento dos impostos sobre mercadorias que induzem ao vício, como o álcool e o fumo, mas afirma haver outros interesses, dos particulares aos estatais, que sobrepujam os pressupostos higienistas. O nome do livro, *Marchands de la Folie*, refere-se ao pequeno comerciante de vinho, "dont le comptoir remplace pour l'ouvrier, pour le petit bourgeois, pour le tâcheron, le cercle, le club, le salon". É esse comerciante que alimenta o vício e a loucura sociais ao oferecer ao trabalhador um meio de fugir de seu mundo demasiado racional e desencantado. (L. et M. Bonneff. *Les Marchands de la Folie*, 1912, p. 2).

obtenção de um Havana ou de um Johannisburgo na mesma medida em que o rapé era progressivamente deixado de lado, em particular pelos que exerciam os *métiers* cerebrais. Alguns anos antes, obter um charuto com essa facilidade seria impensável, já que, naquele momento, Campinas era a única fornecedora de fumo do estado: "(...) nisto a cidade tem feito notáveis progressos: a qualquer canto encontrarás cafés e charutarias, e nestas, além do fumo nacional, terás à escolha o francês, inglês, americanos, suíços, charutos do Rio, da Bahia, de Hamburgo, da Suíça e dizem que também de Havana".[792]

Alguns dos hábitos mundanos são ricamente traçados no romance de Hilário Tácito, *Madame Pommery.* A crônica narra a saga de uma cafetina, batizada pelo autor de *Pommery*, tal qual o champanhe, por ser introdutora deste e de tudo o que dele decorreu na capital paulista. Recém-chegada a São Paulo, pretendia desvirtuar alguns hábitos, em especial os do coronel, ainda não afeito à vida na grande cidade: "De todos os pontos acorriam à Capital fazendeiros aos magotes, todos dinheirosos e ávidos, todos, por quebrar a longa abstinência dos maus dias passados, numa vida renascente de prazer e de fartura. (...) Cumpria remodelar tudo isso, e quanto antes melhor; quer em cousas de dinheiro como em cousas de amor".[793] A cafetina transporta o leitor aos primeiros momentos da vida mundana na Paulicéia, apequenada na imagem do *Paradis Retrouvé* e regada à volúpia, a cigarros e a champanhe: "(...) quando me ponho a considerar a engenhosa aplicação do álcool, não de um modo geral e abstrato, porém efetivamente, no funcionamento conjunto daquela máquina completa que era o Paradis Retrouvé".[794] Trata-se de um processo civilizador às avessas, uma vez que desvirtua o que a educação moderna pretende racionalizar; um processo clandestino, que se relaciona com um reaprendizado da função dos sentidos e do inconsciente, apagados pelo processo civilizador: "Na história do progresso de São Paulo distingo três fases, a partir da chegada de Mme. Pommery, assinaladas por três passos do mundanismo na sua tendência civilizadora de estreitar, quanto possível, a zona neutra que extrema de todo o comércio ilícito com o santuário familiar".[795]

---

[792] "(...) No nosso tempo, se não tínhamos provisão dos célebres cigarros de Campinas, ou se de repente nos faltava o fumo, não nos seria fácil alimentar o vício". (Junius, *Notas...*, Op. cit., pp. 82-89)
[793] Hilário Tácito. *Madame Pommery.* 5a edição. Campinas; Rio de Janeiro, Editora da Unicamp; Fundação Casa Rui Barbosa, 1997, p. 76.
[794] Tácito, *Madame Pommery,* Op. cit., p. 101.
[795] Idem, ibidem, p. 117.

Outra manifestação bastante particular da vida boêmia em São Paulo eram os clubes e associações carnavalescas, que cantavam o álcool, a lascívia, os prazeres mundanos. Dentre os clubes mais consagrados estavam os Fenianos, os Democráticos Carnavalescos (em uma alusão à democracia possível permitida pela festa profana), os Girondinos, os Políticos, os Tenentes de Plutão: "Quando tiveres exibido ao povo da Paulicéia os tesouros de imaginação e de espírito que viemos de descrever, entrareis triunfantes na CAVERNA! Lá, briosos soldados de Momo, encontrareis as magnificências desconhecidas da antiga Grécia, as suntuosidades inimagináveis da terra em que o gozo se despenha em ondas quentes de vida e onde o amortecimento do prazer enerva os sentidos até o entorpecimento. Lá esquecereis as tristezas torpes da vida e sentireis que a alma se evola docemente para as regiões eternas do azul, liberando-se no espaço, haurindo com delícias as harmonias deliciosas da música suavíssima dos beijos. Lá cantareis a glória eterna de Momo e de Plutão ao tilintar cristalino das taças que se quebram no auge do entusiasmo, quando os desejos da carne erguem-se mais fortes para saudar a do prazer. E quando o cansaço dominar-vos, deitareis a cabeça nos ombros macios das formosas pecadoras de seios brancos como o alabastro e aí sonhareis delícias desconhecidas dos mortais".[796]

As sociedades carnavalescas se transformariam em motivo de séria preocupação da parte do poder público que, em dias de baile de carnaval, proibia a todos, e em particular a essas sociedades, de andarem mascarados, executando, no anonimato, vilanias que corrompessem os bons costumes.[797] O carnaval considerado civilizado, eminentemente europeu, era o carnaval de corsos na Avenida Paulista,[798] que reunia as famílias mais elegantes: "Por um prodígio de arquitetura transformavam o veículo em pagode chinês, todo de hortênsias. Outro figurava um caramanchão de cravos vermelhos. Ou barco, de vela de adáleas e casco de rosas. Aquele, um quiosque ornado de rosas. (...) Dentro de cada carro, cestos de flores e, seguindo o corso em quatro linhas entrecruzadas, toda vez que encontravam conhecidos, atiravam flores,

[796] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 27/02/1892. O autor do texto usa o termo "caverna" que designava o lugar onde se encontravam para beber os "profanos" pertencentes a clubes carnavalescos.
[797] "O chefe de polícia do Estado manda fazer público e, especialmente, às sociedades carnavalescas que, nos termos do artigo 261 do Código de Posturas Municipais, é proibido, nos dias de carnaval, andarem mascarados, vestidos indecentemente ou fazerem alegorias contra quaisquer pessoas ou empregados civis, militares e eclesiásticos, bem como usarem de emblemas, ofensivas a religiões. Os infratores incorrerão em multa de 30$000 e serão obrigados pela autoridade policial a recolherem-se mudando de traje e deixando os objetos recolhidos sob pena de desobediência". (*O Estado de São Paulo.* São Paulo, 07/02/1895)
[798] Rago, "A invenção do cotidiano...", cap. 10 de *História da cidade de São Paulo...*, Op. cit., p. 408. Sobre o carnaval, vide Maria Isaura Pereira de Queiroz. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito.* São Paulo, Brasiliense, 1992.

acompanhadas de sorrisos e cumprimentos".[799] A tradição dos desfiles de carros e das batalhas de flores fora trazida para o Brasil pelas famílias notáveis que tomavam conhecimento daquelas em suas viagens de recreio à Europa. No diário de Paulo de Almeida Nogueira, por exemplo, consta uma foto das famílias Nogueira e Penteado em um carro após uma batalha de flores no *Bois de Bologne* em 1908. Em São Paulo, apesar de algumas ilustres guerras de flores, como a de 1903, promovida no Parque Antártica, com "carros bonitos, principalmente do Clube Internacional, Sílvio Penteado, Matarazzo, Arary, etc.",[800] o costume não demoraria a ser deixado de lado, por ser muito caro.[801]

Se a boemia era um fenômeno universal que simbolizava a quebra com a rotina extremamente racional, os vícios da modernidade, presentes na Paulicéia da virada do século, denunciavam, no entanto, o descompasso entre os valores adquiridos junto ao estrangeiro e os valores provincianos e telúricos que desapareciam sem deixar nada no lugar: "Importamos tudo do estrangeiro, até seus vícios, seus maus costumes. É a nevrose latente do francesismo. Dir-se-ia que somos apenas uma sombra de povo, uma nacionalidade morta. Para completar esse quadro só nos falta deparar com as casas de ópio, à maneira chinesa".[802] As denúncias veiculadas pelos jornais, como a morte da prostituta Cecília por um excesso de ingestão de cocaína, traziam à tona a problemática de vícios modernos, que se faziam tanto mais perniciosos quanto mais rápida a transformação pela qual a sociedade passava, combinando à sua base material, valores importados não condizentes com sua realidade social: "Cecília vinha dizendo estar cansada da vida de vícios a que se atirara num momento de loucura".[803]

A contradição entre vida boêmia e normatividade da vida cotidiana seria levada ao paroxismo nas regiões periféricas da cidade, onde a dificuldade de coordenação do espaço

[799] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 375. "Morávamos a um quarteirão da Avenida Paulista, o foco da animação onde se arrastava o corso de automóveis, superlotados de jovens, sentados sobre as capotas arriadas com as pernas balançando para fora, atirando serpentinas de um carro a outro, travando batalhas de confetes e lança-perfumes... As calçadas regurgitando de gente fantasiada, cantando e pulando, desabafando os recalques de um ano inteiro. Nesses três dias de carnaval a Avenida Paulista perdia seu ar austero, explodia em risos e alegria". (Zélia Gattai. *Anarquistas, graças a Deus.* 10a edição. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2001, p. 130)
[800] Nogueira, *Minha vida...*, Op. cit., p. 94.
[801] Americano, *São Paulo...,* Op. cit., p. 325.
[802] "A escandalosa venda da cocaína em São Paulo". *A Capital*. São Paulo, 01/09/1916.
[803] "Na 'pension chic': morte de uma mundana envenenada pela cocaína". *O Commercio de São Paulo.* São Paulo, 20/03/1912.

público e a ausência total de polícia, cuja prioridade era segurança dos ricos,[804] tornava o espaço da diversão um *locus* de periculosidade:

> "No Brás, porém, a nesga populosa mais importante da Capital, não há os botequins de literatura nem 'cabarets': há, entretanto, e em quantidade a corda epidêmica dos cafés cantantes, freqüentados na sua totalidade pela boêmia... desocupada e perigosa".[805]

Os habitantes do Brás, que não tinham acesso à boa educação nem eram gente de estirpe, não podiam imaginar a suntuosidade dos salões literários organizados nos palacetes de ilustres como Olívia Guedes Penteado, Veridiana da Silva Prado e Freitas Valle, os grandes promotores dos salões de elite na São Paulo da *Belle Époque*.[806] Eram também privados do cabaré, associação entre café e espetáculo musical, um divertimento exclusivo dos abastados. Apesar de o bairro do Brás ser um bairro operário, formado, portanto, por trabalhadores estrangeiros, os únicos verdadeiramente dispostos a se dedicar ao trabalho manual, o texto faz questão de chamar essa "nesga mais populosa da capital" de "totalidade desocupada". Tal discurso legitima, na realidade, a cisão dos espaços de sociabilidade, justificando a destinação de espaços marginais aos "desocupados", bem como a exclusão social daqueles que não tinham como escolha senão o trabalho braçal, não considerado digno de consideração dentro da ética ainda aristocrática da burguesia de raízes tradicionais.

Outro novo hábito instaurado com a vida moderna e cosmopolita fora o hábito de comer fora em ocasiões especiais: "Lembro-me da amizade que o papai tinha com Dr. Júlio de Mesquita. Almoçávamos no Hotel Pinheiro, onde o Dr. Júlio morava".[807] Aliás, o hábito de comer fora, a abertura para o público de um ato até então circunscrito à vida privada, era em si mesmo a exposição da figura daqueles que o realizavam. As pessoas comuns paravam para olhar os elegantes no interior dos cafés, a eles e aos seus trajos incorruptíveis, expostos como produtos

---

[804] "(...) antigamente podíamos dormir, em qualquer casa, tendo as portas e as janelas abertas durante toda a noite (...). Não se pode fazer o mesmo hoje: os ladrões andam por toda a parte e mostram-se de uma ousadia admirável. (...) A polícia não tem agente, não tem soldados em número suficiente para a vigilância das ruas, não tem os recursos pecuniários para todas as diligências, faltam-lhe pois todos os meios preventivos; talvez se deva acrescentar - falta-lhe também o tino". (Junius, *Notas...*Op. cit. , pp. 45-46)
[805] *Folha do Brás.* São Paulo, 18/06/1899.
[806] Camargos, *Villa Kyrial...*, Op. cit.
[807] Penteado, *Tudo em...*, Op. cit., p. 46.

através das vitrines dos estabelecimentos: "Os Charles e os Fontaines multiplicam-se, mas mais aperfeiçoados: o modernismo nos trouxe o grande benefício de já não ser necessário, como outrora, visitá-los às escondidas, à noite: hoje come-se e bebe-se de dia - nessas casas, a toda hora, à vista dos fregueses e dos transeuntes, que ao passarem pela rua resolvem lançar os olhos para as salas dos cafés e dos restaurantes".[808]

O Grande Hotel tornar-se-ia um lugar de referência para as elites paulistanas, encarregando-se não somente dos visitantes estrangeiros, mas também dos *buffets* das festas da alta sociedade paulistana.[809] Alguns cronistas estrangeiros o igualariam em conforto e elegância aos grandes hotéis da Europa: "Candelabros a gás iluminavam o vestíbulo e por uma escada de mármore branco subia-se ao primeiro andar, onde um empregado de 'irrepreensível estilo e toalete', avisado pelo porteiro por campainha elétrica, recebia o recém-chegado".[810] Outros cronistas, como Paul Walle, diriam ser o Hotel da Rotisserie Sportsman o melhor da capital. O hotel tinha três pavimentos que ficavam defronte à Rua São Bento e mais quatro nos fundos, dando para a Líbero Badaró. Era dirigido por franceses e o serviço de mesa era considerado excelente.[811] Por ser altamente requintado, era muito procurado pelas famílias de elite para as recepções que eram dadas fora de suas residências: “Em seu salão nobre, sustentado por três colunas e com palco para orquestra, é que se davam os grandes banquetes da época”.[812]

A vida moderna traria ainda, juntamente com o higienismo, uma revalorização do corpo.[813] A prática esportiva faria, então, parte do rol de hábitos da burguesia paulista: "Há já alguns anos os esportes fazem parte da cultura de São Paulo. Uma mocidade ardente desenvolve pela prática dos exercícios físicos, esta cultura do corpo e da vontade, sintetizada no esforço que

---

[808] Junius, *Notas...,* Op. cit., p. 84.
[809] *Almanaque da Província de São Paulo para 1886*. São Paulo, 1886. "(...) então [há trinta anos] se se quisesse um jantar bem servido seria necessário encomendá-lo com antecedência de muitos dias; e quanto a vinhos, cervejas, licores, indispensável se tornaria mandar vir tudo isso de Santos ou mesmo da corte. (...) Pois hoje se pode oferecer um esplêndido banquete (...) a qualquer outro possuidor de coroa, cetro e trono; nada faltará: feita a encomenda ao meio-dia, às sete horas da noite estará pronto o banquete e luxuosamente servido com variedades de iguarias à européia, de sobremesa, com profusão de vinhos de finas qualidades (...): os três hotéis de primeira ordem, as confeitarias, e várias outras casas oferecem todos os recursos para a realização de uma tal festa". (Junius, *Notas...*, Op. cit., p. 45).
[810] Bruno, *História e Tradições...*, vol. III, Op. cit., p 1150.
[811] Walle, *Au Pays....*, Op. Cit., pp. 70-71.
[812] Bruno, *História e Tradições...*, vol. III, Op. cit., p. 1161.
[813] A respeito da relação entre os avanços da modernidade e o corpo na capital paulista dos anos 20, vide Nicolau Sevcenko. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.* São Paulo, Cia. das Letras, 1992.

torna as raças sãs e vigorosas".[814] Em 1894, Charles Miller, agente da Mala Real Inglesa, traria o *foot-ball* para o Brasil, organizando a primeira partida entre o São Paulo Athletic Club e a Companhia Inglesa.[815] [Anexo 44] Os esportes náuticos deixavam de ter um cunho amador e clandestino - a natação fora terminantemente proibida no Tamanduateí entre 1880 e 1889, desaparecendo completamente em 1900 - para serem praticados em clubes fechados, organizados por sociedades desportivas: "Em 1912, uma publicação já registrava a existência dos clubes São Paulo, Espéria e Tietê, de natação e regatas".[816] Em 1912, era fundada a Sociedade Hípica Paulista, a primeira do país especializada em equitação e esportes hípicos.

O ciclismo tomaria também um enorme impulso a partir de finais do XIX e as páginas dos jornais se veriam repletas de anúncios de bicicletas de todos os tipos e preços, com vantagens inéditas até para os menos abastados: "Até 1893, as poucas bicicletas existentes na cidade eram privilégio dos mocinhos ricos. Em 1894, elas começaram, porém, a ser importadas comercialmente".[817] Em 1896, começaria a circular até mesmo um semanário intitulado *A Bicicleta* tal era a febre do esporte no país.[818] [Anexo 45]

Se por um lado, crescia o número daqueles que poderiam adquirir uma bicicleta, o mesmo não acontecia, no entanto, com os espaços de promoção do esporte, que pareciam ir na contramão da generalização do consumo, tornando-se cada vez mais fechados. Nasceriam então os clubes e associações para ciclistas e se construiria o Velódromo Paulistano aonde se dirigiam os endinheirados para assistir às corridas de bicicletas. Ali, como nos Jardins Públicos, as mulheres iam exibir suas toaletes recém-chegadas de Paris e apoiar seus favoritos nas corridas.[819] A

---

[814] Bonnaure, *Livro de ouro...*, Op. cit., p. 105.
[815] Bruno, *História e Tradições...*, vol. III, Op. cit., 1242.
[816] Idem, ibidem, p. 1249.
[817] Idem, ibidem, 1245.
[818] Idem, ibidem.
[819] "A sociedade encontrava-se no Jardim da Luz, onde se realizavam concertos semanais, e no Velódromo. As mulheres de elite aproveitavam a oportunidade para exibir as *toilettes* chegadas de Paris". (M. Cecília N. Homem, *O palacete...*, Op. cit., p. 199). A presença das mulheres em alguns grandes clubes esportivos foi tema de um quadro de Jacques Joseph Tissot, um dos expoentes da *Belle Époque* francesa, "Ces dames des chars à l'Hippodrome" (1885). Retratar a mulher em situações da vida mundana, nos salões, nos cabarés e nos clubes esportivos será um dos feitos da arte na *Belle Époque*. É o momento também do surgimento da publicidade associada à arte, com cartazes de Toulouse-Lautrec retratando e divulgando o cabaré *Moulin Rouge* ou os anúncios do "Lait pur stérilisé" e da "Compagnie Française des chocolats et thès" ou ainda dos biscoitos "Lefèvre-Utile" desenhados pelo seu rival, Theophile-Alexandre Steilen, que também fazia os desenhos para *Les Ambassadeurs* e *Le Chat Noir*, outros cafés-concertos da época: "Les années 1890 marquèrent l'apogée de l'affiche artistique. La rue devint la galerie de tout le monde. De nouvelles affiches en couleurs apparaissaient continuellement sur les murs de Paris, faisant l'éloge d'une

proporção excessivamente exibicionista que tomava algumas práticas esportivas, que unia à competição natural da prática a necessidade de afirmação social, tornava o esporte não somente motivo de exaltação, mas também alvo de crítica severa: "São vítimas do atual esportismo... Uns correm loucamente em automóveis, para baterem o *record* de velocidade... Outros ainda mais loucamente sobem ao ar em aeroplanos ou dirigíveis, para baterem o *record* da altura... Estes estropiam horrivelmente o corpo com o abuso do *foot-ball* ou do *box*, para baterem o *record* da agilidade ou da força...".[820]

A adoção do costume de ir a estações balneárias no período de veraneio era um outro produto do higienismo moderno. Ia-se a Santos e ao Guarujá, mas também a Poços de Caldas, para aqueles que tinham reumatismo: "Todo ano, eu acompanhava Papai e Mamãe a Poços de Caldas. Papai tinha reumatismo. Ficávamos no Grande Hotel, que era o melhor daquela época. Depois do jantar, todos se sentavam numas cadeiras na calçada. O hotel tinha um cassino que era a perdição dos homens e deixava as mulheres todas alvoroçadas porque, a não ser os que estavam reumáticos demais, todos iam fazer sua fezinha".[821] Na capital, as elites se refrescavam na mais famosa casa de banhos, a Sereia Paulista. Para a classe média relegavam-se as represas, como aquelas de Santo Amaro: "Les lacs artificiels de la Cie 'Light and Power' ont attiré les visiteurs dominicaux; les facilités de circulation, soit par tramway, soit par autobus, soit par de bonnes routes, ont décidé des Paulistas de classe moyenne, des étrangers aussi, résider près de Santo Amaro, dans la petite ville même et aux environs des 'represas' ».[822] [Anexo 46]

Por trás do discurso higienista, estava a clara exclusão social que, tomada ao passado escravista, racionalizava-se, tornando a não participação de negros, pobres, trabalhadores braçais e mulheres[823] objeto de legislação. Regulamentos de algumas práticas desportivas, por exemplo a do remo, excluía a total participação de "criados de servir" de alguns estabelecimentos, como hotéis, cafés, bares, confeitarias e bilhares; condutores de veículos; "os de profissão manual que

---

représentation théâtrale ou d'une marque de dentifrice". (Victor Arwas. *Affiches et gravures de la Belle Époque.* Paris, Flammarion, 1978). Em São Paulo, os anúncios da Casa Alemã, de venda de roupa masculina, foram uns dos primeiros a terem um traçado mais artístico e textos menos diretos. A publicidade de cunho mais artístico e abstrato apareceria, no entanto, somente nos anos 20, com o modernismo.[Anexo 39]

[820] Agudo, *Gente Rica...*, Op. cit., p. 95.

[821] Penteado, *Tudo em...*, Op. cit., p. 46.

[822] Monbeig, *La croissance...*, Op. cit, p. 48.

[823] Margareth Rago. *A invenção do cotidiano na metrópole: Sociabilidade e Lazer em São Paulo, 1900-1950,* p. 401.

não exija esforço mental"; operários e outros.[824] No caso da mulher, temia-se que a prática regular de um esporte a fizesse perder seus traços mais frágeis tão caros ao estereótipo feminino da *Belle Époque*: "O medo da masculinização da mulher decorria de que se considerava ser inevitável o abandono de suas supostas funções naturais, como a maternidade e os cuidados da família e da casa".[825] A presença de uma regulamentação específica prova que a constituição da modernidade periférica criava aparatos de racionalização que, ao invés de minimizarem os mecanismos excludentes a partir da criação de instâncias democráticas, reorganizava-os sob uma nova forma, condizente com a ordem social competitiva. O futebol, por exemplo, só terá uma composição mais democrática a partir dos anos 20. Antes disso, só era permitida a participação dos grã-finos.

Alguns clubes de maior prestígio - como o Jockey, o Automóvel Clube e o São Paulo - não permitiam, até 1918, o ingresso de imigrantes e "ainda hoje não se encontram muito amiúde nomes de imigrantes em suas diretorias",[826] assinalando as clivagens que existiam entre os espaços de sociabilidade da elite tradicional paulistana e os da camada ascendente: "Os brasileiros 'europeizados' freqüentavam o Automóvel Clube; os mais tradicionais, o Clube Comercial; e os italianos ricos, o Circolo Italiano".[827] A separação de espaços servia para consolidar as identidades e acentuar as diferenças entre os grupos, sendo às vezes vista com pitadas de bom humor: "Perguntava-se há dias um velho ituano, torcendo-me o botão do casaco, na Praça do Patriarca: 'Onde é que nós vamos parar com estes estrangeiros todos? Onde é que estão os paulistas?'. 'No Automóvel Club, formulando planos de salvação do Brasil'".[828]

Se a bicicleta já havia sido um artigo altamente excludente que recém começara a se difundir, o automóvel, introduzido na sociedade há pouco tempo, era o artigo que melhor simbolizava, no alvorecer do século XX, as intenções distintivas das elites. Afinal, a Paulicéia de 1903 contava com somente cinco veículos automotores, cujos proprietários eram: Conde Francisco Matarazzo, Dr. Walter Seng, Dr. Antônio Prado Jr., Persano Pacheco e Silva, Conde

[824] Henrique Nicolini. *Tietê: o rio do esporte.* São Paulo, Phorte, 2001, p. 208.
[825] Rago, "A invenção...", cap. 10 de *História da cidade de São Paulo...*, Op. cit., p. 401.
[826] Dean, *A industrialização...,* Op. cit., p. 85.
[827] M. Cecília N. Homem, *O palacete...*, Op. cit., p. 199.
[828] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 369.

Eduardo Prates.[829] Embora as condições para sua utilização não fossem favoráveis - a cidade contava com ruas em péssimo estado que causariam a indignação de Henrique Santos Dumont-, o efeito da ostentação era máximo: "(...) deixam atrás de si um fétido horrível de gasolina queimada, e sujam as ruas de óleo esverdeado, mas... é distinto, é *chic* andar de automóvel. Um 40 HP é soberbo! Depois, quem anda dentro deles não fica sujo pela poeira nem sente o cheiro da rabeira".[830] Não havia um transeunte sequer que não se detivesse alguns minutos para admirar a passagem de um automóvel. [Anexo 47]

Dentre todas as diversões, não havia, contudo, ambiente que propiciasse maior diferenciação social do que a ópera. Nem mesmo os cinematógrafos, que entrariam na cidade com o século XX e, dentro dos quais as famílias abastadas tinham uma frisa só para si.[831] O enriquecimento da cidade e o contato com a cultura européia promoveriam a multiplicação das casas de espetáculo, desde o pequeno Teatro Minerva, o Provisório Paulistano, o Ginásio Paulistano, até o São José, o Politeama, o Eldorado, o Santana. A estação lírica era o momento em que se reunia em São Paulo uma população flutuante, que trazia à cidade enorme animação.[832] Quando as companhias estrangeiras se apresentavam em São Paulo, era motivo de interesse não somente do público da cidade, mas também dos endinheirados de Jundiaí e de Campinas, que para lá se transportavam a fim de assistir aos espetáculos do São José.

De todos os teatros supracitados, o mais célebre seria o Municipal. Construído por Ramos de Azevedo, Domicílio e Cláudio Rossi no estilo barroco dos seiscentos, o Teatro Municipal, cuja construção começara em 1903, seria inaugurado em 1911, no final do mandato do intendente

---

[829] Lauro Costa. *O alvorecer do automóvel em São Paulo de Piratininga – breves notas sobre veículos e transportes em São Paulo.* São Paulo, s./ ed., 1956.
[830] Agudo, *Gente Rica...,* Op. cit., p. 92.
[831] "Íamos muito ao cinema. (...) As famílias tinham uma frisa reservada. Para nós, era importante que a frisa fosse sempre a mesma". (Penteado, *Tudo em...*, Op. cit., p. 53). Bonnaure e sua impressão sobre o cinematógrafo em São Paulo: "O cinematógrafo ocupa em São Paulo o primeiro lugar importante que, em poucos anos, esta maravilhosa arte da expressão conquistou em todo o mundo. Numerosas e elegantes salas acham-se instaladas em todos os bairros da capital". E, continuando, cita alguns bairros da capital cujas salas eram freqüentadas pelas melhores famílias que ali habitavam, mostrando, portanto, o caráter elitista inicial do cinema: "Os bairros dos Campos Elíseos, Santa Ifigênia, Vila Buarque, Luz, Braz e Liberdade possuem excelentes cinemas, frequentados pelas melhores famílias que neles residem". (Bonnaure, *Livro...*, Op. cit., p. 101). Mais detalhes a respeito do cinematógrafo, vide Flora Sussekind. *Cinematógrafo das letras.* São Paulo, Cia. Das Letras, 1987.
[832] "A população flutuante em ocasião de certas festas, principalmente na estação lírica, toma extraordinário incremento, aparecendo em grandes ondas nas ruas, nas praças, nos arrabaldes, nos jardins, em toda a parte, dando visivelmente mais animação ao comércio, mais vida à cidade, e fazendo circular mais dinheiro". (Junius, *Notas...*, Op. cit, p. 44).

Antônio da Silva Prado.[833] No dia de sua inauguração, diz Jorge Americano, ter havido até engarrafamento às proximidades do teatro: "Quando fomos entrando pela Rua Barão de Itapetininga, tudo parou. Os carros chegavam ao Municipal por todas as direções. Vinham pelo viaduto do Chá, pela Rua Conselheiro Crispiniano, direção do Largo do Paissandu, pela Rua 24 de maior. (...) Atingimos a Praça da República às 8:30 e o Municipal às 10:15 no começo do segundo ato. Mas ninguém teve a iniciativa de descer e seguir a pé. Seria escandaloso".[834]

O ano de 1911 seria também aquele em que a província de São Paulo atingiria a maior exportação de café de todos os tempos, sendo a inauguração do Municipal uma espécie de coroação do fenômeno. O teatro se tornaria, então, motivo do orgulho regional e importante ponto de encontro classe burguesa paulistana que se via nos ramos de café delicadamente entalhados nas paredes. Em suas dependências havia também o Café Municipal, ponto de encontro da boemia paulistana, "dentre os de São Paulo, o mais seleto e elegante",[835] cuja vista dava para o Viaduto do Chá e onde alguns consumidores passavam "instantes agradáveis".[836] Seria preciso, contudo, vencer a resistência dos paulistanos a atravessarem o viaduto do Chá: "Vencido o primeiro passo, a voga, a popularidade apoderou-se do Café Municipal, que passou a ser o ponto favorito da élite mundana da capital (...) é principalmente à noite, à saída do espetáculo, que a animação torna-se mais intensa".[837]

Conforme dito no item anterior, para a perfeita compreensão da ópera era necessário que o gosto também fosse educado. A educação musical e a construção do gosto pela cultura lírica em São Paulo começara com a ligação mais estreita entre São Paulo e a corte graças à estrada de ferro construída em 1877. Por ela chegariam à capital paulista as mais célebres companhias líricas. Com o enriquecimento proporcionado pelo café, os quatrocentões passariam também a valorizar o estudo do piano e da música clássica, que ganharia novo alento com a fixação de professores estrangeiros na capital e com a fundação da casa de música Levy. A voga do piano, à

[833] "O edifício ocupa uma superfície de 3609 metros quadrados; de aspecto muito livre, a harmonia do seu conjunto obedece às linhas gerais do estilo 'Renaissance baroque' que dá ao caráter imponente da renascença grego-romana mais variedade e liberdade de imaginação no emprego da linha curva e nos motivos e detalhes ornamentais". (Bonnaure, *Livro...*, Op. cit., p. 89).
[834] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 329.
[835] Tácito, *Madame Pommery,* Op. cit.
[836] Bonnaure, *Livro...*, Op. cit., p. 102.
[837] "(...) o local parecia afastado e o público, rotineiro em seus hábitos, não se decidia a atravessar o Viaduto do Chá". (Bonnaure, *Livro de outro...*, Op. cit., pp. 103-104).

época importante concessor de *status* social, seria tão marcante que o folhetinista França Júnior intitularia São Paulo de "uma verdadeira Pianópolis".[838]

A presença concomitante da burguesia tradicional e da ascendente em alguns espaços "relativamente" democráticos, como a ópera, o Corso da Paulista, o Trianon, não tinha outra intenção senão a de reforçar o acesso privilegiado da primeira à boa educação. Afinal, não bastava o gosto educado de pronto, a absorção grosseira de um conjunto de códigos de comportamentos repetidos até a exaustão. Para ser um verdadeiro apreciador do espetáculo, era necessário o cuidadoso cultivo dos gostos desde a mais tenra idade: "L'oeuvre d'art ne prend un sens et ne revêt un intérêt que pour celui qui est pourvu du code selon lequel elle est codée".[839] Na ópera, *locus* da exibição *par excelence*, o espetáculo se estendia muito além daquele que era visto no palco: "No segundo intervalo, passeava-se no "foyer". Os homens, de cartola na cabeça (...). Os que tinham claque (chapéu de molas londrino, que se achatava, e em cujas dobras se apertavam as luvas), esses o traziam debaixo do braço. Tudo como em Londres ou Paris, vejam-se os quadros de Renoir, do fim do século".[840] Esses eram os momentos durante os quais se denunciavam as verdadeiras origens dos gostos, diferenciando-se os legítimos portadores do capital cultural daqueles que o adquiriram posteriormente via mercado e educação. O comportamento era percebido nos mínimos detalhes, que iam do trajo ao gesto maquinal: "Aplaudem porque vêem aplaudir. Ficam nas suas poltronas, impacientes, à espera do intervalo, que é o melhor momento do espetáculo, na sua opinião porque podem ir ao 'foyer' passear os seus vernizes, bamboleando o corpo em trejeitos, procurando posições para a bengala, inventando atitudes de graça que não passam de uma ridícula demonstração de petulância".[841] Esse tipo de comportamento é esclarecido pelas palavras de Bourdieu: "Le spectateur dépourvu du code spécifique se sent submergé, 'noyé', devant ce qui lui apparaît comme un chaos de sons et de rythmes, de couleurs et de lignes sans rime ni raison. Faute d'avoir appris à adopter la disposition adéquate, il s'en tient à ce que Panofsky appelle les 'propriétés sensibles', saisissant une peau

[838] Bruno, *História e Tradições...*, Op. cit., p. 1301.
[839] Bourdieu, *La distinction...*, Op. cit., p. II.
[840] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 320.
[841] "Os *snobs* no teatro". In, *Vida Moderna,* Op. cit.

comme veloutée ou une dentelle comme vaporeuse, ou aux résonances affectives suscités par ces propriétés, parlant de couleurs ou de mélodies sévères ou joyeuses".[842]

Sendo a ópera o momento mais importante do "ver e ser visto", pelo qual eram selecionados os legítimos portadores do capital cultural e os predestinados à civilização, algumas tentativas de democratização do espetáculo foram inócuas. Sugeriu uma vez Bonnaure que se os ingressos fossem mais acessíveis, a renda arrecadada seria maior e, assim, mais companhias seriam contratadas, permitindo a uma parcela cada vez maior da população o deleite proporcionado pela cena lírica: "O preço das localidades mais ao alcance de todos não contribuiria para aumentar a receita, pelo acréscimo do número de telespectadores?".[843] Mas era realmente essa a intenção? A lógica, de um estrangeiro que olha o Brasil, é completamente avessa à de uma sociedade de passado colonial e escravista que constitui sua modernidade sobre preceitos excludentes herdados desse passado e não sobre aqueles criados a partir de uma revolução democrática.

[842] Bourdieu, *La distinction...*, Op. cit., p. II.
[843] Bonnaure, *Livro de ouro...,* Op. cit., p. 100.

Cap. 5 Consumo, indústria e modernização capitalista em São Paulo (1890-1915)

5.1 Cafeicultura, consumo e indústria em São Paulo: possíveis combinações rumo ao capitalismo periférico

No bojo da economia cafeeira, a São Paulo de meados do século XIX foi radicalmente transformada pelo nascente capitalismo e por relações de produção por ele engendradas extremamente peculiares. A cidade trouxe consigo a multiplicação das possibilidades de enriquecimento que dissolveu um pouco da profunda rigidez existente entre os estratos sociais, permitindo relativa mobilidade entre algumas frações.[844] A vida urbana, mais célere, alterou o ritmo cotidiano, criou novas necessidades, aprimorou gostos. O consumo deixou de ser a mera satisfação de necessidades físicas - ao mesmo tempo em que o *domus* deixava de ser auto-suficiente na satisfação dessas necessidades - para tornar-se um artifício de distinção social, que no caso brasileiro se mescla a alguns aspectos peculiares que remontam ao passado colonial.

Um desses aspectos é, obviamente, a rígida estratificação social tantas vezes solidificada sobre elementos tradicionais que se recriam permanentemente. No capítulo anterior, vimos que esses elementos tradicionais são responsáveis por uma dinâmica de consumo compósita e contraditória que, ainda que contenha traços capitalistas em seu interior, não é capaz de se livrar de seus traços "aristocráticos" e da necessidade excessiva de demonstração, estratégia adotada mesmo pelos grupos ascendentes de origem estrangeira. Tal fato se explica, segundo Florestan, pelo caráter patrimonialista de que se revestem as sociedades cujas elites conservam sua base agrária no processo de transição para a ordem burguesa. O resultado é a internalização dos padrões tradicionais de dominação também pelas classes ascendentes.[845]

---

[844] "No terreno econômico observaremos a eclosão de um espírito que se não era novo, se mantivera no entanto na sombra e em plano secundário: a ânsia de enriquecimento, de prosperidade material. Isto, na monarquia, nunca se tivera como um ideal legítimo e plenamente reconhecido. O novo regime o consagrará. O contraste destas duas fases, anterior e posterior ao advento republicano, se pode avaliar, entre outros sinais, pela posição respectiva do homem de negócios, isto é, do indivíduo inteiramente voltado com suas atividades e atenções para o objetivo único de enriquecer. No Império, ele não representa senão figura de segundo plano, malvista aliás e de pequena consideração. A República levá-lo-á para uma posição central e culminante". (Caio Prado Jr. *História Econômica do Brasil.* São Paulo, Ed. Brasiliense, 1976, p. 208)

[845] Tal estrutura "cristalizada" remonta aos tempos imperiais: "A autonomização política e a burocratização da dominação patrimonialista imprimiriam à produção e à exportação as funções de processos sociais de acumulação estamental de capital. (...) Como ocorreu em outras sociedades estamentais - e, em particular, na história da aristocracia agrária européia -, esse tipo de acumulação de capital condiciona as fases incipientes de formação do

O aparecimento das possibilidades de ascensão social em uma sociedade ainda de raízes fortemente patriarcais potencializa os conflitos existentes entre as camadas ascendentes e as já consolidadas pela tradição; conflitos estes que se refletem no plano do consumo. A dinâmica de exclusão/generalização permanece, no entanto, restrita a esses estratos que competem pela liderança social. As camadas médias emergentes entram no processo também de uma forma peculiar, consumindo produtos nacionais ou falsificados. Na base da pirâmide social, no entanto, uma imensa massa social é excluída do processo e assim permanecerá por muito tempo. Continua a produzir seus próprios objetos de consumo, permanecendo presa ao âmbito das *coisas banais* que caracterizam uma economia primitiva.

Como em toda transição para o capitalismo, o consumo reúne elementos da sociedade arcaica que é suplantada e elementos da sociedade capitalista emergente. Nasce da ainda inconclusa separação entre o trabalhador e seus meios de produção e da mercantilização incipiente que permite a satisfação de algumas necessidades pelo mercado. É essa condição que permite a especialização do produtor doméstico e o aumento de sua produtividade, traço precípuo do fenômeno da protoindustrialização:[846] "le rapport des hommes aux choses marchands doit tenir compte du processus de contestation né avec le passage d'une civilisation de la rareté et de l'économie stationnaire à celle du développement et de l'abondance".[847] No plano cultural, o consumo pré-capitalista expressa a necessidade da afirmação de alguns grupos sociais frente a outros, em particular, diante da mercantilização de algumas insígnias e da possibilidade de sua

---

capitalismo. Contudo (...) aqui não se chegou a contar com fatores econômicos, sociais e políticos que pudessem reduzir a duração, no fluxo histórico, das funções socioeconômicas da acumulação estamental de capital, convertendo-a em processo de duração histórica limitada (ou seja, *em uma fase do desenvolvimento econômico*). Em conseqüência, o referido processo se cristalizou, adquirindo caráter social recorrente e o significado de um *estado econômico permanente,* persistindo mesmo à desagregação da ordem social patrimonialista e à universalização do regime de trabalho livre". (Florestan Fernandes. *A Revolução Burguesa no Brasil-ensaio de interpretação sociológica.* São Paulo, Editora Globo, 2006, pp. 98-99).

[846] "(...) chamamos de protoindustrialização um sistema de produção de base-rural, em que os trabalhadores são artífices-camponeses que combinam o trabalho de fiar ou tecer com o cultivo da terra e cujo produto é vendido, geralmente, em um mercado distante, por empresários que o comercializam". (Josep Fontana. *Introdução ao estudo da História Geral.* Trad. Heloísa Reichel. Bauru, Edusc, 2000, pp. 183-183). Segundo o autor, o fenômeno da protoindustrialização, nascido do sistema de *putting-out*, contraria a tese marxista de que os trabalhadores, destituídos de seus meios de produção, teriam sido expulsos para a cidade. Na realidade, isso é verdadeiro para a segunda sucessão de *enclosures*, havida na Inglaterra em meados do século XVIII, durante o processo de revolução agrícola e cercamento dos campos para a produção comercial. Os primeiros *enclosures*, realizados ao cabo do século XVI, fixam os trabalhadores no campo, relacionando-os a um comerciante que lhes fornece a matéria-prima. Dedicam-se assim à produção de sua própria subsistência e, em parte do tempo livre, à produção para o mercado.

[847] Daniel Roche. *Histoire des choses banales. Naissance de la consommation XVIIe-XIXe siècle.* Paris, Fayard, 1997, p. 14.

aquisição por todos aqueles que disponham de recursos para isso, não importando sua origem social. Na Europa - mais particularmente na França e na Inglaterra, durante a constituição de seus respectivos Estados Absolutistas -, o momento anuncia a formação da sociedade de corte, a qual dá lugar a um consumo reservado à aristocracia e tomado de empréstimo pela burguesia a partir do século XVII.[848] No Brasil, especialmente em São Paulo, o final do século XIX é o momento em que emerge processo análogo a este, quando do aparecimento de uma burguesia organizada em frações de origens diferentes e conflitantes entre si: uma fração composta dos altos representantes da oligarquia cafeeira fortemente atrelada à tradição; uma segunda fração ascendente, constituída principalmente de imigrantes enriquecidos pelo comércio e outras atividades desaprovadas socialmente pela fração cafeicultora.

Em alguns países da Europa, como França, Alemanha e Itália, o final do século XIX - que coincide, para as duas últimas nações, com seus processos de unificação - é também o momento da consolidação de suas revoluções industriais, o segundo passo para o nascimento de uma cultura da abundância, pré-requisito para a sociedade de consumo.[849] O primeiro passo teria sido a revolução agrícola do século XVIII, concomitante à primeira Revolução Industrial, permitindo que, com o barateamento dos alimentos, uma parte da renda familiar passasse a ser consagrada a bens até então inacessíveis, relacionados a outras necessidades que não a mera sobrevivência.[850] Na Inglaterra, a pioneira do processo, a Primeira Revolução Industrial - baseada na difusão dos têxteis produzidos com a energia a vapor - concluíra-se no século XVIII e, um século depois, a

---

[848] Elias diferencia o consumo da transição do consumo propriamente capitalista denominando-o consumo de prestígio (*consommation de prestige*), que teria encontrado seu tipo ideal no caso francês. Na Inglaterra: "(...) on trouve dans beaucoup de sociétés des exemples de consommation de prestige, de consommations imposées par la lutte pour le statut social et le prestige. (...) Il est vrai qu'en Angleterre, le roi et sa cour ne constituaient pas un centre dépassant en puissance tous les autres. Les couches supérieures anglaises n'avaient, par conséquent, pas dans la même mesure que les couches supérieures françaises un caractère de 'cour'. Les barrières sociales entre les couches supérieures aristocratiques et bourgeoises (...) étaient moins marquées et moins étanches en Angleterre. La couche typiquement anglaise des grands propriétaires terriens d'origine bourgeoise, la 'gentry' se lançait, poussé par une rivalité de rang sans fin, avec autant de zèle dans la construction des résidences de prestige et d'une manière générale dans les dépenses ostentatoires, que les familles de la haute noblesse. En Angleterre aussi, de nombreuses familles se sont ainsi ruinées". (Norbert Elias. *La société de cour.* Trad. Pierre Kamnitzer et Jeanne Etoré. Paris, Champs-Flammarion, 1985, p. 49).

[849] Importante atentar que diferenciamos a formação de uma cultura do consumo, existente já no século XVI, da sociedade de consumo, que somente se torna uma realidade após a II Revolução Industrial nos países do centro do sistema capitalista. No Brasil, sua presença dependeria da consolidação da industrialização e das políticas de concessão de crédito ao consumo promovidas na década de 60 do século XX. Adotamos a definição proposta por Gisela Taschner. (Gisela Taschner. "A Revolução do Consumidor". Relatório de Pesquisa n. 34. EAESP/FGV/Núcleo de Pesquisas e Publicações, 1997).

[850] Fontana, *Introdução...*, Op. cit., pp. 118-125.

grande potência marítima e militar estreava sua Segunda Revolução Industrial.[851] Para alguns autores, a Revolução Industrial não se faria sem uma correspondente revolução no consumo: "What has gone ignored is the 'consumer revolution' that was the necessary companion of the industrial revolution. A change in productive means and ends (...) cannot have occurred without a commensurate change in consumers' tastes and preferences".[852]

Em paralelo à segunda Revolução Industrial e fundamentais para o surgimento do consumo capitalista, outras revoluções teriam lugar. A primeira delas seria uma revolução nas formas de comercializar, que teria surgido junto com os *grands magasins,* que propuseram a exposição de produtos em vitrines, a venda a preço fixo, a divisão da loja em seções para todos os gostos e bolsos. De acordo com Baudrillard, o *grand magasin* seria a dimensão palpável da transformação de uma sociedade de escassez em uma sociedade de abundância: "Les grands magasins, avec leur luxuriance de conserves, de vêtements, de biens alimentaires et de confection, sont comme le paysage primaire et le lieu géométrique de l'abondance".[853] Dentro da mesma revolução comercial, citamos ainda a criação de Museus Comerciais, fruto da própria iniciativa estatal estrangeira, e a difusão de catálogos dos principais artigos nacionais, exibidos na ocasião nas Exposições Universais e enviados pelo alto comércio aos demais países. A difusão de catálogos estaria associada a uma outra revolução, a dos meios de transporte, que generalizou as ferrovias e aplicou o vapor ao transporte marítimo, tornando as viagens transatlânticas muito mais rápidas e confortáveis, permitindo, então, excursões mais freqüentes à Europa e o acesso de pronto às últimas novidades.

Nada disso teria ocorrido, no entanto, sem uma radical mudança nos gostos, parte da imensa transformação que constitui a modernidade capitalista no centro, e que é também artefato da revolução no consumo. É somente a partir desta última revolução que a novidade substitui a

[851] O debate sobre a Revolução Industrial é bastante amplo e passa por autores como Christopher Hill, Phyllis Deane, Paul Mantoux, Thomas Southcliff Ashton, Eric Hobsbawm, David Landes, que se dividem entre continuidade ou ruptura do processo, entre uma única e longa revolução industrial ou duas revoluções. A respeito de um balanço do polêmico debate, vide José Jobson de Andrade Arruda. *A Grande Revolução Inglesa (1640-1780).* São Paulo, Hucitec, 2000.

[852] Grant McCracken. *Culture and consumption: new approaches to the symbolic character of consumer goods and activities.* Bloomington, Indiana University Press, 1988, p. 5.

[853] Jean Baudrillard**.** *La Société de consommation: ses mythes, ses structures*. Paris, Éditions Denoël, 1970, p. 19.

estabilidade enquanto um valor social,[854] conferindo ao consumo, simultaneamente, as propriedades opostas de exclusão e democratização. O consumo capitalista somente pode ser entendido enquanto um processo de distinção social porque, no plano da produção, a indústria massifica padrões e gera necessidades cada vez mais iguais para todos, fato esse que engendra uma nova necessidade de diferenciação social da parte da classe dominante do modo de produção capitalista, a burguesia. Consumo e produção capitalistas são necessariamente complementares e conflitivos: a toda generalização de padrões, que se passa na esfera do consumo, corresponde uma massificação que se processa na esfera da produção. À generalização permitida pela produção industrial em massa logo se opõe uma diferenciação, criada pela própria base material capitalista que produz artigos diferenciados para alguns e massificados - mais baratos, produzidos a baixo custo, com matéria-prima de pior qualidade - para outros: "Or le développement de la standardisation a pour conséquence l'introduction de produits radicalement nouveaux mais également une certaine uniformisation de l'offre du fait de stratégies de mimétisme de la plupart des entreprises induisant un croissant besoin de différentiation par l'image".[855] Uma segunda fonte de diferenciação do consumo - cuja gênese coincide com a do próprio modo de produção capitalista - vinha da aquisição de produtos junto a unidades produtivas herdadas do Antigo Regime. Produzindo em menor escala e, portanto, a custos mais elevados, tais unidades permitiam o fabrico de artigos altamente diferenciados, feitos "sob medida", contrariando a produção padronizada da indústria capitalista.

Enquanto no centro do sistema, a dinâmica contraditória entre indústria e consumo lançou as bases do modo de produção capitalista, na periferia, o consumo ganhou traços bastante particulares exatamente pela fragilidade de sua parte antitética e complementar, a indústria. A revolução industrial aplicada à agricultura conseguiu resolver o problema da produtividade do cafeeiro - considerando, obviamente, a solução para o problema da mão-de-obra que é sua pré-condição -, mas não resolveu o problema de abastecimento de víveres, dos quais a maior parte continuou a ser importada. A urbanização trouxe consigo novas necessidades, tanto físicas quanto sociais relacionadas à diferenciação de classes, mas não trouxe uma indústria capaz de suprir tais

[854] "De fait, la malléabilité et l'innovativité croissante permises par le phénomène d'industrialisation et de sérialisation des objets suscitent rapidement une véritable culture de la nouveauté et de l'innovation". (Benoît Heilbrunn. *La consommation et ses sociologies.* Paris, Armand Colin, 2005, p. 10).
[855] Heilbrunn, *La consommation...*, Op. cit., p. 10.

necessidades, em particular se levarmos em consideração a explosão demográfica nascida com a imigração em massa.

Da indústria nascente não se podia esperar nem uma maior produtividade no setor produtor de alimentos, nem um aumento na produção de bens de consumo para o proletariado, que teria de ser suprido com importações massivas: "Nos primeiros anos do surto do café, o negócio das importações atingira o zênite. Assim, na lojas apinhadas dos sírios, que comerciavam com as fazendas na Rua Vinte e Cinco de Março, como nas lojas de luxo da Rua São Bento, o paulista comprava todos os produtos da Europa e dos Estados Unidos, *desde o mais básico até o mais supérfluo.* Em 1910, as importações de São Paulo igualavam a produção das usinas e oficinas do Estado. Em 1915, só o afluxo de produtos alimentícios não bastava a proporcionar meia libra de alimento diário para cada habitante diário".[856]

Entre 1880 e 1910, "a grande expansão da capacidade produtiva e da produção cafeeira paulista, coincide com o momento em que a economia brasileira é submetida a grandes pressões por aumento nas importações".[857] As importações saltam de 16 milhões de libras na década de 1880, para cerca de 25 milhões na década de 1890, alcançam mais de 30 milhões entre 1900 e 1910 e mais de 50 milhões na década seguinte. Até 1901, 40% dos gastos eram com alimentos. De 1901 a 1920, cerca de 30% o eram.

O que explica, em primeira instância, esse aumento brutal foi a explosão demográfica ocorrida com a imigração. No entanto, não se trata somente da importação de alimentos para a maior parte da população, mas também de alimentos para as camadas mais abastadas, como queijos e vinhos franceses, manteiga, azeite de oliva, conservas que, juntamente com o bacalhau e o trigo, perfaziam cerca de 70% das importações de alimentos para a província de São Paulo na primeira década do século XX, passando a 90% na década seguinte: "Por serem de consumo obrigatório, e de difícil produção interna, ou por serem consumidas pelas altas classes, essas importações dificilmente são comprimíveis, tanto é que somente após a crise de 1930 (inclusive o trigo), é que se conseguiu uma efetiva substituição por produtos nacionais, na maioria dos casos".[858] Se o primeiro grupo de dados - relação entre a importação de alimentos e o total de

[856] Warren Dean. *A industrialização de São Paulo (1880-1945).* Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo, Difel, 1971, p. 25.
[857] Wilson Cano. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo.* Campinas-SP, Unicamp-IE, 1998, p. 69.
[858] Cano, *Raízes...*, Op. cit., p. 71.

importações - expressa a ligação entre a insuficiência da produção de alimentos de base para toda a população[859] e o fenômeno imigratório, o segundo grupo de dados - que aponta, dentro da pauta importadora de alimentos, o grupo de maior peso - traduz a relação entre a urbanização, o conflito entre as classes dentro da dinâmica do capitalismo nascente e a expressão de suas diferenças no consumo. [Anexo 48]

Logo, se a diferenciação de classes passava necessariamente pelas novidades trazidas pelo setor externo, o comércio, por elas revigorado, não traduzia, no entanto, as transformações de uma revolução industrial, como acontecera nos países centrais. Expressa, sim, as necessidades de uma elite cosmopolita no interior de processo de consumo já dotado de traços capitalistas. As novidades serviam à diferenciação desta camada mais abastada em relação aos comuns e aos médios, a quem se destinavam os artigos nacionais.

Por outro lado, o consumo de artigos importados era produto de um projeto civilizador que simbolizava, juntamente com as reformas urbanas e comerciais, a plena superação de um passado colonial que começara no século XVI e, de acordo com os republicanos, não fora superado com a Independência. Daí o total menosprezo à herança portuguesa nascida com a Proclamação da República. Urgia, então, substituí-la por novos valores, no que se privilegiaram os ingleses e franceses, que passariam a integrar organicamente a modernidade periférica em formação, acirrando, contudo, as tendências excludentes.

O surgimento da vida urbana, produto de seu contrário, a expansão cafeeira, trouxe a necessidade da diferenciação, especialmente ante a convivência forçada entre a burguesia de base cafeicultora e a fração forânea dedicada ao comércio; a presença do setor externo proporcionou os meios que tornaram essa diferença concreta. Não havendo uma base efetivamente capitalista que lhe correspondesse, o consumo permaneceu indeciso entre o capitalismo e a tradição, ora adquirindo feições burguesas, ora aristocráticas. A fonte de sua *diferenciação* era externa, fundada em produtos originados no interior de uma dinâmica propriamente capitalista, enquanto sua fonte de *generalização* era interna, gerada pela indústria do complexo cafeeiro ou nascida a

[859] Lembremos que a prioridade da ocupação das terras era da cafeicultura: "O Brasil tornar-se-á neste momento um dos grandes produtores mundiais de matérias-primas e gêneros tropicais. Dedicará, aliás, a isto, em proporção crescente, todas suas atividades, já não sobrando mais margem alguma para outras ocupações. Em conseqüência, decairá a produção de gêneros de consumo interno que se tornam cada vez mais insuficientes para as necessidades do país, e obrigam a importar do estrangeiro a maior parte até dos mais vulgares artigos de alimentação". (Prado Jr., *História Econômica...*, Op. cit., p. 210).

partir de importadores, de produção insuficiente ante a extensão do mercado interno.[860] O resultado seria a importação não somente de produtos mais elaborados destinados a uma elite, mas também de produtos menos elaborados destinados ao restante da população, cujas necessidades não chegavam a ser supridas pela indústria do complexo cafeeiro.

Se esta seria a solução para a satisfação das necessidades físicas, não o seria no entanto, para as necessidades sociais. Segundo o que acima foi exposto, o consumo capitalista é complexo exatamente porque não satisfaz somente o corpo, mas também a identidade de classes, reforçando as hierarquias sociais. Somente isso explica o fato de que uma parte da indústria nascente se erige sobre bases frágeis e ilegais, mas em bases simples, em cópias, imitações e falsificações.

Se a *diferenciação* do consumo depende completamente do setor externo, sua *generalização,* embora de raízes nacionais, é insuficiente tanto do ponto de vista material quanto social, não conseguindo prover nem a subsistência, nem os anseios de igualdade da parte da maioria. O resultado é que, em razão da ausência de uma base industrial capaz de massificar, diferenciação e generalização não só têm fundamentos diversos, a primeira no setor externo e a segunda no setor interno, como têm naturezas diferentes: uma fundamentada na legalidade, enquanto outra, na ilegalidade. Se, no interior da base produtiva periférica, a industrialização do complexo cafeeiro é insuficiente para atender a todos, por outro lado, sua dimensão espúria, ilegal, clandestina pretende compensar a exclusão social, democratizando o que os produtos importados assaz caros excluem. O processo se desdobra como se, na produção clandestina, os produtos nacionais fossem igualados em valor de uso aos importados,[861] permitindo um valor de

[860] "As primeiras indústrias que se instalam nos países subdesenvolvidos concorrem com a produção artesanal e se destinam a produzir bens simples destinados à massa da população (...) produzem artigos de amplo consumo (alimentos, tecidos, confecções, objetos de couro), tanto em razão de sua relativa simplicidade técnica como pela pré-existência de um mercado relativamente amplo abastecido parcialmente pelo artesanato". (Celso Furtado. *O mito do desenvolvimento econômico.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974, pp. 81; 90).

[861] Lembremos que as análises marxistas aplicadas ao consumo trouxeram para o valor de uso uma dimensão mais ampla que a estritamente econômica, ligada à sobrevivência. A base material, que remete a mudanças de mercado e tecnológicas surgidas com a Revolução Industrial, permitem a análise do fetiche da mercadoria em um plano, enquanto a esfera do consumo permite sua análise em outro, mais propriamente, o da propriedade da mercadoria em conferir *status* social. É a esse valor de uso que aqui nos referimos: "O significado do fetichismo da mercadoria na Europa do século XIX deriva de *mudanças tecnológicas* e de *mercado* ligadas à tensões oriundas da insegurança e da ansiedade em relação ao *status* social". (Jeffrey D. Needell. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.* Trad. Celso Nogueira. São Paulo, Cia. das Letras, 1993, p. 185). Em contexto periférico, o fetichismo produzido pelo consumo capitalista se antecipa à outra dimensão fetichistanão acompanhando sua dimensão tecnológica. Para Needell, o fenômeno pode ser observado em vários aspectos da cultura nacional, mas é mais significativo no vestuário.

troca razoavelmente mais baixo, embora ilusório. Como a indústria ilegal consegue suprir precariamente os anseios sociais de democratização,[862] adia-se no tempo a consolidação de uma base industrial propriamente capitalista que reúna uma indústria forte, capaz de criar sua própria demanda, e, a um só tempo, diferenciadora e massificadora. Os únicos momentos em que a base produtiva consegue realmente fundir diferenciação e generalização do consumo em um processo contínuo são os momentos dos choques externos, como as duas Guerras Mundiais e a Crise de 29. São nesses momentos em que a fonte da diferenciação é impedida de agir que tem lugar a substituição de importações.

Mesmo durante as graves crises do café, a importação foi mantida constante ou aumentou, reforçando o fato de que enquanto não houvesse choques consideráveis, os gastos em consumo por motivos de legitimação de *status* continuariam. O período compreendido entre 1897 e 1910 assistiu à bancarrota de muitos fazendeiros. Em nenhum momento do período se verifica, todavia, baixa considerável do volume de importações, nem mesmo com a grande crise de 1905, após a qual seriam erguidas tarifas protecionistas sobre alimentos e alguns produtos industriais.[863] O comentário de Jorge Americano em relação ao comportamento aristocrático dos fazendeiros, a despeito do período crítico de 1905, é significativo: "Quando o preço era 4 mil réis a arroba, viviam chorando miséria. No ano passado, quando subiu a 10 mil réis, esqueceram de que era melhor pagar as dívidas para desencalacrar. Foram todos para a Europa. O Clyde, aquele grande navio inglês de mais de 3 mil toneladas, quase não agüentou o peso de tantos paulistas".[864]

Esse comportamento perdulário remete aos "valores aristocráticos" preservados pela oligarquia cafeeira - ainda que de contornos burgueses - e adotados amplamente pela fração

[862] O ideal democrático tornou-se, com a consolidação da modernidade capitalista, um elemento substancial da composição do valor de uso da mercadoria moderna. Para Lipovetsky, o fenômeno que representa a sua síntese mais completa é a moda. Ao contrário das interpretações tradicionais, dentre as quais se enquadram as de Simmel e de Tarde, a dinâmica da moda não teria sua origem nas lutas de classes, mas sim, na formação da própria modernidade, dentro da qual, o aspecto democrático constitui a pedra basal. Contra a corrente classista, o autor diz ser a moda "folie des artifices et architecture nouvelle des démocraties". (Gilles Lipovetsky. *L'empire de l'éphémère. La mode et son destin dans les sociétés modernes*. Paris, Gallimard, 1987, p. 11). Anuncia assim a moda como um fenômeno essencialmente moderno, relacionado aos valores e significações culturais modernas que se expressam na busca incessante pelo novo e pela individualidade. (Lipovetsky, *L'empire...*, Op. cit., pp. 13-14).

[863] O protecionismo foi instaurado pela lei 1452 de 30 de dez de 1905, "que estabeleceu a cobrança de 506 dos direitos aduaneiros em ouro, para os gêneros alimentícios e para alguns produtos industriais". (Nícia Vilella Luz. *A luta pela industrialização do Brasil.* São Paulo, Difel, 1961, p. 30).

[864] Jorge Americano. *São Paulo naquele tempo 1853-1915.* São Paulo, Saraiva, 1957, p. 372.

imigrante ascendente.[865] Norbert Elias explica a natureza desse tipo de comportamento para a nobreza da transição do feudalismo ao capitalismo, período em que o consumo de prestígio, sendo de fundamental importância para a legitimação de posições sociais, levou à ruína muitas famílias, tanto nobres quanto burguesas emergentes: "Les couches supérieures animées d'un éthos de consommation de prestige sont toujours organisées de telle manière qu'en cas de forte émulation, un certain nombre de familles se ruinent".[866]

Se, na sociedade de transição para o capitalismo central, o gasto em consumo se conforma em um dos aspectos de externalização do comportamento aristocrático da nobreza de corte, aqui o gasto em consumo evidencia a "dimensão aristocrática" conservada por nossa nascente burguesia. A contradição é evidente e se manifesta na excessiva importância conferida à dimensão pública do consumo burguês na periferia, em detrimento de sua dimensão privada. Durante o processo de consolidação da classe burguesa enquanto classe dominante no centro, a primeira etapa é a da imitação da cultura aristocrática, pertencente à nobreza, que engendra o típico *bourgeois gentilhomme* de Molière. A questão é que, durante o processo de constituição do capitalismo periférico e de sua burguesia, a afirmação desta enquanto classe dominante se faz não pela superação do *ethos* "aristocrático", mas pela reinvenção de seus valores a partir do consumo de bens importados. Não faz sentido falar de uma imitação de uma classe por outra porque, tantas vezes, a burguesia se confunde com a "aristocracia" do campo, sendo a mesma classe que, por

[865] Importante notar que, quando falamos em "valores aristocráticos", referimo-nos ao conjunto de valores associados a determinado estamento e instranferíveis a outro; reportam-se à honra, ao privilégio e ao orgulho de pertencer a uma linhagem ou grupo. Usamos aqui o termo historicizado. Tais valores teriam sido transplantados durante o processo de colonização e aqui preservados por condições locais extremamente peculiares que, associadas aos motores sócio-econômicos da colonização, engendrariam a grande propriedade e o patriarcado rural: "Isolado em sua unidade produtiva, tolhido pela falta de alternativas históricas e, em particular, pela inexistência de incentivos procedentes do crescimento acumulativo das empresas, o senhor de engenho acabou submergindo numa concepção de vida, do mundo e da economia que respondia exclusivamente aos determinantes tradicionalistas da dominação patrimonialista. Não só perdeu os componentes do patrimonialismo que poderiam dirigi-lo, em sua situação histórica, para novos modelos de ação capitalistas; condenou tais modelos de ação, em nome de um código de honra que degradava as demais atividades econômicas e que excluía para si próprio inovações audaciosas nessa esfera". (Fernandes, *A Revolução Burguesa...,* Op. cit., p. 43). A existência de uma "aristocracia dos trópicos" não está presente somente na obra de Florestan Fernandes, sendo comum a outros intérpretes do Brasil, como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

[866] Elias, *La société...*, Op. cit., p. 50. O gasto em consumo de prestígio é fundamentalmente diferente do gasto de consumo burguês: "(...) le mot 'économie', quand il signifie harmonisation des dépenses et des revenus ou limitation planifiée de la consommation en vue de l'épargne, garde jusqu'à la fin du XVIIIe siècle, et parfois même après la Révolution, un relent mepris. Il symbolise la vertu des petits gens". (Idem, ibidem, p. 48). A respeito da relação entre classe, nobreza e burguesia, e o gasto, mais propriamente, uma ética do gasto, vide Gisela Taschner. "Raízes da cultura do consumo". *Revista Usp*, n. 32, *Dossiê Sociedade de Massa e Identidade,* pp. 26-43. São Paulo, dez-fev, 1996-7, p. 36).

uma mudança de mentalidade, dedica-se indiferentemente às atividades do campo e da indústria. Às vezes, os conflitos têm mais um cunho geracional do que propriamente de classes. Tão logo passa-se da instância da produção para a do consumo, a valorização da atitude "aristocrática" denuncia-se. E, ao contrário da imitação em relação a uma classe decadente, o que se vê é a necessidade dessa burguesia em impor sua "origem aristocrática" frente à ameaça das classes ascendentes, ou seja, das demais frações burguesas. Este aspecto - o da "afirmação aristocrática" pelo consumo - é da própria essência do nascente consumo capitalista em condição periférica e se reproduz com os desdobramentos sofridos pelo capitalismo e modernidade periféricos.

Outra contradição imanente a esse capitalismo é o perfil assumido pela relação entre consumo e indústria. Enquanto no centro, o gasto em consumo tem como contrapartida o longo processo de constituição da base industrial nacional, que engendra a diferenciação e a generalização a partir das mercadorias por ela produzidas, na periferia, o gasto em diferenciação se canaliza todo para os produtos importados. O luxo na periferia do sistema capitalista se define por sua origem forânea. Não à toa, assim que ascendem socialmente, as classes deixam o consumo de artigos nacionais para aderir aos importados mais sofisticados. Segundo Celso Furtado, esse aspecto faz parte de toda cultura capitalista subdesenvolvida que canaliza seus excedentes, obtidos a partir da exportação de produtos primários, tanto para a importação de tecnologia, quanto de bens de consumo: "Nos casos em que esse excedente foi parcialmente apropriado do interior, seu principal destino consistiu em financiar uma rápida diversificação dos hábitos de consumo das classes dirigentes, mediante a importação de novos artigos. Este uso particular do excedente adicional deu origem às formações sociais atualmente identificadas como economias subdesenvolvidas".[867]

A compensação para uma indústria incapaz de atender necessidades materiais e sociais foi o surgimento de formas espúrias de generalização, maneira de amenizar a forte carga excludente criada pelos produtos importados. A relação entre a expansão desse tipo de produção - considerada pelo ministro do comércio exterior francês uma "verdadeira indústria", não exclusiva a São Paulo, mas comum a toda a América -[868] permitiu a incorporação de grande parte da classe

[867] Furtado, *O mito...*, Op. cit., p. 78.

[868] "Ces imitations frauduleuses constituent à São Paulo comme du reste dans presque tout le Brésil, et je pourrais même dire comme dans toute l'Amérique, une sorte d'*industrie nationale* qui fait vivre un grand nombre de destilateurs parmi lesquels il est regrettable d'avoir à s'igualer quelques français". (Consulat de France à São Paulo.

média ao processo de consumo, conferindo-lhe feições intrinsecamente capitalistas. Não por acaso o fato se relaciona com uma das principais quizílias diplomáticas do período: a intensa disputa travada entre nacionais e franceses no que se referia ao aumento progressivo das tarifas aduaneiras. Iniciado o processo em 1895 e atingido o seu ápice em 1905 com a crise do café, a França foi uma das principais prejudicadas. Sendo a principal fornecedora dos produtos de luxo, os responsáveis pelo comércio exterior França-Brasil passaram a estudar ativamente as formas legais, a indústria, ou ilegais, a falsificação, pelas quais se dava a generalização de seus produtos, sempre os comparando com reduções ou aumentos no consumo dos demais produtos estrangeiros, fossem ingleses, alemães, italianos, norte-americanos e, até mesmo, latino-americanos.

O tom do discurso usado nas cartas não consegue por vezes ocultar a concorrência entre as principais hegemonias do período pelos mercados latino-americanos: "Il nous a paru extraordinnaire que le gouvernement anglais fasse publier dans les journaux brésiliens une liste des maisons ennemies avec lesquelles il est interdit de faire des opérations de commerce, alors qu'au même moment nous avons la preuve d'expéditions faites ouvertement par des propres maisons anglaises sur des propres bateaux anglais".[869] Durante o processo de expansão do modo de produção capitalista do centro para a periferia do sistema, uma das formas encontradas pela indústria para fugir de suas crises foi não somente a expansão da produção de artigos mais baratos, réplicas dos artigos de luxo para o restante da população nacional, mas também a adaptação de alguns artigos aos países latino-americanos. Esse foi o caso dos pianos, cujas cordas tiveram de ser adaptadas ao clima tropical.

Mais radicais foram outros artifícios de conquista de mercados, como as expedições de pesquisa, por exemplo.[870] Por meio destas, os países hegemônicos penetraram na cultura local dos países periféricos, produzindo mercadorias destinadas aos mais diferentes contextos e

---

Annexe à la Dépêche du 7 juillet de 1895-Articles Importés dans l'État de São Paulo et pouvant intéresser le commerce français-Vins et boissons spiritueuses. São Paulo, 07/07/1895).

[869] *Lettre adressée au Ministre du Commerce par le Président du Comité de Propagande Franco-Belge*. Rio de Janeiro, 28/03/1916.

[870] Usamos aqui o argumento proposto por Gallagher e Robinson, segundo o qual, o imperialismo do período assumiu formas diversas além da ocupação territorial efetiva. (John Gallagher & Ronald Robinson. "The imperialism of free trade". In *The Economic History* Review, vol. I, n. 1, 1953). Além das formas imperialistas citadas pelos autores do texto, acrescentamos a diversificação de bens de consumo, pelos quais se atingia o ideal de civilização proposto por potências rumo ao capitalismo consolidado, como Inglaterra, França e Alemanha.

culturas. Não cabe, portanto, a argumentação usada na teoria do subconsumo, segundo a qual o consumo abaixo da média nos países centrais proporcionaria a migração do capital e de seus produtos para outras partes do planeta a fim de manter sua rentabilidade e evitar as crises.[871] A política de expansão européia com base no consumo é profundamente ativa, caracterizada pela diferenciação específica de produtos para outros países, conforme comprova este excerto tomado a outra das correspondências consulares: "Dans cet article [les objets d'art et les objets religieux], notre fabrication trouverait un écoulement très important en se conformant aux goûts particuliers du pays où le genre brillant, les couleurs voyantes et tout ce qui frappe l'oeil sont assez appréciés".[872]

Foram vários os caminhos que tornaram possível a dinâmica de generalização do consumo na São Paulo da *Belle Époque*. Um dos sentidos centrais era o da cópia dos artigos estrangeiros, aos quais tinham acesso somente uma minoria, para outras classes sociais que também buscavam se afirmar socialmente. Trataremos de duas formas, a cópia e a falsificação, que, em realidade, são uma única, embora diferentes juridicamente. Enquanto a primeira forma se relaciona aos mecanismos legais engendrados pelas mudanças de mercado, a segunda se relaciona aos seus fundamentos ilegais. O nascente capitalismo encontraria nessas formas a mesma função de massificação, que, nos países centrais, era realizada pela base industrial consolidada. A diferenciação continuava, no entanto, a se fazer necessariamente pelo setor externo.

A primeira dessas formas, restrita ao mundo da moda, foi possibilitada graças à difusão de um invento da II Revolução Industrial, a máquina de costura. Chegada no Rio de Janeiro e instalada na Rua do Ouvidor, n. 117, em 1858, a Singer obteve em 1888, a partir do decreto 9.960, a permissão da Princesa Isabel para funcionar no país. Seriam abertas novas filiais em Niterói, Campos, São Paulo, Salvador, Recife e Pelotas. Com a obtenção, em 1905, do registro definitivo para operar no Brasil, os anúncios de máquinas de costura invadiram os jornais com suas revolucionárias vendas a prazo. Em 1906, anunciavam-se no *O Estado de São Paulo*

[871] John A. Hobson. *Imperialism: a study.* 2nd edition. Ann Arbor, Univ. of Michigan, 1987. Maiores detalhes a respeito da teoria imperialista no contexto do desenvolvimento capitalista europeu vide Eduardo Barros Mariutti. "Colonialismo, imperialismo e o desenvolvimento econômico europeu". Tese de doutorado. Campinas, 2003.
[872] *Lettre adressée au Ministre du Commerce par le Président du Comité de Propagande Franco-Belge*. Rio de Janeiro, 28/03/1916.

autênticas Singer em prestações semanais de 4$000, permitindo quase a todos os bolsos o acesso ao consagrado invento norte-americano. [Anexo 49]. O acesso aos catálogos, que, em finais do século XIX começaram a ser difundidos pelas lojas de departamento na América Latina, e a possibilidade de comprar uma Singer a prazo permitiriam às mulheres de classe média vestirem-se como as ricas compradoras dos *magasins de* Paris. Alguns jornais destinados ao público feminino, como o *A Estação*,[873] chegavam a publicar periodicamente riscos de moldes. Não admira, portanto, que a etiqueta junto à indumentária e personalizada a alguns poucos compradores se configurasse em uma importante fonte de diferenciação social.[874]

O acontecimento ilustra a tendência da moda em influenciar a vida das pessoas comuns a partir de finais do XIX.[875] Contrariando, contudo, a tendência de generalização engendrada pela produção caseira, os proprietários das casas de comércio começariam a contratar modistas, conferindo um tom individualizado aos artigos comercializados em seus estabelecimentos. [876] O fato é flagrado nos valores da arrecadação do imposto de indústria, comércio e profissões, que aumenta sensivelmente na categoria: "Em 1905, a tabela de arrecadação do imposto de indústrias, comércio e profissões contabilizou 154 pagantes, entre costureiras e alfaiates. Em 1910, contam-se 225 profissionais. Número que sobre para 317 em 1915, 414, em 1920 e 566, em 1925".[877]

De outro lado, a atitude oposta, a do comerciante importador que passa a produzir em maior quantidade para as classes média e baixa, estaria na origem das primeiras fábricas, erigidas sobre produtos de baixíssimo valor agregado que atendessem à demanda da maioria por artigos

---

[873] Americano, *São Paulo...*, Op. cit., p. 67.
[874] Vide capítulo anterior. Parte relativa à moda.
[875] Trata-se do movimento denominado "a moda de cem anos", dentro do qual se reafirmaram, desde meados do século XIX até 1960, duas tendências diversas: a Alta Costura, cuja essência é a da diferença, do luxo e a do "sob medida", contra a *confecção,* cuja tendência é a da massificação: "Centralisation, internationalisation et, parallèlement, *démocratisation* de la mode. L'essor de la confection industrielle d'une part, celui des communications de masse d'autre part, enfin, la dynamique des styles de vie et des valeurs modernes ont, en effet, entraîné non seulement la disparition des multiples costumes régionaux folkloriques, mais aussi l'atténuation des différenciations hétérogènes dans l'habillement des classes au bénéfice des toilettes au goût du jour pour des couches sociales de plus en plus larges". (Lipovetsky, *L'empire...*, Op. cit, p. 84). Os movimentos não eram, no entanto, desconexos. Nos anos 20, principalmente a partir do estilo lançado por Chanel, as pessoas simples passavam a acompanhar os grandes acontecimentos do mundo da Alta Costura: "la mode devient, en effet, moins inaccessible parque que plus facilement imitable". (Idem, ibidem)
[876] Heloisa Barbuy. *A Cidade-Exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo, Edusp, 2006, p. 188.
[877] Marisa Midori. Deaecto *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930).* São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2002, p. 181.

que promovessem reconhecimento social.[878] Fosse produzindo réplicas de uma variante importada mais sofisticada que já possuíam em seu estabelecimento, fosse produzindo artigos diferenciados a partir da contratação de modistas e alfaiates estrangeiros, alguns comerciantes passariam a combinar artigos destinados a públicos de diferentes estratos sociais.[879] Outros o fariam não pela produção, mas pela importação de produtos de qualidade inferior que seriam expostos ao lado dos mais elaborados. Aliás, esse era o objetivo de países que, como a França, pretendiam ampliar o mercado consumidor de seus produtos contornando o fato de estes serem caros demais. Contudo, a nação francesa esbarraria no obstáculo das poucas variantes de massa criadas por sua industrialização, predominantemente assentada sobre unidades produtivas artesanais tomadas ao Antigo Regime.

O caso da produção de luvas em São Paulo ilustra a passagem da importação de artigos sofisticados, combinada a uma produção pontual, a uma produção mais ampla em que a unidade manufatureira consegue associar o fabrico de artigos comuns e refinados. Em 1890, havia duas fábricas de luvas em São Paulo: a Luva de Ouro, de Manoel Ferreira dos Santos, e a Luva Paulista, de Victor Savin & Companhia, também importadoras de luvas estrangeiras. Em 1895, o número de estabelecimentos subiria para quatro, todos igualmente importadores e produtores: a casa de Madame Leonor, no Largo do Rosário, as fábricas de Henry Jeannot, na Rua São Bento, 83-B, a Scaramella & Machado e a célebre À Luva Paulistana, na Rua Direita, n. 53.[880] Em 1910, a Luvaria Martins já se apresentaria como um estabelecimento conhecido por fabricar luvas de pelica e luvas finas, especialmente confeccionadas para bailes e casamentos.[881]

---

[878] Dean, *A industrialização,* Op. cit. "Analisando-se o tipo dos industriais brasileiros, observa-se que boa parte deles se constituiu de indivíduos de origem modesta que estabelecendo-se com empreendimentos a princípio insignificantes, conseguiram graças aos grandes lucros dos momentos de prosperidade e um padrão de vida recalcado para um mínimo do essencial à subsistência, ir acumulando os fundos necessários para ampliarem suas empresas. Este será o caso, em particular, de imigrantes estrangeiros (...) - os Matarazzo, Crespi, Jaffet, Pereira Ignacio, etc". (Prado Jr., *História econômica...*, p. 265).

[879] Para as bebidas, o mesmo processo é válido: "Trata-se de gêneros mais sofisticados, os quais compõem, afinal, as casas de comércio mais luxuosas. Ao lado dos produtos finos aparecem, em grande quantidade, a importação de vinhos – classificados como comuns, em oposição às marcas mais nobres – fato que se justifica, evidentemente, em função do número vultoso representado pela comunidade italiana no estado. Importam-se do exterior (...) vinho champagne, vinho comum, vinhos finos, porto e semelhantes, *vermouth, bitter* (...) entre outros (...)". (Deaecto, *Comércio e vida urbana...*, Op. cit., p. 88)

[880] Barbuy, *A cidade...*, Op. cit., p. 200.

[881] Idem, ibidem.

Não raras vezes, o importador estrangeiro era o responsável pela adaptação do produto ao clima ou aos gostos do mercado nacional, nascendo daí um primeiro impulso produtivo.[882] Esse foi o caso dos pianos, cujas cordas foram tornadas mais resistentes contra a corrosão; das roupas (a silhueta francesa, em especial a feminina, era bastante diferente da silhueta brasileira, dificultando a comercialização de modelos *prêt-à-porter*) e dos chapéus: "(...) no ramo do vestuário, o comércio de importados dependia da existência de profissionais capacitados à sua adaptação ao consumidor individual, o que certamente colaborou para o desenvolvimento de artesãos e manufaturas locais".[883] Foi esse mecanismo criativo, associado à febre científica do *fin-de-siècle*, que levou à criação dos inventos mais esdrúxulos, vistos no capítulo terceiro, feitos especialmente para o *habitat* em clima tropical.

Uma categoria importante surgida dessa atividade de adaptação foi a de "consertadores de chapéus".[884] Esse era o ofício dos artesãos da Chapelaria Alberto, localizada na Rua São Bento, n. 69; dos da Velloso Braga, no Largo da Misericórdia, e daqueles que trabalhavam na Chapelaria Moderna, na Rua 15 de Novembro. Por vezes, as réplicas e os artigos importados feitos de materiais mais simples seriam mais bem recebidos pelo público do que as variantes extremamente sofisticadas, caras e pouco confortáveis. Caso característico do chapéu de palha e dos tecidos de chita, tais produções não eram, todavia, consideradas de fino trato: "Muito nos rimos, quando, indo ao armazém [Schritzmeyer] com os tais chapéus bonitos, vimos verdadeiros horrores de chapéus de palha (...) enfeitados de quanta cor disparatada, verdadeiros chapéus de macaco que dança nas ruas, e que são destinados à gente da roça! Ri-me, mas deplorei, ao mesmo tempo, que não se possa educar o gosto. Por ora, ao menos dizem que estes vendem melhor que os de melhor gosto, e quem vende naturalmente quer ganhar, a menos de ter grande amor à arte e ao gosto".[885] De acordo com Maria Saenz Leme, "(...) a introdução de chapéus de palha, já no século XX, deve-se às exigências do clima local, e um dos pioneiros nesse sentido é Dante Ramenzoni, cuja fábrica vem da década de 1890. Contudo, a produção de chapéus de palha permanece pequena, e o que segue realmente é a moda européia. Assim, na fábrica Ramenzoni, o

[882] "Não esqueçamos também a participação de tantos estrangeiros nas atividades econômicas do país, e ocupando sobretudo no comércio e na indústria posições de relevo". (Prado Jr., *História Econômica...*, Op. cit., p. 209).
[883] Barbuy, *A cidade...*, Op. cit., p. 194.
[884] Idem, ibidem.
[885] "Diário da Princesa Isabel". *In* Carlos Eugênio Marcondes de Moura (org.). *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX.* São Paulo, Unesp, 1998, p. 243.

gerente técnico baseia-se no *Manuale del chapelaio,* de Milão, para a contínua reformulação de modelos".[886]

Da mesma forma que as fábricas de luvas, algumas fábricas de chapéus também se originaram da inicial importação dos estabelecimentos. A produção posterior geralmente principiava pelas cópias dos modelos estrangeiros, a que recorriam as classes média em ascensão: "O mecanismo das imitações passou a valer para vários tipos de artigos destinados ao consumo privado de uma camada social com condições financeiras suficientes para alimentar um modo de vida burguês, em grande parte ostentatório e exibicionista, que funcionava como modelo social para as fortunas em ascensão".[887]

No final de 1870, eram quatro as fábricas de chapéus, todas de proprietários estrangeiros: Francisco Fischer, Irmãos Bierrenbach, Frederico Hempel e João Adolpho Schitzmeyer. Na década de 80, a atividade ampliou-se e se diversificou: Guilherme Auerbach, Carlos Weltmann e Schritzmeyer mantinham fábricas a vapor; Frederico Gilherme Alcanforado especializou-se na fabricação de chapéus femininos. O sucesso da fábrica de Schritzmeyer seria notório: "Daí prosseguimos nosso caminho pelos grandes espaços da fábrica, onde se pode acompanhar a fabricação de chapéus em todos os seus sucessivos aspectos. Como já disse, trabalham 132 pessoas na fábrica, que tem as máquinas de mais recente construção e cuja produção é colossal. É uma criação de primeira ordem, da qual o Sr. Schritzmeyer deve estar orgulhoso a justo título".[888] Em 1901, o Almanaque Laemmert dizia haver também modistas que se dedicavam à fabricação de chapéus, como Madame Bacsinsky, cujo estabelecimento ficava à Rua São Bento, 47, e Ida Weiler, dona da À Pygmalion.

Outro caso patente de generalização encetada pelo próprio comerciante importador foi a de jóias a fantasia e de objetos de decoração banhados a ouro e prata. Nesse caso, tanto os bens de consumo diferenciadores quanto os produzidos para os médios eram importados,[889] sendo o

---

[886] Marisa Saenz Leme. *Aspectos da evolução urbana de São Paulo na 1ª República.* Tese de doutoramento. São Paulo, Departamento de História da FFLCH-USP, 1984, p. 228.
[887] Barbuy, *A cidade...*, Op. cit., p. 149.
[888] Carl Von Koseritz. *Imagens do Brasil.* São Paulo, Martins; Edusp, 1972, pp. 259 e 271.
[889] Ao usar o termo massificação, é importante atentar para os limites do processo já que a generalização de padrões se restringia à camada média, jamais compreendendo a malta, que continuava a produzir seus próprios bens de consumo. No caso das roupas, era bastante comum vê-los em casas de roupas usadas: "(...) quero referir também aqui os que compravam roupas feitas na Ladeira João Alfredo (Rua General Carneiro) ou na Rua da Estação (Rua Mauá). Abaixo deles, os que se vestiam nas casas de roupa usada. Abaixo os que recebiam dada a roupa usada. E ainda

próprio comércio, na ausência de uma indústria consolidada, o responsável por conferir dinâmica ao processo de consumo.

Os artigos de fantasia teriam surgido na França junto com o método da galvanoplastia, processo de revestimento de metais não nobres com uma película de ouro ou de prata. Esse tipo de produto foi apresentado pela primeira vez na Exposição Universal de 1855 por Henri Vever, um famoso *joaillier* parisiense do final do século XIX, autor também de uma obra exaustiva relacionando a produção de bijuteria ao novo contexto político, econômico e social chegado com o Império.[890] Não por acaso, a prática da produção da ourivesaria de fantasia contava com o apoio de Napoleão III.[891] Era uma das formas, minuciosamente arquitetada pelo imperador, de conquista de mercados externos. Afinal, a França vinha perdendo mercado para os países que produziam artigos de consumo em massa, como a Inglaterra e a Alemanha, objeto, aliás, das já citadas discussões presentes na correspondência consular francesa. Com as técnicas advindas da II Revolução Industrial, como o tratamento dos metais, por exemplo, abriram-se enormes possibilidades de barateamento e difusão de jóias, aproveitadas de imediato pela nação francesa que via agora surgir a primeira possibilidade de um mercado de massa para seus artigos de luxo. Surgiriam sofisticadas ligas metálicas imitando a prata, como o alfenide (cobre, zinco, níquel e ferro) e a alpaca (liga de cobre, zinco, níquel e apenas uma parte de prata).

Em São Paulo, os artigos de fantasia se multiplicariam com rapidez, sendo divulgados nos jornais com euforia. Em 1911, a Casa Netter anunciava que o metal com que se fabricavam seus serviços de lavatório, chá, pratas e faqueiros era o "único comparável à prata".[892] Outros produtos, como os afamados "lúcios de Nova York", imitações de diamantes, receberiam, na ocasião de sua chegada à província em 1906, uma casa provisória, montada às pressas na Praça Antônio Prado:

---

abaixo os que recebiam 'de esmola'". (Americano, *São Paulo...*, p. 64). O fato é que a generalização limitada exercia a função social de relacionar frações da classe dominante e classe média, não incorporando jamais o populacho ao jogo social do consumo.

[890] Henri Vever. *La Bijouterie française au XIXème siècle (1800-1900).* 3 volumes. Vol. I, *Consulat, Empire. Restauration. Louis-Philippe*. Vol. II, *Le Second Empire – 1908*. Vol. III, *La 3ème Republique – 1908*. Paris, H, Fleury, 1908.

[891] A larga produção de fantasia do período pode ser encontrada hoje no *Musée des Arts Décoratifs*, pertencente ao Louvre. Nomes e endereços de ourives, joalheiros e relojoeiros do período, alguns deles produzindo inclusive para a exportação, são vistos no almanaque *Didot-Bottin*, pertencente aos *Archives Départamentales de Paris.* Alguns outros nomes aparecem nos Monitores de Comércio (*La Bijouterie industrielle et artistique. Moniteur de l'industrie et du commerce de la bijouterie, de la joaillerie et de l'orfèvrerie.* Paris, s.n., 1883-...).

[892] *O Estado de São Paulo*. São Paulo, s.d., 1911.

> "Os brilhantes científicos lúcios são a imitação mais perfeita de brilhantes jamais descoberta, são de um cristal puro e resplandecente, sendo refinado, lapidado e polido por peritos lapidadores de brilhantes, com o mesmo número de facetas e da mesma forma que os brilhantes genuínos. Não são uma novidade. Já são bem conhecidos em todas as grandes cidades do mundo e usados pela elite da sociedade, tornando-se cada dia mais popular desde a sua introdução na América".[893]

Algumas observações sobre o trecho são necessárias porque remetem à relação entre Revolução Industrial e Revolução do Consumo, que caracterizaram o processo de formação e consolidação do sistema capitalista. A nova descoberta recebe o *status* de *científica*, no que explicita a relação entre a onda industrial revolucionária de meados do século XIX e a ciência. Graças a essa onda revolucionária, o consumo foi finalmente consubstanciado em consumo capitalista já que artigos restritos foram tornados populares. Foi o que conferiu fluidez à dinâmica entre diferenciação e massificação, que compõe o consumo capitalista. A novidade dos lúcios, ainda que *popular*, não deixa de ser usada pelas elites de *todas as grandes cidades do mundo*, mas, na realidade, quem os porta são os médios ascendentes que ainda não disponibilizam do montante de recursos necessários para a aquisição de uma jóia legítima. Aos adeptos do modo de vida burguês *par excelence* continuam a se destinarem somente os artigos autênticos: "(...) além daqueles produtos com materiais nobres que eram comercializados, começou o tempo do consumo em maior escala das jóias de fantasia, imitações feitas com materiais baratos, que permitiam a venda a preços baixos, em maiores quantidades, mas eram, no entanto, igualmente importadas. Visavam às camadas sociais abastadas, mas não tanto, que num processo de emulação iriam consumir os simulacros dos produtos de alto nível técnico e artístico, estes acessíveis apenas à elite social e financeira".[894] Já vimos que, segundo um cronista da época, as jóias portadas pela elite tradicional brasileira eram "a única coisa verdadeira", em meio a uma sociedade que criava possibilidades não só de diferenciação, mas também de generalização a

[893] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 05/08/1906.
[894] Barbuy, *A cidade...*, Op. cit., p. 148.

partir da importação, prescindindo do esforço industrial responsável por tal papel.[895] Ainda assim, a publicidade nascente insistia sobre o fato de que mesmo as figuras mais ilustres estariam se rendendo aos lúcios que "embrulhavam até os peritos",[896] dotando-os da capacidade de conferir *status* social: "Não acham que os brilhantes científicos de lúcios, sendo bons para serem usados nas grandes funções de estado pela senhora de um presidente, podem ser usados também pelo *público*? Se os peritos dos Estados Unidos foram enganados, pensam que os transeuntes nas ruas e os expectadores dos teatro serão mais perspicazes? Desafiamos de distinguir os brilhantes científicos de lúcios daqueles que se vendem diariamente em casas de jóias por preços elevadíssimos".[897] [Anexo 50]

Outro artigo que passaria da importação, fonte de diferenciação e de inspiração para as cópias, para a produção interna, seria a cerâmica. A despeito do prejuízo que os impostos federais causavam à produção da cerâmica, segundo Bandeira Júnior,[898] "as telhas, os tijolos, os canos para serviço de água, esgoto e higiene, de Vila Prudente e de Osasco, impõem-se pela superioridade e qualidade da produção, a que o Congresso Nacional, com relação a São Paulo, pelo menos, dificulte quando possível a importação desses produtos".[899] Considerada por Bandeira Júnior "pela qualidade da argila e pela perfeição do fabrico superior às de Marseille e de outras procedências européias e norte-americanas", claro ficou no capítulo anterior que os artigos em cerâmica nacionais não eram usados por todos, destinando-se às construções populares ou a usos comerciais na forma de utilitários. Jamais seria concebida a utilização da cerâmica nacional na construção de um palacete, por exemplo. Ainda que a produção interna tentasse fazer as vezes da generalização não conseguia suprir nem sequer a demanda dos populares. A produção

---

[895] "(...) hábitos tão estranhos a uma elite rural que ganhava ares europeus, ou mesmo de uma classe média ascendente que encontrara na cidade seus próprios meios de ascensão social. Tanto uma como outra se fizeram refratárias ao artigo nacional. Exemplo significativo é o do comércio de modas e fazendas, que envolve o setor têxtil e, por sua vez, as importações de tecidos e seus derivados". (Deaecto, *Comércio e vida urbana...*, Op. cit., p. 79). No caso das jóias, a França fornecia tanto os artigos autênticos como os de imitação, segundo atesta o *Annexe à la Dépêche du 7 juillet de 1895-Articles Importés dans l'État de São Paulo et pouvant intéresser le commerce français-Vins et boissons spiritueuses.* São Paulo, 07/07/1895.

[896] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 21/10/1906.

[897] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 26/08/1906. Grifos nossos. Segundo a reportagem, a excelentíssima viúva do presidente da Guatemala tivera suas jóias orçadas pelos funcionários da alfândega dos EUA em 100:000$000 quando, na verdade, sendo todas de imitação, valiam somente 1:600$000.

[898] "A importância da indústria cerâmica, apesar dos impostos federais prejudicarem-na, facilitando a introdução de similares estrangeiros, ainda assim, tem crescido de modo considerável,. (Antônio Francisco de Bandeira Júnior. *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901.* São Paulo, Typ. do Diário Oficial, 1901, p.

[899] Bandeira Jr., *A Indústria...*, Op. cit.

nacional era incapaz de atender a uma faixa mais ampla do mercado por esbarrar em uma cultura que privilegiava o produto estrangeiro não só por ser de melhor qualidade, mas por seus atributos civilizadores. Já vimos que mesmo a classe média era refratária ao artigo nacional, o que impedia que a produção nacional conseguisse se fazer aceita entre a maioria. Logo, a importação se manteve por longo tempo como a fonte diferenciadora por excelência uma vez que havia não somente óbices materiais, mas também culturais, típicos dos contornos assumidos por uma modernidade periférica que pretendia criar uma história distinta da legada pelo passado colonial e pela herança portuguesa.[900]

Nos países capitalistas centrais, McKendrick aponta a cerâmica como um dos artigos de consumo que, ao lado dos têxteis, representou uma grande quebra com as formas de consumo do Antigo Regime, permitindo que estas se tornassem efetivamente capitalistas. A cerâmica tornou-se um dos primeiros artigos a serem generalizados para a massa, "ajudando a produzir o que se denominou de 'revolução no consumo', baseada no aumento de uma demanda de massa que se manifestaria, principalmente, nas compras de tecidos e de utensílios domésticos. Os produtos deste comércio eram, frequentemente modestos, porém, a generalização de seu uso demonstra as grandes mudanças que se haviam produzido nas formas de vida e nos hábitos das pessoas comuns. Foi essencial, por exemplo, a boa aceitação dos utensílios de cozinha e de mesa de peltre (liga de zinco, chumbo e estanho que era como a prata dos pobres) e, em nível superior, a da cerâmica".[901] Em São Paulo, à medida que a cerâmica se difundia entre as classes inferiores, as camadas mais abastadas acediam às pratarias e porcelanas de Sèvres e da Saxônia, cujas fábricas haviam sido fundadas no século XVIII, no intento de produzir internamente variantes da porcelana chinesa, verdadeira paixão das suntuosas cortes européias oitocentistas.[902]

Da mesma forma que a cerâmica, a produção de vidro nacional se restringiu aos utilitários cuja demanda seria estendida com a fabricação de cerveja. O vidro utilizado nas mansões burguesas continuava, contudo, a vir de fora: "(...) como garrafas para fábricas de bebidas e

[900] "Até um certo ponto, era uma decorrência da falta geral de aceitação dos produtos que os fabricantes ofereciam. O empresário paulista produzia, no princípio, os bens de consumo mais simples e mais baratos. Isto era necessário, inevitável até porque o novo fabricante precisava adquirir a técnica gradativamente. Ao mesmo tempo, encontrava maiores lucros em artigos cuja relação entre o peso e o custo lhe proporcionava a maior vantagem sobre as importações. A conseqüência dessa estratégia foi uma associação inevitável, por parte do consumidor, *entre os artigos de má qualidade e a manufatura nacional*". (Dean, *A Industrialização...*, Op. cit., p. 17)
[901] Fontana, *Introdução...*, Op. cit., p. 162.
[902] Idem, ibidem.

vidros para estabelecimentos farmacêuticos, e não, ainda, a faixa voltada para o consumo burguês de varejo, na qual o artigo estrangeiro reinava, com todas as conotações de modernidade de que se revestia".[903] A produção de vidros seria ampla e centrada na Vidraria Santa Marina (de Antônio da Silva Prado e Elias Fausto Pacheco Jordão) e na Cristalaria Germânia, de Souza Lima e depois de Conrado Sorgenicht, mas sempre circunscrita ao mercado de garrafas para cervejas: "Todas essas fábricas trabalhavam em frascaria, garrafas e artigos de fantasia, além de copos para chopes e produtos feitos a prensa".[904]

Aliás, a cerveja é um grande exemplo de um produto nacional grandemente difundido, mas que continuava, nas camadas mais abastadas, a ser preterido pelo vinho importado. Segundo Bonnaure, a indústria mais próspera chegava a produzir 220.000 hl/ano: "As cervejas destas grandes fábricas podem rivalizar com as melhores cervejas alemãs. Há alguns anos apenas, São Paulo importava cervejas estrangeiras em grande quantidade, mas hoje, graças à importância da produção nacional, ele fabrica, não só para seu consumo, como exporta ainda para os outros estados da União".[905] No entanto, a plena difusão do produto esbarrava em fatores materiais, como a importação de matéria-prima,[906] e culturais, como o consumo inelástico das bebidas importadas pela classe paulistana abastada. Quanto a esse aspecto, é significativo que nos sonhos de Madame Pommery antes de sua notoriedade, a cerveja era substituída por champanha, que desaparecia assim que voltava à dura realidade: "(...) quando o seu olhar foi cair sobre as garrafas de champanha, alinhadas no armário envidraçado, de gargalo para baixo. O champanha engarrafado enchia-lhe a imaginação de perspectivas prodigiosas... Entretanto, bebia cerveja.

[903] Barbuy, *A cidade...*, Op. cit., p. 153.
[904] Jacob Penteado. *Belenzinho, 1910: retrato de uma época.* 2a edição. São Paulo, Carrenho Editorial, 2003, p. 64: "As vidrarias eram denominada, pomposamente, de cristalerias. A mais antiga foi a 'Germânia', do alemão Guilherme Klimburguer, na Rua Martim Afonso. Nela aprenderam a arte quase todos os vidreiros do nosso tempo. Começara com oficiais estrangeiros, tal como aconteceria com a Vidraçaria Santa Marina, da Água Branca, fundada pelo Conselheiro Antônio Prado e Elias Fausto Jordão, em 1897, para o fabrico de vasilhame de vidro preto, para a Companhia Antártica e a Cervejaria Germânia, dos irmãos Reichert, na Rua dos Italianos, depois absorvida por aquela. A Santa Marina era uma verdadeira potência, com 200 vidreiros, vindos da Itália e da França, especializados nesse gêneros de produção, a primeira do Brasil". (Penteado, *Belenzinho...*, Op. cit., p. 63).
[905] Albert Bonnaure. *Livro de Ouro do Estado de São Paulo. Relatório Industrial, Commercial e Agrícola.* São Paulo, Typo-Litho Duprat & Cia., 1914, p. 173.
[906] "A Cia. Antártica Paulista já fez quanto é possível fazer-se em favor desta bebida, produzindo-a por baixo preço e quase tão boa como as melhores do mesmo gênero fabricadas na Europa. O que agora se faz necessário, mesmo para tornar a mercadoria acessível a todas as classes da sociedade, é a exploração dos cereais próprios e também da cultura do lúpulo". (Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo. *Boletim da Diretoria de Indústria e Comércio.* São Paulo, Tipografia Brasil de Rothschild e Cia., 1907, p. 138)

Cerveja e cognac. Mais cognac. Mais cerveja. E quanto mais bebia cerveja e cognac, maior lhe resultava a fascinação do champanha...".[907]

Outro produto que começou a ser produzido internamente, mas cuja fonte diferenciadora se manteve no setor importador, foi o têxtil: "Os tecidos finos para roupas elegantes vinham de fora, assim como os padrões estéticos, as técnicas, as modas".[908] Vinham mais particularmente da França que simbolizava o máximo bom gosto: "Nos fabriques des draps, lainages, soieries trouveraient sûrement un énorme débouché à São Paulo, où en matière d'habillement, tout est à la mode de Paris, et l'où se pique de copier le goût français".[909] Apesar de ter sido a primeira indústria a surgir na província, a fabricação local de tecidos de algodão se manteve circunscrita por longo período de tempo "a panos de algodão destinados à sacaria para produtos agrícolas e às roupas de trabalhadores".[910] Sendo a produção restrita, incapaz de atender a todo mercado também por razões de insuficiência de capital, parte dos tecidos destinados à massa também precisava ser importada, objeto de lamento dos franceses que viam as potências adversárias conquistar mercados com seus produtos a preços baixos, "qui est aujourd'hui l'âme du commerce":[911] "Nous avons perdu du terrain en ce qui concerne les tissus: l'Angleterre, l'Allemagne, et, depuis quelque temps, l'Italie, nous ont supplantés. Nous pouvons encore lutter pour les soieries de Lyon et pour certains lainages".[912]

Os que haviam conquistado maior terreno nos últimos anos, no que concerne ao mercado de produtos populares, foram a Alemanha, no mercado de tecidos,[913] e os Estados Unidos, no de

---

[907] Hilário Tácito. *Madame Pommery.* 5a edição. Campinas; Rio de Janeiro, Editora da Unicamp; Fundação Casa Rui Barbosa, 1997, p. 43.
[908] Barbuy, *A cidade...*, Op. cit., p. 172.
[909] *Annexe à la Dépêche du 7 juillet de 1895-Articles Importés dans l'État de São Paulo et pouvant intéresser le commerce français-Vins et boissons spiritueuses.* São Paulo, 07/07/1895.
[910] Barbuy, *A cidade...*, Op. cit., p. 172.
[911] *Annexe à la Dépêche du 7 juillet de 1895-Articles Importés dans l'État de São Paulo et pouvant intéresser le commerce français-Vins et boissons spiritueuses.* São Paulo, 07/07/1895
[912] Temoignage de M. H. Levy. *Enquête auprès de la colonie française de St-Paul, sur les causes de la diminution de notre commerce. Avis de nos nationaux sur les moyens de les relever.* Direction des Consulat et de Affaires Commerciales. Paris, 18/08/1896
[913] "On demande de préférence les produits allemands, en raison de leur extrême bon marché. La bonneterie de Troyes revient à 6 ou 7 francs; l'article similaire allemand à 2 ou 3 francs. Le client s'accomode de cette marchandise inférieure. En dépit de nos avertissements, on semble vouloir ne pas le comprendre chez nous". (*Enquête auprès de la colonie française de St-Paul, sur les causes de la diminution de notre commerce. Avis de nos nationaux sur les moyens de les relever.* Direction des Consulat et de Affaires Commerciales. Paris, 18/08/1896).

conservas alimentares.[914] Ressalte-se o terreno conquistado pela nação americana a partir da Exposição Universal do Rio de Janeiro.[915] Apesar da propaganda francesa que anunciava serem de baixa qualidade os produtos oriundos daqueles países, o consumo se ampliava como se, nas restrições enfrentadas pela indústria nacional, a única solução fosse, ao final, transferir toda a dinâmica do consumo capitalista para o setor externo, permitindo que produtos importados menos elaborados se destinassem ao mercado em expansão, enquanto que os produtos franceses continuariam a se reservar aos privilegiados. O processo é o reflexo da formação de uma camada média urbana em contexto periférico e dos entraves à expansão do consumo.

Assim, a indústria têxtil paulista não conseguia comportar nem a diversidade, nem a generalização, que era limitada. Os produtos nacionais continuariam, por longo período de tempo, a se destinar aos criados, aos pobres, aos trabalhadores do campo;[916] os ricos continuavam a comprar unicamente tecidos importados. Esse caráter da industrialização periférica, que assume contornos generalizadores, mas não consegue comportar a diferenciação dentro de um mesmo sistema, acaba por reforçar o caráter social excludente, que, tomado à sociedade colonial e escravista, não consegue ser superado pela modernidade periférica que reforça esses traços ao invés de superá-los.

Um dos motivos da produção interna saltar durante os períodos em que acontecem as substituições de importações é que, impedida de funcionar a fonte de diferenciação, diferença e generalização são internalizadas e produzidas por uma mesma base industrial, diversificando-a e dotando o consumo de uma dinâmica contínua. Afinal, ao vir a fonte da diferenciação sempre de fora, priva-se a produção nacional de uma estrutura produtiva mais complexa, que não somente

---

[914] Apesar de os franceses ainda serem mestres do mercado em latas de conservas, é inegável o crescimento da concorrência a baixos preços oferecida pela Inglaterra, pelos EUA e por Hamburgo: "les huiles de coton ou de bois, de provenance nord-américaine, sont devenues d'une consommation courante dans la grosse masse du public, plus appréciateur du bon marché que de la finesse du produit". (*Cours du change. Situation Générale du Marché Brésilien. Tendances Protecionistes.* Direction du Consulat et des Affaires Étrangères. Paris, 10/11/1895). No caso dos queijos, os produtos americanos também começavam a ser bem aceitos, marcando a tendência de uma parte da generalização também ser feita pelo setor externo: "Pour les fromages, nos Roquefort, nos Camembert et nos gruyère, sont assurés d'un bon débouché et très appreciès, mais les fromages italiens et nord-américains (patagros) sont les seuls qui soient consommés dans les classes populaires et dans l'intérieur". (Idem, ibidem)

[915] "permettant d'établir entre les produits nationaux brésiliens et les produits de l'Amérique du Nord, un paralèle tout en faveur de ces derniers, oeuvre d'une industrie et d'une agriculture mieux outillées et plus perfectionnées". (*Cours du change. Situation Générale du Marché Brésilien. Tendances Protecionistes.* Direction du Consulat et des Affaires Étrangères. Paris, 10/11/1895).

[916] Dean, *A industrialização...*, Op. cit.

produza artigos simples, mas também os mais elaborados, destinados aos mais abastados: "Ora, a composição de uma cesta de bens de consumo determina, dentro de limites estreitos, os métodos produtivos a serem adotados (...). Assim, se é a produção de bens de uso popular que aumenta, recursos relativamente mais abundantes (terra, trabalho não especializado) tendem a ser mais utilizados e recursos relativamente escassos (trabalho especializado, divisas estrangeiras, capital) menos utilizados do que seria o caso se fosse a produção de bens altamente sofisticados, consumidos pelos grupos ricos, a que aumentasse".[917]

Por esse processo de substituição de importação, alguns dos antigos importadores, que já haviam investido algum capital na indústria, ampliaram sua produção, chegando a produzir tanto artigos de luxo, como artigos mais populares. Caso notório é o do proprietário do Ao Mundo Elegante: "No início, a casa vendia preferencialmente artigos europeus. Com a Guerra, o rumo de seus negócios foram mudados, pois as dificuldades de importação de artigos para o vestuário fez com que a firma investisse na montagem de *ateliers* de confecção e de chapéus femininos e masculinos".[918] Nesse sentido, o processo que está por trás de uma real substituição de importações começa muito antes do advento de um choque externo e não significa exatamente produzir aquilo que não se consegue importar, senão, idéia mais sutil, permitir que tanto diferenciação como generalização façam parte de uma só dinâmica de consumo interna.

Tornada estrutural a contradição entre diferenciação e generalização inaugurada no século XIX, o consumo de massa não conseguiria surgir por si só, ainda que a indústria nacional se desenvolvesse. Afinal, desde as primeiras manifestações do consumo capitalista no Brasil, sua dimensão diferenciadora, assentada na importação, sempre se destinou a um estrato que concentrava renda em excesso, o que era possível graças a estruturas excludentes construídas historicamente e preservadas no interior da própria modernidade periférica: "A adoção de novos padrões de consumo seria extremamente irregular, dado que o excedente era apropriado por uma minoria restringida (...) os frutos dos aumentos de produtividade revertiam em benefício [dessa] pequena minoria, razão pela qual a renda disponível para o consumo do grupo privilegiado

[917] Furtado, *O mito...*, Op. cit., p. 83. "Expandir o consumo dos ricos - e isto também é verdade para os países cêntricos - de maneira geral significa introduzir novos produtos na cesta de bens de consumo, o que requer dedicar relativamente mais recursos a 'pesquisa e desenvolvimento', ao passo que aumentar o consumo das massas significa difundir o uso de produtos já conhecidos, cuja produção muito provavelmente está na fase de rendimentos crescentes". (Idem, ibidem)
[918] Deaecto, *Comércio e vida urbana...*, Op. cit., p 186.

cresceu de forma substancial".[919] Para que os artigos se difundissem efetivamente, além da consolidação de DI, DII e DIII, que compõem a base industrial capitalista,[920] seria necessária uma brutal concentração de renda em alguns estratos sociais estratégicos, chamados por Celso Furtado de "grupos sociais modernizados".[921] Foi o que aconteceu durante o período militar, a partir de uma política regressiva de concentração de renda nos estratos médios, que só foi factível porque promovida por um Estado autoritário.[922] Afinal, se assim não fosse, não seria possível colocar em pé de igualdade a "tecnologia incorporada aos equipamentos importados",[923] o "perfil da demanda",[924] tornado diversificado graças ao adiantamento do consumo capitalista em relação à produção capitalista, e o "nível de acumulação de capital",[925] extremamente baixo. O nivelamento entre esses três elementos seria pré-condição para o surgimento concomitante do consumo de massa, baseado principalmente na difusão de utensílios domésticos, e da indústria de massa nas décadas de 50 e 60 do século XX.[926]

A imitação, levada ao extremo da ilegitimidade conceberia a falsificação, o segundo caminho pelo qual se fez a generalização de padrões restritos em contexto periférico. Interpretadas em conjunto, imitação e falsificação compõem um dos planos a partir do qual o consumo se relaciona com o processo de industrialização em contexto periférico. E também remetem a uma necessidade de democratização que não encontra respaldo nem na esfera econômica, com a generalização dos padrões de consumo que precisam ser difundidos de forma ilegal, nem nas esferas superestruturais, desnudando, por vezes, uma modernização perversa que

---

[919] Furtado, *O mito...*, Op. cit., p. 80.
[920] A problemática da industrialização periférica é bastante ampla para ser tratada em tão poucas linhas. Aqui, restringir-nos-emos à sua relação com a dinâmica de generalização e difusão do consumo.
[921] Furtado, *O mito...*, Op. cit., p. 81.
[922] "(...) se se tem em conta que a situação de dependência está sendo permanentemente reforçada, mediante a introdução de novos produtos (cuja produção requer o uso de técnicas cada vez mais sofisticadas e dotações crescentes de capital), torna-se evidente que o avanço do processo de industrialização depende de aumento da taxa de exploração, isto é, de uma crescente concentração da renda. Em tais condições, o crescimento econômico tende a depender mais e mais da habilidade das classes que se apropriam do excedente para forçar a maioria da população a aceitar crescentes desigualdades sociais". (Idem, ibidem, p. 88). Daí vem a explicação da brutal compressão dos salários dos trabalhadores em favor de uma concentração de renda nos estratos médios.
[923] Idem, ibidem, pp. 81-82.
[924] Idem, ibidem, pp. 81-82.
[925] Idem, ibidem, pp. 81-82.
[926] "A importância do processo de modernização, na modelação das economias subdesenvolvidas, só vem à luz plenamente em fase mais avançada quando os respectivos países embarcam no processo de industrialização; mais precisamente, quando se empenham em produzir para o mercado interno aquilo que vinham importando". (Furtado, *O mito...*, Op. cit., p. 81).

perpetua os mecanismos de exclusão social. A falsificação, ao exprimir uma necessidade social de difusão de padrões, acentua, por outro lado, a baixa concentração de capital, característica estrutural sobre a qual se constituiu a indústria brasileira.

Conforme acima exposto, a documentação consular francesa do período afirmava ser a falsificação praticamente "une sorte d'industrie nationale". A discussão insaciável que se instaurou em finais do século XIX entre França e Brasil deu-se em razão da industrialização incipiente em São Paulo, que exigia tarifas alfandegárias mais elevadas,[927] mas, também, devido à falsificação de produtos de luxo, dos quais, os maiores fornecedores e, portanto, prejudicados, eram os franceses: "Il faudrait combattre les contrefacteurs sans relâche ni merci. On imite tout ici, depuis les produits de Grimaud, jusqu'aux tabacs de la régie. La loi brésilienne autorise les poursuites. Des pénalités sévères contre les imitations de marques, seront votées prochainement".[928]

Sendo a França a grande fornecedora de produtos de luxo, e, portanto, da diferenciação social implícita no consumo periférico, tais correspondências são uma fonte privilegiada para o estudo das formas de diferenciação e generalização de padrões na periferia. As cartas mostram como a necessidade de ostentação generalizada, mas também um clamor pela inclusão social a partir do consumo incentivariam o aparecimento de um mercado negro para similares mais baratos ou falsos das variantes de luxo. Concentrar-se nos produtos de baixo valor agregado foi uma saída para a industrialização, tanto em sua porção legal, como ilegal, combinando à escassez de capital[929] a necessidade de generalização de artigos concessores de *status,* em sua maior parte

[927] "(...) l'industrie brésilienne s'est développée depuis quelques années, au point de créer pour divers articles, une concurrence sérieuse à l'industrie étrangère, concurrence contre laquelle il deviendrait impossible de lutter, le jour où des tarifs protecteurs viendraient aggraver les droits de douane, déjà très lourds, qui pèsent sur les produits étrangers, à l'entrée du Brésil". (*Cours du change. Situation Générale du Marché Brésilien. Tendances Protecionistes.* Direction du Consulat et des Affaires Étrangères. Paris, 10/11/1895).

[928] Depoimento de M. F. Bloch, comerciante francês residente na cidade de São Paulo a respeito de quais as causas do arrefecimento do comércio entre França e Brasil. (*Enquête auprès de la colonie française de St-Paul, sur les causes de la diminution de notre commerce. Avis de nos nationaux sur les moyens de les relever.* Direction des Consulat et de Affaires Commerciales. Paris, 18/08/1896).

[929] A escassez de capital, segundo Caio Prado, era um fator estrutural que se relacionava tanto às necessidades de financiamento do setor público, impedindo que se formasse uma poupança interna de peso, quanto à iniciativa individual ou, principalmente, familiar, à qual se associa a origem da indústria nacional: "O baixo nível econômico do país, e sobretudo deficiências estruturais, tornam o processo de capitalização lento e muito difícil. Não se chegara a formar no Brasil nada que se parecesse com um mercado de capitais semelhante ao de todos os países industriais da atualidade. (...) O Estado, sempre grandemente necessitado de recursos e oferecendo uma aplicação de capital muito mais certa e segura que as indústrias, absorverá todas as disponibilidades das modestas poupanças acumuladas. E

importados da França. Caso típico é o de tecidos: "La confection étrangère est appelée à disparaître, peu à peu, en raison des droits prohibitifs qui la frappent. Elle sera remplacée par la confection nationale. Ce fait est regrettable, car cet article venait, en grande partie, de nos ateliers".[930]

A complexidade da contravenção atingiria os extremos de haver, dentro do sistema de falsificação, até mesmo uma divisão de trabalho, como demonstra o seguinte trecho retirado de *A Alma Encantadora das Ruas:*

> "– Oh! não. O pessoal que se dedica ao ofício não se compõe apenas do doloroso bando de pés descalços, da agonia risonha dos pequenos mendigos. Trabalham também na profissão os malandros de gravata e roupa alheia, cuja vida passa em parte nos botequins e à porta das charutarias.
>
> – E é rendoso?
>
> – Rendoso, propriamente, não; mas os selistas contam com o natural sentimento de todos os seres que, em vez de romper, preferem retirar *o* selo do charuto e rasgar a parte selada das carteirinhas sem estragar o selo.
>
> – Mas os anéis dos charutos?
>
> – Oh! isso então é de primeiríssima. Os selistas têm lugar certo para vender os rótulos dos charutos Bismarck – em Niterói, na Travessa do Senado. Há casas que passam caixas e caixas de charutos que nunca foram dessa marca".[931]

O trecho retrata a organização daqueles que se dedicavam ao processo de falsificação de charutos e como funcionava a dinâmica nesse tipo de atividade. Apesar de os catálogos sempre

---

assim os fundos necessários para a indústria dependerão unicamente do concurso individual de seus iniciadores". (Prado Jr., *História Econômica...,* Op. cit., p. 264).

[930] Témoignage de M. Félix Bloch. *Enquête auprès de la colonie française de St-Paul, sur les causes de la diminution de notre commerce. Avis de nos nationaux sur les moyens de les relever.* Direction des Consulat et de Affaires Commerciales. Paris, 18/08/1896.

[931] João do Rio. *A Alma Encantadora das Ruas.* São Paulo, Cia. das Letras, 1997.

atentarem para as falsificações, claro estava que existia um amplo mercado que consumia esse tipo de produto. Em outro excerto, as razões da existência desse mercado para a falsificação ficam um pouco mais claras:

> "-(...) não leve a capital o seu orgulho a ponto de supor que pode oferecer charutos Havana aos fumantes: isso só por ficção: esse gênero não se produz na pequena capital da Ilha de Cuba em tal abundância (...) há por aqui verdadeiros Havanas, como o há o Johannisberg, o Tokay, o Lacryma-christi, o Champagne...
> - (...) Em todo caso, os que usam de todas essas coisas, convencidos de que são elas os verdadeiros produtos, que as denominações indicam, gozam bastante...
> - De que?
> - Ora é boa: a ilusão também traz gozos.
> - Sim, quanto a isso, nada tenho a opor, só gabo o prazer dos que conscientemente se iludem".[932]

Conforme se vê, essa "verdadeira" produção é abrangente o suficiente para abordar todos os produtos em torno dos quais se elaboravam as hierarquias sociais. Charutos e cigarros - salvo os de rapé, que eram populares - assinalavam os atributos intelectuais do homem de elite. Algumas marcas adotariam símbolos inconfundíveis para evitar a falsificação: “Recomenda-se esta marca de cigarros, confeccionados com superior fumo caporal, legítimo S. Felix, papel *ambré* e acondicionados em elegantes carteiras. Preço 6$000 o milheiro. A fim de evitarmos a falsificação de produtos da nossa fábrica, avisamos ao público de que todos os artigos de nossa manipulação levam a marca da fábrica que é representada por um elefante”.[933]

Além do charuto, a vida moderna - e em particular sua dimensão boêmia - trazia também a necessidade do consumo de bebida alcoólica, cuja demanda não atendida daria grande alento ao processo falsificador. Não obstante, a questão da falsificação de bebidas vai um pouco além. Ela

[932] Firmo do Albuquerque Diniz (Junius). *Notas de Viagem.* (1882). Coleção Paulística, vol. V. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1978, p. 89.
[933] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 05/12/1899.

expõe as entranhas de uma sociedade que tem como principal elemento da classe média o trabalhador estrangeiro que, além já trazer consigo hábitos de consumo diferentes, adotava o consumo de estratos superiores uma vez concretizada sua ascensão social. A discussão presente nas cartas consulares, que adquire tons expansionistas, reconhece que os vinhos franceses, caros demais, não conseguiriam açambarcar também a classe média. Suas necessidades eram então supridas pela importação de vinhos italianos, portugueses,[934] argentinos e mesmo pela produção de vinhos nacionais: "leur consommation dans les masses populaires se répand d'autant plus facilement qu'en raison de leur bon marché relatif (de 500 à 700 réis la bouteille soit moitié moins que les vins similaires étrangers), *les vins indigènes sont à la portée de toutes les bourses*".[935] Uma emanação clara da relação entre preço e demanda em uma sociedade que se mercantiliza e assiste às primeiras formas de massificação: "Vinho? Sim! De pura uva? Sim! A 700 réis a garrafa? Sim! A 7$000 réis a dúzia? Sim! E o espírito do vinho garantido também? Sim! Vende-se também em quartolas, quintos e décimos a preço de não temer a concorrência, sendo que o proprietário desta casa recebe vinho em todos os vapores que vêm da Europa, *e contenta-se em ganhar pouco*".[936]

Tendo já acumulado algum pecúlio, mas não podendo ainda aderir aos produtos de luxo importados, os pertencentes ao estrato médio acolhiam de bom grado os produtos falsificados, mais baratos e possíveis portadores de *status* social. Para minimizar a gravidade da venda de vinhos das mais diferentes qualidades sob rótulo de vinhos franceses, o ministro do comércio exterior francês proporia o fornecimento de vinhos menos caros, como os produzidos na Argélia a mais baixo custo em razão da mão-de-obra barata,[937] capazes de abastecer também esse singular mercado de massa em constituição. Afinal, o provimento do mercado paulista com outros produtos, que não os franceses, não era restrito às bebidas, o que causava enorme prejuízo ao comércio exterior daquela nação: "Les principaux produits alimentaires français, les beurres et les

[934] "En second lieu, l'introduction des vins italiens et portugais, qui, bien qu'épais et lourds, sont de vente très courante, en raison de l'importance numérique des colonies portugaises et italiennes représentant près de 60% de la population totale de l'état de São Paulo". (*Annexe à la Dépêche du 7 juillet de 1895-Articles Importés dans l'État de São Paulo et pouvant intéresser le commerce français-Vins et boissons spiritueuses.* São Paulo, 07/07/1895).
[935] Idem, ibidem.
[936] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 15/03/1892. Grifos nossos.
[937] "(...)le marché de ces gros vins de l'Aude et de l'Hérault et de ces petits vins d'Algérie, qui par suite des dernières recoltes vinicoles peuvent se vendre à des prix exceptionellement bas (5 et 10 francs l'hectolitre)". (*Annexe à la Dépêche du 7 juillet de 1895-Articles Importés dans l'État de São Paulo et pouvant intéresser le commerce français-Vins et boissons spiritueuses.* São Paulo, 07/07/1895).

conserves, sont concurrencés par les conserves italiennes et allemandes; les beurres danois et argentins remplacent trop souvent nos marchandises. Les cognacs et les vermouths, fabriqués à Hambourg, viennent sur cette place. Ils les vendent à prix dérisoires, sous des étiquettes françaises".[938]

O problema era a tal ponto grave que os próprios fornecedores de produtos importados franceses, como a Casa Garraux, o mais importante de todos eles, já atentavam para as falsificações: "Tendo aumentado consideravelmente o consumo de vinho de Bourdeaux nesta província, tem-se introduzido, neste ramo de negócio, produtos falsificados, às vezes, perigosos, sempre nocivos à saúde. A Casa oferece aos consumidores todas as garantias contra semelhantes abusos; reputa e garante os seus vinhos; os melhores que se pode encontrar nos mercados de produção".[939] Reconhece-se no trecho que a demanda expandiu, mas, em razão da oferta insuficiente e, logo, do produto dispendioso, optou-se pela falsificação. É certo que os anos de 1890 foram os anos de maior devastação da filóxera no sul da França e, em decorrência da queda na produção, o vinho se tornaria ainda mais caro.[940] Porém, mais poderoso ainda foi o fator imigração, que traria consigo uma demanda não suprida, fosse por questões de necessidade física, graças a um consumo já consolidado do qual não se abria mão, ou por fatores de ordem de afirmação social. Como os produtos franceses eram de difícil acesso, permanecendo circunscritos ao topo da pirâmide social, a solução encontrada seria a venda de bebidas de outras origens com rótulos e garrafas das bebidas francesas. O Bordeaux, cuja falsificação foi acima condenada por Garraux, era um caso típico: "Quant aux vins fins de qualité supérieure, nous demeurons incontestablement maîtres du marché, mais nous devrions veiller à ce que l'étiquette indique bien la qualité et lutter contre l'emploi trop fréquent de fausses marques d'origine. Un certain nombre de vins italiens et portugais sont frauduleusement débités sous l'épithète de Bordeaux ou Mâcon

[938] Temoignage de M. Gaston Picard. *Enquête auprès de la colonie française de St-Paul, sur les causes de la diminution de notre commerce. Avis de nos nationaux sur les moyens de les relever.* Direction des Consulat et de Affaires Commerciales. Paris, 18/08/1896.
[939] *Almanach Administrativo, Commercial e Industrial da Provincia de São Paulo.* São Paulo, Jorge Seckler Editor, 1886.
[940] A filóxera - nome da mosca, mas também da doença do vinhedo - seria descoberta em 1868 nos vinhedos franceses por Jules Louis Planchon e se tornaria a maior praga da viticultura mundial do último quartel do século XIX.

(...) la législation locale n'offre malheureusement pas assez de garanties repressives contre de pareils abus qui causent un préjudice incalculable à l'écoulement de nos produits".[941]

O problema da adulteração das marcas é da própria natureza do capitalismo e constitui um problema extremamente atual.[942] Para melhor compreendê-lo, é preciso estabelecer alguns paralelos entre luxo - sua parte antitética - e capitalismo. Do ponto de vista teórico, o tema do luxo aparece de diferentes maneiras em autores como Veblen, Weber, Sombart e Bourdieu. Em Veblen, o luxo é produto do desenvolvimento da propriedade privada no interior do capitalismo e se relaciona à necessidade de ostentação de uma classe ociosa frente a uma classe trabalhadora que emula os seus hábitos de consumo.[943] Em Sombart, o processo é semelhante, mas, ao invés de se relacionar com o capitalismo de forma indireta a partir da propriedade privada, é o próprio luxo que está no origem do capitalismo.[944] Por outro lado, o motor do surgimento do luxo é essencialmente individual, emerge das pulsões materialistas da época renascentista que conformam o que ele chama de "luxo materialista e egoísta".[945] Tais pulsões são as responsáveis pela diferenciação entre "necessidades comuns" e "necessidades sofisticadas", sendo esta última a responsável por alavancar o capitalismo. A presença de necessidades sofisticadas é o seu ponto em comum com Weber, para o qual, o distanciamento em relação às necessidades comuns compõe o que chamou de "estilização da vida", uma das referências da noção de distinção desenvolvida por Bourdieu.[946] Logo, o luxo seria uma das formas em que se concretiza o

---

[941] *Annexe à la Dépêche du 7 juillet de 1895-Articles Importés dans l'État de São Paulo et pouvant intéresser le commerce français-Vins et boissons spiritueuses.* São Paulo, 07/07/1895.

[942] Suzanne Strehlau. *O luxo falsificado e suas formas de consumo.* Tese de doutorado. São Paulo EAESP-FGV, 2004. As diversas definições para "falsificação" encontram-se dispostas em um quadro às páginas 48-49 da referida tese.

[943] "Under the selective surveillance of the law of conspicuous waste there grows up a code of accredited canons of consumption, the effect of which is to hold the consumer up to a standard of expensiveness and wastefulness in his consumption of goods and in his employment of time and effort". (Thorstein Veblen. *The Theory of Leisure Class*. New York, Augustus M. Kelly, 1975, p. 50).

[944] "(...) reconocíase unánimemente que el lujo desarollaba las formas económicas que empezaban a surgir entonces y que eran precisamente las formas capitalistas; por eso, todos los partidarios del 'progreso' económico eran ardientes defensores del lujo". (Werner Sombart. *Lujo y capitalismo.* Trad. Luis Isábal. Segunda Edición. Madrid, Alianza, 1979, p. 175).

[945] "Esta forma de lujo es precisamente la que se desarolla de modo considerable en la época del Renascimiento. (...) El lujo personal nasce, en primer término, del puro recreo y goce de los sentidos". (Sombart, *Lujo...*, Op. cit., p. 95).

[946] "À mesure que croît la distance objective à la nécessité, le style de vie devient toujours davantage le produit de ce que Weber appelle une 'stylisation de la vie', partie systématique qui oriente et organise les pratiques les plus diverses (...) Affirmation d'un pouvoir sur la nécessité dominée, il enferme toujours la revendication d'une supériorité légitime sur ceux qui, faute de savoir affirmer ce mépris des contigences dans le luxe gratuit et le gaspillage

distanciamento máximo em relação às necessidades, contribuindo para que, na esfera do consumo, as classes, construídas no âmbito da produção, finalmente se hierarquizem.[947]

As diferentes explicações sobre a natureza da relação entre luxo e capitalismo contribuem para o esclarecimento da relação entre este e a falsificação uma vez que luxo e falsificação são partes opostas e complementares na dinâmica da distinção social implícita no consumo. O consumo ilícito tem dois vetores: um vetor material - como, por exemplo, a extrema concentração de renda na sociedade ou a percepção de um salário abaixo das necessidades de exposição social - e um vetor social de distinção, que objetiva a aquisição de *status* social ou acúmulo de capital social, segundo Bourdieu.[948]

Tanto o fator material quanto o fator social acima citados encontram-se presentes no momento histórico que analisamos, embora de forma muito particular. A sociedade paulistana do ocaso do século se complexificava, incorporando certa dose de mobilidade social, mas a riqueza extremamente concentrada e a estratificação social impediam que os produtos diferenciadores legítimos circulassem livremente. Acrescente-se a esse fator social a inexistência de uma base industrial capaz de massificar os produtos, barateando-os ao mesmo tempo em que são generalizados. A falsificação exige uma base produtiva mais simples, proporcionando, por outro lado, um acesso mais amplo a um maior número de pessoas, incluindo, pela dinâmica do consumo, um estrato médio que ascende socialmente e que luta também pelos símbolos da distinção.

Por outro lado, os produtos importados, sejam industriais, símbolos do arrivismo, ou artesanais, símbolos da ancestralidade, exercem um papel crucial na dinâmica da diferenciação social do capitalismo periférico. Sendo raros, dispendiosos e exigentes de um conhecimento prévio para sua plena fruição, adquirem características de legitimadores das diferenças sociais. Tais produtos apontam para a apropriação ou para a invenção - no caso dos artigos

---

ostentatoire, restent dominés par les intérêts et les urgences ordinaires". (Pierre Bourdieu. *La Distinction-Critique Social du Jugement.* Paris, Les Éditions de Minuit, 1979, p. 59)

[947] Para Weber, as classes são limitadas e estratificadas pela situação de mercado, enquanto os grupos de *status* se hierarquizam pelo grau de honra social, associado, no capitalismo, à compra de bens que exprimem estilos de vida diferentes. Ao contrário de Marx, que define a classe segundo sua relação com os meios de produção, Weber as define pela situação de mercado. A estrutura de estratificação social, além da classe e do *status*, conta ainda com o partido, que remete ao grau de influência legítima exercido pelos grupos. (Max Weber. "Classe, estamento e partido". *Ensaios de sociologia.* Trad. port. 5a edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1982).

[948] Strehlau, *O Luxo falsificado...*, Op. cit., p.18.

industrializados - de uma tradição diversa daquela sobre a qual se construiu a história dessas nações periféricas: "A valorização de aspectos intangíveis de uma marca salienta a simbologia em seu uso. Estes símbolos, criados no exterior, em uma cultura diferente, são importados e utilizados, no Brasil, por pessoas que nasceram e foram criadas em outro contexto. Isso, somado ao pouco conhecimento sobre o que é marca de luxo por parte do público em geral, acabou por propiciar um ambiente peculiar de consumo".[949]

Dessa forma, as contrafações tornar-se-iam cada vez mais freqüentes em razão da incompatibilidade, retomando Weber, entre a rapidez com que as classes se reestruturavam no plano material e a lentidão com que os instrumentos de afirmação se difundiam no plano social. Em contrapartida, inicia-se um processo de diferenciação social cada vez mais sutil em que os que conhecem os produtos originais distinguem-se daqueles incapazes de identificar uma marca falsificada ou que a ela se submetem conscientemente.

As advertências contra as imitações tornar-se-iam cada vez mais freqüentes nos jornais da última década do século XIX, denunciando-se mesmo as falsificações de produtos de outras origens que não a francesa. Esse foi o caso da Fernet italiana, de cujo processo de adulteração se dizia ter sido bastante elaborado: “Uma das mais importantes marcas de *Fernet* foi falsificadas nestes dias. Na semana passada sobre a praça de São Paulo fizeram-se vendas em vasta escala e muitos honestos comerciantes foram enganados. A marca, as alíquotas, as garrafas, as caixas são imitadas de modo a enganarem o mais esperto conhecedor, porém isto pode-se dizer a mesma coisa do conteúdo, que é uma misturança suja impossível de beber, e talvez de prejuízo à saúde”.[950]

Bebidas outras com alta concentração de álcool, as conhecidas *boissons spiritueuses*, como licores e conhaques, eram também amplamente falsificadas. No caso do *cognac*, o líquido era substituído pela Paraty brasileira, chamada pelos franceses de "liqueur du pays", e a bebida era vendida "dans les conditions de bon marché qui nuisent à la vente de cognacs véritables, d'un prix de révient supérieure et gréves en outre de droits considérables".[951] Um exemplo das principais marcas que sofriam com esse problema era o conhaque *Jules Robin*, premiado em

[949] Idem, ibidem, p. 14.
[950] *O Correio Paulistano*. São Paulo, 12/12/1895.
[951] *Annexe à la Dépêche du 7 juillet de 1895-Articles Importés dans l'État de São Paulo et pouvant intéresser le commerce français-Vins et boissons spiritueuses.* São Paulo, 07/07/1895.

diversas exposições, e cujos fabricantes "(...) cientes da grande falsificação dos mesmos, tomaram a resolução de constituir procurador para perseguir os falsificadores, que além de serem processados criminalmente, têm de indenizar os danos que causam com sua fraude. (...) Pela lei, é tão culpado o falsificador como o vendedor de gênero falsificado".[952] Alguns comerciantes, como Charles Hü, chegariam a delatar compatriotas franceses que, vergonhosamente, dedicavam-se à degenerescência dos produtos de seu país de origem: "Chegando ao nosso conhecimento que certos concorrentes sem escrúpulo e alguns franceses sem consciência andam caluniando surdamente nossa casa, espalhando que só vendemos produtos falsificados (...) Pesa-nos encontrar patriotas sem pudor nesta campanha de difamação; felizmente, são poucos, e compensa-nos o número sempre crescente dos nossos fregueses, compostos da mais alta sociedade brasileira e dos membros mais distintos de todas as colônias estrangeiras".[953]

Não somente bebidas, mas outros produtos de origem estrangeira, como perfumes e sabonetes, seriam também falsificados, chegando a suscitar, entre os fabricantes, mudanças na forma e na embalagem dos produtos: "Para proteger os interesses dos fiéis clientes (...) L. Legrand, proprietário da perfumaria Oriza de Paris, tem a honra de participar à sua clientela, seja por atacado ou por miúdo que desde o 1º de janeiro de 1896, suas especialidades hão de ser postas em venda, *modificadas*, no seu aspecto exterior e forma, no alvo de impedir as inumeráveis e detestáveis falsificações de seus produtos tão afamados".[954] Também o sabonete Rifger adotaria medidas externas contra a falsificação: "Para evitar falsificações exigir no rótulo externo, em tinta vermelha a firma dos agentes Carvalho Filho & Cia."[955]

A problemática da industrialização nacional, dentro da qual inserimos também os métodos de difusão espúrios, por se tratar de formas outras de generalização do consumo, remete ainda à questão da imposição da cobrança de impostos de consumo, inaugurada com a lei número 25 de 30 de dezembro de 1891. Na verdade, a lei era a recidiva de antigas formas de cobrança do imposto, em particular sobre o fumo, surgidas em 1879, mas suprimidas em 1880, em razão da resistência dos fabricantes do produto. A lei de 1891 determinava sua cobrança sobre o sistema de estampilhas, que encontraria ainda maiores resistências à sua cobrança: "Esses impostos, que,

[952] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, ago./1895.
[953] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 06/06/1903.
[954] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 01/08/1896.
[955] *O Correio Paulistano*. São Paulo, 12/12/1895.

na maior parte das nações, tornaram-se fontes perenes da renda pública, têm custado a aclimar-se em nosso país, não em conseqüência de obstáculos levantados pelo consumidor, mas em razão de dificuldades criadas pelos fabricantes e varejistas, que encontram sempre dúvidas em satisfazê-lo, seja qual for o sistema de cobrança".[956] O volume arrecadado pelo imposto seria, dessa forma, descendente: 1.108:207$149 em 1893, passando a 812:973$188 em 1894, e 785:000$000 em 1895, quando decidiu-se mudar a lei em vigor, "deixando facultativo ao Governo o modo de cobrança"[957] e acrescentando-se o imposto sobre bebidas, autorizado pela lei n. 359 de 30 de dezembro de 1895. Não tendo sortido ainda efeito as novas imposições, a arrecadação continuaria a decrescer e, em 10 de dezembro de 1896, seria imposta a arrecadação por estampilhas e a sugestão era a de que fossem colocadas "antes de sair o produto das fábricas e dos depósitos, como se pratica na Inglaterra em relação ao imposto sobre certos preparados farmacêuticos (*patented medicines)*".[958] A arrecadação subiria, então, para 2.506:616$278, sendo distribuída entre 1.386:637$871 originária de impostos sobre o fumo, e 1.119:978$407 sobre a bebida.

O ano de 1896 seria o marco para a arrecadação dos impostos de consumo, não à toa, coincidindo com o momento em que se ampliam os lamentos documentados nas correspondências consulares francesas. O problema é que a cobrança do imposto recairia principalmente sobre os artigos de luxo, oferecidos em sua grande parte por produtores franceses. Tanto o imposto sobre a bebida, como sobre o fumo, afetavam-nos diretamente: "Incidindo sobre um objeto de luxo, que é ao mesmo tempo um vício, e demonstrando as estatísticas de toda a parte do mundo que, mesmo onerado o consumo (...) com fortíssimas taxas, a sua produção ainda assim cresce indefinidamente, os legisladores de quase todas as nações têm feito desse produto o assento para um imposto base, isto é, enormemente rendoso, de fácil fiscalização, econômica arrecadação e suscetível de sucessivas agravações".[959]

Outros produtos sobre os quais se propunha a arrecadação do imposto de consumo eram as perfumarias, sabonetes, velas, calçados e chapéus, ou seja, todos os produtos de luxo sobre os

---

[956] *Relatório do Ministério da Fazenda apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil no ano de 1896.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1896, p. 30. (retirado do site do projeto de digitalização de documentos do *Center for Research Libraries*: http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/hartness/fazend.htm)
[957] Idem, ibidem, p. 31.
[958] Idem, ibidem, p. 32.
[959] *Relatório do Ministério da Fazenda apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil no ano de 1897.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1897, p. 163.

quais incidiria também a falsificação, como forma de driblar o imposto que truncava, do ponto de vista econômico, a difusão do consumo. O imposto sobre esses produtos seria instituído, finalmente, pela lei n. 559 de 31 de dezembro de 1898.[960] Em dezembro de 1899, seriam também estabelecidos os impostos sobre tecidos, que geraria nova controvérsia.[961] No plano da ideologia nacional, os impostos de consumo apareceriam como "indispensáveis aos grandes Estados modernos, sujeitos ao pagamento de dívidas pesadas ou a exorbitantes despesas de armamento e efetivos militares".[962] A formulação porta uma conotação claramente imperialista, fundamentada na expansão territorial e outras formas de imperialismo informal. Estas, por sua vez, relacionavam-se com a "última" fase do capitalismo, a monopolista, e ao novo papel do Estado Nacional nesse contexto. No Brasil, o discurso servia para justificar a centralização de certas competências por parte do governo central, tantos eram os conflitos das administrações regionais entre si e destas para com o governo federal. São estes conflitos que conferem, afinal, a tônica da Primeira República. [Anexo 51]

Em 1900, as discussões em torno dos impostos de consumo atingiriam o seu ápice uma vez que mais produtos, que não figuravam na receita de 1899, como chapéus, bengalas e tecidos, entrariam na pauta de arrecadação. O fato incitaria a reunião de todos os fabricantes e importadores de tecidos do estado de São Paulo que se opunham peremptoriamente à forma como o governo federal propunha a taxação, que deveria recair sobre os estoques e não sobre a venda: "O senhor Rocha Melo, negociante de tecidos, sucessor da firma Barroco, Monteiro & Companhia, procurou demonstrar, com argumentos valiosos, que, em absoluto, era impraticável a selagem do *stock* das casas que negociam com tecidos, achando que, a ser cumprida a lei, deveria o governo fornecer selos de pequeno valor, que pudessem ser apostos pelo comerciante sobre metro por metro de fazenda, à proporção que fosse vendida".[963]

Segundo os membros da Associação Comercial do Estado de São Paulo, o referido imposto seria inconstitucional, já que o mesmo trabalho de taxação era já feito pelo Imposto sobre Indústrias e Profissões, de alçada dos estados. Alguns importadores defendiam o mesmo

[960] *Relatório do Ministério da Fazenda apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil no ano de 1898.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1898, p. 26.
[961] *Relatório do Ministério da Fazenda apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil no ano de 1899.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1899, p. 34.
[962] *Relatório do Ministério...,* Op. cit., 1897, p. 169.
[963] *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 07/02/1900. Um dia após a reunião, dois meses após o decreto 3535.

argumento, dizendo que seus produtos já estariam sendo tributados na alfândega, sofrendo, então, uma dupla taxação: "O Sr. Miguel Sarmento, da firma Pereira, Vilela e Cia. (...) é de opinião que tudo que é de importação não deve ser selado porque já paga direitos na alfândega".[964] Victor Nothmann, secretário da reunião, deixou claro que o imposto do selo prejudicava em particular os importadores, uma vez que, por exemplo, a aguardente não era taxada: "O Sr. Nothmann demonstra também a desvantagem para o comércio do imposto sobre bebidas e critica o fato de não pagar imposto a aguardente. O orador procura demonstrar que o governo não lança impostos sobre a pinga temendo a política da gente do norte do país".[965] Segundo o *Relatório do Ministério da Fazenda de 1896*, o fumo de rapé também não era taxado, embora devesse sê-lo.[966] Novamente, a tributação sobre o consumo desnuda uma rede de interesses, inevitavelmente ligada às disputas regionais que caracterizaram o pacto federalista.

Embora não fosse intencional, mas um produto da própria organização política, que dificultava a imposição das medidas da União sobre as oligarquias dos diferentes estados, a não taxação do produto nacional provocaria um distanciamento ainda maior entre os produtos importados, cada vez mais caros e podendo ser consumidos por uma minoria cada vez mais restrita, e os produtos nacionais, que não conseguiam, por sua vez, suprir todas as necessidades da população. Tratava-se de uma medida protecionista em uma economia que não tinha indústrias suficientemente importantes para provocar um arranque.

O ano de 1895 reúne, então, a instauração dos impostos de consumo e o início dos protestos dos comerciantes franceses, cujos produtos eram os mais prejudicados, tanto pela variações cambiais, como pelas tarifas alfandegárias crescentes, pelo imposto do consumo e, ainda, pela contrafação. Esta última cresceria a taxas cada vez maiores com o surgimento de uma dinâmica de consumo de traços capitalistas, caracterizada por frações de elite móveis que mudam seus padrões constantemente. [Anexo 52]

---

[964] Idem, ibidem.
[965] Idem, ibidem.
[966] "Em geral, no sistema tributário estrangeiro a base da tabela de taxas é o preço do produto. No Brasil, a taxa de um maço de cigarros (10 réis) é igual à de um pacote de fumo desfiado, de 25 gramas, que produz proximamente o dobro do número de cigarros. Identicamente um charuto cujo peso é 7 a 8 vezes superior ao de um cigarro, paga a mesma taxa que este (meio real). (*Relatório do Ministério da Fazenda apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil no ano de 1897.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1897, p. 165).

Para fugir à taxação excessiva, a solução, para muitos importadores, seria investir na produção interna de variantes de artigos anteriormente importados: “Algumas das casas importadoras (...) desdobraram-se, depois, em empreendimentos industriais próprios, graças ao grande conhecimento que seus proprietários tinham adquirido de todo o sistema internacional de produção e comércio de bens manufaturados (...) Foi ela [a importação] que criou a cultura técnica e comercial necessária à implantação da indústria”.[967]

Apesar das severas críticas de Wilson Cano dirigidas a Warren Dean,[968] o autor dessa proposição, não se pode negar que uma parte da indústria nasceu da ampliação da atividade de alguns comerciantes estrangeiros que buscavam a adaptação de seus produtos ao clima ou percebiam uma demanda não suprida para artigos caros demais ou, ainda, tentavam evitar que uma parcela do lucro fosse abocanhada pela União. Para Caio Prado Jr., a gênese da indústria na atividade do comerciante importador, fundamentada em produtos de baixíssimo valor agregado e em investimento ligado ao pecúlio acumulado individualmente pelo comerciante, estaria na raiz da explicação para a debilidade da indústria nacional: "E se formou assim por pequenos e sucessivos concursos de economias duramente reunidas. Esta circunstância, devido ao vulto que representa no conjunto da indústria brasileira, tem no terreno econômico grande significação porque dá conta não só do grande número de pequenas empresas que não são mais que escalões de um processo de crescimento potencial (...), como sobretudo da debilidade de indústrias que repousam exclusivamente em bases financeiras tão estreitas e precárias".[969]

Para Celso Furtado, de maneira análoga, a relação entre o consumo alimentado pelo setor importador e produção nacional caracterizaria também um tipo de debilidade, assinalando uma cisão estrutural existente no interior do aparelho produtivo nacional: "um segmento destinado a atividades tradicionais, ligadas às exportações ou ao mercado interno e outros constituído por

[967] Dean, *A industrialização...*, Op. cit., pp. 25-49.
[968] Wilson Cano critica Warren Dean a partir de duas de suas hipóteses. Na primeira, segundo Cano, Dean tenta criticar uma "teoria de que a indústria cresceu porque o comércio exportador declinou". Na segunda, que é a que nos interessa, critica-o por "mostrar a figura do importador como origem da industrialização", dizendo ser esta sua segunda hipótese incompleta, uma vez que, não acusa as suas raízes: "Além de não ter compreendido o 'enfoque cepalino', Dean não viu também a importante 'lacuna' que persistia, e que J. M. Cardoso de Mello desenvolveu no capítulo 2 de seu trabalho, qual seja, a da análise do crescimento industrial, vista pelo ângulo do processo interno de acumulação engendrado pelo complexo cafeeiro. Preocupado em demasia em criticar a 'teoria dos choques', Dean parece não ter se apercebido disso, por o que se nota constantemente em seu livro é o declarado objetivo de tentar uma relação direta e num só sentido entre a "industrialização e o comércio do café"". A crítica é longa e se estende da página 144 a 149. (Cano, *Raízes...*, Op. cit., pp. 148-149)
[969] Prado Jr., *História Econômica...*, Op. cit., p. 265.

indústrias de elevada densidade de capital, produzindo para uma minoria modernizada".[970] Ao contrário das estruturas do Antigo Regime absorvidas no interior de um mesmo capitalismo, as estruturas que compõem o sistema capitalista periférico são diacrônicas e profundamente heterogêneas.

A atividade industrial decorrente do comércio fica clara em alguns documentos da época, como o relatório comercial escrito por Bonnaure, que afirmava terem sido algumas fábricas - como as do complexo Matarazzo; as da família Duchen, relacionadas à produção de biscoitos;[971] as de produção de telhas, pertencentes a industriais marselheses -[972] começadas por famílias estrangeiras.

Para José de Souza Martins, a organização dessa produção, não obstante a origem estrangeira de seus proprietários, seguiria uma lógica estritamente familiar. Tal como havia se passado com todos os demais complexos econômicos que a precederam, o patriarcalismo também se configuraria em um traço típico da indústria paulista nascente. Na verdade, esse braço da industrialização em nada diferia de sua parcela oriunda do complexo cafeeiro, também de base familiar, que controlava não somente a produção agrícola, mas todas as atividades a ela relacionadas, que iam da produção de sacas ao financiamento da lavoura.

Ainda para o autor, seria da relação entre importadores e consumidores, ou de choques nessa relação, que nasceriam as primeiras manifestações da indústria nacional: "(...) se o mercado de produtos industriais 'pertencia' aos importadores e se os momentos de crise são insuficientes para explicar a industrialização, esta ocorreu estimulada pelos importadores ou, em caso negativo, pela quebra das relações entre o importador e o consumidor. Resumindo, as duas hipóteses continham a suposições de que o industrialismo brasileiro foi propiciado, no plano econômico, ou pelo tipo de relação entre os importadores e os consumidores ou por perturbações nessa relação".[973] O autor contraria a tese de que a indústria exerceria um papel de reservas nas crises e, segundo ele, a substituição de importações seria insuficiente para explicar o processo de industrialização brasileiro.

---

[970] Furtado, *O mito...*, Op. cit., p. 87.
[971] Bonnaure, *Livro de Ouro...*, Op. cit., p. 173.
[972] Idem, ibidem, pp.182-183.
[973] José de Souza Martins. *Conde Matarazzo: o empresário e a empresa. Estudo de sociologia do desenvolvimento.* 2a edição. São Paulo, Hucitec, 1976, p. 5.

Para nós, o processo de industrialização brasileiro estaria menos ligado a uma ou outra maneira de como se deu a industrialização, se originária do comércio importador, se originária já de todo um complexo produtor criado pelo café. Ambas as origens são corretas e se combinaram na imensa complexidade que caracterizou a formação do capitalismo periférico. Em separado, não conseguem explicar, contudo, o lapso temporal existente entre o nascimento de indústrias isoladas e um processo integrado de industrialização, que só aconteceria na década de 50 do século XX. Afinal, por que as indústrias existentes já no século XIX não foram capazes de criar uma revolução industrial? Se pensarmos a industrialização não a partir de si própria, mas a partir de sua cara-metade, o consumo, talvez consigamos encontrar a conciliação entre teorias da industrialização tão díspares e o porquê dessa defasagem temporal. Afinal, os cursos tomados pelo consumo em contexto periférico se relacionam intimamente às dificuldades criadas à industrialização, adiando-a no tempo. O estudo não pode prescindir, todavia, de uma análise da dinâmica de classes, que adotou aspectos particulares em São Paulo, em pormenor a partir dos movimentos imigratórios específicos dessa região.

A estrutura de classes do período estudado era bastante complexa e o risco da indiferenciação entre uma e outra fração levava a acirrados conflitos no plano do consumo. Importadores se tornavam industriais, mas também proprietários de terra, e não raro eram os exportadores que passavam às atividades produtivas e financeiras. Essa dinâmica relativamente móvel era, no entanto, restrita à camada dominante. A mercantilização da terra, juntamente com o processo de urbanização, foi um dos passos para que o consumo passasse a dar a tônica da diferenciação social. Afinal, a terra havia deixado de ser o único fator enobrecedor, e não era nem mesmo suficiente.

Nesse movimento, existe uma fração de elite, a dos cafeicultores do oeste, que, no intento de diferenciação dos ascendentes, construiu barreiras ao consumo não somente econômicas, mas também políticas e culturais, perpetuando assim a rigidez social. De outro lado, a tensão premente para a generalização de padrões criava formas ilegítimas que tentavam compensar os limites de uma base industrial ligada ao café que, embora difundisse em parte os produtos necessários à sobrevivência, não generalizava os artigos concessores de *status* social. Se a indústria fundada pelo complexo cafeeiro remete a uma questão quantitativa (oferta de bens insuficiente *versus* necessidades físicas básicas), a indústria lelga ou espúria, baseada na

imitação, falsificação ou contrabando, de raízes na importação, traduz fundamentalmente as necessidades sociais, expressas pela demanda de certos padrões, cujo consumo implica inclusão social daqueles que os consomem.[974] É o que mostram, enfim, os temas trabalhados nesse capítulo e tomados à correspondência consular francesa e aos relatórios do Ministério da Fazenda.

Assim, tanto a teoria dos choques adversos, a partir dos quais nasceria a substituição de importações, como a teoria da indústria que nasce dos importadores tomam parte no processo de constituição do capitalismo periférico. Ambas são, todavia, mais uma conseqüência da forma como se deu a formação da sociedade capitalista no Brasil do que causas suas. Da mesma forma como se invertem alguns elementos da modernidade periférica em relação à modernidade central, como acontece entre espaço público e privado, o consumo se encontra em uma relação invertida com a produção, antecipando-se a esta. O consumo não pode ser diagnosticado como capitalista, mas possuía muito mais elementos desse sistema do que a produção que lhe era correspondente, o que é atestado pela presença precoce da falsificação. Somente uma análise conjunta dessas duas dimensões - consumo e indústria - bem como da contradição especificamente periférica - a de que o consumo capitalista antecipa a produção desse sistema - é capaz de fornecer explicações sólidas para o atraso: "Para captar a natureza do subdesenvolvimento, a partir de suas origens históricas, é indispensável focalizar simultaneamente o processo da produção (realocação de recursos dando origem a um excedente adicional e forma de apropriação desse excedente) e o processo de circulação (utilização desse excedente ligada à adoção de novos padrões de consumo copiados de países em que o nível de acumulação é muito alto), os quais, conjuntamente, engendram a dependência cultural que está na base do processo de reprodução das estruturas sociais correspondentes".[975]

---

[974] As raízes e as características do processo de industrialização brasileiro devem remeter não somente às necessidades econômicas, mas também às necessidades culturais, o que explica em parte suas bases extremamente simples, assentadas principalmente na produção de chapéus, pentes, roupas: "C'est lui qui suscite ce délire, ce monde forcené de bibelots, de gadgets, de *fetiches* qui tous cherchent à marquer l'étérnité d'une valeur (...) Cette logique n'est pas du tout celle de l'appropriation individuelle de la *valeur d'usage* des biens et des services (...), ce n'est pas la logique de la satisfaction, c'est une logique de la production et de la manipulation des signifiants sociaux". (Baudrillard, *La société de consommation...,* Op. cit., pp. 78-79).

[975] Furtado, *O mito...*, Op. cit., p. 80.

Voltando à originária definição de capitalismo tardio de Ernest Mandel,[976] o papel desempenhado pelo consumo em sua dinâmica é fundamental.[977] Na fase monopolista, tal papel já se encontrava em franco desenvolvimento[978] e poderíamos mesmo dizer ser o consumo dessa fase a forma pré-histórica do consumo de massas no interior do capitalismo tardio. Entretanto, se, nos países centrais, já se ajustavam, durante essa fase, dinâmica de consumo e de produção em massa, nos países periféricos, à ausência de uma base industrial combinava-se a presença de um setor importador que permitia o consumo de produtos originários de um capitalismo já consolidado, com traços de massificação. Os produtos podiam ser tanto produtos de luxo, quanto produtos já oriundos de uma dinâmica massificada, os tecidos de algodão ingleses, por exemplo.

A presença do setor externo, que permitia o acesso a produtos já capitalistas, seria a responsável por recriar, contraditoriamente, no plano da produção, a necessidade da difusão assentadas em mecanismos espúrios, como a falsificação e imitação, que encontrariam vida longa na trajetória da constituição do capitalismo periférico. De outro lado, a parte da estrutura produtiva em fase de constituição e ligada ao café tornava-se cada vez mais dependente deste, *commodity* extremamente suscetível às flutuações do mercado internacional. Sua prosperidade e sua crise eram ditadas por aquele: "A concentração cada vez maior das atividades na produção de uns poucos gêneros exportáveis, e a estruturação de toda a vida do país sobre base tão precária e dependente das reações longínquas de mercados internacionais fora de seu alcance, tornavam aquele sistema essencialmente frágil e vulnerável. E paradoxalmente, cada passo no sentido de ampliá-lo mais o comprometia porque o tornava mais dependente".[979]

Portanto, se o capitalismo no centro se caracterizou pela concomitância entre consumo capitalista e base produtiva capitalista, na periferia, a relação entre ambas se caracterizou pela

---

[976] A definição seria retomada posteriormente por Jürgen Habermas. *A Crise de Legitimação no Capitalismo Tardio.* 60o volume da coleção Biblioteca Tempo Universitário. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2002. Para o estudo do capitalismo periférico, a definição seria adaptada por João Manoel Cardoso de Melo. *O Capitalismo Tardio: contribuição à revisão crítica da formação e desenvolvimento da economia brasileira.* 10a ed. Campinas, Unicamp-IE, 1998.

[977] O conceito de capitalismo tardio foi apresentado por Ernest Mandel em sua tese *Der Spätkapitalismus – Versuch einer marxistischen Erklärung*, traduzido para o português como *O Capitalismo Tardio* (São Paulo, Abril Cultural, 1982). Na tese, tenta esclarecer o que seria a última fase do capitalismo, caracterizada pela presença de corporações multinacionais, a globalização dos mercados, o consumo de massas e a intensificação dos fluxos internacionais de capital. Seria com essa tese que Mandel obteria seu seu PhD, em 1972, na Universidade Livre de Berlim.

[978] Rosalind Williams. *Dream worlds: Mass consumption in late nineteenth century France*. Berkeley, University of California Press, 1982.

[979] Prado Jr., *História Econômica...*, Op. cit., p. 211.

defasagem no tempo, uma vez que a dinâmica de consumo instaurada em finais do século XIX, já com *alguns traços capitalistas*, criou, no âmbito da produção, *um verdadeiro setor fundado na falsificação*. Quanto mais traços capitalistas adquiria o consumo de transição no sistema capitalista periférico, maiores eram as necessidades de generalização; tanto mais numerosas seriam, então, as formas precárias responsáveis por sua difusão. Estas seriam ainda tanto mais abundantes quanto maior fosse a insuficiência da base produtiva atrelada ao café e dele dependente para o seu desenvolvimento. A necessidade de difusão assentada sobre formas espúrias, como a imitação e a falsificação, estaria, por sua vez, na raiz da heterogeneidade de níveis tecnológicos que caracterizam a industrialização periférica.[980] Se consumo e produção são incompatíveis quanto ao ritmo com o qual se aproximam do capitalismo, a acumulação propriamente capitalista seria, em contexto periférico, cada vez mais adiada no tempo, tornando-se possível somente mediante uma brutal interferência estatal que contrariasse politicamente esse funcionamento contraditório.

Tal processo já havia sido apontado por Celso Furtado sob a forma de uma relação entre elites periféricas de traços cosmopolitas e produtos oriundos de uma estrutura com alto nível de acumulação capitalista: "A existência de uma classe dirigente com padrões de consumo similares aos de países onde o nível de acumulação de capital era muito mais alto e impregnada de uma cultura cujo elemento motor é o progresso técnico, transformou-se, assim, em fator básico na evolução dos países periféricos".[981] Esse fator seria fundamental nos desdobramentos capitalistas típicos das nações de passado colonial, caracterizando a modernização sem modernidade, que está na base das reformas urbanas, do desenvolvimento comercial e nos rumos tomados pelo consumo e, logo, pelo capitalismo na periferia: "Chamaremos de modernização a esse processo de adoção de padrões de consumo sofisticados (privados e públicos) sem o correspondente processo de acumulação de capital e progresso nos meios produtivos".[982]

Porém, o processo modernizador não pode ser explicado somente por seus atributos materiais. A modernização, caracterizada pela concentração violenta de processos e valores

[980] Furtado, *O mito...*, Op. cit., p. 88.
[981] Idem, ibidem, p. 80.
[982] Idem, ibidem, p. 81. "O consumo de artigos industrializados e de padrões arquitetônicos e urbanísticos estrangeiros criou, em países como o Brasil, a autoconsciência de países atrasados com relação àquele mundo referencial dos países industrializados". (Barbuy, *A cidade...*, Op. cit., p. 87)

modernos num só tempo, renunciando aos processos de longa duração necessários à sua constituição, também possui uma dimensão cultural. É este o objeto a ser tratado no próximo item.

5.2 Embates entre modernização e modernidade capitalista na periferia do sistema

A constituição da modernidade capitalista periférica não pode ser entendida sem o fenômeno da modernização.[983] Primeiramente porque, aplicado a uma estrutura eivada de contradições surgidas da condição de ex-colônia, o processo de modernização engendra novas contradições que àquelas se sobrepõem, colocando novos dilemas a serem resolvidos pela modernidade em constituição. O célere processo modernizador recria exclusões sociais e descontinuidades. Em segundo lugar, quando aplicada a outros campos que não o econômico, a modernização invade o domínio da modernidade, precipitando soluções não condizentes com os aspectos históricos que são constitutivos da última. O resultado é, assim, a formação de uma modernidade específica que, no jogo com o processo modernizador, nem sempre consegue exercer a inclusão social.

O consumo, estudado ao longo deste trabalho, revela algumas das contradições surgidas no embate entre modernização e a modernidade capitalistas em contexto periférico, desnudando, a um só tempo, as limitações materiais - expressas na dificuldade em passar por uma revolução

[983] Da reflexão sobre a temática da modernização, optamos, para o século XIX, pela definição da modernização enquanto um processo em que o eixo ideológico esteja centrado no progresso e em um ideal de civilização fundamentalmente eurocêntrico. Sua difícil definição se deve ao fato de ser um termo inseparável de sua carga ideológica, desde o seu surgimento na década de 50, quando serviu para fundamentar a hegemonia norte-americana, (Carlota Solé & A. D. Smith. *Modernidad y Modernización.* Col. Barcelona, Anthropos, 1998, p. 14), até sua aplicação na teoria do desenvolvimento cepalina (Celso Furtado. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1961). Assim como o termo "modernização", o conceito "modernidade" apresenta uma pletora de significados nas ciências sociais. Pode significar desde a substituição da tradição pela razão e secularização até um fenômeno que caracteriza o mundo ocidental, tendo surgido na Europa do século XVII (Danilo Martucceli. *Sociologies de la modernité: l'itinéraire du XXe siècle.* Paris, Gallimard, 1999). Em nosso trabalho, trata-se do processo de conformação de uma instância de valores sobrepostos à base material capitalista e compensadores dos valores utilitários por ele criados. Ao mesmo tempo geral ao mundo capitalista ocidental, a modernidade possui contornos particulares porque é a história de cada sociedade que conduz à transformação das dimensões que a compõem: a religião e sua relação com o Estado, o lugar à razão, a relação com o corpo, a moral fundada na família, os princípios de cidadania, de educação republicana, de individualidade. (João Manoel Cardoso de Melo & Fernando Antônio Novais. "Capitalismo tardio e Sociabilidade Moderna". Capítulo 9 de *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. vol. 4. Coordenador geral da coleção Fernando A. Novais. Organizadora do volume Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo, Cia. das Letras, 1998, p. 607).

industrial - e as limitações sócio-culturais - manifestas na dificuldade de generalizar padrões, em democratizá-los. Para que as necessidades sejam satisfeitas, recorre-se ao setor externo - tanto para artigos mais sofisticados como para artigos de massa - ou a uma base produtiva precária, caracterizada pela indústria de pequeno porte e pela presença em peso da falsificação.[984]

Neste item, o exame dos aspectos constitutivos de nossa modernidade será feito em paralelo ao dos elementos gerais presentes no processo modernizador paulistano, ou seja, dos elementos mais significativos para a compreensão do processo de modernização no Brasil e na periferia do sistema como um todo. A análise será feita em duas instâncias - econômica e política. Se, por um lado, tal divisão é feita para facilitar a compreensão do processo, as instâncias se confundem a todo o tempo e voltam a se entrelaçar no movimento de constituição da modernidade capitalista periférica. A idéia é a de que as contradições criadas no plano modernizador refletem-se nesta. A partir desse paralelo, discutiremos, no próximo item, como essas contradições impedem que nossa modernidade exerça suas plenas potencialidades, dando lugar a exclusões sociais, ao apego à razão instrumental e à mercantilização de aspectos superestruturais.

A modernização econômica expressa-se fundamentalmente nas mudanças espaciais - novo desenho das cidades e nova relação campo-cidade -, na transformação da base produtiva - aplicação de novas técnicas ao campo e à indústria - e em novos hábitos consumo. Seu prolongamento ideológico se manifesta na crença em um ideal de civilização claramente eurocêntrico, no qual o desenvolvimento econômico aparece como etapas a serem seguidas e que conduzirão à superação natural das "mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão".[985]

Para que a superação seja plena, necessária se faz a invenção de uma tradição que em nada remeta a esse passado degradante. Se, como diria Hobsbawm, toda tradição é uma

---

[984] Do ponto de vista das limitações materiais impostas ao processo modernizador, Celso Furtado explica que o processo de modernização é muito mais veloz no âmbito do consumo do que no âmbito produtivo: "As duas formas [transformação de técnicas produtivas e modificação nos padrões de consumo] eram correlatas, constituindo um só processo; mas, enquanto os padrões de consumo se transformavam em uma área com ramificações em rápida expansão em todos os continentes, as técnicas produtivas somente se transformavam de forma significativa em uma pequena subárea (...) os atuais *países desenvolvidos*". (Celso Furtado. *Análise do "Modelo" Brasileiro.* Coleção Perspectivas do Homem, vol. 92. 7a. edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982, p. 9).

[985] Sevcenko, Introdução a *História da Vida privada no Brasil* vol. 3, *República: da Belle Époque à era do rádio.* Coordenador geral da coleção Fernando Antônio Novais. 4ª reimpressão. São Paulo, Cia. Das Letras, 2001, p. 27.

reconstrução do passado sobre o qual se fundamenta a nação moderna,[986] o que se vê, nas nações de passado colonial, é o fenômeno oposto: o de uma tradição que não se fundamenta sobre o passado, mas sobre o futuro, sobre o arrivismo, sobre a idéia de progresso. Ora, o que aqui se vê não é uma continuidade em relação ao passado, senão uma ruptura radical em relação a este. Importante salientar que, sobre esse aspecto contraditório da tradição, fundamentar-se-á nossa modernidade.

No que se refere à modernização política, o cerne é o da superação "e atualização das estruturas ossificadas do Império",[987] em particular porque estas o atrelavam à escravidão, e a construção de um Estado liberal, baseado no princípio federativo. O jogo das forças dispostas na arena política conduziu-se, porém, de forma a privilegiar as oligarquias regionais - em particular a paulistana e a mineira, a "política do café com leite" - em detrimento do poder central. As conquistas democráticas foram muito restritas porque, embora os princípios fossem abrangentes, o Estado não o era na prática. Comprovação deste fato foi a emergência de um dos fenômenos que melhor caracterizam as disputas políticas no período, o coronelismo.[988]

Da forma como estava disposto, o Estado - modernizado institucionalmente, mas fundamentado em mecanismos arcaicos de monopolização de poder - contribuía cada vez mais para o agravamento das clivagens e tensões regionais.[989] A tendência se acentuava ainda mais à medida que a modernização econômica se concentrava no sudeste e sul do Brasil, instaurando desequilíbrios não somente entre campo e cidade, mas entre o sul e o norte do país.

Não obstante, alguns pontos em comum mantiveram-se entre as estruturas coronelísticas conservadas no campo e as estruturas de poder criadas pela burguesia agrária em meio urbano.

---

[986] "(...) na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições 'inventadas' caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial (...) elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória". (Eric Hobsbawm & Terence Ranger (orgs.). *A invenção das tradições.* Trad. Celina Cardim Cavalcante. 3a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002, p. 10).

[987] Sevcenko, Introdução a *História da Vida Privada no Brasil*, vol.III, Op. cit., p. 14.

[988] O coronelismo, segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, é "a forma assumida pelo mandonismo local a partir da Proclamação da República" que compõe "o aspecto essencial, a originalidade da estrutura política do Brasil, na primeira República, traço que se prende diretamente à estrutura socioeconômica tradicional do país, fundamentada em grupos de parentela que são ao mesmo tempo grupos de parentesco de sangue com suas alianças e grupos de associados econômico-políticos". (Maria Isaura Pereira de Queiroz. "O coronelismo numa interpretação sociológica". Cap. 3 de *História Geral da Civilização Brasileira,* vol. 8, *Estrutura de Poder e Economia (1889-1930).* Dir. Boris Fausto. 8a edição. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006, pp. 177-178).

[989] Queiroz, "O coronelismo...", *História Geral...*, Op. cit., p. 202.

Tendente a desaparecer, a postura diante da riqueza era comum a ambas, assim como o casamento como forma de sua preservação.[990] Todavia, a posse de bens econômicos e o consumo de feições capitalistas substituíam, nas cidades, o critério da distinção por fortunas: "(...) a posse de bens econômicos - critério por excelência da distinção em camadas na nova sociedade - já existia e era importante na forma social anterior. A persistência deste critério de distinção da posição sociopolítica de indivíduos e de grupos fez com que a mudança de uma sociedade dominada pelas pirâmides de parentela, para uma sociedade estruturada segundo o prestígio econômico e ocupacional não produzisse grandes abalos: ambas as formas sociais estavam baseadas na posse de bens de fortuna. As modificações seguiram a linha de riqueza do país; por isso, o Estado de São Paulo, devido ao café, foi aquele em que elas tiveram um ritmo mais acelerado".[991]

Conseqüentemente, as formas de exposição, características do consumo conspícuo, tornaram-se bastante fortes porque remetiam às origens agrárias e "aristocráticas" dessa burguesia que se fazia citadina: "O fazendeiro de café, transformado no 'coronel' e no homem de negócios, ocupava os postos-chave da estrutura econômica, política e social. Era o principal agente da passagem do capitalismo comercial e financeiro externo para interno".[992] O tipo oligárquico urbano, ligado ao consumo como forma de afirmação social, e o rural, personificado no tipo do coronel, são faces de uma mesma moeda que, frente ao processo de modernização da sociedade, tomaram sentidos diversos uma vez estando em ambientes diferentes.

No plano da modernidade, a presença de interesses privados - tanto econômicos, quanto políticos - no interior do Estado, daria continuidade à secular inversão entre esferas pública e privada, nascida no período colonial em razão de um Estado metropolitano que se curvava diante da grandeza de sua colônia e do vigor dos poderes locais aí gerados. Com o advento da República, esse aspecto estrutural se converteu em uma racionalização específica que acarretou a construção da modernidade periférica sobre as intersecções e as inversões entre esfera pública e privada e não sobre a diferenciação de funções cada vez mais nítida entre ambas. A racionalidade

[990] Vide capítulo 1 e as formas materiais pelas quais as famílias tradicionais conservavam seu poder em ambiente urbano.
[991] Queiroz, "O coronelismo...", Op. cit., p. 203.
[992] Maria Cecília Naclério Homem. *O Palacete Paulistano e Outras Formas Urbanas de Morar da Elite Cafeeira (1867-1918).* São Paulo, Martins Fontes, 1996, p. 117.

que lhes perpassa não é a da separação, mas a da interpenetração. Não é o princípio da impessoalidade burocrática, mas seu contrário que rege as relações no interior da esfera pública: "Nesse tempo, estavam em moda os *congraçamentos*, essas complicadas transações da alta política, em que o principal elemento é o patriótico interesse da conservação do mandonismo local exercido por certas e determinadas pessoas, sempre as mesmas".[993] Essa lógica invertida, fundada no favor, foi amplamente discutida nos marcos do debate sobre as idéias fora do lugar.[994]

Além da apropriação do aparato estatal pelos interesses oligárquicos, a outra manifestação da interpenetração entre espaço privado e público remete à relação entre o espaço do trabalho, tornado público em contexto moderno, e o espaço da família, o âmago da privacidade. O curioso é que, se o processo de separação entre trabalho e família é válido para a elite, não o é para as classes média e baixa, que raramente habitam em lugares fisicamente separados de seu local de trabalho. No centro da cidade, alguns comerciantes ainda não enriquecidos dividem o espaço da habitação com as transações comerciais efetuadas no dia-a-dia. Em bairros operários, como o Brás e o Belenzinho, apesar de existir a unidade fabril, os casebres são praticamente contíguos às fábricas, e dispensam a necessidade de transporte público. Aliás, a intenção era exatamente essa. Os bairros de elite, servidos pelos meios de transporte, localizavam-se na região centro-oeste do planalto, enquanto os bairros populares, ao norte, ladeavam a indústria.[995] O movimento é totalmente avesso ao da construção da infra-estrutura urbana nos países centrais que serve principalmente para assegurar a reprodução e o deslocamento da força de trabalho.

---

[993] José Agudo. *Gente Rica - Scenas da Vida Paulistana.* São Paulo, Typ. Edit. "O pensamento", 1912, p. 116.

[994] "(...) a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o 'homem livre', na verdade dependente. Entre os primeiros dois, a relação é clara, é a multidão de terceiros que nos interessa. Nem proprietários, nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande. (...) O favor (...) esteve por toda parte, combinando-se às mais variadas atividades, mais e menos afins dele, como a administração, política, indústria, comércio, vida urbana, Corte, etc. (...) *O favor é nossa mediação quase universal".* (Roberto Schwarz. "As idéias fora do lugar". Introdução à Roberto Schwarz. *Ao vencedor as batatas. Forma Literária e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro.* São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1981, p.16).

[995] "As qualidades estéticas e funcionais da cidade moderna eram obtidas apenas parcialmente, nos espaços de maior relevância simbólica ou importância econômica (...) Tal situação comprometia as tentativas de racionalização do espaço segundo os requisitos do modelo agroexportador e também atrapalhava as intenções de 'embelezamento' das capitais brasileiras". (Cândido Malta Campos. *Os rumos da cidade – Urbanismo e Modernização em São Paulo.* São Paulo, Ed. Senac São Paulo, 2002, p. 22)

As unidades formadas pela relação entre a fábrica e a moradia, os cortiços, anulavam completamente a possibilidade de constituição de uma dimensão privada tal qual à que se sucedia com os palacetes paulistanos:

> "(...) das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias (...). No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. (...) em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar (...). As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas. (...)".[996]

O trecho retrata a ausência de barreiras entre os espaços privado e público, tendo a casa do cortiço a exclusiva função de moradia e não a de demarcação dos limites da intimidade, traço característico da privacidade moderna burguesa.[997] A conversão da casa em domínio específico

[996] Aluízio Azevedo. *O cortiço.* 36a edição, São Paulo, Ática, 2000.

[997] "Alinhadas diretamente com as calçadas, as habitações populares formaram a paisagem marcante dos bairros de imigrantes, em cujas janelas debruçadas sobre as ruas rompia-se a desejada diferenciação espacial das elites empenhadas em discernir as fronteiras entre espaços públicos e privados. (...) os logradouros (...) transformavam-se em extensão das pequenas salas de estar, e rodas de cadeiras espalhavam-se pelas calçadas (...) As músicas, o vozerio alto e acalorado rompiam os tênues limites de paredes e vidraças, fundindo experiências - e fomentando solidariedades". (Paulo César Garcez Marins. "Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das

da privacidade se reporta, por sua vez, à transformação da moradia em objeto de consumo, que congrega em um único objeto valores materiais e culturais. Enquanto nos cortiços, a privacidade se constituía sobre a exposição, nos bairros de elite, os palacetes assistiam ao isolamento cada vez maior de sua intimidade em relação à rua. Os quartos ocupavam o primeiro andar, acessíveis somente à família e aos criados, e a sala, transformada numa pequena circunscrição do espaço público, era a única conexão com a rua.[998] Logo, a relação público-privado que caracteriza a modernidade capitalista em contexto periférico não é homogênea, mas se constrói sobre diferentes níveis de separação entre as esferas pública e privada, entre o local de moradia e o de trabalho.

Passemos agora aos elementos característicos do processo do constituição de nossa modernidade que não se estabelecem a partir da dinâmica entre esta e a modernização. Tais elementos nascem dos processos de longa duração que conformaram estruturas similares que constituem a identidade do mundo ocidental moderno.

Dentre os elementos que conformaram essa modernidade particular, citamos, em primeiro lugar, a profunda mudança na relação entre Estado e Igreja, que começou com a Questão Religiosa de 1870 e se prolongou na crescente subordinação da Igreja ao Estado. No plano concreto, a dimensão secular ganhou ainda mais força a partir de 1910 com a demolição das igrejas coloniais e a ereção de prédios públicos. Seria o segundo impulso de uma Reforma Religiosa que se processava desde os tempos do Império.[999] O alijamento do clero pelo Estado daria forma mais definida à cultura mundana surgida no *fin-de-siècle*, base sobre a qual se assentou o consumo como instrumento de distinção social. O positivismo e sua particular racionalidade, um misto entre religião e ciência, teria uma função crucial nesse novo papel consagrado à Igreja e, de um ponto de vista mais geral, na transição de uma sociedade que

---

metrópoles brasileiras". Cap. 2 de *História da Vida Privada no Brasil*, vol.III, *República: da Belle Époque à era do Rádio.* Org. Nicolau Sevcenko; Coord. da Coleção Fernando Novais. São Paulo, Cia. das Letras, 1998, p. 173).

[998] "A marcante diferenciação dos espaços privados praticada pelas elites em suas próprias residências pode representar um protótipo das distinções espaciais, da 'ordem' que desejavam disseminar por toda a cidade. Sua escala progressiva pode ser traçada dos diferentes cômodos entre si ao contraste da habitação com o terreno ajardinado, passando pelos recuos com os vizinhos do bairro, chegando até o zoneamento social dos próprios bairros da capital". (Marins, "Habitação e vizinhança...", In *História da Vida Privada,* Op. cit., p. 178).

[999] Paula Porta (org.). Introdução. *História da Cidade de São Paulo*, vol. 3, *A cidade na primeira metade do século XX.* São Paulo, Paz e Terra, 2004, p. 17.

valorizava profundamente a tradição e os elementos mágicos da religião para uma sociedade mais racional.

Uma outra contribuição veio de uma política educacional que, particularmente em São Paulo, tomaria grandes proporções. A educação fora perdendo os seus ares de exclusividade para se tornar um direito universal. Em 1874, uma lei provincial já havia instituído a educação compulsória para meninas entre 7 e 11 anos e para meninos entre 7 e 14 anos. Mas seria durante a Primeira República que se processariam mudanças significativas, principalmente no campo da educação primária. Foi introduzido o *grupo escolar* e São Paulo tornou-se o modelo para os demais estados. Em 1912, São Paulo já possuía mais bibliotecas e mais escolas primárias que o Rio de Janeiro.[1000] As livrarias se multiplicavam enormemente na cidade[1001] e o comércio livreiro, antes insignificante, ganhava proporções em torno da livraria Garraux, a principal do ramo.[1002]

Quanto à educação secundária, ainda era bastante insatisfatória em 1907, observação feita pelo viajante francês Pierre Denis que visitava São Paulo nesta ocasião. Esta negligência em relação à escola secundária coincidia com os interesses dos fazendeiros, para quem, segundo Love, a construção de mais escolas na zona rural, diminuiria o incentivo à mobilidade geográfica, fonte de alimentação do trabalho livre no campo.[1003]

Embora a educação católica fosse bastante influente no período, o processo de difusão educacional não deixa de se relacionar com o processo de laicização da sociedade e do ensino que desde o período colonial fora monopolizado por ordens religiosas, principalmente a jesuítica.

[1000] *Anuário Estatístico do Brasil.* (1908-1912). Rio de Janeiro, Typographia da Estatística, 1917.

[1001] "São Paulo criaria sua própria história gráfica-livreira-editorial, intelectual, artística, educacional. Sem ser esta cidade uma exceção aos processos estruturais da história do livro, duas instituições culturais desempenharam um papel decisivo como alicerce das relações e projetos intelectuais–editoriais ali gerados: a livraria e a oficina de produção de jornais e revistas. Destes âmbitos emanaram fórmulas de produção cultural que progressivamente rasgaram estruturas de poder monopolizadas pelo mecenato oligárquico e seus salões privativos. As livrarias e revistas acentuaram, ao longo dos anos vinte, a gênese e a regulação de projetos editoriais: produção e circulação de obras e autores, seu lançamento e consagração comercial". (Gustavo Sorá. *Brasilianas: A Casa José Olympio e a instituição do livro nacional.* Rio de Janeiro, PPGAS do Museu Nacional/UFRJ, 1998).

[1002] Sobre a criação de um mercado de livros em São Paulo, vide Marisa Deaecto. "A Livraria Francisco Alves em São Paulo: os meios de expansão da leitura e o desenvolvimento do mercado livreiro (1894-1917". In: Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, 2004; "Anatole Louis Garraux e o comércio de livros franceses em São Paulo (1860-1890)". In Revista Brasileira de História, 2008.

[1003] Joseph Love. *A Locomotiva - São Paulo na Federação Brasileira.* Trad. Vera Alice Cardoso da Silva. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 136.

O período conta com a expansão de unidades de ensino laicas. Uma "recatolização" do ensino só aconteceria nas décadas de 20 e de 30.[1004]

Também se disseminam estabelecimentos de ensino estrangeiros, cujos proprietários eram protestantes. Anúncios de colégios estrangeiros, ingleses, franceses e alemães, para ambos os sexos, eram freqüentes nos jornais. A religião protestante, no entanto, não encontraria no Brasil um grande número de adeptos. Segundo Love, uma maior aceitação do protestantismo não aconteceria porque a religião não permitia o "apadrinhamento no momento do batismo, que constituía uma forma essencial de solidariedade da sociedade brasileira tradicional".[1005] Assim, a educação estrangeira, inglesa ou americana, de base protestante, não era a educação de base, mas sim a educação superior. Alguns estrangeiros teriam, todavia, importância fundamental na reforma educacional, como a educadora americana Márcia Browne que, em 1894, foi responsável por toda uma reestruturação da escola Normal.

Com a fundação da faculdade de Direito em 1827, outros valores, de cunho universal e não estritamente religioso, seriam veiculados pelo ensino: "Foi, entretanto, o ensino superior e não o elementar que se tornou o mais poderoso agente de cosmopolitização. Desde que se abriram suas portas, em março de 1828, a Academia de Direito foi por muitos decênios o centro vital da cidade".[1006] A sua influência sobre o consumo é, portanto, clara uma vez que este se vincula diretamente a uma cultura cosmopolita de cunho material e laico. Mais adiante, outros meios, como o cinematógrafo, difundido para os bairros operários em 1911, também exerceriam um papel educador sobre a população analfabeta: "Famílias inteiras vinham assistir, trazendo sanduíches e água engarrafada".[1007]

A nova reestruturação de valores proposta pela educação laica, combinada às influências higienistas, traria uma nova relação entre o brasileiro e o corpo, também importante para o estabelecimento de uma cultura do consumo. Seriam freqüentes a valorização das práticas esportivas e as férias em estações balneárias ou regiões de ares recomendados pelos médicos. O culto ao corpo conferia uma dimensão especial ao tempo livre, porque este deixava de ser um

[1004] Love, *A locomotiva...*, Op. cit., p. 136
[1005] Idem, ibidem, p. 137.
[1006] Richard Morse. *Formação Histórica de São Paulo (de comunidade à metrópole).* Trad. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970, p. 83.
[1007] Yolanda Penteado. *Tudo em cor-de-rosa.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976, pp. 189, 191 e 195.

momento estritamente coletivo - festas de família, momento da "conversa jogada fora", do rapé enrolado nas rodas da vizinhança - para se tornar individual. Era a ocasião do cuidado de si mesmo, elemento fundamental no processo de individualização.

Importante lembrar que a concepção de tempo livre depende da forma como se vê o trabalho e como o tempo é empregado neste. Sendo a ética do trabalho também parte constitutiva da modernidade capitalista ocidental, é preciso acrescentar sua particularidade em nações de passado colonial e escravista. As sociedades, cuja gênese reside no processo colonizador, tinham praticamente dois únicos estamentos: os senhores, proprietários de terras, de minas e dos meios de produção necessários para trabalhá-las, e os escravos que, além de trabalhadores do sistema, a quem se cediam os meios de produção, constituíam um importante fator à acumulação primitiva de capital.[1008] No plano dos valores, tal como acontece em toda sociedade de traços estamentais, instaurou-se uma visão dúplice do trabalho. Ao senhor, consagrava-se o ócio; enquanto ao escravo, também mercadoria, o trabalho.

Na fase de formação da modernidade capitalista periférica, essa duplicidade de posturas frente ao trabalho foi mantida. A fração da burguesia de origem tradicional, representada pelas oligarquias regionais, conservaria suas afinidades com o trabalho não manual, reservando-se, principalmente, à administração de suas propriedades e ao trabalho intelectual. Outra ética do trabalho, esta de valorização dos ofícios manuais, dentro dos quais se enquadrava o comércio, seria trazida por imigrantes estrangeiros. O tipo de ascese pregado pela religião protestante que, para Weber, estaria relacionada ao nascimento do capitalismo,[1009] não encontraria, no entanto, lugar nesse sistema. Em primeiro lugar, porque o protestantismo não tomou grandes proporções em nosso país. Os imigrantes, em sua maior parte italianos, eram também católicos. Em segundo lugar porque sendo o catolicismo reformado muito mais próximo da cultura mundana, a relação entre ética, trabalho e riqueza seria muito mais propensa ao consumo do que avessa a este. Essa particular deformação da ética do trabalho que defendia não somente a austeridade, mas também os valores mundanos e a fruição da riqueza seria crucial para a incorporação do consumo nos

[1008] Fernando A. Novais *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808).* 6ª edição. São Paulo, HUCITEC, 1995.
[1009] Max Weber. *A ética protestante e o espírito do capitalismo.* Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo, Cia. das Letras, 2005.

processos de constituição das hierarquias sociais em São Paulo, que exprime uma tendência desse processo em perímetro periférico.

5.3 Os limites da modernidade capitalista periférica

A modernização, ao reproduzir determinado padrão civilização, serve para posicionar e legitimar as elites periféricas em relação às elites do centro do sistema capitalista. Portanto, os excessos que caracterizam o consumo de elite e a própria falsificação encontram sua justificativa não somente na luta de classes internas, mas também no posicionamento das elites nacionais em relação às elites européias. A relação entre a modernização e o desenvolvimento capitalista latino-americano foi tema de diversos estudos, todos concordes na centralidade do período de passagem do século XIX para o XX: "La période 'fin de siècle' à Mexico (...) offre l'occasion d'explorer des notions d'époque telles que 'cosmopolitisme', *afrancesamiento*, 'métropole', par lesquelles les élites de Mexico tentent de penser à la fois leur relation à l'Europe triomphante, et plus particulièrement à la France, et le processus de modernisation dont elles sont les auteurs et les acteurs".[1010]

Entrelaçada, contraditória e complementar ao processo de modernização está a modernidade capitalista que, nas nações de passado colonial, desdobra-se ao longo do século XIX, embora seja parte de um processo maior - a modernidade ocidental - que principia no século XVIII. Na periferia do sistema, a modernidade surge com a emergência dos Estados-nações independentes e toma vulto com a onda significativa de mudanças que caracterizaram o *fin-de-siècle*: "Si les métropoles culturelles centrales sont le paradigme de la modernité, le modèle que l'on imite, le 'modèle local' s'entend d'une part comme un 'échantillon' ou 'spécimen' de modernité, d'autre part comme la 'modélisation' ou représentation d'un processus complexe, celui de la modernisation des nation périphériques du monde occidental".[1011]

No entanto, se uma dimensão da modernidade se volta para a construção dos mecanismos democráticos, não consegue impedir, por outro lado, que se reproduzam formas estruturais de

[1010] Annick Lempérière. "Mexico 'fin de siècle' et le modèle français". In Annick Lempérière, Georges Lomné, Frédéric Martinez et Denis Rolland (coord). *L'Amérique Latine et les modèles européens.* Paris, Éditions l'Harmattan, 1998, p. 369.
[1011] Lempérière, "México...", in *L'Amérique...*, Op. cit, p. 370.

exclusão social. Na presença de um processo modernizador veloz - que se concentra massivamente no consumo, já que a difusão da técnica é muito mais lenta - a razão instrumental encontra seu lugar precocemente.

A elaboração do conceito de razão instrumental, razão de meios e não de fins,[1012] fundamenta-se na análise do capitalismo das décadas de 40 e 50, identificado pelos teóricos frankfurtianos como o capitalismo da indústria cultural e do consumo de massa.[1013] Neste estágio, a razão técnica substitui a razão humana porque o homem passa a comercializar sistematicamente bens que antes pertenciam ao domínio da cultura sem saber que, de um outro lado, torna-se escravo destes bens enquanto consumidor da cultura mercantilizada. A criação de necessidades pelo sistema é incessante, o que resulta no consumo frenético, na busca incansável por aquilo que há de mais novo e, como este é ultrapassado com rapidez, na frustração e insatisfação constantes.[1014]

Relacionada a fases mais avançadas do capitalismo, a razão instrumental encontra seu lugar ainda na formação do capitalismo periférico. Em primeiro lugar porque a modernização converte a cultura nacional em *mimesis* da cultura européia, cultura do progresso, encontrando no consumo o elemento mais eficiente da concretização desse projeto. O consumo serve aos anseios de legitimação social de uma pequena elite, que se pretende fazer respeitada no interior desse mundo "civilizado". A difusão dos padrões é restrita e, quando se faz presente, é pela falsificação ou pela presença de artigos massa oriundos de uma cultura externa.

A segunda explicação de porque a razão instrumental se instala precocemente reside nos limites de nossa modernidade. Na presença de um projeto de civilização fundado no progresso e

---

[1012] A respeito do conceito de razão instrumental e sua contraposição à razão crítica, vide Max Horkheimer. *Eclipse da Razão.* São Paulo, Ed. Centauro, 2000, cap. I. "Meios e Fins", pp. 13-64.

[1013] O conceito de razão instrumental aparece, pela primeira vez, em um texto escrito por Theodor Adorno e Max Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, redigido em plena II Guerra Mundial. Usamos aqui a versão inglesa *Dialectic of enlightenment: philosophical fragments.* Trans. Edmund Jephcoot. Stanford, Stanford University Press, 2002. O capítulo que relaciona razão e indústria cultural é: "The Culture Industry: Enlightenment as Mass Deception", pp. 94-136.

[1014] "La frénesie de consommation des produits les plus récents de la technique ne rend pas seulement indifférent au produit même, mais fait accepter la camelote la plus éculée et jouer le jeu de la stupidité programmée. (...) Pour répondre au progrès technique, le consommateur n'a que sa volonté obstinée et bornée (...) de ne jamais être en retard sur le processus de production en cours et de ne jamais se demander à quoi sert un produit. (...) La masse de ce que l'on consomme sans discernement atteint des proportions inquiétantes. Elle empêche qu'on s'y retrouve et (...) la population, coincée entre tout ce qui s'offre à elle, attend le sien". (Theodor Adorno. *Minima moralia - Réflexions sur la vie mutilée.* Trad. Éliana Kaufholz et Jean-René Ladmiral. Paris, Éditions Payot & Rivages, 2003, pp. 160-161).

na técnica, e não nos valores humanos, aquela não pode atingir suas plenas potencialidades. Fortalecem-se as "relações de exploração econômica e de dominação política, nesta sociedade em que impera a 'vontade de poder' em meio à espontaneidade dos afetos", em detrimento de "nexos éticos" entre os homens.[1015]

Na documentação, os exemplos dessa modernidade limitada e instrumentalizada pela razão do progresso abundam e são matéria-prima do caráter de alguns dos mais vis personagens produzidos pela literatura realista e simbolista, como é o caso de João Romão, de *O Cortiço:*

> "Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, comprando por dez réis de mel coado o que os escravos furtavam da casa dos seus senhores, apertando cada vez mais as próprias despesas, empilhando privações sobre privações, trabalhando e mais a amiga como uma junta de bois, João Romão veio afinal a comprar uma boa parte da bela pedreira, que ele, todos os dias, ao cair da tarde, assentado um instante à porta da venda, contemplava de longe com um resignado olhar de cobiça".[1016]

Apesar de o personagem ser afeito ao trabalho, a imagem que se tem deste não é a da dignidade, mas a da extorsão contínua a partir da qual se alimenta uma ânsia de acumulação desmedida, que se faz à revelia de qualquer ética. Tem-se a mesma impressão na leitura do trecho abaixo:

> "Vê o senhor aquele? É o Chico Basílio. Há cerca de 30 anos exerce a profissão. Está vendo aquele grupo? Encontra lá o Brasilino, o Caranguejo, o Bilu, o Espanhol da Saúde, o Mangonga. Os outros são o

[1015] João Manoel Cardoso de Melo & Fernando Antônio Novais. "Capitalismo tardio e Sociabilidade Moderna". Capítulo 9 de *História da Vida Privada no Brasil,* Vol. 4, *Contrastes da intimidade contemporânea*. Org. Lilia Moritz Schwarcz. Coord. Fernando Antônio Novais. São Paulo, Cia. das Letras, 1998, p. 608.
[1016] Azevedo, *O cortiço...*, Op. cit.

> Joaquim, o Tatuí, o Paulino, o Cá e Lá, o Buriti, o Manduca. (...) Vêm para a secretaria da Santa Casa munidos de tiras de almaço para copiar dos livros os nomes e residências das pessoas mortas, isto é, só copiam os daquelas cujo enterro custar mais de 100$. Saem daqui para o lugar indicado e ficam às portas à espera que o corpo saia, um, dois, cinco às vezes. Quando o cadáver sai e a família ainda está aos soluços, embarafustam com as amostras de luto. Contaram-me que chegam à concorrência, a ver quem faz o luto em 24 horas mais em conta. Neste serviço conheço o Ferraz, o Saul, o Guedes, o Matos, o Araújo, o Campos, o Mesquita".[1017]

O trecho retrata o processo de mercantilização dos funerais, antes realizados em casas de famílias ou em Igrejas. Os mais precisados não raro recebiam ajuda de custo de alguma grande família para a qual trabalhavam. Essa relativa "perda de aura", ainda que pertencente ao plano extra-econômico, partilha, juntamente com a falsificação de produtos, do mesmo processo de mercantilização pelo qual passa a sociedade brasileira em fins do século XIX. Se, no âmbito da esfera material, valores restritos precisam ser generalizados de forma ilegal, na esfera ideológico-cultural, valores anteriormente assentados na religião, na família ou na política são violentamente arrebatados por uma mercantilização desenfreada que não coloca nada no lugar, precipitando-se a fases mais avançadas do capitalismo que caracterizam o que Horkheimer chamaria de "eclipse da razão",[1018] o equivalente à *démocratie du standing* de Baudrillard.[1019]

Assim, comportamentos inerentes ao século XIX, como o *spleen*, combinado ao exagero de bebida alcoólica e do fumo, encontrariam boa acolhida em nosso país, prolongando-se para além do romantismo. Filho da elite cosmopolita, o espírito melancólico do século XIX é a metade dialética da febre progressista, produtos ambos da mercantilização abrupta de uma sociedade

[1017] João do Rio, *A Alma Encantadora das Ruas*, Op. cit.
[1018] Horkheimer, *Eclipse da Razão*, Op. cit.
[1019] "Le principe démocratique est transferé alors d'une égalité réelle, des capacités, des responsabilités, des chances sociales, du bonheur (au sens plein du terme) à une égalité devant l'Objet et autres signes *évidents* de la réussite sociale et du bonheur. C'est la *démocratie du standing*, la démocratie de la T.V., de la voiture et de la chaîne stéréo, démocratie apparemment concrète, mais tout aussi formelle, qui répond, par-delà les contradictions et inégalités sociales, à la démocratie formelle inscrite dans la Constitution". (Baudrillard, *La société de consommation...,* Op. cit., pp. 60-61).

profundamente tradicional: "As lâmpadas tremem, esticam-se na ânsia de queimar o narcótico mortal. Ao fundo um velho idiota, com as pernas cruzadas em torno de um balde, atira com dois pauzinhos arroz à boca. O ambiente tem um cheiro inenarrável, os corpos movem-se como larvas de um pesadelo e essas quinze caras estúpidas, arrancadas ao bálsamo que lhes cicatriza a alma, olham-nos com o susto covarde de *coolies* espancados".[1020]

Eis as raízes que compõem o mosaico que representa a modernidade brasileira. Nesse sentido, uma parte da antecipação do consumo capitalista em relação à produção capitalista não encontra explicação exclusivamente em seus contornos materiais, mas também na forma como se constituiu essa modernidade. Afinal, o consumo se caracteriza pela síntese entre as transformações materiais e culturais que desembocam, respectivamente, no capitalismo e na modernidade ocidental.[1021] Além de expressar a evolução econômica que caracteriza a emergência do capitalismo em âmbito periférico, o consumo também é parte de uma modernidade específica, que tem como eixo central um projeto civilizador nacional que pretende superar a herança colonial, portuguesa ou espanhola, vista como a principal razão do atraso. Daí a necessidade de importação de tudo o que era francês e inglês, que, em lugar de deslocar a herança colonial ibérica, combinaram-se a ela, resultando em uma nova síntese: "Esses mesmos perfumes, esses mesmos milagres das costureiras de Paris influirão no nosso ambiente, as nossas criações estéticas, de uma maneira psíquica mais complexa, talvez misturadas com o cheiro do sassafraz que ficava ao pé da janela da casa em que nascemos, e confundidos com trajes de chita das ariscas coloninhas com quem brincamos na fazenda nativa (...)".[1022] Como conseqüência, o consumo de produtos importados imporá um dilema à modernidade em contexto periférico, que, apesar de suas intenções formais generalizadoras, não consegue evitar a reprodução da desigualdade.

[1020] João do Rio, *A Alma Encantadora das Ruas*, Op. cit.
[1021] "Modern consumption is, after all, a historical artifact. It's present-day characteristics are the result of several centuries of profound social, economic, and cultural change in the West (…). Modern consumption was the cause and and consequence of so many social changes that its emergence marked nothing less than the transformation of the Western world". (McCracken, *Culture and consumption...*, Op. cit., p. 3.
[1022] Menotti del Picchia, Apud Deaecto, *Comércio e vida urbana...*, Op. cit., p. 205.

Conclusão: O sentido do consumo na periferia do capitalismo

O impulso inicial à consecução deste trabalho foi o de pensar os condicionantes históricos envolvidos na formação do capitalismo brasileiro - um dentre tantos capitalismos periféricos -, tomando como recorte lógico o consumo e, particularmente, a dinâmica de consumo na São Paulo da *fin-de-siècle*, na qual primeiro se verificaram as condições necessárias ao estabelecimento de um consumo de contornos capitalistas.

A eclosão da economia cafeeira de bases capitalistas alteraria radicalmente o perfil da sociedade. A progressão da exportação e dos campos de café a oeste alimentava o crescimento de cidades, como Campinas, Santos e São Paulo, contribuindo para um novo processo de urbanização. A implantação da ferrovia para o escoamento do "ouro verde" conseguiria o feito inédito de integração dessas cidades, conferindo a São Paulo a supremacia nesse processo interativo. A solução para a mão-de-obra, assentada sobre a imigração e proposta em primeira instância pelos barões do café paulistas, alteraria radicalmente o perfil de uma sociedade até então acomodada sobre dois estamentos: os livres - dividido entre senhores e brancos livres - e cativos. Na cidade de São Paulo, a imigração não só seria uma das fontes de uma total revitalização do comércio da cidade, como também a origem de uma das frações componentes da burguesia paulistana, que deitava raízes no trabalho manual, ao contrário da fração burguesa oriunda do café, que o condenava veementemente.

Os novos aspectos dessa sociedade, como a urbanização, a atmosfera republicana recém instaurada, o trabalho livre, passariam a conviver abertamente com elementos tomados à herança colonial, dentre os quais citamos o extremo tradicionalismo firmado em bases patriarcais e a mentalidade avessa ao trabalho manual por aquele criada. Além de suas manifestações políticas, como a particular fragilidade do poder central frente aos poderes regionais,[1023] a combinação entre elementos modernos e arcaicos conferiria traços particulares à nascente dinâmica capitalista de consumo. Em primeiro lugar porque a imigração enxertara um elemento novo no seio da dinâmica social, que, combinada às oportunidades criadas pela prosperidade do café, inventou a

[1023] "(...) dentro da elite paulista, cuja maioria dos membros foi recrutada na classe média alta e na classe alta, todos unidos por complexos laços de família, de educação e de interesses econômicos. (...) Já em 1891, o deputado federal Martinico Prado comentava, em tom acusador, 'Esse não passa de um governo de compadres'. Referia-se então ao governo de Deodoro, mas bem podia também estar falando da elite que controlava seu estado natal". (Joseph L. Love. *São Paulo and the Brazilian Federation 1889-1937.* Stanford, Stanford University Press, 1980, p. 241)

mobilidade social em contexto periférico, obviamente inválida para as classes que, como os escravos, eram subordinadas no antigo modo de produção. O surgimento repentino da mobilidade no seio de uma sociedade com grande peso da tradição reforçaria as características exibicionistas e hedonistas do consumo, em detrimento de seu lado ligado à contenção e à discrição, típico de uma cultura burguesa já consolidada, desprendida da necessidade de competição com a aristocracia.[1024]

Em segundo lugar, as particularidades da dinâmica do consumo em contexto periférico remetem à ausência de uma base industrial, cujas funções de generalização e diferenciação são substituídas pela importação, que fornece tanto os produtos necessários à massa, cuja produção interna é insuficiente, quanto os produtos de luxo fundamentais à afirmação social das elites. A combinação entre uma sociedade em permanente diversificação e mecanismos de generalização insuficientes engendraria processos espúrios de difusão de padrões, criados em razão de uma dinâmica capitalista de consumo, assentada sobre diferenciação e generalização, que convive, no entanto, com uma base produtiva precária, cujos limites são acentuados pela relação contraditória que esta estabelece com o consumo. Por conseguinte, se adotarmos o ponto de vista do consumo, a substituição de importações seria o momento em que ambos os processos, diferenciação e generalização, conseguem ser gerados pelo mesmo sistema produtivo, sem que sejam necessários mecanismos espúrios, como a falsificação. Tais mecanismos materiais de difusão associam-se, por sua vez, a mecanismos extra-econômicos latentes de democratização, que atuam em sua máxima potencialidade durante os períodos de choques.

Na periferia, o consumo foi também o artefato principal de um projeto nacional que pretendia superar o legado colonial em definitivo da maneira mais rápida possível. Para isso, alguns antecedentes, como a transformação radical da imagem das cidades, o renascimento comercial e a construção de valores modernos, ainda que contrários a elementos excludentes que também entravam para a formação de uma modernidade periférica, foram fundamentais. As idéias de progresso invadiriam todos os campos da vida social e a herança portuguesa seria inevitavelmente interpretada como o fundamento do atraso, rapidamente removido com o

[1024] "Aprender sem estudar, enriquecer sem trabalhar, valer sem ter mérito, ostentar sem conta, sem peso e sem medida: eis os modernos ideais". (José Agudo. *Gente Rica - Cenas da Vida Paulistana.* São Paulo, Tipographia Editora O Pensamento, 1912, p. 150). Sobre a relação entre ética hedonista e consumo, vide: Colin Campbell. *The Romantic ethic and the spirit of modern consumerism*. Oxford, B. Blackwell, 1987.

consumo de produtos vindos de países civilizados, como a França e a Inglaterra.[1025] O movimento de modernização, ao mesmo tempo em que alimentava a esfera do consumo capitalista - que avançava mais rapidamente do que a esfera da produção -, reanimava, no entanto, os aspectos coloniais da sociedade que a impediam de se tornar nação capitalista, economicamente e culturalmente independente.

No caso das reformas urbanas, os elementos do legado colonial continuariam a persistir ao lado da imagem artificial e europeizada fabricada para a cidade, recriando formas de exclusão espacial.[1026] Os traços coloniais excludentes se reavivavam no crescimento irregular da cidade, na lógica de ocupação dos terrenos urbanos, na especulação imobiliária, na aparência esdrúxula que resultava da combinação do estilo arquitetônico colonial ao estilo "moderno" importado, tão bem sintetizada no "carnaval arquitetônico" de Monteiro Lobato. As contradições surgiam da adesão cega a um modelo urbano gerado nas cidades industriais do centro do capitalismo - feito para a livre circulação de trabalho e capital - por uma sociedade em que a herança do escravismo colonial criava empecilhos reais à circulação do trabalho, a despeito da existência de preceitos formais que a preconizassem.

Alguns dos conflitos de família, anteriormente expressos na propriedade da terra, seriam transplantados para as cidades, onde o consumo também teria papel fundamental da demarcação dos limites dos poderes familiares.[1027] Apesar de morarem nas cidades e serem imbuídos de um espírito de racionalização, os proprietários e administradores das fazendas, conservavam ainda algumas estratégias primitivas de ocupação da terra e de solidariedade social que se transfeririam

[1025] "O prodigioso esforço efetivado no tempo colonial durante três a quatro séculos, considera-o nada perto daquele realizado a partir de 1880 e, sobretudo, de 1900. A glória do paulista é ser avançado. Ele despreza os países atrasados, esses que somam menos trilhos, menos estações, menos mobiliário vienense em madeira recurvada, menos eletricidade nas luminárias das lojas, mais casas antigas cor-de-rosa, azuis, marrons e brancas com arcadas, mais cadeirões em jacarandá maciço e entalhado, mais igrejas azuis e brancas de dois sinos e com amplos pórticos em estilo jesuíta". (Paul Adam. *Les visages du Brésil*. Pierre Lafitte & Cie., Paris, 1914).

[1026] "A grande transformação que ocorreu na cidade do café foi, sem dúvida, a configuração de uma segregação espacial mais clara: territórios específicos e separados para cada atividade e cada grupo social. Isso se deu por meio da constituição de bairros proletários e dos loteamentos burgueses, da apropriação e reforma do centro urbano pelas novas elites dominantes e da ação discriminatória dos investimentos públicos e regulação urbanística". (Raquel Rolnik. *São Paulo.* São Paulo, Publifolha, 2001, p. 18).

[1027] "No Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização – que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influência das cidades – ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje". (Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil.* 26ª edição. São Paulo, Cia. das Letras, 1995, p. 145).

inevitavelmente para o meio urbano.[1028] Daí os conflitos urbanos assumirem, por vezes, a forma de questões territoriais. Significativas foram nesse sentido, as disputas entre o clã dos Silva Prados e o dos Barros, expressos nas figuras de Antônio de Silva Prado e do vice-prefeito Asdrúbal do Nascimento, do clã Barros.[1029] Mesmo as famílias novo-ricas também erigiriam suas fortunas sobre a base do parentesco. E continuariam a aliar fortunas e poder sobre a base do casamento: "(...) as redes familiares e as oligarquias foram os principais meios através dos quais as economias regionais conquistaram reconhecimento e desenvolvimento nacionais, e partidos locais se transformaram em partidos nacionais".[1030] Essa lógica de dominação social do poder de família fundado da propriedade fundiária seria responsável também por intensos conflitos travados entre famílias e Estado, entre espaço privado e público, que, historicamente entranhados, travavam novas ofensivas nesse contexto de formação da modernidade periférica.

A ampliação do recorte da geografia urbana para o comércio surpreende uma nova contradição entre as reformas urbanas - que faziam parte da utopia da superação do passado colonial - e as classes que emergiam desse novo arranjo social. Se a reforma urbana era feita para excluir e evitar a circulação do trabalho, isolando ao máximo as classes operárias, não conseguia, no entanto, evitar a mobilidade social em ritmo de aceleração. Ao contrário, as reformas urbanas criaram novas oportunidades de ascensão social, em particular para o imigrante. O aburguesamento da fração de classe relacionada ao comércio fazia-se a partir dessa expansão urbana diferenciada que impulsionava a sofisticação dos artigos vendidos em seus estabelecimentos. Ao mesmo tempo em que a família imigrante ampliava o seu negócio, as gerações seguintes não somente se enriqueciam como iam se sofisticando, adotando comportamentos burgueses que chocavam a fração burguesa de origem na terra. Por exemplo, o vendedor Guilherme Fuchs começou com o comércio de arreios, selas, chicotes e outros artigos

[1028] "(...) à civilização rural, com raízes em nossa tradição colonial, na exploração extensiva e perdulária das terras da lavoura, baseada na autoridade patriarcal e na mão-de-obra escrava". (Maria Cecília Naclério Homem. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918.* Martins Fontes, São Paulo, 1996, p. 17).

[1029] Em 1904, Antônio Prado entrara em conflito com Maria Angélica de Sousa Queiroz Barros, a respeito de seus terrenos irregulares sem o fechamento. No ano seguinte, Antônio Prado, estando sob licença, assumiu Asdrúbal do Nascimento, que se voltava agora para as irregularidades dos terrenos de Veridiana Prado, mãe do prefeito. Em 1906, Antônio Prado batizaria a Avenida Higienópolis com o nome do irmão Martinho Prado Júnior morto alguns anos antes. Logo depois, Asdrúbal do Nascimento, reassumindo novamente o executivo, batizaria também a Avenida Itatiaia como Avenida Angélica, em homenagem à matriarca da família Barros. (Cândido Malta Campos. *Os rumos da cidade: urbanização e modernização em São Paulo.* São Paulo, Ed. Senac, 2002, p. 92).

[1030] Elizabeth Anne Kuznesof. "A família na sociedade brasileira: parentesco, clientelismo e estrutura social (São Paulo, 1700-1980)". *In: Revista Brasileira de História*, v. 9. nº 17, set. 1988/fev. 1989, p. 62.

em couro e montaria. Com seu filho Jorge Fuchs, a casa passaria a vender "artigos de viagem em geral, como maletas, estojos de toalete e artigos para esportes campestres", artigos bem mais elaborados que acompanhavam a diversificação social em meio urbano.[1031] Em 1913, Jorge ampliaria ainda mais seus negócios, comerciando, além dos tradicionais artigos de couro, roupas, móveis e objetos decorativos, produtos de luxo fornecidos para a alta sociedade paulistana.

O estabelecimento dessa fração de elite oriunda do comércio - que se deu na segunda ou terceira gerações dos imigrantes vindos em 1870 - resultava no investimento da educação de seus filhos, que eram mandados à Europa para se especializarem nos ofícios que gerações inteiras de suas famílias haviam exercido por costume. Concorriam, portanto, em educação, com as gerações de filhos de cafeicultores, mas, enquanto estes se educavam no trabalho intelectual, aqueles seguindo uma ética do trabalho diferente, dedicavam-se ao estudo voltado para a ordem prática. A concorrência entre as duas frações classes seria acirrada em razão da relativa indiferenciação econômica que as caracterizava, e que exigia mecanismos sociais e culturais cada vez mais pujantes.

Concretizada a mobilidade social do imigrante e lançado o conflito no interior da burguesia, o consumo apareceria como o principal instrumento de configuração das hierarquias sociais em contexto urbano. Não obstante virem do exterior os produtos que alimentavam a diferenciação, era a dinâmica interna do conflito de classes que direcionava os seus usos. O consumo de artigos importados não se resume, portanto, a uma mera aceitação passiva de ditames imperialistas, mas de um determinado arranjo interno entre as classes, que direcionou não somente o consumo, mas também sua relação com a indústria, e, logo, os desdobramentos de um capitalismo específico na periferia do sistema.

A imagem do italiano ignorante e ganancioso compunha a dimensão ideológica dessa estratégia de diferenciação criada pela fração burguesa tradicional. No plano material, no arquitetônico, por exemplo, essa dinâmica específica de luta de classes atingiria o limite do excesso de símbolos que se combinavam de forma completamente esdrúxula e ilógica, incapazes de impor claramente os limites entre as esferas pública e privada. No lugar de uma racionalidade burguesa, que primasse pela ausência de acessórios, pelo reforço dos contornos mais austeros da

[1031] Heloisa Barbuy. *A Cidade-Exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo, Edusp, 2006, p.160.

habitação, pela configuração de um espaço privado perfeitamente isolado do público, o que se vê, é, ao contrário, uma racionalidade que prima pelos excessos, pela minimização da intimidade e pela apropriação do público pelo privado. E isso tanto é verdadeiro para os palacetes construídos pela burguesia com raízes na propriedade da terra, quanto para a fração burguesa de origem comercial.

Ao começar pela arquitetura, em que as distâncias sociais não mais se materializam em binômios como casa-grande/senzala, sobrado/mucambo, mas em amplas e complexas divisões espaciais que incorporam não somente as habitações, mas toda a geografia urbana, buscamos acentuar uma gradação das diferenças expressas pelo consumo. Na arquitetura, a distância social entre tradicionais e emergentes é mínima, uma vez que ambas as frações expressam seu poder econômico em palacetes suntuosos que valorizam o luxo e o conforto e jamais a privação. Na indumentária, ao contrário, surgem incongruências entre éticas de trabalho com fundamentos distintos: uma que valoriza o trabalho e a privação social e outra que o desvaloriza, embora enalteça o trabalho mental. A admiração pelas "idéias abstratas", conforme dito por Sérgio Buarque de Holanda, corresponde à forma moderna da ética do ócio tomada à colônia. Ainda no círculo das vestimentas, uma sub-fração - a dos bacharéis, filha dos fazendeiros do oeste - se destacaria como símbolo do apuro, do bom gosto e da civilização. Já no lazer elitista, a diferenciação social é máxima já que, de acordo com Bourdieu, o capital social necessário à admiração de uma obra de arte não é decorrência direta da ascensão econômica, ou seja, não pode ser comprada, mas fruto de gerações a fio dedicadas ao cultivo da boa educação.[1032]

Seguindo o método materialista da História, da esfera do consumo passamos à esfera da produção, buscando nesta relação outras contradições específicas ao capitalismo periférico. Graças à documentação pesquisada nos Arquivos de Paris, as confusas relações entre consumo e produção, entre a dinâmica de diferenciação e generalização, entre exclusão e inclusão puderam ser esclarecidas. A dinâmica contraditória instaurada entre consumo, já de traços capitalistas, e a

[1032] "Os sistemas simbólicos não são simplesmente instrumentos de conhecimento; eles são também instrumentos de dominação (de ideologias no léxico de Marx e das teologias no léxico de Weber). (...) Os esquemas classificatórios socialmente constituídos, através dos quais nós construímos ativamente a sociedade, tendem a representar as estruturas de onde eles emergem como dados naturais, mais do que como produtos historicamente contingentes de uma relação de forças dada entre grupos (classes, etnias, sexos). (...) os sistemas simbólicos são produtos sociais que produzem o mundo, (...) não se contentam em refletir as relações, mas (...) contribuem para constituí-las (...)". (Pierre Bourdieu e J. D. L. Wacquant. *Réponses-Pour une antropologie réflexive.* Paris, Éditions du Seuil, 1992).

indústria, estruturalmente insuficiente e, portanto, incapaz de massificar, acarretou a acentuação dos traços deficientes desta última. Quanto mais traços capitalistas o consumo adquiria, tanto mais lança mão de mecanismos espúrios na esfera da produção para se fazer generalizar. A antecipação do consumo em relação à produção capitalista seria então uma das tantas explicações para o atraso e para a continuidade da dependência que, segundo Celso Furtado, não se manifesta somente no plano econômico, mas também no cultural.

E se o consumo é a resultante desses dois aspectos, não poderíamos deixar de traçar algumas considerações sobre a modernidade periférica, em particular sobre a forma como se manifestou em São Paulo. Afinal, o mundo moderno ocidental é caracterizado não somente por radicais transformações tecnológicas, que culminaram no capitalismo, como também culturais, sintetizadas na modernidade capitalista que àquele se contrapõe. O consumo capitalista é o produto da fusão de ambas. No capitalismo central, a modernidade e seus valores[1033] estabelecem um contrapeso à exclusão permanentemente recriada pelo capitalismo. Já no capitalismo periférico, devido à forma como a modernidade se constituiu, em paralelo à modernização que retomava alguns mecanismos coloniais excludentes perpetuados na dominação oligárquica republicana, este processo é castrado. Ao invés de engendrar mecanismos generalizadores que compensassem a exclusão social criada na esfera econômica, a modernização capitalista os reforçava, obstando a constituição de uma modernidade includente. Devido à ausência de uma política democrática consistente, cujos preceitos somente existiam na teoria, algumas das funções de generalização de responsabilidade superestrutural passariam para o mercado, contribuindo para a instalação precoce da razão instrumental. A modernização capitalista periférica, ao ser extremamente veloz, dá continuidade, portanto, ao processo excludente. As funções de inclusão são relegadas ao sabor do mercado e a conseqüência, na ausência de uma base produtiva capaz de generalizar, é o reforço das tendências espúrias de difusão e, portanto, a continuidade da dependência.

[1033] O processo de formação da modernidade remonta ao século XVI com o Renascimento e os primeiros anseios de expansão do racionalismo frente à religião. Somente se consolidaria, no entanto, com os novos valores políticos democráticos instaurados com a Revolução Francesa e com a Primavera dos Povos. Finalmente, o racionalismo receberia um novo alento com o Iluminismo do século XVIII e com o cientificismo do XIX.

Acervos

ARQUIVO EDGARD LEUENROTH (AEL)

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS (IEB)

ARCHIVES DES GRANDS MAGASINS- GALLERIES LAFAYETTE ET ARCHIVES DU PRINTEMPS (AGM)

ARCHIVES NATIONALES DE PARIS (ANP)

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE (BNF)

Fontes e Bibliografia

Fontes Primárias

1) Fontes e arquivos

Almanaques

Almanach Administrativo, Commercial e Industrial da Provincia de São Paulo. São Paulo, Jorge Seckler Editor, 1886. AEL.

Almanak Administrativo, Commercial e Profissional do Estado de São Paulo. Commercio e Industria do Município da Capital. Org. Seckler - Thorman. São Paulo, Ed. Cia. Industrial de São Paulo, 1895. AEL.

Almanaque Brasileiro Garnier. Rio de Janeiro, Typ. H. Garnier, 1914. IEB.

Almanaque Mellilo para o Ano de 1904. São Paulo, Mellilo & Cia. Livreiros e Editores, 1905. IEB.

Almanaque Paulista Ilustrado. 1896. IEB.

Catálogo Descritivo dos Almanaques de São Paulo. Divisão de Arquivo do Estado. São Paulo, sd(sn). AEL.

GALVÃO, B. F. Ramiz. *Almanaque Brasileiro Garnier para o anno de 1905*. São Paulo, 1905. R/1634. AEL.

SOARES, Edgard de Azevedo. *Almanaque do Estado de São Paulo O Estado de São Paulo*. São Paulo, 1916. AEL.

Jornais, Revistas e Catálogos

Album Illustrado. São Paulo, SP 1907.

America Ilustrada [antiga Tarde Ilustrada]. São Paulo, SP 1898.

Archivo Illustrado. Encyclopedia Noticiosa, Scientifica e Litteraria. São Paulo, SP 1899-1906.

Arte, A. Revista Litteraria e Theatral. São Paulo, SP 1900.

Bohemia, A. Quinzenario Ilustrado e Litterario. São Paulo, SP 1896.

Caixeiro Viajante. Da papelaria Guabany de Maciel. São Paulo, SP 1893.

Capital, A. São Paulo, SP 1900.

Catalogues Galeries Lafayette. (1905-1915). (AGM)

Correio Paulistano. São Paulo, 1890-1914.

Estado de São Paulo, O. São Paulo, SP (1890-1914). Microfilme.

Illustração Paulista. São Paulo, SP 1893.

Malho, O. São Paulo, SP 1897.

Perola, A. Folha Litteraria Bi-mensal dedicada ao Bello Sexo. São Paulo, SP 1899.

Platea. São Paulo, SP 1889, 1890, 1891, 1892.

Progresso, O. São Paulo, SP 1898, 1899.

Revista do Brazil. São Paulo, SP 1897; 1898; 1900; 1901.

Revista Moderna. Magazine Quinzenal. Paris 1897; 1898; 1899.

Revue des deux mondes. Paris, 1890-1915. (BNF)

Tarde Ilustrada, A. São Paulo, SP 1896.

Tarde, A. Diario Paulista. São Paulo, SP 1895.

Tribuna Caixeiral. São Paulo, SP 1899.

Tribuna Paulista. São Paulo, SP 1899

Mapas

Mapa da Cidade de São Paulo entre 1870-1930. CECULT 002- CD/00048

COCOCI, Alexandre Mariano. *Planta Geral da cidade de São Paulo adotada pela Prefeitura Municipal*. 1901. Localização: ARC 2-11-11

TAUNAY, Affonso de E. *Collectanea de mappas da cartographia paulista antiga*. São Paulo, Melhoramentos, 1922.

Fotografias

Acervo fotográfico Guilherme Gaensly. *Coleção História da Industrialização-Casas Comerciais de São Paulo.* Coleção CECULT. (somente 3 fotos)

Cartas Consulares

Lettres consulaires. (1890-1915).

Série F12-Commerce et Industrie

Cartons :

7714. *Casas comerciais francesas no estrangeiro e Missões Comerciais.* Período: 1893-1895.

4999. Correspondência entre o Ministère du Commerce et d'Industrie, o Ministère des Affaires Étrangères e particulares, sobre as diversas exposições realizadas em Paris.

7427. Sociedades Comerciais Francesas no estrangeiro.

7052. Relatórios Consulares, Boletins Comerciais e Relatórios Diversos, dirigidos ao Ministère des Affaires Étrangères, referentes às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. 1879-1906.

2) Fontes Publicadas

Artigos

"A exposição de Paris em 1900". In *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 9/08/1892.

"Diário da Princesa Isabel". *In* Carlos Eugênio Marcondes de Moura (org.). *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX.* São Paulo, Unesp, 1998.

"O pavilhão de São Paulo na Exposição Nacional de 1908". In *Revista Politécnica,* n. 19-20, vol. IV, São Paulo, dezembro de 1907 a março de 1908.

"O Século Americano". In *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 10/08/1906.

"Os *snobs* no teatro". In *A Vida Moderna.* São Paulo, 16/10/1924.

Obras Literárias

AMARAL, Amadeu. *Memorial de um passageiro de bonde*. (1938). São Paulo, Hucitec, 1976.

ANDRADE, Mário de. "Paulicéia Desvairada. Paisagem, n. 3". (1922) In *De Paulicéia Desvairada à Café: Poesias Completas.* São Paulo, Círculo do Livro, 19-.

ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão: memórias e confissões: sob as ordens de mamãe* (1954). In *Obras completas de Oswald de Andrade.* São Paulo, Ed. Globo, 2002.

ASSIS, Machado de. *A Semana.* (1892-1897). In *Obras Completas de Machado de Assis.* Vols. I, II e III. São Paulo, W. M. Jackson Inc. Editores, 1959.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro.* (1900). Coleção Grandes Escritores Brasileiros. Rio de Janeiro, Mediafashion, 2008.

ASSIS, Machado de. *Várias Histórias.* (1896). São Paulo, Martins Fontes, 2004.

AZEVEDO, Aluízio. *O cortiço.* (1890). 36a edição, São Paulo, Ática, 2000.

BANANÉRE, Juó. *La Divina Increnca*. (1915). São Paulo, Editora 34, 2001.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Vida Urbana: artigos e crônicas.* São Paulo, Brasiliense, 1956.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *A Nova Califórnia: contos.* São Paulo, Brasiliense, 1979.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Mundo da lua e miscelânea*. São Paulo, Brasiliense, 1948, vol. X.

MACHADO, A. de Alcântara. *Novelas paulistanas.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.

RIBEIRO, Júlio. *A Carne.* (1888). São Paulo, Martin Claret, 1999.

RIO, João do (Paulo Barreto). *A Alma Encantadora das Ruas.* (1908). São Paulo, Cia. das Letras, 1997**.**

TÁCITO, Hilário. *Madame Pommery.* 5a edição. Campinas; Rio de Janeiro, Editora da Unicamp; Fundação Casa Rui Barbosa, 1997.

Memórias e Diários Pessoais

ADAM, Paul (1862-1920). *Les visages du Brésil*. Pierre Lafitte & Cie., Paris, 1914.

AGUDO, José. *Gente Rica - Cenas da Vida Paulistana.* São Paulo, Tipographia Editora O Pensamento, 1912.

ALMEIDA, Aluísio de. "São Paulo em 1907". *O Estado de São Paulo,* de 29 de dezembro de 1950.

ALMEIDA Júnior, José B. *Guia pitoresco e turístico de São Paulo.* São Paulo, Livraria Martins Editora, 1948.

AMARAL, Edmundo. *A grande cidade.* São Paulo, José Olympio Editora, 1950.

AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo 1853-1915.* São Paulo, Saraiva, 1957.

AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo.* 2a edição. São Paulo, Carrenho Editorial/Narrativa Um/Carbono 14, 2004.

ANGERAMI, Domingos & FONSECA, Antonio. *Guia do Estado de São Paulo. Mandado organizar pelo Exmo. Snr. Dr. Antonio de Pádua Salles, Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.* São Paulo, Pocai &Weiss, 1912.

BARROS, Maria Paes de. *No Tempo de Dantes.* (1946). 2ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

BASTOS, Raul Carvalho. *Homens e fatos do meu tempo.* S. Porto, Cia Indústria "Antonio Diedrichsen", 1903-1953.

BINZER, Ina Von. *Os Meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora no Brasil*. Trad. Alice Rossi e Luisita da Gama Cerqueira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

BONNAURE, Albert. *Livro de ouro do Estado de São Paulo: relatório industrial, comercial e agrícola (1889-1914).* São Paulo, Duprat, 1914.

BRUNO, E. da S. *Memórias da cidade de São Paulo: depoimentos de moradores e visitantes 1553-1958.* São Paulo, Secretaria Municipal da Cultura, 1981.

BUENO, Francisco de Assis Vieira. *A Cidade de São Paulo: Recordações Evocadas de Memória. Notícias Históricas.* Pref. Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo, Academia Paulista de Letras, 1976. (BUENO, Francisco de Assis Vieira. "A Cidade de São Paulo – Recordações Evocadas de Memória". *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*. Campinas, Tip. Livro Azul, 1903, ano II, nos. 1, 2, 3.)

CARVALHO, Afonso José de. *São Paulo Antigo.* São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1944.

CASABONA, Louis. *São Paulo du Brésil (Notes d'un colon français).* Paris, E. Guilmote, 1908(?).

DENIS, Pierre. *Le Brésil au XXe siècle.* Paris, Armand Collin, 1911.

DIAFÉRIA, Lourenço. *Brás-sotaques e desmemórias.* São Paulo, Boitempo Editorial, 2002.

DINIZ, Firmo Albuquerque (Junius). *Notas de Viagem.* (1882). Coleção Paulística, vol. V. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1978.

FREITAS, Affonso A. de. *Tradições e reminiscências paulistanas.* (1921). 2a edição. São Paulo, Martins, 1955.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus.* 10a edição. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2001.

HADFIELD, William. *Brazil and the River Plate, 1870-1876.* Sutton, W. R. Church, 1877.

HÜ, Charles. *Lê Brésil. Revue France- Brésil,* Bordéus, França, 1907.

KOENIGSWALD, Gustavo. *São Paulo.* São Paulo, s., n., 1895.

KOSERITZ, Karl Von. *Imagens do Brasil.* Tradução de Afonso Arinos de Mello Franco. Rio de Janeiro, Biblioteca Histórica Brasileira, Livraria Martins Editora, 1941.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana (1852-1919).* São Paulo, Duprat & Companhia, 1903-1905, 9 volumes.

LLOYD, Reginald. *Impressões do Brazil no Século XX: Sua História, Seo Povo, Commercio, Industrias e Recursos.* Londres, Lloyd's Greater Britsh Publishing Company, 1913.

MARQUES, Cícero. *Tempos Passados.* São Paulo, Moema Editora, 1942.

MARQUES, Gabriel. *Ruas e tradições de São Paulo: uma história em cada rua.* São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1966. (Coleção história, 4)

MARTINS, Antônio Egídio. *São Paulo Antigo (1554 a 1910).* 2ª ed. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura e da Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo, 1973.

Memória Paulistana. São Paulo, Museu da Imagem e do Som da Secretaria da Cultura, 1975.

MENEZES, Raimundo de. *São Paulo de nossos avós.* São Paulo, Saraiva, 1969.

MOURA, Carlos Marcondes de (Org.). *Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX: Memórias, Depoimentos, Evocações.* São Paulo, Unesp; Ateliê; Imesp; Ed. da Unesp; Secretaria do Estado da Cultura, 1998.√(período anterior)

MOURA, Paulo Cursino de. *São Paulo de outrora.* 3a edição. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1943.

NOGUEIRA, José Luiz de Almeida. *A Academia de São Paulo: Tradições e Reminiscências. Estudantes, Estudantões, Estudantadas.* São Paulo; Lisboa, Typographia Vanorden; Typ. A. Editora, 1909-1912, 9 vols.

NOGUEIRA, Paulo de Almeida. *Minha Vida – Diário de 1893 a 1951.* São Paulo, R. dos Tribunais, 1955.

PENTEADO, Yolanda. *Tudo em cor-de-rosa.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976, *passim.*

PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de S. Paulo em 1900.* São Paulo, Governo do Estado de S. Paulo, 1979.

PINTO, Alfredo Moreira. *São Paulo em 1899: chorographia do Estado para servir com o mappa de S. Paulo de Arthuer H. O'Leary.* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1899.

PRADO, A. Almeida. *Crônica de outrora.* São Paulo, Ed. Brasiliense, 1973.

RAFFARD, Henrique. *Alguns dias na Paulicéia.* 1890. São Paulo, Academia Paulista de Letras, 1977.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo e resumos das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguay.* São Paulo: Martins/EDUSP, 1972.

SOLORZANO Y COSTA, Juan N. *El Estado de São Paulo (Brasil): estudio acerca de la verdadera situacion del mismo en 1912-13.* São Paulo, Tip. del Diario Español, 1913.

THIOLLIER, René. *Episódios de Minha Vida.* São Paulo, Anhembi, 1956.

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos.* São Paulo, EdArt, 1964.

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Quando eu era menino*. São Paulo, Edart, 1960

WALLE, Paul. *Au Brésil-Rio de Janeiro.* Paris, E. Gilmoto, 1910, p. IX. Microfiche à la Bibliothèque Nationalle de France.

WALLE, Paul. *L'État de São Paulo (Brésil), ses ressources, ses progrès, son avenir : étude générale économique et descriptive.* Paris, Augustin Challamel-Librairie maritime et coloniale, 1921.

WALLE, Paulo. *Au Pays de l'Or Rouge - l'état de São Paulo (Brésil): ses ressources, ses progrès, son avenir.* Paris, Augustin Challamel, 1921.

Relatórios Econômicos

BANDEIRA JUNIOR. *A Industria no Estado de São Paulo em 1901.* São Paulo, Typ. "Diario Official", 1901.

BONNAURE, Albert. *Livro de Ouro do Estado de São Paulo: Relatório Industrial, Commercial e Agrícola 1889-1914.* São Paulo, Typo-litho Duprat & Cia., 1914.

Fontes virtuais

Center for Research Libraries: http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/hartness/fazend.htm

Relatórios do Ministério da Fazenda apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil no ano de 1896. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1896-1914.

Bibliografia

A Cidade da Light: 1889-1930. São Paulo, Eletropaulo, 1990, 2 vols.

ABREU, Alice Rangel de Paiva. *O Avesso da Moda*. São Paulo, Editora Hucitec, 1986.

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialectic of enlightenment: philosophical fragments.* Trans. Edmund Jephcoot. Stanford, Stanford University Press, 2002.

ADORNO, Theodor. *Minima moralia - Réflexions sur la vie mutilée.* Trad. Éliana Kaufholz et Jean-René Ladmiral. Paris, Éditions Payot & Rivages, 2003.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. "Vida Privada e Ordem Privada no Império". Cap. 1 de *História da Vida Privada no Brasil,* vol. II, *Império: a corte e a modernidade nacional.* Org. Luiz Felipe de Alencastro. Coord. Fernando Antônio Novais. 7ª reimpressão. São Paulo, Cia. das Letras, 2004.

ALVIN, Zuleika M.F & PEIRÃO, Solange. *Mappin 70 anos*. São Paulo, Ex Libris, 1985.

AMARAL, Antonio Barreto do. *Dicionário de história de São Paulo.* São Paulo, Governo do Estado, 1980. *Coleção paulística,* 19.

AMARAL, Antônio Barreto. *História dos velhos teatros de São Paulo: da Casa da Ópera à inauguração do teatro municipal*. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1979.

AMARAL, Edmundo. *A grande cidade.* São Paulo, José Olympio Editora, 1950.

ARAÚJO, Vicente de Paula. *Salões, circos e cinemas de São Paulo*. São Paulo, Perspectiva, 1981.

ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (org). *História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra.* Vol. 4, São Paulo, Cia. Das Letras, 1991.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *A Grande Revolução Inglesa (1640-1780).* São Paulo, Hucitec, 2000.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. "Arremate de uma Reflexão: A Revolução Burguesa no Brasil de Florestan Fernandes". *Revista da USP.* São Paulo, v. 29, p. 56-65, 1996.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *A embalagem do sistema – A publicidade no capitalismo brasileiro.* São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1985.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e Cultura em São Paulo no Século XX*. Bauru/SP, Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP, 2001, 482 p.

ARWAS, Victor. *Affiches et gravures de la Belle Époque.* Paris, Flammarion, 1978

ASSOULY, Olivier & BERGE, Pierre. *Le luxe: essais sur la fabrique de l'ostentation*. Paris, Institut français de la mode, Regard, 2004 - 61-Ferté-Macé, Impr. Compedit Beauregard.

AUSLANDER, Leora. *Taste and power: furnishing modern France*. Berkeley, University of California Press, 1996.

AZEVEDO, Aroldo de (org.). *A cidade de São Paulo. Estudo de Geografia Urbana,* v III. *A metrópole paulista.* São Paulo, Coleção Brasiliana, 1958.

BAER, Werner. *A Industrialização e o desenvolvimento econômico do Brasil.* Trad. de Paulo Almeida Rodrigues. 4 ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1979.

BARBOSA, Francisco de Assis. "Alguns aspectos da influência francesa no Brasil (Notas em torno de Anatole Louis Garraux e da sua livraria em São Paulo)". *In Coleção Documentos Brasileiros*, n. 100. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962, p. XXXII. Corresponde à introdução ao fac-simile de Anatole Louis Garraux. « Avant-Propos ». *Bibliographie brésilienne: catalogue des ouvrages français & latins relatifs au Brésil (1500-1898).* Paris, Chadenat, 1898.

BARBUY, Heloisa. *A Cidade-Exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo, Edusp, 2006.

BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris, Éditions Seuil, 1957.

BASTOS, Humberto. *O pensamento industrial no Brasil*: *introdução à história do capitalismo industrial brasileiro.* São Paulo, Martins, 1952.

BAUDRILLARD, Jean. "A moral dos objetos. Função-signo e lógica de classe". In *Semiologia dos objetos.* Seleção de ensaios da revista *Communications*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1972.

BAUDRILLARD, Jean**.** *La Société de consommation: ses mythes, ses structures*. Paris, Éditions Denoël, 1970.

BAUDRILLARD, Jean. *Le miroir de la production ou l'illusion critique du matérialisme historique*. Paris, Ed. Galilée, 1975.

BAUDRILLARD, Jean. *Le système des objets. La consommation des signes*. Paris, Denoël; Gonthier collection Médiations; Gallimard, 1968.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical. A Renovação Urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.* Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de cultura, turismo e esportes, 1990.

BENJAMIN, Walter. "Rua de mão única". In *Obras escolhidas*, vol. II. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". Tradução José Lino Grunnewald. In O*s Pensadores.* São Paulo, Abril Nova Cultural, 1980.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: un poète lyrique à l'apogée du capitalisme.* Trad. J. Lacoste, Paris, Payot, 1982.

BENJAMIN, Walter. *Paris, capital du XIXe siècle. Le livre des passages.* Traduit de l'allemand par Jean Lacoste. 3e édition. Paris, ed. Du Cerf, 2006.

BERG (M.), CLIFFORD (H.), eds. *Consumers and luxury. Consumer culture in Europe 1650-1850.* Manchester, Manchester University Press, 1999.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velhos.* São Paulo, Queiroz Editor, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction. Critique sociale du jugement*. Paris, Éditions de minuit, 1979.

BRAUDEL (F.), *Civilisation matérielle, économie et capitalisme, XVe-XVIIIe siècle.* Paris, A. Colin, 1979, 3 vol.

BRENNA, Giovana Rosso del. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos.* Rio de Janeiro, Index, 1985.

BRESCIANI Stella [et al.]. *Cidade e história: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Organização Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes. Salvador, UFBA, Fac. de arquitetura, 1992.

BREWER (J.), PORTER (R.), eds. *Consumption and the World of Goods.* 1rst edition 1993. Londres, Routledge, 1997.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.

BRONNER, Simon J. *Consuming Visions: Accumulation and Display of gods in America 1880-1920.* Nova York; Londres, W. W. Norton & Company, 1989.

BRUNO, Ernani da Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo.* Vol. I. *Arraial de sertanistas (1554-1828).* 4ª edição. São Paulo, Hucitec, 1991.

BRUNO, Ernani da Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo.* Vol II. *Burgo de estudantes (1828-1872).* São Paulo, Hucitec, 1991.

BRUNO, Ernani da Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo.* Vol. III. *Metrópole do Café (1872-1918)-São Paulo de Agora (1919-1954).* São Paulo, Hucitec, 1984.

BUZZAR, Miguel Antônio. *A idéia de uma casa brasileira.* In V Seminário Nacional DOCOMOMO. São Carlos, 2003.

CALLOWAYDIR, Stephen. *Le style Liberty: un siècle d'histoire d'un grand magasin londonien*. Paris, A. Colin, 1992

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *Os Primeiros Almanaques de São Paulo: Introdução à Edição Fac-Similar dos Almanaques de 1857 e 1858.* São Paulo, Imesp/Daesp, 1983.

CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial – Crônica da Belle Èpoque*. Senac, São Paulo, 2001.

CAMPBELL, Colin. *The Romantic ethic and the spirit of modern consumerism*. Oxford, B. Blackwell, 1987.

CAMPOS, Cândido Malta. *Os rumos da cidade: urbanização e modernização em São Paulo.* São Paulo, Ed. Senac, 2002.

CAMPOS, Eudes**.** "Nos caminhos da luz, antigos palacetes da elite paulistana". *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 13, n.1, jan-jun./2005.

CANNABRAVA, Iatan. *Casas Paulistas – Fragmentos de uma Utopia Urbana*. Formate, São Paulo, 2000.

CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo.* Campinas-SP, Unicamp-IE, 1998.

CARMAGNANI, Marcello. *El outro occidente- América Latina desde la invasión europea hasta la globalización.* México, Fondo de Cultura Econômica, 2004.

CARONE, Edgard. *Evolução Industrial de São Paulo (1889-1930).* São Paulo, Senac, 2001.

CARVALHO, Vânia Carneiro de & LIMA, Solange Ferraz de. *Fotografia e Cidade: da Razão Urbana à Lógica do Consumo (Álbuns da Cidade de São Paulo, 1887-1954).* Campinas; São Paulo, Mercado das Letras; Fapesp, 1997.

CASA ALLEMÃ. *Casa Allemã 1883-1933: Cicoencetenario.* São Paulo, Off. Da Sociedade Impressora Paulista, 1933.

CASTAREDE, Jean. *Le luxe*. Paris, Presses universitaires de France, 1992.

Celso Furtado. *Análise do "Modelo" Brasileiro.* Coleção Perspectivas do Homem, vol. 92. 7a. edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações.* Coleção *Memória e Sociedade.* Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa; Rio de Janeiro, Difel; Bertrand do Brasil, 1990.

COQUERY, Natacha (et al.). *Marchands et consommateurs : les mutations de l'Europe moderne. Angleterre, France, Italie, Pays-Bas*. Tours, Presses universitaires François-Rabelais, 2006.

COQUERY, Natacha (org.). *La boutique et la ville – commerce, commerçants, espaces et clientèles XVIe-XXe siècle.* Tours, Publication de l'Université François Rabelais, 2000.

COQUERY, Natacha. « Bijoutiers et tapissiers: le luxe et le demi-luxe à Paris dans la seconde moitié du XVIIIe siècle ». Paris, Colloque INHA, novembre/2006.

COQUERY, Natacha. *L'hôtel aristocratique : le marché du luxe à Paris au XVIIIe siècle*. Paris, Publications de la Sorbonne, 1998.

CORNEJO, Carlos & SANTOS, Silvia Rita. *Casa Fretin 100 anos.* São Paulo, Studio Flash Produções Gráficas, 1995.

COSTA, Ângela Marques da & SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas.* Col. *Virando Séculos.* Coord. De Laura de Melo e Souza. São Paulo, Cia. Das Letras, 2000.

COSTA, Cacilda Teixeira da. *O sonho e a técnica: a arquitetura do ferro no Brasil.* São Paulo, BSF, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar.* 4ª edição. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1999.

COSTA, Lauro. *O alvorecer do automóvel em São Paulo de Piratininga – breves notas sobre veículos e transportes em São Paulo.* São Paulo, s./ ed., 1956.

COSTA, Luiz Antonio Severo da. *Brasil 1900-1910.* Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1980.

CROSSICK, Geoffrey & JAUMAIN, Serge. *Cathedrals of consumption: the European department store, 1850-1939.* Aldershot, Ashgate, 1998.

CRUZ, Heloisa de Faria (org.). *São Paulo em Revista: catálogo da Imprensa Cultural e de variedades paulistanas 1870-1930.* São Paulo, Arquivo do Estado/Cedic, 1997.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915.* São Paulo, Educ, 2000.

D'ALESSIO, Vito. *Avenida Paulista – A síntese de uma metrópole.* São Paulo, Dialeto Latin American Documentary, 2002.

DANON, Diana Dorothéa. *São Paulo: Belle Époque.* São Paulo, Ed. Nacional; Edusp, 1974.

DARREL, Levi E. *A família Prado.* São Paulo, Cultura 70, 1977.

DEAECTO, Marisa Midori. "A Livraria Francisco Alves em São Paulo: os meios de expansão da leitura e o desenvolvimento do mercado livreiro (1894-1917". In: Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, 2004.

DEAECTO, Marisa Midori. "Anatole Louis Garraux e o comércio de livros franceses em São Paulo (1860-1890)". In Revista Brasileira de História, 2008.

DEAECTO, Marisa Midori. *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930).* São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2002.

DEAN, Warren, *A industrialização de São Paulo (1880-1945).* Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo, Difel, 1971.

DESJEUX, Dominique. *La consommation*. Paris, Presses universitaires de France, 2006.

DRAIBE, Sônia Regina. *Rumos e metamorfoses: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização do Brasil: 1930-1960.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção (artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855-1985).* São Paulo, Perspectiva, 1989.

DURAND, José Carlos. *Moda, Luxo e Economia*. São Paulo, Editora Babel Cultural, 1988.

ELIAS, Norbert. *La civilisation des moeurs*, tome I, *La dynamique de l'Occident.* Trad. Pierre Kamnitzer. Paris, Calmann-Lévy, 1973

ELIAS, Norbert. *La société de cour.* Traduit de l'allemand par Pierre Kamnitzer et par Jeanne Etoré. Paris, ed. Gallimard, 1985.

ELIAS, Norbert. *Os alemães.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

ELLIS Jr. Alfredo. *O café e a Paulistânia.* São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1951.

ESTRELA, Ely. *Os Sampauleiros, cotidianos e representações.* EDUC/Editora Humanitas/Fapesp, 2003.

FABRIS, Annateresa; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira; LEMOS, Carlos. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira.* São Paulo, Edusp, 1987.

FAÇANHA, Astrid. "100 anos de moda paulistana". *Revista Go Where São Paulo.* Ano V, n. 24, 2000.

FEATHERSTONE, Mike. *Consumer culture and postmodernism*. London, Newbury Park, Calif., New Delhi, Sage, 1991.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil-ensaio de interpretação sociológica.* São Paulo, Globo, 2006.

FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo.* São Paulo, Anhambi, 1961.

FERNANDES, Suzana César Gouveia. *Marcas de Porcelana no Acervo do Museu Paulista.* Sup. Heloisa Barbuy. São Paulo, 1999 (datilo.).

FERRAZ, Queila. "Sobre dândis e antimoda masculina". In *Fashion-Bubbles: moda, consumo, tecnologia e comportamento*. Revista Eletrônica de 29/06/2006. www.fashionbubbles.com/2006/s0bre-dandis-e-antimoda-masculina.

FERRAZ, Vera Maria de Barros (org.). *Imagens de São Paulo: Gaensly no Acervo da Light, 1899-1925.* São Paulo, Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, 2001.

FERREZ, Gilberto. *A Fotografia no Brasil. 1840-1900*. Rio de Janeiro, Funarte/Pró-Memória, 1985.

FINE, Ben, and LEOPOLD, Ellen. *The world of consumption*. London & New York, Routledge, 1993.

FINE, Ben. *The world of consumption: the material and cultural revisited.* 2 ed. London; New York, Routledge, 2002.

FONTANA, Josep. *Introdução ao estudo da História Geral.* Trad. Heloísa Reichel. Bauru, Edusc, 2000.

FRAGOLI JÚNIOR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole.* São Paulo, Cortez/EDUSP, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.* 28a ed. Rio de Janeiro, Record, 1996.

FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil: Aspectos da Influência Britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil.* 3ª ed. Rio de Janeiro, Topbooks, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Novo Mundo nos Trópicos.* 2ª ed. Rio de Janeiro, Topbooks, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso.* São Paulo, Global Editora, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento Urbano.* Rio de Janeiro, Record, 1996.

FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1961.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil.* 24ª edição. São Paulo, Ed. Nacional, 1991.

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.

GALLAGHER, John & ROBINSON, Ronald. "The imperialism of free trade". In *The Economic History* Review, vol. I, n. 1, 1953.

GERODETTI, João Emílio & CORNEJO, Carlos. *Lembranças de São Paulo – a capital paulista nos cartões-postais e álbuns de memórias.* 3ª edição. São Paulo, Solaris Edições Culturais, 2000.

GRAHAM, Richard. *Britain and the onset modernization in Brazil. 1850-1914.* Cambridge, University Press, 1968.

GUERRAND, Roger-Henri. *Moeurs citadines: histoire de la culture urbaine XIXe-XXe siècle.* Paris, Quai Voltaire; Édima, 1992.

HABERMAS, Jürgen. *A Crise de Legitimação no Capitalismo Tardio.* 60o volume da coleção Biblioteca Tempo Universitário. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.* Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: Sua História.* 2ª edição. São Paulo, Edusp, 2005.

HEILBRUNN, Benoît. *La consommation et ses sociologies*. Paris, Armand Colin, 2005.

HEINZ, Flávio (org.). *Por outra história das elites.* Rio de Janeiro, FGV, 2006.

HERPIN, Nicolas. « Au delà de la consommation de masse? Une discussion critique des sociologues de la modernité ». *L'Année sociologique*, 1993, numéro 43, 295-315.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições.* Trad. Celina Cardim Cavalcante. 3a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

HOBSBAWM, Eric J. *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo.* Trad. de Donaldson Magalhães Garshagen. 5ª edição. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. *The Age of Empire (1875-1914).* New York, Vintage Books Edition, 1989.

HOBSON, John A. *A evolução do capitalismo moderno*. Tradução port. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras.* 3ª edição. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* 26ª edição. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso - Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil.* 6ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1996.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. *Higienópolis: grandeza e decadência de um bairro paulistano.* Coleção *História dos bairros de São Paulo,* vol. 17. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura-Departamento do Patrimônio Histórico, 1980.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918.* Martins Fontes, São Paulo, 1996.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão.* São Paulo, Centauro Editora, 2000.

IBGE. *Estatísticas Históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988.* Rio de Janeiro, IBGE, 1990.

John A. Hobson. *Imperialism: a study.* 2nd edition. Ann Arbor, Univ. of Michigan, 1987.

JOUTARD, Philippe. "L'ouverture des connaissances et les mutations culturelles". In Georges Duby (dir.). *Histoire de la France* (3 vols.). Vol. 3. *Les temps nouveaux: de 1852 à nos jours.* Paris, Larousse, 1995.

JULIEN, Marie Pierre et Céline Rosselin. *L'élite dans la société moderne: son rôle.* Paris, A. Colin, 1914.

Karl Marx. *Grundrisse: foundations of the critique of political economy*. (1857). Trans. Martins Nicolaus. London; New York, Penguin Books in association with New Left Review, 1993.

KELLNER, Douglas. *Jean Baudrillard. From marxisme to Postmodernism and Beyond.* Stanford, Stanford University Press, 1989.

KLINTOWITZ, Jacob. *A arte do comércio: São Paulo 1900-1930.* v. I. São Paulo, Senac, 1988.

KOSSOY, Boris. "*Álbum de photographias do estado de São Paulo, 1892": estudo crítico*. São Paulo, Kosmos, 1984.

KOSSOY, Boris. *Origens e expansão da fotografia no Brasil: século XIX.* Rio de Janeiro, Funarte, 1980.

KOSSOY, Boris. *São Paulo, 1900. Imagens de Guilherme Gaensly.* São Paulo, Kosmos; CBPO, 1988.

KUGELMAS, Eduardo, *Difícil hegemonia. Um estudo sobre São Paulo na Primeira República.,* Université de São Paulo, 1986.

LAGO, Pedro Correia do. *Iconografia Paulistana do Século XIX.* São Paulo, Bolsa de Mercadorias & Futuros, 1998.

LANDES, David. *Prometeu Desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental, desde 1750 até nossa época.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

LANGLOIS, Simon. « Nouvelles orientations en sociologie de la consommation », *L'Année sociologique*, numéro spécial Voies nouvelles en sociologie, volume 52, numéro 1, 2002 : 83-103.

LANGLOIS, Simon. « Une mutation radicale : l'avènement de la société de consommation », *Cap-aux-Diamants*, numéro 59, automne 1999 : 10-14.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição. Santos: 1870-1913.* São Paulo; Santos, Hucitec; Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

LASCH, Christopher. *The culture of narcisisism*. London, Abacus. 1980.

LAVER, James. *A roupa e a moda – uma história concisa*. São Paulo, Cia. das Letras, 1989.

LEME, Marisa Saenz. *Aspectos da Evolução Urbana de São Paulo na I República.* Tese de Doutorado, Depto. de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1984.

LEMOS, Carlos. *Alvenaria burguesa – breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café.* São Paulo, Nobel, 1985.

LEMPERIERE, Annick. "Mexico 'fin de siècle' et le modèle français". In Annick Lempérière, Georges Lomné, Frédéric Martinez et Denis Rolland (coord). *L'Amérique Latine et les modèles européens.* Paris, Éditions l'Harmattan, 1998.

LEPETIT, Bernard de (Org.) SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Por Uma Nova História Urbana.* São Paulo, Edusp,

LIMA, Heitor Ferreira. *Evolução Industrial de São Paulo. Esboço Histórico.* São Paulo, Livr. Martins Ed., 1954.

LIMA, Heitor Ferreira. *História Político-Econômica e Industrial do Brasil.* São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1970.

LIMA, Tânia Andrade. "Pratos e mais Pratos: Louças Domésticas, Divisões Culturais e Limites Sociais no Rio de Janeiro, Século XIX". In *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material.* São Paulo, Museu Paulista da Usp, jan.-dez., 1995, nova série, vol. 3, pp. 129-191.

LIPOVETSKY, Gilles, and ROUX, Eliette.. *Le luxe éternel. De l'âge du sacré au temps des*

marques. Paris, Gallimard, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. *L'empire de l'éphémère. La mode et son destin dans les sociétés modernes*. Paris, Gallimard, 1987.

LOURENÇO, Maria Cecília França (org.). *A casa de Dona Yayá.* São Paulo, Edusp, 1999.

LOVE, Joseph L., *São Paulo and the Brazilian Federation 1889-1937.* Stanford, Stanford University Press, 1980.

LURIE, Alison. *A linguagem das roupas.* Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1997.

LUZ, Nícia Vilella. *A luta pela industrialização do Brasil.* São Paulo, Difel, 1961.

MANDEL, Ernest. *O Capitalismo Tardio.* São Paulo, Abril Cultural, 1982.

MARCHAND, Roland. *Advertising and the American Dream: Making Way for Modernity, 1920-1940.* Ethnohistory, Vol. 33, No. 4 (Autumn, 1986), pp. 476-477.

MARINS, Paulo César Garcez. "Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras". Cap. 2 de *História da Vida Privada no Brasil*, vol.III, *República: da Belle Époque à era do Rádio.* Org. Nicolau Sevcenko; Coord. da Coleção Fernando Novais. São Paulo, Cia. das Letras, 1998.

MARIUTTI, Eduardo Barros. "Colonialismo, imperialismo e o desenvolvimento econômico europeu". Tese de doutorado. Campinas, 2003.

MARQUES, Gabriel. *Ruas e tradições de São Paulo: uma história em cada rua*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1966.

MARTINIERE, Guy. *Aspects de la coopération franco-brésilienne: transplantation culturelle et stratégie de la modernité.* Grenoble; Paris, Presses universitaires de Grenoble; Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1982.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista – Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República (1890-1922).* São Paulo, Fapesp/ Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, José de Souza. "O migrante brasileiro na São Paulo estrangeira". Cap. 5 de PORTA, Paula (org). *História da cidade de São Paulo: A cidade na primeira metade do século XX*. Vol. 3. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

MARTINS, José de Souza. *Conde Matarazzo: o empresário e a empresa. Estudo de sociologia do desenvolvimento.* São Paulo, Hucitec, 1973.

MARTUCCELI, Danilo. *Sociologies de la modernité: l'itinéraire du XXe siècle.* Paris, Gallimard, 1999.

MARX, Karl. *Formações Econômicas Pré-Capitalistas.* 2a ed. Trad. João Maia revista por Alexandre Ardor a partir da edição inglesa de 1964. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política.* Vol I, tomo II. Trad. de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3a ed. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

MAYER, Arno. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime. (1848-1914).* Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

McCRACKEN, Grant. *Culture and consumption: new approaches to the symbolic character of consumer goods and activities.* Bloomington, Indiana University Press, 1988.

McKENDRICK, Neil. "The Consumer Revolution". In Neil McKendrick, John Brewer and J.H. Plumb, *The Birth of a Consumer Society,* London, Publications Limited, 1982.

MELO, João Manoel Cardoso de & NOVAIS, Fernando Antônio. "Capitalismo tardio e Sociabilidade Moderna". Capítulo 9 de *História da Vida Privada no Brasil,* Vol. 4, *Contrastes da intimidade contemporânea*. Org. Lilia Moritz Schwarcz. Coord. Fernando Antônio Novais. São Paulo, Cia. das Letras, 1998

MELO, João Manoel Cardoso de. *O Capitalismo Tardio: contribuição à revisão crítica da formação e desenvolvimento da economia brasileira.* 10a ed. Campinas, Unicamp-IE, 1998.

MELO, Zélia Cardoso de Melo. *Metamorfoses da riqueza.* São Paulo 1845-1895. São Paulo, Hucitec; SMC, 1985.

MICELI, Sérgio. *Nacional Estrangeiro - História Social e Cultural do Modernismo Artístico em São Paulo.* São Paulo, Cia. das Letras, 2003.

MILLER, Daniel (ed.). *Acknowledging Consumption. A review of New Studies*. New York/London, Routledge, 1995.

MILLER, Michael B. *The Bon Marché. Bourgeois culture and the department store 1869-1920*. London, Allen & Unwin, 1981.

MONBEIG, Pierre. *Croissance de la ville de Sâo Paulo.* Grenoble, Institut et Revue de Géographie Alpine, 1953.

MONBEIG, Pierre. *Pionniers et planteurs de Sâo Paulo.* Paris, Armand Colin, 1952.

MONTEIRO, John M.. “Dos campos de Piratininga ao morro da saudade”. Cap. 1 de *História da cidade de São Paulo: a cidade colonial.* Vol. I. Org. Paula Porta. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

MORSE, Richard M. *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole.* São Paulo, Difel, 1970. Edição revista e ampliada da obra *De comunidade à metrópole: biografia de São Paulo.* Trad. Maria Aparecida Madeira Kerberg. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.* Trad. Celso Nogueira. São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

NICOLINI, Henrique. *Tietê: o rio do esporte.* São Paulo, Phorte, 2001.

O'DOUGHERTY, Maureen. “Auto-retratos da classe média: hierarquias de 'cultura' e consumo em São Paulo”. *Dados*, vol.41, n°2. Rio de Janeiro, 1998.

OLIVEIRA, Lucia Lippi, *A questão nacional na primeira República,* São Paulo, Brasiliense, 1990.

PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo-Publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo, Annablume, 2001

PATERSON, Mark. *Consumption and Everyday Life.* New York/London, Routledge, coll. *New Sociology*, sd.

PAULA, Eurípedes Simões de. "Contribuição Monográfica para o Estudo da Segunda Fundação de São Paulo." In.: *Revista de História*. São Paulo: FFCL/USP, n. 17, 1958.

PENTEADO, Jacob. *Belenzinho, 1910: retrato de uma época.* 2a edição. São Paulo, Carrenho Editorial, 2003.

PERROT, Philippe. *Le luxe. Une richesse entre faste et confort XVIII-XIX siècle*. Paris, Seuil, 1995.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. *O Barão de Iguape - Um empresário da época da independência.*. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.

PETRONE, Pasquale. *São Paulo no século XX,* vol. II, *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana.*. Org. Aroldo Azevedo. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1958.

PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Sociologie de la bourgeoisie.* Paris, La Découverte, coll. "Repères", 2000.

PINHEIRO, Joely Ungaretti. *Conflitos entre jesuítas e colonos na América Portuguesa: 1640-1700.* Tese de doutoramento, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

PONTES, José Alfredo Otero Vidigal & TOLEDO, Benedito de Lima de (orgs.). *São Paulo: Registros (1899-1940).* São Paulo, Eletropaulo, 1982.

PORTELA, Fernando. *Bonde – Saudoso paulistano*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2006.

PRADO Jr., Caio *História Econômica do Brasil.* São Paulo, Ed. Brasiliense, 1970.

PRADO Jr., Caio. "Contribuição para a geografia urbana da cidade de São Paulo". In *Evolução Política do Brasil e outros estudos.* 2ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1957.

PRADO Jr., Caio. "O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo". In *Evolução Política do Brasil e outros estudos.* 2ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1957.

PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo.* 23ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1996.

RAGO, Margareth. "A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950". In Paula Porta (org.). *História da Cidade de São Paulo*, vol. 3: *a cidade na primeira metade do século XX.* São Paulo, Paz e Terra, 2004.

RANGEL, Renato Nunes. "A paulicéia iluminada: o gás canalizado na cidade de São Paulo, 1870-1911". Dissertação de Mestrado em História da Ciência, PUC-SP, 2002.

Reconstituição da Memória Estatística da Grande São Paulo. São Paulo, Secretaria dos Negócios Metropolitanos-Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo S/A, 1983.

RIOS, Marcos Calixto. "Breve Histórico da Rua XV de Novembro". Parte de pesquisa de iniciação científica intitulada "Uma rua em três tempos: o caso da XV de Novembro em São Paulo". São Paulo, FAU-USP, 2005.

RIVIÈRE, Jean. *Oriente e Ocidente.* Trad. Margarida Jacquet e Irineu Garcia. Rio de Janeiro, Salvat, 1979

ROCHE Daniel. "Consommations et catégories sociales à l'époque moderne " in A. Croix, A. Lespagnol, G. Provost. *Eglise, Education, Lumières. Histoire culturelle de la France (1500-1830).* En l'honneur de Jean Quéniart, Rennes, Presses Universitaires, 1999, pp. 329-337.

ROCHE. Daniel. *Histoire des choses banales. Naissance de la consommation au XVIIe-XIXe siècle.* Paris, Fayard, 1997.

ROLNIK, Raquel. *São Paulo.* São Paulo, Publifolha, 2001.

ROSA, Marcelo. "Indivíduo e Sociedade na Transição para o capitalismo. O possível diálogo entre Norbert Elias e Florestan Fernandes". In *Novos Estudos CEBRAP,* n. 69, jul./2004.

RUIZ, Rafael e TEODORO, Janice. "São Paulo, de Vila a Cidade: a fundação, o poder público e a vida política". Cap. 2 de *História da cidade de São Paulo: a cidade colonial.* Vol. I. Org. Paula Porta. São Paulo, Paz e Terra, 2004, p. 72.

SAID, Edward. *Orientalism*. New York, Pantheon Books, 1978.

Sala São Paulo: café, ferrovia e metrópole. Coordenação editorial José Roberto Walker, pesquisa e texto Pedro José Braz, José Roberto Walker. São Paulo, Retrato imaginário; Instituto brasileiro pela restauração e preservação do patrimônio histórico, 2001.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Cidades Capitais do Século XIX: Racionalidade, Cosmopolitismo e Transferência de Modelos.* São Paulo, Edusp,

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *La casaque d'Arlequin: Belo Horizonte, une capitale éclectique au 19e siècle*. Paris, Éd. de l'École des hautes études en sciences sociales, 1997.

SALIBA, Elias Thomé. "Histórias, memórias, tramas e dramas da identidade paulistana". In: PORTA, Paula (org). *História da cidade de São Paulo: A cidade na primeira metade do século XX*. Vol. 3. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

SANT'ANNA, Nuto. *São Paulo Histórico - aspectos, lendas e costumes*. Vol. V. São Paulo, Departamento de Cultura, 1944.

SANTOS, Carlos José Ferreira. *Nem tudo era italiano. São Paulo e a pobreza (1890-1915).* São Paulo, Anablume, 1998.

SANTOS, Fábio Alexandre dos. "Domando as águas. Salubridade e ocupação do espaço na cidade de São Paulo, 1875-1930". Tese de Doutoramento em História Econômica pela Unicamp. Campinas, 2006.

São Paulo antigo, São Paulo moderno: álbum comparativo. Fotografias representativas de várias épocas da cidade de São Paulo. Álbum de 1905. São Paulo, Editora Melhoramentos.

SCARDIGLI, Victor. *La consommation, culture du quotidien*. Paris, Presses Universitaires de France, 1983.

SCHMIDT, Afonso. *São Paulo de meus amores.* São Paulo, Brasiliense, sd, p. 14. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.

SCHORSKE, Carl E. *Vienne, fin de siècle: politique et culture.* Paris, Seuil, DL 1983.

SCHUDSON, Michael. "Delectable Materialism: Second Thoughts on Consumer Culture". In David A. Crocker and Toby Linden (eds.), *Ethics of Consumption: The Good Life, Justice, and Global Stewardship*. Lanham, Rowman and Littlefield, 1997, pp. 249-268.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil.* São Paulo, Cia. Das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. *Retrato em branco e negro.* São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas. Forma Literária e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro.* São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1981.

SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do séc. XIX ao XX.* São Paulo, Ateliê Editorial, 2000.

SEIGEL, Jerrold. *Paris Boemia – cultura, política e os limites da vida burguesa. 1830-1903*. Tradução Magda Lopes. Porto Alegre, L & P, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.* São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio". Capítulo 7 de *História da Vida privada no Brasil,* vol. 3, *República: da Belle Époque à era do rádio.* Nicolau Sevcenko (org.). Fernando Antônio Novais (coord.). 4ª reimpressão. São Paulo, Cia. Das Letras, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.* São Paulo, Cia. das Letras, 1992

SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do ferro no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1986.

SILVA, Lígia Osório. *Terras devolutas e latifúndio: efeitos da lei de 1850.* Campinas, Unicamp, 1996.

SILVEIRA, Joel. *Grã-finos em São Paulo e outras notícias do Brasil.* São Paulo, Cruzeiro do Sul, 1945.

SIMMEL, Georg. "A Metrópole e a Vida Mental". In: *O fenômeno urbano*. *Textos Básicos de Ciências Sociais.* Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

SIMMEL, Georg. *A Filosofia da Moda e outros escritos.* Coleção *Biblioteca Universal.* Trad. Artur Morão. Lisboa, Edições Texto e Grafia, 2008.

SLATER, Don. *Consumer culture & modernity*. Cambridge, Polity Press, 1997.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro, Graal, 1977

SOLÉ, Carlota & SMITH, A. D.. *Modernidad y Modernización.* Col. Barcelona, Anthropos, 1998.

SOMBART, Werner. *Lujo y capitalismo.* Trad. Luis Isábal. Segunda Edición. Madrid, Alianza, 1979.

SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: A Casa José Olympio e a instituição do livro nacional.* Rio de Janeiro, PPGAS do Museu Nacional/UFRJ, s.d.

SOUZA, Everardo Valim Pereira de. "A Paulicéia há 60 anos". In *Revista do Arquivo Municipal.* São Paulo, vol. 202, pp. 117-126, 2004.

SOUZA, Gilda de Melo e. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. *São Paulo: ville mondiale et urbanisme français sous les tropiques.* Paris, L'Harmattan, 1998.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das letras.* São Paulo, Cia. Das Letras, 1987.

TAKEYA, Denise Monteiro. *Europa, França e Ceará.* São Paulo; Natal, Editora Hucitec; Editora UFRN, 1995.

TARDE, Gabriel de. *Les lois de l'immitation.* (1890). Paris, Éd. du Seuil, 2001.

TASCHNER, Gisela. "A Revolução do Consumidor". Relatório de Pesquisa n. 34. EAESP/FGV/Núcleo de Pesquisas e Publicações, 1997.

TASCHNER, Gisela. "Raízes da cultura do consumo". *Revista Usp*, n. 32, *Dossiê Sociedade de Massa e Identidade,* pp. 26-43.

TAVARES, Maria da Conceição**.** *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro* . Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa.* Vol. II. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Benedito Lima de. *Álbum Iconográfico da Avenida Paulista.* São Paulo, Ex. Libris, 1987.

TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século.* São Paulo: Duas Cidades, 1983.

TRIGO, Maria Helena. *Os paulistas de quatrocentos anos: Ser e Parecer*. São Paulo, Ed.Annablume, 2001.

TURNER, Frederick Jackson, *The Frontier in American History.* 3rd edition. New York, Dover Publications, 1996.

VEBLEN, Thorstein. *A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições.* Trad. Olívia Krahenbuhl. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

VELLOSO, Mônica Pimenta, « A cidade-voyeur: o Rio de Janeiro visto pelos paulistas », *Revista do Rio de Janeiro,* vol.1, n°4, 1986, Niterói.

VIOTTI da Costa, Emília. *Da monarquia à República: momentos decisivos.* São Paulo, Grijalbo, 1977.

WEBER, Max. "Classe, estamento e partido". *Ensaios de sociologia.* Trad. port. 5a edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo.* Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo, Cia. das Letras, 2005.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.* 3a edição. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília, UNB, 1994.

WEGNER, Robert. "Sérgio Buarque de Holanda e a tese da fronteira". Anais do XXII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 1998.

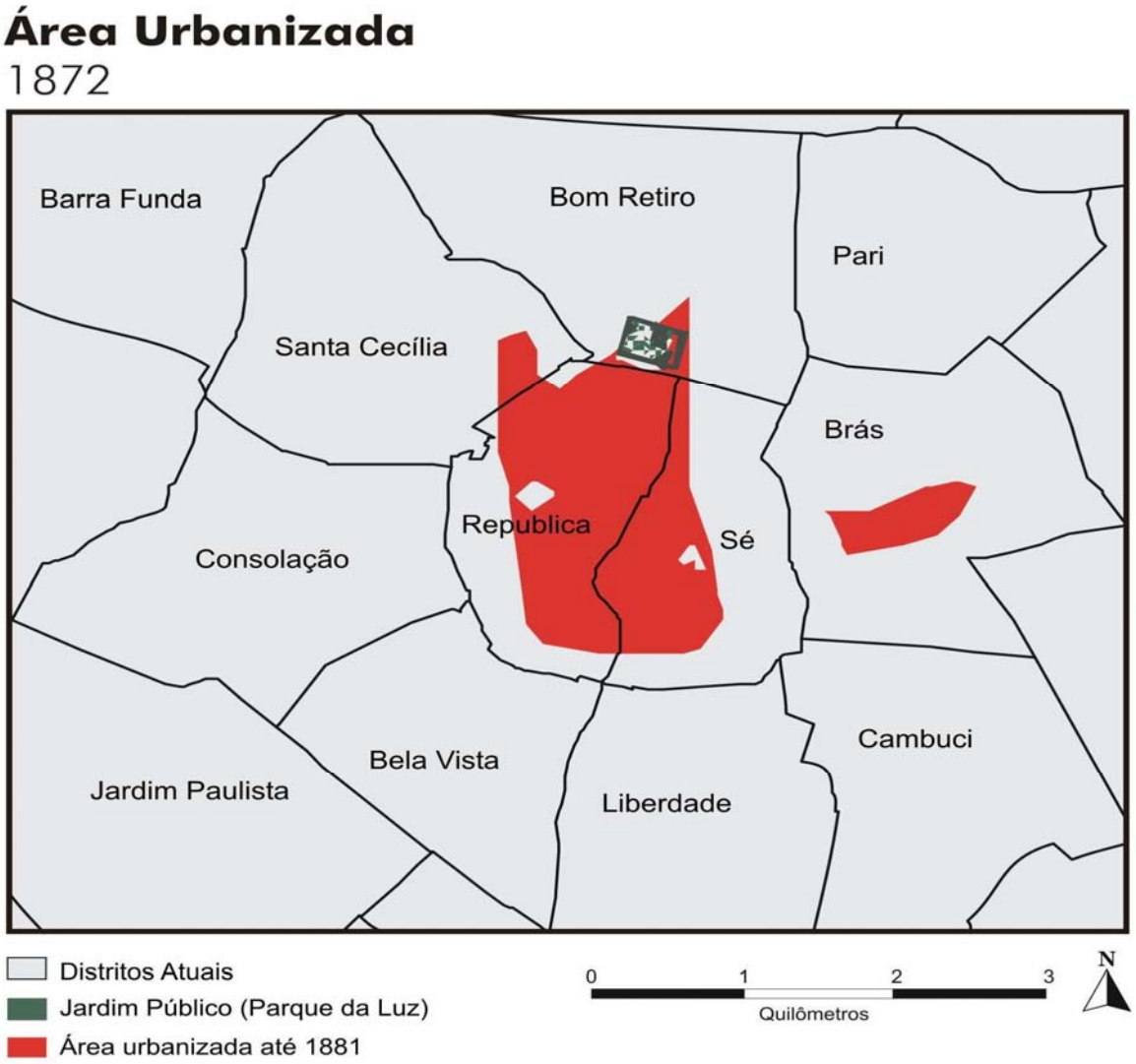
WILLIAMS, Rosalind. *Dream worlds: Mass consumption in late nineteenth century France*. Berkeley, University of California Press, 1982.

WINOCK, Michel. *La Belle Époque - La France de 1900 à 1914.* Collection Tempus. Paris, Éd. Perrin, 2002.

Anexos

Anexo 1

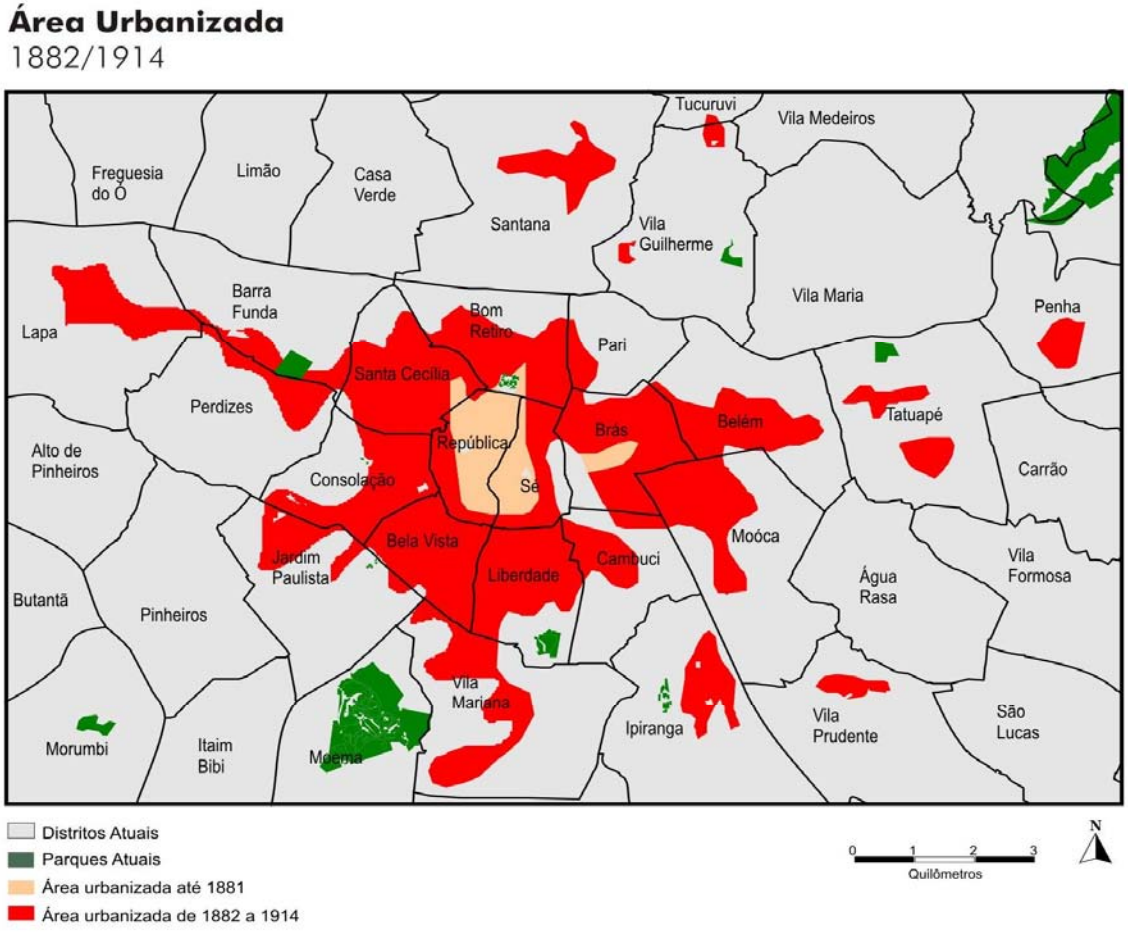
Mapa1



Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa.
Mapa de Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo, 2002/2003.
Adaptação: Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/Dipro

Anexo 2

Mapa 2



Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa.
Mapa de Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo, 2002/2003.
Adaptação: Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/Dipro

Anexo 3

Recorte 1

Gráfico representando a exportação cafeeira do Brasil diante da de outros países cafeicultores e a de São Paulo frente aos demais estados

Anexo 4

Tabela 1

Número de Passageiros, Volume de Carga e Saldo das Ferrovias

Anos	Passageiros	Carga	Saldo (1)
São Paulo Railway Co.			
1870	75.399	68.433	1.187:425$106
1880	130.584	177.482	2.577:730$530
1890	422.355	607.809	4.007:503$800
Cia. Paulista			
1872	33.531	26.150	124:886$716
1880	178.373	99.198	1.313:378$103
1890	348.150	300.857	3.484:385$534
Cia. Mogiana			
1875	28.659	11.881	20:616$409
1880	98.336	35.362	410:422$473
1890	409.482	141.234	2.080:066$086

(1)em contos de réis

Fonte: *Reconstituição da Memória Estatística da Grande São Paulo.*

Anexo 5

Tabela 2

Movimento Financeiro e Expansão da Rede Ferroviária da Cia. Mogyana e da Cia. Paulista

Médias Anuais	Via Férrea Km (a)	Receita	Despesa (Contos de Réis)	Saldo	Saldo/Receita (%)
1876-1880	431	2.589,4	1.054,2	1.535,2	59,3
1881-1885	611	4.179,2	1.833,6	2.345,6	56,1
1886-1890	1.034	4.714,1	3.287,6	1.426,5	30,3
1891-1895	1.624	21.385,1	12.520,4	8.864,7	41,5
1896-1900	1.726	36.657,1	18.460,2	18.196,9	49,6
1901-1905	2.078	38.346,6	18.086,0	20.350,6	53,1
1906-1910	2.327	43.285,5	19.677,4	23.608,1	54,5

Fonte: Wilson Cano, *Raízes da Concentração Industrial,* p. 63
(a) Quilometragem no último ano de cada período

Anexo 6

Mapa 3

Carta das Estradas de Ferro da Província de São Paulo (1878)

Anexo 7

Tabela 3

Imigração no Brasil, por nacionalidade - períodos decenais 1884-1893 a 1924-1933

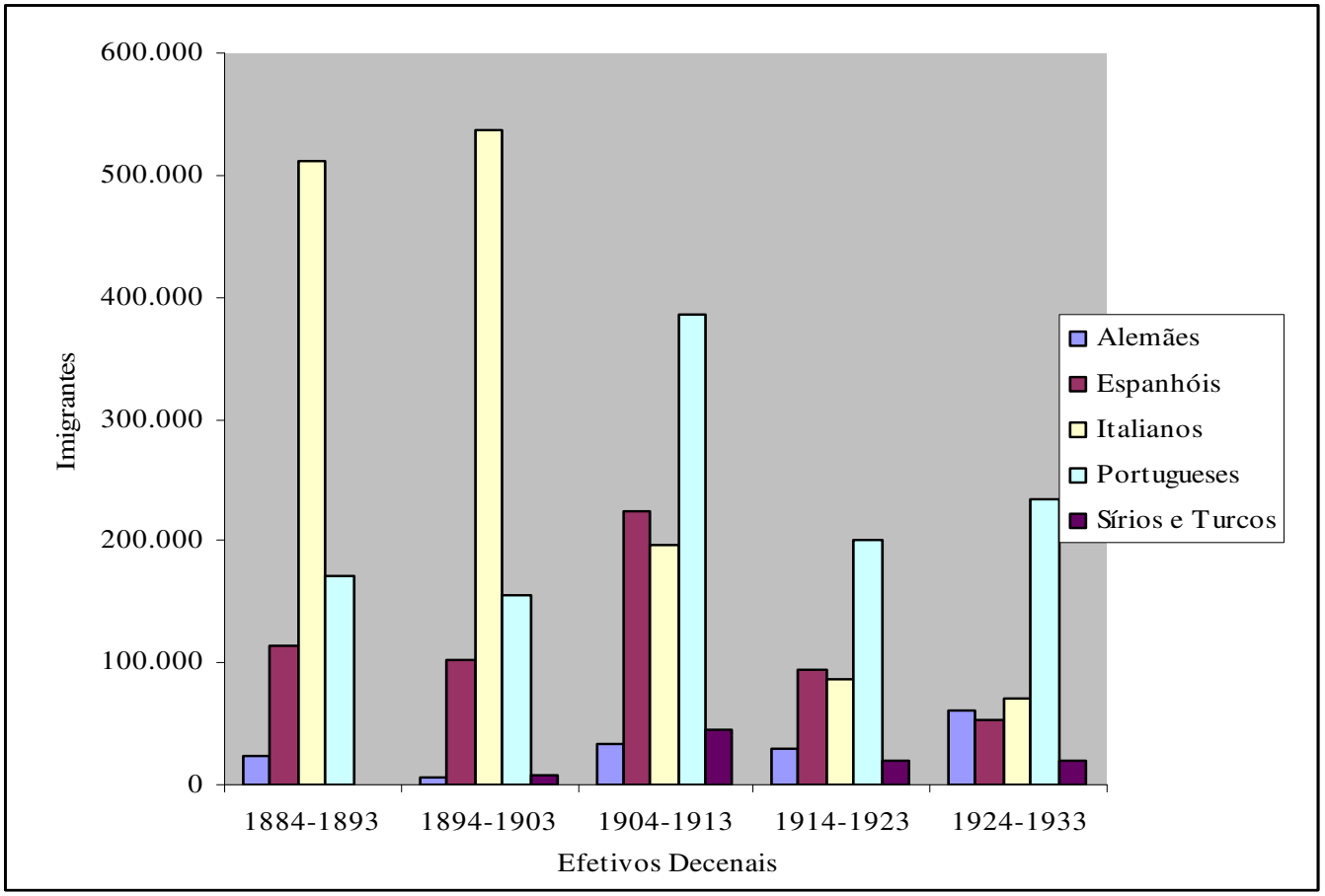
Nacionalidade	Efetivos decenais				
	1884-1893	**1894-1903**	**1904-1913**	**1914-1923**	**1924-1933**
Alemães	22.778	6.698	33.859	29.339	61.723
Espanhóis	113.116	102.142	224.672	94.779	52.405
Italianos	510.533	537.784	196.521	86.320	70.177
Japoneses	-	-	11.868	20.398	110.191
Portugueses	170.621	155.542	384.672	201.252	233.650
Sírios e turcos	96	7.124	45.803	20.400	20.400
Outros	66.524	42.820	109.222	51.493	164.586
Total	**883.668**	**852.110**	**1.006.617**	**503.981**	**717.223**

Fonte: Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de janeiro : IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 226

Anexo 8

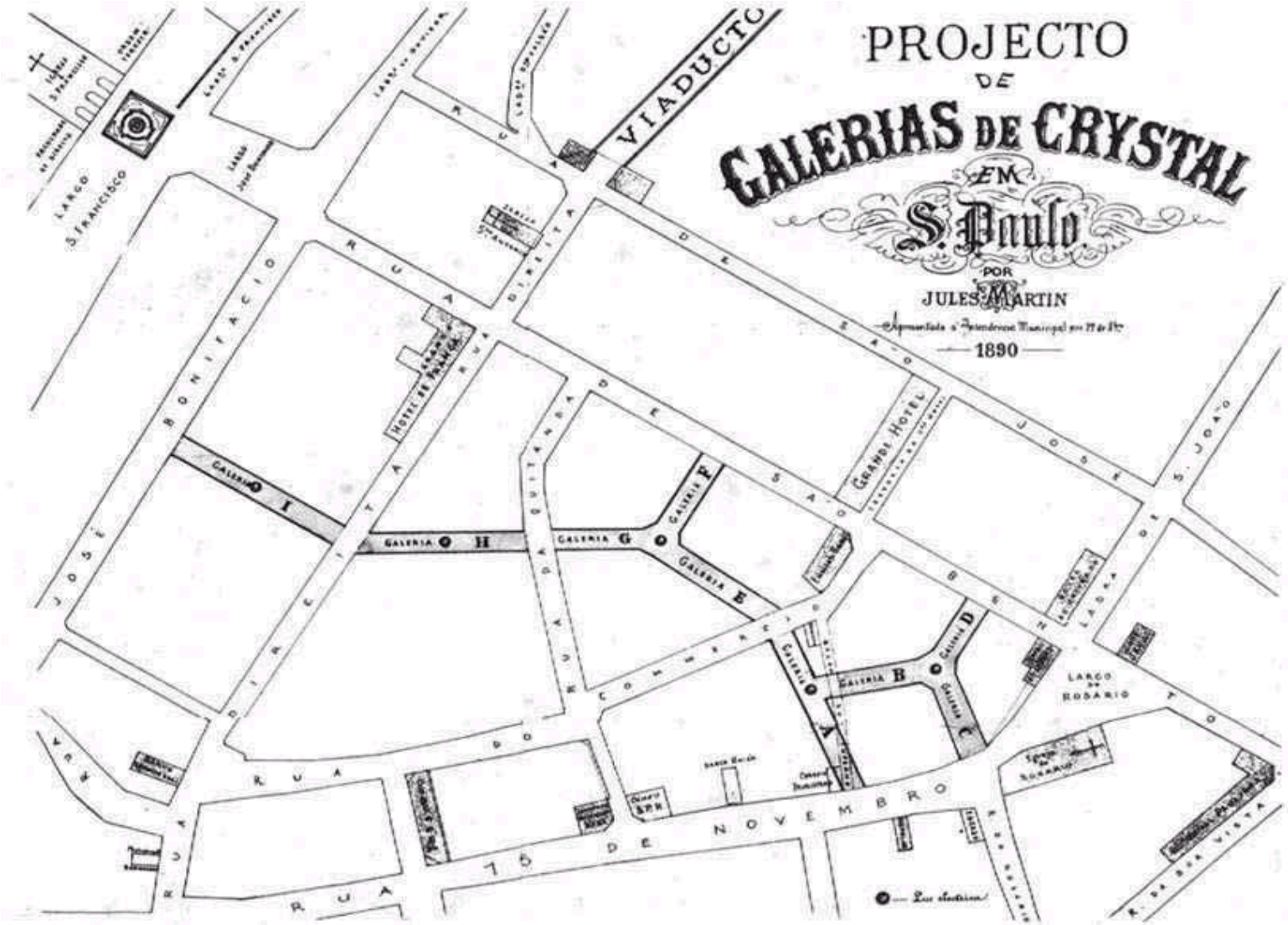
Gráfico 1

Imigração no Brasil, por nacionalidade - períodos decenais 1884-1893 a 1924-1933



Anexo 9

Planta do Centro da Cidade de São Paulo - 1890

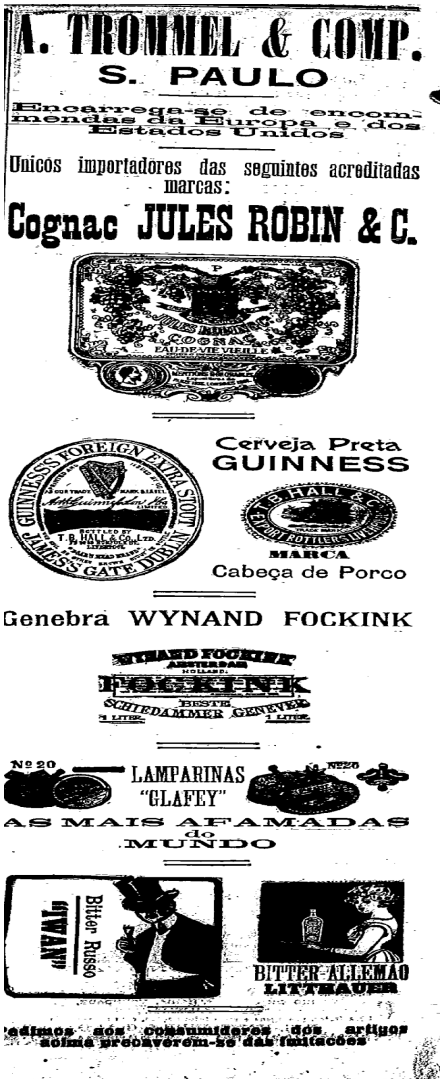


Fonte: Deaecto, *Comércio e vida...*, Op. cit.

Anexo 10

Recorte 2

Bebidas de luxo: "As mais afamadas do mundo" (*O Estado*, 02/05/1914)



Anexo 11

Recorte 3

***Mappin Stores* - Primórdios das lojas de departamento (*O Estado*, 25/05/1914)**

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONYMA INGLEZA

A exposição de Costumes, que continua nos nossos Salões, inclúe verdadeiros exemplos d'Arte das principaes Couturiéres de Paris, Londres e Vienna. Estamos expondo vestidos «Tailleur» chics e de fino córte, para todos os preços, até 300$.

A possibilidade de se obter um vestido Tailleur bem feito, sem a necessidade de se dispender por elle uma grande somma, é provada pelos dois «Costumes», cujas illustrações se seguem:

N. 1 — Vestido «Tailleur» em Cheviote de lan ingleza, fino corte, dos mais praticos alfaiates londrinos. Carem forrado a seda. Côres: azul marinho, gris, marron, saxe, preto. Para todos os tamanhos, rs. 500$000.

N. 2 — Vestido «Tailleur», em zarja de pura lan. Côres: preto e azul marinho, só. Com faixa, de novos desenhos, em rica seda preta gorgorão. Para todos os tamanhos, rs. 958000.

Em todos os nossos departamentos, estamos expondo as ultimas novidades para o Inverno, POR PREÇOS MODERADOS, convidando-vos a fazer uma visita aos nossos Salões, visita esta que não acarreta comsigo obrigação alguma de comprar.

Anexo 12

Recorte 4

Preços de roupas masculinas - *Ao Preço Fixo* (*O Estado,* 08/05/1914)

Anexo 13

Recorte 5

Camisaria *Bom Gosto* e referências à França (*O Estado*, 20/01/1904)

Anexo 14

Recorte 6

Casa Levy - Anúncio de Pianos em Prestações (*O Estado,* 05/03/1903)

PIANOS

Em prestações mensaes

AO PUBLICO

A conhecida e acreditada **CASA LEVY** tem o prazer de levar ao conhecimento de sua enorme freguezia e do publico em geral que, tendo realisado excellente accôrdo com uma das importantes fabricas de pianos da Allemanha, lançará á venda, de **Junho** p. f. em diante, a primeira e grande remessa de pianos, os quaes, sem distincção de classes, e para a commodidade de todos, serão desde já vendidos em prestações mensaes nunca superiores a

100$000 réis (primeira série)

ou **200$000 réis** (segunda série)

conforme o auctor escolhido.

Na primeira série dar-se-á um piano da reputada fabrica

KALLMANN

Na segunda série dar-se-á um piano da celebre fabrica

BECHSTEIN

o primeiro entre os primeiros.

Desejosa, por esse meio commodo e diminuto, adoptar o systema de locação-venda e tornando por tal modo accessivel a todas as classes a acquisição de um bom piano, de solida e elegante construcção, de accôrdo com os ultimos aperfeiçoamentos, já ha annos introduzido na capital, resolve abrir desde já, as assignaturas para esta primeira remessa em curso de fabricação e acabamento.

Só serão considerados adquirentes os senhores que iniciarem os pagamentos de 1 de março p. f. em diante.

Chamamos, pois, a attenção do publico e dos interessados para a apreciação dos primeiros modelos chegados e em exposição em nosso estabelecimento.

S. Paulo, 20 de fevereiro de 1903.

L. Levy & Irmão

UNICOS E EXCLUSIVOS REPRESENTANTES DOS

Celebres pianos Bechstein, Kallmann, Neumeyer, Ritmuller e Schiedmeyer & Sohne, etc.

CASA FUNDADA EM 18[illegible]

Rua Quinze de Novembro, 33

S. PAULO

Anexo 15

Recorte 7

Anúncio Gramofone - *Casa Edison* (01/06/1914)

Quem faz suas compras nesta casa economisa 30 o|o a 75 o|o! Esta casa não tem filiaes!

Sacrificamos os nossos lucros para acabar com o stock mais depressa possivel. Confrontem os nossos preços com os de outras casas para convencerem-se da verdade

CASA EDISON

Tambem os que habitam longe, no interior e nas fazendas podem gozar desta vantagem, pedindo os nossos novos catalogos com preços reduzidos.
Quando de passagem nesta capital visitem a nossa casa

Hoje inauguração da venda de grammophones e discos!!

ESTE GRAMMOPHONE DE 120$000 POR 72$000

Este modelo (n. 208) é um dos apparelhos mais chics e elegantes que causa admiração o mesmo preço antigo pelo actual de 72$000 será certamente mais vendido.

Outros MODELOS E GRAMMOPHONES A PREÇOS 40 o|o e 50 o|o mais baratos que em outra parte.

Continua a grande e final liquidação de brinquedos

Agulhas Porque gastar os seus discos usando as agulhas ordinarias, podendo comprar as melhores MAIS BARATO. Condor milheiro de 2$000 por 1$000, Violino, milheiro de 5$000 por 2$000 PHENIX, milheiro de 7$000 por 3$500.

Officina bem montada para concertos de todos grammophones. Preço 50 o|o mais barato que em outra parte. cordas superiores de 3$600 para cima.

OCCASIÃO MAIS FAVORAVEL DE COMPRAR
GRAMMOPHONES E DISCOS
para as proximas e alegres festas de
Santo Antonio, São João e São Pedro
Onde entra um dos nossos grammophones entra alegria e felicidade

Tambem os discos Mais finos e dos melhores artistas estão ao alcance de todos

DISCOS COLUMBIA DUPLOS
nacionaes de 25 ctm.
de 4$000 por 2$000

DISCOS VICTOR
nacionaes e estrangeiros de 25 ctm.
de 3$000 por 1$800

Peçam catalogos

Venham AMANHAN Fazer sua compra

DISCOS COLUMBIA DUPLOS
estrangeiros de 25 ctm.
de 5$ por 2$500

DISCOS VICTOR
nacionaes e estrangeiros 30 ctm.
de 5$000 por 3$000

O nosso stock de 150.000 contem as ultimas novidades nacionaes e estrangeiras

Reparem bem nos nossos preços durante a venda elles vão revolucionar este ramo de negocio

Discos duplos	«Odeon»	19 ctm.	de 2$500	por	1$600
»	«Jumbo»	25 »	» 4$000	»	2$200
»	«Odeon»	25 »	» 4$000	»	2$500
»	«Odeon»	27 »	» 5$000	»	3$500

RUA 15 DE NOVEMBRO, 55 CASA EDISON RUA 15 DE NOVEMBRO, 55

GUSTAVO FIGNER

ESTE—PHŒNIX N. 2 AGORA SO' 30$000
a 50$000 fazem vencido milhares e todos achavam barato

Quem não quizer gastar mais faz a melhor acquisição

Garantia Devolvo o dinheiro si os Grammophones comprados em minha casa não forem conforme a discripção.

Continuara por mais alguns dias a exposição de bebês sucesso do dia

NO SORTEIO ANTE-HONTEM REALISADO, DO CASAL DE MARQUEZES FOI CONTEMPLADO O POSSUIDOR DO COUPON N. 783

Entre os freguezes do mez de Junho vamos sortear tres premios constando de 3 superiores phonolas

E' disperdiçar dinheiro comprar grammophones, discos, brinquedos a não ser nesta casa

Anexo 16

Recorte 8

Alimentos Infantis "Allenburys"

Anexo 17

Recorte 9

Perfumes e Higienismo (*O Estado*, 11/01/1903)

Vende-se nas principaes casas de perfumarias — Unicos agentes no Rio de Janeiro e S. Paulo — HERM STOLTZ & COMP.

Anexo 18

Recorte 10

Perfumes Franceses (Catálogo *Galeries Lafayette*, 1905)

AUX GALERIES LAFAYETTE — PARIS

COMPTOIR de PARFUMERIE

Dernière création : Parfumerie Paris-Fleuri

Propriété exclusive des GALERIES LAFAYETTE.

Eau de toilette Paris-Fleuri. Aux Galeries Lafayette.
Le petit flacon 2.75
Le flacon 1/4 litre. 6.25
Le flacon 1/2 litre. . 12.75
Le litre 22.50

Savon pâte extra-fine très parfumée, qualité recommandée.
La boîte de 3 pains. . . 4.25

Eau de Cologne Paris-Fleuri. Aux Galeries Lafayette.
Le petit flacon. . . . 2.45
Le flacon 1/4 litre. . 5.50
Le flacon 1/2 litre. . 10.50
Le flacon litre. 20.50

Essence pour le mouchoir, très concentrée.
Le petit flacon. 4.25
Le flacon moyen. 5.50
Le grand flacon 7.75

Crème pour le teint, indispensable à toute personne faisant usage de Poudre de riz.
Le pot. 1.45

Poudre de riz adhérente et invisible, blanche, rose ou rachel.
La boîte . . . 2.90

Brillantine ou ***Diamantine*** pour la Barbe ou les Cheveux. Aux Galeries Lafayette.
Le flacon. 1.75

Haute Nouveauté, PARFUMERIE aux FLEURS de TIFLIS

Essence aux Fleurs de Tiflis, pour Mouchoirs et Dentelles.
Le flacon. 3.50
Le grand flacon 6.50

Savons aux Fleurs de Tiflis, pâte extra-fine très parfumée.
La boîte de 3 pains. 4.90

Poudre de riz aux Fleurs de Tiflis, adhérente et invisible, blanc, rose ou rachel.
La boîte. . . 2.45

Eau de toilette aux Fleurs de Tiflis.
Le petit flacon. 3.50
Le flacon 1/4 de litre. 6.75
Le flacon 1/2 litre. . . 12.50

PARFUMERIE BOUQUET LAFAYETTE

Essence pour le mouchoir. Aux Galeries Lafayette.
Le petit flacon. 4.90
Le flacon moyen. 7.75
Le grand flacon 10.50

Poudre de riz Bouquet Lafayette, blanc, rose ou rachel.
La boîte. 4.90

Savon extra-fin Bouquet Lafayette, qualité recommandée.
La boîte de 3 pains. . . . 7.50

Eau de toilette Bouquet Lafayette.
Le petit flacon. 4.50
Le grand flacon. 8.50
Le 1/2 litre. 15.90
Le litre . . . . . 30.»

PARFUMS pour le MOUCHOIR

Extraits **double** pour mouchoirs.
Violette, Héliotrope blanc, Chypre, Foin coupé, Peau d'Espagne, Maréchale, Lilas, Ambre, Verveine, Musc, Ylang-Ylang, Jockey-club, Withe-rose, Patchouly.
Le flacon 2.95

Extraits **concentrés** pour mouchoirs.
Violette, Héliotrope blanc, Chypre, Foin coupé, Peau d'Espagne, Maréchale, Lilas, Ambre, Verveine, Musc, Ylang-Ylang, Jockey-club, Withe-rose, Patchouly.
Le flacon . . . . . 4.95 et 3.75

Paris. — Imp. Vve Aubouy, 75, Avenue d'Italie. 6150.12.05

FIRCH. G.L.C.C. G.L.1

Anexo 19

Recorte 11

Espartilhos Higiênicos à Prova de Humidade (*O Estado,* 14/06/1914)

Anexo 20

Gravura 1

Moda Feminina da *Belle Époque* - "Robe, 1890" (fim das crenolinas e das saias com enchimentos)

Fonte: www.marquise.de

Anexo 21

Gravura 2

Moda Feminina da *Belle Époque* - "Robe, chapeau", 1894

Fonte: www.marquise.de

Anexo 22

Gravura 3

Moda Feminina da *Belle Époque* - "Robe, gants, éventail", 1890

Fonte: www.marquise.de

Anexo 23

Gravura 4

Moda Feminina da *Belle Époque* - "Robe, chapeaux, manchon", 1892

Fonte: www.marquise.de

Anexo 24

Gravura 5

Moda Feminina da *Belle Époque,* "Robe, chapeaux, ombrelle", 1891

Fonte: www.marquise.de

Anexo 25

Gravura 6

Moda Feminina da *Belle Époque,* "Robes, éventail", 1892 (vestidos de noite)

Fonte: www.marquise.de

Anexo 26

Gravura 7

Saia Trotteuse - 1908

Fonte: www.marquise.de

Anexo 27

Gravura 8

Traje feminino para prática de natação (1908)

Fonte: www.marquise.de

Anexo 28

Recorte 12

Brinquedos - *Casa Edison* (*O Estado*, 07/05/1914)

Anexo 29

Recorte 13

Moda Masculina e Infantil - *À la Ville de Paris* (06/05/1914)

Anexo 30

Recorte 14

Roupa Infantil (*Catalogue Galeries Lafayette*, 1907)

Anexo 31

Recorte 15

Tipos de Chapéus Femininos da Virada do Século (*Catalogue Galeries Lafayette,* 1911)

Anexo 32

Recorte 16

Propaganda do *Ao Elegante Roupas Feitas*, moda masculina (*O Estado de São Paulo,* 13/02/1890)

AO ELEGANTE

TELEPHONE N. 326

Os proprietarios deste bem conhecida estabelecimento participam a seus numerosos freguezes que acabam de receber o que ha de MAIS CHIC em secção de

ROUPAS FEITAS

POR 8$000

Um rico paletot setim chinez.

POR 6$000

Um rico collete de superior fustão francez.

POR 4$500, 5$ E 6$000

Ricos ternos de brim para meninos até 10 annos.

POR 14$ E 16$000

Ternos de casemira o que ha de mais fino, para meninos até 12 annos.

POR 20$000

Ternos de casemira francezas para meninos de 13 a 17 annos, admiravel pela sua qualidade.

POR 25$000

Um superior terno de casemira de cor.

Por 25$000 ! !

Um lindo frack de cheviot francez, obra como de encommenda.

Por 30$000

Um Croisée de mais fino diagonal francez obra de luxo.

POR 35$000

Um terno de casemira ou cheviote ou diagonal, fazendas admiraveis, e por este preço só no

ELEGANTE

Roupas por este preço e qualidade, só se encontram na casa AO ELEGANTE

9--LARGO DO THESOURO--9----DESCIDA DO MERCADO

Vejam os annuncios dos outros jornaes. JULIO RODRIGUES & COMP.

Anexo 33

Recorte 17

Anexo 34

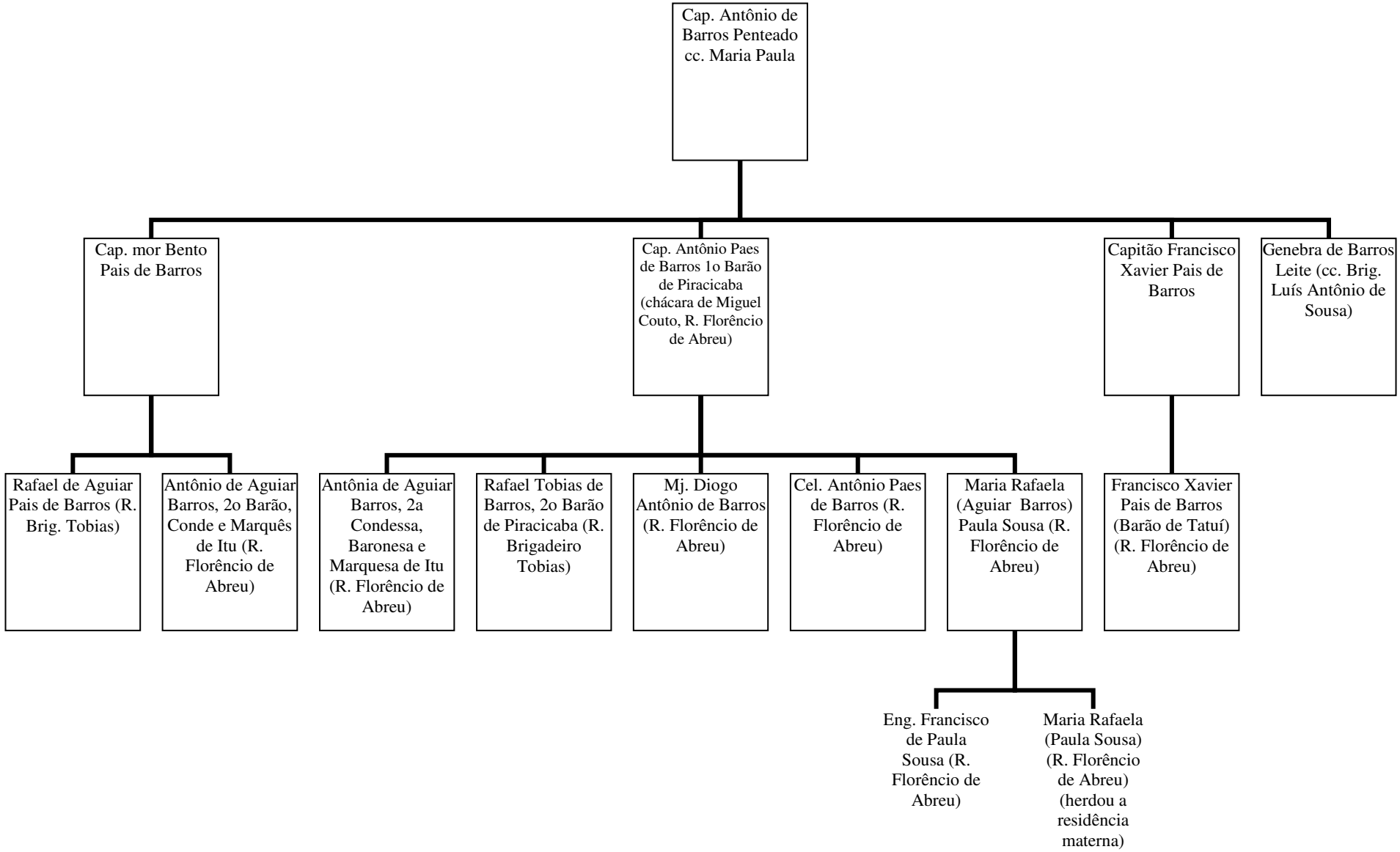
Recorte 18

Casa Clark, calçados ingleses de luxo (*O Estado,* 24/10/1902)

Anexo 35

Árvore Genealógica da Família Paes de Barros estabelecidos na região da Luz e a localização de suas residências

(Fonte: Eudes Campos, *Nos Caminhos da Luz,* p. 18)



Anexo 36

Recorte 19

Pratarias, *Casa Michel*. (*O Estado*, 04/03/1912)

Anexo 37

Recorte 20

A mulher e o fogão (*O Estado*, 05/05/1914)

Anexo 38

Recorte 21

Um curioso anúncio de cigarros *Fon-Fon* que toma a mulher como sujeito (*Revista A Lua,* jan./1910)

Anexo 39

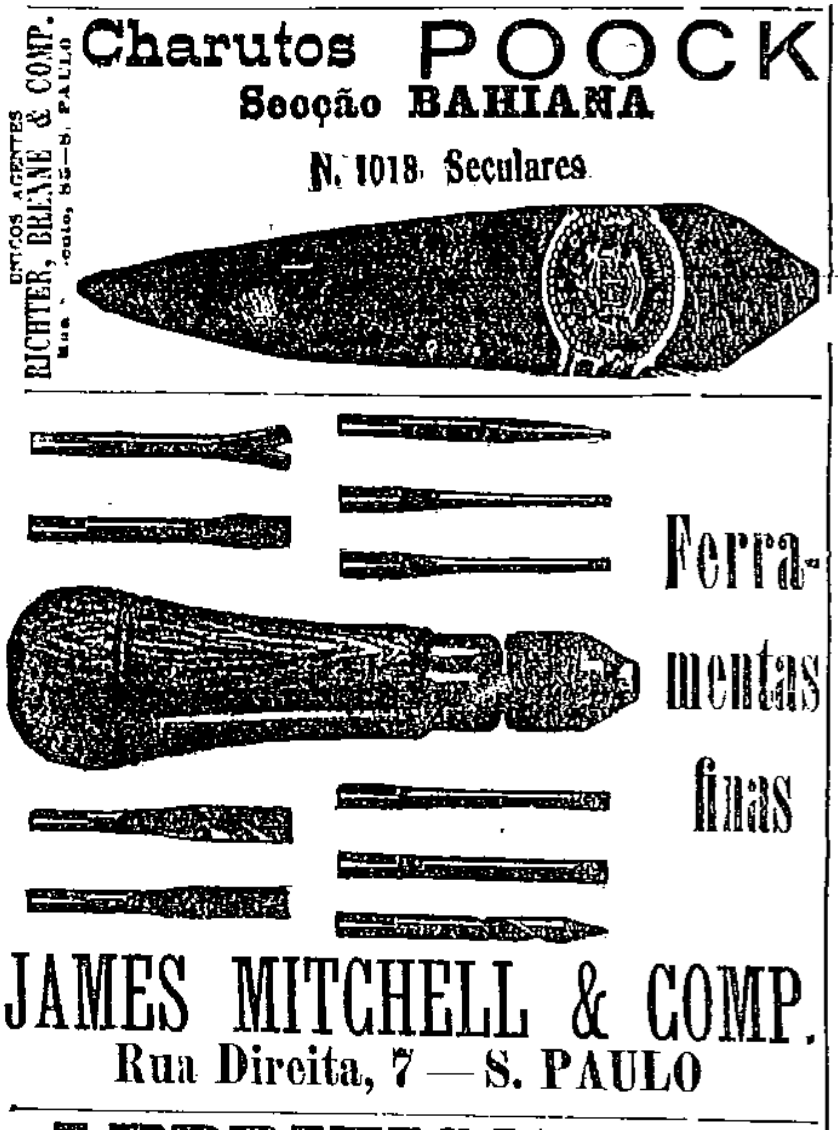
Recorte 22

Masculinidade e Modernidade (*O Estado,* 1912)

Anexo 40

Recorte 23

Casa Mitchell: anúncio de charutos e ferramentas de luxo (*O Estado,* 08/02/1903)



Anexo 41

Recorte 24

Calçados Femininos (*Galeries Lafayettes,* 1906)

Anexo 42

Recorte 25

Traje especial para a turnê lírica (*O Estado*, 08/06/1914)

Anexo 43

Recorte 26

Confeitaria Progredior e o Hábito do Chá das 5 (*Almanaque*, 1886)

Anexo 44

Recorte 27

Anúncios de bolas e prática do *Foot-ball* (*O Estado,* 02/02/1903)

Anexo 45

Recorte 28

Anúncios de Bicicleta (*O Estado*, 03/07/1898)

Anexo 46

Recorte 29

Estação Balneária (*O Estado,* 02/05/1914)

Nos primeiros dias do proximo mez de Maio inaugurar-se-ha o grande edificio do Parque Balneario Hotel, situado no melhor ponto da praia José Menino.

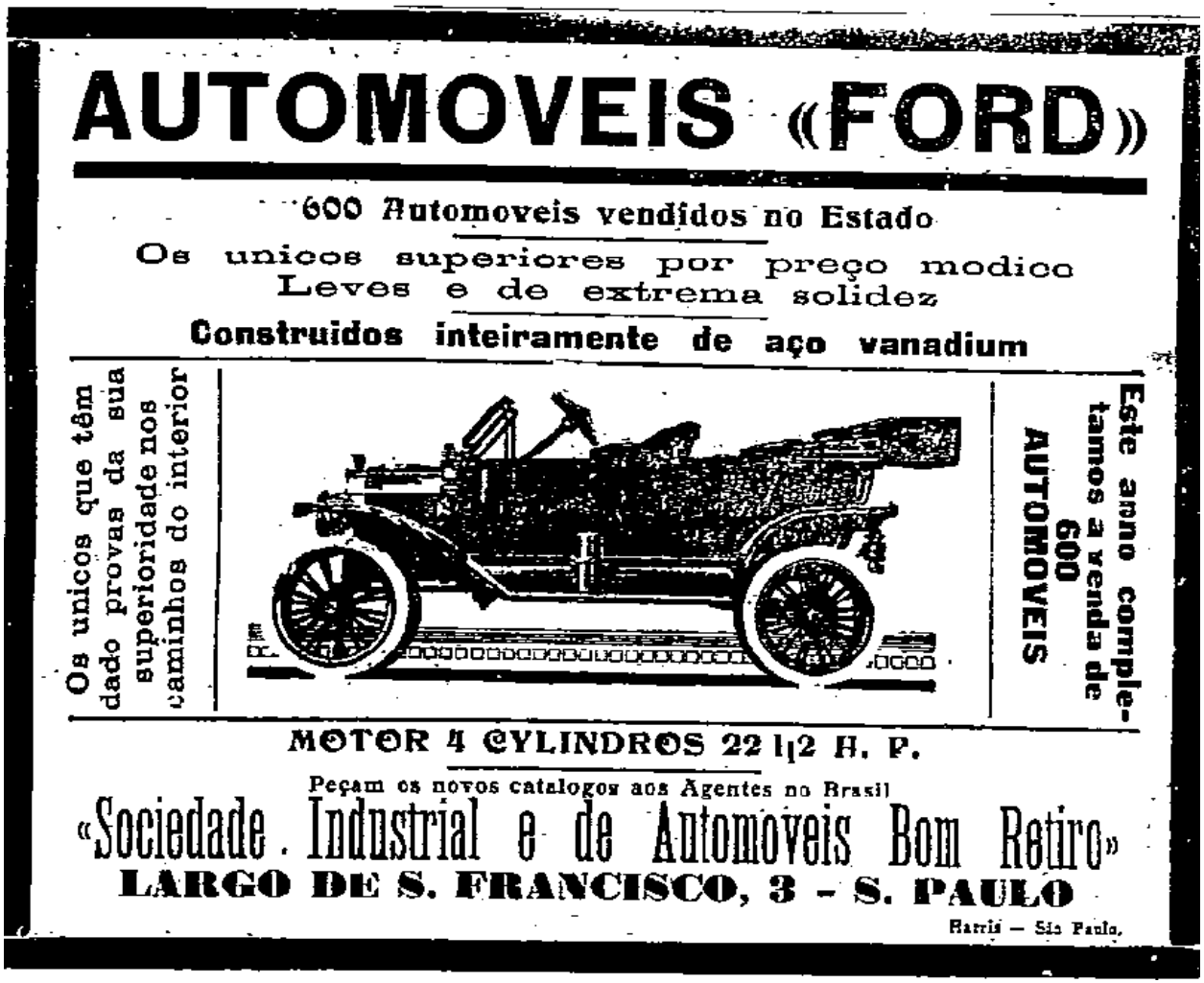
No mesmo Hotel, os exmos hospedes encontrarão tudo quanto de melhor se tem inventado para tornar uma vida agradavel e commoda.

Para informações dirigir-se ao proprietario
JOÃO FRACCAROLI
Parque Balneario Hotel Santos

Anexo 47

Recorte 30

Automóvel na Paulicéia (*O Estado,* 05/05/1914)



Anexo 48

Tabelas 4 e 5

Importação de gêneros alimentícios do exterior

Anos	Import. Alimentos 1000 L (ouro)		I/II %	Importações de alimentos como % das exp. totais	
	Total p/ o Brasil (II)	Total p/ São Paulo (I)		(Brasil - SP)/Tot. Brasil	São Paulo/Tot. São Paulo
1905	10.281	1.907	18,5	18,69	17,50
1907	10.880	2.600	23,9	18,48	23,85
1910	12.338	2.895	23,5	21,07	26,56
1915	11.317	3.498	30,9	17,45	32,09
Total	44.816	10.900	24,3	75,68	100,00

Fonte: Wilson Cano, Raízes..., *p. 293*

Participação do Estado de São Paulo no total das exportações (X) e importações (M) brasileiras

Anos	X	M
1900	31,1	14,0
1909-1910a	36,5	20,2
1915	44,6	26,9

Fonte: Wilson Cano, *Raízes...*, p. 286
a) média anual

Anexo 49

Recorte 31

Máquina de Costura Singer, Prestações (20/09/1908)

Anexo 50

Recorte 32

Lúcios de Nova York, (*O Estado,* 26/08/1908)

PERITOS DO GOVERNO ENGANADOS

PELOS

Brilhantes Scientificos de Lucios

Mme. Barrios, viuva do assassinado Presidente de Guatemala foi detida em S. Francisco, E. U. da America do Norte, pelos funccionarios da Alfandega, que prenderam sua celebre collecção de joias e oreram os direitos sobre as mesmas em 100:000$.

Ella usava estas joias nas grandes funcções do estado e todo o mundo pensava que o seu valor era de 1.600:000$.

TELEGRAMMA DE S. FRANCISCO

MARÇO, 18 DE 1904

"O celebre collar de brilhantes pertencente á Mme. Algerie Reina Barrios, que tanto effeito produziu nos grandes bailes e funcções de Guatemala e de Nova York, não é composto de brilhantes genuinos, mas sim de Brilhantes Scientificos de Lucios, muitos outros adereços desta collecção, considerada uma das mais bellas do mundo, são simplesmente imitações perfeitas."

Esta declaração é feita pelos peritos da Alfandega que foram nomeados para estimar o valor destas joias.

Não acham que os Brilhantes Scientificos de Lucios sendo bons para serem usados nas grandes funcções de estado pela senhora de um presidente, podem ser usados tambem pelo publico? Se os peritos nos Estados Un dos foram enganados, pensam que os transeuntes nas ruas e os espectadores nos theatros serão mais perspicazes?

Desafiamos de distinguir os Brilhantes Scientificos de Lucios daquelles que se vendem diariamente em casas de joias por preços elevadissimos.

MADAME ALGERIE REINA BARRIOS

Venham á nossa casa para ver os bellos BRILHANTES SCIENTIFICOS DE LUCIOS usados pela sra. Barrios.

AMANHÃ — Grande venda introductora — AMANHÃ

A titulo de maior propaganda para nossas joias resolvemos offerecer a escolha em qualquer dos artigos illustrados e centenas de aneis, alfinetes, broches, medalhas, pingentes, brincos, etc., que vendiamos anteriormente á 30$000, AMANHAN E' EMQUANTO DURAR' ESTA GRANDE VENDA INTRODUCTORA . . . . . 12$

Este preço nem paga pelo ouro das gravações nem pelo custo da lapidação das pedras.

OS BRILHANTES SCIENTIFICOS LUCIOS são a imitação mais perfeita de brilhantes jamais descoberta, são de um crystal puro e resplandescente, sendo refinado, clarificado, lapidado e polido por peritos lapidadores de brilhantes, com o mesmo numero de facetas e da mesma forma que os brilhantes genuinos.

Não são uma novidade, já são bem conhecidos em todas as grandes cidades do mundo e usados pela élite da sociedade, tornando-se cada dia mais popular desde a sua introducção na America. Cada pedra é garantida de conservar seu brilho e não levando espelho póde lavar-se e limpar-se como qualquer brilhante verdadeiro.

ENCOMMENDAS PELO CORREIO

Remetteremos qualquer artigo mediante vale postal pela importancia total do pedido e mais 40 rs. para as despesas de registo, etc. Cumprimos fielmente todas as encommendas e devolvemos o dinheiro caso o artigo não esteja em conformidade com os dizeres do annuncio. Temos certeza que qualquer artigo que remettermos satisfará plenamente. Responsabilisamo-nos pelo extravio dos artigos, substituindo-os immediatamente.

LUCIOS DE NOVA-YORK, LTD.

19, PRAÇA ANTONIO PRADO, 19

Anexo 51

Tabela 6

Indústrias sujeitas a impostos de consumo (1911)

Indústrias	Número de Fábricas	Valor da Produção
Bebidas	1.542	65.665:620$000
Bengalas	20	49:607$000
Calçados	4.542	57.132:587$000
Cartas de Jogar	7	358:231$000
Chapéus	534	29.675:541$000
Conservas	291	9.582:476$000
Especialidades Farmacêuticas	623	11.177:762$000
Fumos	2.118	32.121:928$000
Perfumarias	272	6.309:225$000
Fósforos	30	18.177:100$000
Sal	834	10.768:386$000
Tecidos	190	190.470:763$000
Velas	11	5.739:046$000
Vinagre	319	1.299:348$000
Total	11.335	438.527:620$000

Fonte: *Anuário Estatístico do Brasil*, 1908-1912.

Anexo 52

Quadro 1

Classificação das mercadorias francesas mais importadas pelo Brasil em diferentes períodos

Períodos/Mercadorias		
1847-1856	**1887-1896**	**1925**
tecidos (algodão, seda, lã)	objetos de decoração (metal/bijuterias)	tecidos (algodão, seda, lã)
couros trabalhados	couros trabalhados	máquinas e material metalúrgico
papelaria, livros	vestuário	produtos químicos, farmacêuticos e perfumarias
artigos de armarinho	objetos de decoração (tecidos)	peles e couros
vidraçaria e cristais	manteiga	papelaria, livros
vinhos	bibelôs	relojoaria e joalheria
manteiga	artigos de armarinho	comestíveis e bebidas
perfumaria	vinhos	veículos

Fontes: Takeya, *Brasil, França e Ceará...,* p. ?; Deaecto, *Comércio e Vida Urbana,* p. 54